

4

**MATERIAL DO
PROFESSOR**

- **LÍNGUA
PORTUGUESA**

**LINGUAGENS, CÓDIGOS
E SUAS TECNOLOGIAS**



**DOM
BOSCO**
by Pearson

PRÉ-VESTIBULAR
EXTENSIVO

4

**MATERIAL DO
PROFESSOR**

- **Língua
Portuguesa**

**LINGUAGENS, CÓDIGOS
E SUAS TECNOLOGIAS**

DOM BOSCO - SISTEMA DE ENSINO
PRÉ-VESTIBULAR 4
Linguagens, códigos e suas tecnologias.
© 2019 – Pearson Education do Brasil Ltda.

Vice-presidência de Educação	Juliano Melo Costa
Gerência editorial nacional	Alexandre Mattioli
Gerência de produto	Silvana Afonso
Autoria	Érica Antunes, Juliana Mello Souza, Umberto Cunha Neto
Coordenação editorial	Luiz Molina Luz
Edição de conteúdo	Éverton Silva
Assistência de edição	Diogo Souza
Leitura crítica	Antônio Góes Neto
Preparação	Liane Pilon, Sérgio Nascimento
Revisão	Luzia Rodrigues
Gerência de Design	Cleber Figueira Carvalho
Coordenação de Design	Diogo Mecabo
Edição de arte	Débora Lima, Ariane Lima
Coordenação de pesquisa e licenciamento	Maiti Salla
Pesquisa e licenciamento	Cristiane Gameiro, Heraldo Colon, Andrea Bolanho, Maricy Queiroz
Ilustrações	Carla Viana
Projeto Gráfico	Apis design integrado
Diagramação	Editorial 5
Capa	Apis design integrado
Imagem de capa	mvp64/istock
Produtor multimídia	Cristian Neil Zaramella
PCP	George Baldim, Paulo Campos

Todos os direitos desta publicação reservados à
Pearson Education do Brasil Ltda.

Av. Santa Marina, 1193 - Água Branca
São Paulo, SP – CEP 05036-001
Tel. (11) 4210-4450

www.pearson.com.br

APRESENTAÇÃO

Um bom material didático voltado ao vestibular deve ser maior que um grupo de conteúdos a ser memorizado pelos alunos. A sociedade atual exige que nossos jovens, além de dominar conteúdos aprendidos ao longo da Educação Básica, conheçam a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver as habilidades a fim de obterem autonomia e entenderem criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para se ter sucesso no Ensino Superior.

O Enem e os principais vestibulares do país esperam que o aluno, ao final do Ensino Médio, seja capaz de dominar linguagens e seus códigos; construir argumentações consistentes; selecionar, organizar e interpretar dados para enfrentar situações-problema em diferentes áreas do conhecimento; e compreender fenômenos naturais, processos histórico-geográficos e de produção tecnológica.

O Pré-Vestibular do Sistema de Ensino Dom Bosco sempre se destacou no mercado editorial brasileiro como um material didático completo dentro de seu segmento educacional. A nova edição traz novidades, a fim de atender às sugestões apresentadas pelas escolas parceiras que participaram do Construindo Juntos – que é o programa realizado pela área de Educação da Pearson Brasil, para promover a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimento e a participação dos parceiros no desenvolvimento dos materiais didáticos de suas marcas.

Assim, o Pré-Vestibular Extensivo Dom Bosco by Pearson foi elaborado por uma equipe de excelência, respaldada na qualidade acadêmica dos conhecimentos e na prática de sala de aula, abrangendo as quatro áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças educacionais do país.

O novo material envolve temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; e a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

A coleção contempla todos os conteúdos exigidos no Enem e nos vestibulares de todo o país, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios resolvidos que facilitam a aprendizagem. Soma-se a isso, uma seleção refinada de questões selecionadas, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo.

SUMÁRIO



5

GRAMÁTICA



243

LITERATURA

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



LÍNGUA PORTUGUESA

CIÊNCIAS DA NATUREZA E SUAS TECNOLOGIAS

MATERIAL DE ENSINO
SISTEMA DE ENSINO DE BOSCO

45

COESÃO

DESDOBRAMENTOS

- Coesão
- Coesão referencial
- Substituição
- Reiteração
- Coesão sequencial
- Recorrência
- Progressão

HABILIDADES

- Identificar aspectos morfosintáticos e semânticos nos usos da língua.
- Reconhecer os efeitos de sentido decorrentes da exploração de recursos morfosintáticos.
- Demonstrar o domínio da língua portuguesa em situações de interação social e exercício da cidadania.
- Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de diferentes gêneros e tipos textuais.

Coesão



Antes de ser um recurso linguístico, a coesão é um processo cognitivo que, no campo da linguagem, contribui para a construção de uma mensagem lógica e harmônica.

Coesão é a propriedade textual responsável pelo encadeamento semântico entre as frases ou parte delas, que, por sua vez, inter-relacionam-se para assegurar determinado desenvolvimento informacional. Trata-se, portanto, de uma ligação harmoniosa entre as palavras, orações e parágrafos do texto, que pode ocorrer de duas formas: referencial e sequencialmente.

COESÃO REFERENCIAL

A coesão referencial se estabelece entre dois ou mais componentes do texto que remetem a um mesmo referente, podendo ocorrer por meio de dois mecanismos básicos: a substituição e a reiteração.

Substituição

Há coesão referencial por substituição quando os termos conetivos anunciam ou retomam as frases, seqüências e palavras que indicam conceitos e fatos, sendo, portanto:

- Anafórica, quando retoma um componente textual.

Chegou a vez de Ricardo. **Ele** ocupou um canto da sala, agarrou o violão, afinou-o, correu a escala.

(ele → Ricardo)

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1997.

O coração de Fabiano bateu junto do coração de Sinhá Vitória, um abraço cansado aproximou os farrapos que **os** cobriam.

(os → Fabiano e Sinhá Vitória)

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Minha terra tem palmeiras,

Onde canta o sabiá;

As aves, que aqui gorjeiam,

Não gorjeiam como lá.

(onde → palmeiras; lá → minha terra)

DIAS, Gonçalves. Canção do exílio. In: _____. *Primeiros cantos*. São Paulo: Poeteiro, 2014.

Um automóvel parou em frente do portão. Desceram dele uma mulher e um homem. Eugênio abriu os olhos e num relance percebeu que **ambos** eram louros e magros, estavam vestidos de claro e deviam ser ingleses.

(ambos → uma mulher e um homem)

VERISSIMO, Erico. *Olhai os lírios do campo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

- Catafórica, quando antecipa um componente textual.

Estou à janela e só acontece **isto**: vejo com olhos benéficos a chuva, e a chuva me vê de acordo comigo.

LISPECTOR, Clarice. Tanta mansidão. In: _____. *Onde estivestes de noite*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015.

A melhor notícia que se podia ter por ali era **esta**: ir para casa.

REGO, José Lins do. *Doidinho*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

Reiteração

Há coesão referencial por reiteração quando, em lugar de um termo, é empregado um sinônimo, um hiperônimo, um nome genérico ou uma expressão nominal definida. É possível, também, que haja a repetição do mesmo item lexical.

Realmente, ela não tinha pensado que passara o tempo de matricular a filha na escola. **A menina** era tão sabida, aprendia com facilidade, sem ninguém ensinar...

(a filha → a menina)

GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Se alguém me perguntasse em que cidade do Brasil eu gostaria de estar agora, responderia São Paulo, e não é pelo Free Jazz. **A terra da garoa** está me tentando é com a 23ª Bienal Internacional de Artes Plásticas, que acontece no Parque do Ibirapuera.

(a terra da garoa → São Paulo)

MEDEIROS, Martha. Aquarela universal. In: _____. *Topless*. Porto Alegre: L&PM, 2011.

Mas então devia ter se frustrado como o lobo dos três porquinhos ao encontrar a casa mais resistente, e por sorte o marido não soube, porque já havia sido levado, que tão logo a Lina deixara **a casa**, chegaram numa *van* uns homens para limpar, uns para replantar, outros para reconstruir.

BENSIMON, Carol. *Pó de parede*. Porto Alegre: Dublinense, 2011.

COESÃO SEQUENCIAL



TRAFFIC_ANALYZER/ISTOCK

A coesão sequencial ocorre quando a progressão textual é decorrente da interdependência semântica entre as estruturas do texto.

A coesão sequencial diz respeito aos procedimentos linguísticos por meio dos quais se estabelecem diversos tipos de interdependência semântica entre enunciados ou parte deles, fazendo o texto progredir. Pode ocorrer por meio de dois mecanismos básicos: a recorrência e a progressão.

Recorrência

Há coesão sequencial por recorrência quando se verifica o reaparecimento de termos, de estruturas (paralelismo), de conteúdos semânticos (paráfrase), de recursos fonológicos (ritmo, rima, aliteração), de aspectos e de desinências verbais.

Mal o primeiro sobrinho se levantou pra ir, a gente correu, correu, correu.

GEISLER, Luisa. *Luzes de emergência se acenderão automaticamente*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014.

O poeta é um **fingidor**.

Finge tão **completamente**

Que chega a fingir que é **dor**

A dor que deveras **sente**.

PESSOA, Fernando. Autopsicografia. In: _____. *Cancioneiro*. São Paulo: Poeteiro, 2014.

A cada entrada, o diretor lentamente **fechava** o livro, marcando a página com um alfanje de marfim; **fazia** girar a cadeira e **soltava** interjeições de acolhimento, oferecendo episcopalmente a mão peluda ao beijo contrito e filial dos meninos. Os maiores, em regra, **recusavam-se** à cerimônia e **partiam** com um simples aperto de mão.

POMPEIA, Raul. *O Ateneu*. São Paulo: Ática, 1996.

Progressão

Há coesão sequencial por progressão quando se verifica a manutenção temática (pelo uso de termos de um mesmo campo lexical) ou os encadeamentos (pelo emprego de partículas sequenciadoras e de conjunções).

Avancei no garoto com a minha espada e me defendendo com o meu escudo **ao mesmo tempo**. O garoto se defendeu bloqueando minha espada com a dele. Avancei **novamente**, dei uma escudada forte nele e o garoto perdeu sua espada. **Em seguida**, dei um chute forte nele, e **depois** outro, acompanhado de uma escudada em que ele, **finalmente**, perdeu seu escudo. Eu tinha acabado de ganhar minha primeira luta.

LACHAC, Victoria. *Coragem sem limites*. São Paulo: Labrador, 2017.

A impertinência do soberano é constante, **mas** Scherezade não retruca.

PIÑON, Nélida. *Vozes do deserto*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

Hebron, **ainda que** consciente da inutilidade do seu gesto, **adiantou-se** para apanhar os papéis.

RUBIÃO, Murilo. A diáspora. In: _____. *Obra completa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

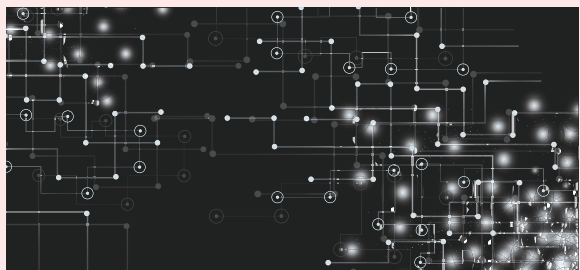
Operadores argumentativos

Para estabelecer as relações coesivas, é preciso ter noção dos sentidos das conjunções coordenativas e subordinativas. Observe no quadro a seguir as principais.

TIPOS	DESCRIÇÃO	EXEMPLOS
Aditivos	Aqueles que exprimem adição e correlação.	<i>e, bem, nem... nem, não só... mas também, tampouco (= também não)</i>
Adversativos	Aqueles que exprimem contraste, oposição, compensação.	<i>mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto</i>
Alternativos	Aqueles que exprimem alternância e correlação.	<i>ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja</i>
Conclusivos	Aqueles que exprimem conclusão, consequência.	<i>logo, pois, portanto, por conseguinte, assim, então</i>
Explicativos	Aqueles que exprimem explicação, esclarecimento.	<i>pois, que, porque, porquanto (se que, porque e porquanto tiverem valor subordinativo, passam a ser conectivos causais)</i>
Causais	Aqueles que exprimem causa.	<i>porque, visto que, como, uma vez que, já que, na medida em que, porquanto, haja vista</i>
Comparativos	Aqueles que exprimem comparação.	<i>com, mais... (do) que, menos... (do) que, tão... como, tanto... quanto, tão... quanto, assim como</i>
Concessivos	Aqueles que exprimem concessão, oposição.	<i>embora, conquanto, malgrado, não obstante, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, por mais que, por pior que, apesar de que, a despeito de, em que pese a, apesar disso</i>
Condicionais	Aqueles que exprimem condição.	<i>se, caso, sem que, se não, a não ser que, exceto se, a menos, contanto que, salvo se</i>
Conformativos	Aqueles que exprimem conformidade.	<i>conforme, consoante, como, segundo</i>
Consecutivos	Aqueles que exprimem consequência.	<i>de sorte que, de modo que, de maneira que, tão (tanto, tamanho, tal)... que</i>
Finais	Aqueles que exprimem finalidade.	<i>para, para que, a fim de que, que (= para que), de modo que, de forma que, de sorte que, porque</i>
Proporcionais	Aqueles que exprimem proporção.	<i>à proporção que, à medida que, quanto mais... tanto mais, ao passo que</i>
Temporais	Aqueles que exprimem tempo.	<i>quando, enquanto, assim que, logo que, desde que, até que, mal, depois que, eis que</i>

MOURA, Fernando. *Nas linhas e entrelinhas*. Brasília: Vestcon, 2008.

LEITURA COMPLEMENTAR



SANDIPKUMAR PATEL/ISTOCK

O verbo é o responsável por mecanismos de coesão sequencial por recorrência, quando através de suas formas, categorias ou tipos de situação que expressa cria o que se chama de continuidade(s).

Contribuições do verbo à coesão textual

O verbo sempre foi considerado uma palavra fundamental na estruturação das orações e frases. Estudando a constituição e funcionamento discursivo do texto pudemos observar que também neste caso o verbo tem um papel importante, poderíamos dizer fundamental. Esta importância do verbo para a constituição e funcionamento do texto tem ressaltado de estudos do funcionamento textual-discursivo do verbo.

Em estudos sobre o funcionamento textual-discursivo do verbo, observamos que o verbo (através de suas formas e categorias e dos tipos de situações e processos que pode expressar) atua sobretudo como recurso de coesão sequencial. Evidentemente, se um verbo retoma outro que é seu sinônimo temos coesão referencial por reiteração, mas aí o mecanismo e o recurso de coesão não se devem ao fato de ser verbo, mas um item lexical sinônimo de outro. Este comentário vale também para a coesão sequencial por manutenção temática, se ela ocorre porque usamos uma série de verbos do mesmo campo lexical, e para a coesão sequencial por recorrência, se temos a repetição do mesmo verbo, porque, nestes casos, os mecanismos não se devem ao fato de termos verbos, mas itens lexicais do mesmo campo semântico ou o mesmo item lexical respectivamente.

O verbo será o responsável por mecanismos de coesão sequencial por recorrência, quando ele através de suas formas, categorias ou tipos de situação que expressa cria o que chamamos de continuidades (a permanência de qualquer elemento ou a sequência de elementos do mesmo tipo no texto como um todo ou em partes dele). Essas continuidades são intrinsecamente ligadas aos tipos textuais e com frequência servem à caracterização destes e a sua distinção de outros tipos e/ou subtipos.

Um outro fato que pudemos observar em nossos estudos foi a correlação existente entre “tipos de verbos e situações e formas e categorias verbais” de um lado e “superestruturas textuais” de outro. Registramos um grande número de correlações que encontramos para o português entre o verbo (formas e categorias verbais) e as partes das superestruturas de textos descritivos, dissertativos, injuntivos e narrativos, constatando que elas estão diretamente ligadas às continuidades referidas acima para os diferentes

tipos de textos. São tratadas tais correlações ao se afirmar que o pretérito imperfeito predomina na introdução e na conclusão de textos narrativos de línguas com o francês. Para o português, são estabelecidas correlações entre os tempos verbais e as partes da narrativa.

Alguns fenômenos de concordância podem ser considerados como um recurso de coesão por reiteração ou recorrência, que será referencial se tomarem o mesmo referente como no caso da concordância de número e pessoa entre o verbo e o sujeito; sequencial no caso de não se retomarem referentes, mas apenas haver uma interdependência entre os elementos do texto tal como nos casos especificados abaixo:

a) concordância entre as formas e categorias dos verbos de orações encadeadas em um período composto e dos verbos de frases encadeadas no texto. Seria o caso dos fatos tradicionalmente identificados com o nome de “concordância dos tempos”. Um exemplo é a correlação entre pretérito imperfeito do subjuntivo e futuro do pretérito como na frase de (1).

(1) *Se ele viesse ao Brasil, faria uma conferência em nossa Universidade.*

b) concordância entre as formas e categorias verbais e outras classes de palavras ou constituintes da cadeia linguística, tais como advérbios e adjuntos adverbiais, conjunções, preposições, sujeito, etc. Neste caso estão fatos como a anáfora temporal; os casos de concordância entre aspecto verbal e os adjuntos adverbiais ou o número do sujeito ou do objeto e os casos de concordância entre aspecto e adjunto adverbial.

O verbo (suas formas e categorias) atua como recurso de coesão sequencial por progressão, quando funciona como ordenador ou sequenciador de um modo geral. Neste caso estão funções do verbo tais como:

1) o sequenciamento ou ordenação temporal das situações presentes no texto que pode ser de dois tipos:

I – a indicação da ordem cronológica de realização das situações no mundo real. Vários autores tratando da ordenação de eventos nas narrativas em diversas línguas propõem que ela seria função ou seria influenciada entre outros fatores pelo aspecto e/ou pelo tempo dos verbos. Já foi proposto um princípio geral de ordenação cronológica de situações válido para os diferentes tipos de textos que diz que essa ordenação é feita basicamente pelo aspecto dos verbos presentes no texto com interferência de alguns outros elementos inclusive o tempo dos verbos;

II – a ordem em que as situações se apresentam na linearidade do texto. Neste caso o verbo funcionará como um recurso de coesão sequencial por progressão com encadramento por justaposição através de partículas sequenciadoras ou continuativas de frases ou sequências textuais. O verbo atua na ordenação textual de duas maneiras:

— através dos tempos (passado, presente, futuro) de verbos enunciativos (*falar, dizer, perguntar, afirmar, citar, expor, etc.*) ou de verbos de tratamento de tópico (*discutir, provar, analisar, demonstrar, resumir, descrever, etc.*), marcando segmentos da sequência linear da superfície textual como anteriores, simultâneos ou posteriores a um outro ponto da mesma sequência;

— através do valor do seu semantema alguns verbos remetem a partes do texto ou a partes de unidades de composição do texto (parágrafos, itens ou seções, capítulos, etc.). Neste papel de ordenadores textuais podem vir ou não acompanhados de verbos enunciativos ou de tratamento de tópico e remetem ao início do texto ou de partes deste (começar, iniciar, principiar), ao meio do texto ou de partes dele (seguir, prosseguir, continuar) ou ao final do texto ou partes dele (*acabar, finalizar, terminar, fechar, concluir*).

2) o sequenciamento ou ordenação das fases ou etapas de uma situação que se faz basicamente através dos aspectos verbais caracterizados pelas fases de realização (não começado/começado ou não acabado/acabado) e pelas fases de desenvolvimento (inceptivo/cursivo/terminativo) e complementarmente pelas noções temporais de “futuro muito próximo” ou “iminência de realização” e de “passado recente”.

3) o sequenciamento ou ordenação de tipos de situações que propomos ser feito através do próprio tipo de situação indicada pelo verbo tal como nas sequências de (2) e (3).

(2) situação inceptiva → processo → situação terminativa.

a) partir → ir/vir → chegar

b) decolar → voar → aterrissar

c) ——— procurar → achar

d) começar a estudar → estudar → terminar de estudar.

(3) estado ou característica → mudança de estado/transformativo → novo estado ou característica

a) ——— engordar → estar gordo

b) estar ou ser doente → sarar/ ficar bom → estar ou ser sadio ou estar bem/bom

Todos estes fatos do uso do verbo (suas formas e categorias) ligados à coesão são relacionados e devidos à construção e estruturação do texto, ou seja, à constituição do texto enquanto tal.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Contribuições do verbo à coesão e à coerência textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: Unicamp, (27): 71-84, jul./dez. 1994. Adaptado.

MATERIAL DE USO EM
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

COESÃO

A coesão

é um processo cognitivo que, no campo da linguagem, contribui para a construção de uma mensagem lógica e harmônica.

De acordo com o encadeamento, pode ser classificada como

referencial,

quando

dois ou mais componentes do texto remetem a um mesmo referente,

ocorrendo por mecanismos como

substituição,

caracterizada pela

retomada de frases, seqüências ou palavra,

gramaticalmente sistematizada como

anafórica,

quando

ocorre retomada de frase, seqüência ou palavra.

reiteração,

caracterizada pela

utilização de termos sinônimos ou repetição de item lexical.

catafórica,

quando

ocorre antecipação de frase, seqüência ou palavra.

sequencial,

quando

a progressão textual é decorrente da interdependência semântica entre as estruturas do texto,

ocorrendo por mecanismos como

recorrência,

caracterizada pelo

reaparecimento de termos, de estruturas (paralelismo), de conteúdos semânticos (paráfrase), de recursos fonológicos (ritmo, rima, aliteração), de aspecto verbal e de desinências verbais.

progressão,

caracterizada pela

manutenção temática (pelo uso de termos de um mesmo campo lexical) ou os encadeamentos (pelo emprego de partículas seqüenciadoras e de conjunções).

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Uece

A imigrante italiana que se formou em nutrição aos 87 anos escreveu o TCC inteiro à mão

Os cabelos brancos de Luísa Valencic Ficara contrastaram com a **juventude** dos colegas durante **sua** formatura. Nascida na **Itália**, Luísa imigrou para a América do Sul durante a Segunda Guerra Mundial, viveu em três países sul-americanos e se estabeleceu em Jundiá, no interior de São Paulo. Aos 87 anos, ela acaba de se formar em nutrição.

Dona Luísa, como é conhecida, vive na **cidade** há 40 anos. Após o falecimento do marido e de sua irmã, ela decidiu voltar a estudar para se manter ocupada. Foi assim que surgiu a ideia de se matricular no curso de nutrição do Centro Universitário Padre Anchieta. A **graduação** foi concluída após seis anos de estudos, com um TCC sobre a cana-de-açúcar no Brasil. Segundo informações do **Grupo Anchieta, todo o trabalho** foi escrito à mão. Colegas, professores e funcionários da **instituição** ajudaram com a parte da digitação, configuração e impressão do trabalho, para apoiar Dona Luísa.

Mas a graduação não é o limite para a idosa. Ela, que também frequenta aulas de alemão, inglês e francês, já está pensando em ingressar em um curso de pós-graduação para continuar estudando, segundo contou ao G1.

HYPENESS, set. 2017. Disponível em: <www.hypeness.com.br>. Acesso em: jan. 2019.

A notícia acima apresenta elementos coesivos que ajudam na “costura” temática do texto. A partir dessa ideia, é correto asseverar que

- a) o pronome “sua” se relaciona à “juventude”.
- b) “todo o trabalho” retoma “graduação”.
- c) “instituição” substitui “Grupo Anchieta”.**
- d) “cidade” refere-se à “Itália”.

O termo “instituição” substitui “Grupo Anchieta” no trecho “Segundo informações do Grupo Anchieta, todo o trabalho foi escrito à mão. Colegas, professores e funcionários da instituição [que é o Grupo Anchieta] ajudaram com a parte da digitação, configuração e impressão do trabalho, para apoiar Dona Luísa”.

2. FMP-RJ

Limites da manipulação genética

Nos últimos anos, a possibilidade de **manipulação genética** de seres humanos se tornou tecnicamente real, o que levou à publicação de vários manifestos da comunidade científica internacional contra o uso da técnica em embriões, óvulos e espermatozoides humanos. Não aceitamos alterações genéticas que possam ser transmitidas às próximas gerações. Apesar disso, cientistas chineses publicaram um trabalho descrevendo a criação de embriões humanos geneticamente modificados! Abrimos a Caixa de Pandora?

Ainda não. Os pesquisadores chineses só testaram o quão segura a técnica é de fato em embriões humanos — afinal, se um dia pudéssemos, por exemplo, corrigir a mutação no gene do câncer de mama, interromperíamos a herança genética familiar e os filhos não correriam o risco de herdar a doença.

Se temos algo a ganhar com a técnica, não vale a pena testá-la? Sim, mas existe uma linha muito tênue entre ousadia e **irresponsabilidade**, e o desenvolvimento científico não pode cruzá-la. Assim, para ficar do lado de cá dessa fronteira, foram usados **embriões defeituosos** de fertilização *in vitro*. **Neles** foram injetadas pequenas moléculas

construídas para consertar um gene que, quando “mutado”, causa uma forma grave de anemia. Dos 54 embriões analisados, somente quatro tinham o gene corrigido... Além disso, eles também tinham alterações genéticas em outros locais não planejados do **genoma** — ou seja, a tal molécula muitas vezes erra o **seu** alvo...

Em resumo, o trabalho demonstrou que a técnica de edição de genoma é ineficiente e insegura para se utilizar em embriões humanos — exatamente o que a comunidade científica previa e questionava, com o objetivo de que **esse procedimento** não fosse feito em embriões humanos.

O que não significa que as pesquisas nesse sentido devam ser interrompidas. Se tivéssemos proibido as pesquisas em transplante cardíaco em 1968, quando 80% dos pacientes transplantados morriam, nunca teríamos tornado esse procedimento uma **realidade** que hoje em dia salva muitas vidas. Cientistas seguirão aprimorando a técnica para torná-la mais eficiente e segura. Porém, essas pesquisas devem ser conduzidas de forma absolutamente ética — aliás, todas as pesquisas devem ser conduzidas assim; mas, quando envolvem embriões humanos, mais ainda.

E enquanto nós, cientistas, resolvemos os aspectos técnicos, conclamamos legistas, psicólogos, sociólogos e a população em geral para discutir as vantagens e os riscos de usar a tecnologia de edição do genoma em seres humanos. Para pesquisar ou para evitar doenças como câncer e Alzheimer? Sim. E para que o bebê nasça com olhos azuis, mais inteligente, mais alto? Não. Em que situações permitiremos sua aplicação?

Um cenário que, há 15 anos, era ficção científica agora é tão real que devemos discuti-lo urgentemente. No Brasil, já estamos precavidos: a Lei de Biossegurança de 2005 proíbe “engenharia genética em célula germinal humana, zigoto humano e embrião humano”. Talvez um dia tenhamos que rever o texto para considerar casos específicos em que essa engenharia genética possa ser feita. Mas, por enquanto, estamos protegidos — que orgulho!

PEREIRA, Lygia. *O Globo*. Opinião. 12 maio 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com>>. Acesso em: 20 jun. 2017. Adaptado.

No texto, o referente do termo ou expressão em destaque está corretamente explicitado entre colchetes em:

- a) [realidade]
- Cientistas seguirão aprimorando a técnica para torná-la mais eficiente e segura.
- b) [manipulação genética]
- nunca teríamos tornado **esse procedimento** uma realidade que hoje em dia salva muitas vidas.
- c) [irresponsabilidade]
- Sim, mas existe uma linha muito tênue entre ousadia e irresponsabilidade, e o desenvolvimento científico não pode cruzá-la.
- d)** [embriões defeituosos]
- Neles** foram injetadas pequenas moléculas construídas para consertar um gene
- e) [genoma]
- ou seja, a tal molécula muitas vezes erra o **seu** alvo...

“Neles” se refere a “embriões defeituosos” no trecho “Assim, para ficar do lado de cá dessa fronteira, foram usados embriões defeituosos de fertilização *in vitro*. Neles [nos embriões defeituosos] foram injetadas pequenas moléculas construídas para consertar um gene que, quando “mutado”, causa uma forma grave de anemia”.

3. Unesp – Leia o trecho inicial do conto “Desenredo”, do escritor João Guimarães Rosa (1908-1967).

Do narrador a seus ouvintes:

– Jó Joaquim, cliente, era quieto, respeitado, bom como o cheiro de cerveja. Tinha o para não ser célebre. **Com elas quem pode, porém?** Foi Adão dormir, e Eva nascer. Chamando-se Livíria, Rivília ou Irlívia, a que, nesta observação, a Jó Joaquim apareceu.

Antes bonita, olhos de viva mosca, morena mel e pão. Aliás, casada. Sorriram-se, viram-se. Era infinitamente maio e Jó Joaquim pegou o amor. Enfim, entenderam-se. Voando o mais em ímpeto de nau tangida a vela e vento. Mas muito tendo tudo de ser secreto, claro, coberto de sete capas.

Porque o marido se fazia notório, na valentia com ciúme; e as aldeias são a alheia vigilância. Então ao rigor geral os dois se sujeitaram, conforme o clandestino amor em sua forma local, conforme o mundo é mundo. Todo abismo é navegável a barquinhos de papel.

Não se via quando e como se viam. Jó Joaquim, além disso, existindo só retraído, minuciosamente. Esperar é reconhecer-se incompleto. Dependiam eles de enorme milagre. O inebriado engano.

Até que – deu-se o desmastro. O trágico não vem a conta-gotas. Apanhara o marido a mulher: com outro, um terceiro... Sem mais cá nem mais lá, mediante revólver, assustou-a e matou-o. Diz-se, também, que de leve a ferira, leviano modo.

Jó Joaquim, derrubadamente surpreso, no absurdo desistia de crer, e foi para o decúbito dorsal, por dores, frios, calores, quiçá lágrimas, devolvido ao barro, entre o inefável e o infando. Imaginara-a jamais a ter o pé em três estribos; chegou a maldizer de seus próprios e gratos abusufrutos. Reteve-se de vê-la. Proibia-se de ser pseudopersonagem, em lance de tão vermelha e preta amplitude.

Ela – longe – sempre ou ao máximo mais formosa, já sarada e sã. Ele exercitava-se a aguentar-se, nas defeituosas emoções.

Enquanto, ora, as coisas amaduravam. Todo fim é impossível? Azarado fugitivo, e como à Providência praz, o marido faleceu, afogado ou de tifo. O tempo é engenheiro.

Soube-o logo Jó Joaquim, em seu franciscanato, dolorido mas já medicado. Vai, pois, com a amada se encontrou – ela sutil como uma colher de chá, grude de engodos, o firme fascínio. Nela acreditou, num abrir e não fechar de ouvidos. Daí, de repente, casaram-se. Alegres, sim, para feliz escândalo popular, por que forma fosse.

ROSA, João Guimarães. Desenredo. In: *Tutameia* – Terceiras Estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

Reescreva a frase “Com elas quem pode, porém?”, substituindo o pronome “elas” pelo seu referente e a conjunção “porém” por outra de sentido equivalente.

Sugestão de resposta – A frase pode ser reescrita, mantendo-se o sentido, substituindo-se o pronome “elas” pelo referente “as mulheres”, ou ainda Eva, Livíria, Rivília e Irlívia e a conjunção “porém” por outra de sentido adversativo: “mas”, “contudo”, “entretanto”, “todavia”. Desta forma, tem-se, por exemplo: “Com as mulheres quem pode, contudo?”

4. FDSBC-SP

Lei Maria da Penha, um novo paradigma



Maria da Penha Maia Fernandes, farmacêutica e bioquímica, cujo caso de agressão contribuiu para a elaboração de lei que leva seu nome.

Há exatos dez anos, uma lei chegou para romper um modelo enraizado há séculos no Brasil. Padrões excludentes empurravam para a minoria a **hoje majoritária parcela da população brasileira**. Tratadas pelo mercado de trabalho, pelas relações sociais e econômicas e até pelas leis como inferiores, as mulheres viram nesta específica legislação o maior exemplo de combate.

A lei surgiu, como nossa história registra num triste capítulo, da pior violência que pode acometer alguém. Na década de 1980, uma de nós carregou na pele e na alma tamanha brutalidade. Foram tiros e choques desferidos pelo próprio marido, com a intenção de matá-la.

Essas tentativas não foram suficientes para calar esta guerreira, Maria da Penha, e dela veio o exemplo que gerou a legislação em vigor: a Lei Maria da Penha.

Hoje a naturalização da violência decorrente de nosso atraso não encontra mais respaldo. A lei e todo o debate que a precedeu promoveram uma ruptura, uma mensagem clara de que a violência contra a mulher não é mais aceitável.

O texto da lei é uma declaração, um confronto à hierarquia até então estabelecida. Um basta à lógica que dividia a sociedade entre superiores e inferiores, os que possuem poder e os que estão a ele submetidos, os que podem usufruir de uma vida livre de violência e os que estão sujeitos a ela diariamente.

Em dez anos, a taxa de homicídio de mulheres permaneceu no mesmo patamar, por volta de 1,2 para cada 100 mil, comprovando que a violência ainda persiste, mas ao menos não cresceu. Mesmo que em número insuficiente, a instalação de varas e juizados especializados em agressões contra a mulher conferiu maior segurança para a denúncia.

Hoje mais mulheres buscam as delegacias porque passaram a confiar na possibilidade de proteção. A sensação de impunidade foi aos poucos sendo afastada.

De acordo com estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em 2015 houve redução de 10% no número de mulheres assassinadas em decorrência da violência doméstica. Vidas foram salvas.

A Lei Maria da Penha avançou em muitos sentidos, mas a principal contribuição foi, sem dúvida, estabelecer um novo paradigma, iluminar uma questão até então relegada ao espaço privado. Uma realidade cruel com as mulheres passou a ser tratada como política pública.

Muito temos que caminhar para a integral efetividade da lei, mas o passo mais difícil foi dado. E foi dado porque encontrou na democracia o espaço necessário para florescer. Quando a democracia está em risco, a intolerância e o preconceito crescem, e os avanços são ameaçados.

Hoje, ao celebrarmos uma década dessa legislação, vemos com tristeza, mas com redobrada disposição para a luta, discursos que parecem ter como único objetivo retroceder ao antigo paradigma. Muitas vezes são proferidos pelos que dizem nos representar no poder.

Apesar de tudo, a lei se consolida a cada ano. O Brasil não tolera mais a violência contra a mulher. É uma conquista sem volta, nossa e sua, de todas nós.

FEGHALL, Jandira; PENHA, Maria da. *Folha de S. Paulo*, 07 ago. 2016. Adaptado.

Também presente no primeiro parágrafo, a mencionada “hoje majoritária parcela da população brasileira” diz respeito

- às tentativas de combate à violência contra a mulher.
- às mulheres.
- à Lei Maria da Penha.
- à própria Maria da Penha.

A expressão “hoje majoritária parcela da população brasileira” diz respeito às mulheres, antecipando tal termo, como comprova o seguinte trecho: “Padrões excludentes empurravam para a minoria a hoje majoritária parcela da população brasileira. Tratadas pelo mercado de trabalho, pelas relações sociais e econômicas e até pelas leis como inferiores, as mulheres [a hoje majoritária parcela da população brasileira] viram nesta específica legislação o maior exemplo de combate”.

5. Fieb-SP



Folha de S. Paulo, Mercado Aberto – 27 out. 2016.

Observa-se que a palavra “isso”, no segundo balão de fala, tem a seguinte função coesiva:

- Retomada de um termo anteriormente citado.
- Definir uma situação que ainda vai surgir.
- Substituir um marcador de tempo.
- Atender a um termo elíptico.
- Construir novos significados.

No segundo balão, “isso” retoma o termo “alcançada”, nas palavras da amiga, no primeiro balão de fala “Estudo do Fórum Econômico Mundial afirma que igualdade de gênero no mercado só será alcançada em 2186”.

6. Uerj

C6-H18



QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

O uso de palavras que se referem a termos já enunciados, sem que seja necessário repeti-los, faz parte dos processos de coesão da linguagem.

Na pergunta feita no segundo quadrinho, uma palavra empregada com esse objetivo é:

- nós
- aqui
- nossa
- porque

No segundo quadrinho, “aqui” é um elemento coesivo, pois retoma “nossa pátria”: “Nós amamos a nossa pátria só porque nascemos aqui [na nossa pátria]?”

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. FMABC-SP

Um filme nacional de 2003 – *Os narradores de Javé*, de Eliane Caffé – mostra um vilarejo fictício ameaçado de ser inundado por uma grande represa. Pobres e esquecidos por todos, seus habitantes não sabem como se defender, até que **uma voz** parece encontrar a solução: Javé precisa ser reconhecida como “patrimônio”, pois assim não se tornaria uma cidade submersa. Duas dimensões **dessa fala** merecem ser assinaladas: “patrimônio” aparece como um recurso e uma reivindicação; a palavra, enunciada naquela específica cena, evidencia o quanto deixou há muito de ser um termo técnico, especializado, vinculado a um saber e a uma política formal, para se tornar um lugar-comum; em uma metáfora poderosa, submersão equivale a esquecimento e a não reconhecimento: a reivindicação de posse de **um patrimônio** é uma demanda de visibilidade. Desprovidos de recursos materiais **que** pudessem ser considerados de valor histórico, os narradores de Javé só podem recordar e reinventar suas histórias, seu mito de fundação, um patrimônio que hoje chamamos imaterial, ou intangível.

O termo “patrimônio”, do latim *pater*, pai, tornou-se corriqueiro e sua adjetivação se espalhou: patrimônio pode ser histórico, ambiental, arqueológico, artístico, material, imaterial etc., qualificações comumente subsumidas sob o guarda-chuva “cultural”. A remissão a pai, patriarca, nos conduz a legado, herança – e não por acaso o termo em inglês é exatamente este: *heritage*.

No filme citado não bastava reconhecer algo importante: **era preciso escrever, anotar, identificar – e passar adiante**. **Esse conjunto de práticas** é o que pode transmutar os relatos, as estórias passadas em conversas informais e os costumes em “patrimônio” – da cidade, de um grupo, região ou nação. Patrimônio não é uma representação coletiva como outra qualquer, e sim uma prática constituída por um processo de atribuição de um valor, que deve ser reconhecido por um grupo disposto a conservá-lo. Em outras palavras, patrimônio histórico remete a políticas públicas ou a ações que têm lugar na esfera pública.

Os grupos sociais atribuem valores distintos aos seus bens materiais, suas memórias, suas marcas territoriais; nomeiam – e desse modo distinguem, classificam – o ambiente que **os rodeia**, destacam passagens de sua história comum, de um passado coletivo, elegem paisagens. Por isso, quando falamos em patrimônio (histórico, cultural etc.), é disso que se trata: de um conjunto de bens materiais ou imateriais fruto de uma decisão que partiu da identificação de algo que merece ser destacado, retirado de certo fluxo corriqueiro das coisas, da rotina cotidiana: **um bem** tido como especial. A **esse bem** chama-se bem patrimonial.

O termo é hoje lugar-comum, em duplo sentido: é corriqueiro, parece estar no discurso de todos, mas pode ser também um lugar compartilhado, um ponto de encontro de saberes, disciplinas e políticas. Contudo, não estamos diante de um fenômeno universal, tampouco permanente. Na França, preocupações com patrimônio ou, para usar um termo então utilizado, com monumentos tiveram início após a Revolução Francesa; na Inglaterra, em meio à Revolução Industrial, vitorianos que denunciavam uma civilização moderna percebida como sem raízes se voltavam para um passado pré-industrial, localizado na arquitetura.

No Brasil, a descoberta de um patrimônio na iminência de ser perdido não se vinculou à revolução de qualquer tipo: foi um debate que teve início na nada revolucionária Primeira República (1889-1930), quando cidades passavam por reformas urbanas pautadas por um “bota abaixo” – como ocorreu no Rio de Janeiro e no Recife no começo do século XX –, e consolidou-se no Estado Novo.

RUBINO, Silvana. Patrimônio: história e memória como reivindicação e recurso. In: *Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança*. Orgs. André Botelho, Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 392 e 393. Adaptado.

O segundo termo do par apresentado em cada alternativa participa da coesão textual ao retomar o primeiro. A retomada que está adequadamente analisada é:

a) a retomada se dá pela repetição da palavra, com o respectivo pronome demonstrativo; não existe indicação de que a palavra “bem” tenha aparecido anteriormente.

um bem / A esse bem

b) a retomada se dá por meio de sinônimo; o artigo indefinido, no primeiro termo, anuncia informação nova; a definição, no segundo, indica que a referência não é nova, mas recuperada.

uma voz / dessa fala

c) a retomada se dá por meio de conjunção subordinativa.

um patrimônio / que

d) o segundo termo realiza a recuperação englobando as cinco informações citadas no primeiro.

era preciso escrever, anotar, identificar – e passar adiante / Esse conjunto de práticas

e) a retoma da se dá por meio do pronome oblíquo, que remete ao complemento indireto do verbo.

Os grupos sociais / os rodeia

8. IFPE

Refletindo sobre apropriação cultural

Os efeitos desta supervalorização da cultura europeia é a existência de uma hierarquia cultural

Já há algum tempo, acompanho esse debate sobre apropriação cultural e, lendo os artigos produzidos (a favor ou contra), percebi que a maioria não consegue articular este debate com **questões mais amplas: racismo e capitalismo**.

É preciso aceitar que há **apropriação cultural**. E que esta apropriação não é resultado de uma troca cultural. E por quê? A cultura predominante em nosso país é a ocidental que nos obriga a digerir a cultura europeia. **Isso é bem problemático** numa sociedade marcada pela diversidade étnico-cultural. Os efeitos desta supervalorização da cultura europeia é a existência de uma hierarquia cultural. E é aqui que racismo e capitalismo se articulam na apropriação da cultura do outro.

Ninguém no Brasil é proibido de usar um turbante, uma guia ou de pertencer a alguma religião de matriz africana. Porém, há um olhar diferenciado quando **negros** ou negras usam um turbante, uma guia que **os identificam** com o candomblé em espaço público. Diferente de **brancos**. Os **primeiros** são logo tachados de macumbeiros e os **segundos**, na moda, estilo e tendência étnica.

O cerne da questão se dá quando a cultura africana e afro-brasileira é apropriada por empresas e os protagonistas são excluídos do processo. Outro problema da assimilação cultural é seu retorno. Esta retorna na forma de mercadoria esvaziada de sentido. A filósofa e feminista negra Djamilia Ribeiro faz a provocação: “A etnia Maasai não quer ser reparada pelo mundo da moda por apropriação, porque lucraram com sua cultura sem que eles recebessem por isso.” A relação entre capitalismo e racismo se manifesta desta forma.

O debate sobre apropriação cultural propõe refletir sobre o uso da cultura africana e afro-brasileira por empresas sem a presença e um retorno aos protagonistas. Para os que fazem este debate de forma ampla, há uma compreensão de que não é justo atingir pessoas. Estas não possuem um conhecimento sobre **tal problemática**. É preciso atacar as empresas que usam e abusam da cultura desses povos e a transformam em simples mercadoria.

Chamo atenção (finalizando) para o fato de alguns artigos que, sem entender ou por pura desonestidade intelectual, procuram, ao combater os argumentos daqueles que escrevem sobre a apropriação cultural, desqualificar toda uma produção de conhecimento forjada a partir de uma longa experiência no combate ao racismo. Penso que todo debate é válido, porém, sejamos éticos.

FERREIRA, Hilário. *O povo*, 16 fev. 2017.

Disponível em: <www.opovo.com.br>. Acesso em: maio 2019.

Acerca das estratégias e dos elementos coesivos do texto, assinale a única alternativa correta.

- No primeiro parágrafo, a expressão “questões mais amplas” tem como referentes: o racismo e o capitalismo.
- No trecho “**Isso** é bem problemático”, segundo parágrafo, o pronome demonstrativo grifado retoma o substantivo “apropriação cultural”.
- No terceiro parágrafo, o pronome “os”, em “os identificam”, antecede o referente “brancos”, por isso está no masculino plural, estabelecendo a concordância.
- Ainda no terceiro parágrafo, os numerais “primeiros” e “segundos” se relacionam a “brancos” e “negros”, respectivamente.
- No quinto parágrafo, a expressão “tal problemática” refere-se à realização de um debate de forma ampla.

9. Unifor-CE

Ao longo da história, a noção de cultura teve diversos significados e matizes. Durante muitos séculos foi um conceito inseparável da religião e do conhecimento teológico; **na Grécia, este foi marcado pela filosofia**, e em Roma, pelo direito, ao passo que no Renascimento foi impregnado principalmente pela literatura e pelas artes. Em épocas mais recentes, como o Iluminismo, foram a ciência e as grandes descobertas científicas que deram o rumo principal à ideia de cultura. Mas, apesar dessas variantes, até nossa época cultura sempre significou uma soma de fatores e disciplinas que, segundo amplo consenso social, a constituíam e eram por ela implicados: reivindicação de um patrimônio de ideias, valores e obras de arte, de conhecimentos históricos, religiosos, filosóficos e científicos em constante evolução, fomento da exploração de novas formas artísticas e literárias e da investigação em todos os campos do saber.

LLOSA, Mario Vargas. *A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 59.

No que se refere aos elementos coesivos no texto, na frase

[...] na Grécia, **este** foi marcado pela filosofia [...],

o pronome demonstrativo faz referência

- a Grécia.
- à noção de cultura.
- ao conhecimento teológico.
- ao conceito.
- ao Iluminismo.

10. Fuvest-SP

Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamos-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamos-na de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. **Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.**

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamos-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

HAUSER, Arnold. *Teorias da arte*. Adaptado.

No trecho

Numa palavra, qualquer gênero de arte que, **de fato**, nos afete, torna-se, **deste modo**, arte moderna,

as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- realmente; portanto.
- invariavelmente; ainda.
- com efeito; todavia.
- com segurança; também.
- possivelmente; até.

11. FMP-RJ

Mais velho, poucos amigos?

Um curioso estudo divulgado na última semana mostrou que a redução do número de amigos com a idade, tão comum entre os humanos, pode não ser exclusivo da **nossa espécie**. Aparentemente, macacos também passariam por processo semelhante em **suas** redes de contatos sociais, o que poderia sugerir um caráter evolutivo desse fenômeno.

No trabalho desenvolvido pelo Instituto de Pesquisa com Primatas em Göttingen, Alemanha, se identificou uma redução de *grooming* (tempo dedicado ao cuidado com **outros indivíduos**, como limpar o pelo e catar piolhos) entre os macacos mais velhos da espécie *Macaca sylvanus*. Além disso, **eles** praticavam *grooming* em um número menor de “amigos” ou parentes.

Fazer *grooming* está para os macacos mais ou menos como o “papo” para nós. Da mesma forma que o “carinho” humano, **ele** parece provocar a liberação de endorfinas. Geram-se, dessa forma, sensações de bem-estar tanto em homens como em outros animais.

Na pesquisa, publicada pelo periódico *New Scientist*, os cientistas perceberam que macacos de 25 anos tiveram uma redução de até 30% do **tempo de grooming** quando comparados com adultos de 5 anos. Se esse fenômeno acontece em outros primatas, **ele** também pode ter chegado a nós ao longo do caminho de formação da nossa espécie. Se chegou, qual teria sido a vantagem evolutiva?

Durante muito tempo se especulou que esse “encolhimento” social em humanos seria, na verdade, resultado de um processo de envelhecimento, em que depressão, morte de amigos, limitações físicas, vergonha da aparência e menos dinheiro poderiam limitar as novas conexões. Mas, pesquisando os idosos, se percebeu que ter menos amigos era muito mais uma escolha pessoal do que uma consequência do envelhecer.

Uma linha de investigação explica que essa redução dos amigos seria, na verdade, uma seleção dos mais velhos de como usar melhor o tempo. Mas outros especialistas defendem a ideia de que os mais velhos teriam menos recursos e defesas para lidar com estresse e ameaças e, assim, escolheriam com mais cautela **as pessoas** com quem se sentem mais seguros (os amigos) para passar **seu** tempo.

BOUER, Jairo. *O Estado de S. Paulo*, caderno Metrôpole, domingo, 26 jun. 2016. p. A23. Adaptado.

No texto, a palavra ou expressão a que se refere o termo destacado está corretamente explicitada entre colchetes em:

a) [nossa espécie]

Aparentemente, macacos também passariam por processo semelhante em **suas** redes de contatos sociais, o que poderia sugerir um caráter evolutivo desse fenômeno.

b) [outros indivíduos]

Além disso, **eles** praticavam *grooming* em um número menor de ‘amigos’ ou parentes.

c) [*grooming*]

Da mesma forma que o “carinho” humano, **ele** parece provocar a liberação de endorfinas.

d) [tempo de *grooming*]

Se esse fenômeno acontece em outros primatas, **ele** também pode ter chegado a nós ao longo do caminho de formação da nossa espécie.

e) [as pessoas]

escolheriam com mais cautela as pessoas com quem se sentem mais seguros (os amigos) para passar **seu** tempo.

12. IFMG-MG – Leia o trecho de *Açúcar Amargo*, de Luiz Puntel.

Marta sentou-se, ainda apreensiva, sem entender o porquê daquilo tudo.

— Vocês vieram de Catanduva, não? — o diretor procurava fazer com que Marta falasse alguma coisa.

Em vez disso, ela apenas assentiu com a cabeça.

— Bem, eu sei muito pouco sobre vocês. Sei que você é nova aqui na escola, que seu pai veio de Catanduva, que têm tido dificuldades... Na verdade... bem... na verdade... — o diretor começou a ficar reticente — Na verdade, eu pensava mesmo em chamá-la para conversarmos... mas não agora... não para lhe dar uma notícia tão triste... tão...

— Notícia triste? — Marta indagou, falando pela primeira vez, os olhos inquietos.

— Seu Pires não falou para você pegar os materiais? — o diretor desconversou, ganhando tempo, vendo que Marta estava sem os cadernos. — Vá pegá-los. E diga à dona Tércia que eu autorizei. E depois, encontre-me na portaria...

Sem saber o que estava acontecendo, Marta voltou para a classe. Enquanto arrumava o material, todos permaneciam calados, sabendo que alguma coisa de muito grave havia acontecido. Marta sabia **disso** e voltou a sentir o sangue subir-lhe as faces. Tércia autorizou sua saída e ela foi em direção à portaria.

— Vamos? — o diretor chamou-a, sorrindo, colocando o braço sobre seu ombro, paternal, tentando minorar o impacto da notícia que tinha para lhe dar.

PUNTEL, Luiz. *Açúcar Amargo*. São Paulo: Ática, 1989. (Série Vaga-lume)

“Disso” retoma a seguinte ideia do texto:

a) alguma coisa grave havia acontecido.

b) o diretor a havia chamado.

c) a turma estava alvoroçada.

d) Tércia estava preocupada.

13. Unievangélica-GO

MARQUES, Eduardo (Org.). *A metrópole de São Paulo no século XXI: espaços, heterogeneidades e desigualdades*. São Paulo: Unesp/ Centro de Estudos da Metrôpole, 2016.

O livro mira nas conhecidas teorias sobre a metrópole paulistana, mas, em vez de destruí-las, regula o foco, transformando homogeneidade em heterogeneidade, ou ainda duas cores em um espectro amplo de tons. Assim, desenha permanências e transformações, desvenda processos considerados dissociados e antagônicos que se dão sobre o mesmo território, e disserta sobre os modelos clássicos, mostrando que estes ocultam dimensões importantes. Por isso, propõe um desafio aos acostumados às confortáveis teses gerais, o que torna o livro mais interessante. **Inclusiva porque as revisita nas linhas e entrelinhas e incita o debate.** Vale uma leitura cuidadosa.

Para dar luz à heterogeneidade, propõe diferentes abordagens metodológicas, utilizando uma vastidão de dados censitários e pesquisas, apoiados em mapeamentos de informações georreferenciadas atualizadas. Essa preocupação metodológica está presente nas três partes do livro: uma primeira sobre as dinâmicas econômicas, com olhar sobre o mercado de trabalho, uma segunda sobre dinâmicas demográficas e segregação residencial, e uma terceira sobre a produção dos espaços na metrópole, que foca o tema da habitação e da mobilidade.

Um exemplo: procura regular o foco sobre o dualismo da metrópole dividida em centro e periferia, ideia que estruturou as teses sobre segregação socioterritorial, sobre desigualdade social. Ao olhar sobre a introdução do programa federal Minha Casa Minha Vida, cujas teses mostram que os empreendimentos habitacionais produzidos foram instalados em áreas mais periféricas e segregadas, reforçando o padrão centro-periferia, procura problematizar as dimensões relativas à segregação para além dessa dualidade. Assim, verifica a proximidade dos empreendimentos de centralidades secundárias, de estações de metrô ou trem, de equipamentos educacionais, e procura mostrar que a segregação residencial diz respeito mais à homogeneidade de conteúdos sociais das áreas da cidade onde estão inseridos. Ainda que aponte a existência de segregação desses empreendimentos na escala da metrópole, qualifica e problematiza as diferentes dimensões da segregação.

Nesse processo, revela que o que chamávamos de periferia se qualificou, ou que há periferias na periferia, colocando em xeque o próprio conceito de periferia.

SANTORO, Paula Freire. *Le Monde Diplomatique Brasil*, Ano 9, n. 103, fev. 2016.

No enunciado

Inclusive porque **as** revisita nas linhas e entrelinhas e incita o debate.

, o pronome oblíquo “as” faz retomada do seguinte elemento:

- a) duas cores
- b) confortáveis teses gerais
- c) permanências e transformações
- d) dimensões importantes

14. FCM-MG

Pé frio, cabeça quente

§1 Durante anos, Pedro Nava deixava seu *apartamento*, no velho prédio onde viveu metade da vida, no bairro da Glória, cruzava o hall e, no mesmo andar, assumia a condição de médico reumatologista, um dos mais reputados do Rio de Janeiro. Quando *ali* estive pela primeira vez, sem reumatismo algum, o Dr. Nava já não exercia a profissão. Fazia pouco mais de uma década que ele, à beira dos 70, irrompera na paisagem literária como caudaloso memorialista, o maior que já tivemos, assumindo, assim, em regime de monogamia, um talento praticamente desmobilizado desde o fecho da primeira juventude.

§2 Certa manhã de maio de 1983, às vésperas de completar 80 anos, Pedro Nava me levou ao antigo consultório, instalado num salão com pé-direito altíssimo. Sentou-se por detrás de um vetusto birô, como em outros tempos se dizia, e indicou uma cadeira de braços em frente a ele. Quando, em vão, tentei puxá-la para perto da mesa, Nava riu, como quem tivesse pregado uma peça: tinha mandado aparafusar a cadeira no assoalho, para evitar, justificou, que pacientes mais carentes acabassem no seu colo.

§3 Pela primeira vez, parei para pensar no desamparo que, em doses variáveis, bate em mim, quem sabe em você também, durante uma consulta médica. Desamparo que, às vezes, vem misturado a uma inconfessável satisfação por nos sentirmos numa súbita berlinda, já que o assunto único, ali, somos nós. Nossa coqueluche, nossa catapora, nosso prontuário cirúrgico e hospitalar. Mais: a incidência de determinada doença que desfolhou boa parte de nossa árvore genealógica. As tias que, para além talvez das coincidências, morreram todas do mesmo mal. A intrigante insistência da pancada seca dos enfartes, a reprise de determinado tipo de tumor. O pai que por pouco não virou caso médico, tão rara é a doença que nos levou à orfandade.

§4 Vá me dizer que também você não sente alguma excitação, a palavra é esta, quando o médico se põe a escarafunchar o histórico de sua saúde. E também, mesclada ao alívio, uma ponta de decepção, diante da notícia de que não se achou problema algum. Do outro lado da mesa, o doutor pode estar atento a essa eventualidade. **Quem nunca ouviu falar de médicos – Pedro Nava era um deles – que, para não desapontar o impaciente, inventam uma anormalidade qualquer, benigna, à qual irá corresponder uma receita**, algum placebo, para que a criatura não saia com as mãos vazias?

§5 Escrevi, faz tempo, sobre um camarada que chamei de

“hipocondríaco sem remédio”. Pois bem, faltou coragem para admitir que também sou um pouco assim, hipocondríaco, incurável mas com muito remédio, cada vez mais. Gosto muito, confesso, de uma boa anamnese, aquele interrogatório sobre a saúde atual e pregressa, quase sempre extensivo aos familiares. A sabatina mais esmiuçadora pela qual passei aconteceu na primeira vez que fui ao consultório de um homeopata, de onde sairia, mais de hora depois, levando um verdadeiro buquê de florais. Que perguntas mais inesperadas ouvi ali! Estava vendo o momento em que o doutor iria perguntar se eu tinha tomado chuva, e, ante a negativa, receitar: “Então tome. Dois copos”.

§6 Numa ocasião me consultei com um médico, alopata, esse, que me virou pelo avesso, na indisfarçável esperança de que eu fosse o seu primeiro paciente a padecer da doença de Crohn - insidiosa inflamação do trato gastrointestinal, traduziu, à beira da euforia de uma estreia. E se for?, consegui indagar. Pausa terrível, nublada pelos mais negros presságios. “Você tem um bom psicoterapeuta?”, desembuchou ele, sílaba por sílaba, e pôs-se a explicar que eu precisaria me armar para padecimentos vitalícios. Não conteve a frustração quando reiterados exames eliminaram a hipótese na qual investira. “Ainda não”, terá ruminado o doutor, “ainda não...”

§7 No consultório high tech de um mago da medicina ortomolecular, em frente à enorme tela que amplificava imagens de um microscópio de última geração, ao qual fora submetida uma gota de sangue meu, tive o dissabor de presenciar o espetáculo de hemácias, leucócitos e neutrófilos a nadar de lá pra cá, qual tubarões e garoupas num aquário. Como me senti? Como a lagartixa que contempla, a um palmo de distância, a ponta saltitante de seu rabinho recém-amputado.

§8 Outra gota, essa de sangue coagulado, encheu a tela com o que parecia ser o chão gretado de um açude nordestino reduzido a nada. Em busca de consolo na literatura, concluí que havia em mim, na falta de um Graciliano, ao menos o solo estorricado sobre o qual perambula a pobre gente de *Vidas Secas*.

§9 Não precisou de tão afiada tecnologia o velho acupunturista chinês com o qual me consultei por aquela mesma época. Antes de dardejear agulhas certeiras, o sábio chim esquadrinhou minha carcaça com mãozinhas secas e percuciente olhar amendoado, antes de proferir o mais preciso e sintético parecer a respeito do que comigo se passava, ou passa ainda:

§10 - Pé frio, cabeça quente!

WERNECK, Humberto. *Estado de S. Paulo*, 6 dez. 2016. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br>>. Acesso em: jan. 2019.

Identificou-se corretamente o antecedente do termo destacado em:

a) tela

Outra gota, essa de sangue coagulado, encheu a tela com o que parecia ser o chão gretado de um açude nordestino reduzido a nada.

b) mago

No consultório high tech de um mago da medicina ortomolecular, em frente a enorme tela que amplificava imagens de um microscópio de última geração, ao qual fora submetida uma gota de sangue meu...

c) apartamento

Durante anos, Pedro Nava deixava seu apartamento, no velho prédio onde viveu metade da vida, no bairro da

Glória, cruzava o *hall* e, no mesmo andar, assumia a condição de médico reumatologista, um dos mais reputados do Rio de Janeiro. Quando **ali** estive pela primeira vez...

d) anormalidade

Quem nunca ouviu falar de médicos – Pedro Nava era um deles – que, para não desapontar o impaciente, inventam uma **anormalidade** qualquer, benigna, **à qual** irá corresponder uma receita...

15. UFRGS-RS (adaptada)

Não faz muito que temos esta nova TV com controle remoto, mas devo dizer que se trata agora de **um instrumento** sem **o qual** eu não saberia viver. Passo os dias sentado na velha poltrona, mudando de um canal para o outro – uma tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que agora ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto – zap, mudo para outro. Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora, diz minha mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos indica disposição para o humor, admirável nessa mulher.

Sofre minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai cruel, etc. Mas o seu **sofrimento** aumentou muito quando meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que eu nasci, e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê muita televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda que minha mãe ache **isso** um absurdo. Da tela, uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já conhece certo novo sabão em pó. Não conheço nem quero conhecer, de modo que – zap – mudo de canal. “Não me abandone, Mariana, não me abandone!”. Abandono, sim. Não tenho o menor remorso, e agora é um **desenho**, que eu já vi duzentas vezes, e – zap – um homem falando. Um homem, abraçado à guitarra elétrica, fala a uma entrevistadora. É um roqueiro. É meio velho, tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

É sobre mim que **ele** fala. Você tem um filho, não tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido – situação pouco admissível para um roqueiro de verdade –, diz que sim, que tem um filho só que não vê há muito tempo. Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha que fazer uma opção, era a família ou o *rock*. A entrevistadora, porém, insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de *rock*? Que você saiba, seu filho gosta de *rock*?

Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso à desbotada **camisa**, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de baixíssima audiência – e ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embaraça e à qual não sabe responder. E então ele me olha. Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente é isso; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que, em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta à pergunta da apresentadora: você gosta de *rock*? Você gosta de mim? Você me perdoa? – mas aí comete um engano mortal: insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro. Seu rosto se ilumina e ele vai dizer que sim, que seu filho ama o *rock* tanto quanto ele, mas nesse momento – zap – aciono o controle remoto e ele some. Em **seu lugar**, uma bela e sorridente jovem que está – à exceção do pequeno relógio que usa no pulso – nua, completamente nua.

SCLIAR, Moacyr. Zap. In: MORICONI, Ítalo. (Org.) *Os cem melhores contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 547-548. Adaptado.

Assinale a alternativa que estabelece uma relação correta entre um pronome ou expressão e aquilo a que se refere no texto.

a) o qual – um instrumento

b) isso – sofrimento da mãe do personagem

c) ele – desenho

d) lhe – camisa

e) seu lugar – lugar do *rock*

16. UCS-RS

A ditadura da opinião

O direito de opinar é fundamental em uma democracia, assim como em qualquer forma de convívio na qual a verdade não seja imposta pelo mais forte. A **liberdade para opinar** é sempre ameaçada em laços totalitários, quando não se quer saber de nada que esteja em desacordo com o discurso oficial. Uma opinião é fato subjetivado: com **ela**, alguém se posiciona em relação a algo, colore um dado com as tintas de sua experiência.

Tenho a impressão, porém, de que andamos um pouco levianos com nosso **direito de opinar**. O “eu acho” vem ocupando lugares onde não é chamado e até mesmo onde não faz nenhum sentido. É cada vez mais frequente **seu** uso para desconsiderar a fala do outro, mesmo quando este é mais qualificado para opinar sobre uma questão, elevando-nos a soberanos da razão pelo simples fato de que a opinião é nossa. Isso quando não é usada para negar fatos, como se a opinião se sobrepusesse, em valor, a evidências e consensos. Como chegamos a esse uso quase delirante da opinião?

Um **elemento** é o individualismo do nosso laço social, **que** não apenas naturaliza, mas promove o egoísmo. O que importa é o que queremos e quando queremos; a publicidade nos vende essa ilusão, assim como livros de autoajuda e a ideia do “querer é poder”. Essa inflação do nosso **tamanho** é o avesso do **sentimento de impotência que** secretamente carregamos, pequenos diante de um mundo **do qual** temos de dar conta – sozinhos. Assim, opinar é uma forma de tentar se engrandecer, de fazer jus a esse tamanho que acabamos acreditando ter.

O mundo, de fato, tornou-se mais complexo – ou, ao menos, temos mais notícias dessa complexidade. Os meios de comunicação e, sobretudo, a internet, nos apresentaram a dados, elementos, discursos e questões em que antes não pensávamos. Há uma constante tensão entre diferentes leituras dos fatos e do mundo, e isso convoca a uma tomada de posição. Opinar é, nesse sentido, marcar um lugar no mundo, já que não contamos com lugares preestabelecidos e perenes, mas sim móveis e cambiantes.

A internet também reforçou esse empuxo a opinar ao permitir que qualquer um publique o que pensa em condição de igualdade. Se, por um lado, isso possibilitou que outras vozes fossem escutadas, produzindo fissuras nos discursos hegemônicos, por outro, tirou do âmbito da intimidade opiniões antes consideradas inaptas a serem veiculadas. Umberto Eco denunciou isso ao dizer que as redes sociais deram voz a uma legião de imbecis, por dar legitimidade a opiniões no mínimo questionáveis.

A liberdade de opinar pode facilmente se transformar em uma opressora obrigação, se nos sentimos coagidos a nos posicionar o tempo todo. Opinar, no entanto, não pode ser um exercício banal de voluntarismo, pois formar opinião

implica escuta, leitura, diálogo, conflito – e isso requer tempo e esforço. Nossa época imediatista não nos dá esse tempo de bandeja: é preciso um esforço para cavá-lo e não se deixar tomar pela urgência de opinar. Não emitir uma opinião não é necessariamente sinal de ignorância, isenção ou anulação; talvez seja justamente essa uma tomada de posição que, em muitas ocasiões, estejamos precisando reaprender.

GLEICH, Paulo. *GaúchaZH*, 14 maio. 2016.
Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br>>.
Acesso em: jan, 2019. Adaptado.

Com base no texto, é correto afirmar que

- a) o pronome **ela** retoma, no texto, **liberdade para opinar**.
- b) o pronome **seu** retoma, no texto, **direito de opinar**.
- c) o pronome **que** retoma, no texto, **elemento**.
- d) o pronome **que** retoma, no texto, **sentimento de impotência**.
- e) o fragmento **do qual** retoma, no texto, **tamanho**.

17. IBMEC-SP

De repente, uma variante trágica

Aproxima-se a **seca**.

O **sertanejo** adivinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo.

Entretanto não foge logo, abandonando a terra a pouco e pouco invadida pelo limbo candente que irradia do Ceará.

[...]

Os sintomas do flagelo despontam-lhe, então, encadeados em série, sucedendo-se inflexíveis, como sinais comemorativos de uma moléstia cíclica, da estação assombrosa da Terra. [...] E ao descer das tardes, dia a dia menores e sem crepúsculos, considera, entristecido, nos ares, em bandos, as primeiras aves emigrantes, transvoando a outros climas...

É o **prelúdio da desgraça**.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Adaptado.

No texto, os pronomes exercem relevante função, organizando as referências, necessárias para uma leitura produtiva das informações. Nas passagens “Os sintomas do flagelo despontam-**lhe**, então, encadeados em série...” e “**Vê-o** acentuar, num crescente, até dezembro.”, os pronomes em destaque têm como referentes, respectivamente,

- a) sertanejo e prelúdio da desgraça.
- b) narrador e sertanejo.
- c) sertanejo e narrador.
- d) seca e prelúdio da desgraça.
- e) narrador e inverno benfazejo.

ESTUDO PARA O ENEM

18. USF-SP

C6-H18

Arqueólogos descobrem uma dinastia feminina pré-colombiana

Análises de DNA acabam de revelar um caso relativamente raro de poder feminino numa das sociedades mais enigmáticas da América pré-colombiana.

No túmulo que abrigava a elite de Pueblo Bonito, cidade-la com cerca de mil anos de idade construída no deserto do Novo México (EUA), só podiam ser enterradas pessoas que pertenciam a uma dinastia materna específica, afirmam pesquisadores.

Combinando datações relativamente precisas, **por meio** do método do carbono-14, com as análises genéticas, Douglas Kennett, do Departamento de Antropologia da Universidade do Estado da Pensilvânia (EUA), e seus colegas conseguiram reconstruir **como** as governantes (e seus consortes homens) de Pueblo Bonito teriam solidificado seu domínio da área ao longo dos séculos.

Os pesquisadores conseguiram obter mtDNA (DNA mitocondrial, presente nas mitocôndrias, as usinas de energia das células) de nove dos 14 indivíduos exumados na cripta. O mtDNA só é transmitido de mãe para filha ou

filho, diferentemente do DNA do núcleo das células. Foi então que veio a primeira surpresa: todas as nove pessoas tinham mtDNA praticamente idêntico, indicando que compartilhavam uma ancestral pelo lado materno.

Poderiam ser nove filhas e filhos de uma mesma mãe? Não, porque as datações indicavam que os enterros na cripta foram acontecendo de forma gradual, ao longo de alguns séculos.

Foi possível, a seguir, fazer análises ainda mais refinadas de DNA – incluindo aí o DNA do núcleo – em seis dos esqueletos. Eram três mulheres e três homens, mostraram os dados genéticos. Desses, quatro eram parentes próximos entre si: uma mulher que morreu na casa dos 40 anos e um homem que morreu por volta dos 30, que seriam avó e neto; e uma mulher de 45 anos e uma jovem de 25, que devem ter sido mãe e filha. Por outro lado, o primeiro morto da linhagem a ser enterrado ali era do sexo masculino e morreu aos 40, com uma pancada na cabeça.

“O poder e a influência política **nessa** sociedade estavam associados à linhagem materna, de forma que tanto homens quanto mulheres compartilhavam poder e influência”, **desde que** pertencessem ao clã feminino “nobre”, explica Kennett.

Se a inferência estiver correta, isso significa que os habitantes de Pueblo Bonito talvez tenham deixado descendentes entre os atuais indígenas do sudoeste dos EUA, **apesar de** terem abandonado seus assentamentos faraônicos antes da chegada dos europeus.

É que, entre as tribos atuais Hopis e Zunis, as linhagens ainda são determinadas pelo lado materno, e não pelo lado paterno. Quando um homem se casa, por exemplo, os filhos que gera com a mulher são considerados membros da linhagem dela, e não da dele (seria como se levassem o “sobrenome” da mãe).

LOPES, Reinaldo José. *Folha de S.Paulo*, 25 fev. 2017. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: jan. 2019.

Para construir um texto, utilizamos certas estruturas que conferem a ele coesão e progressão. Assinale a alternativa que faz uma análise correta sobre os operadores de coesão sublinhados no texto.

- A locução conjuntiva “desde que” estabelece uma relação temporal no trecho em que aparece.
- A locução prepositiva “por meio” pode ser substituída por “através” sem incorreção gramatical.
- O advérbio interrogativo “como” funciona como um pronome relativo, introduzindo uma oração adjetiva.
- A contração “nessa” poderia ser substituída por “nesta” sem incorreção semântica ou gramatical.
- O nexos “apesar de” veicula ideia concessiva e indica uma quebra de expectativa sobre o evento.

19. Unemat-MT

C6-H18

Para abordar o direito dos **índios** a uma educação diferenciada, a **Constituição de 1988** se impõe como o grande marco. Foi a partir **dela** que se reconheceu aos **índios** o direito de permanecerem **índios** e terem suas tradições e modos de vida respeitados e protegidos pelo Estado brasileiro. Com a **sua** promulgação, rompe-se com a tradição legislativa e administrativa que procurava incorporar os **índios** à comunhão nacional, pois **os** concebia como categoria étnica e social transitória, **a quem** cabia um único destino: seu desaparecimento cultural. A Constituição de 1988 inaugurou uma nova fase no relacionamento dos **povos indígenas** com o Estado e com a sociedade brasileira, reconhecendo **suas** organizações sociais, costumes, línguas, crenças e tradições, e atribuindo ao Estado o dever de respeitar e proteger as manifestações das culturas indígenas.

GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. Educação em Contexto da Diversidade Étnica: os povos no Brasil. In: RAMOS, Marise N.; ADÃO, Jorge M.; NASCIMENTO, Graciete Maria. *Diversidade na educação: reflexões e experiências*. Brasília: Secretaria de Educação Média e tecnológica, 2003. p.115. Adaptado.

Para manter a coerência do texto, alguns elementos de coesão foram empregados na sua escrita, como os termos em negrito. Seguindo a enumeração dada a eles, considera-se que:

- a) Dela, sua e a quem** são elementos coesivos que retomam “Constituição de 1988”.
- b) Dela e sua** são elementos coesivos que retomam “Constituição de 1988”; os demais termos em negrito se referem e retomam “índios”/“povos indígenas”.
- c) Sua e suas** são elementos coesivos que retomam “Constituição de 1988”.
- d) Sua** é um elemento coesivo que se refere a “vida”.
- e) A quem** é elemento coesivo que se refere a “Constituição”.

20. Enem

C6-H18

E se a água potável acabar? O que aconteceria se a água potável do mundo acabasse?

As teorias mais pessimistas dizem que a água potável **deve** acabar logo, em 2050. Nesse ano, ninguém mais tomará banho todo dia. Chuveiro com água só duas vezes por semana. Se alguém exceder 55 litros de consumo (metade do que a ONU recomenda), seu abastecimento será interrompido. Nos mercados, não haveria carne, pois, se não há água para você, imagine para o gado. Gastam-se 43 mil litros de água para produzir 1 kg de carne. Mas, não é só ela que faltará. A Região Centro-Oeste do Brasil, maior produtor de grãos da América Latina em 2012, não conseguiria manter a produção. Afinal, no país, a agricultura e a pecuária são, hoje, as maiores consumidoras de água, com mais de 70% do uso. Faltariam arroz, feijão, soja, milho e outros grãos.

SOEIRO, Raphael. *Superinteressante*, 24 jun. 2012. Disponível em: <https://super.abril.com.br>. Acesso em: 30 jul. 2012.

A língua portuguesa dispõe de vários recursos para indicar a atitude do falante em relação ao conteúdo de seu enunciado. No início do texto, o verbo “dever” contribui para expressar:

- uma constatação sobre como as pessoas administram os recursos hídricos.
- a habilidade das comunidades em lidar com problemas ambientais contemporâneos.
- a capacidade humana de substituir recursos naturais renováveis.
- uma previsão trágica a respeito das fontes de água potável.
- uma situação ficcional com base na realidade ambiental brasileira.

46

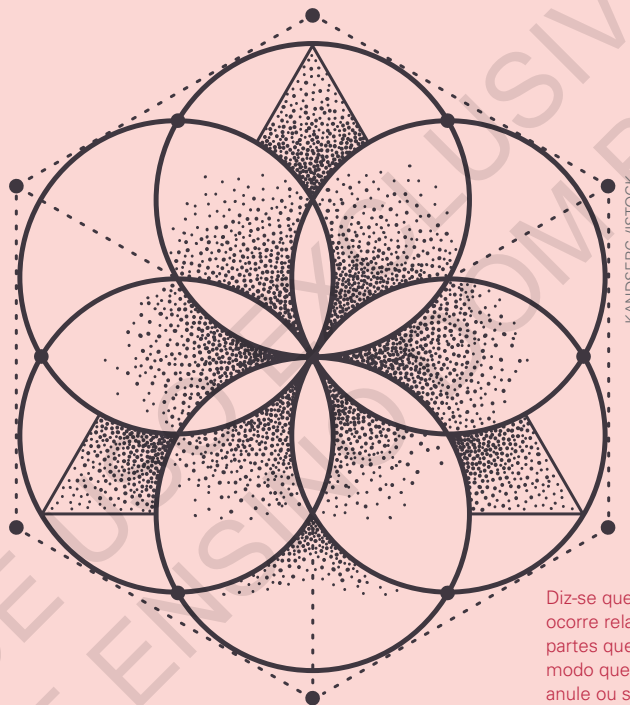
COERÊNCIA

Coerência

- Coerência
- Níveis de coerência
- Coerência narrativa
- Coerência argumentativa
- Coerência figurativa
- Coerência temporal
- Coerência no nível da linguagem
- Tipos de coerência
- Coerência sintática
- Coerência semântica
- Coerência pragmática
- Coerência temática
- Coerência estilística
- Coerência genérica

HABILIDADES

- Identificar aspectos morfosintáticos e semânticos nos usos da língua.
- Reconhecer os efeitos de sentido decorrente da exploração de recursos morfosintáticos.
- Demonstrar o domínio da linguagem em situações de interação social e exercício da cidadania.
- Reconhecer os usos da norma-padrão nas diferentes situações de comunicação.



Diz-se que há coerência quando ocorre relação harmônica entre as partes que compõem um todo, de modo que uma informação não anule ou seja paradoxal à outra.

Coerência é a relação lógica entre as partes que compõem um todo. Textualmente, ocorre quando os enunciados de um discurso devem ser compreensíveis, contínuos e entrelaçados, de forma a proporcionar ao leitor uma ideia precisa, clara, objetiva.

Um texto coerente, portanto, é bem organizado e sem conflitos em termos de ideias, expressões e formas de escrita, favorecendo o completo entendimento do conteúdo, do tema e da finalidade.

LEITURA COMPLEMENTAR

Coerência vs. coesão

Nos tempos pioneiros da Linguística textual, a textualidade (a qualidade de ser um texto) foi explicada a partir da textura, i.e., da rede coesa de ligações [em inglês, *ties*] entre os elementos do discurso. Foram mencionados cinco sistemas de recursos linguísticos que, segundo estudos, contribuem para essa rede: os sistemas da referência, da substituição, da elipse, da conjunção e da *coesão* lexical. Nesse mo-

mento, era usado o termo coesão como nominalização do verbo *coerir*. Não era feita distinção entre coesão e coerência. Afirmava-se que o conceito de coesão é de natureza semântica; referindo-se a relações de sentido existentes no interior do texto, as quais o definem como texto.

Apesar de definida semanticamente, a coesão foi analisada principalmente sob o ângulo dos recursos formais, i.e., como parte do componente textual (estrutural) do sistema semântico.

Posteriormente, foi retomado o termo coesão, mas reinterpretado de uma maneira que desde então foi amplamente divulgada na bibliografia sobre Linguística textual. Por *coesão*, entenderam a conexão puramente formal do texto, que se materializa na ocorrência de determinados recursos gramático-lexicais. O termo *coerência*, por outro lado, ficou reservado para a conexão semântico-conceitual. Coesão e coerência, nesse modelo, são dois dos sete assim chamados critérios da textualidade, que devem ser satisfeitos por um conjunto de signos para que esse possa ser considerado um texto legítimo. O conceito de texto legítimo, por sua vez, é definido em termos pragmáticos, a saber, em função da sua comunicatividade. Outros critérios da textualidade são a intencionalidade, a aceitabilidade e a situacionalidade, todos eles também fatores pragmáticos.

Ingedore V. Koch, a mais importante promotora da Linguística textual no Brasil, define coesão como uma qualidade formal do texto, a saber, “o fenômeno que diz respeito ao modo como os elementos linguísticos presentes na superfície textual se encontram interligados”. O conceito de coerência, por outro lado, “diz respeito ao modo como os elementos subjacentes à superfície textual vêm a constituir, na mente dos interlocutores, uma configuração veiculadora de sentidos”. A autora afirma que “sempre que se faz necessário algum tipo de cálculo a partir dos elementos expressos no texto [...] já se está no campo da coerência”. Isso acontece, segundo ela, “na absoluta maio-

ria dos casos”. O termo cálculo, nesse contexto, remete a operações cognitivas, i.e., inferências, da parte do receptor. Ingedore V. Koch discute também as assim chamadas “zonas de intersecção” entre coesão e coerência. A discussão mostra que os recursos coesivos clássicos, como pronomes, conectores e os demais, levam todos a inferências e devem, portanto, ser classificados como recursos de coerência. Talvez os únicos recursos coesivos puramente formais sejam recursos fônicos e gráficos como rima, aliteração, assonância etc. Mas até mesmo esses costumam desencadear inferências na mente do receptor e levar a efeitos de sentido.

De acordo com essa observação, pode ser formulada a seguinte tese, acerca da relação entre coerência e coesão:

A coerência abrange qualquer tipo de conexão que possa ser percebida no momento da decodificação de um conjunto de signos. A coesão, por sua vez, é um tipo particular de coerência, a saber, a conexão formal entre os componentes da superfície de expressão signo.

É importante ressaltar que a conexão formal estabelecida por recursos como rima, aliteração, assonância etc. se baseia principalmente em recorrências e repetições, que geram uma certa uniformidade na superfície de expressão signo.

BLÜHDORN, Hardarik. Coerência no discurso e na cognição. In: *Cadernos de Letras. Língua estrangeira em sala de aula: da ficção à realidade*. n. 24. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

A coerência pode apresentar diversos níveis e tipos, conforme será visto a seguir.

NÍVEIS DE COERÊNCIA

Quanto ao nível, a coerência pode ser: narrativa, argumentativa, figurativa, temporal e com relação ao nível da linguagem.

Coerência narrativa

Há coerência narrativa quando as ações acontecem num tempo sucessivo, de forma que ações posteriores dependam das anteriores, verificando-se, portanto, o respeito às implicações lógicas entre as partes da narrativa.

Em outras palavras, cada ação obedece a um tempo que permite conhecer a ordem dos acontecimentos sem contradições.

Desceram a ladeira, **atravessaram** o rio seco, **tomaram** rumo para o sul. Com a fresca da madrugada, **andaram** bastante, em silêncio, quatro sombras no caminho estreito coberto de seixos miúdos - os meninos à frente, conduzindo trouxas de roupa, Sinhá Vitória sob o baú de folha pintada e a cabaça de

água, Fabiano atrás, de facão de rasto e faca de ponta, a cuia pendurada por uma correia amarrada ao cinturão, o aió a tiracolo, a espingarda de pederneira num ombro, o saco da matalotagem no outro. **Ca-minharam** bem três léguas antes que a barra do nascente aparecesse. **Fizeram** alto. E Fabiano **depôs** no chão parte da carga, **olhou** o céu, as mãos em pala na testa. **Arrastara-se** até ali na incerteza de que aquilo fosse realmente mudança. **Retardara-se** e **repreendera** os meninos, que se adiantavam, **aconselhara-os** a poupar forças.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

Exemplo de incoerência narrativa:

O trabalhador braçal manuseava uma motosserra 051 pra derrubar uma árvore. O acidente aconteceu em Tarauacá. **De acordo com a vítima**, ele perdeu o equilíbrio e caiu com a motosserra na mão. A máquina atingiu o pescoço do trabalhador, **que teve morte** instantânea.

A GAZETA DO ACRE. Acidentalmente, trabalhador braçal é degolado por motosserra, em Tarauacá, 28 jul. 2011. Adaptado.

Coerência argumentativa

Há coerência argumentativa quando são lógicas as relações que se estabelecem entre pressupostos ou afirmações explícitas no texto e as conclusões decorrentes destes.

Deve-se pontuar, de início, que **o aparato estatal brasileiro é ineficiente no que diz respeito à formação educacional de surdos no país, bem como promoção da inclusão social desse grupo**. Quanto a essa questão, é notório que o sistema capitalista vigente exige alto grau de instrução para que as pessoas consigam ascensão profissional. **Assim, a falta de oferta do ensino de libras nas escolas brasileiras e de profissionais especializados na educação de surdos dificulta o acesso desse grupo ao mercado de trabalho**. Além disso, há a falta de formas institucionalizadas de promover o uso de libras, o que contribui para a exclusão de surdos na sociedade brasileira.

SOUZA, Larissa Fernandes Silva de. Enem 2017: leia redações nota mil, mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/>>. Acesso em: fev. 2019.

Exemplo de incoerência argumentativa:

Para ser feliz, o homem deve buscar paz, amor e amizade, mas as pessoas são muito desleais, por isso não se deve confiar em ninguém.

O discurso inicial é negado pela conclusão, gerando incoerência.

Coerência figurativa

Há coerência figurativa quando ocorre compatibilidade entre temas e figuras ou de figuras entre si, ou seja, as figuras devem se encadear num percurso, para manifestar um determinado tema.

Exemplo de incoerência figurativa:



Coerência temporal

Há coerência temporal quando são respeitadas as leis da sucessividade dos eventos, de modo que exista compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo.

De madrugada, acordei com o barulho de batidas na porta. Era a vizinha. A gente mal se conhecia, porque tinha se mudado para o bairro havia pouco tempo. Ouvi quando meu pai atendeu. Falaram rapidamente. Estava chamando para atender um telefonema urgente. Meu pai saiu. Estranhei o telefonema ter sido dado para a casa da vizinha, tão tarde da noite. Fechei os olhos. Tentei dormir mais um pouco. Não consegui. Fiquei me revirando na cama. Alguma coisa estava acontecendo! Ninguém telefona para ninguém de madrugada. Ainda mais na casa da vizinha! Devia ser alguém que não tinha nosso telefone. O número fora trocado há pouco tempo. Nosso nome não constava da lista. **Mais tarde** descobri que tinham achado o da vizinha pelo endereço. Na hora, a palavra urgente martelava minha cabeça. Urgente! O que podia ser urgente? Fiquei na cama, de olhos abertos, curioso. **Dali a pouco** meu pai entrou, apressado.

— Guilherme, levanta depressa. Sua mãe e sua irmã sofreram um acidente na estrada. Vou deixar você na casa da vizinha.

CARRASCO, Walcyr. *Estrelas tortas*. São Paulo: Moderna, 2018.

Exemplo de incoerência temporal:

***Ontem foi** dia de feijoada. Portanto, **pedirei** à cozinheira que **selecione** o feijão preto antes de cozinhá-lo.*

Coerência no nível da linguagem

Há coerência no nível da linguagem quando ocorre a compatibilidade do ponto de vista da variante linguística escolhida, em nível do léxico e da organização sintática utilizada no texto.

Eu confesso: sempre gostei de **encher linguíça**. E devo admitir, modéstia lá longe, sou boa nisso. Na escola, meu lema era: “Deixar a questão em branco jamais!”. Como **colar nunca foi a minha praia**, toda vez que não sabia alguma coisa eu **enrolava** com categoria. Com o passar dos anos, tornei-me uma referência no colégio na arte de **encher linguíça**.

Cheguei a dar palestra para alguns colegas, para tentar ensiná-los a **enrolar**:

Para **encher linguíça** é preciso ter disposição e **cara de pau**. E é preciso, acima de tudo, que vocês acreditem em vocês, acreditem no seu poder de **embromação**. Mais que isso, é preciso acreditar que sua **encheção de linguíça** é uma séria tentativa de convencer o professor de que a sua resposta é mais certa do que a resposta certa.

REBOUÇAS, Thalita. *Fala sério, professor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

Exemplo de incoerência no nível da linguagem:

*Durante a audiência, o autor da ação se dirigiu ao juiz:
— Vamos parar de lero-lero e anunciar logo essa
sentença, chefia?*

TIPOS DE COERÊNCIA



A coerência sintática ocorre quando há adequação sintática entre os elementos que compõem a frase.

Coerência sintática

A coerência sintática diz respeito à adequação entre os elementos que compõem a frase, tal qual a ordem como são dispostos, a seleção lexical, a coesão e as regras de concordância e de regência. Sua principal função é eliminar estruturas ambíguas, assim como o uso inadequado dos conectivos, elementos indispensáveis para a coesão textual.

A casa apresentava a frente às colinas. Entrava-se nela [na casa] por um lindo alpendre todo enredado de flores trepadeiras, **ao qual** [ao alpendre] subia-se por uma escada de cantaria de seis a sete degraus. **Os fundos** [da casa] eram ocupados por outros edifícios acessórios, senzalas, pátios, currais e celeiros, por trás **dos quais** [dos edifícios acessórios] se estendia o jardim, a horta, e um imenso pomar, **que** [o imenso pomar] ia perder-se na barranca do grande rio.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. São Paulo: FTD, 2015. Fragmento.

Exemplo de incoerência sintática:

A criança é sempre muito educada, por isso fez malcriação na frente das visitas.

Coerência semântica

A coerência semântica é estabelecida entre os significados dos elementos do texto, ou seja, refere-se à relação entre os significados dos elementos das frases em sequência.

Os cavaleiros subiram o alto, foram apaar na porta da fazenda. Ai o pajem **desencilhou os animais**, entregou lanudo matulão de pele de carneiro a uma crioula, despiu a vestia e as perneiras, **recolheu os arreios a um quarto contíguo à habitação** e saiu puxando o burro e o cavalo, caminho ao rio.

PAIVA, Manuel de Oliveira. *Dona Guiúinha do Poço*. São Paulo: Poeteiro, 2014. Fragmento.

Exemplo de incoerência semântica:

Quando começou o desfile, os fotógrafos se afastaram para fotografar a modelo com mais detalhes.

Coerência pragmática

A coerência pragmática acontece quando as condições do contexto são favoráveis à comunicação dos interlocutores, sem impedimentos para a compreensão mútua. Por exemplo, quando fazemos uma pergunta para um interlocutor, a coerência pragmática exige que ele elabore uma resposta, dando sequência então aos atos de fala e à comunicação.

Augusto ergueu-se, ouvindo a voz de Leopoldo que o esperava na praia.

Bem-vindo sejas, Augusto. Não sabes o que tens perdido...

Então... muita gente, Leopoldo?...

Não: pouca, mas escolhida.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. São Paulo: DCL, 2013.

Exemplo de incoerência pragmática:

Por favor, onde fica a avenida Paulista?

O ônibus para a praia está muito atrasado hoje.

LEITURA COMPLEMENTAR



DRAFTER123/ISTOCK

Em uma situação de comunicação, validando as condições de textualidade, o receptor da mensagem interpreta um texto como bem formado ou não.

O papel do receptor na construção da coerência

É também importante notar que no processo de *coerência* está sempre presente a noção de interlocução. As condições de textualidade apenas colocam um certo número de condições que um texto deve satisfazer para ser re-

conhecido como bem formado, por um dado receptor, numa dada situação. E, para que um leitor julgue um texto contraditório ou não, é preciso que as seguintes condições sejam satisfeitas:

1) é preciso que ele, leitor, julgue se a sequência em questão se refere, ou não, ao mundo ordinário.

2) é preciso que ele, leitor, verifique se no mundo ao qual a sequência em questão se refere, X é verdadeiro ou falso.

Em outras palavras, certos julgamentos de coerência dependem das convicções do receptor sobre certos aspectos do mundo interpretado, sendo que esse sujeito-receptor sabe que o texto que interpreta ou avalia é um processo de emissão específico, centrado sobre um assunto inscrito numa situação precisa da qual pode, ou não, conhecer certos componentes. Reconhece-se, assim, que a ocorrência das condições de textualidade está sujeita a aspectos da situação de comunicação que, na realidade, sozinhas, não dão conta das condições que um texto deve satisfazer para ser considerado como bem formado, não são suficientes para explicar os fatos relativos a um texto.

BASTOS, Lucia Kopschitz. *Coesão e coerência em narrativas escolares escritas*. Campinas-SP, 1984. Dissertação – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

Coerência temática

A coerência temática determina que todos os enunciados devem ser convergentes com o tema, com exceção das inserções explicativas, como citações e paráfrases.

Um grito agudo, de mulher, ecoa no vale. Animaizinhos imobilizam-se assustados. Outro grito. E mais outro. Uma sucessão de gritos — e depois o silêncio, de novo. [...]

É minha mãe quem grita: está dando à luz. Ajuda-na as duas filhas e uma velha parteira das redondezas. Há horas está em trabalho de parto, mas nada de o bebê descer. Está esgotada, quase desfalecida. Não aguento mais, murmura. A parteira e as meninas se olham, ansiosas. [...]

Os gritos cessam. Há um momento de silêncio — meu pai levanta a cabeça e logo um choro de criança. O rosto dele se ilumina:

— É homem! Aposto que é homem! Pelo choro, só pode ser homem!

Novo grito. Desta vez um berro selvagem, de horror. Meu pai se põe de pé, num salto. Fica um instante imóvel, aturdido. E corre para o quarto.

A parteira vem-lhe ao encontro, o rosto salpicado de sangue, os olhos arregalados: ah, seu Leão, não sei o que aconteceu, nunca vi uma coisa dessas, a culpa não é minha, lhe garanto, fiz tudo direitinho.

Meu pai olha ao redor, sem compreender. As filhas estão encolhidas num canto, apavoradas, soluçando. Minha mãe jaz sobre a cama, estuporada. Mas o que está acontecendo aqui, grita meu pai, e é então que me vê.

Estou deitado sobre a mesa. Um bebê robusto, corado; choramingando, agitando as mãozinhas — uma criança normal, da cintura para cima. Da cintura para baixo: o pelo de cavalo. As patas de cavalo. A cauda, ainda ensopada de líquido amniótico, de cavalo. Da cintura para baixo, sou um cavalo. Sou — meu pai nem sabe da existência desta entidade — um centauro. Centauro.

SCLIAR, Moacyr. *O centauro no jardim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Fragmento.

Exemplo de incoerência temática:

Fui ao cinema ontem à noite, mas não havia mais picanha, então a formatura será às vinte horas no cemitério mesmo.

Coerência estilística

A coerência estilística exige que, ao longo de um texto, um único registro de linguagem seja mantido. Se a linguagem formal for contemplada, ela deverá ser preservada até o final da composição, o mesmo serve para a linguagem coloquial.

Helena tinha a carta na mão esquerda; instintivamente a amarrotou como para escondê-la melhor. Estácio, a quem não escapou o gesto, perguntou-lhe rindo se era alguma nota falsa.

— Nota verdadeira, disse ela, alisando tranquilamente o papel, e dobrando-o conforme recebera; é uma carta.

— Segredos de moça?

— Quer lê-la? Perguntou Helena, apresentando-lhe. Estácio fez-se vermelho e recusou com um gesto. Helena dobrou lentamente o papel e guardou-o na algibeira do vestido. A inocência não teria mais puro rosto; a hipocrisia não encontraria mais impassível máscara. Estácio contemplava-a, a um tempo envergonhado e suspeito; a carta fazia-lhe cócegas; o olhar ambicionava ser como o da Providência que penetra nos mais íntimos refolhos do coração.

ASSIS, Machado de. *Helena*. Porto Alegre: L&PM, 1999. Fragmento.

Exemplo de incoerência estilística:

Apresento à V. Exa. e à família enlutada os meus mais sinceros pêsames, e bola pra frente que rapadura é doce, mas não é mole não.

Coerência genérica

A coerência genérica é a escolha adequada do gênero textual de acordo com o conteúdo anunciado.

A ruptura com esse padrão só é admitida nos textos que adotam a linguagem literária, nos quais é comum encontrar determinado gênero apresentando características próprias de outros gêneros, fenômeno que chamamos de hibridismo linguístico.

7-XII-1925

Pessoal,

O Viriato manda pedir retratos. Se vocês têm mandem. Eu devo honestamente confessar que não mandei o meu porque detesto focinho em cima de jornal. Acho besta. Porém isso é sensibilidade doentia e muito pessoal, reconheço. Mandem, ou escrevam pra ele, Viriato Correia, redação da *Noite*, falando por que não mandam.

A história deve começar talvez dia 14. O Viriato quer sempre ter com antecedência uma semana de artigos na mão. Por isso não se esqueçam de mandar sempre com muita antecedência os escritos e registrados por causa [...] do nosso Correio. Ando melhorzinho e com saudades.

Ciao.

Mário

ANDRADE, Mário de. A lição do amigo: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade. In: _____. *Notas e apresentação de Carlos Drummond de Andrade*. Rio de Janeiro: Record, 1988. Fragmento.

Exemplo de incoerência genérica:

Venho, perante V. Exas., apresentar o seguinte abaixo-assinado:

Ontem à noite, minha amiga chegou de viagem e me telefonou. Disse que aproveitou bastante as férias e pegou um senhor bronzeado. Convidou-me para passar o fim de semana com ela lá no sítio. Eu posso, mãe?

ROTEIRO DE AULA

COERÊNCIA

A coerência é caracterizada como

a relação harmônica entre as partes que compõem um todo, de modo que uma informação não anule ou seja paradoxal à outra

e pode ser classificada quanto ao

nível

de coerência como

coerência narrativa:

as ações narradas obedecem a um tempo que permite conhecer a ordem dos acontecimentos sem contradições.

coerência argumentativa:

são lógicas as relações estabelecidas entre pressupostos ou afirmações explícitas e as conclusões decorrentes destes.

coerência figurativa:

ocorre compatibilidade entre temas e figuras ou de figuras entre si, ou seja, as figuras devem se encadear num percurso, para manifestar um determinado tema.

coerência no nível da linguagem:

são respeitadas as leis da sucessividade dos eventos, de modo que exista compatibilidade entre os enunciados do texto, do ponto de vista da localização no tempo.

coerência temporal:

ocorre a compatibilidade do ponto de vista da variante linguística escolhida, em nível do léxico e da organização sintática utilizada no texto.

ROTEIRO DE AULA

tipo

de coerência como

coerência sintática:

adequação entre os elementos que compõem a frase, tal qual a ordem como são dispostos, a seleção lexical, a coesão e as regras de concordância e de regência.

coerência semântica:

é estabelecida entre os significados dos elementos do texto, ou seja, refere-se à relação entre os significados dos elementos das frases em sequência.

coerência pragmática:

as condições do contexto são favoráveis à comunicação dos interlocutores, sem impedimentos para a compreensão mútua.

coerência temática:

determina que todos os enunciados devem ser convergentes com o tema, com exceção das inserções explicativas, como citações e paráfrases.

coerência estilística:

exige que, ao longo de um texto, um único registro de linguagem (formal ou informal) seja mantido.

coerência genérica:

é a escolha adequada do gênero textual de acordo com o conteúdo anunciado.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Fadi-SP

Livro conta caso de formigas condenadas por roubar farinha

Milhares de formigas acusadas de retirar farinha sorrateiramente da despensa de frades capuchinhos, em São Luís (MA), foram processadas por furto e danos ao edifício.

Segundo a acusação, os túneis subterrâneos escavados pelos insetos poderiam colocar em risco a estrutura do convento. Os frades queriam a expulsão das formigas. O julgamento – que aconteceu em 1706, em um tribunal eclesiástico na província do Maranhão – é narrado agora pelo juiz José Eulálio Figueiredo de Almeida no livro *O Processo das Formigas*.

Ele conta que escreveu o livro para mostrar as mudanças ocorridas no Direito e na Igreja ao longo desses 300 anos. “Antigamente, era comum animais ou objetos serem processados. E a Igreja era a que mais processava animais”, diz.

Na época, não havia o entendimento de que os animais não tinham consciência do certo ou errado, e, como criaturas de Deus, os bichos eram submetidos ao julgamento da Igreja. Na história, há casos de ratos excomungados e de animais venenosos banidos por ordem de bispos. Para escrever o livro, Almeida pesquisou documentos que citavam o processo, já que o original desapareceu.

O tribunal eclesiástico chegou a nomear um defensor para as formigas, que argumentou que elas não eram malditas, como dizia o processo, nem ladras, pois agiam pela sobrevivência. Não adiantou: foram condenadas. Segundo o juiz, não se sabe se a sentença foi cumprida.

FREIRE, Sílvia. *Folha de S.Paulo*, 8 out. 2011. Adaptado.

Assinale a alternativa cuja frase expressa, correta e coerentemente, informações do texto.

- a) À medida que o defensor das formigas tenha afirmado que elas não eram ladras, foram condenadas; logo não se sabe se cumpriram a sentença.
- b) Ainda que o defensor das formigas tenha sustentado que elas não eram ladras, foram condenadas; todavia não se sabe se cumpriram a sentença.**
- c) Uma vez que o defensor das formigas tenha reiterado que elas não eram ladras, foram condenadas; portanto não se sabe se cumpriram a sentença.
- d) Embora o defensor das formigas tenha afiançado que elas não eram ladras, foram condenadas; de sorte que não se sabe se cumpriram a sentença.
- e) Caso o defensor das formigas tenha declarado que elas não eram ladras, foram condenadas; porém não se sabe se cumpriram a sentença.

De acordo com o texto, está correto afirmar que “Ainda que o defensor das formigas tenha sustentado que elas não eram ladras, foram condenadas; todavia não se sabe se cumpriram a sentença”, como comprova o seguinte trecho: “O tribunal eclesiástico chegou a nomear um defensor para as formigas, que argumentou que elas não eram malditas, como dizia o processo, nem ladras, pois agiam pela sobrevivência. Não adiantou: foram condenadas. Segundo o juiz, não se sabe se a sentença foi cumprida.”

2. Acafe-SC

Afinal, o que é o fascismo?

Além de movimento, o fascismo tornou-se poder na Itália e na Alemanha no período entre guerras, sendo assim uma forma específica de regime político do Estado capitalista. Não qualquer regime, não qualquer ditadura, mas uma ditadura contrarrevolucionária com características bastante específicas, diferente, por exemplo, tanto de ditaduras oligárquicas, quanto da de Porfírio Díaz no México anterior à Revolução, quanto das ditaduras militares encontradas na América do Sul nos anos 1960-1980. Deste modo, chamar qualquer regime político ditatorial de “fascista” pode ser legítimo no plano da retórica política de seus opositores, mas do ponto de vista analítico denota desconhecimento.

Surgido das contradições oriundas da eclosão da Primeira Grande Guerra e do desafio da Revolução Russa de 1917, o fascismo constituiu-se como um movimento contrarrevolucionário, formado por uma base social na pequena burguesia, especialmente pela massa de ex-combatentes, que em países da Europa central foram recrutados pelas classes proprietárias que os financiaram para formarem grupos de bate-paus contra o movimento operário e a esquerda em geral. Enquanto movimento, o fascismo representou historicamente um oponente violento das organizações da esquerda, da classe operária e dos subalternos sociais, bancado pelas classes dominantes para eliminar, inclusive fisicamente, qualquer coisa que pudesse ser associada à ameaça de “contágio vermelho”. E por isso o sucesso dos movimentos fascistas associava-se também à capacidade desses movimentos convencerem amplos setores sociais de que o conjunto das esquerdas poderia ser enquadrado como “comunista” e, por conseguinte, “antipatriótico”. Assim, dos revolucionários anarquistas até os socialdemocratas mais reformistas, passando naturalmente pelos próprios comunistas, as esquerdas em geral foram alvo desses movimentos contrarrevolucionários.

Em suma, não é de hoje esse uso generalizado do termo “fascista” para se referir aos opositores políticos da esquerda, e nesse caso deveria ser um truísmo afirmar que, se chamamos tudo de “fascista”, esse termo perde sua força explicativa. Se é para de fato levarmos o fascismo a sério, esse caminho generalizante não ajuda.

Desde as Jornadas de Junho de 2013, no âmbito da esquerda [brasileira] mais uma vez o uso do termo fascista é abusivamente adotado para se referir, por exemplo, aos governos estaduais, à instituição Polícia Militar e mesmo ao governo federal. E como não lembrar do infeliz comentário da filósofa Marilena Chauí, diante de uma plateia da Academia da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro, em fins de agosto de 2013, quando caracterizou os “black blocs” como “inspirados no fascismo”?

MELO, Demian. *Sobre o fascismo e o fascismo no Brasil de hoje*. Disponível em: <<http://blogjunho.com.br>>. Acesso em: maio 2017. Adaptado.

Assinale a definição de “fascismo” que está coerente com a definição dada pelo texto.

- a) O fascismo é uma ditadura terrorista aberta, composta pelos elementos mais reacionários, mais chauvinistas, mais imperialistas do capital financeiro.
- b) Movimento contrarrevolucionário constituído por pequenos burgueses para se opor à classe operária**

e aos movimentos sociais mais radicais, entre os quais o comunismo.

- c) Após a Segunda Guerra Mundial, o fascismo foi paulatinamente passando a ser reduzido a uma ditadura do capital monopolista contra o resto da sociedade.
- d) O fascismo é definitivamente e absolutamente oposto às doutrinas do liberalismo, tanto na esfera econômica quanto na política.

A coerência com o texto, na definição do "fascismo," está presente em "Movimento contrarrevolucionário constituído por pequenos burgueses para se opor à classe operária e aos movimentos sociais mais radicais, entre os quais o comunismo", como comprova o seguinte trecho: "Surto das contradições oriundas da eclosão da Primeira Grande Guerra e do desafio da Revolução Russa de 1917, o fascismo constituiu-se como um movimento contrarrevolucionário, formado por uma base social na pequena burguesia, especialmente pela massa de ex-combatentes, que em países da Europa central foram recrutados pelas classes proprietárias que os financiaram para formarem grupos de bate-paus contra o movimento operário e a esquerda em geral. Enquanto movimento, o fascismo representou historicamente um oponente violento das organizações da esquerda, da classe operária e dos subalternos sociais, bancado pelas classes dominantes para eliminar, inclusive fisicamente, qualquer coisa que pudesse ser associada à ameaça de "contágio vermelho".

3. Ibmec-SP

Sempre desconfiei

Sempre desconfiei de narrativas de sonhos. Se já nos é difícil recordar o que vimos despertados e de olhos bem abertos, imagine-se o que não será das coisas que vimos dormindo e de olhos fechados... Com esse pouco que nos resta, fazemos reconstituições suspeitamente lógicas e pomos enredo, sem querer, nas ocasionais variações de um calidoscópio. Me lembro de que, quando menino, minha gente acusava-me de inventar os sonhos. O que me deixava indignado.

Hoje creio que ambas as partes tínhamos razão.

Por outro lado, o que mais espantoso há nos sonhos é que não nos espantamos de nada. Sonhas, por exemplo, que estás a conversar com o tio Juca. De repente, te lembras de que ele já morreu. E daí? A conversa continua.

Com toda a naturalidade.

Já imaginaste que bom se pudesses manter essa imperturbável serenidade na vida propriamente dita?

QUINTANA, Mário. *A vaca e o hipogrifo*. São Paulo: Globo, 1995.

Infer-se que a principal justificativa para a expressão contida no título e no primeiro período do texto é:

- a) Na reconstituição dos sonhos, a mente reorganiza de maneira coerente o que se consegue lembrar.
- b) Habitualmente, os sonhos apenas refletem a incoerência dos fatos naturais da vida.
- c) Tal como na montagem de um quadro com peças soltas e sem sentido, os sonhos são ilógicos.
- d) Os adultos não encaram com seriedade os sonhos das crianças, mesmo quando esses são coerentes.
- e) Sendo incapaz de recordar os sonhos, a mente humana inventa histórias fantasiosas.

O título do texto é "Sempre desconfiei" e o primeiro período assim diz: "Sempre desconfiei de narrativas de sonhos". Assim, a principal justificativa para o título e o primeiro período é que a mente reorganiza de forma coerente o que é lembrado na reconstituição dos sonhos.

4. FCC-SP

Os sonhos dos adolescentes

Se tivesse que comparar os jovens de hoje com os de dez ou vinte anos atrás, resumiria assim: eles sonham pequeno.

É curioso, pois, pelo exemplo de pais, parentes e vizinhos, nossos jovens sabem que sua origem não fecha seu destino: sua vida não tem que acontecer necessariamente no lugar onde nasceram, sua profissão não tem que ser a continuação da de seus pais. Pelo acesso a uma proliferação extraordinária de ficções e informações, eles conhecem uma pluralidade inédita de vidas possíveis.

Apesar disso, em regra, os adolescentes e os pré-adolescentes de hoje têm devaneios sobre seu futuro muito parecidos com a vida da gente: eles sonham com um dia a dia que, para nós, adultos, não é sonho algum, mas o resultado (mais ou menos resignado) de compromissos e frustrações. Eles são "razoáveis": seu sonho é um ajuste entre suas aspirações heróico-ecológicas e as "necessidades" concretas (segurança do emprego, plano de saúde e aposentadoria). Alguém dirá: melhor lidar com adolescentes tranquilos do que com rebeldes sem causa, não é? Pode ser, mas, seja qual for a qualidade dos professores, a escola desperta interesse quando carrega consigo uma promessa de futuro: estudem para ter uma vida mais próxima de seus sonhos. É bom que a escola não responda apenas à "dura realidade" do mercado de trabalho, mas também (talvez, sobretudo) aos devaneios de seus estudantes; sem isso, qual seria sua promessa? "Estude para se conformar"? Consequência: a escola é sempre desinteressante para quem para de sonhar.

É possível que, por sua própria presença maciça em nossas telas, as ficções tenham perdido sua função essencial e sejam contempladas não como um repertório arrebatador de vidas possíveis, mas como um caleidoscópio para alegrar os olhos, um simples entretenimento. Os heróis percorrem o mundo matando dragões, defendendo causas e encontrando amores solares, mas eles não nos inspiram: eles nos divertem, enquanto, comportadamente, aspiramos a um churrasco no domingo e a uma cerveja com os amigos.

É também possível (sem contradizer a hipótese anterior) que os adultos não saibam mais sonhar muito além de seu nariz. Ora, a capacidade de os adolescentes inventarem seu futuro depende dos sonhos aos quais nós renunciamos. Pode ser que, quando eles procuram, nas entrelinhas de nossas falas, as aspirações das quais desistimos, eles se deparem apenas com versões melhoradas da mesma vida acomodada que, mal ou bem, conseguimos arrumar.

Cada época tem os adolescentes que merece.

CALLIGARIS, Contardo. *Folha de S.Paulo*, 11 jan. 2007.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: Adaptado.

O emprego do elemento destacado compromete a coerência da frase:

- a) Cada época tem os adolescentes que merece, **pois** estes são influenciados pelos valores socialmente dominantes.
- b) Os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, **por conseguinte** alguns ainda resistem ao pragmatismo moderno.
- c) Nos tempos modernos, sonhar faz muita falta ao adolescente, **bem como** alimentar a confiança em sua própria capacidade criativa.
- d) **A menos que** se mudem alguns paradigmas culturais, as gerações seguintes serão tão conformistas quanto a atual.

- e) Há quem fique desanimado com os jovens de hoje, **porquanto** parece faltar-lhes a capacidade de sonhar mais alto.

A locução "... por conseguinte..." tem sentido consecutivo, ou seja, apresenta uma consequência, o que não se percebe entre as estruturas relacionadas no trecho apresentado, uma vez que, se os jovens perderam a capacidade de sonhar alto, era de se esperar que aderissem ao pragmatismo moderno, o que não é enunciado, já que é afirmado haver resistência.

5. Unifesp

A tão sensível

Foi então que ela atravessou uma crise que nada parecia ter a ver com sua vida: uma crise de profunda piedade. A cabeça tão limitada, tão bem penteada, mal podia suportar perdoar tanto. Não podia olhar o rosto de um tenor ENQUANTO este cantava alegre – virava para o lado o rosto magoado, insuportável, por piedade, não suportando a glória do cantor. Na rua de repente comprimia o peito com as mãos enluvadas – assaltada de perdão. Sofria sem recompensa, sem mesmo a simpatia por si própria.

Essa mesma senhora, que sofreu de sensibilidade como de doença, escolheu um domingo em que o marido viajava para procurar a bordadeira. Era mais um passeio que uma necessidade. Isso ela sempre soubera: passear. Como se ainda fosse a menina que passeia na calçada. Sobretudo passeava muito quando "sentia" que o marido a enganava. Assim foi procurar a bordadeira, no domingo de manhã. Desceu uma rua cheia de lama, de galinhas e de crianças nuas – aonde fora se meter! A bordadeira, na casa cheia de filhos com cara de fome, o marido tuberculoso – a bordadeira recusou-se a bordar a toalha porque não gostava de fazer ponto de cruz! Saiu afrontada e perplexa. "Sentia-se" tão suja pelo calor da manhã, e um de seus prazeres era pensar que sempre, desde pequena, fora muito limpa. Em casa almoçou sozinha, deitou-se no quarto meio escurecido, cheia de sentimentos maduros e sem amargura. Oh pelo menos uma vez não "sentia" nada. Senão talvez a perplexidade diante da liberdade da bordadeira pobre. Senão talvez um sentimento de espera. A liberdade.

LISPECTOR, Clarice. A descoberta do mundo. *Jornal no Brasil*, 1 mar. 1969. In: *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

A alternativa em que o enunciado está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa e coerente com o sentido do texto é:

- a) A senhora, pensando na recusa da bordadeira, não sabia se a perdoaria, mas achava melhor esquecer daquilo.
b) Ao descer pela rua cheia de lama, a senhora se perguntava aonde é que estava, confusa no lugar que caminhava.

- c) Era comum de que a senhora, distraída com sua sensibilidade, fosse roubada, o que lhe fazia levar as mãos ao peito em sinal de inquietação.

d) A senhora, quando se dispôs a ir à bordadeira, esperava que esta não lhe recusasse o trabalho solicitado.

- e) A senhora gostava muito de passear, embora tivesse ainda a impressão que era menina passeando pela calçada.

A senhora não esperava que a bordadeira recusasse o trabalho, como comprova o seguinte trecho: "Desceu uma rua cheia de lama, de galinhas e de crianças nuas – aonde fora se meter! A bordadeira, na casa cheia de filhos com cara de fome, o marido tuberculoso – a bordadeira recusou-se a bordar a toalha porque não gostava de fazer ponto de cruz! Saiu afrontada e perplexa. "Sentia-se" tão suja pelo calor da manhã, e um de seus prazeres era pensar que sempre, desde pequena, fora muito limpa. Em casa almoçou sozinha, deitou-se no quarto meio escurecido, cheia de sentimentos maduros e sem amargura. Oh pelo menos uma vez não "sentia" nada. Senão talvez a perplexidade diante da liberdade da bordadeira pobre." Além disso, os verbos *dispor* e *ir* regem a preposição *a* e a crase ocorre porque bordadeira é substantivo feminino. O verbo recusar é transitivo direto e o pronome "lhe" está empregado adequadamente em função do advérbio *não*.

6. Fuvest-SP – Leia o seguinte texto, para atender ao que se pede: C6-H18

Conversa de abril

É abril, me perdoareis. Estou completamente cansado. Retorno à aldeia depois de três dias de galope de jipe pelas estradas confusas de caminhos e poeira e explosões. Tenho no bolso um caderno de notas. Quereis que vos descreva essas montanhas e vales, e o que fazem os seres humanos neste tempo de primavera? Deixai-me estirar o corpo na cama; depois tiro as botas. Ouvi-me. As montanhas, já vos descreverei as montanhas.

BRAGA, Rubem. Um pé de milho. In: _____. *200 (Duzentas) crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Tendo em vista as informações contidas no excerto, o início do texto – "É abril" – é coerente com o emprego do pronome *este*, em "neste tempo de primavera"? Explique.

Sugestão de resposta – Para que o leitor perceba a coerência entre "É abril" e "neste tempo de primavera," é necessário que utilize seu conhecimento de mundo e infira que se trata de uma referência à realidade do hemisfério norte. O pronome "este" expressa que a estação ocorre no mesmo momento em que o narrador a pronuncia. Tendo em vista que o mês de abril é concomitante à primavera europeia, o narrador mostra através desse recurso coesivo que estava na Europa durante a primavera.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Faculdade Cultura Inglesa-SP

Se as pessoas estivessem mais atentas para o foco das preocupações dos governantes das três maiores potências globais, certamente não teriam alimentado a esperança de grande empenho de americanos, chineses e alemães em assumir compromissos firmes durante a Rio+20 para evitar o ecossuicídio do planeta em data incerta, lá pelos anos 2052... Vamos pensar um pouco: Obama, Hu Jintao e Angela Merkel estão envolvidos até a medula nos problemas da transição do poder cuja definição se dará antes do fim do ano. Seus governos enfrentam o desafio (cada um em sua própria dimensão) de

lidar com a desaceleração econômica e as consequências do descontentamento popular com as atuais lideranças.

DELFIN NETTO, Antônio. Crescer, incluir e esperar. *Carta Capital*, 27 jun. 2012. Adaptado.

Uma conclusão coerente com as informações apresentadas é:

- a) É perigoso, portanto, deixar que esses líderes se responsabilizem pela produção de energia limpa, pois administram mal a economia de seus países.
b) É evidente, portanto, que esses líderes apoiarão de forma mais intensa as políticas que incentivem a produção de energia limpa em seus países.

- c) É inadequado, portanto, pensar que esses líderes deixarão de lado compromissos para que a produção de energia limpa seja uma realidade global.
- d) É desejável, portanto, que esses líderes se dediquem aos seus governos e deixem que os outros países decidam sobre a produção de energia limpa.
- e) É ilusão, portanto, esperar que esses líderes assumam compromissos que estejam totalmente voltados à produção de energia limpa.

8. Unitau-SP

Doutora Juliana

Há médicos e médicos. Uns trabalham todos os dias para salvar a vida de outras pessoas. Sabem que, ao final, vão perder, mas voltam ao combate após cada derrota. Convivem diariamente com a morte e, em muitos casos, derramam lágrimas amargas, em algum lugar onde não possam ser vistos, quando um cliente se vai. Essa é a cruz que carregam em sua vida. É, também, a sua honra. Outros têm o mesmo diploma, mas não são a mesma coisa. Suas relações com os pacientes mantêm-se impessoais e, como acontece em tantas outras profissões, seu objetivo prioritário é ganhar dinheiro. Praticam atos duvidosos de autopromoção e dedicam boa parte de seus esforços a atividades de relações públicas. Para alguns, o grande sonho profissional é aparecer na Ilha de Caras e ter atrizes da Globo ou “celebridades” na lista de clientes.

GUZZO, José Roberto. Doutora Juliana. *Veja*. Ed. Abril, edição 2329, ano 46, n° 28, 10 de julho de 2013. p. 122. Excerto.

Assinale a alternativa que contenha afirmação coerente com as apresentadas no texto.

- a) As relações sem compromisso de alguns médicos são endossadas pelo autor do texto.
- b) Não fica claro se o autor critica ou defende a classe médica.
- c) Os médicos brasileiros apresentam o sonho profissional de tornarem-se celebridades.
- d) A autopromoção é uma prática que exige grande esforço da classe médica.
- e) Muitos médicos exercem a profissão de forma honrada.

9. Unifor-CE

Um dos grandes problemas do consumidor na sociedade capitalista é a sua dificuldade em se expressar e se defender publicamente contra tudo o que lhe fazem de mal. Se é enganado, sofre um dano etc., tem de recorrer aos órgãos de proteção ao consumidor ou contratar um advogado. É verdade que, com as redes sociais virtuais e o surgimento de *sites* de reclamações, aos poucos ele vai encontrando um caminho para demonstrar sua insatisfação com os produtos e serviços adquiridos, e também contra toda forma de malandragem perpetrada por muitos fornecedores.

NUNES, Rizzato. Publicidade & Consumo. *Revista Jurídica Consulex*. Ano XV – n° 349.1° de ago.2011. p. 25.

Das propostas abaixo, somente uma dá seguimento coerente e lógico ao trecho citado, marque-a.

- a) Quando o consumidor liga, ainda que seja logo em seguida, recebe a resposta de que é o décimo primeiro a fazê-lo.
- b) Mas ainda é pouco diante do “poder de fogo” de empresários que se utilizam de todas as maneiras de comunicação existentes no mercado (...).
- c) Mas, quando se trata de apontar fatos objetivos, (...), prestar informações de serviços públicos ou oferecer produtos e serviços no mercado, há um limite ético que controla a liberdade de expressão.

- d) Dessa maneira, se vê que a publicidade não é produção primária, mas instrumento de apresentação e/ou venda dessa produção.
- e) Além disso, é de se considerar algo evidente: o anúncio será enganoso se o que foi afirmado não se concretizar.

10. FGV-SP

Sua excelência

[O ministro] vinha absorvido e tanguado por uma chusma de sentimentos atinentes a si mesmo que quase lhe falavam a um tempo na consciência: orgulho, força, valor, satisfação própria etc. etc.

Não havia um negativo, não havia nele uma dúvida; todo ele estava embriagado de certeza de seu valor intrínseco, das suas qualidades extraordinárias e excepcionais de condutor dos povos. A respeitosa atitude de todos e a deferência universal que o cercavam, reafirmadas tão eloquentemente naquele banquete, eram nada mais, nada menos que o sinal da convicção dos povos de ser ele o resumo do país, vendo nele o solucionador das suas dificuldades presentes e o agente eficaz do seu futuro e constante progresso.

Na sua ação repousavam as pequenas esperanças dos humildes e as desmarcadas ambições dos ricos.

Era tal o seu inebriamento que chegou a esquecer as coisas feias do seu ofício... Ele se julgava, e só o que lhe parecia grande entrava nesse julgamento.

As obscuras determinações das coisas, acertadamente, haviam-no erguido até ali, e mais alto levá-lo-iam, visto que, só ele, ele só e unicamente, seria capaz de fazer o país chegar ao destino que os antecedentes dele impunham.

BARRETO, Lima. *Os bruzundangas*. Porto Alegre: L&PM, 1998. pp. 15-6.

Tomando-se em sentido denotativo a descrição do ministro, é coerente dizer que se trata de uma pessoa

- a) altruísta.
- b) dissimulada.
- c) presunçosa.
- d) alcoolizada.
- e) perseverante.

11. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública-BA



[...] a medicina deveria ser uma colaboração entre dois tipos de especialista. Um é o médico, especialista em doenças, em como o corpo funciona. O outro é o paciente, especialista em seu próprio corpo, em como está se sentindo. Um médico não pode saber como o paciente se sente sem perguntar. Os exames físicos, hoje, também são uma arte em declínio. É preciso estudá-los e valorizá-los.

SANDERS, Lia. In: MISMETTI, Débora. Se o médico não te escuta, é melhor procurar outro. *Folha de S.Paulo*, 2 out. 2011. Saúde.

Em entrevista à *Folha de S.Paulo*, a médica Lisa Sanders expôs seu pensamento em relação ao exercício da medicina, pensamento coerente com o tema muito discutido na atualidade: saúde e qualidade de vida.

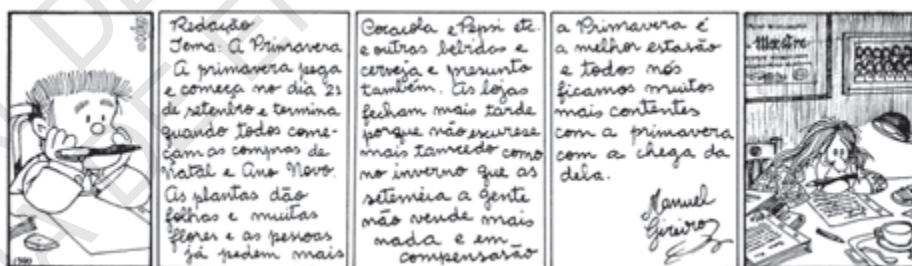
Sobre essa temática, é correto afirmar:

01. O apelo a diferentes procedimentos, baseados em recursos tecnológicos sofisticados, dispensa a necessidade de um contato menos rápido do profissional de saúde-paciente.
02. A forma como a consulta ocorre não tem influência na relação terapêutica, quando o profissional de saúde tem sua competência reconhecida pela comunidade científica.
03. O atendimento na área de saúde deve se restringir ao aspecto biomédico, sem considerações de ordem socioeconômica e subjetiva do paciente.
04. Condições ambientais adversas não interferem no sucesso da proposta de humanização do atendimento, implementado, no Brasil, pelo Sistema Único de Saúde.
05. A formação humanística do profissional de saúde é importante para um encontro profissional de saúde-paciente de maior qualidade, ambos implicados como sujeitos na relação terapêutica.

12. ESPM-SP – Em uma das frases ocorre uma ambiguidade ou duplo sentido. Identifique-a:

- a) Ex-presidente recorreu ao Comitê da ONU acusando o juiz de violar seus direitos.
- b) Sem placa orientadora, taxistas evitam corredor de ônibus, mesmo após liberação pela Prefeitura.
- c) “Pokemon Go” leva jogadores à caça em cemitérios e igrejas no Brasil.
- d) Líderes governamentais com tensões e saias-justas na mala vão à China para o G20.
- e) O ministro do STF afirmou que os integrantes do Ministério Público Federal devem “calçar as sandálias da humildade”.

13. Unesp (adaptada) – Examine a tira do cartunista argentino Quino.



QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 298, tira 4.

Reescreva o trecho final da redação (“nós ficamos muito mais contentes com a primavera com a chegada dela”), desfazendo a redundância nele contida.

14. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública-BA

Oi, mãe, já terminando de almoçar?

Oh, meu filho, me dê um abraço. Ah, que bom... Quando foi que você chegou?

Estou chegando agora, mãe.

Como foi de viagem?

Eu não estava viajando, mãe.

Você precisa tomar cuidado com essas viagens, as estradas estão muito perigosas.

Mas eu já disse, mãe, não estava viajando. Eu não viajo quase nunca. Faz anos que não viajo para lugar nenhum. Agora, deixe a moça tirar o prato, os talheres, logo vem um pratinho para a senhora comer a sobremesa.

E o queijo?

Aqui também, não ia me esquecer de que a senhora gosta de comer doce com queijo.

Sempre gostei, desde menina. Quer saber uma coisa engraçada, meu filho?

Quero, mãe.

Hoje eu só me lembro bem de coisas daquele tempo velho. De outras, eu esqueço. Depois dos doces, um cafezinho, não é?

Claro. Aliás, trouxe também café, já o entreguei a D. Delza.

Café é bom, meu pai dizia. Café e outra coisa... O que era mesmo?

Eu sei que outra coisa era, quer que eu diga?

Não.

Então não digo.

Já sei: azeite doce.

Isso mesmo. Sim, são coisas boas.

Você também gosta?

Aprendi a gostar com a senhora.

Quando meu pai morreu, eu era muito pequena.

Eu sei. Tinha seis anos.

Você tinha seis anos?

Não: a senhora.

Você se lembra?

Lembro a senhora dizendo isso.

Minha mãe também morreu.

Eu sei.

Quem lhe contou?

Mãe, minha avó morreu há mais de vinte anos.

Sua avó?

Minha avó, sim, sua mãe.

É verdade. Sua avó. Mas você está enganado, meu filho, ela morreu agora.

Agora?

Nestes dias.

Mãe...

ESPINHEIRA FILHO, Rui. *Visita. O Sonho dos Anjos* (contos reunidos e inéditos). Bahia: Caramurê Publicações. 2014. p. 57-59. Adaptado.

Mesmo sem a presença do sujeito narrador, a coerência e a linearidade narrativa se desenvolvem por meio

01. da descrição psicológica das personagens, explicando o estado emocional de ambas ao longo do diálogo.
02. do uso do discurso direto, o qual vai revelando a paciência e a dedicação do filho diante da perda de memória da mãe.
03. do discurso indireto livre, que cruza as vozes dos interlocutores, sem delimitá-las, sugerindo que a incapacidade de precisar os fatos no tempo é comum aos dois.
04. da presença de um elemento, que, de forma indireta, descreve subjetivamente as percepções, os sentimentos e os valores daqueles que interagem por meio da linguagem.
05. do tempo psicológico, que, ao retomar o passado das pessoas que conversam, vai construindo o presente narrativo.

15. FMP-RJ

A internet e os direitos autorais

A internet e outras tecnologias mudaram a rotina das famílias, a vida social e até a sua percepção do mundo. Distâncias parecem menores, a ideia de privacidade está em questão, e os relacionamentos amorosos ganharam nova dimensão. De forma tão avassaladora, que quem não participa das redes sociais em algum momento pode se sentir excluído ou desinformado.

A transformação trazida pela tecnologia, no entanto, não pode ser confundida com ruptura com tudo o que havia antes. Os critérios para avaliar um livro continuam os mesmos, não importa se em *e-book* ou edição de capa dura; a relação custo-benefício de uma compra ainda precisa ser pensada com critério, seja em *e-commerce* ou loja de *shopping*; e o cuidado com a publicação de uma notícia, o que inclui a sua correta apuração e a clareza do texto, deve ser o mesmo em *site* ou jornal de papel.

O mesmo raciocínio se aplica à propriedade intelectual de músicas, textos, filmes e quaisquer outras obras, que ganham novas formas de exposição com a internet, mas continuam a ter donos. Da mesma maneira que antes do aparecimento das mídias digitais. Infelizmente, não é dessa forma que parecem pensar grandes empresas internacionais da internet, que brigam na Justiça com a União Brasileira das Editoras de Música e impedem assim o pagamento aos filiados à entidade dos valores relativos à exibição de seus trabalhos nos canais de áudio e vídeo. É uma situação inadmissível, que já dura muitos meses.

O respeito aos direitos autorais na era da internet é questão vital porque o mercado de CDs só faz encolher. As novas mídias representam a perspectiva de trabalho para os criadores a longo prazo. É necessário assegurar a sua adequada remuneração e, por extensão, os recursos para que a produção musical se sustente a longo prazo. A agilidade e a onipresença da rede podem — e devem — servir para trazer mais recursos ao compositor, e não o contrário.

Empresas jornalísticas, no Brasil e no mundo, também já viram o conteúdo da imprensa profissional ser divulgado na internet sem contrapartida alguma, ignorando os altos custos de produção da notícia. No Brasil, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) proíbe, por notificação judicial, que se reproduza a íntegra dos textos dos associados.

Se as novas tecnologias facilitam o entretenimento e aumentam a oferta de bens culturais a consumidores no mundo inteiro, elas são bem-vindas. Mas isso não pode acontecer à custa do sagrado direito autoral.

O Globo, Opinião, 23 abr. 2015, p.16. Adaptado.

Para que a leitura do texto seja coerente, é necessário identificar a ordem em que as ideias são apresentadas, ou seja, a progressão temática do texto.

O leitor deve, portanto, observar que, antes de explicar que é necessário avaliar a relação custo-benefício de uma compra, o texto se refere à ideia de que

- a) as tecnologias modernas são bem-vindas porque ampliam o acesso das pessoas a bens culturais.
- b) o conteúdo das publicações jornalísticas é, atualmente, divulgado pela internet no mundo inteiro.
- c) a presença generalizada das músicas na internet deve proporcionar vantagens aos compositores.

- d) as novas mídias, a longo prazo, representam uma perspectiva de trabalho para os criadores.
- e) a falta de participação nas redes sociais pode levar as pessoas a se sentirem marginalizadas.

16. ESPM-SP – As frases abaixo apresentam ou duplo sentido, ou construção estranha. Assinale a única em que isso não ocorre:

- a) Estação Espacial Internacional ajudará a proteger tartarugas gigantes de Galápagos.
- b) Prefeitura de São Paulo também quer mandar usuários para avaliação médica contra a sua vontade.
- c) Pesquisas brasileiras testam tratamento de câncer sem efeitos colaterais de quimioterapia com nanopartículas.
- d) Em tom inflamado, apresentador Datena desafia a Globo a processar ao vivo.
- e) China se esforça para lidar com Coreia do Norte, que considera caso perdido.

17. Ufes – As frases a seguir compõem um fragmento de texto de Sírio Possenti e estão fora da ordem em que aparecem no texto original. Considerando as noções de

coesão e coerência textual, organize-as de forma que o texto daí resultante produza sentido.

A trama é a seguinte: um repórter desempregado aceita emprego novo, responder à correspondência das leitoras de uma revista feminina.

Um tal Pedro Redgrave, no entanto, estabelece com ele uma correspondência mais sólida. Cartas e respostas se sucedem.

“Corações solitários” é um dos bons contos de Rubem Fonseca.

Até que um dia o repórter descobre que Pedro Redgrave é de fato seu chefe. As razões pelas quais lhe escreve são ambíguas, e nisso reside o interesse principal do conto. Leiam. É ótimo.

Assina com nome feminino, para permitir a necessária confiança e dar credibilidade ao trabalho. Recebe cartas de todos os tipos – quer dizer, de pouquíssimos tipos, são as mesmas coisas de sempre – e dá respostas estereotipadas sobre como cuidar de filhos, de filhas, de maridos, de amantes, da saúde etc.

POSSENTI, SÍRIO. Gramáticos solidários. In: _____. *Mal comportadas línguas*. Curitiba: Criar, 2000. p. 75.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Udesc

C6-H18

- I. Elas não são mais feitas em locais precários, e sim em grandes estúdios onde há cuidado com a higiene.
- II. As técnicas se refinaram: há mais cores disponíveis, os pigmentos são de melhor qualidade e ferramentas como o laser tornaram bem mais simples apagar uma tatuagem que já não se quer mais.
- III. Vão longe, enfim, os tempos em que o conceito de tatuagem se resumia à velha âncora de marinheiro.
- IV. Nos últimos dez ou quinze anos, fazer uma tatuagem deixou de ser símbolo de rebeldia de um estilo de vida marginal.

MARTHE, Marcelo. Tatuagem com bobagem. In: *Veja*, 05 mar. 2008, p. 86.

Assinale a alternativa que contém a sequência que os períodos devem aparecer.

- a) II, I, III, IV c) IV, I, II, III e) I, III, II, IV
- b) IV, II, III, I d) III, I, IV, II

19. UFPR

C6-H18

A era dos memes na crise política atual

Seria cômico, se não fosse trágico, o estado de irreverência do brasileiro frente à crise em que o país encontra-se imerso. A nossa capacidade de fazer piada de nós mesmos e da acentuada crise político-econômica atual nos instiga a refletir se estamos “jogando a toalha” ou se este é apenas um “jeitinho brasileiro” de encarar a realidade. A criatividade de produzir piadas, memes e áudios engraçados expõe um certo tipo de estratégia do brasileiro para lidar com situações de conflito: “Tira a Dilma. Tira o Aécio. Tira o Cunha. Tira o Temer. Tira a calça jeans e bota um fio dental, morena você é tão sensual”. Eis uma das milhares de piadas que circulam nas redes sociais e que, de forma irreverente, estimulam o debate. Não há aquele que não se divirta com

essa piada ou outra congênere; que não gargalhe diante dos diversos textos engraçados que circulam por meio de postagens ou mensagens de celular, independentemente do grau de escolaridade de quem compartilha. Seja por meio do deboche e do riso, é de “notório saber” que todas as classes estão conscientes da gravidade da situação e que, por conseguinte, concordam que medidas enérgicas precisam ser tomadas. A diferença está na forma ideologicamente defendida para a tomada de medidas.

A “memecrítica” é uma categoria de crítica social que tem causado desconforto nos políticos e membros dos poderes judiciário e executivo, estimulando, inclusive, tentativas frustradas de mapeamento e controle do uso da internet por parte dos internautas. [...]

Por outro lado, questionar as contradições presentes apenas por meio da piada, em certo aspecto politizada, não garante mudanças sociais de grande impacto.

Esses manifestos e/ou críticas de formas isoladas (ou uníssonas) podem, mesmo sem intenção, relegar os cidadãos brasileiros a um estado de inércia, a uma condição de estado permanente de sonolência eterna em “berço esplêndido”. Já os manifestos, protestos e/ou passeatas nas ruas e demais enfrentamentos em espaços de poder instituídos ainda são os mecanismos mais eloquentes e potenciais para contrapor discursos e práticas opressoras que contribuem para o caos social. É preciso o *tête-à-tête*, o diálogo crítico e reflexivo em casa, na comunidade e demais ambientes socioculturais. Entretanto, um diálogo respeitoso, cordial, que busca a alteridade. Que apresente discordâncias, entretanto respeite a opinião divergente, sem abrir mão da ética e do respeito aos direitos humanos.

FREITAS FILHO, Luciano. *Carta Capital*, junho/2017. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br>>. Adaptado.

Considere as avaliações dos memes enquanto prática social e assinale a alternativa que se apresenta coerente com o proposto pelo texto:

- a) Em razão do seu modo de funcionamento, os memes não têm o mesmo efeito que as manifestações convencionais.
- b) As tentativas de controle da disseminação dos memes no espaço virtual, por parte dos poderes instituídos, têm gerado situações de desconforto.
- c) A adesão ao conteúdo dos memes se apresenta de modo convergente para pessoas de diferentes classes sociais e posições políticas.
- d) Por se revestirem simultaneamente de caráter de crítica e de deboche, os memes são a melhor forma de embate *tête-a-tête*.
- e) Apesar de sua força expressiva, os memes não constituem recurso para mudanças sociais efetivas, porque seu lugar de circulação não goza de legitimidade.

20. UFPR

C6-H18

Entrou em vigor a lei que converte em presunção de paternidade a recusa dos homens em fazer teste de DNA.

Assinale a alternativa cujo texto pode ser concluído coerentemente com essa afirmação.

- a) Sara Mendes deu início a um processo na justiça, para que Tiago Costa assumisse a paternidade de seu filho Cássio. Tiago não fez o exame de DNA, mas assume como muito provável ser ele o pai do menino. Cássio

alega que o exame não é conclusivo, pois **entrou em vigor a lei que converte em presunção de paternidade a recusa dos homens em fazer teste de DNA.**

- b) Adriano é um rapaz muito presunçoso e não admite que lhe cobrem nada. A namorada lhe pediu um exame de DNA, para esclarecer a paternidade de Amanda, sua filha. Adriano disse que não faria o exame. A namorada disse que toda essa presunção serviria para o juiz atestar a paternidade, pois **entrou em vigor a lei que converte em presunção de paternidade a recusa dos homens em fazer teste de DNA.**
- c) Carlos de Almeida responde processo na justiça por não querer reconhecer como seu o filho de Diana Santos, sua ex-namorada. Carlos se recusou a fazer o exame de DNA, o que permite ao juiz lavrar a sentença que o indica como pai da criança, porque **entrou em vigor a lei que converte em presunção de paternidade a recusa dos homens em fazer teste de DNA.**
- d) Alessandro presume que Caio seja seu filho. Sugeriu a Telma um exame de DNA. Telma disse não ser necessário, pois **entrou em vigor a lei que converte em presunção de paternidade a recusa dos homens em fazer teste de DNA.**
- e) Mário e Felipe são primos. Mário é extremamente vaidoso, pretensioso. Felipe é um rapaz calmo e muito simples. Os dois namoraram Teresa na mesma época. Teresa teve uma filha e entrou na justiça para exigir dos dois primos um exame de DNA. O juiz disse que não era necessário, pois **entrou em vigor a lei que converte em presunção de paternidade a recusa dos homens em fazer teste de DNA.**

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

47

DOMÍNIOS E GÊNEROS DISCURSIVOS

- Dialogismo
- Domínio discursivo × gênero discursivo
- Domínios discursivos
- Discurso religioso
- Discurso jornalístico
- Discurso publicitário
- Discurso eletrônico/digital
- Discurso acadêmico
- Discurso escolar
- Discurso literário
- Discurso cotidiano

HABILIDADES

- Compreender o que é diálogo, interação social, intersubjetividade e enunciado de acordo com o dialogismo bakhtiniano.
- Reconhecer as estruturas filosóficas e históricas das interações verbais na sociedade para a construção dos gêneros orais e escritos.
- Compreender gênero dentro das relações dialógicas.
- Identificar os conceitos teóricos para estruturar e analisar diferentes gêneros textuais.

Dialogismo



VLADGRIMISTOCK

O dialogismo é a essência da linguagem em uso social, uma vez que é impossível pensar em comunicação fora da esfera social de emprego da linguagem, com seus sujeitos, valores, contextos etc.

A palavra é componente do discurso interior e mediadora nos processos de interpretação e compreensão, possibilitando que o homem se torne um ser social. Assim, se o enunciado constitui uma manifestação ideológica de quem o pronuncia, e a enunciação é o resultado da condição social do indivíduo, o texto, a partir do momento em que adquire caráter social, torna-se dialógico, seja em relação aos sujeitos envolvidos, seja em relação aos diversos tipos de discurso.

Para que se afirme que a vida é dialógica por natureza, deve-se considerar que:

- a linguagem depende, necessariamente, da interação entre os sujeitos;
- a interação entre os sujeitos determina a compreensão do texto;
- a relação entre os interlocutores orienta o discurso e é determinante na composição dos próprios indivíduos;
- a interação do ser com a sociedade é tão importante quanto a que mantém com outros seres.

Dessa forma, pode-se assumir que a linguagem é o elemento que estabelece a relação entre os seres humanos e propicia a experiência da interação entre os interlocutores (relação de alteridade) e que o sentido faz parte de um processo contínuo, caracterizando-se como um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo. Essa interação ocorre por intermédio de enunciados que podem ser considerados textos, de acordo com a construção ou não de sentido. Esses textos, por sua vez, são a materialização de gêneros que sistematizam esses discursos, ao mesmo tempo em que, por questões formais, compõem domínios específicos de discurso.

Domínio discursivo × Gênero discursivo

Os domínios discursivos são formados por um conjunto de textos que servem a determinados campos de atividades ou campos comunicativos e que se realizam por meio de gêneros discursivos, como bem explica Luiz Antônio Marcuschi:

Usamos a expressão domínio discursivo para designar uma esfera ou instância de produção discursiva ou de atividade humana. Esses domínios não são textos nem discursos, mas propiciam o surgimento de discursos bastante específicos. Do ponto de vista dos domínios, falamos em discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc., já que as atividades jurídica, jornalística ou religiosa não abrangem um gênero em particular, mas dão origem a vários deles. Constituem práticas discursivas dentro das quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que, às vezes, lhe são próprios (em certos casos exclusivos) como práticas ou rotinas comunicativas institucionalizadas.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna R.; BEZERRA, Maria A. (Org.) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Dessa forma, os vários gêneros discursivos são os resultados concretos da sistematização de textos específicos de certos campos de atividade, que compõem os domínios discursivos. Isso implica afirmar, portanto, que um domínio discursivo pode dar origem a diversos gêneros discursivos.

DOMÍNIOS DISCURSIVOS

Religioso

O domínio discursivo religioso tem a finalidade de invocar entidades sobrenaturais, catequizar ou disseminar uma doutrina de fé, e costuma estar presente em livros considerados sagrados, orientadores de rituais ou destinados ao ensino de uma doutrina. Em geral, os textos religiosos possuem fórmulas fixas, como é o caso dos mantras, das ladainhas, das rezas, das orações, das preces, dos sermões, das parábolas e das homilias.

[...] Jesus continuou: Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai: 'Pai, quero a minha parte da herança'. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles.

Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente.

Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos.

Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada. Caindo em si, ele disse: 'Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados'.

A seguir, levantou-se e foi para seu pai.

Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou. O filho lhe disse: 'Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho'.

Mas o pai disse aos seus servos: 'Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e comemorar. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado'.

E começaram a festejar.

Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança. Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe respondeu: 'Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo'.

O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele. Mas ele respondeu ao seu pai: 'Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedecei às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse seu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!

Disse o pai: 'Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu.

Mas nós tínhamos que comemorar e alegrar-nos, porque este seu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado'.

BÍBLIA. Português. Lucas, 15: 11-32. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.

A parábola do filho pródigo, presente no Novo Testamento (Lucas, 15: 11-32) da Bíblia, é um exemplo de texto em que há domínio discursivo religioso.

Jornalístico

O domínio discursivo jornalístico tem a finalidade de divulgar e comentar fatos e pontos de vista sobre acontecimentos de interesse social. Em geral, os textos jornalísticos têm ampla circulação social, como as notícias, as reportagens, os artigos de opinião, as cartas de leitor, as resenhas, os editoriais, as tirinhas, as charges, os debates e as entrevistas.

Terrários são alternativas práticas para entrar na onda de decorar cômodos com plantas

No ramo de decoração e *design*, há uma tendência que traz o verde mais para perto de quem mora em grandes cidades: a *urban jungle*.

Uma pesquisa realizada pelo Ibope, a pedido da ONG World Wide Fund for Nature (WWF) — que atua nas áreas de conservação, investigação e recuperação ambiental —, aponta que aumentou o número

de brasileiros que têm o desejo de estar cada vez mais perto da natureza. Em 2018, eram 91%, contra 84% em 2014. No ramo de decoração e *design*, há uma tendência que traz o verde mais para perto de quem mora em grandes cidades: a *urban jungle*, ou selva urbana, movimento que consiste em decorar cômodos com plantas. Se ainda assim ficar difícil conciliar o cuidado com esses ambientes à correria do dia a dia, os terrários aparecem como excelente alternativa.

Eles são como uma pequena floresta praticamente autossustentável, que podem decorar qualquer ambiente: sala, banheiro, cozinha, escritórios... A jardinista especializada em terrários Mônica Macieira, do ateliê Macieira Arts, explica que ele pode ser montado em recipientes de vidro abertos ou fechados. Mas se a ideia é praticidade, a segunda opção é a melhor.

O terrário em recipiente fechado tem um ecossistema próprio, em que a evaporação da água retorna em forma de umidade, o que mantém as plantas vivas. Por isso, é normal que o vidro fique “suado” — explica Mônica. — É indicado regá-lo manualmente uma vez por mês, com pouca água, dentro de uma seringa. E apenas a terra deve ser umedecida; nunca as folhas.

A base de um terrário começa com argila expandida, pedras ou cascalhos, seguida de uma camada de terra e das plantas. Mônica ressalta que para a montagem de um terrário fechado é preciso escolher espécies que gostem de umidade, como musgos, peperômia, samambaia-havaiana e fitônia. Também é preciso deixar o recipiente num local que tenha luminosidade. Já para terrários abertos, que funcionam como qualquer outro tipo de vaso, podem ser usadas plantas como cactos e suculentas, que não exigem tantos cuidados. Basta regá-los uma vez por semana, também com uma quantidade pequena de água direcionada ao solo.

LITWAK, Priscilla Aguiar. Terrários são alternativas práticas para entrar na onda de decorar cômodos com plantas.

In: *O Globo*, 28 jan. 2019

A notícia “Terrários são alternativas práticas para entrar na onda de decorar cômodos com plantas”, de Priscilla Aguiar Litwak, é um exemplo de texto em que há domínio discursivo jornalístico.

Publicitário

O domínio discursivo publicitário é composto de textos de ampla circulação social, geralmente curtos e com elementos verbais e não verbais com o objetivo de persuadir o leitor a consumir serviços e produtos “ideais” ou a participar de campanhas. Entre outros exemplos, podem ser citados os jornais, as revistas, os folhetos, os cartazes, os *outdoors*, os anúncios, os *jingles*, os panfletos, os *folders* e as propagandas.



MINISTÉRIO DA SAÚDE/
GOVERNO FEDERAL

O cartaz do Ministério da Saúde em prol da doação de órgãos é um exemplo de texto do domínio discursivo publicitário.

Eletrônico/Digital

O domínio discursivo eletrônico/digital surgiu da atratividade exercida pela mídia eletrônica ou digital, uma vez que possibilita a comunicação instantânea, de modo a facilitar a interação sociocomunicativa. Os textos em que há domínio discursivo eletrônico/digital circulam em espaço virtual e costumam mesclar elementos verbais e visuais, muitas vezes permitindo o emprego de abreviações e símbolos virtuais (*emo-ticons*), como os *chats*, mensagens em aplicativos, *e-mails*, blogs, redes sociais, entre outros.)



VECTORCREATOR/ISTOCK

A conversa por aplicativo de mensagem é um exemplo de texto em que há domínio discursivo eletrônico/digital.

Acadêmico

O domínio discursivo acadêmico abrange textos orais ou escritos que circulam em espaços acadêmicos, entre o público que frequenta esses espaços, a quem também se dirige, com a finalidade não apenas de instrução, mas também de avaliação do corpo estudantil, para que a titulação decorrente desse processo garanta que os indivíduos estão preparados para a vida acadêmica/científica ou técnica/profissional, de acordo com a modalidade de formação das instituições em que esse domínio é preponderante. Os gêneros mais recorrentes no domínio discursivo acadêmico são o artigo científico, o resumo, o fichamento, a resenha, o ensaio, a dissertação, a tese, o seminário etc.

LEITURA COMPLEMENTAR

O caráter materialista dialético da linguagem

Michel Pêcheux resgata o sujeito da produção da linguagem, que também é sujeito que faz sua própria história, ao afirmar que o lugar que ele ocupa socialmente determina os sentidos que produz. Essa ideia contrapõe-se à teoria do valor de vertente saussureana que afirma o significado ser “definido a partir de uma relação de diferenças no interior do sistema” (MUSSALIM, 2011, p. 114). Tal proposição acende a ilusão do caráter homogêneo da língua, como se ela não estivesse sujeita a equívocos, pois os sentidos estariam ali na superfície do sistema.

Ao teorizar que os sentidos não estariam nem na superfície do sistema formal, nem seriam produtos intencionais dos sujeitos, Pêcheux admite que a compreensão da produção dos sentidos não estaria no domínio da língua ou da fala, mas na insurgência de outro objeto: o discurso. Orlandi (2012, p. 22) esclarece-nos:

O discurso não corresponde à noção de fala, pois não se trata de opô-lo à língua como sendo esta um sistema, onde tudo se mantém com sua natureza social e suas constantes, sendo o discurso como a fala, apenas uma ocorrência sua causal, individual, realização do sistema, fato histórico, a-sistemático, com suas variáveis etc. O discurso tem sua regularidade, tem seu funcionamento que é possível apreender se não opomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto.

A partir da leitura da autora, percebemos em Pêcheux que “um discurso não pode ser analisado como uma estrutura fechada em si mesma” (PORTO; SAMPAIO, 2013, p. 94). O discurso é efeito de sentidos entre locutores (ORLANDI, 2012). Os sentidos, nesse contexto, são influenciados pelos lugares que dois sujeitos ocupam numa determinada formação social (PORTO; SAMPAIO, 2013).

Ante essa complexidade nos estudos dos sentidos da língua, a Linguística de Saussure não seria capaz de acomodar, pois “não proporcionava uma teoria do sujeito, tampouco se preocupava com a ideologia” (PORTO; SAMPAIO, 2013). Mas apenas “uma teoria do discurso, concebido como o lugar teórico para o qual convergem componentes linguísticos e socioideológicos” (MUSSALIM, 2011).

A Linguística, desse modo, apresentava-se como horizonte para o projeto althusseriano (MUSSALIM, 2011). Como Althusser considerava que as ideologias tinham existência material, “a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua” (ORLANDI, 2012, p. 17). A linguagem é então lugar excepcional de contemplação da ideologia, e, desse modo, via necessária para compreender as instâncias das manifestações ideológicas.

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais ‘todo mundo sabe’ o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve, etc., evidências que fazem com que

*uma palavra ou um enunciado ‘queira dizer o que realmente dizem’ e que mascaram, assim, sob a ‘transparência da linguagem’, aquilo que chamaremos o **caráter material do sentido** das palavras e dos enunciados (PÊCHEUX, 1988, p. 160, grifo do autor).*

Althusser produz condições para que Pêcheux afirme que o sentido das palavras não existia em si mesmo ou na oposição a outra palavra do sistema formal. O sentido “é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)” (PÊCHEUX, 1988, p. 160). Distanciando-se do esquema de comunicação de Roman Jakobson, no qual emissor e receptor estariam espacialmente representados no processo de produção de uma mensagem, Pêcheux vai afirmar que, para a produção de sentidos possa se tornar possível, é preciso que os sujeitos enunciem-se a partir de seus lugares sociais. A linguagem, desse modo, reproduziria as relações de produção e consequentemente seria lugar de visualização do funcionamento da ideologia.

Assim, Pêcheux propõe uma análise automática do discurso com a parceria de Catherine Fuchs. Em resumo, esse projeto oferecia, segundo Mussalim (2011, p. 118), uma relação de “determinadas **condições de produção** [...] com os processos de produção de um discurso” (grifo do autor). Dessa forma, permite-nos afirmar que sequências discursivas analisadas que tivessem identidade entre si, produzidas em condições estáveis de produção, seriam produtos determinados por uma máquina discursiva, que se apoiaria, por sua vez, nas formações sociais dos sujeitos. Nesse pensar, a análise automática do discurso exploraria discursos mais homogêneos, situando-os para máquinas discursivas fechadas sobre si mesmas. Cada discurso implicaria uma nova maquinaria discursiva.

As máquinas discursivas gerariam processos discursivos que funcionariam a partir daquilo que Pêcheux (1997) chamou de formações imaginárias. Tais formações definem os papéis dos locutores e as ideias que eles têm dos seus interlocutores (PORTO; SAMPAIO, 2013). O sujeito, por não ter acesso às reais condições de produção de seu discurso, representa essas condições de maneira imaginária (MUSSALIM, 2011). É o jogo de imagens do discurso, no qual o locutor imagina seu interlocutor e a si mesmo e a partir dessas representações produz seu dizer, que se determina aquilo que vai ser dito numa interação real entre sujeitos. “Podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2012, p. 39). Nesse caminho, Pêcheux teoriza o sujeito da produção linguística como uma forma inscrita na história; ele é assujeitado pelo lugar social de onde enuncia.

CUTRIM, Ilza Galvão; MARQUES, Maxhemylano Silva. O materialismo histórico na epistemologia da análise do discurso. *Revista Ribanceira*. Belém: Faculdade de Letras da Universidade do Estado do Pará – Uepa. n. 10. jul.-set. 2017.

O trecho anterior, que trata do caráter materialista dialético da linguagem – segundo o qual o sujeito apenas pode produzir enunciados a partir da sua posição em relação aos demais sujeitos, levando em conta o contexto social e histórico em que está inserido –, compõe o artigo “O materialismo histórico na epistemologia da análise do discurso”, um exemplo de texto do domínio discursivo acadêmico.

Escolar

O domínio discursivo escolar visa instruir, ensinar e produzir saberes, levando o leitor a assimilar conhecimentos e valores instituídos no ambiente escolar. Entre outros textos de domínio discursivo escolar, podem ser citadas a aula, as apostilas, as projeções, as anotações de aulas e as avaliações.



GABRIEL_RAMOS/SHUTTERSTOCK

O caderno de provas do Enem é o suporte de textos do gênero escolar, por ser uma avaliação de um dos segmentos da educação básica.

O Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) é um exemplo de texto do domínio discursivo escolar.

Literário

O domínio discursivo literário não se liga a nenhum objetivo imediato e pré-definido, mas busca o prazer estético e, por meio de uma estrutura lírica, dramática, épica ou narrativa, funciona, com frequência, como forma de entretenimento e ampliação cultural. Os textos em que há domínio discursivo literário possuem forma, estrutura, linguagem e extensão diversas e se valem da verossimilhança, ou seja, não precisam corresponder à realidade, caso, entre outros, dos contos, das lendas, das fábulas, dos romances, das epopeias, das peças de teatro, das novelas, dos poemas, das crônicas e das biografias.

O rato da cidade e o rato do campo

Um Rato que morava na Cidade, calhando ir ao campo, foi convidado para jantar por outro Rato que lá morava. Este levou-o à sua toca e preparou a refeição com coisas do campo, como ervas e raízes. Disse o Rato da Cidade ao outro:

— **Compadre, tenho pena de ti e da pobreza em que vives. Vem comigo morar na cidade e verás a riqueza e a fartura de que gozas.**

O Rato do Campo aceitou o convite e lá foram ambos para uma casa grande e rica. Entrando na despensa, estavam a comer boas e abundantes comidas quando de súbito entra o despenseiro e dois gatos atrás dele.

Assustados, os Ratos correram cada um para seu lado. O de casa achou logo o seu buraco, e o de fora trepou pela parede, dizendo:

— **Fica-te com a tua fartura, que eu antes quero comer raízes no campo, onde não há gato nem ratoeira e se vive sem sobressaltos.**

E assim diz o adágio: **Mais vale magro no mato, que gordo na boca do gato.**

ESOPO. *Fábulas de Esopo*. Tradução e adaptação de Carlos Pinheiro. Edição do Autor, 2012.

A fábula “O rato da cidade e o rato do campo”, de Esopo, é um exemplo de texto em que há domínio discursivo literário.

Cotidiano

O domínio discursivo cotidiano é voltado a acontecimentos circunstanciais e visa à expressão pessoal e à comunicação interpessoal, logo por sua natureza não tem ampla circulação social. Entre outros textos de domínio discursivo cotidiano, podem ser citados os bilhetes, os cartões, as cartas, os diários, as fofocas, os recados, as cadernetas de anotações, as piadas, os convites e os telegramas.

Taubaté, março de 1906.

Rangel:

Estou noivo. Pedi no dia 12 e obtive a 15 a mão de Purezinha, filha do doutor Natividade que te examinou em Aritmética no Curso Anexo, minha prima longe, professora complementarista, loura, branca como pétala de magnólia, linda.

Combinamos casar um dia.

Cheguei de São Paulo ontem e lá quase que só noivei. Apenas uma noite estive com os Cães. Ricardo sobe como um câmbio. O Joaquim Nabuco fez-lhe tremendos elogios. Foi Ricardo quem o saudou à chegada, num discurso de maravilhosa eloquência. Lino também, de uma janela, atirou para cima de Nabuco um discurso de esmagar – mas engasgou no momento mais agudo da altiloquência perorativa. Um italiano da rua, entusiasmado, berrara um hilariante “Viva Brasile!” que quase fulmina o Lino de apoplexia colérica. Tito falou na manifestação dos estudantes, e bem, com períodos longos e bem boleados.

Como vês, o velho Cenáculo faz figura quando quer. Todos ainda sabemos latir.

Quanto à nossa novela a dois, convenci-me de que a tua história do Boiadeiro é burrice e proponho a que aqui vai. Se concordas, escreve a continuação e manda tudo para o Benjamim Pinheiro, a tempo de sair no Minarete próximo.

Lobato

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Globo Livros, 2010.

A carta enviada por Monteiro Lobato ao amigo Godofredo Rangel é um exemplo de texto em que há domínio discursivo cotidiano.

ROTEIRO DE AULA

DOMÍNIOS E GÊNEROS DISCURSIVOS

O dialogismo é

a essência da linguagem em uso social, uma vez que é impossível pensar em comunicação fora da esfera social de emprego da linguagem, com seus sujeitos, valores, contextos etc.

O caráter social da linguagem faz que os enunciados sejam convertidos em

discurso,

em que as características dos gêneros empregados, como

suporte, registro de linguagem, esfera de circulação, público-alvo, norma lingüística etc.,

compõem os campos de atividade, que fazem parte dos

domínios discursivos,

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

de que se pode destacar
como os mais recorrentes:

religioso,

**cujos gêneros
mais produtivos são:**

mantras, ladainhas, rezas, ora-
ções, preces, sermões, pará-
bolas e homilias.

jornalístico,

**cujos gêneros
mais produtivos são:**

notícias, reportagens, artigos
de opinião, cartas de leitor,
resenhas, editoriais, tirinhas,
charges, debates e entrevistas.

publicitário,

**cujos gêneros
mais produtivos são:**

jornais, revistas, folhetos,
cartazes, *outdoors*, anúncios,
jingles, panfletos, *folders* e
propagandas.

eletrônico/digital,

**cujos gêneros
mais produtivos são:**

chats, mensagens em aplica-
tivos, *e-mails*, blogs, redes
sociais, entre outros.

cotidiano,

**cujos gêneros
mais produtivos são:**

bilhetes, cartões, cartas, diá-
rios, fofocas, cadernetas de
anotações, piadas, recados,
convites, telegramas etc.

literário,

**cujos gêneros
mais produtivos são:**

contos, lendas, fábulas, roman-
ces, epopeias, peças de teatro,
novelas, poemas, crônicas, bio-
grafias etc.

escolar,

**cujos gêneros
mais produtivos são:**

aula, apostila, projeções, ano-
tações de aula, avaliações etc.

acadêmico,

**cujos gêneros
mais produtivos são:**

artigo científico, resumo, ficha-
mento, resenha, ensaio, dis-
sertação, tese, seminário etc.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. FDSBC-SP (adaptada)

Ser velho virou ofensa

A lista de xingamentos que já enfrentei aqui e nas redes sociais é longa, porém clichê. Em geral são variações mais ofensivas de “chata e burra”. Sou chamada de feminazi e de reaçã, o que me faz ter certeza que estou no caminho certo. Felizmente tenho a sorte de ser paga para escrever e não para agradecer. E desconfio que alguns detratores, ao deitar à noite, abraçam o travesseiro e repetem “Mariliz, te amo”, no escurinho do anonimato.

Ser xingada de velha, no entanto, é novidade. Não porque eu não seja. Na adolescência qualquer pessoa com mais de 30 era velha para mim. Por esse conceito, me encaixo na categoria faz tempo. O que me surpreende é que chamar uma pessoa de velha seja considerada munição para ofender. Foi xingamento porque veio em letras garrafais e com pontos de exclamação suficientes para que a entonação fosse negativa.

SUA VELHA!!!

Preconceito? Desdém?

O que é ser velha para essas pessoas a ponto de elas considerarem uma ofensa?

É ter rugas na testa de tanto franzi-la ao longo da vida, por alegria, tristeza, preocupação, êxtase? Talvez sejam as manchas de sol que eu guardo de lembrança dos verões. Tem bigode chinês, sim. A pele está flácida e talvez eu pareça um buldogue sacolejando as pelancas do rosto quando corro.

Ser velha é sentir dores na lombar até quando durmo? Tenho. Tenho mais. Joelho operado, queda de cabelo e uma pancinha que tá osso perder, na academia. Tenho sono também. Sexta passada, nem era 21h30 e já estava na cama. Felicidade de velho, não ter mais a obrigação de ficar no bar até o garçom erguer as cadeiras. Você venceu, mãe. O que é ser velha? Ter amigos tão antigos que as fotos estão desbotadas, celebrar 20 anos de formada, ser chamada de tia pelos filhos dos colegas, sentir saudade de tantas coisas e também alívio por ter sobrevivido a elas e a mim mesma?

Sou velha.

É ter cicatrizes de amor no estômago e na alma, rugas de felicidade, marcas no corpo de paixão, remorsos por ter traído, magoado, deixado para trás? Casei, descasei, casei de novo. Morri por tantas histórias e ressuscitei apenas para morrer de novo.

Olho para trás e vejo, com otimismo, que talvez metade da vida já tenha passado. Talvez mais. Não sei se me restam mais 40 ou mais quatro anos, penso com um pouco de melancolia. Deve ser coisa de velho.

Vale nessa contabilidade ter mais carimbos no passaporte do que na carteira de trabalho? Mais dívidas do que dinheiro no banco? Coletar vitórias, promoções e acertos, chorar demissões e fracassos? Tudo anotadinho.

E histórias para contar, lembranças para celebrar, burradas para se arrepender? Tudo no caderninho da vida. Aos montes.

Já nadei pelada num hotel famoso, saltei de paraquedas, viajei sozinha de mochila pela Europa, fugi de tarados no

Nordeste, fiz trabalho voluntário, morei em tantas casas que já nem me lembro mais.

Isso é ser velha? Ok, sou velha. Que ótimo. Pode arranjar outro xingamento, esse não cola.

JORGE, Mariliz Pereira. *Folha de S.Paulo*, 14 set. 2017. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: jan. 2019. Adaptado.

Em várias passagens, a colunista recorre a expressões informais como

- a) recurso argumentativo típico de assuntos irrelevantes como o do texto em tela.
- b) deslize de natureza gramatical, pois em textos jornalísticos é exigida formalidade.
- c) procedimento equivocado em função do ponto de vista que ela defende.
- d) estratégia para estabelecer mais proximidade com o leitor.

A linguagem informal empregada pela colunista Mariliz Pereira Jorge é uma característica do domínio discursivo cotidiano e, portanto, tem o objetivo de estabelecer maior proximidade com o leitor.

2. Unievangélica-GO – Leia o texto a seguir.

Correios

Ir mais longe é estar entre as melhores empresas de serviços postais do mundo.

A Accenture, uma das maiores consultorias do mundo, colocou os Correios entre as 10 melhores empresas de serviços postais no mundo, isso porque, em um mundo competitivo e complexo, os Correios estão sempre se renovando e se modernizando, ampliando seu portfólio de produtos e oferecendo cada vez mais soluções de logísticas e serviços financeiros. Isso tudo só reforça nosso principal objetivo: ir mais longe pelos brasileiros.

#vamaislonge

Valor Econômico, 06 maio 2013, p. A5.

O texto constitui prática comunicativa de um domínio discursivo que desenvolve atividades voltadas para o comércio e o consumo em geral.

Levando isso em conta, verifica-se que o gênero discursivo desse texto tem como propósito

- a) descrever as características técnicas de um produto e instruir o consumidor quanto à maneira adequada de consumi-lo e/ou utilizá-lo.
- b) documentar, para efeito fiscal e jurídico, os elementos envolvidos numa compra, tais como especificação do produto, quantidade e valor.
- c) registrar formalmente os acordos e as cláusulas firmados entre duas ou mais partes envolvidas numa transação comercial.
- d) promover uma marca, um bem e/ou um serviço junto ao consumidor, utilizando para isso estratégias retóricas de persuasão.

O domínio discursivo é o publicitário, pois o cartaz tem o objetivo de promover a marca dos Correios, já que a Accenture, “uma das maiores consultorias mundiais”, destacou os Correios como uma das “melhores empresas de serviços postais no mundo”.

3. Unifor-CE



BECK, Alexandre. *Armandinho*. Disponível em: <www.facebook.com/tirasarmandinho/>. Acesso em: abr. 2019.

Com relação à publicidade infantil, avalie as afirmações a seguir.

- I. A publicidade infantil é considerada abusiva, pois a criança é mais vulnerável ao discurso persuasivo.
- II. A estratégia publicitária consiste na aproximação entre linguagem empregada nos anúncios e a cotidiana, a fim de que a mensagem seja compreendida.
- III. O discurso publicitário tem afetado positivamente na construção das escolhas das crianças, tornando-as consumistas precoces.
- IV. A mensagem na publicidade infantil é criada a partir do repertório da criança cuja intenção é persuadi-la para o consumo de qualquer produto ou serviço.

É correto apenas o que se afirma em:

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I e IV.
- d) II, III e IV.
- e) I, III e IV.

As afirmações I e IV estão corretas porque há um domínio discursivo publicitário, como comprova o último quadrinho, em que a personagem Armandinho evidencia a intenção das propagandas de convencer as crianças a consumir: "Parece que tentam me convencer a querer o que eu não preciso!".

4. Fac. Santa Marcelina-SP

O deleite com os alimentos

O deleite com os alimentos funciona em duas fases. Primeiro vêm as preliminares: sentir um cheiro agradável, passar na porta do restaurante onde se experimentou um jantar dos deuses ou assistir a uma propaganda de biscoitos recheados na TV. "É daí que vem o verdadeiro poder da comida: da antecipação do prazer", afirma Kessler. Esses estímulos já são suficientes para fazer nosso cérebro liberar dopamina. A substância — também responsável pelos impulsos de fuga — cria o desejo e nos faz correr atrás do que for necessário para comer aquele prato tentador, porque a vontade fica insuportável. Quando você, de fato, abocanha a gostosura, mais

dopamina é liberada. E também opioides. Essas substâncias farão não apenas com que você sinta prazer, mas aumentarão seu desejo e irão motivá-lo a buscar mais comida. Para evitar que esse ciclo tenha início, é necessário parar no comecinho. Mude o caminho de casa para o trabalho, a fim de não passar na frente do tal restaurante e evite chegar muito próximo da banca de pastel para não ser seduzido pelo cheirinho de fritura. O prazer proporcionado apenas pela ideia de que você está prestes a se esbaldar com uma delícia dessas já pode fazer você perder o controle.

A prova veio de um estudo divulgado em abril, em que pesquisadores da Universidade de Yale, EUA, reuniram 48 mulheres, entre magras e acima do peso, para testar o quanto ficavam tentadas ao ver um *milkshake* de chocolate. Após 4 a 6 horas em jejum, as voluntárias olhavam para uma foto da bebida. Somente depois podiam saboreá-la de fato. Nos dois momentos, seus cérebros foram escaneados. Em algumas mulheres, os cientistas observaram um padrão de atividade de neurônios comum também no vício em drogas: a simples sugestão da comida ativava mais o sistema de prazer e recompensa do que ingeri-la propriamente. Essas mulheres tinham uma fissura por comidas calóricas maior do que a normal (já que liberavam mais dopamina nas preliminares) e uma satisfação inferior à média ao abocanhar as gostosuras (quando os químicos de bem-estar vinham menos do que o esperado). Resultado: elas comiam mais como forma de compensação.

COLLETTA, Denise Dalla; SANTOS, Priscilla. Cabeça de magro. *Revista Galileu*. São Paulo: Editora Globo, set. 2011. Adaptado.

No trecho

Quando você, de fato, **abocanha a gostosura**, mais dopamina é liberada,

os termos destacados revelam um registro mais informal, coloquial, que procura conferir leveza ao texto e aproximar-se do cotidiano do leitor.

Assinale a alternativa que também apresenta um elemento dessa natureza.

- a) [...] os cientistas observaram um padrão de atividade de neurônios comum também no vício em drogas [...].
- b) Esses estímulos já são suficientes para fazer nosso cérebro liberar dopamina.
- c) Somente depois podiam saboreá-la de fato. Nos dois momentos, seus cérebros foram escaneados.
- d) [...] a simples sugestão da comida ativava mais o sistema de prazer e recompensa do que ingeri-la propriamente.
- e) Essas mulheres tinham uma fissura por comidas calóricas maior do que a normal [...].

As expressões "abocanha a gostosura" e "tinham uma fissura" são coloquiais, comuns no dia a dia das pessoas, o que faz que esses trechos do texto sejam considerados exemplos de domínio discursivo cotidiano.

5. UFG-GO

Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se novamente e se desencadeiam sobre mim.

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi, o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto. Depois de decênios de domínio e espoliação

dos grupos econômicos e financeiros internacionais, fiz-me chefe de uma revolução e venci. Iniciei o trabalho de libertação e instaurei o regime de liberdade social. Tive de renunciar. Voltei ao Governo nos braços do povo. A campanha subterrânea dos grupos internacionais aliou-se à dos grupos nacionais revoltados contra o regime de garantia do trabalho. A lei de lucros extraordinários foi detida no Congresso. Contra a justiça da revisão do salário mínimo se desencadearam os ódios. Quis criar a liberdade nacional na potencialização das nossas riquezas através da Petrobrás, mal começa esta a funcionar, a onda de agitação se avoluma. A Eletrobrás foi obstaculada até o desespero. Não querem que o trabalhador seja livre. Não querem que o povo seja independente.

Assumi o Governo dentro da espiral inflacionária que destruía os valores de trabalho. Os lucros das empresas estrangeiras alcançavam até 500% ao ano. Na declaração de valores do que importávamos existiam fraudes constatadas de mais de 100 milhões de dólares por ano. Veio a crise do café, valorizou-se o nosso principal produto. Tentamos defender seu preço e a resposta foi uma violenta pressão sobre a nossa economia a ponto de sermos obrigados a ceder.

Tenho lutado mês a mês, dia a dia, hora a hora, resistindo a uma pressão constante, incessante, tudo suportando em silêncio, tudo esquecendo, renunciando a mim mesmo, para defender o povo que agora se queda desamparado. Nada mais vos posso dar a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater à vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta.

Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. Ao ódio respondo com o perdão. E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate.

Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história.

Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1954.

Getúlio Vargas

VARGAS, Getúlio. Carta testamento. 1954. *apud* RODRIGUES, Maria das Graças Soares; NETO, João Gomes da Silva; PASSEGGI, Luis; MARQUESI, Sueli Cristina. A Carta-Testamento de Getúlio Vargas (1882-1954): genericidade e organização textual no discurso político. In: *Filologia linguística e portuguesa*, v. 2, n. 14. São Paulo: FFLCH-USP, 2012. p. 285-307.

Com o auxílio da intertextualidade, o locutor constrói uma autoimagem que foge ao político. Que imagem é essa e com que discurso a intertextualidade se estabelece?

- a) Justiceiro – discurso jurídico.
- b) Militante – discurso sindicalista.

- c) Operário – discurso popular.
- d) Redentor – discurso religioso.
- e) Guerreiro – discurso militar

No trecho “Nada mais vos posso dar a não ser meu sangue. Se as aves de rapina querem o sangue de alguém, querem continuar sugando o povo brasileiro, eu ofereço em holocausto a minha vida. Escolho este meio de estar sempre convosco. Quando vos humilharem, sentireis minha alma sofrendo ao vosso lado. Quando a fome bater a vossa porta, sentireis em vosso peito a energia para a luta por vós e vossos filhos. Quando vos vilipendiarem, sentireis no meu pensamento a força para a reação. Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será a vossa bandeira de luta”, Getúlio Vargas se põe como uma figura redentora, assemelhada a Jesus, e, portanto, caracteriza-se o domínio discursivo religioso.

6. Enem

C5-H16

A orquestra atacou o tema que tantas vezes ouvi na vitrola de Matilde. *Le maxixe!*, exclamou o francês [...] e nos pediu que dançássemos para ele ver. Mas eu só sabia dançar a valsa, e respondi que ele me honraria tirando minha mulher. No meio do salão os dois se abraçaram e assim permaneceram, a se encarar. Súbito ele a girou em meia-volta, depois recuou o pé esquerdo, enquanto com o direito Matilde dava um longo passo adiante, e os dois estacaram mais um tempo, ela arqueada sobre o corpo dele. Era uma coreografia precisa, e me admirou que minha mulher conhecesse aqueles passos. O casal se entendia à perfeição, mas logo distingui o que nele foi ensinado do que era nela natural. O francês, muito alto, era um boneco de varas, jogando com uma boneca de pano. Talvez pelo contraste, ela brilhava entre dezenas de dançarinos, e notei que todo o cabaré se extasiava com a sua exibição. Todavia, olhando bem, eram pessoas vestidas, ornadas, pintadas com deselegância, e foi me parecendo que também em Matilde, em seus movimentos de ombros e quadris, havia excesso. A orquestra não dava pausa, a música era repetitiva, a dança se revelou vulgar, pela primeira vez julguei meio vulgar a mulher com quem eu tinha me casado. Depois de meia hora eles voltaram se abanando, e escorria suor pelo colo de Matilde decote abaixo. Bravô, eu gritei, bravô, e ainda os estimulei a dançar o próximo tango, mas Dubosc disse que já era tarde, e que eu tinha um ar fatigado.

BUARQUE, Chico. *Leite derramado*. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

Os recursos expressivos de um texto literário fornecem pistas aos leitores sobre a percepção das personagens em relação aos eventos da narrativa. No fragmento, constitui um aspecto relevante para a compreensão das intenções do narrador a

- a) inveja disfarçada em relação ao estrangeiro, sugerida pela descrição de seu talento como dançarino.
- b) demonstração de ciúmes, expressa pela desqualificação dos participantes da cena narrada.
- c) postura aristocrática, assinalada pela crítica à orquestra e ao gênero musical executado.
- d) manifestação de desprezo pela dança, indicada pela crítica ao exibicionismo da mulher.
- e) atitude interesseira, pressuposta no elogio final e no estímulo à continuação da dança.

O narrador, após incentivar a esposa a dançar com Dubosc, percebe, conforme se observa melhor a cena, a falta de naturalidade na dança do francês e, aos poucos, transfere seu julgamento negativo para as pessoas “vestidas, ornadas, pintadas com deselegância” e logo para os excessos nos “movimentos de ombros e quadris” da esposa. Assim que a música que julga monótona termina, ele também percebe que seu julgamento o faz ver pela primeira vez vulgaridade na esposa.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unifor-CE

Black bloc e democracia

Reduzir a conduta dos *black blocs* à ilicitude seria tratar toda desobediência civil como mero ato de bandidagem. Mas, no momento, seus resultados são fascistas e precisam ser repensados

Já tive oportunidade de escrever sobre o movimento *black bloc* nessa coluna em artigo passado. Volto ao tema pelo andar recente da carruagem, me dando a liberdade jornalística de não me alongar em argumentos acadêmicos e citações.

O Estado Democrático de Direito implica na disputa pacífica do poder político. O argumento como substituto da violência, a lei como substituta do poder soberano absolutista.

Nesse aspecto, a legalidade é um valor essencial. A lei expressa a soberania popular e como tal tem de ser observada. A ordem democrática é um valor estruturante do regime político.

Entretanto, não há como deixar de observar na história do regime democrático no mundo que este evoluiu em termos de ampliação da garantia de direitos, por meio de rupturas desta mesma ordem jurídica.

Do voto feminino e universal aos direitos sociais, todas foram conquistas obtidas por rupturas populares da ordem que fizeram evoluir a democracia burguesa do fim do século XVIII para a democracia universal, representativa e com elementos de democracia direta, do mundo ocidental contemporâneo.

De instrumento puro de dominação, a democracia transmutou-se em veículo possível de transformações liberais e sociais.

SERRANO, Pedro Estevam. *Carta Capital*, 30 out. 2013. Disponível em: <www.cartacapital.com.br>. Acesso em: jan. 2019.

Inferese da leitura acima que o fato de o autor do texto mencionar que a liberdade jornalística lhe permite não se alongar em argumentos acadêmicos e citações foi citado para revelar que o texto

- não pode ser considerado literatura, pois foi publicado em uma revista.
- apresenta caráter cientificista, dado o seu sentido técnico.
- é extremamente formal, pela seriedade do tema a que remete.
- apresenta gênero discursivo híbrido, sendo explícita a intertextualidade com outras publicações.
- apresenta explicitamente as opiniões emitidas pelo detentor das informações: o autor.

8. UFGD-MS – Leia o texto.

Astrônomos e astrólogos mantêm divergência

Astrônomos e astrólogos nem sempre se deram bem, apesar de ambos buscarem a base de suas especulações no mesmo objeto: os astros que povoam o Universo. Os primeiros realizam seus trabalhos sustentados pela Ciência, o que já não se pode dizer com respeito aos cultores da Astrologia. As rixas voltam a aparecer no momento em que o cometa Halley atrai as atenções em sua passagem pela Terra, que ocorre apenas a cada 76 anos.

Para alguns astrólogos, o cometa é uma espécie de “esperma do Universo”, pois supõe-se que a vida na Terra, por exemplo, surgiu após um choque do planeta com um destes astros.

Este ano o Halley vem, segundo eles, desestabilizar “courageiras energéticas” que envolvem a Terra e o ser humano em particular, impostas pelo “ditador” Sol.

Do texto não foi citada a fonte para que não fosse revelado, por ela, o tipo de discurso que ele contém. A partir do conjunto de características que definem os diferentes tipos de discurso, pode-se afirmar que “Astrônomos e astrólogos mantêm divergências” apresenta um discurso

- científico, pois aborda a temática “astronomia” e “astrologia”.
- poético, pois as expressões que mostram a linguagem da astrologia são metafóricas, faltando ao texto o rigor da linguagem científica.
- jornalístico, pois o texto trata objetivamente, inclusive com recursos de discurso direto, da divergência de pontos de vista entre astrônomos e astrólogos a respeito da passagem do cometa Halley.
- científico, pois percebe-se a bem marcada presença da visão do enunciador num enunciado que se quer objetivo.
- humorístico, pois a expressão “esperma do Universo” carrega uma conotação de sarcasmo, pois leva a imaginar o choque dos astros como uma imensa cópula cósmica.

9. FDSBC-SP

Em fila começamos a subir para a serra. A tarde adoçava o seu esplendor de estio. Uma aragem trazia, como ofertados, perfumes de flores silvestres. As ramagens moviam, com um aceno de doce acolhimento, as suas folhas vivas e reluzentes. Toda a passarinhada cantava, num alvoroço de alegria e de louvor. As águas correntes, saltantes, luzidias, despediam um brilho mais vivo, numa pressa mais animada. Janelas distantes de casas amáveis, flamejavam com um fulgor de ouro. A serra toda se ofertava, na sua beleza eterna e verdadeira.

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. São Paulo: Ática, 2012.

O texto acima integra o romance *A cidade e as serras*, de Eça de Queirós. Exemplifica bem o estilo literário do autor, por seu poder de criar um quadro da natureza. Assim, nele, predomina o discurso

- narrativo, por indicar movimento provocado por verbos de ação usados no início de uma caminhada pela serra.
- dissertativo, porque desenvolve uma análise das cenas naturais portuguesas, com o objetivo de apresentá-las ao grupo de viajantes.
- descritivo, pela exuberância de caracterização da paisagem, com linguagem carregada de adjetivos, criando uma tela viva dos encantos naturais ofertados pela serra.
- argumentativo, porque alude às forças vivas da natureza, capazes de convencer as pessoas sobre o estado de felicidade das coisas.

10. Mack-SP

A arqueologia não pode ser desvencilhada de seu caráter aventureiro e romântico, cuja melhor imagem talvez seja, desde há alguns anos, as saborosas aventuras do arqueólogo Indiana Jones. Pois bem, quando do auge do sucesso de Indiana Jones, o arqueólogo brasileiro Paulo Zanetti escreveu um artigo no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, intitulado “Indiana Jones deve morrer!”. Para ele, assim como para outros arqueólogos profissionais, envolvidos com um trabalho árduo, sério e distante das peripécias das telas, essa imagem aventureira é incômoda.

O fato é que o arqueólogo, à diferença do historiador, do geógrafo ou de outros estudiosos, possui uma imagem muito mais atraente, inspiradora não só de filmes, mas também de romances e livros os mais variados.

Bem, para usar uma expressão de Eça de Queiroz, “sob o manto diáfano da fantasia” escondem-se as histórias reais que fundamentaram tais percepções. A arqueologia surgiu no bojo do Imperialismo do século XIX, como um subproduto da expansão das potências coloniais europeias e dos Estados Unidos, que procuravam enriquecer explorando outros territórios. Alguns dos primeiros arqueólogos de fato foram aventureiros, responsáveis, e não em pequena medida, pela fama que se propagou em torno da profissão.

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003. Adaptado.

Assinale a alternativa correta.

- a) Encontra-se no texto o predomínio da conotação, uma vez que as palavras empregadas transmitem sentidos figurados com várias possibilidades de interpretação.
- b) O texto possui um caráter predominantemente estético, com os sentidos das palavras reinventados constantemente pelo seu autor, a aprofundar o valor literário do texto.
- c) A referência a um autor português reforça o caráter literário que o texto assume ao direcionar subjetivamente o teor das informações transmitidas.
- d) O domínio discursivo do texto apresenta um caráter instrucional, pois seu principal objetivo é transmitir um conhecimento ou um saber definido pelo seu autor.

11. Unievangélica-GO

Apelo ao Conar

Cervejaria discrimina idosos

Tenho 37 anos de idade e venho pedir proteção. Não sabia a quem recorrer. Então pensei se o Conar* poderia me ajudar, ou com palavras de esclarecimento ou por meio de ação efetiva. Enfim, preciso de proteção.

Em dezembro de 2004, estava em frente à televisão quando me deparei com uma propaganda repugnante e desagradável, que me deixou perplexo e indignado. Refiro-me ao novo anúncio da Nova Schin, em que dois rapazes estão andando por uma cidade desolada, quando um deles diz: “Tá quente aqui”. Nesse momento, várias mulheres idosas surgem de todos os lados, indo em direção a eles. Senhoras em cadeiras de rodas, andadores, mancando. Uma das mulheres diz: “Vem, gatinho, vem! Vem pra mim!”.

Os rapazes então começam a correr, fugindo das mulheres, como se foge de uma grande ameaça, até que encontram um *freezer* da Nova Schin e pulam dentro

dele. Vão parar numa praia cheia de gente bonita e jovem. Lá, encontram a cantora Ivete Sangalo. Ela está vestida de biquíni, servindo a cerveja, brindando com amigas numa mesa, num clima de alegria e descontração. Os dois rapazes, então, aliviados, ficam sentados em cadeiras de praia, cercados por “belas” mulheres de biquínis multicoloridos tomando a “cerveja do gozo”. A propaganda termina com Ivete pronunciando o *slogan* da campanha: “Quanto mais nova, mais gostosa”.

A propaganda é de profundo mau gosto, demonstrando o famigerado preconceito etário: o que é velho é ruim e nojento, o que é novo é bom e gostoso. O pior do anúncio é mostrar pessoas idosas, resvalando para a discriminação silenciosa, na qual o velho deve ser trocado pelo novo. A identidade social do idoso é fundamentada na relação de contrastividade. Por assim dizer, o que é jovem é belo e bom, enquanto o que é velho é ruim e feio.

Sentimento vexatório

Como cidadão, respaldado na Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, § 3º, a qual determina que “todo cidadão tem o dever de denunciar à autoridade competente qualquer forma de negligência ou desrespeito ao idoso”, venho solicitar ações cabíveis para eliminar esse tipo de propaganda intolerante que afasta cada vez mais a ideia de idosos saudáveis, alegres, livres.

A fim de extirpar da sociedade esse tipo de discriminação, cada vez mais limitante dos espaços de liberdade às pessoas acima de 60 anos, venho solicitar providências acerca deste anúncio, com base no Estatuto do Idoso – Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003, Capítulo II Art.10º, que determina:

“É obrigação do Estado e da sociedade assegurar à pessoa idosa a liberdade, o respeito e a dignidade, como pessoa humana e sujeito de direitos civis, políticos, individuais e sociais, garantidos na Constituição e nas leis.”

§ 2º. “O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, de valores, ideias e crenças, dos espaços e dos objetos pessoais.”

§ 3º. “É dever de todos zelar pela dignidade do idoso, colocando-o a salvo de qualquer tratamento desumano, violento, aterrorizante, vexatório ou constrangedor.”

O anúncio explora o estereótipo de mulheres idosas em busca de sexo com rapazes, gerando sentimento vexatório e imagem constrangedora.

É crime

Não podemos aceitar, como bem afirmava Simone de Beauvoir, a “conspiração do silêncio”, numa época em que a situação do país não é lisonjeira – para estabelecer um paralelo entre jovens e idosos, num verdadeiro desrespeito, com um pretensão humor, discutível – à dignidade da imagem do idoso.

Todos nós estamos em processo contínuo de envelhecimento. Não podemos deixar a situação ficar pior do que já está. Precisamos de melhor imagem dos idosos. Não podemos esquecer que seremos o sexto país com maior número de pessoas acima de 60 anos.

De acordo com o Estatuto do Idoso, desdenhar, humilhar, menosprezar ou discriminar a pessoa idosa, por qualquer

motivo, é crime. Portanto, para me sentir protegido, pois tenho o direito como cidadão, aguardo resposta sincera e digna.

MONTEIRO, Pedro Paulo. *Observatório de Imprensa*, 11 jan. 2005. Disponível em: <<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br>>. Acesso em: jan. 2019.

A respeito do uso das expressões em negrito, nos trechos a seguir,

É obrigação do Estado e da sociedade assegurar à pessoa idosa a liberdade (...)

É dever de todos zelar pela dignidade do idoso (...)

é incorreto afirmar que:

- a) a construção sintática utilizada confere um tom pessoal a textos do domínio jurídico.
- b) a relação de subordinação caracteriza o discurso jurídico.
- c) o uso das fórmulas SER + NOME assinala o tom prescritivo da lei.
- d) o uso das fórmulas SER + NOME indica o grau de imperatividade atribuído ao conteúdo veiculado.

12. UEG-GO

Norma e padrão

Uma das comparações que os estudiosos de variação linguística mais gostam de utilizar é a da língua com a vestimenta. Esta, como sabemos, é bastante variada, indo da mais formal (longo e *smoking*) à mais informal (biquíni e sunga, ou camisola e pijama). A ideia dos que fazem essa comparação é a seguinte: não existem, a rigor, formas linguísticas erradas, existem formas linguísticas inadequadas. Como as roupas: assim como ninguém vai à praia de *smoking* ou de longo, também ninguém casa de biquíni e de sunga, ou de camisola e de pijama (sem negar que estas sejam vestimentas, e adequadas!), assim ninguém diz “me dá esse troço aí” num banquete público e formal nem “faça-me o obséquio de passar-me o sal” numa situação de intimidade familiar.

Os gramáticos e os sociolinguistas, cada um com seu viés, costumam dizer que o padrão linguístico é usado pelas pessoas representativas de uma sociedade. Os gramáticos dizem isso, mas acabam não analisando o padrão, *nem recomendando-o de fato*. Recomendam uma norma, uma norma ideal. Vou dar uns exemplos: se o padrão é o usado pelos figurões, então deveriam ser considerados padrões o verbo “ter” no lugar de “haver”; a regência de “preferir x do que y”, em vez de “preferir x a y”; o uso do anacoluto (A inflação, ela estará dominada quando...); a posição enclítica dos pronomes átonos. O que não significa proibir as mais conservadoras. Algumas dessas formas “novas” aparecem em muitíssimo boa literatura, em autores absolutamente consagrados, que poderiam servir de base para que os gramáticos liberassem seu uso – para os que necessitam da licença dos outros.

Vejam-se esses versos de Murilo Mendes: “Desse lado tem meu corpo / tem o sonho / tem a minha namorada na janela / tem as ruas gritando de luzes e movimentos / tem meu amor tão lento / tem o mundo batendo na minha memória / tem o caminho pro trabalho. Do outro lado tem outras vidas vivendo da minha vida / tem pensamentos sérios me esperando na sala de visitas / tem minha noiva definitiva me esperando com flores na mão / tem a morte, as colunas da ordem e da desordem”.

Faltou ao poeta acrescentar: tem uns gramáticos do tempo da onça / de antes do tempo em que se começou a andar pra frente.

Não vou citar Drummond de Andrade, com seu por demais conhecido “Tinha uma pedra no meio do caminho...”, nem o Chico Buarque de “Tem dias que a gente se sente / como quem partiu ou morreu...”

Mas acho que vou citar “Pronominais”, do glorioso Oswald de Andrade: Dê-me um cigarro / Diz a gramática / Do professor e do aluno / E do mulato sabido / Mas o bom negro e o bom branco / Da nação brasileira / Dizem todos os dias / Deixa disso camarada / Me dá um cigarro.

Quero insistir: *ao contrário do que se poderia pensar* (e vários disseram), não sou anarquista, defensor do tudo pode, ou do vale tudo. Nem estou dizendo que “Nós vai” é igual a “Tem muito filho que obedece os pais”. O que estou fazendo é cobrar coerência, um pouquinho só: *se o padrão vem da fala dos bacanas*, se os mais bacanas são os poetas consagrados, por que, antes das dez, numa aula de literatura, podemos curtir seu estilo e em outra aula, depois das onze, *dizemos aos alunos e aos demais interessados*: viram o Drummond, o Murilo, o Machado, o Guimarães Rosa? Que criatividade!!! Mas vocês não podem fazer como eles.

POSSENTI, Sírio. *A cor da língua e outras crônicas de linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 111-112. Adaptado.

Em razão das características do gênero textual, o autor busca imprimir ao seu texto um tom mais informal e próximo do uso cotidiano da língua. Essa escolha estilística pode ser exemplificada pelo uso da seguinte construção:

- a) ... nem recomendando-o de fato...
- b) ... ao contrário do que se poderia pensar...
- c) Vejam-se esses versos de Murilo Mendes...
- d) ... se o padrão vem da fala dos bacanas...
- e) ... dizemos aos alunos e aos demais interessados...

13. Unievangélica-GO (adaptada) – Analise a chamada e leia o texto a seguir.

Em nome do pai

Após “tirar” o pai de Barcelona 1992, Raulzinho brilha pelos dois no Mundial

Mesmo antes de nascer, em 1992, o atleta mais novo do elenco do Brasil foi decisivo na carreira do pai. Convocado para a pré-lista do então técnico José Medaglia para os Jogos de Barcelona do mesmo ano, Raul Filho desistiu do torneio poucas horas antes de embarcar de Minas para São Paulo, por causa do nascimento de seu filho do meio. No saguão do hotel de Madri, onde a delegação brasileira está hospedada para a fase final da Copa do Mundo, o cestinha da vitória contra a Argentina, com 21 pontos, brincou com a reportagem do GloboEsporte.com, dizendo que “tirou” o pai da competição mais importante do esporte.

– É uma história engraçada. O meu pai me disse que estava indo para o aeroporto para se apresentar à seleção, mas quando chegou lá e abriu o porta-malas para pegar a bagagem, desistiu. Ele brinca que agora tenho dois motivos para ir bem, jogar por mim e por ele contou o camisa 5 canarinho.

LEME, Fabio. *Globo esporte*, 9 set. 2014. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com>>. Acesso em: jan. 2019. Adaptado.

O jornalismo esportivo, especialmente o de mídia eletrônica, usa com certa frequência variados recursos de linguagem para construir manchetes e chamadas de capa criativas e atraentes ao leitor.

Esse procedimento está presente no constituinte “Em nome do pai”, o qual faz uso do seguinte recurso de linguagem:

- retomada intertextual da primeira parte da fórmula “Em nome do pai, do filho e do espírito santo”, proveniente do discurso religioso.
- reaproveitamento de natureza interdiscursiva do filme polonês “Em nome de”, da diretora Małgorzata Szumowska.
- articulação intersemiótica de símbolos visuais típicos do campo religioso com conteúdo verbal oriundo do discurso jurídico.
- reprodução da linguagem jurídica usada para elaborar uma procuração, um documento que permite uma pessoa agir em nome de outra.

14. Enem

C6-H18

No dia 7 de outubro de 2001, Estados Unidos e Grã-Bretanha declararam guerra ao regime Talibã, no Afeganistão.

Leia trechos das declarações do presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, e de Osama Bin Laden, líder muçulmano, nessa ocasião:

George Bush:

Um comandante-chefe envia os filhos e filhas dos Estados Unidos à batalha em território estrangeiro somente depois de tomar o maior cuidado e depois de rezar muito. Pedimos-lhes que estejam preparados para o sacrifício das próprias vidas. A partir de 11 de setembro, uma geração inteira de jovens americanos teve uma nova percepção do valor da liberdade, do seu preço, do seu dever e do seu sacrifício. Que Deus continue a abençoar os Estados Unidos.

Osama Bin Laden:

Deus abençoou um grupo de vanguarda de muçulmanos, a linha de frente do Islã, para destruir os Estados Unidos. Um milhão de crianças foram mortas no Iraque, e para eles isso não é uma questão clara. Mas quando pouco mais de dez foram mortos em Nairóbi e Dar-es-Salaam, o Afeganistão e o Iraque foram bombardeados e a hipocrisia ficou atrás da cabeça dos infíeis internacionais. Digo a eles que esses acontecimentos dividiram o mundo em dois campos, o campo dos fiéis e o campo dos infíeis. Que Deus nos proteja deles.

O Estado de S.Paulo, 8 out. 2001. Adaptado.

Pode-se afirmar que

- a justificativa das ações militares encontra sentido apenas nos argumentos de George W. Bush.
- a justificativa das ações militares encontra sentido apenas nos argumentos de Osama Bin Laden.
- ambos apoiam-se num discurso de fundo religioso para justificar o sacrifício e reivindicar a justiça.
- ambos tentam associar a noção de justiça a valores de ordem política, dissociando-a de princípios religiosos.
- ambos tentam separar a noção de justiça das justificativas de ordem religiosa, fundamentando-a numa estratégia militar.

15. IFMA



WATTERSON, Bill. *O Estado de S.Paulo*, Caderno 2, p. 63, 12 nov. 2010.

Em função do que se dá o efeito de humor na tirinha acima?

- Da argumentação fortemente marcada pelo discurso religioso que o personagem Calvin faz em defesa dos seus direitos.
- Pelo fato de Calvin ser criança e querer brincar no parquinho.
- Do uso da expressão ‘socorro ditadura!’, que demonstra o caráter autoritário da escola o que justifica o discurso sofisticado de Calvin.
- Do uso, pelo Calvin, no contexto escolar, de palavras sofisticadas, geralmente usadas em um ambiente jurídico, e pelo fato também de a personagem utilizar a palavra ‘parquinho’ (3º quadrinho) quebrando a expectativa do leitor.
- Pela relação que é estabelecida entre o discurso infantil aplicado a uma realidade marcadamente jurídica como a escola.

16. Enem

C6-H18

Ó Pátria amada,
Idolatrada,
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo
O lábaro que ostentas estrelado,
E diga o verde-louro dessa flâmula
—“Paz no futuro e glória no passado.”

Mas, se ergues da justiça a clava forte,
Verás que um filho teu não foge à luta
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada,
Entre outras mil,
És tu, Brasil,
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo é mãe gentil
Pátria amada,
Brasil!

ESTRADA, Joaquim Osório Duque. *Hino nacional brasileiro*.
Ilustradora: Isabel Pons. Rio de Janeiro: Edição da
Sociedade dos Cem Bibliógrafos do Brasil, 1968.

O uso da norma-padrão na letra do *Hino Nacional do Brasil* é justificado por tratar-se de um(a)

- a) reverência de um povo a seu país.
- b) gênero solene de característica protocolar.
- c) canção concebida sem interferência da oralidade.
- d) escrita de uma fase mais antiga da língua portuguesa.
- e) artefato cultural respeitado por todo o povo brasileiro.

17. Unifor-CE

O mistério do dicionário

“Inexplicável”, no dicionário *Caldas Aulete*, quer dizer: “1. Difícil ou impossível de ser explicado ou compreendido, ininteligível; 2. Insondável, imperscrutável; 3. Estranho, esquisito, bizarro”.

É a palavra para o que tem ocorrido nas escolas estaduais ocupadas no Rio de Janeiro. Os alunos têm encontrado livros encaixotados, nunca disponibilizados aos estudantes. Em pelo menos três delas, das quais a coluna recebeu fotos, um título se repete: o *Novíssimo Aulete* (Lexikon).

A coluna apurou que os volumes encontrados fazem parte de um lote de 290 690 exemplares, distribuídos pelo Programa Nacional do Livro Didático em 2013 (ano em que o MEC comprou 8,7 milhões de dicionários). Portanto, estão encaixotados há três anos.

As escolas são a Visconde Cairu, a Oscar Tenório e a Gomes Freire de Andrade. A coluna tentou falar com a diretoria delas, mas não conseguiu, porque elas estão ocupadas.

MEIRELES, Maurício. Painel das Letras. *Folha de S. Paulo*, 7 maio 2016.

O discurso jornalístico, assim como a maior parte da argumentação polêmica e das temáticas tidas como polêmicas, apoia-se em recursos sintáticos para construir e/ou reforçar sua eficácia de acordo com o efeito de sentido que pretende produzir.

No trecho:

A coluna tentou falar com a diretoria delas, mas não conseguiu, porque elas estão ocupadas.

encontra-se como estratégia argumentativa a

- a) refutação.
- b) ironia.
- c) consenso.
- d) lógica.
- e) autoridade.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

Reclame

se o mundo não vai bem
a seus olhos, use lentes
... ou transforme o mundo.
ótica olho vivo
agradece a preferência.

CHACAL. *Olhos vermelhos*. Edição do Autor, 1979.

Os gêneros podem ser híbridos, mesclando características de diferentes composições textuais que circulam socialmente. Nesse poema, o autor preservou, do gênero publicitário, a seguinte característica:

- a) Extensão do texto.
- b) Emprego da injunção.
- c) Apresentação do título.
- d) Disposição das palavras.
- e) Pontuação dos períodos.

19. Enem

Como se apresentam os atos de ler e escrever no contexto dos canais de *chat* da internet? O próprio nome que designa estes espaços no meio virtual elucida que os leitores-escritores ali estão empenhados em efetivar uma conversação. Porém, não se trata de uma conversação nos moldes tradicionais, mas de um projeto discursivo que se realiza só e através das ferramentas do computador via canal eletrônico mediado por um *software* específico. A dimensão temporal deste tipo de

interlocução caracteriza-se pela sincronicidade em tempo real, aproximando-se de uma conversa telefônica, porém, devido às especificidades do meio que põe os interlocutores em contato, estes devem escrever suas mensagens. Apesar da sensação de estarem falando, os enunciados que produzem são construídos num “texto falado por escrito”, numa “conversação com expressão gráfica”. A interação que se dá “tela a tela”, para que seja bem-sucedida, exige, além das habilidades técnicas anteriormente descritas, muito mais do que a simples habilidade linguística de seus interlocutores. No interior de uma enorme coordenação de ações, o fenômeno *chat* também envolve conhecimentos paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados por seus usuários. Isso significa dizer que esta atividade comunicacional, assim como as demais, também apresenta uma vinculação situacional, ou seja, não pode a língua, nesta esfera específica da comunicação humana, ser separada do contexto em que se efetiva.

BERNARDES, Alessandra Sexto; VIEIRA, Paula Michelle Teixeira. O chat como produção de linguagem. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção; COSTA, Sérgio Roberto (Orgs.). *Leitura e escrita de adolescentes na internet e na escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

No texto, descreve-se o *chat* como um tipo de conversação “tela a tela” por meio do computador e enfatiza-se a necessidade de domínio de diversas habilidades. Uma característica desse tipo de interação é a

- a) coordenação de ações, ou atitudes, que reflitam modelos de conversação tradicionais.
- b) presença obrigatória de elementos iconográficos que reproduzam características do texto falado.

C6-H18

C6-H18

- c) inserção sequencial de elementos discursivos que sejam similares aos de uma conversa telefônica.
- d) produção de uma conversa que articula elementos das modalidades oral e escrita da língua.
- e) agilidade na alternância de temas e de turnos conversacionais.

20. Enem

C1-H1

Piraí, Piraí, Piraí

Piraí bandalargou-se um pouquinho

Piraí infoviabilizou

Os ares do município inteirinho

Com certeza a medida provocou

Um certo vento de redemoinho

Diabo de menino agora quer

Um ipod e um computador novinho

Certo é que o sertão quer virar mar

Certo é que o sertão quer navegar

No micro do menino internetinho

GIL, Gilberto. *Banda larga cordel*. Rio de Janeiro: Geleia Geral/Warner Music, 2008.

No texto, encontram-se as expressões “bandalargou-se”, “infoviabilizou” e “internetinho”, que indicam a influência da tecnologia digital na língua. Em relação à dinamicidade da língua no processo de comunicação, essas expressões representam

- a) a expansão vocabular influenciada pelo uso cotidiano de ferramentas da cultura digital.
- b) o desconhecimento das regras de formação de palavras na língua.
- c) a derivação de palavras sob a influência de falares arcaicos.
- d) a incorporação de palavras estrangeiras sem adaptações à língua portuguesa.
- e) a apropriação de conceitos ultrapassados disseminados pelas influências estrangeiras.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

48

GÊNEROS TEXTUAIS

- Domínio discursivo
- Gênero discursivo
- Gênero textual
- Tipologia textual
- Domínio discursivo religioso
- Domínio discursivo jornalístico
- Domínio discursivo acadêmico
- Domínio discursivo literário
- Domínio discursivo eletrônico/digital
- Domínio discursivo publicitário
- Domínio discursivo cotidiano
- Domínio discursivo escolar

HABILIDADES

- Reconhecer as estruturas filosóficas e históricas das interações verbais na sociedade para a construção dos gêneros orais e escritos.
- Compreender gênero dentro das relações dialógicas.
- Identificar os conceitos teóricos para estruturar e analisar diferentes gêneros textuais.

Domínio discursivo, gênero textual e tipo textual

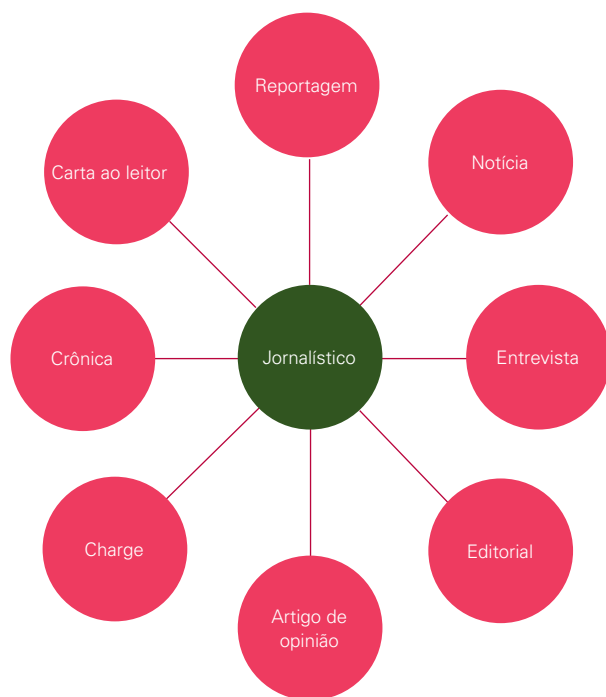
INCOMIBLE/ISTOCK

Os gêneros discursivos são diretamente moldados pelo domínio discursivo a que pertencem.

Como visto anteriormente, entende-se por domínio discursivo as esferas de atividade humana nas quais os discursos se estabelecem. Assim, constituem-se em discursos jurídico, jornalístico, literário, entre outros, conforme área de produção.

O domínio discursivo possui uma forte ligação com a enunciação – ou seja, com o processo pelo qual se entende o que é dito, como é dito e para quem a fala é dirigida –, podendo gerar milhares de gêneros textuais.

O domínio discursivo jornalístico, por exemplo, pode dar origem a uma grande variedade de gêneros textuais, entre os quais a reportagem, a notícia, a entrevista, o editorial, o artigo de opinião, a charge, a crônica e a carta do leitor.



Assim, nas palavras de Luiz Antônio Marcuschi, gênero textual é:

Uma forma concretamente realizada e encontrada nos diversos textos empíricos. Isso se expressa em designações diversas, constituindo um princípio de listagens abertas, tais como: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, instruções de uso, *outdoor*, etc., são textos historicamente situados. Sua definição não é linguística, mas de natureza sócio-comunicativa.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2002.

Se os gêneros textuais são incontáveis, o mesmo não pode ser dito dos tipos textuais, que são construções teóricas definidas pela natureza linguística da composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas). Isso porque os tipos textuais são classes, categorias de classificação textual definidas com base em características linguísticas e gramaticais que expõem a natureza da composição, podendo ser descritivos, narrativos, dissertativos/argumentativos, expositivos e injuntivos.

Para exemplificar a organização de tais categorias, leia o texto a seguir:

Avanço da dengue tipo 2 adia início de aulas no interior de São Paulo

Há duas mortes no estado; começo do ano letivo em São Joaquim da Barra foi transferido para 18 de fevereiro

O avanço de casos prováveis de dengue do sorotipo 2 no estado de São Paulo levou um município paulista a adiar em duas semanas o início das aulas e pôs em alerta hospitais públicos e privados.

Desde 2014, os sorotipos mais prevalentes eram o 1 e o 3. A evolução de uma nova infecção é mais grave em pessoas que já contraíram outros sorotipos da doença.

Nos casos mais graves, as manifestações iniciais são as mesmas da forma clássica (febre, dor de cabeça, dores musculares), mas, entre o terceiro e o sétimo dia, há uma regressão da febre, o hemograma mostra que as plaquetas caem para menos de 100 mil milímetros cúbicos e a pressão arterial pode baixar.

Em São Joaquim da Barra (SP), perto de Franca, as aulas começariam na segunda-feira (4), mas foram adiadas para o dia 18. A justificativa da prefeitura é que há muitos focos de *Aedes aegypti*, mosquito transmissor do vírus da dengue, nos arredores das escolas.

COLLUCCI, Cláudia. *Folha de S.Paulo*, 31 jan. 2019.

Considerando-se as definições de domínio discursivo, gênero textual e tipo textual, pode-se concluir que o texto de Cláudia Collucci apresenta:



Portanto, por meio do exemplo podemos concluir que o domínio discursivo é definido pelo assunto abordado (no caso, jornalístico), que é materializado em texto por meio de um gênero desse domínio (nesse caso, notícia), fazendo uso de um tipo textual determinado pela natureza da composição (no caso, expositivo).

GÊNEROS TEXTUAIS



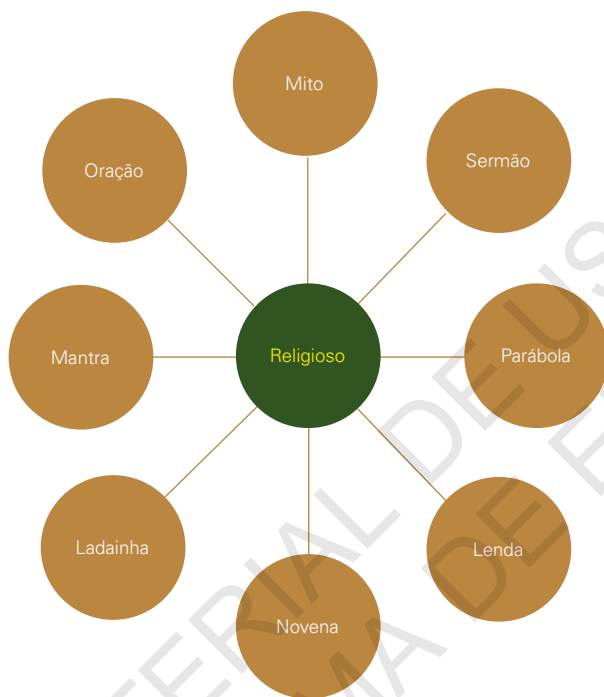
ARTQU/ISTOCK

Por surgirem de necessidades sociais e culturais, os gêneros textuais se caracterizam muito mais por sua função comunicativa, cognitiva e institucional.

Os gêneros textuais são fenômenos históricos que contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do cotidiano, surgindo das necessidades sociais e culturais, de forma a se caracterizarem muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais. Entre os incontáveis gêneros textuais existentes, serão observadas as características de alguns mais difundidos dentro de domínios discursivos como religioso, jornalístico, acadêmico, literário, eletrônico/digital, publicitário, cotidiano e escolar.

Gêneros textuais que compõem o domínio discursivo religioso

Os gêneros textuais do domínio religioso são inúmeros, visto que tantas são as práticas religiosas. Como exemplo, podemos citar: oração, sermão, parábola, missa, novena, ladainha, boletim dominical (no cristianismo), mito e lenda (nas religiões de matriz africana), mantra (no hinduísmo e no budismo), entre outros.



ORAÇÃO

Trata-se de um ato religioso no qual o homem procura manter uma ligação com seres divinos por meio da súplica, da ação de graças, do louvor, da adoração, entre outros propósitos. Pode ser realizada de forma individual ou em grupo, em um meio público ou privado, seguindo um modelo formal ou não. Conforme a prática religiosa, pode ser também chamada de reza ou de prece.

Pai nosso, que estais nos céus! Santificado seja o vosso nome.

Venha a nós o vosso Reino.

Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu.

O pão nosso de cada dia nos dai hoje.

Perdoai as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido.

E não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

Amém.

BÍBLIA. Português. Mateus, 6: 9-15. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.

SERMÃO

Sermão é um discurso oral ou religioso feito por um profeta ou membro do clero sobre temas bíblicos, teológicos, religiosos ou morais, normalmente sustentando uma crença, lei ou comportamento humano num contexto presente ou pretérito. Trata-se de uma pregação. Os elementos da pregação incluem exposição, exortação e aplicação prática.

Semen est verbum Dei

O trigo do Evangelho é a palavra de Deus; os espinhos, as pedras, os caminhos e a terra boa, os diversos estados do coração do homem. Se a palavra de Deus é tão eficaz, por que vemos tão pouco fruto?

O trigo que semeou o pregador evangélico, diz Cristo, que é a palavra de Deus. Os espinhos, as pedras, o caminho e a terra boa em que o trigo caiu, são os diversos corações dos homens. Os espinhos são os corações embaraçados com cuidados, com riquezas, com delícias, e nestes afoga-se a palavra de Deus. As pedras são os corações duros e obstinados, e nestes seca-se a palavra de Deus, e, se nasce, não cria raízes. Os caminhos são os corações inquietos e perturbados com a passagem e tropel das coisas do mundo, umas que vão, outras que vêm, outras que atravessam, e todas passam, e nestes é pisada a palavra de Deus, porque ou a desatendem, ou a desprezam. Finalmente a terra boa são os corações bons, ou os homens de bom coração, e nestes prende e frutifica a palavra divina com tanta fecundidade e abundância, que se colhe cento por um: *Et fructum fecit centuplum*.

Este grande frutificar da palavra de Deus é o em que reparo hoje; e é uma dúvida ou admiração que me traz suspenso e confuso depois que subo ao púlpito. Se a palavra de Deus é tão eficaz e tão poderosa, como vemos tão pouco fruto da palavra de Deus? Diz Cristo que a palavra de Deus frutifica cento por um, e já eu me contentara com que frutificasse um por cento. Se com cada cem sermões se convertera e emendara um homem, já o mundo fora santo. Este argumento da fé, fundado na autoridade de Cristo, se aperta ainda mais na experiência, comparando os tempos passados com os presentes. Lede as histórias eclesiásticas e achá-las-eis todas cheias de admiráveis efeitos da pregação da palavra de Deus. Tantos pecadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformation de costumes; os grandes desprezando as riquezas e vaidades do mundo, os reis renunciando os cetros e as coroas; as mocidades e as gentilezas metendo-se pelos desertos e pelas covas.

E hoje? Nada disto. Nunca na igreja de Deus houve tantas pregações, nem tantos pregadores como hoje. Pois se tanto se semeia a palavra de Deus, como é tão pouco o fruto? Não há um homem que em um sermão entre em si e se resolva; não há um moço que se arrependa; não há um velho que se desengane; que é isto? Assim como Deus não é hoje menos onipotente, assim a sua palavra não é hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deus é tão poderosa, se a palavra de Deus tem hoje tantos pregadores, por que não vemos hoje nenhum fruto da palavra de Deus? Esta tão grande e tão importante dúvida será a matéria do sermão. Quero começar pregando-me a mim. A mim será, e também a vós: a mim, para aprender a pregar; a vós, para que aprendais a ouvir.

VIEIRA, Antônio (Padre). Sermão da Sexagésima. In: _____. *Sermões* – Parte 1. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional – Biblioteca Virtual. Disponível em: <www.iphi.org.br>. Acesso em: mar. 2019.

PARÁBOLA

Parábola é uma alegoria escrita em forma de narração, em que as personagens são seres humanos ou ideias apresentadas como pessoas. Este tipo de texto transmite uma lição ética por meio de uma prosa metafórica, de uma linguagem simbólica, ilustrando verdades e sintetizando ensinamentos.

Havia um homem rico que se vestia de púrpura e de linho fino e vivia no luxo todos os dias.

Diante do seu portão fora deixado um mendigo chamado Lázaro, coberto de chagas; este ansiava comer o que caía da mesa do rico. Em vez disso, os cães vinham lambe as suas feridas.

Chegou o dia em que o mendigo morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. O rico também morreu e foi sepultado.

No Hades, onde estava sendo atormentado, ele olhou para cima e viu Abraão de longe, com Lázaro ao seu lado.

Então, chamou-o: ‘Pai Abraão, tem misericórdia de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo na água e refresque a minha língua, porque estou sofrendo muito neste fogo’.

Mas Abraão respondeu: ‘Filho, lembre-se de que durante a sua vida você recebeu coisas boas, enquanto que Lázaro recebeu coisas más. Agora, porém, ele está sendo consolado aqui e você está em sofrimento.’

E, além disso, entre vocês e nós há um grande abismo, de forma que os que desejam passar do nosso lado para o seu, ou do seu lado para o nosso, não conseguem’.

Ele respondeu: ‘Então eu lhe suplico, pai: manda Lázaro ir à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos. Deixa que ele os avise, a fim de que eles não venham também para este lugar de tormento’.

Abraão respondeu: ‘Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam’.

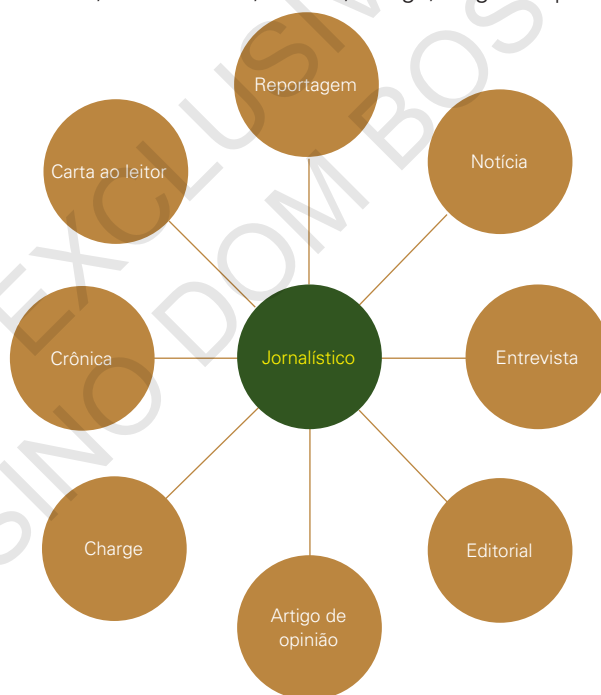
‘Não, pai Abraão’, disse ele, ‘mas se alguém dentre os mortos fosse até eles, eles se arrependeriam’.

Abraão respondeu: ‘Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos’.

BÍBLIA. Português. Lucas, 16:19-31. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.

Gêneros textuais que compõem o domínio discursivo jornalístico

Entre os gêneros textuais do domínio discursivo jornalístico podem ser citados: reportagem, notícia, entrevista, editorial, carta do leitor, crônica, charge, artigo de opinião.



REPORTAGEM

Reportagem é um texto jornalístico divulgado de forma ampla nos meios de comunicação de massa, informando de forma aprofundada os fatos de interesse público. Não possui uma estrutura rígida, mas costuma estabelecer conexões com o fato central, anunciado no *lead*, ampliando-se com citações, trechos de entrevistas, depoimentos, dados estatísticos e outros recursos.



Brumadinho: vale de lama. *TVBrasil*, 17 fev. 2019. Disponível em: <<http://tvbrasil.ebc.com.br>>. Acesso em: mar. 2019.

O objetivo da reportagem é apresentar ao leitor, com imparcialidade, várias versões de um mesmo fato, para que este, acessando conteúdo com linguagem objetiva, dinâmica, clara e acessível, possa formar sua opinião.

NOTÍCIA

Notícia é o gênero textual que visa informar o leitor acerca de determinada ocorrência, sendo bastante recorrente nos diversos meios de comunicação. Trata-se de um texto caracterizado pela apresentação de linguagem simples, clara, objetiva, precisa, imparcial e impessoal, pautado no relato de fatos que interessam ao público em geral.

Barragem da Vale se rompe em Brumadinho

Mar de lama avançou sobre área administrativa da empresa e casas na área rural da cidade.

Uma barragem da mineradora Vale se rompeu nesta sexta-feira (25), em Brumadinho, na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Imagens aéreas mostram que um mar de lama destruiu casas da região do Córrego do Feijão.

O rompimento ocorreu no início da tarde de hoje, na Mina Feijão. A Vale informou sobre o acidente à Secretaria do Estado de Meio-Ambiente às 13h37. Os rejeitos atingiram a área administrativa da companhia, inclusive um refeitório, e parte da comunidade da Vila Ferteco.

Há ao menos sete pessoas feridas. O Corpo de Bombeiros informou por volta das 8h30 de sábado (26) que havia entre 300 e 350 pessoas desaparecidas. Os bombeiros afirmam também que as sirenes de emergência não tocaram e divulgaram uma lista de pessoas resgatadas vivas.

Foram retiradas nove pessoas com vida da lama e 189 foram resgatadas. Quase 100 bombeiros estavam no local na sexta e o número deve chegar a 200 neste sábado (26).

A empresa diz que, dos 427 empregados que estavam no local, apenas 279 foram localizados. Segundo o [então] presidente da Vale, Fábio Schwartsman, vazaram 12 milhões de metros cúbicos de rejeitos - na tragédia de Mariana, há 3 anos, foram 43,7 milhões.

Segundo o presidente da Vale, uma das barragens se rompeu e o vazamento do rejeito também fez outra barragem transbordar. Ele diz que a barragem que rompeu não era usada há três anos. Ainda não há informação sobre a causa do rompimento.

G1 Minas, 25 jan. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com>>. Acesso em: fev. 2019.

ENTREVISTA

Entrevista é um gênero textual marcado pela oralidade e produzido pela interação entre duas pessoas, ou seja, o entrevistador, responsável por fazer perguntas, e o entrevistado, que as responde. A função social da entrevista é muito importante, pois visa à difusão do

conhecimento e/ou à formação de opinião e posicionamento crítico do leitor, já que propõe um debate sobre determinado tema por meio do discurso direto.

Vale privatizada não tem compromisso com o País

A professora e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense (UFF), Maria de Fátima Pinel, conversou com o Portogente sobre as origens da tragédia do rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho (MG). Na sua avaliação a trajetória da Vale revela que a empresa não tem nenhum tipo de compromisso com o Brasil, a não ser de exploração dos recursos naturais para o lucro dos grandes investidores transnacionais. Ela conta que a Vale foi considerada a pior empresa do mundo e por onde passa deixa rastros de pobreza nas comunidades locais e devastação no meio ambiente. [...]

Portogente – Quais os riscos espalhados pelo País com as mais de 24 mil barragens instaladas? Esse modelo de desenvolvimento em que a Vale está inserida é sustentável econômica e ambientalmente?

À medida que mineram tiram o subsolo e estamos ficando sem base para apoiar a terra e para o futuro isso será muito grave. Existe uma destruição que se dá devido a um sistema econômico e ambiental insustentável. Somos o País mais rico do mundo, mas nada se reverte para a população, como acesso aos eventuais benefícios desse desenvolvimento. A riqueza do nosso solo é levada com a conivência dos órgãos de poder do Brasil: água doce (12%), aquíferos enormes, nióbio (utilizado na produção de aços especiais que vai para os Estados Unidos e Holanda), florestas que estão sendo devastadas. Para a sociedade resta o risco, que é máximo.

Agora é hora de o governo gerar empregos de qualidade e não apoiar empresas exploradoras, como as da mineração, que tiram a sustentação da terra, produzindo altos riscos nos territórios e coloniza nosso país com o apoio de segmentos de autoridades estatais que brincam com a situação. Os dados comprovam que os órgãos ambientais e trabalhistas, como Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) e Ministério do Trabalho, autuam, multam, cobram, mas o judiciário perdoa, não leva a frente, e a Vale ganha no decurso de prazo. Além disso, na área mineral o Brasil tem a menor alíquota sobre *royalties* de minério, onde o lucro bruto é sobre o lucro líquido, e ainda assim as empresas não pagam, assim como não pagam multa, não pagam dano ambiental, não respeitam a saúde dos trabalhadores. Há pessoas que trabalham na mineração com carga de trabalho excessiva e com sérios problemas de saúde desde jovens e a Vale não considera, assim como leva a pobreza aos lugares onde se instala. A mineração no Brasil é um total desrespeito com o local, apoiada pelo judiciário. Todos os processos judiciais da Vale são horrorizantes. [...]

Portogente – A Vale anunciou que pretende se defender de forma vigorosa das ações coletivas que pedem indenização pelas mortes e danos causados pelo rompimento da barragem. No mesmo dia anunciou uma “doação” de R\$ 100 mil por fatalidades e desaparecimentos. Gostaria do seu comentário a respeito desses fatos.

O Ministério Público do Trabalho exigiu uma indenização por dano moral e materiais para famílias das vítimas, trabalhadores, empregados e terceirizados seja de R\$ 2 milhões por vítima, no mínimo. Ainda que a Vale queira sair na frente oferecendo esse absurdo de R\$ 100 mil.

GASPARETTO, Vera. Vale privatizada não tem compromisso com o País. In: *Portogente*, 4 fev. 2019. Disponível em: <<https://portogente.com.br>>. Acesso em: fev. 2019.

EDITORIAL

Editorial é um texto de opinião que apresenta o posicionamento da empresa jornalística e, por isso, na maioria das vezes não é assinado. Dessa forma, a objetividade e imparcialidade não são características desse gênero textual, uma vez que o redator dispõe da opinião do jornal sobre o assunto narrado.

Na tarde de sexta (25), fomos novamente assombrados por mais um rompimento de barragem em Minas Gerais. Desta vez a cidade atingida foi a de Brumadinho, na região Metropolitana de Belo Horizonte.

Primeiramente, queremos nos somar à dor de todos os familiares e amigos das pessoas que perderam a vida. Neste momento ainda não sabemos o número de mortes e o impacto para o meio ambiente e a população. Mas com certeza estamos diante de uma tragédia anunciada, de enormes proporções.

A companhia Vale, uma das maiores empresas de mineração do mundo, já informou que 413 dos seus funcionários estão desaparecidos, a maioria destes provavelmente encontra-se soterrada pela lama de rejeito de minério de ferro. No momento do acidente, muitos trabalhadores da empresa almoçavam no refeitório, que ficava próximo à barragem rompida.

Assim que a notícia apareceu na mídia mundial, o presidente da Vale veio a público lamentar o ocorrido, tratando-o como um acidente.

Discordamos do presidente da Vale. Brumadinho não foi um acidente. Mariana também não. Foram crimes contra a vida humana e o meio ambiente. Fazem parte do desumano cálculo de risco das grandes empresas capitalistas. É mais barato arcar com prejuízos e indenizações, que na maioria das vezes nem são pagas (como aconteceu com os moradores de Mariana), do que prevenir.

Todos os ambientalistas são unânimes em dizer que há formas de evitar e controlar estes vazamentos. A Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) desenvolveu uma tecnologia que reaproveita os rejeitos do minério de ferro, transformando-os em tijolos. Esta tecnologia foi oferecida à Vale, que a recusou, porque teria que gastar mais dinheiro. E ter menos lucro é inadmissível pra qualquer empresa cuja prioridade é remunerar os acionistas da Bolsa de Nova York. Para elas, as vidas humanas não importam.

A Vale registrou somente no terceiro trimestre de 2018 lucro de 5,7 bilhões de reais. Trata-se de uma empresa que ostenta lucros astronômicos em benefício de grandes acionistas nacionais e estrangeiros.

Perante os danos humanos e ambientais incalculáveis causados pela empresa, é preciso que o governo federal confisque, imediatamente, os bens e o dinheiro da Vale para colocá-los à disposição do atendimento às vítimas e à recuperação ambiental.

Defendemos, também, que todas as operações nas demais minas da Vale sejam suspensas por tempo indeterminado (com a garantia dos empregos e salários), de modo a averiguar as condições de segurança para os trabalhadores e comunidades próximas. Afinal, outras barragens da empresa podem romper a qualquer momento, causando mais mortes e destruição.

É necessário, além disso, imediata, ampla e rigorosa investigação dos responsáveis pela tragédia em Brumadinho, a começar pela averiguação das responsabilidades da alta cúpula da empresa, que precisa ser punida exemplarmente assim que sua culpabilidade for comprovada.

ESQUERDA ONLINE. Editorial, 26 jan. 2019. Disponível em: <<https://esquerdaonline.com.br>>. Acesso em: fev. 2019.

ARTIGO DE OPINIÃO

Artigo de opinião é um gênero textual em que o autor apresenta determinado tema sob seu ponto de vista, de modo que o principal objetivo consiste em informar e persuadir o leitor sobre um determinado assunto. Assim, a imparcialidade não é uma característica desse gênero textual, uma vez que o redator parte de sua opinião para abordar um assunto.

Brumadinho não seguiu a lição

Em engenharia, improvisações dão muito errado [...] Apesar de a Vale ter comunicado oficialmente estar em dia com as revisões e inspeções periódicas, perguntas ainda carecem de respostas.

A principal delas é por que, mesmo tendo um plano para emergências, a mineradora manteve áreas com pessoas, como um refeitório e escritórios, sem considerar que, num caso extremo, estas seriam atingidas.

É de assustar que, após Mariana, não tenham sido feitos estudos exaustivos de rupturas de barragens – os “dam break” – para Brumadinho e as barragens da Vale, cuja técnica de construção é sabidamente precária. Tais estudos demonstrariam áreas a jusante a serem preservadas de ocupação humana, com custos de eventuais realocações de propriedades e populações muito menores que o das vidas perdidas.

As investigações dirão como foram conduzidos os estudos de risco e por que não foram seguidos.

Os impactos de Brumadinho estão postos. Poderão significar recrudescimento da regulamentação e, fatalmente, obrigarão o mercado minerário a adotar nova postura, inclusive quanto ao *compliance*. Mas a lição que sobressai é que, em engenharia, improvisações dão muito errado.

É de se lamentar que, em um país referência mundial em barragens – como aquelas de empresas do setor elétrico, construídas a seco com materiais selecionados ou concreto, com grande controle de qualidade e os devidos cuidados nas fundações e ombreiras (nunca com rejeitos lançados) –, tenhamos sofrido dois acidentes de grandes dimensões num período de apenas três anos.

ANTUNES SOBRINHO, José. Brumadinho não seguiu a lição.
Folha de S.Paulo, 1º fev. 2019.

CHARGE

O termo charge é oriundo do francês *charger* e que significa carga, exagero e ataque violento. Trata-se de um estilo de ilustração que tem por finalidade satirizar, por meio de uma caricatura, algum acontecimento atual com uma ou mais personagens envolvidas. Mais do que um simples desenho, trata-se de uma crítica político-social em que o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas por meio do humor e da sátira. Para entender uma charge, não é preciso ser necessariamente uma pessoa culta, basta estar a par do que acontece ao seu redor. Como se alimenta da novidade, a charge é considerada uma narrativa efêmera.

Brumadinho



SANTANA, Ed Carlos. *Humor político*, 2 fev. 2019. Disponível em: <www.humorpolitico.com.br>. Acesso em: fev. 2019.

CRÔNICA

Crônica é uma narração curta sobre acontecimentos do dia a dia que se situa entre o jornalismo e a literatura, produzida essencialmente para ser veiculada na imprensa, seja nas páginas de uma revista, seja nas páginas de um jornal ou mesmo no rádio. Ao desenvolver seu estilo e ao selecionar as palavras que utiliza em seu texto, o cronista está transmitindo ao leitor a sua visão de mundo ou expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam.

Há vários tipos de crônica, podendo ser descritiva, narrativa, dissertativa, narrativo-descritiva, humorística, lírica, poética, histórica e jornalística.

Eu quero plantar orquídeas em Brumadinho

Hoje, amanheci de bem com a vida, espumando amor pelos poros e pedindo vênica a Deus para consagrar o “Dia das orquídeas”. Quero vê-las assim, hoje e sempre, exalando perfumes e perfumando o mundo.

E, neste clima, quero ouvir o ressoar dos ventos sobre os galhos das castanheiras, o marulhar das águas, o alvorecer dando brilho à testa da terra, o coaxar das rãs, o canto do sabiá, e a sinfonia do uirapuru na orquestração fantástica da natureza rondoniense.

Hoje estou assim, vestido de otimismo e, por isso, quero deixar que transpasse em mim a luz do mundo, não quero eclipse nesta minha Rondônia, onde piso desde que nasci.

Quero flutuar neste espaço amazônico com asas do Condor para divinizar um anjo da floresta para ser o meu irmão de amor.

E com o anjo da floresta, banhar-me nas águas do Rio Madeira para jogar de mim, as fraquezas do ano passado e não entregá-las a mais ninguém.

Não quero impregnar-me do horror da lama que braveja o coração da terra lá em Brumadinho, quando as águas se avolumam na zanga contra as barreiras que lhes impõe os homens focados apenas nos lucros, e vai matando inocentes.

Brumadinho, Ah Brumadinho! A farsa capitalista despejando horrores.

Brumadinho, de homens, mulheres e crianças soterrados, e não havia rico ali. Para os desgraçados, pensaram, o desprezo e o fim de suas vidas na lama. E eles não tiveram tempo nem de rezar, por isso neste dia que consagro às orquídeas, quero plantá-las naquele cemitério de horror das Minas Gerais, tentando amenizar a dor das famílias atingidas.

Oh meu anjo da floresta rondoniense, dá para mim o teu ombro, posto que estou de bem com a vida, mas permitindo-me chorar por aquelas vidas perdidas.

Choro envolvido de dor e de pranto, onde as lágrimas de mim sangram, como se de mim, dessangrasse a aflição brotada do furor dos deuses.

E aí me vejo ante essa brutal negação de amor e complicado-me na reflexão de Castro Alves: “Senhor Deus dos desgraçados! Dizei-nos vós, Senhor Deus! Se é loucura... Se é verdade tanto horror perante os céus”.

E vós orquídeas... Onde estás, e os vossos perfumes? Quero-as hoje e agora para amenizar essa dor de terra e água no massacre atroz desta ventania de morte que assola Brumadinho.

SÁ, Arimar Souza de. *Rondonotícias*, 2 fev. 2019. Disponível em: <www.rondonoticias.com.br>. Acesso em: fev. 2019.

CARTA DO LEITOR

Carta do leitor é um tipo de carta veiculada geralmente em jornais e revistas, em que o leitor pode apresentar suas opiniões, sugestões, críticas, perguntas, elogios e reclamações.

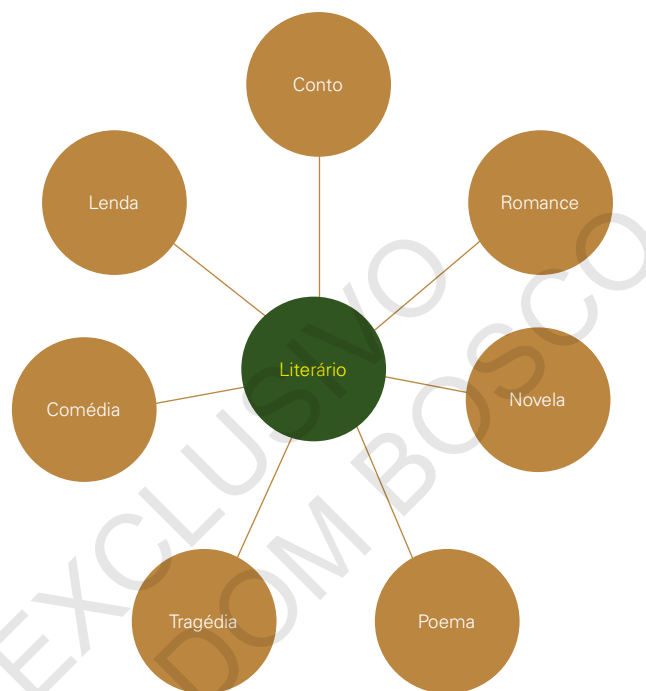
Quando aconteceu o acidente em Mariana, alguns deputados e senadores sérios apresentaram projetos para dificultar esse tipo de acidente que voltou a acontecer na cidade de Brumadinho, mas o que me causou revolta é que esses projetos não avançaram e alguns deles foram arquivados. Pasmem, esses projetos poderiam ter evitado esse tipo de acidente que aconteceu. As campanhas de muitos deputados e senadores são financiadas por essas mineradoras e quando há um projeto que vai contra os interesses dessas empresas, os mesmos são arquivados e colocados num fundo de uma gaveta, sem a mínima responsabilidade. Concluindo o pensamento, os maiores culpados por esses acidentes são nossos deputados e senadores que poderiam ter feito alguma coisa com projetos que obrigassem essas mineradoras a evitar tais acidentes. De outro lado, porém, precisamos das mineradoras, porque produzem produtos essenciais para gerar empregos e para a economia do Brasil. O que falta é cada um fazer sua parte com honestidade e sabedoria. As mineradoras poderiam ganhar um pouco menos e trabalhar corretamente, e nossos políticos serem mais honestos e não pensar somente neles, porque o poderoso *lobby* que acontece no Executivo e Legislativo é vergonhoso. Repito, nossos políticos têm parcela de culpa por esse acidente também! Tem de haver um jeito de responsabilizar esses políticos que arquivaram e engavetaram esses projetos que, se fossem aprovados, evitariam a repetição da tragédia.

MARTINEZ, Eliana Antonia Nardi. Carta do leitor. *Comércio do Jahu*, 31 jan. 2019. Disponível em: <www.comerciodojahu.com.br>. Acesso em: fev. 2019.

Gêneros textuais que compõem o domínio discursivo literário

No domínio discursivo literário há vários gêneros, entre os quais destacamos: conto, romance, novela, poema, tragédia, comédia, lenda, crônica. Esta última, como pertence também ao domínio jornalístico,

já foi apresentada. Assim, a seguir apresentaremos as características dos demais gêneros, conforme a imagem ilustra.



CONTO

Conto é uma narrativa curta que apresenta narrador (personagem, observador ou onisciente), personagens, enredo, tempo e espaço, e que gira em torno de um conflito único com o respectivo desenvolvimento e resolução.

Os perturbadores do silêncio

O silêncio em Oblivion é como o frio nas regiões árticas: uma permanente. Não se compreende a segunda sem o primeiro. Ele a completa; ela o define.

Durante a noite aquele silêncio faz-se inteiriço como a escuridão. Por mais que se apurem, os ouvidos nada ouvem a não ser um vago e remoto ressoar, que lembra miríade de grilos microscópicos em imperceptível surdina chiadeira.

Durante o dia, porém, a integridade do silêncio em Oblivion sofre lesões.

Uns tantos rumores, sempre os mesmos e periodicamente repetidos, constelam-no de quebras de continuidade. O velho inimigo do Silêncio, o Som, a espaços berra dentro dele gritos sediciosos, tal o relâmpago que momentaneamente destrói o império das trevas. Mas o Silêncio logo subjuga e absorve o intruso.

À frente desse grupo de irreverências está o sino da igreja. Repicando missa aos domingos ou chorando a defunto, alegre ou fúnebre, é o Sino o mais violento perturbador do Silêncio em Oblivion.

Outra, é a capina trimensal das ruas: o raspar das enxadas perturba o silêncio com a insistência do coaxar do sapo-ferreiro.

Outra, é o fim das aulas. Quando soam quatro horas o portão do Grupo Escolar borbota um fluxo de meninos rompidos em algazarra, a berrar, a cantar — e adeus silêncio.

Outra, e esta deveras notável, é o carrinho da Câmara. O carrinho da Câmara constitui o veículo mais importante de Oblivion — que além dele só conta mais um, o Zé Burro, sólido preto-mina empregado no transporte das coisas pesadas. E é o principal por várias razões ponderosas, entre as quais a de ser ele todo de ferro, ao passo que o outro é de carne. Verdade que o carrinho só tem uma roda e o preto tem duas pernas. Mas como a roda do carrinho é bem centrada e as pernas do Zé são cambaias, aquela superioridade desaparece e o carrinho instala-se de vez no primado. Mas esta questão de primazias não vem ao caso. O caso é a perturbação do Silêncio determinada pelo carrinho, fato que se dá da seguinte maneira. Como o carrinho tem pouco serviço e passa a mor parte do tempo a cochilar no depósito, a ferrugem, insidiosa inimiga da inação, sub-repticiamente vem pintar de vermelho o eixo das rodas, de modo que, mal sai à rua o veículo, o pobrezinho do eixo grita como um gotoso, geme, range, ringe — perturbando lamentavelmente o Silêncio de Oblivion.

Quando Isaac Factótum — um mulato retaco, grosso e curto como certas taturanas — recebe ordem para ir a tal parte fornicidar um olheiro de saúvas, o rolete de homem mete as garrafas de formicida, a enxada e o fósforo dentro do carrinho e, imagem da Compemtração, símbolo da Convicção Inabalável, parte nhem-nhim, nhem-nhim, através das vias principais da cidade, em busca do malaventurado olheiro.

De sobrecenho carregado, Isaac leva o olhar atentamente fito à frente — para “evitar algum desastre”. Nas ruas desertas apenas um ou outro cachorrinho se estira ao sol. Isaac, a vinte passos, divisando o vulto de um, para, ergue a mão em viseira, firma os olhos.

— Diabo! Amode que é o Joli do Pedro Surdo? —, e com uma pedra o espanta: — Sai, porqueira! Não ouve o carro? Não tem medo de morre masgaiado? E, convencido de que salvou a vida a um cristão, Isaac-Garrafa-de-Licor-de-Cacau retoma os varais e lá segue por Oblivion afora, nhem-nhim, nhem-nhim, com solenidade de dalai-lama do Tibete.

Às janelas acode gente. Crianças repimpadas no peitoril gritam para dentro:

— Mamãe, o carrinho “evem” vindo!

Muita moça nervosa deixa a costura e tapa os ouvidos: — Que inferneira! Não se pode com essa barulhada!

Não obstante, o terrível veículo passa, indiferente à admiração como à censura, garboso, todo de ferro e ferrugem, nhem-nhim, nhem-nhim, empurrado pela dignidade infinita de Isaac-Toco-de-Vela.

E enquanto o carrinho da Câmara não torna ao depósito municipal, o Silêncio não reentra na posse dos seus domínios.

LOBATO, Monteiro. Os perturbadores do silêncio. *Contos completos*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

ROMANCE

O romance é um importante gênero textual que apresenta uma narrativa complexa e geralmente longa, pois não dispõe de apenas um núcleo, mas várias tramas que se desencadeiam no decorrer da narração da história principal. A organização é feita em torno da trama, mas a linguagem é variável, seguindo a proposta em que é ambientado. Pode ser fictício ou mesclar a ficção com a realidade.

Chegou sábado, chegaram outros sábados, e eu acabei afeiçoando-me à vida nova. Ia alternando a casa e o seminário. Os padres gostavam de mim, os rapazes também, e Escobar mais que os rapazes e os padres. No fim de cinco semanas estive quase a contar a este as minhas penas e esperanças; Capitu refreou-me.

— Escobar é muito meu amigo, Capitu!

— Mas não é meu amigo.

— Pode vir a ser; ele já me disse que há de vir cá para conhecer mamãe.

— Não importa; você não tem direito de contar um segredo que não é só seu, mas também meu, e eu não lhe dou licença de dizer nada a pessoa nenhuma.

Era justo, calei-me e obedeci. Outra coisa em que obedeci às suas reflexões foi, logo no primeiro sábado, quando eu fui à casa dela, e, após alguns minutos de conversa, me aconselhou a ir embora.

— Hoje não fique aqui mais tempo; vá para casa, que eu lá vou logo. É natural que D. Glória queira estar com você muito tempo, ou todo, se puder.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Belém: NEAD; UNAMA, [s.d.].

NOVELA

Novela é uma narrativa breve, porém maior do que um conto e menor do que um romance, que se caracteriza por apresentar uma espécie de concentração temática em torno de um número restrito de personagens. Em comparação ao romance, a novela apresenta uma maior economia de recursos narrativos; em relação ao conto, há um maior desenvolvimento de enredo e personagens. A novela é, então, uma forma intermediária entre o conto e o romance, caracterizada, em geral, por uma narrativa de extensão média, na qual toda a ação acompanha a trajetória de uma única personagem, enquanto o romance, em geral, apresenta diversas tramas e linhas narrativas.

Os patifes que contavam, pelas ruas e ladeiras, em frente ao Mercado e na feira de Água dos Meninos, os momentos finais de Quincas (até um folheto com versos de pé-quebrado foi composto pelo repentista Cuíca de Santo Amaro e vendido largamente) desrespeitavam assim a memória do morto, segundo a família. E memória de morto, como se sabe, é coisa sagrada, não é para estar na boca pouco

limpa de cachaceiros, jogadores e contrabandistas de maconha. Nem para servir de rima pobre a cantadores populares na entrada do Elevador Lacerda, por onde passa tanta gente de bem, inclusive colegas de repartição de Leonardo Barreto, humilhado genro de Quincas. Quando um homem morre, ele se reintegra em sua respeitabilidade a mais autêntica, mesmo tendo cometido loucuras em sua vida. A morte apaga, com sua mão de ausência, as manchas do passado e a memória do morto fulge como diamante. Essa a tese da família, aplaudida por vizinhos e amigos. Segundo eles, Quincas Berro D'Água, ao morrer, voltara a ser aquele antigo e respeitável Joaquim Soares da Cunha, de boa família, exemplar funcionário da Mesa de Rendas Estadual, de passo medido, barba escanhoada, paletó negro de alpaca, pasta sob o braço, ouvido com respeito pelos vizinhos, opinando sobre o tempo e a política, jamais visto num botequim, de cachaça caseira e comedida. Em realidade, num esforço digno de todos os aplausos, a família conseguiu que assim brilhasse, sem jaça, a memória de Quincas desde alguns anos, ao decretá-lo morto para a sociedade. Dele falavam no passado quando, obrigados pelas circunstâncias, a ele se referiam. Infelizmente, porém, de quando em vez algum vizinho, um colega qualquer de Leonardo, amiga faladeira de Vanda (a filha envergonhada), encontrava Quincas ou dele sabia por intermédio de terceiros. Era como se um morto se levantasse do túmulo para macular a própria memória: estendido bêbedo, ao sol, em plena manhã alta, nas imediações da rampa do Mercado ou sujo e maltrapilho, curvado sobre cartas sebatas no átrio da igreja do Pilar ou ainda cantando com voz rouquenha na ladeira de São Miguel, abraçado a negras e mulatas de má vida. Um horror!

Quando finalmente, naquela manhã, um santeiro estabelecido na ladeira do Tabuão chegou aflito à pequena porém bem arrumada casa da família Barreto e comunicou à filha Vanda e ao genro Leonardo estar Quincas definitivamente espichado, morto em sua pocilga miserável, foi um suspiro de alívio que se elevou unísono dos peitos dos esposos. De agora em diante já não seria a memória do aposentado funcionário da Mesa de Rendas Estadual perturbada e arrastada na lama pelos atos inconsequentes do vagabundo em que ele se transformara no fim da vida. Chegara o tempo do merecido descanso. Já poderiam falar livremente de Joaquim Soares da Cunha, louvar-lhe a conduta de funcionário, de esposo e pai, de cidadão, apontar suas virtudes às crianças como exemplo, ensiná-las a amar a memória do avô, sem receio de qualquer perturbação.

AMADO, Jorge. *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

POEMA

Poema é um gênero textual que pode ser escrito conforme rígidas normas — os poemas de forma fixa — ou em versos livres, nos quais mais valem as imagens do que a métrica. Além dos versos, fazem parte da estrutura do poema, não obrigatoriamente, as estrofes, a rima e a métrica.

Conforme a disposição dos versos e dos outros elementos estruturais, os poemas podem receber classificações ou nomes específicos (ou serem considerados gêneros literários próprios) tais como *haikai*, soneto, epopeia, entre outros.

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá. [...]

DIAS, Gonçalves. *Canção do exílio. Primeiros cantos*. São Paulo: Poeteiro, 2014.

TRAGÉDIA

Tragédia é uma forma de drama que se caracteriza por frequentemente tratar de temas trágicos que envolvem deuses, o destino ou a sociedade. A personagem principal da tragédia costuma terminar morta ou destruída moralmente; porém, existem as chamadas tragédias de sublimação, em que a personagem consegue passar a herói ao superar todas as adversidades.



WILLIAM H. HERRIMAN/MET MUSEUM

MOREAU, Gustave. *Édipo e a esfinge*. 1864. Óleo sobre tela; 206,4 × 104,8 cm. Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque, Estados Unidos.

ÉDIPO

Ah! Amigo! És o único amigo
que me resta, pois inda te ocupas
deste cego em que me transformei.

Ai de mim! Sei que estás muito perto;
mergulhado na noite eu ainda
reconheço-te a voz, companheiro!

CORIFEU

Terríveis atos praticaste! Como ousaste
cegar teus próprios olhos? Qual das divindades
deu-te coragem para ir a tais extremos?

ÉDIPO

Foi Apolo! Foi sim, meu amigo!

Foi Apolo o autor de meus males,
de meus males terríveis; foi ele!

Mas fui eu quem vazou os meus olhos.

Mais ninguém. Fui eu mesmo, o infeliz!

Para que serviriam meus olhos
quando nada me resta de bom
para ver? Para que serviriam?

CORO

Nada dizes além da verdade.

[...]

ÉDIPO

E jamais eu seria assassino
de meu pai e não desposaria
a mulher que me pôs neste mundo.
Mas os deuses desprezam-me agora
por ser filho de seres impuros
e porque fecundei — miserável! —
as entranhas de onde saí!

Se há desgraça pior que a desgraça,
ela veio atingir-me, a mim, Édipo!

SÓFOCLES. Édipo Rei. *A trilogia tebana*. Tradução de
Mário da Gama Kury. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

COMÉDIA

Comédia é uma peça teatral que visa provocar o riso no espectador. Geralmente, o tema trabalhado se baseia em situações da vida cotidiana, sendo explorados os exageros do comportamento humano, os ridículos e a crítica aos costumes da sociedade.

ESCRIVÃO, lendo — Diz João de Sampaio que, sendo ele “senhor absoluto de um leitão que teve a porca mais velha da casa, aconteceu que o dito acima referido leitão furasse a cerca do Sr. Tomás pela parte de trás, e com a sem-ceremônia que tem todo o porco, fossasse a horta do mesmo senhor. Vou a respeito de dizer, Sr. juiz, que o leitão, carece

agora advertir, não tem culpa. porque nunca vi um porco pensar como um cão, que é outra qualidade de alimária e que pensa às vezes como um homem. Para V. Sa. não pensar que minto, lhe conto uma história: a minha cadela Troia, aquela mesma que escapou de morder a V. Sa. naquela noite, depois que lhe dei uma tunda, nunca mais comeu na cuia com os pequenos. Mas vou a respeito de dizer que o Sr. Tomás não tem razão em querer ficar com o leitão só porque comeu três ou quatro cabeças de nabo. Assim, peço a V. Sa. que mande entregar-me o leitão. Espero receber mercê.”

JUIZ — É verdade, Sr. Tomás, o que o Sr. Sampaio diz?

TOMÁS — É verdade que o leitão era dele, porém agora é meu.

SAMPAIO — Mas se era meu, e o senhor nem mo comprou, nem eu lho dei, como pode ser seu?

TOMÁS — É meu, tenho dito.

SAMPAIO — Pois não é, não senhor. (Agarram ambos no leitão e puxam, cada um para sua banda.)

JUIZ, levantando-se — Larguem o pobre animal, não o matem!

TOMÁS — Deixe-me, senhor!

JUIZ — Sr. Escrivão, chame o meirinho. (Os dois apartam-se) Espere. Sr. Escrivão, não é preciso. (Assenta-se.) Meus senhores, só vejo um modo de conciliar esta contenda, que é darem os senhores este leitão de presente a alguma pessoa. Não digo com isso que mo deem.

TOMÁS — Lembra Vossa Senhoria bem. Peço licença a Vossa Senhoria para lhe oferecer.

JUIZ — Muito obrigado. É o senhor um homem de bem, que não gosta de demandas. E que diz o Sr. Sampaio?

SAMPAIO — Vou a respeito de dizer que se Vossa Senhoria aceita, fico contente.

JUIZ — Muito obrigado, muito obrigado! Faça o favor de deixar ver. Ó homem, está gordo, tem toucinho de quatro dedos! Com efeito! Ora. Sr. Tomás, eu que gosto tanto de porco com ervilha!

TOMÁS — Se Vossa Senhoria quer, posso mandar algumas.

JUIZ — Faz-me muito favor. Tome o leitão e bote no chiqueiro quando passar.

Sabe aonde é?

TOMÁS, tomando o leitão — Sim, senhor.

JUIZ — Podem se retirar, estão conciliados.

PENA, Martins. *O juiz de paz na roça*. Brasília: LGE, 2006.

LENDA

Lenda é uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. De caráter fantástico e/ou fictício, as lendas combinam fatos reais e históricos com fatos irrealistas que são meramente imaginativos.

A lenda do Uirapuru

Conta a lenda que o Uirapuru, pássaro que vive nas matas da Amazônia, foi originado de uma triste história de amor.

Em uma tribo indígena que habitava o sul do Brasil duas índias se apaixonaram pelo chefe da tribo.

Para ser justo na escolha de sua esposa o cacique resolveu que se casaria com aquela que tivesse a melhor pontaria, e dando a cada uma delas uma arco e flecha, mandou que atirassem em determinado alvo.

Somente uma delas conseguiu acertar o alvo tornando-se, portanto, a esposa do cacique.

A outra índia que errou o alvo chamava-se Oribici, ficou muito triste, chorou muito, inconformada por perder o seu amor. Pediu a Tupã, o Deus indígena, que a transformassem em um pequeno pássaro para que pudesse visitar o seu amado sem ser percebida.

Tupã, penalizado pelo sofrimento da jovem, resolveu fazer a sua vontade e a transformou em um passarinho de cor verde-musgo e calda amarelada, para facilitar sua camuflagem na mata, e assim pôde Oribici visitar o seu amor, mas quando foi visitá-lo ela percebeu o quanto o índio amava a sua esposa.

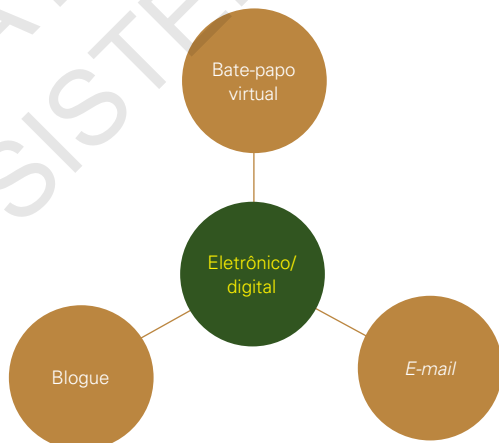
Oribici então, para se livrar de seu sofrimento, resolveu abandonar a sua tribo e voou para as matas do norte do Brasil. Vive hoje na floresta Amazônica e o Tupã para consolá-la deu a ela um canto melodioso.

Quando o Uirapuru começa a cantar todos os outros pássaros se calam para o seu maravilhoso canto.

COELHO, Maria do Carmo Pereira. *As narrações da cultura indígena da Amazônia: lendas e histórias*. São Paulo, 2003. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

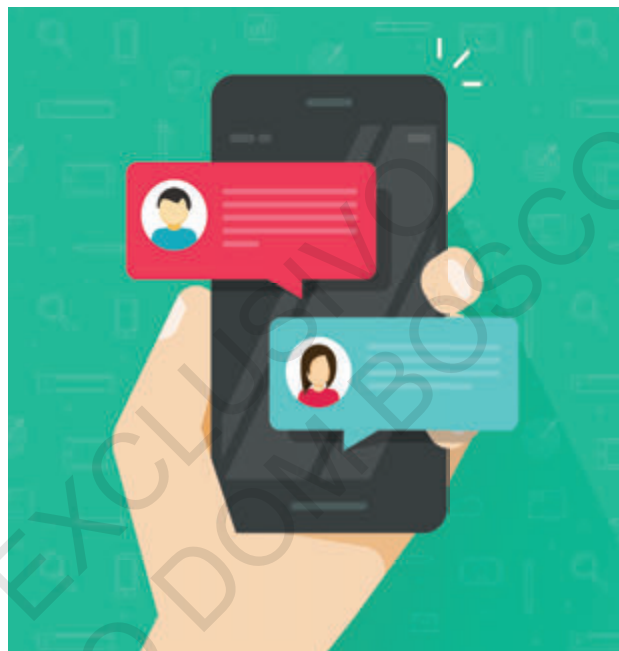
Gêneros textuais que compõem o domínio discursivo eletrônico/digital

Vários são os gêneros que compõem o domínio discursivo eletrônico/digital, como bate-papo virtual, e-mail, blogue, site, aulas virtuais, videoconferência, redes sociais, entre outros.



BATE-PAPO VIRTUAL

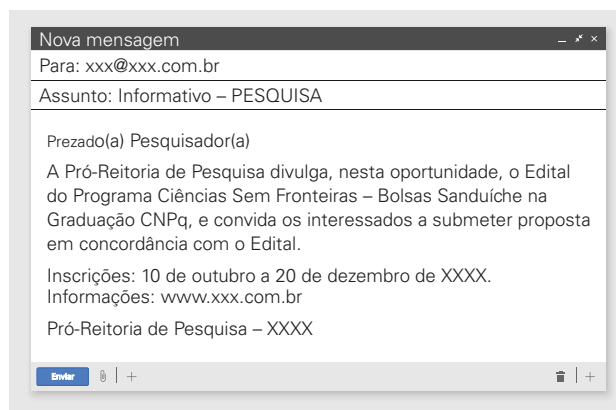
Bate-papo virtual (ou *chat*) é uma forma de comunicação à distância, utilizando equipamentos ligados à internet, como computadores e *smartphones*. Caracteriza-se pela comunicação em tempo real, com os participantes interagindo por vídeo, voz e/ou digitação.



VLADWEL/ISTOCK

E-MAIL

E-mail (ou correio eletrônico) é uma ferramenta de comunicação de envio e recebimento de mensagens eletrônicas pela internet por meio de equipamentos como computadores e *smartphones*.



UFRGS. Produção textual – *E-mails*, 15 jan. 2012.

Disponível em: <www.ufrgs.br>. Acesso em: mar. 2019. Adaptado.

BLOGUE

Blogue é uma página da internet em que regularmente são publicados diversos conteúdos, como textos, imagens, músicas ou vídeos, podendo ser dedicadas a um assunto específico ou de assunto geral. Os blogues podem ser mantidos por uma ou várias pessoas e têm normalmente espaço para comentários dos leitores.

Saiba como se prevenir da gripe

A Organização Mundial da Saúde (OMS) considera a gripe um dos grandes desafios da saúde, que afeta todos os países. Por isso, todas as medidas de prevenção e controle devem ser adotadas, sendo a vacinação, a maneira mais eficaz de prevenir a doença, aliada à estratégia de tratamento com antiviral e a adoção de etiqueta respiratória e hábitos saudáveis.

Mas o que é etiqueta respiratória? São medidas simples que podem minimizar a transmissão de doenças infecciosas, como a frequente lavagem das mãos com água e sabão. A etiqueta respiratória ajuda a evitar que você transmita a doença para outra pessoa ou que você seja infectado.

Antes de conferir as medidas de prevenção e controle da doença, é preciso entender que a gripe é causada pelo vírus influenza e é transmitida por meio de gotículas expelidas pela pessoa doente ao falar, espirrar ou tossir. Ao respirar essas partículas, que podem ser levadas a distâncias maiores que 1 metro, você pode se infectar com o vírus influenza. Outra forma de transmissão é levar as mãos à boca, ao nariz e aos olhos após tocar em uma superfície contaminada, como um corrimão ou mesa.

Entenda como se prevenir e como evitar a transmissão caso você esteja doente. Confira:

Como se prevenir da gripe

- Evite o contato próximo a pessoas que apresentem sinais ou sintomas de gripe;
- Lave as mãos frequentemente com água e sabão. Se não tiver água e sabão, use álcool em gel;
- Evite tocar a boca, nariz e olhos;
- Limpe e desinfete superfícies que podem estar contaminadas, como mesa e corrimão;
- Mantenha hábitos saudáveis, como alimentação balanceada, ingestão de líquidos e atividade física;
- Se sentir os sintomas da doença (febre, calafrio, dor de cabeça, tosse, dor de garganta, ou outros sintomas) procure um serviço de saúde;
- Não compartilhe objetos de uso pessoal, como talheres, pratos, copos ou garrafas;
- Mantenha os ambientes bem ventilados, com portas e janelas abertas.

Como evitar a transmissão, se você estiver doente

- Evite sair de casa enquanto estiver com febre;

- Quando possível, evite contato próximo com outras pessoas para evitar transmissão;
- Adote hábitos saudáveis, como alimentação balanceada e ingestão de líquidos;
- Lave as mãos frequentemente com água e sabão. Se não tiver água e sabão, use álcool em gel;
- Cubra o nariz e a boca com lenço descartável ao tossir ou espirrar. Jogue o lenço no lixo e lave as mãos;
- Não compartilhe objetos de uso pessoal, como talheres, pratos, copos ou garrafas;
- Evite aglomerações e ambientes fechados, procurando manter os ambientes ventilados;
- Procure um serviço de saúde.



AMÉRICO, Carlos. *Blog da Saúde*, 14 mar. 2019. Disponível em: <www.blog.saude.gov.br>. Acesso em: mar. 2019.

Gêneros textuais que compõem o domínio discursivo publicitário

Entre os gêneros textuais do domínio discursivo publicitário, destacamos o anúncio, o cartaz, o *jingle* e o folheto, que serão detalhados a seguir, conforme a imagem apresenta.



ANÚNCIO

Anúncio é um gênero textual que promove um produto ou uma ideia, sendo veiculado pelos meios de comunicação de massa, como jornais, revistas, televisão, rádio e internet.



Disponível em: <www.sol.sc.gov.br>. Acesso em: maio. 2019.

CARTAZ

Cartaz é um gênero textual que objetiva informar o leitor sobre um determinado acontecimento ou convencê-lo a participar de uma campanha, por exemplo. A linguagem empregada em cartazes costuma ser sintética, objetiva, contendo todas as informações necessárias para alcançar os objetivos pretendidos por meio do discurso.



Disponível em: <www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br>. Acesso em: abr. 2019.

JINGLE

Jingle é uma música composta para promover uma marca ou um produto em publicidades de rádio ou televisão. Geralmente os jingles são curtos e têm letras e melodias simples, para que sejam facilmente memorizadas.

Varre, varre, varre, vassourinha!

Varre, varre a bandalheira.

Que o povo já está cansado

De sofrer dessa maneira.

Jânio Quadros é a esperança desse povo abandonado!

Jânio Quadros é a certeza de um Brasil, moralizado.

Alerta, meu irmão!

Vassoura, conterrâneo!

Vamos vencer com Jânio!

NETO, Maugeri; ALMEIDA, Fernando Azevedo de. Varre, varre, vassourinha. apud FICO, Carlos. *O golpe de 64: momentos decisivos*. Rio de Janeiro: FGV, 2014. (FGV de bolso. Série História).

FOLHETO

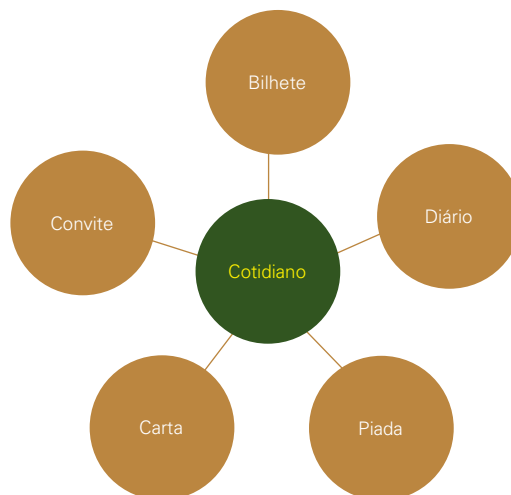
Peça impressa, de conteúdo informativo ou publicitário, normalmente, de pequenas proporções, podendo ser constituída de apenas uma folha sem dobras ou uma folha com algumas dobras, em que constam diferentes faces.



Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso em: maio. 2019.

Gêneros textuais que compõem o domínio discursivo cotidiano

Fazemos uso de diversos gêneros textuais no domínio discursivo cotidiano, entre os quais destacamos o bilhete, o diário, a piada, a carta e o convite.



BILHETE

Bilhete é um texto cotidiano empregado em contextos informais e escrito entre pessoas que possuem grau de afetividade. A linguagem empregada é despretensiosa, ou seja, a linguagem informal, coloquial, tendo como principal função informar.

Na volta eu trago mais fotos pra botarmos juntos no álbum. Guarde ele muito bem guardado pra mim. Tchau.
VÓ.

BOJUNGA, Lygia. *O sofá estampado*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.

DIÁRIO

Diário é um texto pessoal com relatos de experiências, ideias, opiniões, desejos, sentimentos, acontecimentos e fatos do cotidiano.

26 de dezembro.

Hoje, comigo, deu-se um caso que, por repetido, mereceu-me reparo. Ia eu pelo corredor afora, daqui do Ministério, e um soldado dirigiu-se a mim, inquirindo-me se era contínuo. Ora, sendo a terceira vez, a coisa feriu-me um tanto a vaidade, e foi preciso tomar-me de muito sangue frio para que não desmentisse com azedume. Eles, variada gente simples, insistem em tomar-me como tal, e nisso creio ver um formal desmentido ao professor Broca (de memória). Parece-me que esse homem afirma que a educação embeleza, dá, enfim, outro ar à fisionomia.

Porque então essa gente continua a me querer contínuo, porque?

Porque... o que é verdade na raça branca, não é extensivo ao resto; eu, mulato ou negro, como queiram, estou condenado a ser sempre tomado por contínuo. Entretanto, não me agasto, minha vida será sempre cheia desse desgosto e ele far-me-á grande.

Era de perguntar se o Argolo, vestido assim como eu ando, não seria tomado por contínuo; seria, mas quem o tomasse teria razão, mesmo porque ele é branco.

Quando me julgo — nada valho; quando me comparo, sou grande.

Enorme consolo.

BARRETO, Lima. *Diário íntimo – Memórias*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

PIADA

Piada é um gênero textual humorístico que tem o intuito de levar ao riso. Geralmente, a piada não possui um autor e é contada em ambientes informais.

Alguns jovens vão até a delegacia e relatam:

– Sr. delegado, nosso colega de república saiu ontem à noite, disse que ia comprar arroz e até agora não voltou. O que fazemos?

Ao que o delegado responde:

– Sei lá... Façam macarrão.

CARTA

Apesar de ser cada vez menos usada, ou que seu uso tenha se transformado, por causa da comunicação rápida virtual, a carta ainda é um gênero circulante, caracterizada por precisar apresentar um destinatário e um remetente específicos. Pode ser pessoal, institucional, ao leitor ou aberta. Dependendo do objetivo, apresentará diferentes estilos de escrita.

Assim, a estrutura formal da carta é também uma característica marcante, pois é fixa, apresentando saudação, corpo e despedida.

Mamãe:

Estou no Pacífico Sul desde 5 deste mês. Se algum dia eu disse que a vida era dura para mim, menti, porque foi um mar de rosas. Rosas como as do nosso jardimzinho, aquelas que chamávamos de Bela Helena, lembra-se? Pois minha vida era suave como uma Bela Helena em comparação com a de agora. Estou combatendo. Sabe o que quer dizer isso? Não. Nunca poderá saber.

Estamos nas Ilhas Salomão e há três dias atacamos um comboio japonês que navegava ao largo da Austrália. Os caças japoneses foram repelidos e derrubamos seis deles ali na batata. Tomamos o aeródromo de Cucun na ilha de Guadalcanal e vamos avançar agora na base nipônica de Tulagi.

Estou no elemento, lutando. Eu não dizia sempre que preferia água corrente à água parada? Pois estou agora na correnteza, nem é mais água corrente. É uma correnteza que vai a muitos quilômetros a hora e não há tempo nem de respirar. Tomamos Gavatu e Mocambo em dois dias; foi uma chuva de balas, bombas e gritos durante horas seguidas. Se a senhora me visse, diria: Eu, mãe desse demônio? Impossível. E não me reconheceria. Tudo no meio da fumaça e do horror. Os japas recuam cada vez mais para o interior das Ilhas; a Austrália pode ficar sossegada porque o perigo amarelo já não paira sobre ela. Dias atrás os inimigos receberam reforços no setor de Cocada e temos combatido numa passagem estreita na cordilheira de Stanley, é importante a conquista por causa do Porto Moresbi. Vencemos sempre e nosso lema é este: combater para vencer! Não sei quando escreverei de novo; este agosto tem sido o mês mais longo da minha vida.

Nem sei se receberá esta carta, vai por acaso. Lembre-se que luto pelo ideal que sempre desejei e depois desta guerra o mundo vai mudar, sempre para melhor. Muita coisa cairá, mas nossa ideia ficará de pé. Felicidades a todos.

ALFREDO

DUPRÉ, Maria José. *Éramos seis*. São Paulo: Ática, 1973.

CONVITE

Convite é um texto destinado a pessoas conhecidas, como amigos e familiares, em que são contidas informações (data, local, hora) a respeito de um acontecimento, uma festa ou até uma reunião.

Venha comemorar comigo meus 15 anos.

Dia 12 de julho de 2019 às 20:00.

Rua das Araras, 111 – Salão de Festas

São Paulo-SP

Mariana

Gêneros textuais que compõem o domínio discursivo escolar

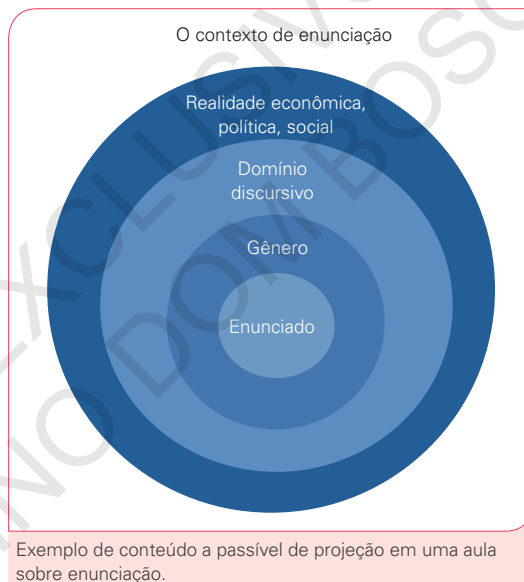
Durante os anos de estudo na educação básica, é feito uso de diversos gêneros textuais no domínio discursivo escolar, entre os quais podem ser destacadas a aula, as apostilas, as projeções, as anotações de aulas e as avaliações.



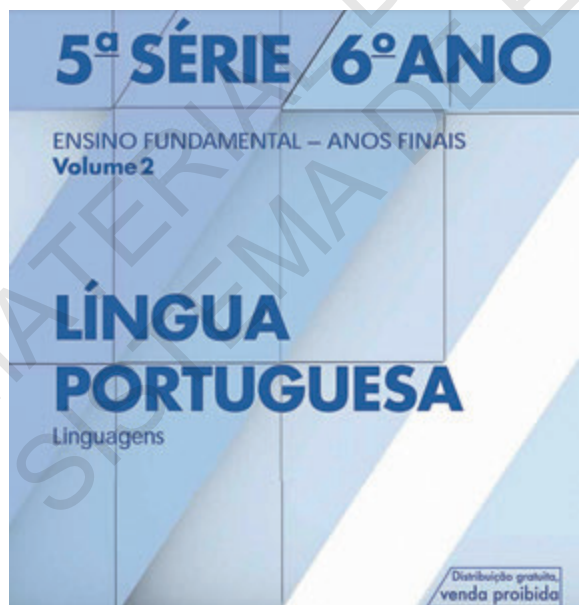
regular ou não. Pode ser classificada como uma seleção de conteúdo didático próprio de certa disciplina, curso ou área de conhecimento. O suporte pode ser físico e encadernado ou virtual, para os casos de cursos à distância.

PROJEÇÃO

Trata-se de gênero em que também deve ser empregada linguagem formal e normativa, que circula como conteúdo didático auxiliar à aula apresentada pelo professor, também apresentando seleção de conteúdo didático específico de alguma disciplina, curso ou área de conhecimento. O suporte pode também ser físico, quando são projetadas transparências, ou virtual, quando o conteúdo é projetado por um *software*.



APOSTILA



Capa de apostila do ensino público do estado de São Paulo.

Trata-se de gênero em que se emprega linguagem formal e normativa, que circula como material didático, utilizado em algumas instituições públicas ou privadas, de ensino

AVALIAÇÃO



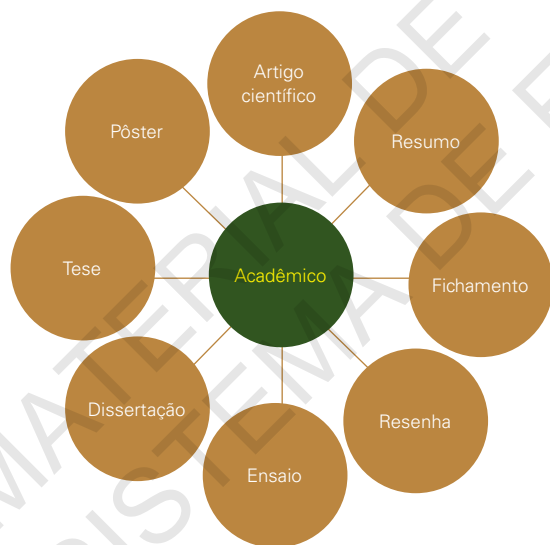
Provinha Brasil de 2016. Segundo o MEC, a Provinha Brasil é “uma avaliação diagnóstica que visa investigar as habilidades desenvolvidas pelas crianças matriculadas no 2º ano do ensino fundamental das escolas públicas brasileiras”.

Trata-se do método de avaliação dos conteúdos trabalhados em um curso, servindo como ferramenta de aprovação ou retenção, assim como de titulação dos candidatos submetidos aos testes. É um gênero em que os textos podem ser impressos ou digitais, em que são apresentadas questões abertas ou fechadas, objetivas ou de múltipla escolha com o propósito de avaliar o conhecimento do estudante sobre os tópicos trabalhados nas aulas.

Gêneros textuais que compõem o domínio discursivo acadêmico

Durante os anos de estudo na educação básica, é feito uso de diversos gêneros textuais no domínio discursivo escolar, entre os quais podem ser destacadas a aula, as apostilas, as projeções, as anotações de aulas e as avaliações.

O domínio discursivo acadêmico abrange textos, orais ou escritos, produzidos e que circulam em espaços acadêmicos, pelo público que frequenta esses espaços, a quem também se dirige, com a finalidade não apenas de instrução, mas também de avaliação do corpo estudantil, para que a titulação decorrente desse processo garanta que os indivíduos estão preparados para a vida acadêmica/científica ou técnica/profissional, de acordo com a modalidade de formação das instituições em que esse domínio é preponderante. Os gêneros mais recorrentes no domínio discursivo acadêmico são o artigo científico, o resumo, o fichamento, a resenha, o ensaio, a dissertação, a tese, o seminário etc.



RESUMO

Um dos gêneros mais utilizados em contextos de estudo, o resumo sintetiza o conteúdo considerado mais relevante de um livro, de um filme ou de outro texto, sendo apresentado de forma que posteriormente a ele não seja necessária a leitura completa do arquivo resumido, sendo suficiente uma consulta dinâmica posterior.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Bastante conhecida dos leitores, *Estética da criação verbal* é uma coletânea de onze trabalhos escritos por Bakhtin ao longo de seis décadas, reunidos e publicados na Rússia em 1979. A escolha da edição aqui destacada deve-se ao fato de Paulo Bezerra ter traduzido diretamente do russo, acrescentando quatro textos, que não constavam das edições brasileiras anteriores.

[...]

Os **gêneros do discurso** é o texto de Bakhtin que mais rendeu, e continua rendendo, trabalhos e reflexões sobre o ensino da linguagem em uso, especialmente no Brasil, incluído em documentos oficiais e em materiais didáticos. Escrito em Saransk entre 1952-1953, detalha a distinção existente entre oração, no plano do sistema, e enunciado no plano da comunicação discursiva, apresentando as características do gênero. Para uma compreensão mais ampla e coerente com o conceito de gênero do discurso proposto pela perspectiva dialógica, é preciso entender duas coisas.

A primeira diz respeito ao fato de que outros trabalhos de Bakhtin tratam de gênero do discurso. O problema do conteúdo, do material e da forma na criação literária apresenta um aspecto essencial à concepção do gênero que é a diferença existente entre forma composicional e forma arquitetônica; **Problemas da poética de Dostoiévski** (1963) é dedicado ao gênero romance polifônico, dando origem ao conceito de polifonia; **O discurso no romance**, produzido entre 1934-1935, inserido em *Questões de literatura e de estética – A teoria do romance* (Bakhtin, 1988, p.71-210), recoloca a questão do gênero ao discutir a ligação existente entre língua, gêneros e estilo, entendendo a linguagem na relação constitutiva entre língua unitária, regida pelas forças centrípetas, e plurilinguismo, conjunto de vozes sociais, de pontos de vista, de perspectivas axiológicas presentes nas forças descentralizadoras que imprimem vida às várias línguas existentes em cada língua; **Os estudos literários hoje** (resposta a uma pergunta da revista *Novi Mir*, 1970), no qual Bakhtin, ao falar dos estudos literários, suas tarefas, seu vínculo necessário com a história da cultura, afirma: “Ao longo de séculos de sua vida, os gêneros (da literatura e do discurso) acumulam formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo”. (*Estética da criação verbal*, p. 364).

BRAIT, Beth. Dialogismo e polifonia em Mikhail Bakhtin e o círculo – (dez obras fundamentais). In: FARIA, José Roberto Gomes de. (Org.). *Guia bibliográfico da FFLCH*. São Paulo: Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas/FFLCH, 2016, p.1-22.

ARTIGO CIENTÍFICO

O artigo científico é um dos gêneros de divulgação científica mais difundidos no contexto acadêmico. Apresenta características estruturais rigorosas, como resumo, palavras-chaves, introdução, corpo ou texto principal, conclusões, referências e anexos. A lingua-

gem desses textos deve ser coerente e objetiva, além de adequada à norma-padrão e ao registro formal. Sua circulação ocorre em anais de congressos, assim como em revistas especializadas, sejam físicas ou virtuais, como é o caso do trecho a seguir, extraído de artigo que trata dos conceitos de dialogismo e de polifonia.

LEITURA COMPLEMENTAR

Os gêneros discursivos são produto direto do processo de comunicação humana, em que a organização estrutural dos enunciados indica a que gênero de discurso pertence o texto. Nesse sentido, não se pode dissociar gênero de discurso, uma vez que aqueles são a realização destes adequada à esfera de comunicação.

Nesse sentido, o conceito de dialogismo é essencial para a compreensão dos gêneros, pois a concretização desses enunciados estruturados apenas pode ocorrer em uma situação real de comunicação, por meio do diálogo entre sujeitos históricos, cuja existência é essencialmente interdeterminada, dialógica.

Dialogismo

A noção de recepção/compreensão ativa proposta por Bakhtin ilustra o movimento dialógico da enunciação, a qual constitui o território comum do locutor e do interlocutor. Nesta noção podemos resumir o esforço dos interlocutores em colocar a linguagem em relação frente a um e a outro. O locutor enuncia em função da existência (real ou virtual) de um interlocutor, requerendo deste último uma atitude responsiva, com antecipação do que o outro vai dizer, isto é, experimentando ou projetando o lugar de seu ouvinte. De outro lado, quando recebemos uma enunciação significativa, esta nos propõe uma réplica: concordância, apreciação, ação, etc. E, mais precisamente, compreendemos a enunciação somente porque a colocamos no movimento dialógico dos enunciados, em confronto tanto com os nossos próprios dizeres quanto com os dizeres alheios.

Compreendemos os enunciados alheios quando “reagimos àquelas (palavras) que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida.”. Compreender, portanto, não equivale a reconhecer o “sinal”, a forma linguística, nem a um processo de identificação; o que realmente é importante é a interação dos significados das palavras e seu conteúdo ideológico, não só do ponto de vista enunciativo, mas também do ponto de vista das condições de produção e da interação locutor/receptor.

Assim, na visão bakhtiniana, “a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção,

mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua”.

Segundo Bakhtin, “O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. O livro, isto é, o ato de fala impresso, constitui igualmente um elemento da comunicação verbal. Ele é objeto de discussões ativas sob a forma de diálogo e, além disso, é feito para ser apreendido de maneira ativa, para ser estudado a fundo, comentado e criticado no quadro do discurso interior, sem contar as reações impressas, institucionalizadas, que se encontram nas diferentes esferas da comunicação verbal (críticas, resenhas, que exercem influência sobre trabalhos posteriores, etc.). Além disso, o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores: ele decorre portanto da situação particular de um problema científico ou de um estilo de produção literária. Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc.”.

Nessa perspectiva, o diálogo, tanto exterior, na relação com o outro, como no interior da consciência, ou escrito, realiza-se na linguagem. Refere-se a qualquer forma de discurso, quer sejam as relações dialógicas que ocorrem no cotidiano, quer sejam textos artísticos ou literários. Bakhtin considera o diálogo como as relações que ocorrem entre interlocutores, em uma ação histórica compartilhada socialmente, isto é, que se realiza em um tempo e local específicos, mas sempre mutável, devido às variações do contexto. Segundo Bakhtin, o dialogismo é constitutivo da linguagem, pois mesmo entre produções monológicas observamos sempre uma relação dialógica; portanto, todo gênero é dialógico.

RECHDAN, Maria Leticia de Almeida. Dialogismo ou polifonia?. *Revista Ciência Humanas*, Unitau-SP. v. 9, n. 1, I semestre, p. 1-9, 2003.

PÔSTER

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE ANTRPOLOGIA - LABORATÓRIO DE ANTRPOLOGIA SOCIAL
NÚCLEO DE DINÂMICAS URBANAS E PATRIMÔNIO CULTURAL

naui

RECUPERAÇÃO DA MEMÓRIA SOCIAL E DO PATRIMÔNIO CULTURAL: UM PROJETO DE MUSEU PARA AS COMUNIDADES SUBALTERNAS DE FLORIANÓPOLIS

Autores: Ana Cristina Rodrigues Guimarães, Beatrice Gonçalves, Camila Sissa Antunes, Cleidi Albuquerque, Dagoberto Bordin, Leonardo Valença, Letícia Nardi, Rafael Rodrigues e Simone Prestes.
Coordenadora: Alicia Norma González de Castells
 Bolsistas: Márcia Schaefer e James Tholl

O Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural (NAUI) é um grupo de pesquisa criado em 2004 com a proposta de reunir professores e alunos de diversas áreas do saber ao redor de dois eixos temáticos amplos: processos urbanos e patrimônio cultural. Esse foco fundamenta-se numa visão integrada do fenômeno social, em especial o de estruturação urbana, fruto da inter-relação de diversos fatores e atores sociais. Durante esses anos de atuação, o grupo estabeleceu parcerias com outras universidades e também com órgãos públicos para o desenvolvimento de projetos de ensino, pesquisa e extensão.

TRAJETÓRIA
O projeto de extensão *Recuperação da Memória Social e Patrimônio Cultural* é um desdobramento do projeto executado no ano de 2009 pelo NAUI, cuja proposta era semelhante à atual, mas restrito a algumas comunidades do Maciço do Morro da Cruz. Ele foi concebido no bojo de um projeto de extensão mais amplo, intitulado *Antropologia itinerante para cidadania: oficinas de troca de saberes entre comunidades e antropólogos da Universidade Federal de Santa Catarina, do Laboratório de Antropologia Social (LAS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*.

A experiência de 2009 serviu para evidenciar a necessidade de não se ficar adstrito apenas a uma região da cidade para a compreensão do fenômeno da memória social e patrimônio cultural. A abordagem comparativa surgiu durante o desenvolvimento do trabalho de campo, quando se evidenciaram redes de relações sociais invisíveis num primeiro momento de análise.

Diante disso, o Projeto de Extensão 2010 foi proposto a partir de uma perspectiva comparativa privilegiando comunidades do Maciço do Morro da Cruz e do Monte Cristo. O desafio é dar os primeiros passos para a elaboração de um museu por parte das comunidades, apresentando aos interessados as possibilidades de sua realização e assessoreando o grupo nesse processo.

DESAFIOS

- Contribuir para a melhoria na qualidade de vida das comunidades subalternas localizadas em Florianópolis, especialmente do Maciço do Morro da Cruz e Monte Cristo, ampliando e consolidando vínculos comunitários.
- Identificar elementos para a construção de uma experiência coletiva baseada na identidade histórica e cultural;
- Transmitir conhecimentos que promovam engajamento comunitário em relação ao patrimônio material e imaterial local;
- Elaborar um estudo preliminar de um museu voltado para a preservação e divulgação da história das comunidades envolvidas.

NA PRÁTICA

O projeto se desenvolverá a partir de três formas: realização de oficinas, elaboração de cartilhas e realização de exposições na comunidade, além de formação de estudantes voltadas para ações de extensão.

As **OFICINAS** são um importante instrumento de aproximação, troca e levantamento de informações sobre o grupo. A partir delas é possível não apenas conhecer nossos interlocutores, mas relembrar a história sócio-cultural e trabalhar a auto-estima coletiva.

Já as **CARTILHAS** são um material de apoio importante, pois são utilizadas como instrumento de difusão tanto do conhecimento produzido pela universidade como do produzido pelo grupo.

As **EXPOSIÇÕES** têm por objetivo dar maior visibilidade ao patrimônio cultural do grupo. Têm uma abrangência maior que as oficinas, podendo ultrapassar os limites da comunidade, sendo um importante meio de resgate da auto-estima.

Nada disso seria possível sem a formação dos estudantes de graduação e pós-graduação nas atividades de extensão. Esse ponto passa por leituras coletivas de bibliografia sobre patrimônio, memória, histórias de vida, sobre as manifestações culturais dos grupos e sobre métodos e técnicas de pesquisa e extensão. Além disso, são importantes a efetiva participação e comprometimento dos alunos com a equipe e com a comunidade, para que o aprendizado ultrapasse o âmbito acadêmico e seja útil para a construção de cidadãos conscientes.

PRÓXIMOS PASSOS

Vislumbramos desdobramentos que podem resultar em outros projetos de extensão. Na continuidade do trabalho, novos passos serão dados num ao desenvolvimento do projeto de Museu elaborado e gerido pela comunidade. Para tanto, há necessidade de um amadurecimento da ideia, tanto no âmbito da comunidade como da própria equipe de extensionistas. Provavelmente, esse processo irá extrapolar os limites da ação de extensão universitária, exigindo também ações de pesquisa e até ensino, com a qualificação técnica de membros do grupo. É possível pensar ainda em atividades de levantamento dos bens de referência cultural das comunidades, assim como projetos secundários de geração de renda relacionados à temática patrimonialista.

ENTÃO, PARA NÓS...

Pensar um projeto de Museu implica refletir de forma crítica sobre o seu significado, assim como outros conceitos correlatos como Memória Social e Patrimônio Cultural. Para tanto, entendemos necessário não apenas pensar à luz da bibliografia especializada. Entendemos que a maior contribuição virá num segundo momento por meio da análise dos atos dos nossos sujeitos. É a partir do cotidiano dos indivíduos que poderemos refletir sobre os conceitos e atualizá-los criativa e imaginativamente.



Pôster apresentado pela equipe do NAUI – Dinâmicas urbanas e patrimônio cultural, na XXVIII Semana de Extensão Universitária da Região Sul – 2010.

O pôster é um gênero de divulgação oral e escrita de trabalho acadêmico em eventos científicos, com objetivo de comunicação sintética do tema estudado ou dos resultados de alguma pesquisa em andamento. Os materiais que concretizam esse gênero são constituídos de imagens e textos que propiciam a troca de informações entre os pesquisadores e o público do evento, uma vez que no momento em que um pôster é apresentado os autores podem complementar informações, pois o gênero prevê apresentação sumária de alguns pontos como apresentação e resultados do trabalho, além de conclusões, se for o caso.

ROTEIRO DE AULA

GÊNEROS TEXTUAIS

Os domínios discursivos são compostos também pelos campos

de atividades:

esferas de interação humana constituídas de discursos estruturalmente específicos, os

gêneros textuais, os

formas de natureza sócio-comunicativa, concretamente realizadas e encontradas nos diversos textos empíricos, classificados de acordo com as categorias:

suporte, registro de linguagem, esfera de circulação, público-

-alvo, norma linguística etc.

como pertencentes a certos

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

mantras, ladainhas, rezas, orações, preces, sermões,
parábolas e homilias.

cujos gêneros mais produtivos são:

religioso,

jornalístico,

cujos gêneros mais produtivos são:

notícias, reportagens, artigos de opinião, cartas
de leitor, resenhas, editoriais, tirinhas, charges,
debates e entrevistas.

publicitário,

cujos gêneros mais produtivos são:

jornais, revistas, folhetos, cartazes, outdoors, anúncios, jingles, folhetos, propagandas.

eletrônico/digital,

cujos gêneros mais produtivos são:

bate-papos, mensagens em aplicativos, e-mails, blogues, redes sociais, entre outros.

acadêmico,

cujos gêneros mais produtivos são:

artigo científico, resumo, fichamento, resenha, ensaio, dissertação, tese, seminário etc.

escolar,

cujos gêneros mais produtivos são:

aula, apostila, projeções, anotações de aulas e avaliações.

bilhetes, cartões, cartas, diários, fofocas, cadernetas de
anotações, piadas, recados, convites e telegramas.

cujos gêneros mais produtivos são:

cotidiano,

literário,

cujos gêneros mais produtivos são:

contos, lendas, fábulas, romances, epopeias,
peças de teatro, novelas, poemas, crônicas, biografias etc.

domínios

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública-BA

Numa noite dessas, notei que havia alguém andando sorrateiramente no quintal de casa. Levantei em silêncio e fiquei acompanhando os leves ruídos que vinham lá de fora, até ver uma silhueta passando pela janela do banheiro.

Liguei baixinho para a polícia, informei a situação e o meu endereço.

Perguntaram-me se o ladrão estava armado ou se já estava no interior da casa. Esclareci que não e disseram-me que não havia nenhuma viatura por perto para ajudar, mas que iriam mandar alguém assim que fosse possível.

Um minuto depois, liguei de novo e disse com a voz calma:

— Oi, eu liguei há pouco porque tinha alguém no meu quintal. Não precisa mais ter pressa. Eu já matei o ladrão com um tiro da escopeta calibre 12, que tenho guardada em casa para essas situações.

Passados menos de três minutos, estavam na minha rua cinco carros da polícia, um helicóptero, uma unidade do resgate, uma equipe de TV.

Eles prenderam o ladrão em flagrante, que ficava olhando tudo com cara de assombrado. Talvez ele estivesse pensando que aquela era a casa do Comandante da Polícia.

No meio do tumulto, um tenente se aproximou de mim e disse:

— Pensei que tivesse dito que tinha matado o ladrão.

Eu respondi:

— Pensei que tivesse dito que não havia ninguém disponível.

Autor desconhecido.

Levando em consideração que o gênero do texto é uma crônica, é correto afirmar:

- A finalidade principal de elaborar a mensagem a partir de um foco subjetivo e poético é distanciar o fato narrado do real, sinalizando, portanto, uma situação inverossímil.
- As marcas temporais da narrativa e a predominância de tempos verbais no pretérito imperfeito revelam ações que aconteceram em um contexto específico e delimitado, devidamente situado.
- Alguns recursos expressivos aparecem comumente nesse tipo de produção textual, mas o evento, nesse caso, foi descrito em linguagem denotativa e jornalística, o que justifica a sua ausência.
- A narração em primeira pessoa e a condução subjetiva dos acontecimentos são exploradas a partir de aspectos estilísticos, como a ironia, que se revela no último discurso da personagem.
- Essa produção escrita foi construída de forma técnica e objetiva, descrevendo minuciosamente as circunstâncias da ocorrência para aproximar a ficção da realidade.

A crônica é um texto que costuma tematizar acontecimentos do dia a dia, frequentemente escrito em 1ª pessoa e, portanto, valorizando a subjetividade do autor. Na crônica, o último discurso da personagem ("Pensei que tivesse dito que não havia ninguém disponível") ironiza a falta de presteza da polícia, que se moveu apenas após ouvir a afirmação de que o dono da casa havia agido em legítima defesa.

2. IFPE

Trabalho escravo é ainda uma realidade no Brasil

Esse tipo de violação não prende mais o indivíduo a correntes, mas acomete a liberdade do trabalhador e o mantém submisso a uma situação de exploração.

O trabalho escravo ainda é uma violação de direitos humanos que persiste no Brasil. A sua existência foi assumida pelo governo federal perante o país e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1995, o que fez com que se tornasse uma das primeiras nações do mundo a reconhecer oficialmente a escravidão contemporânea em seu território. Daquele ano até 2016, mais de 50 mil trabalhadores foram libertados de situações análogas à de escravidão em atividades econômicas nas zonas rural e urbana.

Mas o que é trabalho escravo contemporâneo? O trabalho escravo não é somente uma violação trabalhista, tampouco se trata daquela escravidão dos períodos colonial e imperial do Brasil. Essa violação de direitos humanos não prende mais o indivíduo a correntes, mas compreende outros mecanismos, que acometem a dignidade e a liberdade do trabalhador e o mantêm submisso a uma situação extrema de exploração.

Qualquer um dos quatro elementos abaixo é suficiente para configurar uma situação de trabalho escravo:

TRABALHO FORÇADO: o indivíduo é obrigado a se submeter a condições de trabalho em que é explorado, sem possibilidade de deixar o local seja por causa de dívidas, seja por ameaça e violências física ou psicológica.

JORNADA EXAUSTIVA: expediente penoso que vai além de horas extras e coloca em risco a integridade física do trabalhador, já que o intervalo entre as jornadas é insuficiente para a reposição de energia. Há casos em que o descanso semanal não é respeitado. Assim, o trabalhador também fica impedido de manter vida social e familiar.

SERVIDÃO POR DÍVIDA: fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentação, aluguel e ferramentas de trabalho. Esses itens são cobrados de forma abusiva e descontados do salário do trabalhador, que permanece sempre devendo ao empregador.

CONDIÇÕES DEGRADANTES: um conjunto de elementos irregulares que caracterizam a precariedade do trabalho e das condições de vida sob a qual o trabalhador é submetido, atentando contra a sua dignidade.

Quem são os trabalhadores escravos? Em geral, são migrantes que deixaram suas casas em busca de melhores condições de vida e de sustento para as suas famílias. Saem de suas cidades atraídos por falsas promessas de aliciadores ou migram forçadamente por uma série de motivos, que podem incluir a falta de opção econômica, guerras e até perseguições políticas. No Brasil, os trabalhadores provêm de diversos estados das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, mas também podem ser migrantes internacionais de países latino-americanos – como a Bolívia, Paraguai e Peru –, africanos, além do Haiti e do Oriente Médio. Essas pessoas podem se destinar à região de expansão agrícola ou aos centros urbanos à procura de oportunidades de trabalho.

Tradicionalmente, o trabalho escravo é empregado em atividades econômicas na zona rural, como a pecuária, a produção de carvão e os cultivos de cana-de-açúcar, soja e

algodão. Nos últimos anos, essa situação também é verificada em centros urbanos, principalmente na construção civil e na confecção têxtil.

No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo rural são homens. Em geral, as atividades para as quais esse tipo de mão de obra é utilizado exigem força física, por isso os aliciadores buscam principalmente homens e jovens. Os dados oficiais do Programa Seguro-Desemprego de 2003 a 2014 indicam que, entre os trabalhadores libertados, 72,1% são analfabetos ou não concluíram o quinto ano do Ensino Fundamental.

Muitas vezes, o trabalhador submetido ao trabalho escravo consegue fugir da situação de exploração, colocando a sua vida em risco. Quando tem sucesso em sua empreitada, recorre a órgãos governamentais ou organizações da sociedade civil para denunciar a violação que sofreu. Diante disso, o governo brasileiro tem centrado seus esforços para o combate desse crime, especialmente na fiscalização de propriedades e na repressão por meio da punição administrativa e econômica de empregadores flagrados utilizando mão de obra escrava.

Enquanto isso, o trabalhador libertado tende a retornar à sua cidade de origem, onde as condições que o levaram a migrar permanecem as mesmas. Diante dessa situação, o indivíduo pode novamente ser aliciado para outro trabalho em que será explorado, perpetuando uma dinâmica que chamamos de “Ciclo do Trabalho Escravo”.

Para que esse ciclo vicioso seja rompido, são necessárias ações que incidam na vida do trabalhador para além do âmbito da repressão do crime. Por isso, a erradicação do problema passa também pela adoção de políticas públicas de assistência à vítima e prevenção para reverter a situação de pobreza e de vulnerabilidade de comunidades.

SUZUKI, Natalia; CASTELI, Thiago. *Carta Educação*, 4 maio 2016. Adaptado.

Em relação ao gênero textual, é correto afirmar que o texto é

- a) artigo de opinião, pois os autores se utilizam de um tema, a escravidão no Brasil contemporâneo, para defender o ponto de vista que têm acerca dessa problemática.
- b) uma notícia, por expor um fato importante, a existência de escravidão no Brasil contemporâneo, indicando seus responsáveis, bem como outras informações necessárias, a exemplo de local, momento e modo como este ocorreu.
- c) uma reportagem, por oferecer ao leitor informações sobre um tema, a escravidão contemporânea no Brasil, com extensão e profundidade, que caracterizam esse gênero.
- d) um texto instrucional, por apresentar as maneiras através das quais é possível evitar que pessoas se submetam ao trabalho escravo no Brasil.
- e) um relato feito por pessoas que já vivenciaram uma situação de escravidão e narram a sequência desse acontecimento.

O texto de Natalia Suzuki e Thiago Casteli é uma reportagem, uma vez que informa de modo aprofundado sobre a escravidão contemporânea no Brasil. Assim, estabelece conexões com o fato central, anunciado no lide, ampliando-o com dados estatísticos e outros recursos, por meio de uma linguagem objetiva, dinâmica, clara e acessível.

3. FMP-RJ

A internet e os direitos autorais

A internet e outras tecnologias mudaram a rotina das famílias, a vida social e até a sua percepção do mundo. Distâncias parecem menores, a ideia de privacidade está em questão, e os relacionamentos amorosos ganharam nova dimensão. De forma tão avassaladora, que quem não participa das redes sociais em algum momento pode se sentir excluído ou desinformado.

A transformação trazida pela tecnologia, no entanto, não pode ser confundida com ruptura com tudo o que havia antes. Os critérios para avaliar um livro continuam os mesmos, não importa se em *e-book* ou edição de capa dura; a relação custo-benefício de uma compra ainda precisa ser pensada com critério, seja em *e-commerce* ou loja de *shopping*; e o cuidado com a publicação de uma notícia, o que inclui a sua correta apuração e a clareza do texto, deve ser o mesmo em *site* ou jornal de papel.

O mesmo raciocínio se aplica à propriedade intelectual de músicas, textos, filmes e quaisquer outras obras, que ganham novas formas de exposição com a internet, mas continuam a ter donos. Da mesma maneira que antes do aparecimento das mídias digitais. Infelizmente, não é dessa forma que parecem pensar grandes empresas internacionais da internet, que brigam na Justiça com a União Brasileira das Editoras de Música e impedem assim o pagamento aos filiados à entidade dos valores relativos à exibição de seus trabalhos nos canais de áudio e vídeo. É uma situação inadmissível, que já dura muitos meses.

O respeito aos direitos autorais na era da internet é questão vital porque o mercado de CDs só faz encolher. As novas mídias representam a perspectiva de trabalho para os criadores a longo prazo. É necessário assegurar a sua adequada remuneração e, por extensão, os recursos para que a produção musical se sustente a longo prazo. A agilidade e a onipresença da rede podem — e devem — servir para trazer mais recursos ao compositor, e não o contrário.

Empresas jornalísticas, no Brasil e no mundo, também já viram o conteúdo da imprensa profissional ser divulgado na internet sem contrapartida alguma, ignorando os altos custos de produção da notícia. No Brasil, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) proíbe, por notificação judicial, que se reproduza a íntegra dos textos dos associados.

Se as novas tecnologias facilitam o entretenimento e aumentam a oferta de bens culturais a consumidores no mundo inteiro, elas são bem-vindas. Mas isso não pode acontecer à custa do sagrado direito autoral.

O Globo, *Opinião*, 23 abr. 2015, p.16. Adaptado.

O editorial é um gênero textual de caráter argumentativo, destinado a defender uma opinião sobre algum assunto da atualidade.

O texto defende a tese de que

- a) o mercado audiovisual tem muito a ganhar com a divulgação de seus produtos pela internet.
- b) os órgãos da justiça brasileira deveriam penalizar as grandes empresas de comunicação digital.
- c) o desenvolvimento da tecnologia provocou um aumento avassalador do uso das redes sociais.
- d) a divulgação de conteúdos na rede deve respeitar a propriedade intelectual de seus autores.
- e) as grandes empresas de comunicação impressa precisam considerar os direitos dos jornalistas.

No editorial em questão, é defendida a ideia de que a divulgação de conteúdos na rede deve respeitar a propriedade intelectual de seus autores, como comprova o seguinte trecho: “Se as novas tecnologias facilitam o entretenimento e aumentam a oferta de bens culturais a consumidores no mundo inteiro, elas são bem-vindas. Mas isso não pode acontecer à custa do sagrado direito autoral!”

4. Enem

C6-H18

Embalagens usadas e resíduos devem ser descartados adequadamente

Todos os meses são recolhidas das rodovias brasileiras centenas de milhares de toneladas de lixo. Só nos 22,9 mil quilômetros das rodovias paulistas são 41,5 mil toneladas. O hábito de descartar embalagens, garrafas, papéis e bitucas de cigarro pelas rodovias persiste e tem aumentado nos últimos anos. O problema é que o lixo acumulado na rodovia, além de prejudicar o meio ambiente, pode impedir o escoamento da água, contribuir para as enchentes, provocar incêndios, atrapalhar o trânsito e até causar acidentes. Além dos perigos que o lixo representa para os motoristas, o material descartado poderia ser devolvido para a cadeia produtiva. Ou seja, o papel que está sobrando nas rodovias poderia ter melhor destino. Isso também vale para os plásticos inservíveis, que poderiam se transformar em sacos de lixo, baldes, cabides e até acessórios para os carros.

Disponível em: www.giroadestradas.com.br. Acesso em: 31 jul. 2012.

Os gêneros textuais correspondem a certos padrões de composição de texto, determinados pelo contexto em que são produzidos, pelo público a que eles se destinam, por sua finalidade. Pela leitura do texto apresentado, reconhece-se que sua função é

- a) apresentar dados estatísticos sobre a reciclagem no país.
- b) alertar sobre os riscos da falta de sustentabilidade do mercado de recicláveis.
- c) divulgar a quantidade de produtos reciclados retirados das rodovias brasileiras.
- d) revelar os altos índices de acidentes nas rodovias brasileiras poluídas nos últimos anos.
- e) conscientizar sobre a necessidade de preservação ambiental e de segurança nas rodovias.

A função do texto apresentado é conscientizar seu público-alvo sobre a necessidade de preservação ambiental e de segurança nas rodovias, haja vista o título que destaca hábito a ser adotado, assim como os dados apresentados que descrevem os números do recolhimento de lixo descartado nas rodovias brasileiras, com destaque para as de São Paulo. A apresentação desses dados é seguida da apresentação dos possíveis impactos do acúmulo desse lixo, assim como de potenciais usos desse material, caso fossem reciclados, voltando à cadeia produtiva.

5. Uerj

Medo e vergonha

O medo é um evento poderoso que toma o nosso corpo, nos põe em xeque, paralisa alguns e atíça a criatividade de outros. Uma pessoa em estado de pavor é dona de uma energia extra capaz de feitos incríveis.

Um amigo nosso, quando era adolescente, aproveitou a viagem dos pais da namorada para ficar na casa dela. Os pais voltaram mais cedo e, pego em flagrante, nosso Romeu teve a brilhante ideia de pular, pelado, do segundo andar. Está vivo. Tem hoje essa incrível história pra contar, mas deve se lembrar muito bem da vergonha.

Me lembrei dessa história por conta de outra completamente diferente, mas na qual também vi meu medo me deixar em maus lençóis.

Estava caminhando pelo bairro quando resolvi explorar umas ruas mais desertas. De repente, vejo um menino encostado num muro. Parecia um menino de rua, tinha seus 15, 16 anos e, quando me viu, fixou o olhar e apertou o passo na minha direção. Não pestanejei. Saí correndo. Correndo mesmo, na mais alta performance de minhas pernas. No meio da corrida, comecei a pensar se ele iria mesmo me assaltar. Uma onda de vergonha foi me invadindo. O

rapaz estava me vendo correr. E se eu tivesse me enganado? E se ele não fosse fazer nada? Mesmo que fosse. Ter sido flagrada no meu medo e preconceito daquela forma já me deixava numa desvantagem fulminante.

Não sou uma pessoa medrosa por excelência, mas, naquele dia, o olhar, o gesto, alguma coisa no rapaz acionou imediatamente o motor de minhas pernas e, quando me dei conta, já estava em disparada.

Fui chegando ofegante a uma esquina, os motoristas de um ponto de táxi me perguntaram o que tinha acontecido e eu, um tanto constrangida, disse que tinha ficado com medo. Me contaram que ele vivia por ali, tomando conta dos carros. Fervi de vergonha.

O menino passou do outro lado da rua e, percebendo que eu olhava, imitou minha corridinha, fazendo um gesto de desprezo. Tive vontade de sentar na guia¹ e chorar. Ele só tinha me olhado, e o resto tinha sido produto legítimo do meu preconceito.

Fui atrás dele. Não consegui carregar tamanha bigorna² pra casa. “Ei!” Ele demorou a virar. Se eu pensava que ele assaltava, **ele também não podia imaginar que eu pedisse desculpas**. Insisti: “Desculpa!” Ele virou. Seu olhar agora não era mais de ladrão, e sim de professor. Me perdeu com um sinal de positivo ainda cheio de desprezo. Fui pra casa pelada, igual ao Romeu suicida.

FRAGA, Denise. *Folha de S.Paulo*, 08 jan. 2013.

¹ guia – meio-fio da calçada

² bigorna – bloco de ferro para confecção de instrumentos

A crônica é um gênero textual que frequentemente usa uma linguagem mais informal e próxima da oralidade, pouco preocupada com a rigidez da chamada norma culta.

Um exemplo claro dessa linguagem informal, presente no texto, está em:

- a) O medo é um evento poderoso que toma o nosso corpo,
- b) Me lembrei dessa história por conta de outra completamente diferente,
- c) De repente, vejo um menino encostado num muro.
- d) Ele também não podia imaginar que eu pedisse desculpas.

A crônica é um texto que costuma tematizar acontecimentos do dia a dia, frequentemente escrito em 1ª pessoa e utilizando linguagem informal, como é o caso de “Me lembrei dessa história por conta de outra completamente diferente”, pois a norma-padrão determina que pronomes oblíquos não devam iniciar orações. Como o uso de próclise iniciando a frase é bem característico da oralidade, tal emprego faz que o conteúdo assuma caráter informal.

6. Enem

C6-H18

A última edição deste periódico apresenta mais uma vez tema relacionado ao tratamento dado ao lixo caseiro, aquele que produzimos no dia a dia. A informação agora passa pelo problema do material jogado na estrada vicinal que liga o município de Rio Claro ao distrito de Ajapi. Infelizmente, no local em questão, a reportagem encontrou mais uma forma errada de destinação do lixo: material atirado ao lado da pista como se isso fosse o ideal. Muitos moradores, por exemplo, retiram o lixo de suas residências e, em vez de um destino correto, procuram dispensá-lo em outras regiões. Uma situação no mínimo incômoda. Se você sai de casa para jogar o lixo em outra localidade, por que não o fazer no local ideal? É muita falta de educação achar que aquilo que não é correto para sua região possa ser para outra. A reciclagem do lixo doméstico é um passo inteligente e de consciência. Olha

o exemplo que passamos aos mais jovens! Quem aprende errado coloca em prática o errado. Um perigo!

Disponível em: <<http://jornaldacidade.uol.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2012. Adaptado.

Esse editorial faz uma leitura diferenciada de uma notícia veiculada no jornal. Tal diferença traz à tona uma das funções sociais desse gênero textual, que é

- a) apresentar fatos que tenham sido noticiados pelo próprio veículo.
- b) chamar a atenção do leitor para temas raramente abordados no jornal.
- c) provocar a indignação dos cidadãos por força dos argumentos apresentados.
- d) interpretar criticamente fatos noticiados e considerados relevantes para a opinião pública.
- e) trabalhar uma informação previamente apresentada com base no ponto de vista do autor da notícia.

O editorial é um gênero textual que visa apresentar o posicionamento da empresa jornalística e, por isso, na maioria das vezes não é assinado. No caso em tela, verifica-se a interpretação crítica dos fatos noticiados e considerados relevantes para a opinião pública, como comprova o seguinte trecho: "A última edição deste periódico apresenta mais uma vez tema relacionado ao tratamento dado ao lixo caseiro, aquele que produzimos no dia a dia. A informação agora passa pelo problema do material jogado na estrada vicinal que liga o município de Rio Claro ao distrito de Ajapi. Infelizmente, no local em questão, a reportagem encontrou mais uma forma errada de destinação do lixo: material atirado ao lado da pista como se isso fosse o ideal!"

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. IFMG – Leia a charge a seguir.



Disponível em: <<http://goo.gl/yYcFz3>>. Acesso em: fev. 2019.

O texto acima é uma charge, ou seja, é um gênero textual no qual se exhibe um desenho humorístico, que pode conter linguagem verbal, cujo objetivo é apresentar uma crítica sobre um fato atual. Considerando os elementos apresentados nessa charge e os fatos explorados por ela, qual crítica social é feita?

- a) Censura-se a aspiração do menino de querer se tornar um funcionário público.

- b) Critica-se a necessidade de se preparar as crianças para a escolha de uma profissão.
- c) Recrimina-se a ironia usada pelo menino ao se dirigir a uma pessoa mais velha.
- d) Repreende-se a busca da população brasileira pela aprovação em concursos públicos.

8. Unievangélica-GO – Leia o texto a seguir.

Sensores em crachás e móveis rastreiam ação de funcionários

Empresas americanas estão criando novos meios de monitorar e analisar o comportamento de profissionais, com a promessa de melhorar a produtividade deles.

Uma pioneira no segmento é a Sociometric Solutions, que coloca sensores em crachás de funcionários para identificar a dinâmica social em sua companhia – como eles se movimentam, com quem conversam e que tom de voz adotam.

Um dos clientes da empresa, o Bank of America, descobriu que as pessoas mais produtivas eram aquelas que tinham o direito de fazer suas pausas juntas, porque usavam esse tempo para desabafar e trocar dicas. O banco decidiu adotar pausas coletivas para os funcionários.

David Lanthrop, diretor da fabricante de móveis Steelcase, que instala sensores no mobiliário de escritórios para verificar como profissionais interagem, diz que eles podem ser beneficiados por acompanharem o próprio desempenho.

Para Andrew Knight, professor da Universidade de Washington, que usa esse tipo de informação em estudos sobre comportamento nas empresas, o monitoramento constante é “uma imagem assustadora para o futuro” e pode “tirar parte da autenticidade dos relacionamentos”.

Folha de S.Paulo, 19 mar. 2014, p. B6.

O gênero textual é uma forma de ação social, construída a partir de certos mecanismos sociodiscursivos e composicionais.

Levando-se em conta esse postulado teórico, constata-se que o texto constitui um exemplo de

- a) notícia, já que esse texto tem como propósito socio-comunicativo básico apresentar ao leitor informações sobre certo acontecimento social.

- b) artigo de opinião, uma vez que esse texto busca apresentar e defender um ponto de vista, uma tese sobre uma determinada temática social.
- c) artigo de divulgação, visto que esse texto tem o objetivo de divulgar ao grande público uma visão teórica e os resultados de uma pesquisa.
- d) relatório, posto que esse texto visa apresentar ao leitor um conjunto de dados relativos às ações dos funcionários de uma empresa.

9. UEG-GO

Conveniência

Olhai, oh Senhor, os jovens nos postos de gasolina. Apiedai-vos dessas pobres criaturas a desperdiçar as mais belas noites de suas juventudes sentadas no chão, tomando Smirnoff Ice, entre bombas de combustíveis e pães de queijo adormecidos. Ajudai-os, meu pai: eles não sabem o que fazem. São Paulo não tem praças, eu sei. As ruas são violentas, é verdade, mas nem tudo está perdido.

Encaminhai-os para um boliche, que seja, mas afastai suas bochechas rosadas dos vapores corrosivos dos metanóis. Pois nem toda a melancolia de um *playground*, nem todo o tédio de um salão de festas ou, vá lá, a pindaíba do espaço público simbolizada pelo churrasco na laje justifica a eleição de um posto de gasolina como ponto de encontro. Tudo, menos essa oficina dentária de automóveis, taba de plástico e alumínio, neon e graxa, tûmulo do samba e impossível novo quilombo de Zumbi.

É só o que vos peço, humildemente, no ano que acaba de nascer. Obrigado, Senhor.

PRATA, Antonio. *O Estado de S. Paulo*, 11 jan. 2008. Adaptado.

O texto “Conveniência” é construído a partir da mobilização de mais de um gênero textual, constituindo assim um processo de fusão entre:

- a) crônica e prece.
- b) romance e poema.
- c) sermão e peça teatral.
- d) testamento e artigo de opinião.

10. Uncisal

Cotidiano

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pro jantar
E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar
Meio-dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me calo com a boca de feijão
[...]

BUARQUE, Chico. *Construção*. Rio de Janeiro: Phonogram/Philips, 1971.

A letra da canção de Chico Buarque de Holanda apresenta elementos que tematizam relacionamento. Nesse gênero textual, o autor também

- a) adota a experiência poética para falar do seu cotidiano.
- b) demonstra a dependência financeira da figura feminina.
- c) modifica a experiência poética por causa da figura feminina.
- d) mostra uma relação amorosa pautada em problemas diários.
- e) adota o cotidiano como ponto de partida para a experiência poética.

11. Uece

Transferência de Neymar ao PSG é golpe de ‘soft power’ do Catar a países do Golfo, dizem especialistas

A transferência do fenômeno brasileiro Neymar ao Paris Saint-Germain (PSG) representa uma estratégia de *marketing* e um golpe de ‘soft power’ do Catar contra os países do Golfo que cortaram relações diplomáticas com o emirado. Esta é a análise de especialistas ouvidos pela agência de notícias *France Presse* e do comentarista da GloboNews, Marcelo Lins.

Neymar se tornou o jogador mais caro da história do futebol, com o pagamento da cláusula de rescisão no valor de € 222 milhões (R\$ 812 milhões).

Segundo Mathieu Guidere, especialista em geopolítica do mundo árabe consultado pela *AFP*, o anúncio da transferência do jogador ao PSG, que é de um fundo de investimentos do Catar, “foi testado entre catarianos como uma espécie de estratégia de comunicação que ofuscaria o debate em torno de outras considerações, como o terrorismo”.

Marcelo Lins, comentarista da GloboNews, afirmou que a transferência beneficia a imagem do Catar. “Um pequeno país riquíssimo em petróleo, do Golfo, que bota tanto dinheiro para dar alegria a uma torcida, ou a milhões de torcedores espalhados pelo mundo... você tem uma volta disso na imagem do Catar, que é muito grande”, disse à GloboNews. “É uma grande jogada de *marketing* do Catar como um todo”, acrescentou.

O Catar enfrenta a sua pior crise política em décadas, com a Arábia Saudita e outros países do Golfo tendo cortado relações diplomáticas com o emirado por acusações de apoio a grupos terroristas. O Catar nega as acusações e diz que o objetivo é prejudicar o emirado rico em gás.

Com a transferência de Neymar, Doha pode estar de olho em investir em ‘soft power’. O conceito de ‘soft power’ (‘poder suave’, em tradução livre) foi elaborado para definir a influência de países nas relações internacionais por meio de investimentos em ações positivas.

“Esse é um golpe de ‘soft power’. O Catar precisa demonstrar ao mundo que, apesar de todas as acusações, é o país mais resiliente no Oriente Médio”, disse à *AFP* Andreas Krieg, analista de risco político no King’s College de Londres. “Ter o melhor jogador do mundo mostra ao resto do mundo que se o Catar é determinado, eles ainda têm os maiores recursos para tirar e, se necessário, usar o dinheiro que têm para promover a sua agenda”, acrescentou.

O custo da transferência de Neymar “envia um sinal muito forte para o mundo esportivo e um sinal muito forte de desafio contra os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita”, disse Krieg. “Eles queriam esse jogador e usaram o dinheiro para comprá-lo a qualquer preço”.

[...]

G1, 03 ago. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com>>. Acesso em: fev. 2019.

A notícia é tomada como um gênero textual da esfera jornalística que tem como objetivo divulgar temas da atualidade de maneira imparcial. Na notícia acima, este objetivo é alcançado pelo enunciador por meio de alguns recursos linguísticos textuais, exceto pelo(a)

- uso predominante do discurso direto como forma de o enunciador atribuir a outrem as informações divulgadas.
- presença de elementos linguísticos avaliativos, como o termo “fenômeno”, que amplia a dimensão informativa do gênero notícia.
- emprego de verbos dicendi, como “afirmou” e “disse”, para isentar o enunciador de revelar o seu ponto de vista.
- presença do relato em terceira pessoa, o qual busca um distanciamento em relação ao fato, o que constrói a ideia da objetividade, de forma a sustentar a credibilidade da informação.

12. Unirg-TO

O homem que degusta sons

Ketchup, presunto, elástico e torta de amêndoa são apenas quatro dos vários sabores que James Wannerton degustou durante nossa entrevista. Ele concordou em conceder a palavra porque meu nome, Kate, tem gosto de chocolate e, segundo ele, suas papilas gustativas o distraíram durante boa parte de nossa conversa.

Wannerton tem um tipo raro de sinestesia conhecida como sinestesia léxico-gustativa, o que significa que sua audição e seu paladar não funcionam separados um do outro. Para Wannerton, cada palavra falada tem um sabor distinto. Embora esses sons não tenham uma ligação clara com seus respectivos gostos, os sabores são sempre os mesmos; a palavra “falar”, por exemplo, tem gosto de *bacon* desde que Wannerton se entende por gente.

“Palavras e sons fazem ‘ping, ping, ping’ na minha boca o tempo todo, como uma lâmpada piscando sem parar”, explicou. “Alguns sabores vão embora rápido, mas outros podem durar por horas e me fazem desejar aquela comida específica; fico meio distraído até satisfazer a vontade.”

Wannerton disse que a sinestesia lhe dá “poderes especiais” – como se guiar pelo metrô de Londres seguindo os sabores das estações. De acordo com Wannerton, a parada de Oxford Circus tem gosto de bolo. A Linha Bakerloo tem gosto de rocambole, a Linha Victoria de cera de vela. Mas claro que a bênção da sinestesia tem suas desvantagens [...] como Wannerton desassocia o gosto dos alimentos, ele raramente tem fome. “Não ligo para o gosto da comida – o que me interessa é a textura”, disse. “Gosto de comidas crocantes, como salgadinhos, e alimentos mornos. O sabor não importa.”

Wannerton também afirma que fica “insuportavelmente incomodado” quando uma palavra desperta um sabor que ele não consegue identificar. Wannerton passou anos enucado com o sabor da palavra “esperar”. “Eu não conseguia descobrir o que era esse gosto forte e amargo”, disse. Seu cérebro só fez a conexão quando finalmente comeu uma torrada com Marmite (um extrato de levedura que os britânicos curtem passar no pão). “Lembrei que quando eu estava no jardim de infância, havia uma barraquinha onde podíamos comprar torradas com Marmite – e é esse o gosto que ‘esperar’ tem para mim.”

Apesar dos pesares, Wannerton não gostaria de viver sem sua sinestesia. “Pode até ser bizarro pensar que o nome

Jackie tem gosto de alcaçuz; Blackpool, de jujuba; e a palavra vodka, de grãos minúsculos de terra; mas a minha sinestesia é tão natural que sem ela eu perderia minha identidade”, declarou.

SAMUELSON, Kate. *Folha de S.Paulo*, 10 jul. 2015. Trad. Amanda Pieratti.

No início do texto, a jornalista informa que fez uma entrevista com James Wannerton. No seu desenvolvimento, esse gênero textual é recuperável. Que características evidenciam o texto lido como pertencente ao gênero discursivo “entrevista”?

- Marcadores de pressuposição, operadores argumentativos de oposição e uso dos parênteses.
- Informações sobre o tipo de sinestesia que o entrevistado possui e o que isso significa.
- Comentários da jornalista sobre os benefícios e malefícios da sinestesia.
- Expressões conformativas, verbos *dicendi* e discurso direto.

13. Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública-BA



TIAGO RECCHIA

RECCHIA, Tiago. *Hora do Café* – Fevereiro de 2017. *Folha de S.Paulo*, 27 fev. 2017.

A única informação correta sobre os elementos que compõem a mensagem veiculada nessa charge é

- o emprego de vocábulos que fazem parte de campos semânticos divergentes produz uma censura à atual situação da saúde no Brasil.
- o contexto representado pelas imagens e o jargão utilizado pelo médico misturam-se à abordagem de um assunto não esperado, gerando, assim, o humor, característica comum nesse gênero textual.
- o pronome possessivo “seus” retoma os termos “endividamento” e “calote”, explicitando, de forma crítica, o estado em que se encontra a economia do País.
- as palavras “endividamento” e “calote”, no período em que estão inseridas, metaforizam a condição de sanidade do próprio corpo social em tempos de crise.
- a comparação implícita existente na pista linguística “consumidor”, para fazer referência a uma pessoa doente, sugere uma análise velada sobre os problemas relacionados com a vigilância sanitária brasileira.

14. **lfal** – A seguir, tem-se uma charge, gênero textual que se constrói valendo-se de linguagem verbal e linguagem não verbal.



DENNIS CASARINI

Marque abaixo a única alternativa que não está de acordo com o texto.

- Os verbos “acender” e “apagar”, tendo em vista o contexto em que aparecem, têm como objeto a chama que é produzida no isqueiro do homem, que não aparece no texto por acaso.
- Na charge, a figura que representa a pedra de *crack* aparece sorrindo, em oposição ao estado de abatimento do sujeito que está prestes a consumi-la, denunciando, no conjunto, a propaganda enganosa que está por trás do uso dessa droga.
- A fala presente no balão utiliza expedientes linguísticos da comunicação poética para impactar o leitor e dar maior expressividade à mensagem, que tem um viés educativo.
- Os elementos não verbais que servem para compor a imagem do sujeito que consome a droga evidenciam os impactos socioeconômicos gerados por essa prática, os quais vão além dos efeitos meramente individuais de ordem psíquica.
- No tocante ao uso dos pronomes no texto, se a fala dentro do balão fosse produzida em contexto formal – e não em situação coloquial –, deveria adequar-se linguisticamente, podendo fazer-se assim: “Hoje tu me acendes, amanhã eu te apago.”

15. **Sistema Dom Bosco** – Leia o texto e responda.

Diário alienígena

Continuo sem entender muito bem. Hoje passou por mim um ser de sexo indefinido, que me deixou ainda mais confuso. Seu aspecto era muito estranho. Tinha um rosto delicado, um nariz pequeno, os lábios bem delineados, mas não muito grossos, formando, no conjunto, o que aqui se chama de mulher bonita. Os cabelos, muito escuros e lisos, eram também femininos, compridos, bem tratados e lustrosos. Mas, assim que se fechava em ponta a linha do queixo, dava-se a transformação: o pescoço, largo e musculoso, era estriado de veias, parecendo inflado a ponto de rebentar. O tronco, imenso e forte, abria-se para os lados em braços espetaculares, rígidos, com gigantescos nós de músculos sobrepondo-

-se uns aos outros e formando uma curva um pouco semelhante à que encontramos em certos primatas. As pernas eram igualmente brutais, levemente arqueadas devido ao volume dos músculos, dando ao andar uma cadência que em tudo se parecia com o dos seres do outro sexo.

Já havia visto algumas criaturas um tanto indefinidas por aqui, mas esta me pareceu um exemplo extremo. Não pude classificá-la. Aliás, tenho tido grande dificuldade para fazer as classificações. Tudo me parece de difícil compreensão. Esse pequeno território que nos serve de amostragem traz incoerências que me deixam atônito. Para dizer a verdade, as contradições são muitas, infinitas, não tendo havido ainda um registro lógico capaz de explicar tantas coisas de que já lhe falei, como as discrepâncias na ocupação do espaço, para dar apenas um exemplo.

Mas a verdade é que, de todos os absurdos a que tenho assistido nesse primeiro contato, nenhum me deixou mais espantado do que o seguinte: como civilização razoavelmente evoluída em termos tecnológicos, eles parecem ter centrado boa parte de sua pesquisa científica na busca do conforto. Inventaram pequenos aparelhos, bastante engenhosos, que lhes facilitam a vida, tornando-os cada vez mais ociosos e aos quais dão nomes variados, como automóveis, computadores, celulares, controle remoto etc. Tudo parece ter sido inventado com um único objetivo: o de levá-los a fazer menos esforço físico. Pois muito bem: você acredita que, nas chamadas horas de lazer, eles correm pelas ruas feito loucos, de um lado para o outro, suando em bicas, sem parecer querer chegar a lugar algum? E mais: concentram-se também em locais que chamam de academias e lá se dedicam, sozinhos ou em grupos, às tarefas mais extenuantes e inúteis, muitas vezes atados a aparelhos de tortura, os quais parecem buscar por livre vontade, e não forçados, como já vimos acontecer com outros povos bárbaros. Chegam a caminhar sobre esteiras, sem sair do lugar! Não lhe parece o maior dos absurdos?

Bem, continuarei observando e tentando entender. Espero estar de volta em breve, na paz de nossa querida Andrômeda – e longe deste planeta louco.

SEIXAS, Heloisa. *Novos contos mínimos*. Disponível em: <<http://heloisaseixas.com.br>>. Acesso em: fev. 2019.

Com a finalidade de explorar determinados efeitos de sentido, o título da crônica faz referência ao gênero textual diário. Constitui uma característica desse gênero presente no texto

- a descrição de fatos e personagens, de forma minuciosa e verossímil, como em “Os cabelos, muito escuros e lisos, eram também femininos, compridos, bem tratados e lustrosos”
- a estrutura narrativa, com sequências temporais e predomínio de verbos no passado, como em “Hoje passou por mim um ser de sexo indefinido, que me deixou ainda mais confuso”
- a identificação dos interlocutores, por meio de vocativos e perguntas retóricas, como em “Chegam a caminhar sobre esteiras, sem sair do lugar! Não lhe parece o maior dos absurdos?”
- o relato de memórias e de ações do dia a dia do autor, de caráter subjetivo e informal, como em “Esse pequeno território que nos serve de amostragem traz incoerências que me deixam atônito”

16. Ibmec-SP

Demorou, já é

Do Rio de Janeiro gosto de muitas coisas: da malabarística eficiência das casas de suco, do orgulho aristocrático dos garçons, das árvores alienígenas do Aterro, dos luminosos dos armários em Copacabana, da língua: essa língua tão parecida com a falada pelos paulistanos e, ao mesmo tempo, tão diferente.

Veja o “demorou!”, por exemplo. Lembro bem da primeira vez que ouvi um amigo carioca usar a expressão, anos atrás. Acabávamos de nos sentar num bar, numa rua pacata do Leblon, ajeitei minha cadeira e propus: “Vamos pedir umas empadas?”. “Demorou!”. “Como? A gente acabou de chegar!”. “Então, pede aí, demorou!”. “Ué, se tá achando que eu demorei, porque cê não pediu antes da gente sentar?”. A conversa seguiu truncada por mais algum tempo, até que este obtuso paulista compreendesse, admirado, que o “demorou!” não era uma reclamação, mas uma manifestação de júbilo.

O “demorou!” é um sim turbinado. Mais do que isso, é uma proposta de parceria. Eu digo que quero empadas: meu amigo, ao responder “demorou!”, indica não só que também as quer como que já as queria antes, de modo que estamos atrasados. As empadas, agora, são uma confirmação de nossas afinidades e um urgente (mini) projeto coletivo, que me enche de uma alegria infantil. É como se ele se juntasse a mim no gira-gira, dando impulso, como se corrésemos para saltar de bombinha na piscina - o último que chegar é mulher do padre.

Por anos, acreditei que o “demorou!” fosse o apogeu do “sim”; até que surgiu o “já é!”. Incrível, mas, diante do “já é!”, o “demorou!” parece até blasé. O “já é!” leva a concordância à beira da esquizofrenia. “Vamos pedir umas empadas?”, “Já é!” - e não estamos mais atrasados na satisfação, estamos em pleno gozo, já comemos as empadas assim que manifestamos nosso desejo de pedi-las, caímos na piscina no mesmo momento em que pulamos.

Se o “demorou!” é um acelerador apertado no caminho da satisfação, o “já é!” é como a barrinha na gaiola do rato, que, acionada, faz serem despejadas no sangue algumas gotas de serotonina - ou empadas de camarão -, é o seio descendo dos céus em direção à boca do bebê, é o Nirvana se apoderando da mesa do bar. Se um é a superconcordância, o outro é o superpresente: não só “é” como “já é!”. É como se o desejo fosse capaz, tal qual a luz, de dobrar o tempo, criando o “mais do que agora”, esta estreita faixa entre o mar e as montanhas onde nossas vontades são realizadas no instante em que surgem.

O paulistano ranzinza verá no “demorou!” e no “já é!” traços de nossa eterna cordialidade, sombras de uma hipocrisia *mui* brasileira que, se nos abriga no frescor do acolhimento, também nos impede de instituir a seca racionalidade, necessária para o pleno desenvolvimento da civilização. Pode ser, mas vejo agora o outro lado, esta incontrolável propensão para o prazer, esta alegria infinita nas parcerias, mesmo (ou, talvez, principalmente) nas mais desimportantes. Sei lá, minha modesta pena de cronista não é capaz de desdar o nó. Quem sabe um dia desses o grande José Miguel Wisnik, estudioso da linha tênue e tenaz que amarra nossas glórias e fracassos, não se anima e escreve algo a respeito? Demorou! Já é!

PRATA, Antonio. *Folha de S. Paulo*, 22 ago. 2012.

A crônica é um gênero textual em que se usa um fato do cotidiano como mote para tecer reflexões mais amplas sobre aspectos da sociedade. Em “Demorou, já é”, infere-se que o objetivo central do cronista é

- a)** discutir a rivalidade entre paulistanos e cariocas, por meio da comparação das variantes linguísticas regionais.

- b)** analisar, de forma objetiva e imparcial, os diferentes graus de satisfação que uma pessoa pode atingir.
- c)** propor uma análise metalinguística, seguida de considerações sobre o comportamento dos brasileiros.
- d)** constatar que o uso da função fática de linguagem é capaz de promover discussões filosóficas.
- e)** revelar que a comunicação oral, mesmo em situações banais como pedir empadas, é imprescindível para a construção de projetos coletivos.

17. Enem

C6-H18

Amarelinha

Riscar o chão para sair pulando é uma brincadeira que vem dos tempos do Império Romano.

A amarelinha original tinha mais de cem metros e era usada como exercício de treinamento militar. Os soldados corriam sobre a amarelinha para melhorar as habilidades com os pés.

As crianças romanas, então, fizeram imitações reduzidas do campo utilizado pelos soldados. E acrescentaram numeração nos quadrados que deveriam ser pulados.

Hoje as amarelinhas têm formatos de caracol, quadrado e geométricos, que lembram o corpo de um boneco. A quantidade de casas pode também variar bastante.

As palavras “céu” e “inferno” podem ser escritas no começo e no fim do desenho, que é marcado no chão com giz, tinta ou graveto.

Mas as crianças também escrevem palavras como “mundo”, “sol” e “lua” nessas áreas, geralmente de descanso.

Existem variantes de amarelinha em que há áreas de descanso (local onde se pode pisar com os dois pés, por exemplo) nas laterais.

Usando pedra, caco, saquinho, casca de banana ou “alguma coisa pesadinha” (como dizem as crianças), os participantes pulam amarelinha saltando (com um e dois pés) ou chutando.

MAPA do brincar. Amarelinha. Disponível em: <<https://mapadobrinca.folha.com.br/brincadeiras/amarelinha/>>. Acesso em: maio 2019.

Com base em fatos históricos, o texto retrata o processo de adaptação pelo qual passou um tipo de brincadeira. Nesse sentido, conclui-se que as brincadeiras comportam o(a)

- a)** caráter competitivo que se assemelha às suas origens.
- b)** delimitação de regras que se perpetuam com o tempo.
- c)** definição antecipada do número de grupos participantes.
- d)** objetivo de aperfeiçoamento físico daqueles que a praticam.
- e)** possibilidade de reinvenção no contexto em que é realizada.

18. Enem

C6-H18

Carta ao Tom 74

Rua Nascimento Silva, cento e sete

Você ensinando pra Elizete

As canções de canção do amor demais

Lembra que tempo feliz

Ah, que saudade,

Ípanema era só felicidade

Era como se o amor doesse em paz

Nossa famosa garota nem sabia

ESTUDO PARA O ENEM

A que ponto a cidade turvaria
 Esse Rio de amor que se perdeu
 Mesmo a tristeza da gente era mais bela
 E além disso se via da janela
 Um cantinho de céu e o Redentor
 É, meu amigo, só resta uma certeza,
 É preciso acabar com essa tristeza
 É preciso inventar de novo o amor

MORAES, Vinicius de; TOQUINHO. *Bossa Nova, sua história, sua gente*. São Paulo: Universal/Philips, 1975.

O trecho da canção de Toquinho e Vinicius de Moraes apresenta marcas do gênero textual carta, possibilitando que o eu poético e o interlocutor

- compartilhem uma visão realista sobre o amor em sintonia com o meio urbano.
- troquem notícias em tom nostálgico sobre as mudanças ocorridas na cidade.
- façam confidências, uma vez que não se encontram mais no Rio de Janeiro.
- tratem pragmaticamente sobre os destinos do amor e da vida cidadina.
- aceitem as transformações ocorridas em pontos turísticos específicos.

19. Enem**C6-H18****Anfíbio com formato de cobra é descoberto no Rio Madeira (RO)**

Animal raro foi encontrado por biólogos em canteiro de obras de usina. Exemplares estão no Museu Emilio Goeldi, no Pará

O trabalho de um grupo de biólogos no canteiro de obras da Usina Hidrelétrica Santo Antônio, no Rio Madeira, em Porto Velho, resultou na descoberta de um anfíbio de formato parecido com uma cobra. *Atretochoana eiselti* é o nome científico do animal raro descoberto em Rondônia. Até então, só havia registro do anfíbio no Museu de História Natural de Viena e na Universidade de Brasília. Nenhum deles tem a descrição exata de localidade, apenas “América do Sul”. A descoberta ocorreu em dezembro do ano passado, mas apenas agora foi divulgada.

XIMENES, Marcela. G1, 31 jul. 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com>>. Acesso em: fev. 2019.

A notícia é um gênero textual em que predomina a função referencial da linguagem. No texto, essa predominância evidencia-se pelo(a)

- recorrência de verbos no presente para convencer o leitor.
- uso da impessoalidade para assegurar a objetividade da informação.
- questionamento do código linguístico na construção da notícia.
- utilização de expressões úteis que mantêm aberto o canal de comunicação com o leitor.
- emprego dos sinais de pontuação para expressar as emoções do autor.

20. Enem**C6-H18**

Por que as formigas não morrem quando postas em forno de micro-ondas?

As micro-ondas são ondas eletromagnéticas com frequência muito alta. Elas causam vibração nas moléculas de água, e é isso que aquece a comida. Se o prato estiver seco, sua temperatura não se altera. Da mesma maneira, se as formigas tiverem pouca água em seu corpo, podem sair incólumes. Já um ser humano não se sairia tão bem quanto esses insetos dentro de um forno de micro-ondas superdimensionado: a água que compõe 70% do seu corpo aqueceria. Micro-ondas de baixa intensidade, porém, estão por toda a parte, oriundas da telefonia celular, mas não há comprovação de que causem problemas para a população humana.

OKUNO, Emico. Pergunte aos pesquisadores. Pesquisa Fapesp, Edição 194, abr. 2012. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/2012/04/10/pergunte-aos-pesquisadores-5/>>. Acesso em: maio 2019.

Os textos constroem-se com recursos linguísticos que materializam diferentes propósitos comunicativos.

Ao responder à pergunta que dá título ao texto, o autor tem como objetivo principal

- defender o ponto de vista de que as ondas eletromagnéticas são inofensivas.
- divulgar resultados de recentes pesquisas científicas para a sociedade.
- apresentar informações acerca das ondas eletromagnéticas e de seu uso.
- alertar o leitor sobre os riscos de usar as micro-ondas em seu dia a dia.
- apontar diferenças fisiológicas entre formigas e seres humanos.

49

ALGUNS GÊNEROS E SUAS ESPECIFICIDADES

- Guia turístico
- Fábula
- Texto acadêmico
- Manual de instruções
- Artigo de opinião

HABILIDADES

- Reconhecer as estruturas históricas das interações verbais na sociedade para a construção dos gêneros orais e escritos.
- Compreender gênero dentro das relações dialógicas.
- Identificar os conceitos teóricos para estruturar e analisar diferentes gêneros discursivos.

Outros gêneros discursivos



Por estarem intimamente relacionados com as mais variadas interações humanas, os gêneros são tão diversos e inesgotáveis quanto as atividades humanas.

Levando em consideração que os gêneros discursivos colaboram com a ordenação e a estabilização das atividades comunicativas do cotidiano, pode-se afirmar então que são incontáveis, posto que surgem das necessidades sociais e comunicativas da população, estando sujeitos a mudanças e inovações.

Neste capítulo, serão apresentadas as principais características de cinco gêneros discursivos que exemplificam os tipos textuais: o guia turístico (tipo textual descritivo), a fábula (tipo textual narrativo), o texto acadêmico (tipo textual expositivo), o manual de instrução (tipo textual injuntivo) e o artigo de opinião (tipo textual argumentativo).

Vale salientar, porém, que existe a possibilidade de gêneros híbridos e o surgimento de novos gêneros, especialmente após o advento da internet e das redes sociais.

GUIA TURÍSTICO

Apresenta informações sobre uma determinada localidade, no presente do indicativo (cidade, região, país ou continente), com o objetivo de orientar turistas a realizar o passeio de acordo com o que desejam conhecer.

O guia turístico, portanto, possui uma função predominantemente utilitária, prática, fornecendo informações sobre museus, patrimônio cultural, restaurantes, espetáculos, horários, transportes, moeda, tradições locais e outras informações que podem ser úteis, a fim de tornar a viagem mais agradável e proveitosa.



O guia turístico possui função predominantemente utilitária, pois fornece informações sobre o local indicado, além de recomendações práticas para o leitor.

Para que seja considerado de boa qualidade, o guia turístico precisa ser:

- atualizado, pois a informação deve corresponder fielmente à realidade do destino, com horários, preços, endereços, telefones, rotas e meios de transporte, hotéis, restaurantes e atrações vigentes;
- abrangente, ou seja, capaz de atender às necessidades de informação do turista;
- bem estruturado, de modo que a informação deve estar exposta de forma organizada, utilizando uma linguagem clara e objetiva; e,
- personalizado, para permitir o acesso de informações relevantes dentro do contexto particular de cada viagem.

Com a evolução dos meios de comunicação, o guia turístico pode ser apresentado de forma impressa ou digital, por meio de *sites* ou de aplicativos em dispositivos móveis.

Veja, por exemplo, um trecho do guia turístico da cidade de Salvador, publicado no *site* da revista *Viagem e Turismo*:

A cidade nasceu como protagonista do país: em 1549 foi declarada a primeira capital do Brasil. Claro, a localização era estratégica para os europeus – mas não há dúvida de que as belezas naturais também arrebataram os navegantes. Difícil até hoje não se impressionar com a paisagem das praias do norte, como Itapuã, eternizada por Dorival Caymmi, Vinícius de Moraes e Toquinho, ou mesmo da orla central, onde fica a Praia da Barra, famosa por seu farol. Mais que a natureza, o homem fez de Salvador lugar especial, na beleza das construções históricas, museus, gastronomia e hospitalidade.

Vagar sem pressa pelo Pelourinho, circulando entre museus, ateliês e igrejas do Centro Histórico, é passeio obrigatório. Assim como se aventurar pelos acarajés, abarás e moquecas, sabores fortes que só a Bahia tem.

Comece a manhã percorrendo os corredores do Mercado Modelo, e suba pelo Elevador Lacerda para encontrar a atração número um da cidade: o Pelourinho. Entre tantas igrejas e museus, reserve mais tempo para explorar todos os detalhes da Igreja e Convento de São Francisco, com altares forrados de ouro. Bom programa para o fim de tarde, o pôr do sol no Farol da Barra é um clássico da capital baiana.

SILVA, Luiz Felipe. Salvador. *Viagem e Turismo*. São Paulo: Editora Abril, 9 set. 2011.

FÁBULA

Fábula é uma composição literária curta, escrita em prosa ou verso, em que as personagens são animais que possuem características humanas. Há, na fábula, um caráter educativo, uma vez que, por meio de uma analogia entre o cotidiano e as histórias vivenciadas pelas personagens, geralmente apresenta no desfecho uma moral da história.

Enquanto gênero discursivo, a fábula é desenvolvida a partir dos elementos essenciais dos tipos de textos narrativos, como personagens, narrador, foco narrativo, tempo e espaço. Ela representa um espaço relevante para a disseminação de valores essenciais às relações sociais (ética, amizade, respeito, generosidade, entre outros), podendo, por isso, ter função didático-pedagógica ao abordar de forma lúdica os mais diversos conflitos e ao apresentar a moral da história, que é uma interpretação ou breve análise a respeito dos fatos narrados.

A seguir, leia a fábula “A cigarra e a formiga”, de Esopo, traduzida por Ruth Rocha:



TILLY, Auguste; MEYER, Henri. *Théâtre de la Gaité: la cigale et la fourmi. Vous chantiez... J'en suis fort aise! Eh bien! Dansez maintenant: Mme Thuillier Le-loir (la Fourmi) Mlle Jeanne Granier (la Cigale)*. 1886. Gravura, 48 cm x 32 cm.

Imagem de divulgação do espetáculo *A Cigarra e a Formiga*, encenada em 1886, no Théâtre de la Gaité, em Paris, França.

A cigarra e as formigas

Era inverno e as formigas estavam secando o trigo encharcado, quando uma cigarra faminta lhes pediu alimento. As formigas lhe disseram: “Por que, no verão, você também não recolheu alimento?”. E ela: “Mas eu não fiquei à toa! Ao contrário, eu cantava canções melodiosas!”. Elas tornaram a rir: “Mas se você flauteava no verão, dance no inverno!”.

ESOPO. *Fábulas completas*. Tradução Maria Celeste C. Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

LEITURA COMPLEMENTAR

Fábula e parábola

A parábola, tanto quanto a fábula, é uma narração alegórica na qual o conjunto de elementos evoca, por comparação, outras realidades de ordem superior.

No entanto, distinguem-se, porquanto a parábola não transcende os limites do provável, ao passo que a fábula implica sempre em dar característica real ao fantástico. Geralmente a fábula transfere para animais ou seres inanimados as qualidades e sentimentos do homem, fazendo, por conseguinte, largo emprego da prosopopeia.

Existem ainda outras diferenças entre parábola e fábula e que consistem essencialmente no seguinte:

1. na parábola predomina a unidade de tempo, enquanto que na fábula a imagem é do passado mas a coisa ou o fato pertence ao presente;
2. a parábola mostra algo que vale sempre, ao passo que a fábula apresenta uma lição de validade efêmera;
3. a parábola mostra em imagens uma realidade geralmente conhecida, coisas do dia a dia, num comportamento que é sempre único porque é sempre assim. A fábula contém uma narrativa livremente construída, para uma só vez; ela tem efeito enquanto desperta interesse e provoca admiração;

4. ao contrário do caráter atemporal da parábola, é de essência da fábula apresentar algo passado e completo, a que seu “mito” empreste ousadamente realidade. A parábola se curva diante de qualquer oposição porquanto trata apenas de coisas possíveis, indubitáveis, ao passo que a fábula passa por cima de qualquer obstáculo e, ao narrar, o faz com tanta vivacidade, calor e atrativo que o ouvinte se esquece de fazer objeções. Torna o fato tão verossímil que o ouvinte não pergunta pela verdade ou sequer pela possibilidade dela. Através de sua plasticidade substitui a fábula o que a parábola pressupõe através da autoridade da generalidade e do reconhecido.

Apesar de todas estas caracterizações, às vezes se torna difícil, na prática, distinguir uma da outra. *A parábola do filho pródigo* poderia muito bem ser chamada de fábula da mesma forma que *O Lobo e o Cordeiro* poderia passar por parábola. Em alguns casos os limites são muito imprecisos. Resumindo, costuma-se dizer que parábola trata de assuntos e situações humanas mais reais e visa maior elevação no plano ético.

PORTELLA, Oswaldo O. A fábula. *Letras*, (32) Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1983. p. 119-138.

TEXTO ACADÊMICO



Apesar de não haver receitas fixas para a elaboração de um bom texto acadêmico, este deve ser rigoroso, crítico, objetivo e claro.

O texto acadêmico se materializa em produções como investigação científica, filosófica ou artística e, para tanto, deve refletir o rigor, a perspectiva crítica, a objetividade e a clareza inerentes a uma pesquisa acadêmica.

Ao escrever sobre a caracterização do texto acadêmico, Silvio Seno Chibeni assim afirma:

Num texto podemos distinguir o conteúdo (ideias, estrutura argumentativa, etc.) da forma (linguagem, disposição dos elementos, etc.). Embora a qualidade de um texto acadêmico dependa fundamentalmente de seu conteúdo, esse conteúdo não poderá ser devidamente compreendido e examinado se a forma que o reveste for deficiente. Assim é que os autores mais representativos de qualquer área da atividade

acadêmica sempre primaram também pela excelência dos textos em que registraram sua produção.

Não há, é claro, receitas fixas para formar um bom texto acadêmico. Isso depende de uma predisposição intelectual que se poderia dizer inata, bem como de toda a formação escolar, acadêmica e cultural, somadas a uma dedicação intensa ao estudo. Do mesmo modo, não há normas rígidas de produção formal de um texto acadêmico. No entanto, a tradição acadêmica acabou delimitando, em razoável medida, as formas típicas de expressão escrita para as diversas modalidades de textos acadêmicos. Nas presentes notas ensaia-se a identificação de alguns desses padrões, paralelamente à apresentação de tópicos variados relativos à prática internacional de avaliação e divulgação dos trabalhos acadêmicos.

Deve-se, por fim, ressaltar que estas notas, ou quaisquer outras do mesmo gênero, têm função meramente subsidiária. A consolidação da arte de bem redigir depende, acima de tudo, do contato direto e sistemático com os grandes exemplos de produção escrita, não apenas de natureza estritamente acadêmica, mas também literária de um modo geral.

CHIBENI, Silvio Seno. O texto acadêmico. Disponível em: <<http://www.unicamp.br>>. Acesso em: fev. 2019.

Dessa forma, pode-se afirmar que o objetivo do texto acadêmico é construir conhecimento por meio de investigação científica, cultural, artística ou filosófica. Para tanto, devem ser utilizadas fontes confiáveis como referência, linguagem formal e objetiva, a fim de, ao final, apresentar uma conclusão que aponte uma

crítica, uma hipótese ou mesmo sugestões de futuras pesquisas sobre o tema abordado.

O texto acadêmico deve considerar regras de formatação como espaçamento, tamanho e tipo de fonte, utilização de negrito e itálico, utilizando, em geral, os padrões estabelecidos pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

A seguir, leia um trecho do artigo acadêmico “A emigração como força civilizadora: portugueses nas colônias africanas e no Brasil independente”, de Paulo Cesar Gonçalves, professor do Departamento de História da UNESP/Assis, publicado na *Revista de História da USP*.

A análise dos boletins publicados pela Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), dos inquéritos parlamentares sobre a emigração (1873 e 1885) e de alguns estudos de autores contemporâneos entre as décadas de 1870 e 1920 possibilita focalizar os movimentos migratórios ultramarinos portugueses, inserindo-os na expansão colonialista com propósitos específicos de configuração do império em África no final do século XIX e início do XX. Ao mesmo tempo, o *corpus* documental pesquisado permite perceber o debate entre os defensores dessa nova alternativa e os que advogavam pelo tradicional fluxo de portugueses para o Brasil, com suas perspectivas econômicas individuais e nacionais representadas, em última instância, pelas remessas monetárias.

Enfoque plenamente justificado, pois em vários escritos desde sua fundação em 1875, a Sociedade de Geografia de Lisboa identificou, no incentivo à emigração, um dos meios de ativar e aumentar as relações comerciais da metrópole com as possessões ultramarinas. As discussões sobre emigração portuguesa e o império colonial africano ocuparam grande espaço em suas publicações. A SGL, inclusive, instituiu comissões específicas para desenvolver e aprofundar estudos ligados aos dois temas, considerados urgentes e fundamentais para a nação.

Em 1877, a SGL criou a Comissão Africana e, em 1880, a Comissão Central Permanente de Geografia (CCPG) instituída pelo governo foi incorporada pela associação. Naquele momento, a CCPG era presidida pelo visconde de São Januário, ministro do Ultramar, e integrada por Francisco Chamiço, fundador e presidente do Banco Nacional Ultramarino, e Luciano Cordeiro, figura de proa da própria instituição, da qual se tornaria secretário perpétuo. Cordeiro foi o relator do projeto de regulamento da emigração de 1883 e membro de destaque da delegação portuguesa enviada à Conferência de Berlim para defender os direitos portugueses em África.

Anos mais tarde, em 1895, a reforma dos estatutos da Sociedade de Geografia de Lisboa também foi conduzida por Luciano Cordeiro. Instituíram-se cinco comissões gerais permanentes, dentre as quais a Comissão Africana, Africana, “que tem por fim o estudo e a consulta dos assumptos que importam á

exploração científica, á civilização da Africa, e particularmente á soberania, influencia e territorios de Portugal n’aquella parte do mundo”, e a Comissão de Emigração, “que tem por fim o estudo e a consulta dos assumptos que importam á emigração portuguesa, no sentido de atenuar, instruir, dirigir e acautelar, em benefício do Paiz e das possessões ultramarinas”.

Levando em consideração tais aspectos, a proposta deste artigo consiste em relacionar a possibilidade e as expectativas da emigração para as colônias africanas com três elementos-chave defendidos pela Sociedade de Geografia de Lisboa: a consolidação das possessões em África; a defesa do expansionismo português no continente; as propostas de utilização da emigração como força civilizadora. Em suma, estudar o fluxo de portugueses como parte do processo de colonização sob a égide do que se denominava “nacionalização dos territórios coloniais”, ou seja, exploração, ocupação, administração e desenvolvimento de atividades produtivas em uma perspectiva favorável à metrópole.

GONÇALVES, Paulo Cesar. A emigração como força civilizadora: portugueses nas colônias africanas e no Brasil independente. *Revista de História da USP*, n. 177. São Paulo, 2018. Adaptado.

MANUAL DE INSTRUÇÃO

Manual de instrução é o texto que orienta o leitor a manusear um equipamento, um objeto, um *software*, uma ferramenta etc. Os verbos são geralmente conjugados no modo imperativo, em função de o discurso guiar o leitor quanto aos procedimentos a serem adotados.

O manual de instrução costuma ser conciso, claro e objetivo, isento de traços subjetivos e juízos de valor, atendendo a uma sequência lógica. Nesse sentido prevê o parágrafo único do art. 50 do Código de Defesa do Consumidor, que afirma que os produtos e serviços devem ser entregues acompanhados de manual de utilização e/ou instalação, escrito em linguagem didática, com ilustrações explicativas, corretas, claras, precisas, ostensivas e em língua portuguesa.

A seguir, reprodução de um manual de instrução de montagem de móvel:



Manual de instrução de montagem de móvel.

ARTIGO DE OPINIÃO

Artigo de opinião é o texto em que o autor emite sua opinião diante de alguma temática de interesse geral, podendo gerar polêmicas. Por ser um texto dissertativo-argumentativo, o autor deve, além de expor sua opinião, sustentá-las por meio de informações que sejam coerentes.

Assim, pode-se afirmar que uma característica muito peculiar deste gênero discursivo é a persuasão, que consiste na tentativa do emissor de convencer o leitor a adotar a opinião apresentada. Por tal motivo, são comuns descrições detalhadas, apelo emotivo, acusações, humor satírico, ironia e fontes de informações precisas.

O artigo de opinião costuma ser assinado pelo autor e escrito em 1ª pessoa, já que se trata de um texto com marcas pessoais e, portanto, com indícios claros de subjetividade; porém, também pode aparecer em 3ª pessoa. A linguagem deve ser clara, objetiva, e é aceitável o emprego de verbos conjugados no modo imperativo, com o intuito de convencer o leitor a ser partidário da opinião proposta.

Leia, a seguir, o artigo de opinião “Suicídios: o que ainda precisa ser dito”, escrito por Maria J. Kovács, professora do Instituto de Psicologia da USP, e publicado no *Jornal da USP*:

Suicídios: o que ainda precisa ser dito

Suicídio é tema tabu, mesmo sendo um evento presente na história da humanidade desde a Antiguidade. O ato suicida pode ser visto como liberdade, domínio, autonomia e controle. Mas ainda é frequentemente julgado e condenado, visto como fraqueza ou covardia.

Toda e qualquer resposta simplista sobre suicídios tem grande possibilidade de erro. Nos últimos anos, observamos mudança na mentalidade de que o suicídio precisa ser ocultado. Não falar sobre suicídio não diminuiu seus índices, pelo contrário, eles têm aumentado. A perspectiva atual é falar sobre o tema, trazendo números e porcentagens, quais são as pessoas em risco, diferenças de gênero e, no extremo, chega-se a falar do número de tentativas de suicídio em minutos, dias, meses ou anos.

Os dados epidemiológicos servem como alerta e fomentam programas de intervenção. Os índices de suicídio nos convocam a prestar atenção nas pessoas ao nosso redor. Junto com programas de prevenção temos que desenvolver, em nosso meio, também programas de prevenção (termo ainda pouco conhecido no Brasil), que têm como objetivo principal cuidar do sofrimento de pessoas com ideação e tentativa de suicídio e familiares enlutados, oferecendo acolhimento e psicoterapia.

Levando-se em conta o que foi apresentado acima, vamos trazer outras questões para reflexão,

agora considerando as pessoas já atingidas pelo fenômeno do suicídio, por ideação ou atos suicidas e pelos familiares que perderam pessoas queridas por esse evento. Essas pessoas necessitam de escuta, apoio, acolhimento e cuidados a longo prazo, não querem saber de números, estatísticas ou porcentagens. Precisam falar de seu sofrimento existencial.

Estatísticas apontam tendências, dados epidemiológicos, estatísticas, fundamentando programas de saúde mental. Pessoas afetadas pelo suicídio precisam de particularização, singularidade, respeito pela sua história que tem um início e que ainda não foi finalizada. Pessoas com ideação, tentativa de suicídio e familiares enlutados demandam atendimento de qualidade com profissionais capacitados, psicólogos, psiquiatras, psicoterapeutas, que possam acolher o sofrimento humano, cujo objetivo principal não deve ser evitar o suicídio a todo custo. Exemplificando, a atenção só voltada para impedir o suicídio pode restringir o sujeito, restringindo sua autonomia e liberdade.

Em casos extremos, pessoas podem ser amarradas no leito para que não realizem qualquer ação que possa colocar sua vida em risco. Essas ações podem resultar na diminuição do número de suicídios, mas o que podemos falar sobre a dor, falta de opção ou sofrimento dessa pessoa? Como profissionais de saúde mental nunca incentivaremos o suicídio, mas será que o impedir a todo custo não aumenta o sofrimento e a dor?

Temos poucas opções de cuidados contínuos em hospitais, Centros de Atenção Psicossocial e nas Unidades Básicas de Saúde. Entre as ONGS, cabe destacar o Centro de Valorização da Vida, que realiza de maneira exemplar o trabalho de atendimento em crise e o acolhimento. É fundamental que o “Setembro Amarelo”, além de programas de prevenção proponham também a contratação e capacitação de profissionais especializados para atender em continuidade pessoas em sofrimento existencial, que buscam a morte para aplacar a profunda dor psíquica que estão vivendo. Alertamos que o atendimento psicoterápico e psiquiátrico deve ser realizado por profissionais competentes e especializados e não por estagiários ou voluntários.

É preciso diferenciar acolhimento em crise realizado pelo Centro de Valorização da Vida, que é muito importante, por ser, em muitos casos, o primeiro passo para o atendimento de pessoas com ideação ou tentativa de suicídio de um atendimento especializado como, por exemplo, o atendimento psicoterápico e medicamentoso. Em muitos casos é necessário o atendimento psicológico e psiquiátrico especializado para lidar com a difícil tarefa de compreender emoções intensas, a ambivalência entre o desejo de viver e morrer, ampliar a visão estreita

que considera a morte como única solução para o sofrimento. Sentir-se aceito, compreendido e não julgado, ter o sofrimento respeitado podem ser caminhos importantes para pessoas encontrarem sentido para continuar vivendo.

Gostaria de tecer reflexões sobre os familiares enlutados pelo suicídio de uma pessoa próxima. No “Setembro Amarelo”, a ênfase recai sobre números, prevenção de suicídios e os sinais de alerta que precisam ser observados, podendo aumentar o sofrimento de um familiar que com todo empenho não conseguiu evitar o suicídio. As cartilhas apontam que sinais devem ser observados, acirrando a culpa daqueles que sentem que foram descuidados, por não percebê-los a tempo. É preciso enfatizar que os sinais tão claros nas cartilhas, não são tão claros na realidade. Esses familiares sofrem muito no Setembro Amarelo porque a ênfase recai principalmente sobre a prevenção e não sobre o cuidado ao sofrimento, que estão vivendo. É evidente que os programas de prevenção devem continuar, mas é fundamental agregar nas campanhas a prevenção do sofrimento daqueles atingidos pelo suicídio, em políticas de prevenção. Devemos desenvolver campanhas de cuidados também, e ajudar no difícil processo de luto de quem perdeu pessoas pelo suicídio, que são vistos, em alguns casos, como aqueles que provocaram o suicídio.

Ao final desse texto, chamamos atenção para os cuidados oferecidos nos pronto-atendimentos e enfermarias de hospitais para pessoas que tentaram pôr fim à vida. Eles são tratados de forma pouco atenciosa, descuidada ou até com violência, porque alguns profissionais sentem seu trabalho desvalorizado porque foram formados para salvar vidas. Além de serem tratados dessa forma, pessoas que tentaram suicídio só recebem cuidados clínicos, recebendo alta, sem preocupação com seu sofrimento psíquico e dor emocional. Essa abordagem incompleta e violenta pode, ao contrário de cuidar, estimular pessoas desesperadas a tentar suicídio de formas ainda mais letais. Além da prevenção do suicídio, precisamos também falar daqueles que buscam consumir o ato suicida, de forma impulsiva ou planejada e que não morreram: e dos familiares que os acompanham, também desesperados, sem saber o que fazer. Observamos poucas referências sobre a questão dos cuidados nos documentos da Organização Mundial da Saúde (OMS), nas políticas públicas do Ministério da Saúde e nas cartilhas apresentadas. Esperamos um Setembro Amarelo que também enfoque os cuidados a pessoas em situação de sofrimento e dor.

KOVÁCKS, Maria J. Suicídios: o que ainda precisa ser dito. *Journal da USP*, 6 ago. 2018.

LEITURA COMPLEMENTAR



DRAFTER123/STOCK

A estrutura de um artigo de opinião prevê uma situação-problema, a discussão dessa situação e uma proposta de solução ou avaliação do assunto abordado.

Estrutura do artigo de opinião

Para a produção de um artigo de opinião, é necessário que haja um problema a ser discutido e seja proposta uma solução ou avaliação, refletindo a respeito do assunto. Assim, o artigo de opinião pode ser estruturado da seguinte forma: situação-problema, discussão e solução-avaliação. Vejamos:

- a) **situação-problema:** coloca a questão a ser desenvolvida para guiar o leitor ao que virá nas demais partes do texto. Busca contextualizar o assunto a ser abordado, por meio de afirmações gerais e/ou específicas. Nesse momento, pode evidenciar o objetivo da argumentação que será sustentada ao longo do artigo, bem como a importância de se discutir o tema;
- b) **discussão:** expõe os argumentos e constrói a opinião a respeito da questão examinada. Para Guedes, todo texto dissertativo precisa argumentar, ou seja, apresentar provas a favor da posição que assumiu e provas para mostrar que a posição contrária está equivocada. Os argumentos baseiam-se nos conceitos apresentados, na adequação dos fatos para exemplificar esses conceitos, bem como na correção do raciocínio que estabelece relações entre conceitos e fatos (2002, p. 313). Para evitar abstrações, geralmente faz uso da exposição de fatos concretos, dados e exemplos, com o emprego de sequências narrativas, descritivas e explicativas, entre outras;
- c) **solução-avaliação:** evidencia a resposta à questão apresentada, podendo haver uma reafirmação da posição assumida ou uma apreciação do assunto abordado. Não é adequado um simples resumo ou mera paráfrase das afirmações anteriores.

Essa estrutura do artigo de opinião não é rígida, mas o caracteriza, diferenciando-o de outros gêneros, a fim de facilitar os encaminhamentos didáticos presentes no seu processo de ensino-aprendizagem.

BOFF, Odete M. B.; KÖCHE, Vanilda S.; MARINELLO, Adiane F. O gênero textual artigo de opinião: um meio de interação. *ReVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 7, n. 13, 2009.

ROTEIRO DE AULA

GÊNEROS DISCURSIVOS

Por colaborarem com a ordenação e a estabilização das atividades comunicativas do cotidiano, considera-se que os gêneros discursivos são

incontáveis

Os tipos textuais, por sua vez, são categorias de classificação dos

textos

definidas com base em características

linguísticas e textuais.

Dessa forma, os gêneros discursivos podem ser classificados quanto ao tipo textual como

descritivos,

tal qual o gênero

guia turístico.

narrativos,

tal qual o gênero

fábula.

argumentativos,

tal qual o gênero

artigo de opinião

expositivos,

tal qual o gênero

acadêmico.

injuntivos,

tal qual o gênero

manual de instrução.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unirg-TO

A cabra e o asno

Viviam no mesmo quintal. A cabra ficou com ciúme, porque o asno recebia mais comida. Fingindo estar preocupada, disse:

- Que vida a sua! Quando não está no moinho, está carregando fardo. Quer um conselho? Finja um mal-estar e caia num buraco.

O asno concordou, mas, ao se jogar no buraco, quebrou uma porção de ossos. O dono procurou socorro.

- Se lhe der um bom chá de pulmão de cabra, logo estará bom - disse o veterinário.

A cabra foi sacrificada e o asno ficou curado.

QUEM CONSPIRA CONTRA OS OUTROS TERMINA FAZENDO MAL A SI PRÓPRIO.

Almanaque do Brasil de cultura popular. São Paulo: Andreato Comunicação & Cultura, ano 5, n. 55, out. 2003, p-29.

Reconhecemos no texto o gênero discursivo:

- a) crônica.
- b) apólogo.
- c) fábula.**
- d) conto.

O gênero discursivo de "A cabra e o asno" é a fábula, já que as personagens são animais com características humanas e há uma moral da história: "Quem conspira contra os outros termina fazendo mal a si mesmo".

2. Unesp

Leia a fábula O morcego e as doninhas do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.).

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha¹. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

- Não posso soltá-lo - respondeu a doninha -, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

- Não sou um pássaro - alegou o morcego. - Sou um rato. E assim ele conseguiu escapar.

Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

ESOPO. *Fábulas de Esopo*. Tradução de Ruth Rocha. São Paulo: Salamandra, 2010.

¹ **doninha**: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio de patas curtas (também conhecido como furão).

Depreende-se da leitura da fábula a seguinte moral:

- a) Adaptar-se às circunstâncias: eis a forma de escapar dos perigos.**
- b) Mais vale uma vida simples e sem inquietações do que viver em meio ao luxo com um medo devastador.
- c) Às vezes, quando a sorte abandona os mais poderosos, eles podem precisar dos mais humildes.

d) Aqueles que, por vaidade, se fazem maiores do que realmente são acabam se arrependendo amargamente.

e) Devemos nos contentar com o que temos e evitar a ganância.

Da fábula "O morcego e as doninhas", depreende-se a moral "Adaptar-se às circunstâncias: eis a forma de escapar dos perigos"; pois o morcego escapou da morte duas vezes por se adaptar à situação: na primeira, afirmou que não era um pássaro, mas um rato; já na segunda, ele assumiu não ser um rato e sim um morcego.

3. Unipê-PB

Os desígnios e a caracterização da ciência aplicada

Se perguntássemos o que caracteriza efetivamente a ciência aplicada, eu diria que, essencialmente, sua condição intrínseca de observação dos fatos reais, de análise experimental em laboratório, ou em campos específicos e, posteriormente, pelo retorno às suas fontes originais de pesquisa, como forma de intervenção, em vista de melhorias sociais e de novas descobertas técnico-científicas. Esse desdobramento final depende muito mais de ações políticas e de interesses econômicos do que propriamente da vontade dos pesquisadores ou das comunidades científicas. É desnecessário dizer que nenhuma produção do conhecimento deveria ter um fim em si mesma, ou que se destina exclusivamente a grupos restritos. Sua finalidade é fazer que, cada vez mais, pessoas sejam beneficiadas.

Decorre, nesse sentido, a realidade consequencial de que o que a ciência pode fazer pela sociedade nada mais é do que um reflexo daquilo que a sociedade tem feito pela ciência. Porém, o que, em tese, parece ser uma obviedade não é tão evidente quanto julgamos, pois essa caracterização da ciência é permanentemente contestada por fatos que atentam diariamente contra o que é essencial na vida das pessoas como, por exemplo, as garantias e os direitos fundamentais que devem servir de regra básica em todos os países cujos regimes políticos se baseiam nos princípios de uma sociedade livre e democrática.

No que concerne ao Brasil, a Constituição Federal de 1988, no seu art. 5º, estabelece que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo a todos a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, o que nos leva a questionar sobre como ficam esses direitos e garantias fundamentais, quando nos deparamos com problemas relacionados à falta de infraestrutura sanitária para grande parte da população? Com a falta ou má qualidade da alimentação? A existência de doenças tropicais, cujos vetores já foram erradicados em todos os países desenvolvidos? As epidemias, de dengue, chikungunya e, mais recentemente, a contaminação causada pelo vírus zika? São perguntas para as quais não teremos respostas nos próximos 30 ou 40 anos.

Tais resoluções dependem de inovação tecnológica e pesquisas científicas, mas, sobretudo, dependem de mobilização social e nova consciência das lideranças políticas. Não nos abrandamos o fato de que, por ironia ou não, essa situação de ameaças epidêmicas não se limite aos países subdesenvolvidos.

Com muita propriedade escreveu J.L. Poersch, em 1972, no livro de síntese às teorias evolucionistas de Teilhard de

Nos anos 1980 e 1990, por exemplo, os jornais brasileiros se destacaram por abrigar debates sobre novos comportamentos que vieram com a liberação social que acompanhou o fim da ditadura. *A Folha de S. Paulo*, por exemplo, construiu aí sua estratégia vitoriosa de aparecer como porta-voz de uma cultura liberal e libertina, contra a sisudez de seus então concorrentes.

O caso *Folha* é, talvez, o mais típico para ilustrar esse movimento. Depois de alcançar tiragens superiores a um milhão de exemplares em circulação diária, o jornal paulista encolheu para menos de um terço desse total.

O que explicaria essa queda, que retrata a decadência do sistema da imprensa?

COSTA, Luciano Martins. *A lanterna que ilumina a espuma. Observatório da Imprensa*, ano 18. n. 810. ago. 2014. Disponível em: <<http://www.observatoriodaimprensa.com.br>>. Adaptado.

Os gêneros discursivos apresentam finalidade comunicativa e organização recorrentes. O texto é um artigo de opinião, pois

- a) tem a finalidade de estabelecer um ensinamento, apresentando principalmente a sequência tipológica expositiva.
- b) cumpre a função social de informar fatos recentes à população; sua principal sequência tipológica é a injuntiva.
- c) a sequência tipológica predominante é a argumentativa, uma vez que o artigo de opinião tem a função de estabelecer normas sociais.
- d) a sequência tipológica predominante é a descritiva, pois, para cumprir sua função social, o artigo de opinião deve apresentar descrição detalhada dos fatos.
- e) apresenta, principalmente, a tipologia argumentativa, o que possibilita ao artigo de opinião cumprir a função de convencer o leitor de um ponto de vista defendido.

O texto “A lanterna que ilumina a espuma” é um artigo de opinião, pois o autor emite sua opinião diante de uma temática do interesse de muitas pessoas (os desafios do jornalismo contemporâneo), podendo gerar polêmicas. Por ser um texto dissertativo-argumentativo, o autor, além de expor sua opinião, sustenta-as por meio de informações admissíveis e coerentes: “Num oceano de possibilidades infinitas, a visão conservadora da imprensa genérica serve principalmente à ingloria e impossível tarefa de interromper, ou, no mínimo, de desacelerar o ritmo das mudanças. À medida que se aceleram os processos da modernidade mais se torna clara essa função de freio social e cultural”.

6. IFCE

C6-H18

Os dois viajantes na Macacolândia

Dois viajantes, transviados no sertão, depois de muito andar, alcançam o reino dos macacos.

Ai deles! Guardas surgem na fronteira, guardas ferozes que os prendem, que os amarram e os levam à presença de S. Majestade Simão III.

El-rei examina-os detidamente, com macacal curiosidade, e em seguida os interroga:

— Que tal acham isto por aqui?

Um dos viajantes, diplomata de profissão, responde sem vacilar:

— Acho que este reino é a oitava maravilha do mundo. Sou viajadíssimo, já andei por Seca e Meca, mas, palavra de honra! Nunca vi gente mais formosa, corte mais brilhante, nem rei de mais nobre porte do que Vossa Majestade.

Simão lambeu-se todo de contentamento e disse para os guardas:

— Soltem-no e deem-lhe um palácio para morar e a mais gentil donzela para esposa. E lavrem incontinenti o decreto de sua nomeação para cavaleiro da mui augusta Ordem da Banana de Ouro.

Assim se fez e, enquanto o faziam, El-rei Simão, risonho ainda, dirigiu a palavra ao segundo viajante:

— E você? Que acha do meu reino?

Este segundo viajante era um homem neurastênico, azedo, amigo da verdade a todo o transe.

Tão amigo da verdade que replicou sem demora:

— O que acho? É boa! Acho o que é!...

— E que é que é? — interpelou Simão, fechando o sobrecenho.

— Não é nada. Uma macacalha... Macaco praqui, macaco prali, macaco no trono, macaco no pau...

— Pau nele — berra furioso o rei, gesticulando como um possessô. Pau de rachar nesse miserável caluniador...

E o viajante neurastênico, arrastado dali por cem munhecas, entrou numa roda de lenha que o deixou moído por uma semana.

LOBATO, Monteiro. *Fábulas*. Ilustrações de Alcy Linhares. São Paulo: Globo, 2008.

O texto acima é

- a) uma crônica sobre os costumes da sociedade de aparências atual.
- b) uma crônica na qual o autor valoriza a honestidade a todo momento.
- c) uma fábula sobre a superioridade da raça humana perante os animais.
- d) um conto que valoriza, acima de tudo, a honestidade.
- e) uma fábula na qual predomina a ironia sobre o valor da verdade.

O texto “Os dois viajantes da Macacolândia” é uma fábula, pois as personagens são animais (“macacos”) com características humanas, e há predominância da ironia sobre o valor da verdade entre amigos, que constitui no desfecho a moral da história, pois o viajante foi punido por dizer o que realmente pensava: “- E você? Que acha do meu reino? / Este segundo viajante era um homem neurastênico, azedo, amigo da verdade a todo o transe. / Tão amigo da verdade que replicou sem demora: / - O que acho? É boa! Acho o que é!... / - E que é que é? — interpelou Simão, fechando o sobrecenho. / - Não é nada. Uma macacalha... Macaco praqui, macaco prali, macaco no trono, macaco no pau...”

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unifor-CE

Deformação cultural

O novo Secretário de Cultura do Rio de Janeiro está preocupado em valorizar as manifestações mais populares daquilo que, *grosso modo*, pode-se chamar de cultura. Fiel às suas origens, substituiu o maestro Edino Krieger da presidência do

Museu da Imagem e do Som por uma neta de Cartola. E nomeou a bisneta de Donga para outro cargo de sua secretaria. Sem entrar no julgamento de valor da neta e da bisneta de dois grandes compositores populares, a atitude do novo secretário tem alguma coisa de nepotismo, não de nepotismo de sangue, mas um tipo de nepotismo cultural inédito até agora na administração pública. O mesmo secretário pro-

mete procurar as emissoras de rádio para darem espaço ao “som” de Monarco, Dona Ivone Lara” e tantos outros”.

Novamente sem entrar no mérito dos escolhidos (pessoalmente, sou fã incondicional de Monarco), creio que a função do Estado está mais acima da concorrência comercial dos diversos gêneros da nossa música. As emissoras programam-se de acordo com o mercado. Ao Estado competiria complementar as manifestações musicais e culturais que não se enquadram na grade de uma programação destinada à onda ditada pelo momento.

[...]

Cultura é um conceito abrangente que deixa de ser cultura quando se limita a manifestações setorializadas, por melhores e mais dignas que sejam.

CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo*, 09 maio 2006.

O artigo de opinião, como o próprio nome já diz, é um texto em que o autor expõe seu posicionamento diante de algum tema atual e de interesse de muitos. As escolhas feitas pelo autor conferem ao texto:

- a) Leitura breve e simples, pois são textos pequenos com linguagem objetiva.
- b) Argumentos consistentes, vocabulário rebuscado, pois visa a um público específico.
- c) Ponto de vista com característica peculiar para descrição, com os verbos no imperativo.
- d) Texto dissertativo com informações coerentes e inadmissíveis.
- e) Linguagem objetiva e aparecem repletas de sinais de exclamação, os quais incitam à posição de reflexão favorável ao enfoque do autor.

8. UEL-PR

Pau de dois bicos

Um morcego estonteado pousou certa vez no ninho da coruja, e ali ficaria de dentro se a coruja ao regressar não investisse contra ele.

– Miserável bicho! Pois te atreves a entrar em minha casa, sabendo que odeio a família dos ratos?

– Achas então que sou rato? Não tenho asas e não voou como tu? Rato, eu? Essa é boa!...

A coruja não sabia discutir e, vencida de tais razões, pou-pou-lhe a pele.

Dias depois, o finório morcego planta-se no casebre do gato-do-mato. O gato entra, dá com ele e chia de cólera.

– Miserável bicho! Pois te atreves a entrar em minha toca, sabendo que detesto as aves?

– E quem te disse que sou ave? - retruca o cínico - sou muito bom bicho de pelo, como tu, não vês?

– Mas voas!...

– Voo de mentira, por fingimento...

– Mas tem asas!

– Asas? Que tolice! O que faz a asa são as penas e quem já viu penas em morcego? Sou animal de pelo, dos legítimos, e inimigo das aves como tu. Ave, eu? É boa...

O gato embasbacou, e o morcego conseguiu retirar-se dali são e salvo.

Moral da Estória: O segredo de certos homens está nesta política do morcego. É vermelho? Tome vermelho. É branco? Viva o branco!

MONTEIRO LOBATO, José Bento. *Fábulas*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

O texto *Pau de dois bicos* é uma fábula,

- a) pelo predomínio do discurso direto, com consequente apagamento da figura do narrador.
- b) pois o tempo cronológico é marcado pela expressão “certa vez” e pelos verbos no passado.
- c) pois apresenta trama pouco definida e trata de problemas cotidianos imediatos, o que lhe confere caráter jornalístico.
- d) por utilizar elemento fantástico, como o fato de os animais falarem, para refletir sobre problemas humanos.
- e) por resgatar a tradição alegórica de representação de seres heroicos que encarnam forças da natureza.

9. UEFS-BA

Um dos produtos mais curiosos da indústria cultural digital é a chamada *selfie*, autorretrato feito com celular, que virou mania geral. Em lugares públicos e privados, o usuário, como quem porta um espelho, vira a câmera do telefone para o próprio rosto e, “espelho, espelho meu”, descobre, por meio das redes sociais, que não existe no mundo ninguém mais bonito do que “eu”.

O autorretrato foi prática comum na história da pintura e da fotografia. Hoje em dia ele, é hábito de quem tem um celular à mão. Em qualquer dos casos, a ação de autorretratar-se diz respeito a um exercício de autoimagem no tempo histórico em que técnicas tradicionais, como o óleo, a gravura, o desenho, foram a base das representações de si. Hoje ele depende das novas tecnologias que, no mundo dos dispositivos, estão ao nosso alcance mais simples.

Não se pode dizer que a invenção da fotografia digital tenha intensificado apenas quantitativamente a arte de autorretratar-se. *Selfie* não é fotografia pura e simplesmente, não é autorretrato, como os outros. A *selfie* põe em questão uma diferença qualitativa. Ela diz respeito a um fenômeno social relacionado com a mediação da própria imagem pelas tecnologias, em específico, o telefone celular. De certo modo, o aparelho celular constitui, hoje, tanto a democratização quanto a banalização da máquina de fotografar; sobretudo, do gesto de fotografar.

O celular tornou-se, além de tudo o que ele já era, enquanto meio de comunicação e de subjetivação, um espelho. Nosso rosto é o que jamais veremos senão por meio do espelho. Mas é o rosto do outro que é nosso primeiro espelho. O conhecimento de nosso próprio rosto surge muito depois do encontro com o rosto do outro. Em nossa época, contudo, cada um compraz-se mais com o próprio rosto do que com o alheio. O espelho, em seu sentido técnico, apenas nos dá a dimensão da imagem do que somos, não do que podemos ser. Ora, no tempo das novas tecnologias que tanto democratizam como banalizam a maior parte de nossas experiências, talvez a experiência atual com o rosto seja a de sua banalização.

TIBURI, Márcia. Culto do espelho – *Selfie* e narcisismo contemporâneo. *Cult*, nov. 2014.

Quanto ao gênero do texto em destaque, é correto afirmar que se classifica como

- a) uma crônica, cujo autor narra fatos cotidianos e busca argumentos para defender uma tese.
- b) um editorial, já que reproduz um discurso coletivo, representante de uma instituição específica.

- c) uma resenha crítica, consistindo em um resumo comentado e opinativo sobre determinado comportamento social.
- d) uma reportagem sobre um tema acadêmico, que apresenta conceitos e desenvolve ideias relacionadas com estudos científicos.
- e) um artigo de opinião, defendendo uma tese por meio de argumentos pessoais pautados em contextualizações, comparações, análises, exemplificações.

10. UFG-GO

Alienação política de jovens é tendência mundial

Embora o número de eleitores aptos ao voto facultativo, com 16 e 17 anos de idade, tenha aumentado em relação à última eleição, em 2010, a percepção é que há um desinteresse dos jovens nessa faixa etária em relação à eleição deste ano.

A avaliação é do cientista político Eurico de Lima Figueiredo, da Universidade Federal Fluminense (UFF). Para ele, essa percepção não é só restrita ao Brasil. “A desmotivação é mundial”, disse. “Parece que nós vivemos uma época em que os jovens encontram soluções que já estão dadas”, completou.

Figueiredo acredita, no entanto, que principalmente agora, na Europa, haverá um recrudescimento da participação juvenil na tentativa de encontrar soluções para os novos problemas colocados pela crise econômica. “A tradição mostra que são os jovens que mais reagem a situações de crise, inclusive porque eles trazem dentro de si o futuro e reconhecem nas situações críticas do presente o que não deve ser feito e o que precisa ser mudado”.

No caso do Brasil, analisou que a última participação forte da juventude na política ocorreu com a geração dos “caras pintadas”, que foram às ruas pelo *impeachment* de Fernando Collor, da Presidência da República (1992). Por isso, reiterou que a desmotivação é uma tendência geral do mundo, que vive uma situação que, “para o jovem, é relativamente confortável”.

Segundo o professor de pós-graduação em ciência política da UFF, há uma ideologia espalhada no ar, que se denomina pós-modernismo, onde se cultiva muito o individualismo, em vez das preocupações coletivas e sociais. E isso tudo influencia o comportamento juvenil. “Por isso, não é de se estranhar que haja essa desmotivação”, declarou.

Vinicius de Sá Machado foge a essa regra. Morador de São Gonçalo, na região metropolitana do Rio de Janeiro, o estudante de 17 anos lamentou ter perdido o prazo para tirar o título de eleitor para poder votar no próximo domingo (7). Ele se definiu motivado. “Os candidatos todos despertam o interesse. Mas muitos prometem e não fazem nada”, disse à *Agência Brasil*. “Eu queria votar para ajudar a minha cidade”, acrescentou.

O presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), Daniel Iliescu, chamou a atenção para o fato de que, apesar de o número percentual de jovens entre 16 e 18 anos incompletos com inscrição eleitoral não ser tão expressivo, “ano a ano, nas eleições, nunca tantos jovens estiveram aptos a votar”.

Por essa razão, definiu como relativo o dado que aponta uma desmotivação dos eleitores de 16 e 17 anos para o pleito deste ano. Destacou que o voto para menores de 18 anos foi um direito conquistado na Constituição de 1988. “É um direito caro para o país e uma forma importante de os jovens entrarem em contato com a cidadania e com

seus deveres enquanto cidadãos para opinarem sobre a política em seu país”.

GANDRA, Alana. *Jornal do Brasil*, 02 out. 2012.

O artigo de opinião suscita o debate a respeito da alienação política dos jovens brasileiros na faixa etária entre 16 e 17 anos. Que trecho do texto traz o argumento que explica a percepção do desinteresse desses eleitores em relação à votação do dia 7 de outubro de 2012?

- a) A tradição mostra que são os jovens que mais reagem a situações de crise.
- b) Eles trazem dentro de si o futuro e reconhecem nas situações críticas do presente o que não deve ser feito e o que precisa ser mudado.
- c) Há uma ideologia espalhada no ar, que se denomina pós-modernismo, onde se cultiva muito o individualismo.
- d) Os candidatos todos despertam o interesse. Mas muitos prometem e não fazem nada.
- e) É um direito caro para o país e uma forma importante de os jovens entrarem em contato com a cidadania e com seus deveres.

11. Unesp

Considere o poema satírico do poeta português João de Deus (1830-1896).

Ossos do ofício

Uma vez uma besta do tesouro,
Uma besta fiscal,
Ia de volta para a capital,
Carregada de cobre, prata e ouro;
E no caminho
Encontra-se com outra carregada
De cevada,
Que ia para o moinho.

Passa-lhe logo adiante
Largo espaço,
Coleando arrogante
E a cada passo
Repicando a choquilha
Que se ouvia distante.

Mas salta uma quadrilha
De ladrões,
Como leões,
E qual mais presto
Se lhe agarra ao cabresto.
Ela reguinga, dá uma sacada
Já cuidando
Que desfazia o bando;
Mas, coitada!
Foi tanta a bordoadada,
Ah! que exclamava enfim
A besta oficial:
— Nunca imaginei tal!
Tratada assim
Uma besta real!...
Mas aquela que vinha atrás de mim,
Por que a não tratais mal?

“Minha amiga, cá vou no meu sossego,
Tu tens um belo emprego!
Tu sustentas-te a fava, e eu a troços!
Tu lá serves el-rei, e eu um moleiro!
Ossos do ofício, que o não há sem ossos.”

DEUS, João de. *Campo de flores* – poesias líricas completas. Teófilo Braga (Org.). Lisboa: Imprensa Nacional, 1896. Adaptado.

Na última estrofe, o comentário da besta que ia para o moinho corresponde à moral da fábula e equivale, no contexto, ao provérbio:

- a) Quem tem burro e anda a pé, ainda mais burro é.
- b) Quando você ia pro moinho, já eu voltava com o fubá.
- c) Quem foi mordido de cobra, tem medo até de minhoca.
- d) Quem acha besta não compra cavalo.
- e) Quanto maior é a ventura, tanto menos é segura.

12. FMABC-SP

Brasil, adeus à ilusão

A repórter Mariana Carneiro quase destruiu minhas já tênues ilusões de, antes de morrer, ver o Brasil ser realmente um grande país, em vez de um mero emergente.

Mariana capturou um estudo do HSBC que diz que, em 2050, o Brasil ainda será país de renda média, embora média alta, tal como já o é hoje.

Em 2050 (ou antes, mais provavelmente), já estarei morto.

É verdade que não levo muito a sério os oráculos, menos ainda os do setor financeiro. Se essa gente foi incapaz de enxergar nos primeiros meses de 2008 a crise que, em setembro, viraria *tsunami*, como se animam a dar a classificação do campeonato mundial de economia dentro de 38 anos?

Feita a ressalva, o estudo do HSBC tem o mérito de coincidir com uma nítida mudança de humor em torno dos BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), que se tornaram quase sinônimo de emergentes, aquele grupo de países que vão substituir as potências tradicionais dentro de uns quantos anos.

O estudo do banco, por si só, já traz números que convidam à cautela em relação ao real peso dos BRICS. Mesmo o maior e mais forte deles, a China, está muito longe dos Estados Unidos – e continuará estando em 2050.

Terá, então, uma renda *per capita* (US\$ 17.759) que é menos da metade da renda de cada norte-americano em 2010 (US\$ 36.354).

Ou seja, a China vai continuar crescendo mais que os Estados Unidos mas, assim mesmo, levará 40 anos para chegar à metade do que cada norte-americano ganha hoje.

O caso do Brasil é ainda pior: sua renda *per capita*, em 2010, era superior à de todos os parceiros BRICS. Em 2050, será inferior à da Rússia e da China. Ou seja, o Brasil é um emergente que emerge menos que seus sócios na aventura. Pulemos agora para artigo de Ruchir Sharma, chefe de Mercados Emergentes da Morgan Stanley, publicado pela “Foreign Affairs”, com o significativo título “Broken BRICS” (BRICS Quebrados, um exagero).

Sharma começa lembrando que nem remotamente se cumpriram as previsões dos anos 80 de que o Japão logo passaria a ser o número um do mundo, economicamente.

Quanto aos BRICS, “com a economia mundial caminhando para seu pior ano desde 2009, o crescimento chinês

está desacelerando agudamente, de dois dígitos para 7% ou menos. E o resto dos BRICS está derrapando também: desde 2008, o crescimento anual do Brasil caiu de 4,5% para 2%; o da Rússia, de 7% para 3,5%; e o da Índia, de 9% para 6%”.

Sharma é impiedoso: “A noção de uma abrangente convergência entre os mundos desenvolvido e em desenvolvimento é um mito”.

Acrescenta: “Dos cerca de 180 países acompanhados pelo FMI, só 35 são desenvolvidos. O resto são emergentes – e muitos deles têm sido emergentes por muitas décadas e continuarão a sê-lo por muitas mais”.

Reforça Antoine van Agtmael, autor do “Século dos Mercados Emergentes”: “Assim como as economias em expansão [dos BRICS] surpreenderam o mundo na década passada, o grande choque para a próxima década pode ser que eles cresçam menos rapidamente do que se presumia”.

Adeus, ilusões.

ROSSI, Clóvis. *Folha de S. Paulo*, 25 out. 2012.

Considerando as características linguísticas e a estrutura do texto, trata-se de

- a) uma crônica, por relatar fatos do cotidiano do autor apenas para entretenimento do leitor.
- b) uma autobiografia, pois recupera a opinião do autor sobre assunto polêmico com base em sua própria vivência.
- c) uma notícia, porque veicula informações sobre fatos recentes com objetividade e isenção de ponto de vista sobre eles.
- d) um editorial, sem autoria deliberadamente assumida, uma vez que retrata a opinião da instituição jornalística sobre o assunto em tela.
- e) um artigo de opinião, pois apresenta ponto de vista sobre assunto de relevância e se sustenta em argumentos convincentes.

13. Mack-SP

A falta de recato com a própria intimidade, revelada sem pejo em algumas páginas da internet, nas telas do “Big Brother” e nas traseiras de automóveis, onde se veem grudadas figurinhas representativas da composição da família proprietária, constitui, em um primeiro olhar, exercício de direito à autoexposição.

Pondero, para a reflexão do leitor, que o abuso desse direito à imagem escancarada poderá levar à supressão do direito fundamental à privacidade, abrindo espaço para a ditadura do monitoramento oficial ilimitado.

É, contudo, no exagerado exercício individual do direito de abrir mão da privacidade que mora o problema. Se considero normal informar ao estranho que vai à traseira do meu carro que somos cinco em casa, como poderei exigir da loja da esquina a manutenção em segredo do cadastro que lá preenchi? Por que o fiscal do Imposto de Renda deveria se privar de vasculhar minha conta-corrente se tuíto a todos os que me “seguem” o quanto gastei no final de ano em determinado *shopping*?

GARCIA, Roberto Soares. *Folha de S. Paulo*, 27 fev. 2011. (Adaptado).

Considere as seguintes afirmações:

- I. O texto caracteriza-se como relato pessoal, com teor fortemente subjetivo, com verbos no passado, tendo por objetivo relatar uma situação particular vivida por seu autor.

- II. O texto segue o estilo da crônica, sendo curto e leve, em linguagem informal, com objetivo principal de entreter o leitor por meio do uso destacado de humor.
- III. O texto é um artigo de opinião persuasivo, em que seu autor se posiciona criticamente, defendendo uma tese por meio de argumentos que conduzem o leitor para uma conclusão.

Assinale:

- a) se apenas I e II estiverem corretas.
 b) se apenas II e III estiverem corretas.
 c) se apenas I estiver correta.
 d) se apenas II estiver correta.
 e) se apenas III estiver correta.

14. FIEB-SP

Considere a tirinha.



DAHMER, André. Malvados. *Folha de S.Paulo*, 10 dez. 2014.

É correto afirmar que o humor decorrente da nova formulação da célebre fábula de Esopo, “A cigarra e a formiga,” está relacionado

- a) à chegada do inverno alterando a rotina de trabalho dos insetos.
 b) ao comportamento excessivamente diligente da formiga.
 c) à atitude inadequada da cigarra em face do trabalho.
 d) ao fato de a cigarra e a formiga partilharem o mesmo destino.
 e) à maneira como a cigarra e a formiga fazem o mesmo uso do computador.

15. Inesper-SP

Lentes da história

O que aconteceu com o sonho do fim da segregação racial que, há 50 anos, Martin Luther King anunciava para 250 mil pessoas na Marcha sobre Washington? Ele está perto de materializar-se ou continua uma esperança para o futuro?

A resposta depende dos óculos que vestimos. Se apanharmos a lente dos séculos e milênios, a “longue durée” de que falam os historiadores, há motivos para regozijo. A instituição da escravidão, especialmente cruel com os negros, foi abolida de todas as legislações do planeta. É verdade que, na Maurítânia, isso ocorreu apenas em 1981, mas o fato é que essa chaga que acompanhava a humanidade desde o surgimento da agricultura, 11 mil anos atrás, se tornou universalmente ilegal.

Apenas 50 anos atrás, vários Estados americanos tinham leis (Jim Crow laws) que proibiam negros até de frequentar os mesmos espaços que brancos. Na África do Sul, a segregação “de jure” chegou até os anos 90. Hoje, disposições dessa natureza são não só impensáveis como despertam vívida repulsa moral.

Em 2008, numa espécie de clímax, o negro Barack Obama foi eleito presidente dos EUA, o que levou alguns analistas a falar em era pós-racial.

Basta, porém, apanhar a lente das décadas e passear pelos principais indicadores demográficos para verificar que eles ainda carregam as marcas do racismo. Negros continuam significativamente mais pobres e menos instruídos que a média do país. São mandados para a cadeia num ritmo seis vezes maior que o dos brancos. As Jim Crow laws foram declaradas nulas, mas alguns Estados mantêm regras que, na prática, reduzem a participação de negros em eleições.

É um caso clássico de copo meio cheio e meio vazio. Do ponto de vista da “longue durée”, estamos bem. Dá até para acreditar em progresso moral da humanidade. Só que não vivemos na escala dos milênios, mas na das décadas, na qual a segregação teima em continuar existindo.

SCHWARTSMAN, Hélio, *Folha de S.Paulo*, 28 ago. 2013.

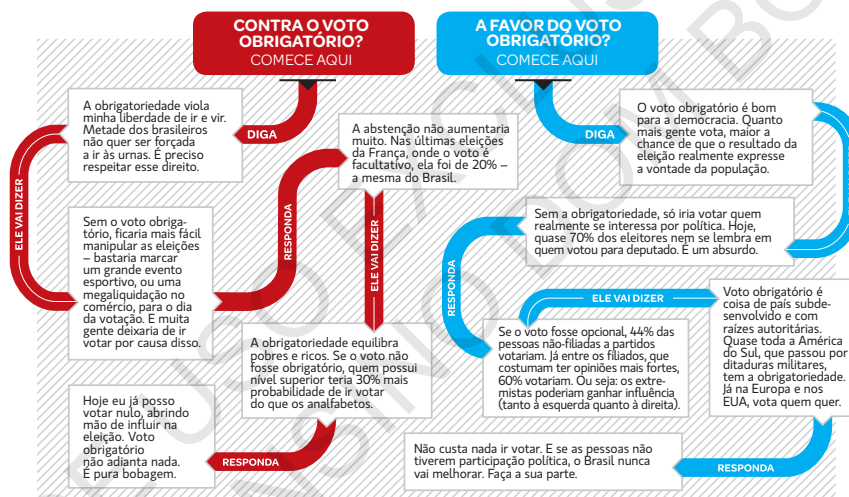
Dentre as alternativas a seguir, identifique aquela que apresenta uma afirmação compatível com a tese defendida pelo autor nesse artigo de opinião.

- Apesar de inúmeros avanços, o antigo sentimento de intolerância entre brancos e negros se fortaleceu nas últimas décadas.
- Uma profunda cegueira atinge aqueles que não querem enxergar um fato que é incontestável: o racismo continua vivo e explícito.
- É necessário mobilizar as massas, à semelhança do que aconteceu na Marcha sobre Washington, para lutar pela conquista dos direitos civis.
- Ainda que recentemente as práticas discriminatórias sejam menos visíveis no mundo inteiro, é inegável que o caminho para igualdade racial ainda não terminou.
- O sonho de igualdade racial, idealizado por Martin Luther King, não avançou, nem para os norte-americanos, nem para os cidadãos de outros países.

16. Unirg-TO

Como ganhar uma discussão sobre *voto obrigatório*

Dever fundamental de todo cidadão, ou apenas uma imposição autoritária e inútil? A obrigatoriedade de votar nas eleições é um assunto que divide a opinião dos brasileiros exatamente ao meio: 48% são a favor e 48% são contra. De qual lado você está? — INFOGRÁFICO AURÉLIO AMARAL, BRUNO GARATTONI E RICARDO DAVINO



Fontes: Centro de Estudos de Opinião Pública da Universidade Estadual de Campinas (Cesop/Unicamp), Datafolha, Ministério do Interior da França, Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e Universidade de Berkeley.

SUPERINTERESSANTE. São Paulo: Editora Abril, ago. 2012, p. 42.

Considerando-se a progressão temática e os propósitos dos enunciadores, o texto se aproxima do seguinte gênero discursivo:

- diário.
- artigo de opinião.
- conto.
- relato científico.

17. FGV-RJ

Leia o texto e, em seguida, atenda ao que se pede.

Espigas cheias ou chochas

Este é o momento de cair na real. Não há muita saída para o drama da hora, senão consertar o que está quebrado.

A economia vive de ciclos, curtos e longos. Disso já se sabia desde José do Egito, filho de Jacó, que avisou o faraó de que sete anos de vacas magras e de espigas chochas sucederiam a sete anos de vacas gordas e espigas cheias.

Para enfrentar caprichos do setor produtivo desse tipo é que a humanidade aprendeu a fazer estoques, a empilhar reservas e criar fundos de segurança, também desde José do Egito ou desde o escravo grego Esopo, o autor da fábula da cigarra e da formiga.

Um dos grandes problemas da economia brasileira é o de que enfrenta agora brutal crise fiscal sem que administradores previdentes tenham previsto a tragédia nem se preparado para enfrentá-la.

MING, Celso. *O Estado de S. Paulo*, 04 maio. 2016.

Tendo em vista o assunto desenvolvido no texto, o que existe de comum entre a fábula de Esopo e a história bíblica de José do Egito?

ESTUDO PARA O ENEM

18. Faculdade de Direito de Franca-SP

C6-H18

Texto I

Sem firulas, sem floreios

BRASÍLIA – Ao assumir a presidência do Supremo Tribunal Federal, num dia histórico, Joaquim Benedito Barbosa elogiou a “trajetória vitoriosa de um povo que soube (...) entrar no seletto clube das nações respeitáveis”.

Pois o país também se orgulha da trajetória vitoriosa de um brasileiro negro, pobre e muito especial que entrou ontem no seletto clube de presidentes da mais alta corte.

Vale aí um reconhecimento a Lula: foi o primeiro operário presidente da República quem nomeou o primeiro negro para o Supremo. O resultado dessa soma é que, apesar de ainda faltar muito, o Brasil se torna cada vez mais uma “nação respeitável”.

Se a cerimônia foi emocionante, Joaquim foi simples. Falou pouco, sem arroubos, afetação e provocações – muito menos para fora do Poder Judiciário – e terminou agradecendo aos amigos que vieram da França e dos Estados Unidos especialmente para homenageá-lo.

Citou também um por um os muitos irmãos e dispensou formalidades para se dirigir à dona Benedita, uma das principais estrelas da festa.

Simplesmente sorriu e agradeceu à “minha mãezinha”. Soaria piegas se fosse qualquer outro, mas combinou à perfeição com o espírito da solenidade e com a origem do novo presidente do Supremo.

Joaquim, aliás, ensinou que os juízes não têm mais como se distanciar da sociedade e devem, sim, afastar-se das “múltiplas e nocivas influências” para garantir que a justiça seja feita: “Justiça que falha impacta diretamente a vida do cidadão”.

Ao enfatizar o enorme “déficit de Justiça entre nós”, defendeu o “direito à igualdade” e um Judiciário “sem firulas, sem floreios, sem rapapés”.

Por falar nisso, o jovem Joaquim passou em todas as provas do Instituto Rio Branco, mas foi reprovado na entrevista oral. Muito estranho. O Itamaraty perdeu um grande diplomata, o Judiciário ganhou um grande ministro. Votos para que seja um ótimo presidente do Supremo.

CANTANHÊDE, Eliane. *Folha de S.Paulo*, 23 nov. 2012.

Texto II

Joaquim Barbosa: presidente

O artigo 5º da Constituição começa com o enunciado de uma verdade jurídica, mas uma inverdade material: “todos são iguais perante a lei”. Será verdadeiro se o lermos como esperança de um vir a ser, compondo programa igualitário para todos os que aqui vivem, com “inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”. O artigo 5º é mais do que ordem jurídica – é uma “norma programática”, conforme ensinam os mestres. Retrata a esperança de aprimoramento das condições sociais dos que vivem aqui, para alcançar realização plena.

Nesse quadro a auspiciosa nomeação de um presidente negro para o STF (Supremo Tribunal Federal) é boa em si

mesma, pelas qualidades que o ministro Joaquim Barbosa já demonstrou no tratamento do direito e no trabalho que tem desenvolvido. É, porém, ótima na simbologia das transformações sociais pelas quais estamos passando. Seu acesso à presidência dá o indício fundamental: a substituição dos dirigentes do STF, segundo o tempo na mesma função permite, no restrito grupo de 11 magistrados, com revezamento de estilos, convicções e mando.

É evidente, porém, que o caso do ministro Barbosa acrescenta, além do toque da novidade, o preenchimento de um lugar que, desde a criação da Constituição imperial, sob Pedro 1º, foi submetido a duas reservas específicas: só para homens e só para brancos. A lei de então incluiu na capital brasileira (o Rio de Janeiro) um “Supremo Tribunal de Justiça, composto por 11 juízes letrados...”, sem fazer referência à cor.

“Letrado” caiu em desuso, mas no começo do século 19 indicava o grande conhecedor do direito. A exigência constitucional de hoje requer “notável saber jurídico e reputação ilibada”, permitida a escolha pelo presidente da República, sem distinção de sexo, com aprovação do candidato pelo Senado Federal.

É confortante ver a evolução, embora lenta. Nas dezenas de tribunais brasileiros, tanto na área federal quanto na estadual, o número de presidentes negros é muito pequeno. Ainda predomina o sexo masculino, mas já se está no ritmo do equilíbrio entre homens e mulheres. As antigas resistências à presença feminina nos serviços da Justiça, que pareciam irremovíveis até a segunda metade do século 20, hoje são encaradas como passadismo pré-histórico.

Nesse perfil histórico, o ingresso de Joaquim Barbosa na Corte Suprema se fez credenciado por títulos de pós-graduação no país e no exterior, tendo feito carreira no Ministério Público Federal. É o 44º presidente do STF, depois da proclamação da República, sendo o oitavo mineiro a chegar ao cargo, conforme o decano do tribunal, ministro José Celso de Mello Filho, informou no discurso de saudação. A conduta de Barbosa no processo do “mensalão” sugere que está pronto para os embates da presidência. [...]

CENEVIVA, Walter. *Folha de S.Paulo*, 13 out. 2012.

Com base nas características linguísticas e estruturais dos textos I e II, é correto afirmar que ambos são

- crônica, por relatar fatos do cotidiano dos autores apenas para entretenimento do leitor.
- autobiografia, pois recuperam a opinião do autor sobre assunto polêmico com base em suas próprias vivências.
- artigo de opinião, pois apresentam ponto de vista sobre assunto relevante e se sustentam em argumentos convincentes.
- notícia, porque veiculam informações sobre fatos recentes com objetividade e isenção de ponto de vista sobre eles.
- editorial, sem autoria deliberadamente assumida, uma vez que retratam a opinião da instituição jornalística sobre o assunto veiculado.

19. Enem

C6-H18

Atualmente, prevalece na mídia um discurso de exaltação das novas tecnologias, principalmente aquelas ligadas às atividades de telecomunicações. Expressões frequentes como “o futuro já chegou”, “maravilhas tecnológicas” e “conexão total com o mundo” “fetichizam” novos produtos, transformando-os em objetos do desejo, de consumo obrigatório. Por esse motivo *carregamos* hoje nos bolsos, bolsas e mochilas o “futuro” tão festejado.

Todavia, não podemos reduzir-nos a meras vítimas de um aparelho midiático perverso, ou de um aparelho capitalista controlador. Há perversão, certamente, e controle, sem sombra de dúvida. Entretanto, *desenvolvemos* uma relação simbiótica de dependência mútua com os veículos de comunicação, que se estreita a cada imagem compartilhada e a cada dossiê pessoal transformado em objeto público de entretenimento.

Não mais como aqueles acorrentados na caverna de Platão, *somos* livres para nos aprisionar, por espontânea vontade, a esta relação sadomasoquista com as estruturas midiáticas, na qual tanto *controlamos* quanto somos controlados.

SAMPAIO, André Silveira. A microfísica do espetáculo. *Jornal de Debates*, 26 fev. 2013, n. 735. Disponível em: <<http://observatorioidaimprensa.com.br>>. Acesso em: abr. 2018. Adaptado.

Ao escrever um artigo de opinião, o produtor precisa criar uma base de orientação linguística que permita alcançar os leitores e convencê-los com relação ao ponto de vista defendido. Diante disso, nesse texto, a escolha das formas verbais em destaque objetiva

- criar relação de subordinação entre leitor e autor, já que ambos usam as novas tecnologias.
- ênfatisar a probabilidade de que toda população brasileira esteja aprisionada às novas tecnologias.
- indicar, de forma clara, o ponto de vista de que hoje as pessoas são controladas pelas novas tecnologias.
- tornar o leitor copartícipe do ponto de vista de que ele manipula as novas tecnologias e por elas é manipulado.
- demonstrar ao leitor sua parcela de responsabilidade por deixar que as novas tecnologias controlem as pessoas.

20. IFGO

C6-H18

Imagine

“Imagine seu salário pagando as contas e sobrando”

Outro dia, em Nova York, passando em frente ao edifício Dakota, onde viveu e foi assassinado John Lennon, eu me peguei pensando como seria se ele fosse um compositor brasileiro. No meu devaneio, imaginei-o cantando algo assim:

Imagine que não há mensalidade
É fácil se você tentar
Sessenta e cinco impostos a menos
Para você pagar.

Imagine seu salário
Pagando as contas e sobrando.

Imagine que não há corrupção
Não é difícil
Nada de drogas e crimes
Educação de primeira
Imagine seu salário
Sobrando no final do mês.

Você pode dizer
Que sou um sonhador
Mas eu não sou o único.
Espero que um dia
Você se junte a nós
E o Brasil será melhor.

Imagine bons aeroportos

Será que você consegue?
Nada de fome ou miséria
E infraestrutura de primeira
Imagine seu salário
Sobrando no final do mês.

Você pode dizer
Que sou um sonhador
Mas eu não sou o único.
Espero que um dia
Você se junte a nós
E o Brasil será melhor.

Pena que John Lennon não foi um compositor brasileiro. Talvez não tivesse sido assassinado e hoje estaria tomando cuidado com as balas perdidas.

Mas, afinal, quanto custa a corrupção?

Os efeitos nocivos da corrupção são muitos e óbvios. Olhando apenas o lado econômico, ela prejudica a eficiência do gasto público e desestimula investimentos, reduzindo o crescimento, a geração de empregos, os serviços como educação e saúde, e a renda da população.

Estimar seu custo não é fácil. Corrupto não passa recibo, pelo menos não na maioria das vezes. Ainda assim, várias tentativas foram feitas para mensurar quanto é desviado da atividade produtiva, através de atos corruptos, no Brasil e no mundo.

Ainda que imprecisas, estimativas indicam que a corrupção reduz nosso PIB em até 2,3%, desviando, em valores atuais, cerca de R\$ 100 bilhões da economia brasileira todo santo ano. Se esse dinheiro não fosse surrupiado, seria possível ampliar em sete vezes o Bolsa Família. Outra opção seria dobrar os investimentos públicos em infraestrutura, melhorando estradas, ferrovias, portos, aeroportos. Outra ainda seria abolir o Imposto de Renda sobre rendimentos do trabalho, aumentando o poder de consumo de cada um dos brasileiros. Mais uma seria extinguir o IPI e o IOF, tornando produtos e financiamentos mais baratos no País.

Infelizmente, nada disso acontecerá. Pior, essas estimativas abrangem apenas custos mensuráveis. Além deles, há custos incomensuráveis significativos. Um deles é a perda de foco de outros problemas que limitam nosso crescimento. Enquanto o País acompanha a novela do julgamento do mensalão e a CPI do Cachoeira, projetos de reformas fundamentais não são nem discutidos no Congresso.

Outro custo incalculável é a desconfiança que se lança sobre o lucro, o qual deve ser um dos principais motores de qualquer economia capitalista saudável. Quanto mais o governo se envolve em atividades econômicas, mais suspeitas – corretas ou não – recaem sobre sucessos empresariais, com menos incentivo ao empreendedorismo e, como consequência, menos crescimento, riqueza e empregos.

Corrupção não é exclusividade brasileira. Estima-se que, neste ano, o mundo perderá R\$ 2,5 trilhões, equivalentes à metade de tudo que será produzido no Brasil. Eliminá-la completamente é uma utopia, mas inúmeros

casos de sucesso em reduzi-la, em outros países, mostram que combatê-la ferozmente vale muito a pena.

AMORIM, Ricardo. *ISTOÉ*, 2233, 29 ago. 2012.

Por suas características formais, por sua função, uso e local de veiculação, o texto pertence ao gênero:

- a) Enciclopédico, pela maneira organizada e sistemática das informações básicas sobre o assunto.
- b) Artigo de opinião, pelo objetivo de expressar o ponto de vista do autor sobre alguma questão relevante de natureza social, política e cultural.
- c) Carta argumentativa, pelo objetivo de estabelecer um contato escrito entre dois interlocutores distantes, a fim de apresentar argumentos em defesa de um determinado ponto de vista.
- d) Reportagem, pelo registro impessoal de situações reais de maneira mais objetiva a fim de apontar as razões e efeitos.
- e) Crônica, pelo relato de uma experiência pessoal, por meio da observação de um fato cotidiano, a partir do qual há elaboração de uma reflexão mais geral.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINUS

50

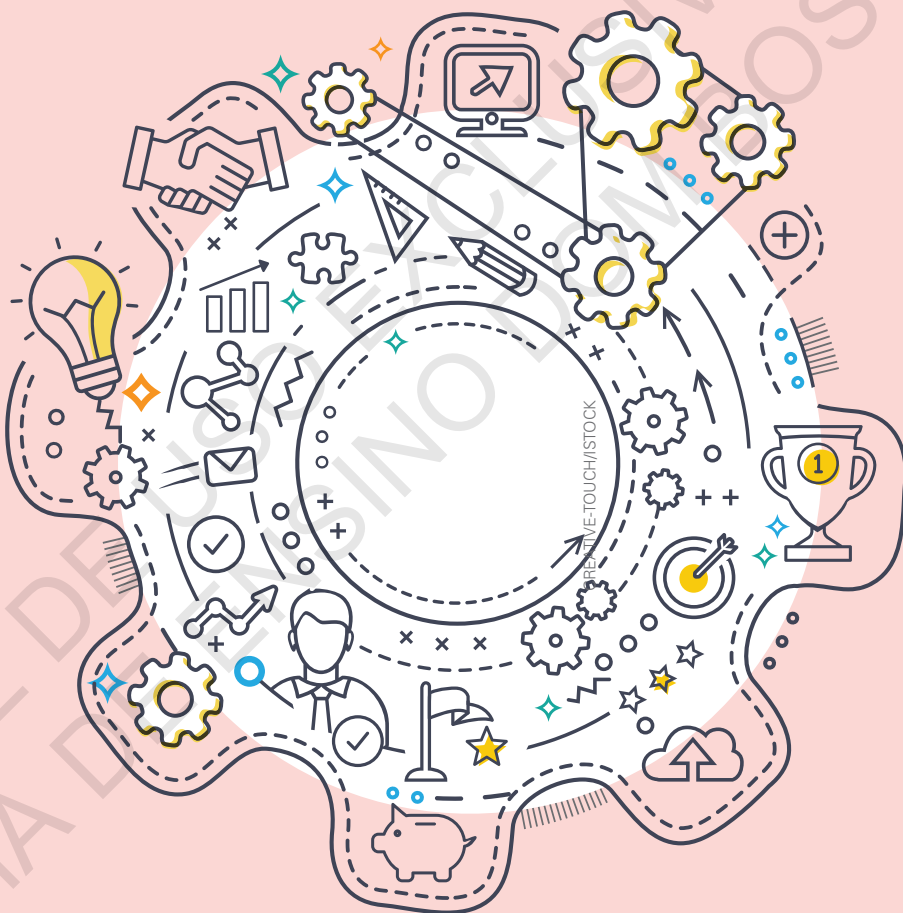
TIPOLOGIA TEXTUAL

Tipologia textual

- Tipologia textual
- Texto descritivo
- Texto narrativo
- Texto expositivo ou explicativo
- Texto injuntivo
- Texto argumentativo

HABILIDADES

- Reconhecer as estruturas das interações verbais na sociedade para a produção e interpretação dos tipos textuais.
- Compreender os tipos textuais dentro das relações dialógicas.
- Identificar os conceitos teóricos para estruturar e analisar diferentes tipos textuais.



Os textos são sistematizados em categorias tipológicas de acordo com critérios como tema, estrutura composicional, objetivos e funções sócio comunicativas, características linguísticas, condições de produção e suporte, por exemplo.

A tipologia textual é a forma como um determinado texto é apresentado, ou seja, refere-se ao propósito pelo qual o texto foi escrito e, às vezes, também é caracterizado pela forma de apresentação visual. As principais tipologias textuais são: descrição, narração, exposição, injunção e argumentação, classificadas de acordo com critérios como conteúdo temático, estrutura composicional, objetivos e funções sócio comunicativas, características linguísticas, condições de produção e suporte, entre outros.

Vale lembrar que, embora seja frequente o aparecimento de elementos de tipos textuais diferentes em um mesmo texto, sempre há um conjunto de características principais, vinculadas ao propósito do texto e que predominam ao longo da sua estrutura.

A seguir, são apresentadas características de cada um dos cinco tipos textuais.

TEXTO DESCRITIVO



O texto descritivo resulta de uma observação cuidadosa, a fim de transmitir aspectos, traços ou características dos seres (objetos, lugares, animais ou pessoas).

O texto descritivo não se organiza necessariamente em uma progressão lógica, porque as características descritas não são limitadas, ou seja, não se restringem a noções temporais ou relações espaciais, pautando-se em propriedades e aspectos presentes em dada situação. Assim, há predominância de substantivos, adjetivos e locuções adjetivas e de verbos de estado conjugados, em sua maioria, no presente ou no pretérito imperfeito.

O emprego de linguagem clara e dinâmica, com vocabulário variado, enumerações e comparações, serve para melhor apresentar o objeto ou ser descrito, enriquecendo o texto e tornando-o mais interessante ao leitor.

A descrição pode ser:

- a) Objetiva, quando predomina a descrição real do ser, privilegiando-se, pois, o que é visto, sem a interferência da opinião do sujeito que vê; e/ou,
- b) Subjetiva, quando há opiniões, sensações e sentimentos do sujeito que vê, revelando a existência de uma relação afetiva com o que foi descrito.

Em uma descrição bem-feita, há um equilíbrio entre os dois tipos de descrição, com o objeto ou ser descrito nas suas diversas vertentes.

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

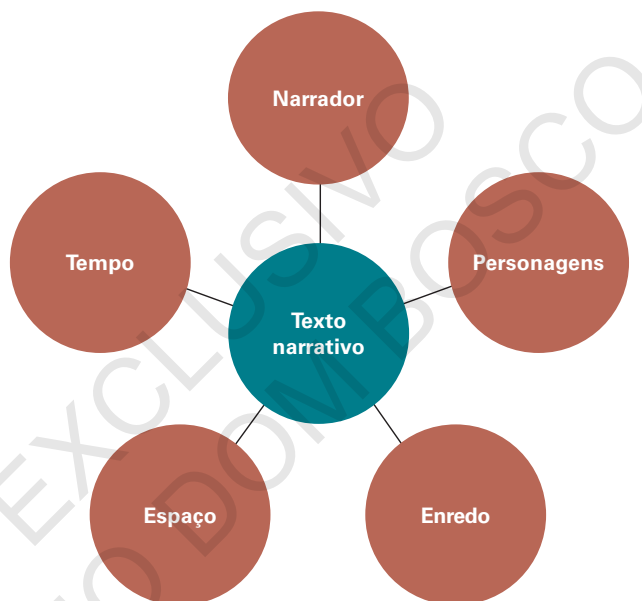
Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

ALENCAR, José de. *Iracema*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

TEXTO NARRATIVO



O texto narrativo apresenta uma sequência de fatos reais ou imaginários. Os principais elementos constitutivos da narrativa são:

Tempo

Elemento principal, o tempo se refere à duração da ação e ao desenrolar dos acontecimentos, podendo ser cronológico, quando indica a sucessão cronológica dos fatos, ou psicológico, quando se refere a lembranças e vivências das personagens.

Espaço

O espaço se refere ao local onde se desenrola a ação e pode ser físico, social ou psicológico.

Enredo

O enredo (também chamado de intriga, trama ou ação) é composto dos acontecimentos que ocorrem num determinado tempo e espaço e que são vivenciados pelas personagens. Existem ações principais e ações secundárias, mediante a importância que apresentam na narração.

Narrador

O narrador é o responsável pela narração, ou seja, é quem conta a história. Existem vários tipos de narrador:

NARRADOR ONISCIENTE

É aquele que conhece intimamente as personagens e a totalidade do enredo, de forma pormenorizada. Utiliza geralmente a narração na 3ª pessoa, mas pode ter

sua voz confundida com a das personagens, tal é o seu conhecimento e intimidade com a narrativa.

NARRADOR PERSONAGEM

É aquele que conta a história na 1ª pessoa, do ponto de vista de seu papel de personagem. Conhece apenas seus próprios pensamentos e ações das quais participa, conforme vão se desenrolando, tendo conhecimentos limitados das demais personagens e da totalidade do enredo e, portanto, transmite o ponto de vista e as emoções do narrador.

NARRADOR OBSERVADOR

É aquele que se limita a contar a história, sem se envolver nela, mantendo uma narrativa imparcial e objetiva, utilizando para isso a narração na 3ª pessoa.

Personagens

As personagens possuem diferente relevância na narração, podendo ser principais, quando desempenham papéis essenciais no enredo (protagonistas e antagonistas), ou secundárias, quando desempenham papéis com menor importância (coadjuvantes e figurantes). São ainda classificadas como dinâmicas (ou redondas), quando apresentam diferentes comportamentos ao longo da narração; estáticas (ou planas), quando não apresentam mudança de comportamento no decorrer da ação; e personagens-tipo, quando representam um determinado tipo social, cultural etc. Ao longo de uma tipologia narrativa, a manifestação das ideias, opiniões e sentimentos das personagens é introduzida por três tipos de discurso.

DISCURSO DIRETO

É caracterizado como a transcrição exata da fala da personagem, sem participação do narrador.

DISCURSO INDIRETO

É caracterizado pela intervenção do narrador no discurso ao utilizar as próprias palavras para reproduzir as falas das personagens.

DISCURSO INDIRETO LIVRE

É caracterizado pela junção, sobreposição e simultaneidade das falas da(s) personagem(ns) e do narrador.

Cerca das onze e meia da noite, o Maj. Vivaldino Brazão desceu para o jardim dos Campolargos e aproximou-se de Tibério. Trazia uma cara de mau agouro.

Sentou-se pesadamente junto do amigo e fitou nele o olhar entre espantado e triste.

– Aposto como me trazes más notícias. Desembuta logo.

– O Cícero Branco morreu.

– Quê? – Vacariano entesou o busto, como que galvanizado, e com um gesto brusco do braço jogou longe a xícara e o pires, que se partiram nas lajes.

– Não pode ser! – exclamou. – Faz menos de duas horas que eu vi o Cícero aqui no velório, olhando o corpo da Quita. Ele até falou comigo. Me lembro bem

das palavras dele. “Antares perdeu uma grande dama.” ó Vivaldino, você está brincando, não está?

O prefeito sacudiu a cabeça numa negativa desalentada, ao mesmo tempo em que passava o lenço pelo rosto reluzente de suor.

– Coronel, com essas coisas a gente não brinca. Estou lhe dizendo que o Cícero Branco morreu. Não faz nem meia hora. O corpo ainda deve estar quente.

– Mas como foi isso, homem de Deus?

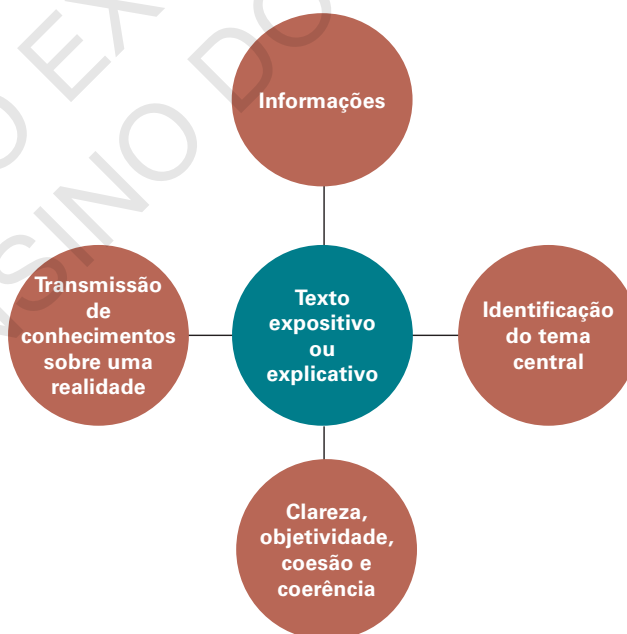
– Quando ele saiu daqui, foi direito pra casa e no meio da praça teve um troço e caiu de repente. A mulher, que ia com ele, começou a gritar. Umhas pessoas que andavam por ali botaram o Cícero dentro dum auto e levaram ele para o hospital, aonde o corpo chegou já sem vida.

– Coração?

– Derrame cerebral. Fulminante. É a sétima pessoa que morre hoje em Antares.

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. São Paulo: Globo, 1995.

TEXTO EXPOSITIVO OU EXPLICATIVO



O texto expositivo ou explicativo apresenta informações sobre um objeto ou um fato específico, a descrição e a enumeração de suas características, permitindo que o leitor identifique, de forma clara, o tema central do texto.

É característico do texto expositivo apresentar diversas informações, em especial quando o tema é novo, e, quando o assunto é polêmico, torna-se necessário que o autor registre argumentos para que os leitores tenham possibilidades de análise do tema.

O objetivo principal do texto expositivo é a transmissão de conhecimentos de uma determinada realidade, de modo que é necessário que as informações sejam passadas de forma clara, objetiva, coesa e coerente.

Moradores do entorno de cinco barragens da Vale em Nova Lima e Ouro Preto deixam casas

Sirenes foram acionadas no fim da tarde desta quarta-feira. Cerca de 125 pessoas são afetadas.

Moradores que vivem no entorno de cinco barragens da Vale, em Ouro Preto e em Nova Lima, deixam as casas nesta quarta-feira (20). Ao todo, de acordo com a mineradora, cerca de 125 pessoas são afetadas.

As barragens são: Vargem Grande, localizada no Complexo Vargem Grande, em Nova Lima, e Forquilha I, Forquilha II, Forquilha III e Grupo, localizadas na Mina da Fábrica, em Ouro Preto. As estruturas fazem parte das 10 barragens da Vale do tipo “alteamento a montante” e segundo a empresa, as estruturas já estão inativas.

Segundo a Defesa Civil, nesta quarta, o órgão foi informado pela empresa que, em decorrência do descomissionamento das barragens, foi necessária a elevação do nível de emergência, que se encontra no grau 1 para o grau 2.

A Defesa Civil disse que a elevação do nível de emergência ocorreu às 17h, momento em que houve, de forma progressiva, o acionamento de sirene nos locais, segundo a Vale.

“Essa ação faz parte do protocolo de remoção preventiva da população residente na Zona de Autos-salvamento (ZAS), em continuidade ao processo de aceleração do descomissionamento das barragens a montante da Vale. Todos os moradores já foram orientados e deixaram suas casas”, afirmou a Vale.

A empresa disse ainda que, depois soaram as sirenes, “a remoção dos moradores é oficializada e a área fica bloqueada para acessos”.

De acordo com a mineradora, em Nova Lima, a remoção atinge 33 casas, com cerca de 100 pessoas, que ficam a 52 quilômetros da sede da cidade. Já a prefeitura disse que está sendo realizada a evacuação de 38 famílias moradoras do condomínio Solar da Lagoa e da Vila Codornas A e E, do complexo de Rio de Peixe. Em Ouro Preto, de acordo com a mineradora, a remoção abrange oito casas, com cerca de 25 pessoas, a aproximadamente 15 quilômetros da localidade de Engenheiro Correia.

“A evacuação das áreas do mapa de inundação possui caráter preventivo, cujo objetivo é, tão somente, promover a preservação de vidas na hipótese da ocorrência de desastres envolvendo as barragens”, esclareceu a Defesa Civil.

Outras barragens

Desde o rompimento da Barragem I, da mina Córrego do Feijão, em Brumadinho, no dia 25 de janeiro, a Vale já retirou moradores das proximidades de outras duas barragens: mina Gongo Soco (Barão de Cocais) e mina Mar Azul (Nova Lima). No dia oito de fevereiro, uma outra barragem da empresa ArcelorMittal também foi evacuada na mina de Serra Azul (Itatiaiuçu).

G1 Minas. 20 fev. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com>>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

TEXTO INJUNTIVO



O texto injuntivo ou instrucional é pautado na explicação e no método para a concretização de uma ação, ou seja, indica o procedimento para realizar algo, como, por exemplo, receita culinária, bula de remédio, manual de instruções, editais e propagandas. Trata-se de um tipo de texto cada vez mais em evidência, com o aumento do uso de tutoriais, escritos ou orais.

A função do texto injuntivo vai além da transmissão de informações, uma vez que o objetivo é incitar a ação do leitor e controlar, assim, seu comportamento, ao fornecer instruções e indicações para a realização de um trabalho ou a utilização correta de instrumentos e/ou ferramentas.

A linguagem do texto injuntivo é simples e objetiva, sendo um dos recursos linguísticos marcantes e recorrentes o emprego de verbos no modo imperativo.

Bolo de chocolate com farelo de mandioca desidratado

Ingredientes

- 200 g de açúcar
- 150 g de farinha de trigo
- 150 g de leite integral
- 100 g de ovos
- 50 g de farelo de mandioca
- 50 g de chocolate em pó
- 40 g de margarina
- 30 g de fermento químico em pó
- 3 g de sal

Modo de preparo

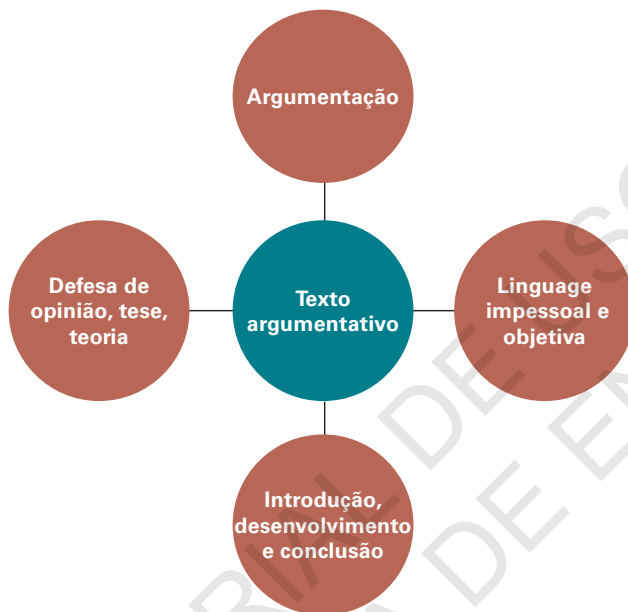
Primeiramente, separar as claras das gemas dos ovos, que posteriormente, serão homogeneizadas em uma batedeira até a obtenção do ponto de neve.

Reservar as claras. Na mesma batedeira, misturar as gemas, o açúcar e a margarina, por 2 minutos em velocidade média. Em seguida, adicionar a farinha de trigo

e o farelo de mandioca desidratado, misturando por mais 2 minutos em velocidade média. Adicionar o leite aos poucos à mistura, com a batedeira em velocidade baixa; homogeneizar a massa por mais 3 minutos, em velocidade média. Em seguida, desligar a batedeira e acrescentar manualmente o fermento químico à massa. Depois de completada a mistura do fermento químico à massa, acrescentar as claras em neve e misturar a massa com delicadeza. Colocar a massa do bolo em uma forma de alumínio com o tamanho de 20 × 35 cm, untada com óleo de soja. Assar o bolo em forno pré-aquecido, por 45 minutos, a 180 °C. Após assado, o bolo deve ser resfriado por 3 horas em temperatura ambiente, antes de ser servido.

ANTÔNIO, Lidiane Cordeiro; BARCELO, Divina Maria Silva de; OLIVEIRA, Itamar Pereira de; OLIVEIRA, Lionora Francisca de; RODRIGUES, Janaína Pereira de Macedo. Processamento e análise sensorial de bolo de chocolate com farelo de mandioca desidratado. *Revista Faculdade Montes Belos (FMB)*, v. 7, n. 1, p. 114-129, 2014.

TEXTO ARGUMENTATIVO



O texto argumentativo tem como principais características a defesa de uma ideia, hipótese, teoria ou opinião e o objetivo de convencer o leitor. Assim, a palavra-chave que define um texto argumentativo é "persuasão".

Geralmente, o texto argumentativo apresenta uma estrutura organizada em três partes:

- a introdução, na qual é apresentada a ideia principal ou tese;
- o desenvolvimento, que fundamenta ou desenvolve a ideia principal; e,
- a conclusão, que pode apresentar uma possível solução/proposta ou uma síntese.

Os argumentos utilizados para fundamentar a tese podem ser de diferentes tipos: exemplos, comparação, dados históricos, dados estatísticos, pesquisas, causas socioeconômicas ou culturais, depoimentos – enfim,

tudo o que possa demonstrar o ponto de vista defendido pelo autor.

A linguagem empregada no texto argumentativo costuma ser impessoal e objetiva. Também é possível o uso da 1ª pessoa do plural.

Exemplo de texto argumentativo:

Ter emprego para pagar contas não faz sentido

Quando pegar atestado médico torna o seu dia melhor, é hora de rever sua motivação

Meu primeiro emprego foi em *telemarketing*. Trabalhei por lá 10 meses. O salário não era ruim para um garoto de 18 para 19 anos, fiz alguns colegas que me diverti muito, mas os dias mais felizes da minha vida foram os dias que peguei atestado médico. Era como ter uma namorada e preferir estar só.

Por muito tempo me cobrei por me sentir assim, até que ao fazer uma autoanálise descobri que o que me deixava frustrado era perceber que trabalhava apenas por dinheiro, mais especificadamente para pagar a faculdade de jornalismo que fazia. Eu sei, muitos de nós vive dessa maneira.

Na época, tive uma conversa despreziosa nos apertados dez minutos na hora da refeição, e notei que o que me deixava irritado era viver em um mundo de completa reprodução e que não me sobrava tempo para produzir algo diferente. Todos os dias, apesar da imprecisão do que ia acontecer do outro lado da linha, eu vivia cheio de respostas prontas, meias verdades e desculpas esfarrapadas, e meus olhos apenas miravam o final da jornada. Tinha a sensação de que a minha vida começava apenas quando eu saía de lá. Eu queria criar, pensar e inovar.

Hoje, aos 25, eu vejo que o que mais me incomodava era viver em um ambiente que não estimulava a criatividade, as multicapacidades e a colaboração. Falávamos o que eles mandavam falar, cada um era somente um número igual a todos e andávamos cada um por si separados por suas metas e mesas. Até existia uma falsa ideia de grupo, mas era apenas uma maneira dos supervisores e gerentes também chegarem em seus objetivos. Éramos todos ratinhos atrás de fatias de queijo cada vez maiores.

Faltava-nos não apenas um pouco mais de liberdade, mas também um pouco mais de sentido para estar ali. Ninguém gosta de saber que seu trabalho não tem sentido para o mundo. A realização é também um salário que temos buscado.

Não podemos mais fingir que estamos felizes com o que fazemos se realmente não estivermos. Viver para ganhar dinheiro e estabilidade já não tem sido o sonho de muita gente. Essa fórmula não fecha quando falamos de realização.

Outro dia, me disseram uma piadinha que dizia uma lamentável grande verdade: "Quando se é jovem você tem tempo e disposição, mas não tem dinheiro.

Quando se é adulto, você tem disposição e dinheiro, mas não tem tempo. Quando se é idoso, você tem tempo e dinheiro, mas não tem disposição”.

Quem disse que precisa ser assim? Temos que parar de rir dessas realidades e abandonar este pensamento: “Bem, é a vida. Não tem o que fazer.” Sair desse pensamento congelante é o primeiro passo para buscar novas alternativas reais para o caminho que gostaria de andar.

“Precisamos urgentemente abandonar o velho modelo de viver dois dias e morrer os outros cinco”.

Empreender pode significar muito mais do que ganhar dinheiro. Eu sei que você vai me dizer: “Lá vem mais um cara com ideias utópicas sobre o trabalho!”. Não, cara. Você apenas precisa entender que é possível vivermos em um ambiente onde posamos vivenciar uma realidade de trabalho diferente do velho modelo das incansáveis 8 horas diárias.

Junte seus amigos e vá adiante! Existe em vocês algumas habilidades que juntas podem inovar em alguma coisa. Pensem em formas colaborativas de construir uma novos formatos, uma nova tendência, um novo serviço, uma nova solução, uma nova alternativa para este mundo viciado nos padrões prontos. Se deseja fazer algo, estude, aprenda, respire o assunto por si mesmo! Não espere ninguém lhe ensinar a viver. Muito menos uma faculdade. Realize, pois o mundo não fará nada por você.

LEAL, Murillo. *LinkedIn*, 3 fev. 2016. Disponível em: <www.linkedin.com/in/murilloleal/>. Acesso em: fev. 2019.

LEITURA COMPLEMENTAR



A classificação tipológica dos textos é apenas um modelo para facilitar didaticamente sua sistematização, uma vez que, em situações reais de comunicação, os textos apresentam tipologia intercambiável, que varia de acordo com o gênero e o propósito de seu enunciador.

As relações intercambiáveis entre os tipos textuais

Em alguns estudos desenvolvidos no âmbito da linguística textual, “tipo textual” é uma noção que remete ao funcionamento da constituição estrutural do texto, isto é, um texto, pertencente a um dado gênero discursivo, pode trazer na sua configuração vários tipos textuais como a narração, descrição, dissertação/argumentação e injunção, os quais confeccionam a tessitura do texto, ou, nas palavras de Bakhtin, constituem a estrutura com posicional do texto segundo os padrões do gênero. Por

exemplo, no romance, um dos gêneros do discurso literário, podem aparecer em sua estrutura com posicional vários tipos textuais, tais como: a narração, para relatar os acontecimentos, os fatos e a progressão das ações dos personagens; a descrição, para caracterizar ou dizer como são os personagens, as ações praticadas por elas, o cenário em que as ações estão se realizando; a dissertação/argumentação para comentar, avaliar as ações dos personagens, seus sentimentos e atitudes. Nessa perspectiva, tipo textual é amplamente tomado como uma categoria que se presta a pensar e caracterizar o funcionamento de um dos planos constitutivos do texto – a estrutura interna da configuração textual.

Considerando-se que o discurso se materializa no texto, cujo plano estrutural assume uma dada configuração em virtude de uma correlação entre os elementos de sua organização e suas condições de produção, podem-se, especificando um pouco mais essa noção, tratar os tipos textuais como modos enunciativos de organização do discurso no texto, efetivados por operações textual-discursivas, construídas pelo locutor em função de sua atitude discursiva em relação ao seu objeto do dizer e ao seu interlocutor. Tudo isso é regulado pelo gênero a que o texto pertence e pela situação interlocutiva, ambientada em dada instância social do uso da linguagem. Dito de outro modo, o locutor atualiza uma série de operações textual-discursivas, que incidem nos níveis micro e macroestruturais da configuração formal e conceitual do texto, as quais são geradas e ativadas no processo da produção textual, para atingir o seu objetivo enunciativo e, conseqüentemente, efetivar o efeito de sentido que ele pretende provocar no interlocutor. Essas operações podem modalizar-se na forma de:

- narração, se o que se quer é contar, apresentar os fatos, os acontecimentos;
- descrição, se o que se quer é caracterizar, dizer como é o objeto descrito, fazendo conhecê-lo;
- dissertação/argumentação, se o que se quer é refletir, explicar, avaliar, comentar, conceituar, expor ideias, pontos de vista, para dar a conhecer, para fazer saber, fazer crer, associando-se à análise e à interpretação;
- a injunção, se o que se quer é incitar a realização de uma ação por parte do interlocutor, orientando-o e aconselhando-o como fazê-lo. Enfim, o que se busca é o fazer fazer, o fazer agir do outro.

Saliente-se que esses modos enunciativos assumem uma função específica e variável na constituição do texto, em razão da finalidade comunicativa que este engloba. Por exemplo, as seqüências narrativas não se inscrevem da mesma maneira na construção do sermão, da notícia, do conto de fadas, da conversação espontânea, etc.

Enquanto nas narrativas presentes em romances, contos de fadas, a ordenação cronológica dos episódios pode ser dominante, numa disposição em que há sempre uma relação de anterioridade e posterioridade em relação a

sequencia linear dos fatos na ordem de seu acontecimento em textos noticiosos, tal ordenação pode não assumir essa rigidez, colocando-se primeiramente em evidência o sumário do assunto em questão, na forma de manchete e *lead*, e em seguida apresentando-se o evento principal, a que se sucedem as consequências do fato e as suas causas, ou vice-versa, atribuindo-se, estrategicamente, às informações veiculadas nestas ou naquelas, uma relevância mais elevada. Da mesma forma, as sequências descritivas presentes em bula de remédio, em manual de instruções de montagem de aparelhos eletroeletrônicos, em processos jurídicos (defesa ou acusação), em conto, em romance, ou em verbetes de enciclopédias, atualizam-se de modo diferenciado. Em alguns romances, epopeias, histórias de ficção científica, a descrição, geralmente a serviço da ação narrativa, cumprindo funções de natureza ornamental ou estética, dentre outras, suspende o fluxo narrativo para focalizar detalhadamente os personagens, suas ações, o cenário, etc. Por sua vez, nas bulas de remédio, nos verbetes de enciclopédias, modaliza-se a descrição, didaticamente, para se definirem, se caracterizarem, se enumerarem de modo objetivo os elementos ou aspectos que compõem o objeto descrito. Por essa via, a noção de tipo textual subsume uma dimensão discursiva se se considera que cada tipo é objeto de modalização específica, dada a natureza do gênero a que o texto pertence. Retomando e resumindo, pode-se dizer que “tipo textual” figura como uma noção que se define pela determinação das relações internas da organização estrutural do discurso concretizadas no texto, as quais se dimensionam à luz do projeto discursivo do locutor.

Para avançar um pouco mais nessa discussão, tomemos agora as relações intercambiáveis entre os tipos textuais na configuração estrutural do textos, relativamente similares às que ocorrem com os gêneros. Em textos como, por exemplo, o sermão, a tese acadêmica, as peças jurídicas, os artigos publicitários, etc., a construção argumentativa pode se dar através da narração, descrição, injunção, dissertação, verdadeiras operações textual-discursivas, com vistas ao cumprimento da finalidade enunciativa do discurso: provar, evidenciar, ilustrar, demonstrar, orientar, constatar, etc.; o que está sendo enunciado. Assim, na tessitura dos próprios argumentos, pode-se contar um determinado fato, descrevê-lo, comentá-lo, avaliá-lo, tomá-lo como exemplar ou não (casos de refutação) para orientar, aconselhar o interlocutor, bem como podem-se apresentar depoimentos, relatos, testemunhos, de modo a fazer saber, fazer crer, fazer agir, isto é, persuadir e convencer o interlocutor, transformando-o e conquistando a sua adesão (ou concordância com) ao que está sendo dito, instigando-o, desse modo, a aderir ao universo discursivo do locutor (verdades, crenças, etc.). Há, entretanto, alguns textos, cuja organização estrutural se dá em torno de um modo de organização enunciativo dominante, que se sobrepõe aos outros também presentes na sua configuração. Só para citar, têm-se o romance, o conto, as fábulas, as parábolas, os apólogos, em que predomina a narração. Nestes três últimos gêneros, a narração é estrategicamente usada como um modo enunciativo para argumentar.

SILVA, Jane Quintiliano G. Gênero discursivo e tipo textual. In: *Scripta*, Belo Horizonte. v. 2. n. 4, p. 87-106. 1º sem., 1999.

ROTEIRO DE AULA

TIPOLOGIA TEXTUAL

Os textos podem ser sistematizados em categorias

tipológicas

de acordo com critérios como

tema, estrutura composicional, os objetivos e funções sócio comunicativas, características linguísticas, condições de produção e suporte.

As principais categorias tipológicas são:

descritiva,

cujas principais características estruturais são

emprego de verbos de estado, verbos no presente ou no pretérito imperfeito, substantivos, adjetivos e locuções adjetivas; linguagem clara com enumerações e comparações; sem relação de anterioridade ou causalidade.

narrativa,

cujas principais características estruturais são

os elementos da narrativa: narrador, personagem, tempo, espaço e enredo.

argumentativa,

cujas principais características estruturais são

argumentação, defesa de opinião, tese teoria etc., introdução, desenvolvimento e conclusão, linguagem impessoal e objetiva.

ROTEIRO DE AULA

expositiva,

injuntiva,

cujas principais características estruturais são

cujas principais características estruturais são

ocorrência de informações, transmissão
de conhecimento, identificação do tema
central, clareza, objetividade, coesão e
coerência.

linguagem simples e objetiva, verbos no
modo imperativo, método para concreti-
zação de uma ação, tentativa de contro-
le do comportamento do leitor.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unemat-MT

Por que você deve tirar, agora, os seus filhos pequenos do Facebook e do Whatsapp

Caso em Mato Grosso envolvendo menina de 9 anos e agressor sexual no WhatsApp é mais comum do que se imagina. É impossível ter controle total do que eles acessam

“A geração atual de mães e pais de crianças e pré-adolescentes cresceu ouvindo de seus responsáveis a frase: ‘jamais converse com estranhos na rua’. O objetivo era evitar que eles caíssem nas mãos de abusadores e pedófilos. Esses criminosos e doentes continuam existindo e encontraram nas redes sociais ferramentas eficientes para aliciar menores. O exemplo mais recente a se tornar público ocorreu nesta semana na região metropolitana de Cuiabá, em Mato Grosso. Mensagens de assédio encaminhadas por um homem de 47 anos a uma menina de 9 foram descobertas pelo pai dela. Ele avisou a polícia e compareceu, com os policiais, a um encontro que o suspeito havia marcado com a menor na última terça-feira (23). No celular do suspeito, foram encontradas trocas de mensagens similares com cerca de 20 crianças. O delegado responsável pelo caso desconfia que em ao menos um dos casos houve o estupro de fato...”

FERRARI, Bruno. *Época*, 24 maio 2017. Disponível em: <<http://epoca.globo.com>>. Acesso em maio 2017.

No texto acima, considere o seguinte excerto:

Ele avisou a polícia e compareceu, com os policiais, a um encontro que o suspeito havia marcado com a menor na última terça-feira (23).

O trecho acima corresponde a qual tipo textual?

- a) Descrição, pois apresenta as características das pessoas e do lugar.
- b) Dissertação, pois há debate e argumentação sobre um assunto.
- c) Narração, pois traz enredo (acontecimentos), personagens e narrador.
- d) Descrição, pois há exposição e argumentação sobre um tema.
- e) Dissertação, pois o trecho explora o campo sensorial.

O excerto corresponde a uma narração, conta uma história por meio da sequência de fatos reais ou imaginários, os verbos são, em sua maioria, de ação (“avisou”, “compareceu”), há personagens (o pai da menina de 7 anos, o suspeito e os policiais) e narrador (em 3ª pessoa).

2. Unifor-CE

Você vai começar a ler o novo romance de Italo Calvino, *Se um viajante numa noite de inverno*. Relaxe. Concentre-se. Afaste todos os outros pensamentos. Deixe que o mundo a sua volta se dissolva no indefinido. É melhor fechar a porta; do outro lado há sempre um televisor ligado. Diga logo aos outros: “Não quero ver televisão!”. Se não ouvirem, levante a voz: “Estou lendo! Não quero ser perturbado!”. Com todo aquele barulho, talvez ainda não o tenham ouvido; fale mais alto, grite: “Estou começando a ler o novo romance de Italo Calvino!”. Se preferir, não diga nada; to-mara que o deixem em paz.

CALVINO, Italo. *Se um Viajante numa Noite de Inverno*. São Paulo: Planeta de Agostini, 2003, p. 11.

De acordo com o texto, há predominância do tipo textual

- a) narrativo.
- b) descritivo.
- c) dissertativo.
- d) injuntivo.
- e) expositivo.

Embora esteja contido em um livro narrativo, há predominância do tipo textual injuntivo no excerto, como comprova o emprego reiterado de verbos no modo imperativo (“relaxe”, “concentre-se”, “afaste”, “deixe”, “diga”, “fale”, “grite”, “não diga”), com o objetivo de fornecer ao leitor instruções para a realização de uma tarefa, que, no caso, é “ler o novo romance de Italo Calvino”.

3. UFU-MG

Canguru invade estacionamento de aeroporto na Austrália

Um canguru cinzento surpreendeu os usuários e os seguranças do estacionamento do aeroporto de Melbourne, na Austrália. O animal, de 3 anos de idade, circulou pelo local e escapou do cerco feito pelos guardas. Acabou sendo capturado depois de receber sedativos do serviço de proteção aos animais.

Um dos responsáveis pelo resgate disse que as unhas do canguru estavam desgastadas de tanto que ele saltou sobre o asfalto e que o animal provavelmente estava sentindo fortes dores. Segundo a imprensa australiana, o animal vai ser mantido em cativeiro e observado por um veterinário, até ser devolvido à natureza selvagem.

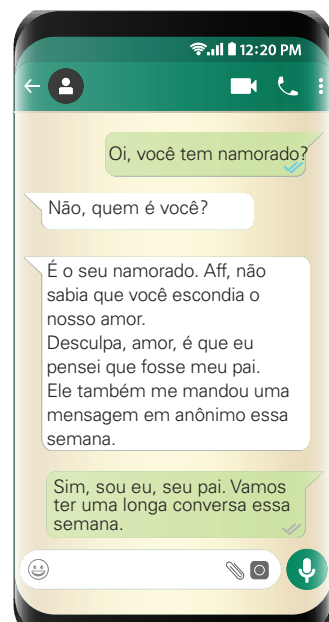
BBC Brasil, 07 jan. 2013. Disponível em: <www.bbc.com>. Acesso: abr. 2014.

O produtor do texto nos apresenta um quadro bem definido a respeito de um acontecimento. A configuração do texto evidencia a predominância do tipo textual

- a) descritivo.
- b) argumentativo.
- c) injuntivo.
- d) narrativo.

Predomina o tipo textual narrativo, pois conta uma história por meio da sequência de fatos reais ou imaginários, há verbos de ação (“surpreendeu”, “circulou”, “escapou”, “disse”, “saltou”), personagens (“canguru cinzento” e “guardas”), narrador em 3ª pessoa, espaço e tempo.

4. IFPE



AR DUCHA MISFAI/ISTOCKPHOTO

Disponível em: <<http://whatsappmensagenserecados.blogspot.com.br>>. Acesso: 18 jun. 2017.

O texto reproduz uma conversa no aplicativo de mensagens Whatsapp e serve como exemplo de um gênero textual típico do mundo virtual, o *chat*, que pode abrigar características de diversas tipologias textuais. No trecho “Ele também me mandou uma mensagem em anônimo essa semana”, verifica-se a presença de passagens, de um enredo (assunto da conversa) e de um espaço (virtual), características que fazem com que se classifique essa sequência como tipologia

- a) narrativa. d) informativa.
b) descritiva. e) dissertativa.
c) argumentativa.

O trecho “Ele também me mandou uma mensagem em anônimo essa semana” pertence ao tipo textual narrativo, pois o verbo é de ação (“mandou”), há duas personagens (ele e eu) e há presença de um narrador que, nesse caso, aparece em 1ª pessoa.

5. Uerj

A educação pela seda

Vestidos muito justos são vulgares. Revelar formas é vulgar. Toda revelação é de uma vulgaridade abominável.

Os conceitos a vestiram como uma segunda pele, e pode-se adivinhar a norma que lhe rege a vida ao primeiro olhar.

STRAUSZ, Rosa Amanda. *Mínimo múltiplo comum*: contos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.

O conto contrasta dois tipos de texto em sua estrutura. Enquanto o segundo parágrafo se configura como narrativo, o primeiro parágrafo se aproxima da seguinte tipologia:

- a) injuntivo c) dramático
b) descritivo d) argumentativo

No primeiro parágrafo, predomina o tipo textual argumentativo, já que há juízo de valor, caracterizando a defesa de um ponto de vista: “Vestidos muito justos são vulgares. Revelar formas é vulgar. Toda revelação é de uma vulgaridade abominável!”

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

6. UEG-GO

Norma e padrão

C6-H18

Uma das comparações que os estudiosos de variação linguística mais gostam de utilizar é a da língua com a vestimenta. Esta, como sabemos, é bastante variada, indo da mais formal (longo e *smoking*) à mais informal (biquíni e sunga, ou camisola e pijama). A ideia dos que fazem essa comparação é a seguinte: não existem, a rigor, formas linguísticas erradas, existem formas linguísticas inadequadas. Como as roupas: assim como ninguém vai à praia de *smoking* ou de longo, também ninguém casa de biquíni e de sunga, ou de camisola e de pijama (sem negar que estas sejam vestimentas, e adequadas!), assim ninguém diz “me dá esse troço aí” num banquete público e formal nem “faça-me o obséquio de passar-me o sal” numa situação de intimidade familiar.

Os gramáticos e os sociolinguistas, cada um com seu viés, costumam dizer que o padrão linguístico é usado pelas pessoas representativas de uma sociedade. Os gramáticos dizem isso, mas acabam não analisando o padrão, nem recomendando-o de fato. Recomendam uma norma, uma norma ideal. Vou dar uns exemplos: se o padrão é o usado pelos figurões, então deveriam ser considerados padrões o verbo “ter” no lugar de “haver”; a regência de “preferir x do

que y”, em vez de “preferir x a y”; o uso do anacoluto (A inflação, ela estará dominada quando...); a posição enclítica dos pronomes átonos. O que não significa proibir as mais conservadoras. Algumas dessas formas “novas” aparecem em muitíssimo boa literatura, em autores absolutamente consagrados, que poderiam servir de base para que os gramáticos liberassem seu uso – para os que necessitam da licença dos outros.

Vejam-se esses versos de Murilo Mendes: “Desse lado tem meu corpo / tem o sonho / tem a minha namorada na janela / tem as ruas gritando de luzes e movimentos / tem meu amor tão lento / tem o mundo batendo na minha memória / tem o caminho pro trabalho. Do outro lado tem outras vidas vivendo da minha vida / tem pensamentos sérios me esperando na sala de visitas / tem minha noiva definitiva me esperando com flores na mão / tem a morte, as colunas da ordem e da desordem.”

Faltou ao poeta acrescentar: tem uns gramáticos do tempo da onça / de antes do tempo em que se começou a andar pra frente.

Não vou citar Drummond de Andrade, com seu por demais conhecido “Tinha uma pedra no meio do caminho...”, nem o Chico Buarque de “Tem dias que a gente se sente / como quem partiu ou morreu...”

Mas acho que vou citar “Pronominais”, do glorioso Oswald de Andrade: Dê-me um cigarro / Diz a gramática / Do professor e do aluno / E do mulato sabido / Mas o bom negro e o bom branco / Da nação brasileira / Dizem todos os dias / Deixa disso camarada / Me dá um cigarro.

Quero insistir: ao contrário do que se poderia pensar (e vários disseram), não sou anarquista, defensor do tudo pode, ou do vale-tudo. Nem estou dizendo que “Nós vai” é igual a “Tem muito filho que obedece os pais”. O que estou fazendo é cobrar coerência, um pouquinho só: se o padrão vem da fala dos bacanas, se os mais bacanas são os poetas consagrados, por que, antes das dez, numa aula de literatura, podemos curtir seu estilo e em outra aula, depois das onze, dizemos aos alunos e aos demais interessados: viram o Drummond, o Murilo, o Machado, o Guimarães Rosa? Que criatividade!!! Mas vocês não podem fazer como eles.

POSSENTI, Sírio. *A cor da língua e outras crônicas de linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 111-112.

Considerando-se suas características retóricas, o texto de Sírio Possenti realiza predominantemente a seguinte tipologia textual:

- a) narração d) exposição
b) descrição e) injunção
c) argumentação

No texto de Sírio Possenti, há predominância do tipo textual argumentativo, pois tem como principais características a defesa de uma ideia, hipótese, teoria ou opinião (“não existem, a rigor, formas linguísticas erradas, existem formas linguísticas inadequadas”) e o objetivo de convencer o leitor para que acredite nela (“O que estou fazendo é cobrar coerência, um pouquinho só: se o padrão vem da fala dos bacanas, se os mais bacanas são os poetas consagrados, por que, antes das dez, numa aula de literatura, podemos curtir seu estilo e em outra aula, depois das onze, dizemos aos alunos e aos demais interessados: viram o Drummond, o Murilo, o Machado, o Guimarães Rosa e essa argumentação é, em alguns momentos, reforçada pelo uso da ironia (Que criatividade!!! Mas vocês não podem fazer como eles”).

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UFU-MG

O que significa dar aula

- Dar aula é diferente de ser professor;
 Dar aula é ouvir antes de falar;
 Dar aula é entender antes de avaliar;
 Dar aula é conhecer o aluno e junto com ele promover ação de aprendizagem;
 Dar aula é envolver os alunos no assunto abordado;
 Dar aula não é ser mestre da fala e nem ter voz bonita;
 Dar aula é conhecer a questão antes de aplicá-la;
 Dar aula não é só usar saliva, quadro e giz e não é usar o telão e *slides* do Power Point;
 Dar aula é envolver, é participar, é criar, improvisar, reinventar;
 Dar aula não é usar do faz de conta;
 Dar aula é compreender seu aluno, olhar nos seus olhos e conhecer os seus segredos; é fazer confissões;
 Dar aula não é sentar na frente da sala e deixar o aluno escrever no quadro e depois sair;
 Dar aula não é só preparar o aluno para o vestibular, mas para a vida, para viver o hoje e se defender no amanhã;
 Dar aula é saber quando calar e ouvir;
 Dar aula é contar, fazer viagem, é envolver os aprendizes numa aventura;
 Dar aula é antes de tudo uma profissão de amor, coragem e determinação.

Este texto é dedicado àqueles que, mesmo na adversidade promovem a aprendizagem. Àqueles que veem a realidade de cada um e, ainda assim, assumem a responsabilidade como um ato de amor e esperança num amanhã melhor.

SANTOS, Alice. O que significa dar aula. *Conhecimento prático* – Língua Portuguesa. n. 40. São Paulo: Escala Educacional, 2013. p. 66.

Considere o seguinte trecho do texto:

Professor, se você tem alguma experiência que queira compartilhar com outros docentes, **envie-nos os detalhes no e-mail: l.portuguesa@criativo.art.br**.

A sequência textual em negrito acima é do tipo

- a)** descritivo. **c)** expositivo.
b) injuntivo. **d)** argumentativo.

8. Unemat-MT

Paraplégico volta a andar após cirurgia revolucionária

Graças a um transplante de células da cavidade nasal, búlgaro Darek Fidyka, de 40 anos, recuperou um rompimento total dos nervos da coluna vertebral. Feito é comparado à chegada do homem à Lua

Um homem parapléxico voltou a andar graças a um transplante de células nervosas realizado na Polônia, em uma operação sem precedentes. Derek Fidyka, um búlgaro de 40 anos, é a primeira pessoa do mundo a se recuperar de um rompimento total dos nervos da coluna vertebral. Ele recebeu um transplante de células de sua cavidade nasal para a medula espinhal e, após reabilitação de um ano, ele pode caminhar com o auxílio de um andador – Fidyka também recuperou algumas funções da bexiga e do intestino.

“Para mim, isto é ainda mais impressionante do que um homem caminhando na Lua”, afirmou Geoffrey Raisman, professor do Instituto de Neurologia do University College

de Londres (UCL), na Inglaterra, e um dos autores do estudo publicado na revista *Cell Transplantation*. [...]

A cirurgia foi realizada por uma equipe médica polonesa, coordenada pelo neurocirurgião Pawel Tabakow, da Universidade de Wroclaw, na Polônia, um dos maiores especialistas em lesões medulares do mundo. Os médicos utilizaram células nervosas do nariz do paciente a partir das quais se desenvolveram os tecidos seccionados – o complexo circuito responsável pelo olfato é a única parte do sistema nervoso que se regenera durante toda a vida e foi essa característica que os cientistas procuraram reproduzir na lesão de Fidyka. As células do próprio paciente não seriam rejeitadas e o tecido medular poderia ser reparado.

A técnica de transplante, descoberta na UCL, apresentou bons resultados em laboratório, mas nunca havia sido testada com sucesso em um ser humano. Na primeira das duas operações, os cirurgiões removeram os bulbos olfativos do paciente e fizeram as células crescer em cultura. Duas semanas depois, foi feito o transplante de medula por meio de microinjeções.

Fidyka manteve seu programa de condicionamento – cinco horas de exercícios durante os cinco dias da semana – e percebeu que a cirurgia havia sido bem-sucedida quando, após três meses, sua coxa esquerda começou a desenvolver músculos. Seis meses depois, deu seus primeiros passos com o apoio de fisioterapeutas. Agora, após dois anos, caminha apenas com o andador. De acordo com os cientistas, exames mostraram que a lacuna na medula espinhal do paciente se fechou após o tratamento.

“Nós acreditamos que o procedimento é uma descoberta capital que, se for bem desenvolvida, constituirá uma mudança histórica para as pessoas que sofrem de ferimentos na coluna cerebral”, declarou Raisman.

VEJA, 6 maio. 2016. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/>>. Acesso em: abr. 2019.

Ainda em relação ao texto “Paraplégico volta a andar após cirurgia revolucionária”, a utilização de discurso direto, a abundância de sequenciadores temporais e o predomínio de verbos no pretérito contribuem para que o texto seja classificado na tipologia

- a)** descritiva. **d)** injuntiva.
b) argumentativa. **e)** narrativa.
c) expositiva.

9. Uniube-MG

Os capés de Bauman

Eu estava em Londres, no ano passado, quando fui contatado pelo ciclo de palestras Fronteiras do Pensamento para gravar em Leeds uma entrevista com Zygmunt Bauman, escritor e sociólogo do qual santa ignorância! nunca tinha ouvido falar.

Bauman é um dos maiores pensadores da atualidade, autor de livros como *Vida Líquida e Medo Líquido*, entre dezenas de outros. Com percepção agudíssima do mundo e um texto mais poético do que acadêmico, é mestre em expor o elo invisível entre temas na aparência desconexos, como a vida de Sócrates (o filósofo, mas poderia ser o jogador) e o Facebook, Jean-Paul Sartre e a ONU ou Barack Obama e a psicanálise freudiana.

Quando Bauman abriu a porta de sua casa, levei um choque. Fisicamente, era como imagino que serei aos 88 anos.

Numa espécie de *déjà-vu* às avessas, senti que encontrava comigo mesmo no futuro [...] Senti de imediato um carinho gigantesco por aquele velhinho. Entrando na casa apinhada de livros, cheirando a Leste Europeu, fiquei com vontade de perguntar se ele também se reconhecia em mim, mas, com vergonha de parecer presunçoso, me contive.

Depois, quando vim a saber que ele nasceu em Poznan, na Polônia, a poucos quilômetros de onde nasceram meus avós paternos, passei a achar que provavelmente descendemos de uma mesma Eva mitocondrial judaico-polonesa.

A caminho de Leeds, a equipe de três cinegrafistas e eu já tínhamos almoçado e estávamos atrasados. Queríamos começar logo a entrevista, mas Zygmunt nos conduziu até a sala de estar, onde um verdadeiro banquete, preparado por ele mesmo, estava servido. Era uma enorme variedade de canapés, saladas, frios, tortas e sobremesas. Insistimos em primeiro fazer a entrevista para depois comer, mas ele foi inflexível.

Na maravilhosa entrevista que concedeu ao *Fronteiras do Pensamento* (que pode ser vista em bit.ly/zigbaumant), ele fala de temas como conflitos de identidade, obsolescência da nação Estado e ambivalências da vida.

Mas, numa pausa, ele me levou a uma salinha ao lado, onde, acendendo seu cachimbo, me falou – com enorme senso de humor da sua vida: solidão, dores da velhice e o passado que não volta.

No dia seguinte, escrevi um *email* a um amigo: “Conheci Zygmunt Bauman, um velhinho maravilhoso por quem estou apaixonado. Não paro de pensar em tudo o que ele disse e de reviver cada momento. Nunca uma pessoa me comoveu tanto pela combinação de inteligência e sensibilidade”.

Passei a devorar tudo o que ele escreve e escreveu. Sua voz e seu olhar são absolutamente presentes, mas parecem emanados das profundezas de tempos passados – para dissecar e revelar o nosso.

Desde aquele primeiro encontro, aquela forte impressão de espelho do tempo e *déjà-vu* ao avesso se dissipou, mas não a admiração e a vontade de ouvi-lo.

Sempre que posso, arrumo uma desculpa e volto a Leeds para revê-lo. Sou invariavelmente recebido com banquetes nababescos. Eventualmente temos conversas sérias.

Desde que conheci Zygmunt, engordei uns quilinhos. É uma relação que me nutre muito.

GOLDMAN, Henrique. *Folha de S.Paulo*, 2011. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: abr. 2019.

Quanto à tipologia textual, pode-se afirmar que esse texto é predominantemente:

- a) descritivo – descreve cenas.
- b) narrativo – narra acontecimentos.
- c) injuntivo – emite conselhos.
- d) dissertativo argumentativo – emite opiniões.
- e) dissertativo expositivo – expõe um assunto.

10. Uncisal-AL

Brazuca

[...]

Sem reclamar pra não levar cartão vermelho

Zé Batalha sob a mira da metralha de joelhos

Tentando se explicar com um revólver na nuca:

Eu sou trabalhador, sou irmão do Brazuca!

Ele reza, prende a respiração

E lá na copa, pênalti a favor da seleção

Bola no lugar, Brazuca vai bater

Dedo do gatilho, Zé Batalha vai morrer

Juiz apitou... tudo como tinha que ser:

Tá lá mais um gol e o Brasil é campeão

Tá lá mais um corpo estendido no chão

[...]

O país ficou feliz depois daquele gol

Todo mundo satisfeito, todo mundo se abraçou

Muita gente até chorou com a comemoração

Orgulho de viver nesse país campeão

E na favela, no dia seguinte, ninguém trabalha

É o dia de enterrar o que sobrou do Zé Batalha

Mas não tem ninguém pra carregar o corpo

Nem pra fazer uma oração pelo morto

Tá todo mundo com a bandeira na mão

esperando a seleção no aeroporto

[...]

GOMES, André; CRUZ, Ciro; Gabriel, o Pensador. *In: Nádegas a declarar*. São Paulo: Sony Music, 1999.

A respeito da tipologia textual e da linguagem utilizadas nesse fragmento, é correto afirmar que se trata de um texto

- a) predominantemente narrativo, cuja variante linguística ocorre no nível sintático.
- b) eminentemente descritivo, com variedade linguística informal.
- c) predominantemente narrativo, com marcas de linguagem coloquial.
- d) injuntivo, devido ao uso da linguagem conativa.
- e) expositivo, com predomínio de linguagem conotativa.

11. UEG-GO

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no [morro da Babilônia num barracão sem número

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu [afogado.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. p. 136.

- a) Que tipologia textual predomina na construção do poema. Cite um fragmento do texto que comprove sua resposta.
- b) Explique a crítica social presente na descrição do personagem João Gostoso.

12. IFSP

Esse texto do século XVI reflete um momento de expansão portuguesa por vias marítimas, o que demandava a apropriação de alguns gêneros discursivos, dentre os quais a carta. Um exemplo dessa produção é a *Carta de Caminha a D. Manuel*. Considere a seguinte parte dessa carta.

Nela [na terra] até agora não pudemos saber que haja ouro nem prata... porém a terra em si é de muito bons ares assim frios e temperados como os de Entre-Doiro-e-Minho. Águas são muitas e infindas. E em tal maneira é graciosa que querendo-a aproveitar, darse-á nela tudo por bem das águas que tem, porém o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente e esta deve ser a principal semente que vossa alteza em ela deve lançar.

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao rei D. Manuel, dando notícias do descobrimento da terra de Vera Cruz, hoje Brasil, pela armada de Pedro Álvares Cabral*. 1500. Manuscrito. Brasil: Fundação Biblioteca Nacional.

O trecho apresentado é preponderantemente descritivo. A classe de palavras que aparece associada a esse tipo textual é o adjetivo. São exemplos de palavras dessa classe, no texto, as seguintes:

- a) ... porém a terra em si é de muito bons ares...
- b) Águas são muitas e infindas.
- c) ... darse-á nela tudo por bem das águas que tem...
- d) ... o melhor fruto que nela se pode fazer me parece que será salvar esta gente...
- e) ... esta deve ser a principal semente que vossa alteza em ela deve lançar.

13. UFSCar-SP (adaptada) – Leia os dois sonetos de Olavo Bilac, que fazem parte de um conjunto de poemas chamado *Via Láctea*

XII

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Saí, ansioso por te ver: corria...
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o lugar para onde eu ia.
E tudo me falou, tudo! Escutando
Meus passos, através da ramaria,
Dos despertados pássaros o bando:
“Vai mais depressa! Parabéns!” dizia.

Disse o luar: “Espera! Que eu te siga:
Quero também beijar as faces dela!”
E disse o aroma: “Vai que eu vou contigo!”

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrela:
“Como és feliz! como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la!”

XIII

“Ora (dizeis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”

E eu vos direi: “Amai para entendê-las!

Pois só quem ama pode ter ouvido

Capaz de ouvir e de entender estrelas”.

BILAC, Olavo. *apud* HECKER FILHO, Paulo (Org.). *Antologia Poética de Olavo Bilac*. São Paulo: Editora L&PM, 1997.

Responda:

- a) Existe alguma relação de conteúdo entre esses dois poemas? Se sim, justifique?
- b) Em qual deles predomina o tipo textual denominado narração? Por quê?

14. Unifor-CE

Vai namorar?

O vinho é uma bebida amiga do amor. Num jantar a dois, seja num restaurante, seja em casa, é preciso fazer as escolhas certas, e a primeira ideia que vem à cabeça é o champanhe ou espumante. Perfeito! Mas existem outras sugestões também sedutoras.

É só pensar um pouco: pratos pesados, como carnes vermelhas e molhos fortes, definitivamente não combinam com namoro. Ainda bem, pois assim estão descartados todos os vinhos encorpados e tânicos (aqueles que amarram a boca – já pensou que desastre?). Sendo assim, ficou bem mais fácil escolher o vinho.

SANTOS, Suzamara. *Pequeno livro do vinho, guia para toda hora*. Campinas-SP: Verus Editora, 2006, p. 74.

Os tipos textuais se definem pelas escolhas lexicais, os aspectos sintáticos, o emprego de tempos verbais, pela sua natureza linguística intrínseca de sua composição, portanto. Levando em consideração as características do texto acima e o suporte em que ele foi veiculado, pode-se afirmar que

- a) trata-se de um texto descritivo, pois orienta um comportamento.
- b) o tipo textual predominante é o narrativo, dadas as ações de agentes no tempo e no espaço.
- c) o texto é dissertativo-argumentativo, pois o objetivo principal é convencer, persuadir.
- d) o texto é expositivo, pois apresenta conceitos e informações.
- e) trata-se de um texto injuntivo, pois está centrado no leitor e as formas verbais incitam à ação.

15. Uniube-MG

Texto I

[...] Noutro conto, um justo que morre, chegando ao céu, ouve ruídos horrorosos vindo de uma sala fechada. Perguntando a Deus de onde vem aquele som ensurdecedor, Deus diz a ele que vá em frente e abra a porta do lugar de onde vem a gritaria. Pergunta o justo a Deus que lugar seria aquele. Deus responde: “O inferno”. Ao abrir a porta, o justo ouve o que aqueles infelizes gritavam: “Eu, eu, eu...”.

Ao contrário do que dizia o velho Sartre, o inferno não são os outros, mas sim nós mesmos. Numa época como a nossa, obcecada por essa bobagem chamada autoestima, ocupada em fazer todo mundo se achar lindo e maravilhoso, a tendência do inferno é ficar superlotado, cheio de mentirosos praticantes do “marketing do eu” [...]

PONDÉ, Luís Felipe. *Meu inferno mais íntimo*. In: *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: abr. 2019.

Texto II

[...] A popularização das câmaras e das redes de compartilhamento parece ter despertado até nos mais tímidos uma compulsão por mostrar tudo o que é vivido, mesmo que seja um acontecimento banal.

“Se não fotografou e não publicou, então não existe.” O exibicionismo é expresso em páginas, *vídeo-casts*, perfis e linhas do tempo que parecem relatórios clínicos de narcisistas compulsivos, em suas várias formas: fotografias com caras e bocas, opiniões rasas a respeito de praticamente tudo, vídeos em que nada de interessante acontece e a triste alegria coletiva com o grotesco e a humilhação.

RADFAHRER, Luli. O Facebook como espelho. In: *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: abr. 2019.

Quanto à tipologia textual, é correto dizer que os dois textos apresentam características que levam a caracterizá-los, respectivamente, como:

- a) narrativo; dissertativo
- b) narrativo; descritivo
- c) dissertativo; dissertativo
- d) injuntivo; narrativo
- e) descritivo; dissertativo

16. Uern**Astroteologia: breve introdução**

Nós, humanos, somos seres limitados. Criativos e inovadores, conseguimos ampliar em muito a nossa compreensão do mundo por meio da aplicação diligente da razão e, complementarmente, das artes.

Isso porque, se a ciência e as artes têm algo em comum, é justamente a tentativa de estender nossa visão de mundo, de ampliar as fronteiras do conhecimento, revelando aspectos inusitados do real. Um teorema e um poema são reflexões do possível, seja o concreto ou o onírico. A imaginação lança mão de todos os recursos à sua disposição para dar sentido à existência.

Talvez seja por isso que o teólogo americano Reinhold Niebuhr escreveu que “o homem é o seu maior problema”. Nossas filosofias, ciências e religiões são tentativas de compreender a existência apesar de nossa miopia, isto é, de nossas limitações sobre o que vemos e entendemos.

Nessa busca, não é coincidência que a crença religiosa funcione como uma bússola para tantas pessoas. Como explicar a origem do Universo? Ou da vida? Ou por que temos uma mente capaz de refletir sobre essas questões complexas?

Tais questões são, hoje, parte da pesquisa científica de ponta. Vivemos numa época peculiar, em que o que antes era província exclusiva da religião faz parte do discurso rotineiro da ciência. Porém, por não termos ainda respostas, essas questões continuam nos assombrando.

Talvez um dos dilemas da humanidade seja a angústia de poder contemplar o divino sem sê-lo. Temos a capacidade de imaginar a perfeição, a ausência de dor, a imortalidade; mas, tirando a ficção e a fé, não temos como transcender nossa realidade carnal, os limites temporais e espaciais. Ou será que temos?

Considerando que a ciência moderna tem apenas quatro séculos (marcando seu início com Kepler e Galileu), e per-

cebendo o quanto já fizemos em tão curto prazo, imagine o que nos espera em mil anos?

Ou 10 mil anos, se, claro, não nos destruímos antes disso. A ciência nos permite já uma manipulação dos genes de criaturas, a ponto de podermos modificar o que comemos e mesmo alcançar curas diversas.

Extrapolando a expansão tecnológica para o futuro, alguns afirmam que, em algumas décadas, chegaremos a um ponto em que nossa hibridização com máquinas será tão profunda que não poderemos mais nos dissociar delas. Caso essas previsões se concretizem – e, a meu ver, já estão ocorrendo –, seremos (...) uma nova espécie, além do humano.

Agora imagine que, tal como nós, outras criaturas inteligentes em algum canto da galáxia descobriram a ciência. Só que o fizeram, digamos, 1 milhão de anos antes de nós, o que em termos cósmicos não é nada.

Essas criaturas teriam se transformado completamente ao se hibridizar com máquinas. Seriam, talvez, apenas informação, existindo em campos energéticos no espaço.

Teriam o poder de criar vida, escolhendo suas propriedades. Poderiam, por exemplo, ter nos criado, ou a alguns de nossos antepassados, como parte de um experimento. Poderiam, por exemplo, estar nos observando, como nós observamos animais no zoológico ou no laboratório. Essas entidades imateriais, mas existentes, seriam nossos criadores. Seriam eles deuses, mesmo se não sobrenaturais?

GLEISER, Marcelo. Astroteologia: breve introdução. *Folha de S.Paulo*, 25 nov. 2012. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

De acordo com Luiz Antônio Marcuschi (2005, p. 25), um texto, independentemente de foco sociocomunicativo central, “é em geral tipologicamente variado (heterogêneo)”. Isso quer dizer que não é porque o objetivo de um texto seja convencer ou explicar, por exemplo, que ele será composto exclusivamente de sequências argumentativas ou expositivas. Com base nesse aspecto, assinale a alternativa que não relaciona corretamente o tipo de sequência e o trecho apresentado.

- a) Argumentação
A ciência nos permite já uma manipulação dos genes de criaturas (...).
- b) Exposição
Temos a capacidade de imaginar a perfeição, a ausência de dor, a imortalidade.
- c) Instrução
(...) imagine que, tal como nós, outras criaturas inteligentes em algum canto da galáxia descobriram a ciência.
- d) Relato
(...) alguns afirmam que (...) chegaremos a um ponto em que nossa hibridização com máquinas será tão profunda que não poderemos mais nos dissociar delas.

17. Ufba

Um observador reconheceria nesse disparate a prova material de completa divergência entre a vida exterior e a vida doméstica da pessoa que ocupava esta parte da casa. Se o edifício e os móveis estacionários e de uso particular denotavam escassez de meios, se não extrema pobreza, a

roupa e os objetos de representação anunciavam um trato de sociedade, como só tinham cavalheiros dos mais ricos e francos da Corte.

Esta feição característica do aposento repetia-se em seu morador, o Seixas, derreado neste momento no sofá da sala, a ler uma das folhas diárias, estendidas sobre os joelhos erguidos, que assim lhe servem de cômoda estante.

É um moço que ainda não chegou aos trinta anos. Tem uma fisionomia tão nobre, quanto sedutora; belos traços, tez finíssima, cuja alvura realça a macia barba castanha. Os olhos, rasgados e luminosos, às vezes coalham-se em um enlevo de ternura, mas natural e estreme de afetação, que há de torná-los irresistíveis quando o amor os acende. A

boca vestida por um bigode elegante mostra o seu molde gracioso, sem contudo perder a expressão grave e sóbria, que deve ter o órgão da palavra viril.

ALENCAR, José de. Senhora. In: COUTINHO, Afrânio et al. (Org.). *José de Alencar: ficção completa e outros escritos*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965. p. 679-680. (Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira)

Uma produção verbal pode ser organizada por meio de diferentes tipos de textos. Os mais comuns são a narração, a descrição e a argumentação.

Considerando que, em uma produção textual, esses tipos podem se mesclar ou não, faça um comentário sobre a composição do fragmento do romance *Senhora*, em destaque acima.

ESTUDO PARA O ENEM

18. IFPE

C6-H18

Um doador universal

Tomo um táxi e mando tocar para o hospital do Ipase. Vou visitar um amigo que foi operado. O motorista volta-se para mim:

– O senhor não está doente e agora não é hora de visita. Por acaso é médico? Ultimamente ando sentindo um negócio esquisito aqui no lombo...

– Não sou médico.

Ele deu uma risadinha.

– Ou não quer dar uma consulta de graça, hein, doutor? É isso mesmo, deixa para lá. Para dizer a verdade, não tem cara de médico. Vai doar sangue.

– Quem, eu?

– O senhor mesmo, quem havia de ser? Não tem mais ninguém aqui.

– Tenho cara de quem vai doar sangue?

– Para doar sangue não precisa ter cara, basta ter sangue. O senhor veja o meu caso, por exemplo. Sempre tive vontade de doar sangue. E doar mesmo de graça, ali no duro. Deus me livre de vender meu próprio sangue: não paguei nada por ele. Escuta aqui uma coisa, quer saber o que mais, vou doar meu sangue e é já.

Deteve o táxi à porta do hospital, saltou ao mesmo tempo que eu, foi entrando:

– E é já. Esse negócio tem de ser assim: a gente sente vontade de fazer uma coisa, pois então faz e acabou-se. Antes que seja tarde: acabo desperdiçando esse sangue meu por aí, em algum desastre. Ou então morro e ninguém aproveita. Já imaginou quanto sangue desperdiçado por aí nos que morrem?

– E nos que não morrem? – limitei-me a acrescentar.

– Isso mesmo. E nos que não morrem! Essa eu gostei. Está se vendo que o senhor é moço distinto. Olhe aqui uma coisa, não precisa pagar a corrida.

Deixei-me ficar, perplexo, na portaria (e ele tinha razão, não era hora de visitas) enquanto uma senhora reclamava seus serviços:

– Meu marido está saindo do hospital, não pode andar direito...

– Que é que tem seu marido, minha senhora?

– Quebrou a perna.

– Então como é que a senhora queria que ele andasse direito?

– Eu não queria. Isto é, queria... Por isso é que estou dizendo – confundiu-se a mulher. – O seu táxi não está livre?

– O táxi está livre, eu é que não estou. A senhora vai me desculpar, mas vou doar sangue. Ou hoje ou nunca.

E gritou para um enfermeiro que ia passando e que nem o ouviu:

– Você aí, ô, branquinho, onde é que se doa sangue?

Procurei intervir:

– Atenda a freguesa... O marido dela...

– Já sei: quebrou a perna e não pode andar direito.

– Teve alta hoje. – acudiu a mulher, pressentindo simpatia.

– Não custa nada – insisti. – Ele precisa de táxi. A esta hora...

– Eu queria doar sangue – vacilou ele. – A gente não pode nem fazer uma caridade, poxa!

– Deixa de fazer uma e faz outra, dá na mesma.

Pensou um pouco, acabou concordando:

– Está bem. Mas então faço o serviço completo: vai de graça. Vamos embora. Cadê o capenga?

Afastou-se com a mulher, e em pouco passava de novo por mim, ajudando-a a amparar o marido, que se arrastava, capengando.

– Vamos, velhinho: te aguenta aí. Cada uma!

Ainda acenou para mim, de longe, se despedindo.

SABINO, Fernando. Um doador universal. In: *O Tempo*, 28 mar. 07. Disponível em: <www.otempo.com.br>. Acesso em: abr. 2019.

Assinale a alternativa correta quanto ao gênero e ao tipo textual.

- Por se tratar de um conto, o texto é argumentativo e expõe a insistência de uma personagem em convencer outra, com argumentos, a fazer o que ela quer.
- Por se tratar de uma crônica, o texto é predominantemente dialogal e narrativo, com segmentos estruturados em turnos de fala e relato de situações.
- Por se tratar de uma crônica, o texto é injuntivo e incentiva o leitor a praticar a doação de sangue, instruindo sobre como realizar esta ação solidária.
- Por se tratar de uma fábula, o texto é predominantemente dialogal e narrativo, com personagens que dialogam entre si e vivenciam situações imaginárias.
- Por se tratar de um conto, o texto é predominantemente dialogal e descritivo, com segmentos estruturados em turnos de fala e exposição das propriedades e qualidades de pessoas e ambientes.

19. UEFS-BA

O esforço dos pensadores que nos antecederam deixou pontos de partida muito valiosos. Mas devemos reconhecer que eles nos falaram de um país que, pelo menos em parte, deixou de existir. O Brasil de Gilberto Freyre girava em torno da família extensa da casa-grande, um espaço integrador dentro da monumental desigualdade; o de Sérgio Buarque apenas iniciava a aventura de uma urbanização que prometia associar-se à modernidade e à cidadania; o de Caio Prado mantinha a perspectiva da libertação nacional e do socialismo; o de Celso Furtado era uma economia dinâmica, que experimentava uma acelerada modernização industrial; o de Darcy Ribeiro – cujos ídolos, como sempre dizia, eram Anísio Teixeira e Cândido Rondon – ampliava a escola pública de boa qualidade e recusava o genocídio de suas populações mais fragilizadas. Os elementos centrais com que todos eles trabalharam foram profundamente alterados nas últimas décadas. A economia mais dinâmica do mundo, que dobrou seu produto, cinco vezes seguidas, em 50 anos, caminha para experimentar a terceira década rastejante. Todos os mecanismos que garantiram mobilidade social na maior parte do século XX foram impiedosamente desmontados, a começar pela escola pública. A urbanização acelerada concentrou multidões desenraizadas, enquanto a desorganização do mercado de trabalho multiplicava excluídos. Tornado refém do sistema financeiro, o Estado nacional deixou de cumprir funções estruturantes essenciais. A fronteira agrícola foi fechada, estabelecendo-se nas áreas de ocupação recente uma estrutura fundiária ainda mais concentrada que a das áreas de ocupação secular. Nessa sociedade urbanizada e estagnada, os meios eletrônicos de comunicação de massa tornaram-se, de longe, a principal instituição difusora de desejos, comportamentos e valores, inoculando diariamente, maciçamente e irresponsavelmente, uma necessidade de consumo desagregadora, pois inacessível. “Nunca foi tão grande a distância entre o que somos e o que poderíamos ser”, disse recentemente Celso Furtado, antes de nos deixar.

Não temos uma teoria do Brasil contemporâneo. Estamos em voo cego, imersos em uma crise de destino, a maior da nossa existência. A História está nos olhando nos olhos, perguntando: “Afim, o que vocês são? O que querem ser? Tem sentido existir Brasil? Qual Brasil?”.

Temos hesitado em enfrentar questões tão difíceis, tão radicais. Preferimos brincar de macroeconomia. Mas a disjunção está posta: ou o povo brasileiro, movido por uma ideia de si mesmo, assume pela primeira vez o comando de sua nação, para resgatá-la, reinventá-la e desenvolvê-la, ou assistiremos neste século ao desfazimento do Brasil. Se ocorrer esse último desfecho, representará um duríssimo golpe nas melhores promessas da modernidade ocidental e será um retrocesso no processo civilizatório de toda a humanidade. A invenção do futuro se tornará muito mais penosa para todos.

BENJAMIN, César. Uma certa ideia de Brasil. In: *Revista Interesse Nacional*, 1º jan. 2014. Disponível em: <<http://interessenacional.com.br>>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

Quanto ao aspecto tipológico, é correto afirmar que esse texto é predominantemente

- expositivo, pois enumera uma série de pesquisas e de fatos que comprovam a afirmação a respeito da falta de identidade do povo brasileiro.
- narrativo por causa dos fatos que são relatados para que o interlocutor compreenda a razão de o Brasil não ter uma teoria social na contemporaneidade.

- injunção, já que apresenta algumas orientações em relação à postura política do povo brasileiro diante de uma realidade caótica e estagnada.
- descritivo, visto que, durante toda a abordagem, o articulista detalha, em seus pormenores, as causas e as instituições que geraram o atraso do país.
- argumentativo, porque o articulista, ao longo do texto, busca convencer o interlocutor da necessidade de participação social e de retomada do processo civilizatório de seu país.

20. UFG-GO

Texto I

Receita

Ingredientes

dois conflitos de gerações
quatro esperanças perdidas
três litros de sangue fervido
cinco sonhos eróticos
duas canções dos beatles

Modo de Preparar

dissolva os sonhos eróticos
nos três litros de sangue fervido
e deixe gelar seu coração

leve a mistura ao fogo
adicionando dois conflitos
de gerações às esperanças perdidas

corte tudo em pedacinhos
e repita com as canções dos Beatles
o mesmo processo usado com os
sonhos eróticos mas desta vez
deixe ferver um pouco mais e
mexa até dissolver

parte do sangue pode ser
substituído por suco de groselha
mas os resultados não serão os mesmos

sirva o poema simples
ou com ilusões

BEHR, Nicolas. *Caroço de goiaba*. Brasília: Edição do autor, 1978.

Texto II

Errata: correções a uma carta

Onde se lê “minha amadinha”, leia-se “prezada senhora”.

Onde se lê “para sempre”, leia-se “ruminando ressentimentos e vomitando mágoas”.

Onde se lê “te amo tanto”, leia-se “bater primeiro as claras em neve”.

Basta corrigir, não precisa responder...

SOARES, Jorge Coelho. Textos “quase poéticos”.

In: *Cult*. São Paulo: Bregantini, ed. 152, nov. 2010. p. 74. Adaptado.

Texto III**Fazer plástico de leite e vinagre**

O melhor: conforme mostram os ingredientes, é biodegradável.

O plástico não é uma substância, é um estado de espírito. De espírito molecular: o que define o comportamento físico dos plásticos que a gente conhece é a sua natureza de polímeros, ou seja, o fato de eles serem formados por longas cadeias de moléculas com a mesma unidade se repetindo por muitas e muitas vezes. Por isso mesmo, tanto faz se a fonte das supercadeias moleculares é o petróleo ou um bom leitinho.

DIFICULTÔMETRO

🕒 Tempo ① ② ③ ④ ⑤

📁 Materiais ① ② ③ ④ ⑤

👉 Habilidade ① ② ③ ④ ⑤

Você vai precisar de:

- 0,5 litro de leite
- 1 colher
- 1 frigideira
- 20 ml de vinagre branco
- luvas de borracha
- água
- 1 panela

Passo a passo:

1. Coloque o leite na panela e comece a esquentá-lo em fogo brando. Não o deixe ferver. Quando estiver a ponto de borbulhar, adicione o vinagre.
2. Mexa a mistura até que apareçam calombos branco-amarelados nela, enquanto o líquido começa a clarear.
3. Desligue o fogo e espere a panela esfriar. Passe a mistura pela peneira de maneira a ficar apenas com os agregados.
4. Coloque a luva e lave os calombos com água. Você pode juntá-los numa única massa. Se apertados com firmeza, vão grudar uns nos outros.
5. Parabéns: você já tem seu plástico feito com caseína, uma proteína do leite. Dá para moldá-lo como quiser e fazer até utensílios de cozinha com ele. Mas saiba que o material não é muito resistente e quebra fácil.

LOPES, José. *Superinteressante*. São Paulo: Abril, jul. 2011, p. 33.

Texto IV

UFG. Campanha "Obra prima". Disponível em <www.bc.ufg.br>. Acesso em: abr. 2019.

Nos textos, predomina um mesmo tipo de sequência textual. Esse tipo é identificado e definido, respectivamente, como:

- a) injuntivo – apresentação de procedimentos a serem seguidos, a fim de se alcançar determinado objetivo.
- b) narrativo – reconstrução de uma sequência de acontecimentos ancorada no espaço e no tempo.
- c) descritivo – detalhamento de objetos e paisagens com vistas à ambientação de ações.
- d) argumentativo – defesa de um argumento para persuadir alguém a aderir a um ponto de vista.
- e) expositivo – explicitação de fatos e ideias, a fim de justificar determinados conteúdos.

51

AS VOZES DO DISCURSO

- As vozes do discurso
- Narrador em 1ª pessoa
- Narrador em 3ª pessoa
- Tipos de discurso
- Transposição dos discursos

HABILIDADES

- Reconhecer a importância da análise das vozes do discurso na construção dos textos literários.
- Identificar os narradores em 1ª e em 3ª pessoa, bem como a subdivisão em narrador observador e narrador onisciente.
- Diferenciar as características morfosintáticas que definem os discursos direto, indireto e indireto livre, principalmente no contexto de transposição de um para outro.

As vozes do discurso



JULIA TOCHILINA/STOCK

As vozes dos discursos que circulam na sociedade não possuem fronteiras absolutamente definidas: há interseções que as fazem dialogar.

A visão do narrador determina, pois, a perspectiva do romance.

TACCA, Oscar. *As vozes do romance*. Trad.: Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

Toda comunicação está sempre inserida em um contexto e, dentro dele, podemos perceber o discurso empregado. Dessa forma, um discurso é toda produção humana, oral ou escrita, capaz de gerar sentido e de comunicá-lo.

Falando especificamente de textos narrativos escritos, toda a trama envolvendo as personagens, bem como os fatos que movimentam a história, estão moldados pela intenção do autor. Essa intenção é materializada pelo discurso e pela forma escolhida pelo narrador em apresentá-la, conforme os tipos de discurso existentes.

As vozes presentes no discurso podem ser em 1ª ou em 3ª pessoa, esta ainda desdobrada em subtipos.

NARRADOR EM 1ª PESSOA

É o narrador-personagem, que participa da história enquanto a descreve diante do leitor. Não raro, é também o protagonista da história. Esse tipo de narrador conta a história a partir de sua interpretação dos fatos e não tem conhecimento total da trama.

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direito à narração. Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos.

Primeiramente, tomei a figura de um barbeiro chinês, bojudo, destro, escanhoando um mandarim, que me pagava o trabalho com beliscões e confeitos: caprichos de mandarim.

Logo depois, senti-me transformado na Suma Teológica de São Tomás, impressa num volume, e encadernada em marroquim, com fechos de prata e estampas; ideia esta que me deu ao corpo a mais completa imobilidade; e ainda agora me lembra que, sendo as minhas mãos os fechos do livro, e cruzando-as eu sobre o ventre, alguém as descruzava (Virgília decerto), porque a atitude lhe dava a imagem de um defunto.

Ultimamente, restituído à forma humana, vi chegar um hipopótamo, que me arrebatou. Deixei-me ir, calado, não sei se por medo ou confiança; mas, dentro em pouco, a carreira de tal modo se tornou vertiginosa, que me atrevi a interrogá-lo, e com alguma arte lhe disse que a viagem me parecia sem destino.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

NARRADOR EM 3ª PESSOA

Esse tipo de narrador não participa dos acontecimentos, apenas os descreve ou relata. Há dois tipos de narrador em 3ª pessoa:

Narrador observador

Possui um conhecimento restrito da trama, uma vez que só pode narrar aquilo que pôde observar.

O sono do líder é agitado. A mulher sacode-o até acordá-lo do pesadelo. Estremunhado, ele se levanta, bebe um gole de água. Diante do espelho refaz uma expressão de homem de meia-idade, alisa os cabelos das têmporas, volta a se deitar. Adormece e a agitação recomeça. “Não, não!” debate-se ele com a garganta seca. O líder se assusta enquanto dorme. [...]

Sim, o povo ameaça o líder do povo. O líder revolve-se na cama. De noite ele tem medo. Mas o pesadelo é um pesadelo sem história. De noite, de olhos fechados, vê caras quietas, uma cara atrás da outra.

E nenhuma expressão nas caras. É só este o pesadelo, apenas isso. Mas cada noite, mal adormece, mais caras quietas vão se reunindo às outras, como na fotografia de uma multidão em silêncio. Por quem é este silêncio? Pelo líder. É uma sucessão de caras iguais como na repetição monótona de um rosto só. Nas caras não há senão a inexpressão. A inexpressão ampliada como em fotografia ampliada. Um painel e cada vez com maior número de caras iguais. É só isso. Mas o líder se cobre de suor diante da visão inócua de milhares de olhos vazios que não pestanejam. Durante o dia o discurso do líder é cada vez mais longo, ele adia cada vez mais o instante da chave de ouro. Ultimamente ataca, denuncia, denuncia, denuncia, esbraveja e quando, em apoteose, termina, vai para o banheiro, fecha a porta e, uma vez sozinho, encosta-se à porta fechada, enxuga a testa molhada com o lenço. Mas tem sido inútil. De noite é sempre maior o número silencioso. Cada noite as caras aproximam-se um pouco mais. Cada noite ainda um pouco mais. Até que ele já lhes sente o calor do hálito. As caras inexpressivas respiram – o líder acorda num grito. Tenta explicar à mulher: sonhei que... sonhei que... Mas não tem o que contar. Sonhou que era um líder de pessoas vivas.

LISPECTOR, Clarice. *Para não esquecer*. São Paulo: Siciliano, 1992.

Narrador onisciente



JULIA TOCHILINA/ISTOCK

De acordo com o foco selecionado, um narrador onisciente pode dar a conhecer a perspectiva íntima das personagens em um texto.

A escolha desse tipo de narrador permite que se conte não apenas todos os fatos e tramas da história, como também os pensamentos e sentimentos das personagens. A crítica sistematiza, *grosso modo*, três tipos de narradores oniscientes: neutro, intruso e múltiplo.

NEUTRO

O narrador é caracterizado como neutro quando, apesar de onisciente, ocorre a narração clássica em

3ª pessoa, ou seja, os fatos são apresentados ao leitor tal qual sua ocorrência. A apresentação tanto dos eventos quanto das personagens é meramente descritiva.

Marinheiros conversavam à proa, sentados uns no castelo, outros em pé, colhendo cabos ou estendendo roupa ao sol, tranqüilamente, esquecidos da faina. As chapas dos mastros, a culatra das peças, varais de escotilha, tudo quanto é aço e metal amarelo reluz fortemente, encandeando a vista.

De vez em quando há um grande rebuliço: a mastreação geme, como se fora desprender-se toda, o pano bate com força de encontro às vergas, chocam-se cabos com um ruídozinho seco, e ouve-se o cachoeirar da água no bojo da velha nau.

— Aguenta! diz uma voz.

E volta o sossego e continua a pasmaceira, o tédio, a calmaria sem fim...

Já os primeiros sintomas de indolência refletiam-se no semblante da gente, convertendo-se em bocejos e espreguiçamentos de sesta, e ainda ficavam tão longe as montanhas da costa e os carinhos da família!... Escasseavam os gêneros, e o regimen de carne-seca e das conservas em lata aproximava-se ameaçadoramente, causando apreensões à marinagem.

Tinham dado onze horas na sineta de proa.

O tenente que estava de quarto no passadiço conferiu o relógio d'algebra, um belo cronômetro de ouro comprado em Toulon, torceu o bigode, passou uma vista d'olhos no aparelho, e, dirigindo-se para a espada que descansava junto ao mastro, numa voz clara um pouco, metálica:

— Corneta!

CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. São Paulo: Ática, 1999.

INTRUSO

O narrador é caracterizado como intruso pelo fato de narrar os acontecimentos de acordo com a própria vontade, uma vez que está a par de todos os aspectos do enredo, o que o permite, embora em 3ª pessoa, impor suas ideias e impressões, de forma enviesada, inclusive tecendo comentários acerca de aspectos da história narrada.

Um criado trouxe o café. Rubião pegou na xícara e, enquanto lhe deitava açúcar, ia disfarçadamente mirando a bandeja, que era de prata lavrada. Prata, ouro, eram os metais que amava de coração; não gostava de bronze, mas o amigo Palha disse-lhe que era matéria de preço, e assim se explica este par de figuras que aqui está na sala, um Mefelistófeles e um Fausto. Tivesse, porém, de escolher, escolheria a bandeja – primor de argenteria, execução fina e acabada. O criado esperava teso e sério. Era espanhol; e não foi sem resistência que Rubião o aceitou das mãos de Cristiano; por mais que lhe dissesse que estava acostumado aos seus crioulos de Minas, e não queria línguas estrangeiras em casa, o amigo Palha

insistiu, demonstrando-lhe a necessidade de ter criados brancos. Rubião cedeu com pena. O seu bom pajem, que ele queria pôr na sala, como um pedaço da província, nem o pôde deixar na cozinha, onde reinava um francês, foi degradado a outros serviços.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Ática, 1997.

MÚLTIPLO

O narrador é caracterizado como múltiplo quando prevalece em sua fala o discurso indireto livre – utilizado como recurso de transição entre os diferentes pontos de vista apresentados.

Este também é um foco narrativo que possibilita apresentar o mesmo fato através de ângulos distintos, os quais são definidos de acordo com a informação que o narrador deseja repassar ao interlocutor.

Realmente para eles era bem pequeno, mas afirmavam que era grande – e marchavam, meio confiados, meio inquietos. Olharam os meninos, que olhavam os montes distantes, onde havia seres misteriosos. Em que estariam pensando? zumbiu Sinha Vitória.

Fabiano estranhou a pergunta e rosou uma objeção. Menino é bicho miúdo, não pensa. Mas Sinha Vitória renovou a pergunta – e a certeza do marido abalou-se. Ela devia ter razão. Tinha sempre razão. Agora desejava saber que iriam fazer os filhos quando crescessem.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. São Paulo: Martins, 1969.

TIPOS DE DISCURSO



JULIA TOCHILINA/ISTOCK

A escolha do tipo de discurso está diretamente relacionada com a seleção do foco narrativo.

A escolha do tipo de discurso em um texto narrativo é fundamental para comunicar ao leitor as experiências e sensações que o autor deseja despertar.

Os tipos de discurso referem-se à maneira pela qual a fala e o ponto de vista das personagens serão apresentados pelo narrador.

Discurso direto

Recebe esse nome porque as falas das personagens são diretas, sem a mediação do narrador. Normalmente, essas falas são iniciadas por travessão e por alguns verbos especiais, chamados verbos dicendi: falar, dizer, indagar, responder, perguntar e declarar, entre outros, geralmente conjugados nos modos perfeito e imperfeito do tempo pretérito.

Vi-o conversar com D. Eusébia, irmã do sargento-mor Domingues, uma robusta donzelona, que se não era bonita, também não era feia.

— Estou muito zangada com o senhor, dizia ela.

— Por quê?

— Porque... não sei por quê... porque é a minha sina... creio às vezes que é melhor morrer.

Tinham penetrado numa pequena moita; era lusco-fusco; eu segui-os. O Vilaça levava nos olhos umas chispas de vinho e de volúpia.

— Deixe-me! disse ela.

— Ninguém nos vê. Morrer, meu anjo? Que idéias são essas! Você sabe que eu morrerei também... que digo?... morro todos os dias, de paixão, de saudades...

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

Aperto o copo na mão. Quando Lorena sacode a bola de vidro a neve sobe tão leve. Rodopia flutuante e depois vai caindo no telhado, na cerca e na menininha de capuz vermelho. Então ela sacode de novo. 'Assim tenho neve o ano inteiro'. Mas por que neve o ano inteiro? Onde é que tem neve aqui? Acha lindo a neve. Uma enjoada. Trinco a pedra de gelo nos dentes.

TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

Finalmente, o discurso indireto livre ocorre a partir do enfraquecimento da voz do narrador, vagarosamente cedendo lugar à voz das personagens. Embora a palavra não seja concedida de modo explícito às personagens, ela vai surgindo, ao longo da narrativa, sem prévia indicação:

Caim mal podia acreditar no que os seus olhos viam. Não bastavam sodoma e gomorra arrasadas pelo fogo, aqui, no sopé do monte sinai, ficara patente a prova irrefutável da profunda maldade do senhor, três mil homens mortos só porque ele tinha ficado irritado com a invenção de um suposto rival em figura de bezerro, Eu não fiz mais que matar um irmão e o senhor castigou-me, quero ver agora quem vai castigar o senhor por estas mortes, pensou Caim, e logo continuou, Lúcifer sabia bem o que fazia quando se rebelou contra deus, há quem diga que o fez por inveja e não é certo, o que ele conhecia era a maligna natureza do sujeito.

SARAMAGO, José. *Caim*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Discurso indireto

Nessa forma, há a interferência do narrador na fala das personagens, uma vez que elas não falam por si. Em vez disso, são descritas em 3ª pessoa, com frequente uso de orações subordinadas.

Dona Abigail sentou-se na cama, sobressaltada, acordou o marido e disse que havia sonhado que iria faltar feijão. Não era a primeira vez que esta cena ocorria. Dona Abigail, consciente de seus afazeres de dona-de-casa, vivia constantemente atormentada por pesadelos desse gênero. E de outros gêneros, quase todos alimentícios. Ainda bêbado de sono, o marido esticou o braço e apanhou a carteira sobre a mesinha de cabeceira: 'Quanto é que você quer?'

NOVAES, Carlos Eduardo. *O sonho do feijão*. Editora Ática. 1981. (Para gostar de ler)

Discurso indireto livre

Essa forma é bastante elaborada e mescla as palavras das personagens com as do narrador, exigindo que o leitor descubra os limites do texto.

De natureza dinâmica, o discurso indireto livre permite que as ações da trama sejam narradas simultaneamente e as falas das personagens estejam misturadas às do narrador, sem que haja marcas que delimitem uma ou outra.

TRANSPOSIÇÃO DOS DISCURSOS



KUBKOO/ISTOCK

É possível passar um discurso que esteja na forma direta para a forma indireta e vice-versa. Esse recurso é muito valioso para exercitar as possibilidades de escrita, as regras gramaticais da norma culta da língua e também para enriquecer a estética da narrativa.

Discurso direto para o discurso indireto

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

— Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar?

Ele foi simples: — Sim, já beijei antes uma mulher.

— Quem era ela? perguntou com dor.

Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer.

LISPECTOR, Clarice. Primeiro beijo. In: _____. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Passando esse trecho do conto de Clarice Lispector, que está em discurso direto, para o discurso indireto, teríamos o seguinte:

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme. Ela disse que estava bem e que acreditava ser a primeira namorada dele. Isso a fazia feliz. Entretanto, ela ousara perguntar-lhe, exigindo que ele dissesse a verdade, somente a verdade, se nunca havia beijado outra mulher antes.

De maneira simples ele disse que já havia, sim, beijado outra mulher antes.

Golpeada pela dor, ela perguntara quem havia sido, mas ele não sabia como dizer. Tentou em vão contar-lhe a verdade, toscamente.

Discurso indireto para o discurso direto

Agora, vamos fazer o caminho inverso: transformar um texto escrito em discurso indireto em um texto com discurso direto.

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou que Dario estava morrendo. Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina. Já tinha introduzido no carro metade do corpo, quando o motorista protestou: se ele morresse na viagem? A turba concordou em chamar a ambulância. Dario foi conduzido de volta e encostado à parede – não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

TREVISAN, Dalton. A turba. In: *Cemitério de elefantes*. Janeiro: Record, 1964.

Fazendo a transposição para o discurso direto, temos a seguinte versão:

Uma velhinha de cabeça grisalha gritou:

– O Dario está morrendo!

Um grupo transportou-o na direção do táxi estacionado na esquina e já o tinham introduzido no carro até a metade do corpo, quando o motorista protestou:

– E se ele morrer na viagem?

A turba concordou em chamar a ambulância e Dario foi conduzido de volta, sendo encostado à parede – não tinha os sapatos e o alfinete de pérola na gravata.

Ao serem transpostos de uma das formas para outra, houve alterações essenciais nos discursos.

A seguir, vamos elencar algumas das regras gerais que norteiam essa transposição.

	Discurso direto	Discurso indireto
Enunciado	<i>Não me dirija a palavra nunca mais!</i>	<i>Exigiu que não lhe dirigisse a palavra nunca mais.</i>
Regra	Enunciado no modo imperativo	Enunciado no modo subjuntivo
Enunciado	<i>Preciso falar com ela antes da viagem.</i>	<i>Disse que precisava falar com ela antes da viagem.</i>
Regra	Enunciado na 1ª pessoa	Enunciado na 3ª pessoa
Enunciado	<i>Este parece ser o melhor caminho.</i>	<i>Disse que aquele parecia ser o melhor caminho.</i>
Regra	Pronome demonstrativo em 1ª pessoa	Pronome demonstrativo em 3ª pessoa
Enunciado	<i>Encontro muitos amigos aqui no parque.</i>	<i>Disse que encontrava muitos amigos lá no parque.</i>
Regra	Advérbio de lugar aqui	Advérbio de lugar lá
Enunciado	<i>Sou o cliente que ligou pela manhã.</i>	<i>Afirmou que era o cliente que havia ligado de manhã.</i>
Regra	Enunciado no presente	Enunciado no pretérito imperfeito
Enunciado	<i>Não assisti ao jogo pela TV.</i>	<i>Falou que não assistira ao jogo pela TV.</i>
Regra	Enunciado no pretérito perfeito	Enunciado no pretérito mais-que-perfeito
Enunciado	<i>Vocês farão os exercícios à noite?</i>	<i>Perguntei se fariam os exercícios à noite.</i>
Regra	Enunciado no futuro do presente	Enunciado no futuro do pretérito

LEITURA COMPLEMENTAR

O intercruzamento de vozes e a construção do discurso

Em textos que se constróem pondo em relevo a função comunicativa básica de apresentar o ponto de vista do sujeito do discurso sobre o tema em foco, com frequência, “outras vozes” são incorporadas à voz do sujeito nos enunciados emitidos.

Tal procedimento resulta em dois tipos básicos de construção discursiva para expressar opiniões:

1º – as que se constróem manifestando apenas a “voz” do próprio sujeito discursivo, em perspectiva única; ou

2º – com a incorporação de “vozes” de outros sujeitos à voz do sujeito discursivo do relato, embutindo-as na sua própria maneira de “perspectivizar” os fatos que apresenta ou as opiniões que manifesta: em perspectiva múltipla.

Nos textos construídos em “perspectiva múltipla”, a integração de outras vozes à voz do sujeito é governada pela “perspectiva ou voz” do sujeito do discurso. Tal incorporação produz significações distintas, conforme as formas gramaticais que são escolhidas para integrá-las.

Na configuração dos espaços mentais que estruturavam parcialmente a construção dos argumentos com os quais as opiniões eram expressas, informações importadas de outros espaços mentais e de múltiplos domínios cognitivos apareciam intercruzadas. Com frequência, os espaços mentais que se estruturam a partir desses intercruzamentos revelam-se resultantes de mesclagem.

Aspectos dos primeiros estudos sobre “mesclagem” desenvolvem-se a partir de pressupostos teóricos tais como aqui apresentados:

1º – Pensamento e linguagem dependem, entre outras coisas, da capacidade humana para manejar informações de mapeamentos entre espaços mentais;

2º – Os mapeamentos se efetuam em construções localizadas de espaços e conexões do discurso cotidiano, incluindo a elaboração dos sistemas de tempo e modo verbais que a língua usa para guiar os falantes através dos espaços interconectados;

3º – Há dimensões distintas de operações cognitivas que são desempenhadas sobre tais estruturas, tais como os elos analógicos e inferências nas configurações dos espaços;

4º – Todas as formas de pensamento são criativas no sentido de que produzem novos elos, novas configurações e, correspondentemente, novos significados e novas conceptualizações;

5º – Um dos importantes processos cognitivos que governa vários aspectos desta criatividade depende, fundamen-

talmente, de mapeamentos entre espaços mentais, ou seja, do processo cognitivo de mesclagem.



GREENVECTOR/STOCK

De acordo com seus objetivos, é comum que os falantes incorporem outras vozes às suas durante a enunciação.

Observando como as mudanças de perspectivas se manifestam nos relatos de opinião, acreditamos que, no processo de incorporação de vozes à perspectiva de apresentação de enunciados pelo sujeito discursivo, estamos diante de operações cognitivas em que mapeamentos entre espaços e domínios se intercruzam.

Se o sujeito discursivo embute a voz de outro(s) em sua voz, a conceptualização resultante é fruto de um processo de emparelhamento de conceptualizações de vários sujeitos e, provavelmente, de um processo de seleção de informações que devem ser transferidas entre os espaços e domínios interconectados.

Na medida em que o sujeito discursivo não renuncia ao seu papel de organizador dos enunciados e seleciona, por uma espécie de “filtragem”, quais e de que forma integrará “outras vozes” à sua, tudo nos leva a crer que as escolhas que efetua devam estar relacionadas aos significados que pretende construir e transmitir aos seus interlocutores.

Assim considerando, as correlações que podem ser inferenciadas na descrição destes espaços manifestam que tais construções linguísticas estão calcadas em operações mentais bastante criativas. Tal criatividade emerge de transferências de informações entre as conceptualizações emparelhadas na estruturação do novo espaço e que pré-organizam o embutimento de múltiplas vozes à voz do sujeito do discurso. Portanto, um processo de mesclagem configura os enunciados em que múltiplas vozes se incorporam à voz do sujeito.

CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. Um “olhar” sobre o processo cognitivo de mesclagem de vozes. *Veredas*: revista de estudos lingüísticos. Juiz de Fora: UFJE, v 3 - n 1 - p. 97 a 114.

ROTEIRO DE AULA

AS VOZES DO DISCURSO

Em relação a textos da tipologia narrativa, as tramas envolvem personagens em fatos que são apresentados pelo

narrador,

cujo discurso pode ser do tipo

direto,

indireto,

indireto livre,

quando

as falas das personagens são apresentadas diretamente, sem mediação do narrador,

quando

há interferência do narrador na fala das personagens,

quando

as falas do narrador são mescladas com as das personagens de tal forma que não seja automática sua distinção,

com auxílio dos

verbos *dicendi*.

com auxílio de

descrição em 3ª pessoa e frequente uso de orações subordinadas.

sem auxílio de

marcas textuais que delimitem essas falas.

ROTEIRO DE AULA

pode ocorrer com foco narrativo em

1ª pessoa,

**em que o narrador
é clasificado como**

personagem,

**que apresenta os fatos a
partir de seu**

ponto de vista.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

pode ocorrer com foco narrativo em

3ª pessoa

em que o narrador pode ser classificado como

observador,

onisciente,

uma vez que

tem conhecimento restrito da trama, narrando apenas o que pode observar.

sistemizado como

neutro,

intruso,

múltiplo,

uma vez que

apesar de ser onisciente, os fatos são apresentados tal qual sua ocorrência.

uma vez que

apresenta os fatos de acordo com sua vontade e impressões, inclusive, podendo tecer comentários acerca dos eventos e das personagens.

uma vez que

prevalece em sua fala o discurso indireto livre, como recurso de transição entre os diferentes pontos de vista apresentados.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UFU-MG

Por que Raduan Nassar parou de escrever? Essa pergunta com ares novelescos continua um enigma inexplicado. Depois de se preparar por 20 anos, a consagração veio junto com a estreia no lançamento do romance *Lavoura Arcaica* (1975), seguido de outro êxito atordoante, a novela *Um copo de cólera* (1978). No auge de uma carreira recém-começada, as traduções de vento em popa, quando seus leitores antecipam proezas ainda maiores que estavam por vir, de repente o escritor paulista anunciou que passava a arar outras terras, trocava a literatura pela agricultura [...].

FRIAS FILHO, Otavio. O silêncio de Raduan. *Folha de S. Paulo*, 10 out. 1996.

Na coluna publicada no jornal *Folha de S. Paulo* em outubro de 1996, a informação sobre o abandono da literatura pelo escritor Raduan Nassar:

- foi transcrita sob a forma de discurso indireto introduzido por um verbo de dizer que pode ser considerado sinônimo de *declarar*.
- foi relatada sem marcas linguísticas que permitam distinguir as palavras do escritor das palavras do autor do texto.
- foi transcrita diretamente embora não seja possível identificar as marcas formais comumente usadas nessa forma de discurso relatado.
- foi relatada indiretamente sem que as regras gramaticais para esse fim fossem seguidas adequadamente pelo autor do texto.

No final do texto, o jornalista coloca que o escritor anunciou seu abandono da literatura. Assim, ao valer-se do verbo *dicendi* "anunciou", ele emprega o discurso indireto.

2. Unifesp-SP – Leia a crônica Premonitório, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à questão:

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: "Não saia casa 3 outubro abraços".

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. **E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.**

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. **Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o "pois não" melodioso de d. Anita, durante o dia.** A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: "como é?", e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de *arma virumque cano*¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: "Dia 4 nós conversamos." Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu

na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. **Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância.** Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: "Passe de largo"; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. **Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: "Desculpe, é engano", ou ficava mudo, sem desligar.** Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. "Deve ser engano." "Não é não, o chefe está à espera." "Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou." "É hoje e é já." "Impossível." Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. "O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo" – disse-lhe o chefe. – "Que sabe a respeito do troço?" "Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje." "Vai estourar?" "Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?" "Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro." "Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?" "Sou professor de latim, e corrijo a epigrafe de um trabalho." "Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?" "São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido." "E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?" Emudeceu. "Diga, vamos!" "Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso." "O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?" "Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?" "Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa." "Mas, doutor..." Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: "O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafava prevenindo. Juro!"

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Premonitório. In: _____. *70 historinhas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

¹ *arma virumque cano*: "canto as armas e o varão" (palavras iniciais da epopeia *Eneida*, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

O chamado discurso indireto livre constitui uma construção em que a voz da personagem se mescla à voz do narrador. Verifica-se a ocorrência de discurso indireto livre em:

- a) Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o 'pois não' melodioso de d. Anita, durante o dia.
- b)** E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.
- c) Ai, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância.
- d) Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: 'Desculpe, é engano', ou ficava mudo, sem desligar.
- e) O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?

Em B, vemos a voz da personagem mesclada à do narrador quando ele comenta "veja só; o pai nem tomara o mingau com broa," como se a personagem estivesse pensando isso naquele momento.

3. UFRGS-RS – A questão a seguir está relacionada ao texto seguinte.

– **Temos sorte de viver no Brasil – dizia meu pai, depois da guerra.** – Na Europa mataram milhões de judeus.

Contava as experiências que os médicos nazistas faziam com os prisioneiros. Decejavam-lhes as cabeças, faziam-nas encolher – à maneira, li depois, dos índios Jívaros. Amputavam pernas e braços. Realizavam estranhos transplantes: uniam a metade superior de um homem à metade inferior de uma mulher, ou aos quartos traseiros de um bode. Felizmente morriam essas atrocidades quimeras; expiravam como seres humanos, não eram obrigadas a viver como aberrações. (A essa altura eu tinha os olhos cheios de lágrimas. Meu pai pensava que a descrição das maldades nazistas me deixava comovido.)

Em 1948 foi proclamado o Estado de Israel. Meu pai abriu uma garrafa de vinho – o melhor vinho do armazém –, brindamos ao acontecimento. E não saímos de perto do rádio, acompanhando as notícias da guerra no Oriente Médio. Meu pai estava entusiasmado com o novo Estado: em Israel, explicava, vivem judeus de todo o mundo, judeus brancos da Europa, judeus pretos da África, judeus da Índia, isto sem falar nos beduínos com seus camelos: tipos muito esquisitos, Guedali.

Tipos esquisitos – aquilo me dava ideias. Por que não ir para Israel? Num país de gente tão estranha – e, ainda por cima, em guerra – eu certamente não chamaria a atenção. Ainda menos como combatente, entre a poeira e a fumaça dos incêndios. Eu me via correndo pelas ruelas de uma aldeia, empunhando um revólver trinta e oito, atirando sem cessar; eu me via caindo, varado de balas. Aquela, sim, era a morte que eu almejava, morte heroica, esplêndida justificativa para uma vida miserável, de monstro encurralado. E, caso não morresse, poderia viver depois num *kibutz*. Eu, que conhecia tão bem a vida numa fazenda, teria muito a fazer ali. Trabalhador dedicado, os membros do *kibutz* terminariam por me aceitar; numa nova sociedade há lugar para todos, mesmo os de patas de cavalo.

SCLIAR, Moacyr. *O centauro no jardim*. Porto Alegre: L&PM, 2001. Adaptado.

Assinale a alternativa que apresenta a transposição correta para o discurso indireto do trecho abaixo:

– Temos sorte de viver no Brasil – dizia meu pai, depois da guerra.

- a) Dizia meu pai que tinha sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- b)** Dizia meu pai que tínhamos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- c) Dizia meu pai para mim que tivéramos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- d) Dizia meu pai: temos sorte de viver no Brasil depois da guerra.
- e) Disse meu pai que tivemos sorte de viver no Brasil depois da guerra.

Para realizar tal transposição, é necessário que o verbo da oração "temos" seja modificado do presente do indicativo para o pretérito imperfeito do indicativo; logo, a transposição é "Dizia meu pai que tínhamos sorte de viver no Brasil depois da guerra".

4. Unesp-SP – Leia o conto A moça rica, de Rubem Braga (1913-1990), para responder à questão a seguir.

A madrugada era escura nas moitas de mangue, e eu avançava no batelão¹ velho; remava cansado, com um resto de sono. De longe veio um rincho² de cavalo; depois, numa chõça de pescador, junto do morro, tremulou a luz de uma lamparina.

Aquele rincho de cavalo me fez lembrar a moça que eu encontrara galopando na praia. Ela era corada, forte. Viera do Rio, sabíamos que era muito rica, filha de um irmão de um homem de nossa terra. A princípio a olhei com espanto, quase desgosto: ela usava calças compridas, fazia caçadas, dava tiros, saía de barco com os pescadores. Mas na segunda noite, quando nos juntamos todos na casa de Joaquim Pescador, ela cantou; tinha bebido cachaça, como todos nós, e cantou primeiro uma coisa em inglês, depois o *Luar do sertão* e uma canção antiga que dizia assim: "Esse alguém que logo encanta deve ser alguma santa". Era uma canção triste.

Cantando, ela parou de me assustar; cantando, ela deixou que eu a adorasse com essa adoração súbita, mas tímida, esse fervor confuso da adolescência – adoração sem esperança, ela devia ter dois anos mais do que eu. E amaria o rapaz de suéter e sapato de basquete, que costuma ir ao Rio, ou (murmurava-se) o homem casado, que já tinha ido até à Europa e tinha um automóvel e uma coleção de espingardas magníficas. Não a mim, com minha pobre *flaubert*³, não a mim, de calça e camisa, descalço, não a mim, que não sabia lidar nem com um motor de popa, apenas tocar um batelão com meu remo.

Duas semanas depois que ela chegou é que a encontrei na praia solitária; eu vinha a pé, ela veio galopando a cavalo; vi-a de longe, meu coração bateu adivinhando quem poderia estar galopando sozinha a cavalo, ao longo da praia, na manhã fria. Pensei que ela fosse passar me dando apenas um adeus, esse "bom-dia" que no interior a gente dá a quem encontra; mas parou, o animal resfolegando e ela respirando forte, com os seios agitados dentro da blusa fina, branca. São as duas imagens que se gravaram na minha memória, desse encontro: a pele escura e suada do cavalo e a seda branca da blusa; aquela dupla respiração animal no ar fino da manhã.

E saltou, me chamando pelo nome, conversou comigo. Séria, como se eu fosse um rapaz mais velho do que ela, um

homem como os de sua roda, com calças de “palm-beach”, relógio de pulso. Perguntou coisas sobre peixes; fiquei com vergonha de não saber quase nada, não sabia os nomes dos peixes que ela dizia, deviam ser peixes de outros lugares mais importantes, com certeza mais bonitos. Perguntou se a gente comia aqueles cocos dos coqueirinhos junto da praia – e falou de minha irmã, que conhecera, quis saber se era verdade que eu nadara desde a ponta do Boi até perto da lagoa.

De repente me fulminou: “Por que você não gosta de mim? Você me trata sempre de um modo esquisito...” Respondi, estúpido, com a voz rouca: “Eu não”.

Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela, e eu disse: “Não é isso.” Montou o cavalo, perguntou se eu não queria ir na garupa. Invenitei que precisava passar na casa dos Lisboa. Não insistiu, me deu um adeus muito alegre; no dia seguinte foi-se embora.

Agora eu estava ali remando no batelão, para ir no Severo rone apanhar uns camarões vivos para isca; e o relincho distante de um cavalo me fez lembrar a moça bonita e rica. Eu disse comigo – rema, bobalhão! – e fui remando com força, sem ligar para os respingos de água fria, cada vez com mais força, como se isto adiantasse alguma coisa.

BRAGA, Rubem. A moça rica. In: _____. *Os melhores contos*. São Paulo: Global, 1997.

¹ batelão: embarcação movida a remo.

² rincho: relincho.

³ *flaubert*: um tipo de espingarda.

Ao se converter o trecho “Ela então riu, disse que eu confessara que não gostava mesmo dela” para o discurso direto, o verbo “confessara” assume a forma:

- | | |
|----------------------|-----------------------|
| a) confessei. | d) confesso. |
| b) confessou. | e) confessava. |
| c) confessa. | |

Na transposição do discurso indireto para o direto, o termo “confessara”, no pretérito mais-que-perfeito do Indicativo, deve adotar a forma do pretérito perfeito do mesmo modo na terceira pessoa do singular: “– Você confessou!” Assim, é correta a opção B.

5. IFSP – Leia o texto adaptado abaixo da *Revista Língua Portuguesa*, nº 104, de junho de 2014, para responder à questão.

Os legos escritores

O cientista molecular Jared K. Burks, criador da marca Fine Clonier, deu início à carreira de personalizar minifiguras há 15 anos, quando a linha Lego Star Wars foi lançada. Fã de ficção científica, coleciona figuras desde criança.

Desanimado com as personagens do mercado, criou um método de decalques, o toboágua, e a partir daí aprendeu a esculpir e montar elencos. Assim surgiu o *site Fine Clonier*. Em 2007, o *site* realizou um concurso sobre versões de figuras históricas e literárias com Lego.

– Aprendi sobre a criação de acessórios de pano, pintura, vinil e muitas outras. Passei a escrever para o *BrickJournal*, especializado em minifiguras e, por meio dele, compartilhei o que eu sei em vários *sites* – disse Burks.

De acordo com Celso Cunha, discurso é a prática humana de construir textos, sejam eles escritos ou orais. No texto, há um discurso direto, transcrito abaixo.

– Aprendi sobre a criação de acessórios de pano, pintura, vinil e muitas outras. Passei a escrever para o *BrickJournal*, especializado em minifiguras e, por meio dele, compartilhei o que eu sei em vários *sites* – disse Burks.

Assinale a alternativa que apresenta a correta transposição do trecho para o discurso indireto.

- a) Burks disse que aprendia sobre a criação de acessórios de pano, pintura, vinil e muitas outras. Passava a escrever para o *BrickJournal*, especializado em minifiguras e, por meio dele, compartilhava o que soube em vários *sites*.
- b) Burks disse que aprendeu sobre a criação de acessórios de pano, pintura, vinil e muitas outras. Passou a escrever para o *BrickJournal*, especializado em minifiguras e, por meio dele, compartilhou o que soubera em vários *sites*.
- c) Burks dissera que aprendera sobre a criação de acessórios de pano, pintura, vinil e muitas outras. Passara a escrever para o *BrickJournal*, especializado em minifiguras e, por meio dele, compartilhara o que soubera em vários *sites*.
- d) Burks dizia que aprenderia sobre a criação de acessórios de pano, pintura, vinil e muitas outras. Passaria a escrever para o *BrickJournal*, especializado em minifiguras e, por meio dele, compartilharia o que soubera em vários *sites*.
- e) Burks disse que aprendera sobre a criação de acessórios de pano, pintura, vinil e muitas outras. Passara a escrever para o *BrickJournal*, especializado em minifiguras e, por meio dele, compartilhara o que sabia em vários *sites*.**

Tendo em vista que há duas ações no passado, uma que é o fato de que Burks disse algo e outra que é o que ele narra em seu discurso, podemos pensar em uma transposição para o discurso indireto que faça uso do pretérito mais-que-perfeito, já que este indica um acontecimento anterior a outro no passado.

6. EsPCEX-SP

C5-H16

Assinale a alternativa que apresenta exemplo de discurso indireto livre.

- a) – Desejo muito conhecer Carlota – disse-me Glória, a certo ponto da conversação. – Por que não a trouxe consigo?
- b) Omar queixou-se ao pai. Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor?**
- c) – Isso não pode continuar assim, respondeu ela; – é preciso que façamos as pazes definitivamente.
- d) Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. Ele respondeu que, pela vontade dele, naquele mesmo instante.
- e) Daí a pouco chegou João Carlos e, após ligeiro exame, receitou alguma coisa, dizendo que nada havia de anormal...

No discurso indireto livre, há uma fusão dos tipos de discurso (direto e indireto), ou seja, há intervenções do narrador e reprodução da fala das personagens, sem marcas que mostrem a mudança do discurso. Isso acontece na frase da alternativa B, em que a fala da personagem e do narrador onisciente são confundidas. Em A e C, configura-se o discurso direto pela fala da personagem e em D e E, o discurso indireto pela intervenção do narrador.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

7. EFOMM-RJ

A pipoca

A culinária me fascina. De vez em quando eu até me até atrevo a cozinhar. Mas o fato é que sou mais competente com as palavras que com as panelas. Por isso tenho mais escrito sobre comidas que cozinhado. Dedico-me a algo que poderia ter o nome de “culinária literária”. Já escrevi sobre as mais variadas entidades do mundo da cozinha: cebolas, ora-pro-nóbis, picadinho de carne com tomate feijão e arroz, bacalhoadas, suflês, sopas, churrascos. Cheguei mesmo a dedicar metade de um livro poético-filosófico a uma meditação sobre o filme *A festa de Babette*, que é uma celebração da comida como ritual de feitiçaria. Sabedor das minhas limitações e competências, nunca escrevi como chef. Escrevi como filósofo, poeta, psicanalista e teólogo – porque a culinária estimula todas essas funções do pensamento.

As comidas, para mim, são entidades oníricas. Provocam a minha capacidade de sonhar. Nunca imaginei, entretanto, que chegaria um dia em que a pipoca iria me fazer sonhar. Pois foi precisamente isso que aconteceu. A pipoca, milho mirrado, grãos redondos e duros, me pareceu uma simples molecagem, brincadeira deliciosa, sem dimensões metafísicas ou psicanalíticas. Entretanto, dias atrás, conversando com uma paciente, ela mencionou a pipoca. E algo inesperado na minha mente aconteceu. Minhas ideias começaram a estourar como pipoca. Percebi, então, a relação metafórica entre a pipoca e o ato de pensar. Um bom pensamento nasce como uma pipoca que estoura, de forma inesperada e imprevisível. A pipoca se revelou a mim, então, como um extraordinário objeto poético. Poético porque, ao pensar nelas, as pipocas, meu pensamento se pôs a dar estouros e pulos como aqueles das pipocas dentro de uma panela.

Lembrei-me do sentido religioso da pipoca. A pipoca tem sentido religioso? Pois tem. Para os cristãos, religiosos são o pão e o vinho, que simbolizam o corpo e o sangue de Cristo, a mistura de vida e alegria (porque vida, só vida, sem alegria, não é vida...). Pão e vinho devem ser bebidos juntos. Vida e alegria devem existir juntas. Lembrei-me, então, de lição que aprendi com a Mãe Stella, sábia poderosa do candomblé baiano: que a pipoca é a comida sagrada do candomblé...

A pipoca é um milho mirrado, subdesenvolvido. Fosse eu agricultor ignorante, e se no meio dos meus milhos graúdos aparecessem aquelas espigas nanicas, eu ficaria bravo e trataria de me livrar delas. Pois o fato é que, sob o ponto de vista do tamanho, os milhos da pipoca não podem competir com os milhos normais. Não sei como isso aconteceu, mas o fato é que houve alguém que teve a ideia de debulhar as espigas e colocá-las numa panela sobre o fogo, esperando que assim os grãos amolecessem e pudessem ser comidos. Havendo fracassado a experiência com água, tentou a gordura. O que aconteceu, ninguém jamais poderia ter imaginado. Repentinamente os grãos começaram a estourar, saltavam da panela com uma enorme barulheira. Mas o extraordinário era o que acontecia com eles: os grãos duros quebra-dentes se transformavam em flores brancas e macias que até as crianças podiam comer. O estouro das pipocas se transformou, então, de uma simples operação culinária, em uma festa, brincadeira, molecagem, para os

risos de todos, especialmente as crianças. É muito divertido ver o estouro das pipocas!

E o que é que isso tem a ver com o candomblé? É que a transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação porque devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser. O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro. O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer, pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa – voltar a ser crianças!

Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo. Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca, para sempre. Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosas. Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre. Pode ser fogo de dentro. Pânico, medo, ansiedade, depressão – sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso aos remédios. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação.

Imagino que a pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pense que sua hora chegou: vai morrer. De dentro de sua casca dura, fechada em si mesma, ela não pode imaginar destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada. A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo, a grande transformação acontece: pum! – e ela aparece como uma outra coisa, completamente diferente, que ela mesma nunca havia sonhado. É a lagarta rastejante e feia que surge do casulo como borboleta voante.

Na simbologia cristã o milagre do milho de pipoca está representado pela morte e ressurreição de Cristo: a ressurreição é o estouro do milho de pipoca. É preciso deixar de ser de um jeito para ser de outro. “Morre e transforma-te!” – dizia Goethe.

Em Minas, todo mundo sabe o que é piruá. Falando sobre os piruás com os paulistas descobri que eles ignoram o que seja. Alguns, inclusive, acharam que era gozação minha, que piruá é palavra inexistente. Cheguei a ser forçado a me valer do Aurélio para confirmar o meu conhecimento da língua. Piruá é o milho de pipoca que se recusa a estourar. Meu amigo William, extraordinário professor-pesquisador da Unicamp, especializou-se em milhos, e desvendou cientificamente o assombro do estouro da pipoca. Com certeza ele tem uma explicação científica para os piruás. Mas, no mundo da poesia as explicações científicas não valem. Por exemplo: em Minas “piruá” é o nome que se dá às mulheres que não conseguiram casar. Minha prima, passada dos quarenta, lamentava: “Fiquei piruá!” Mas acho que o poder metafórico dos piruás é muito maior. Piruás são aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem. Ignoram o

dito de Jesus: “Quem preservar a sua vida perdê-la-á.” A sua presunção e o seu medo são a dura casca do milho que não estoura. O destino delas é triste. Vão ficar duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca macia. Não vão dar alegria para ninguém. Terminado o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela ficam os piruás que não servem para nada. Seu destino é o lixo. Quanto às pipocas que estouraram, são adultos que voltaram a ser crianças e que sabem que a vida é uma grande brincadeira...

ALVES, Rubens. A pipoca. *Correio Popular*. Campinas, 27 maio. 2005.

Minha prima, passada dos quarenta, lamentava: ‘Fiquei piruá!’

Essa passagem com a transposição do discurso direto para o indireto, considerando-se a norma culta, ficaria adequadamente organizada na opção:

- Minha prima, passada dos quarenta, lamentava que ficou piruá.
- Minha prima, passada dos quarenta, lamentava que tinha ficado piruá.
- Minha prima, passada dos quarenta, havia lamentado que ficou piruá.
- Minha prima, passada dos quarenta, lamentava que teria ficado piruá.
- Minha prima, passada dos quarenta, lamentava que ficará piruá.

8. Unifesp-SP – Leia a fábula A raposa e o lenhador, do escritor grego Esopo (620 a.C.-564 a.C.), para responder à questão a seguir:

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de gratidão. A raposa respondeu: “Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras.”

ESOPO. A raposa e o lenhador. In: _____. *Fábulas completas*. Trad. Maria Celeste C. Dezotti. (Ilustrações de) Eduardo Berliner. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Os trechos “Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana” e “vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa” foram construídos em discurso indireto. Ao se transpor tais trechos para o discurso direto, o verbo “entrasse” e a locução verbal “tinha visto” assumem, respectivamente, as seguintes formas:

- “entrai” e “vira”.
- “entrou” e “viu”.
- “entre” e “vira”.
- “entre” e “viu”.
- “entrai” e “viu”.

9. UFRGS-RS

Não faz muito que temos esta nova TV com controle remoto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento sem o qual eu não saberia viver. Passo os dias sentado

na velha poltrona, mudando de um canal para o outro – uma tarefa que antes exigia certa movimentação, mas que agora ficou muito fácil. Estou num canal, não gosto – zap, mudo para outro. **Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora**, diz minha mãe. Trata-se de uma pretensão fantasiosa, mas pelo menos indica disposição para o humor, admirável nessa mulher.

Sofre minha mãe. Sempre sofreu: infância carente, pai cruel, etc. Mas o seu sofrimento aumentou muito quando meu pai a deixou. Já faz tempo; foi logo depois que eu nasci, e estou agora com treze anos. Uma idade em que se vê muita televisão, e em que se muda de canal constantemente, ainda que minha mãe ache isso um absurdo. Da tela, uma moça sorridente pergunta se o caro telespectador já conhece certo novo sabão em pó. **Não conheço nem quero conhecer**, de modo que – zap – mudo de canal. “Não me abandone, Mariana, não me abandone!”. Abandono, sim. Não tenho o menor remorso, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes, e – zap – um homem falando. Um homem, abraçado à guitarra elétrica, fala a uma entrevistadora. É um roqueiro. É meio velho, tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

É sobre mim que ele fala. Você tem um filho, não tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido – situação pouco admissível para um roqueiro de verdade –, diz que sim, que tem um filho só que não vê há muito tempo. Hesita um pouco e acrescenta: você sabe, eu tinha que fazer uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém, insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock? Que você saiba, seu filho gosta de rock?

Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso à desbotada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de baixíssima audiência – e ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embarça e à qual não sabe responder. E então ele me olha. **Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha**; aparentemente é isso; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que, em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta à pergunta da apresentadora: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa? – mas aí comete um engano mortal: insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro. Seu rosto se ilumina e **ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele**, mas nesse momento – zap – aciono o controle remoto e ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que está – à exceção do pequeno relógio que usa no pulso – nua, completamente nua.

SCLIAR, Moacyr. Zap. In: MORICONI, Ítalo. (Org.) *Os cem melhores contos brasileiros*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

Na primeira lista, abaixo, são alinhados modos diferentes de apresentação, pelo narrador, de discurso direto e indireto no interior da narrativa; na lista seguinte, passagens que correspondem à caracterização desses discursos e suas relações aos dizeres do narrador-personagem e demais personagens presentes no texto.

Associe corretamente a primeira lista à segunda.

1. Passagem que traz o discurso direto do narrador-personagem, que revela os diálogos entre ele e a televisão.

2. Passagem que traz o discurso direto, que revela o dizer da mãe do narrador-personagem.
3. Passagem que traz o discurso indireto, que revela o dizer da mãe do narrador-personagem.
4. Passagem que traz o discurso indireto, que revela a suposição do narrador-personagem do dizer do pai.
5. Passagem que traz o discurso indireto, que revela a suposição do narrador-personagem a respeito do que o pai irá responder.
6. Passagem que traz o discurso indireto, que revela a suposição do narrador-personagem da resposta dos leitores sobre suas convicções.

- () Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora [...].
- () Não conheço nem quero conhecer [...].
- () Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha [...].
- () [...] ele vai dizer que sim, que seu filho ama o *rock* tanto quanto ele [...].

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- a)** 1 – 5 – 3 – 4.
b) 2 – 1 – 6 – 5.
c) 3 – 6 – 4 – 5.
d) 4 – 2 – 3 – 1.
e) 5 – 3 – 6 – 1.

- 10. Unesp-SP** – Para responder à questão a seguir, leia a crônica *Seu Alfredo* de Vinicius de Moraes (1913-1980), publicada originalmente em setembro de 1953.

Seu Alfredo (ele sempre subtraía o “l” do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: “Alfredo Paiva, um seu criado...”) tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerrador. Como encerrador, não ia muito lá das pernas. Lembro-me que, sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas, como linguista, cultor do vernáculo¹ e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Alfredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente ressabiada² quando seu Alfredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde vais assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à lide³ caseira, queixou-se do fatigante ramerrão⁴ do trabalho doméstico. Seu Alfredo virou-se para ela e disse:

– Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua quilometragem. Diz que é muito bom.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Alfredo, acorçado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Alfredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

– Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

– É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas, um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerrador:

– Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Alfredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

– Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, ‘tá redondamente enganada. Nem em programa de calouro!

E, a seguir, ponderou:

– Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

– Eximinista pianista!

MORAES, Vinicius de. *Seu Alfredo*. In: _____. *Para uma menina com uma flor*. São Paulo: Companhia Das Letras, 2009.

¹ vernáculo: a língua própria de um país; língua nacional.

² ressabiado: desconfiado.

³ lide: trabalho penoso, labuta.

⁴ ramerrão: rotina.

[Seu Alfredo] perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

– Onde vais assim tão elegante?

Ao se adaptar este trecho para o discurso indireto, o verbo “vais” assume a seguinte forma:

- a)** foi.
b) fora.
c) vai.
d) ia.
e) iria.

- 11. IFSul-RS** – Leia o texto abaixo para responder à questão a seguir.

Onde mora sua muiteza?

A infância é um lugar complexo. Para quem já cresceu, foi aquele espaço em que moramos quando ainda não tínhamos muita memória. Aqueles dias e noites que se sucediam sem grandes planos em um corpo que mudava diariamente. Muito grande. Muito pequeno. Muito alto. Muito baixo.

Quando criança, entediada, Alice seguiu um coelho até sua toca e lá se viu em um espaço totalmente novo. Um espaço onírico¹ que reproduzia suas ansiedades e ensinava-lhe a buscar dentro de si mesma recursos que lhe permitissem seguir em frente. Tentando fazer sentido do espaço onde se encontrava, Alice foi protagonista de uma experiência fantástica de descoberta. Ela descobriu que viver não é fácil, às vezes a vida é um jogo, mas mesmo assim vale a pena.

Anos mais tarde, já adulta, prestes a embarcar em um casamento arranjado, com um noivo patético², Alice se deixa conduzir novamente a esse espaço que lhe é familiar, mas do qual não lembra quase nada. **É um lugar que fica no jardim, no buraco de uma árvore e, pasmem, onde mora um coelho de cartola e relógio!**

É lá que ela, lembrando aos poucos de que já os conhecia, encontra velhos amigos que são rápidos em tecer críticas a seu respeito, dizendo, inclusive, que ela é a Alice “errada”. Mas é a crítica do Chapeleiro Maluco que a atinge em cheio: *você não é a mesma de antes, você era muito mais “muita”, você perdeu sua muiteza. Lá dentro. Falta alguma coisa.* De todas as coisas que Alice esqueceu de compreender desse lugar, talvez essa seja a que faça mais sentido. Talvez isso explique tudo. Talvez tenha sido isso que ela fora até lá buscar.

A criança que fomos ocupa um espaço dentro de nós, nesse acúmulo de experiências que é a vida. É nesse espaço que guardamos os joelhos ralados, as descobertas, os medos, a alegria e a força que nos impulsiona para a frente. Há espaços mais sombrios, outros mais claros. Muitos de nós já esqueceram o caminho para esse lugar. Estamos ocupados demais com as coisas grandes para tentar encontrar uma toca de coelho que nos leve para dentro da terra. Então vivemos assim, sempre muito ocupados, sempre muito atrasados, com coisas sérias e importantes a fazer. E vagamos. Vagamos pelo mundo com alguma coisa faltando. Lá dentro.

É na infância que mora a nossa muiteza. E é para lá que devemos voltar para encontrá-la, sempre que essa pantomima³ a qual chamamos de vida adulta nos puxa e empurra forte demais.

LHULLIER, Luciana. Onde mora sua muiteza? In: _____.

No coração da floresta (blogue), 08 out. 2013.

Original disponível em: <<https://contesdesfee.wordpress.com>>.

Acesso: fev. 2019. Adaptado.

¹ onírico: de sonho e/ou relativo a sonho.

² patético: que provoca sentimento de piedade ou tristeza; indivíduo digno da piedade alheia.

³ pantomima: representação teatral baseada na mímica (ou seja, em gestos corporais); por extensão, situação falsa, representação, ilusão, fraude.

Observe estes trechos destacados do texto.

- I. É um lugar que fica no jardim, no buraco de uma árvore e, pasmem, onde mora um coelho de cartola e relógio!
- II. É lá que ela, lembrando aos poucos de que já os conhecia, encontra velhos amigos que são rápidos em tecer críticas a seu respeito, dizendo, inclusive, que ela é a Alice “errada”.
- III. Mas é a crítica do Chapeleiro Maluco que a atinge em cheio: *você não é a mesma de antes, você era muito mais “muita”, você perdeu sua muiteza. Lá dentro. Falta alguma coisa.*

Em relação aos tipos de discurso, é correto afirmar que

- a) apenas o trecho I apresenta exemplo de discurso direto.
- b) os trechos I e II apresentam exemplos de discurso direto.
- c) os trechos II e III apresentam exemplos de discurso indireto.
- d) apenas o trecho III apresenta exemplo de discurso direto.

12. IFSul-RS – Observe o texto a seguir, para a resolução da questão.

Ainda me lembro do dia em que ela chegou lá em casa. Tão pequenininha! Foi uma festa. Botamos ela num quartinho

dos fundos. Nosso filho – naquele tempo só tínhamos o mais velho – ficou maravilhado com ela. Era um custo tirá-lo da frente dela para ir dormir.

VERISSIMO, Luis Fernando. Ela. In: _____. *O Nariz e outras crônicas*. São Paulo: Ática, 1996.

O tipo de discurso predominante no excerto lido, acima, é

- a) indireto.
- b) indireto livre.
- c) direto.
- d) direto livre.

13. IFSP-SP – Observe o quadro abaixo e, em seguida, assinale a alternativa que apresenta a correta transposição da fala para o discurso indireto.



- a) O pai disse à filha que iria à Bienal e perguntou se ela também iria com ele.
- b) O pai disse à filha que irá à Bienal e perguntou se ela também irá com ele.
- c) O pai disse à filha que irá à Bienal e perguntou se ela também vai com ele.
- d) O pai disse à filha que vai à Bienal e perguntou se ela também irá com ele.
- e) O pai disse à filha que iria à Bienal e perguntou se ela também irá com ele.

14. Unifesp-SP – Leia o trecho inicial de um artigo do livro *Bilhões e bilhões* do astrônomo e divulgador científico Carl Sagan (1934-1996) para responder à(s) questão(ões).

O tabuleiro de xadrez persa

Segundo o modo como ouvi pela primeira vez a história, aconteceu na Pérsia antiga. Mas podia ter sido na Índia ou até na China. De qualquer forma, aconteceu há muito tempo. O grão-vizir, o principal conselheiro do rei, tinha inventado um novo jogo. Era jogado com peças móveis sobre um tabuleiro quadrado que consistia em 64 quadrados vermelhos e pretos. A peça mais importante era o rei. A segunda peça mais importante era o grão-vizir – exatamente o que se esperaria de um jogo inventado por um grão-vizir. O objetivo era capturar o rei inimigo e, por isso, o jogo era chamado, em persa, *shahmat* – *shah* para rei, *mat* para morto. Morte ao rei. Em russo, é ainda chamado *shakhmat*. Expressão que talvez transmita um remanescente sentimento revolucionário. Até em inglês, há um eco desse nome – o lance final é chamado *checkmate* (xeque-mate). O jogo, claro, é o xadrez. Ao longo do tempo, as peças, seus movimentos, as regras do jogo, tudo evoluiu. Por exemplo, já não existe um grão-vizir – que se metamorfoseou numa rainha, com poderes muito mais terríveis.

A razão de um rei se deliciar com a invenção de um jogo chamado “Morte ao rei” é um mistério. Mas reza a história que ele ficou tão encantado que mandou o grão-vizir

determinar sua própria recompensa por ter criado uma invenção tão magnífica. O grão-vizir tinha a resposta na ponta da língua: **era um homem modesto, disse ao xá.** Desejava apenas uma recompensa simples. Apontando as oito colunas e as oito filas de quadrados no tabuleiro que tinha inventado, pediu que lhe fosse dado um único grão de trigo no primeiro quadrado, o dobro *dessa quantia* no segundo, o dobro dessa quantia no terceiro e assim por diante, até que cada quadrado tivesse o seu complemento de trigo. Não, protestou o rei, era uma recompensa demasiado modesta para uma invenção tão importante. Ofereceu joias, dançarinas, palácios. Mas o grão-vizir, com os olhos apropriadamente baixos, recusou todas as ofertas. Só desejava pequenos montes de trigo. Assim, admirando-se secretamente da humildade e comedimento de seu conselheiro, o rei consentiu.

No entanto, quando o mestre do Celeiro Real começou a contar os grãos, o rei se viu diante de uma surpresa desagradável. O número de grãos começa bem pequeno: 1, 2, 4, 8, 16, 32, 64, 128, 256, 512, 1024... mas quando se chega ao 64º quadrado, o número se torna colossal, esmagador. Na realidade, o número é quase 18,5 *quintilhões. Talvez o grão-vizir estivesse fazendo uma dieta rica em fibras.

Quanto pesam 18,5 quintilhões de grãos de trigo? Se cada grão tivesse o tamanho de um milímetro, todos os grãos juntos pesariam cerca de 75 bilhões de toneladas métricas, o que é muito mais do que poderia ser armazenado nos celeiros do xá. Na verdade, esse número equivale a cerca de 150 anos da produção de trigo mundial *no presente*. O relato do que aconteceu a seguir não chegou até nós. Se o rei, inadimplente, culpando-se pela falta de atenção nos seus estudos de aritmética, entregou o reino ao vizir, ou se o último experimentou as aflições de um novo jogo chamado *vizirmat*, não temos o privilégio de saber.

*quintilhão = 1.000.000.000.000.000 = 10^{18} . Para se contar esse número a partir de 0 (um número por segundo, dia e noite), seriam necessários 32 bilhões de anos (mais tempo do que a idade do universo).

SAGAN, Carl. O tabuleiro de xadrez persa. In: _____. *Bilhões e bilhões: Reflexões sobre vida e morte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Adaptado.

O trecho “era um homem modesto, disse ao xá” foi construído em discurso indireto. Ao se adaptar tal trecho para o discurso direto, o verbo “era” assume a seguinte forma:

- a) serei.
- b) fui.
- c) seria.
- d) fosse.
- e) sou.

15. IFSP-SP – Considere o texto para responder à questão:

Tintim

Durante alguns anos, o tintim me intrigou. Tintim por tintim: o que queria dizer aquilo? Imaginei que fosse alguma misteriosa medida de outros tempos que sobrevivera ao sistema métrico, como a braça, a légua, etc. Outro mistério era o triz. Qual a exata definição de um triz? É uma subdivisão de tempo ou de espaço. As coisas deixam de acontecer por um triz, por uma fração de segundo ou de milímetro. Mas que fração? O triz talvez correspondesse a meio tintim, ou o tintim a um décimo de triz.

Tanto o tintim quanto o triz pertenceriam ao obscuro mundo das microcoisas.

Há quem diga que não existe uma fração mínima de matéria, que tudo pode ser dividido e subdividido. Assim como existe o infinito para fora – isto é, o espaço sem fim, depois que o Universo acaba – existiria o infinito para dentro. A menor fração da menor partícula do último átomo ainda seria formada por dois trizes, e cada triz por dois tintins, e cada tintim por dois trizes, e assim por diante, até a loucura.

Descobri, finalmente, o que significa tintim. É verdade que, se tivesse me dado o trabalho de olhar no dicionário mais cedo, minha ignorância não teria durado tanto. Mas o óbvio, às vezes, é a última coisa que nos ocorre. Está no Aurelião. Tintim, vocábulo onomatopáico que evoca o tinido das moedas.

Originalmente, portanto, “tintim por tintim” indicava um pagamento feito minuciosamente, moeda por moeda. Isso no tempo em que as moedas, no Brasil, tinham, ao contrário de hoje, quando são feitas de papelão e se chocam sem ruído. Numa investigação feita hoje da corrupção no país tintim por tintim ficaríamos tinindo sem parar e chegaríamos a uma nova concepção de infinito.

Tintim por tintim. A menina muito dada namoraria sim-sim por sim-sim. O gordo incontrolável progrediria pela vida quindim por quindim. O telespectador habitual viveria plim-plim por plim-plim. E você e eu vamos ganhando nosso salário tin por tin (olha aí, a inflação já levou dois tins).

Resolvido o mistério do tintim, que não é uma subdivisão nem de tempo nem de espaço nem de matéria, resta o triz. O Aurelião não nos ajuda. «Triz», diz ele, significa por pouco. Sim, mas que pouco? Queremos algarismos, vírgulas, zeros, definições para «triz». Substantivo feminino. Popular.

“Icterícia.” Triz quer dizer icterícia. Ou teremos que mudar todas as nossas teorias sobre o Universo ou teremos que mudar de assunto. Acho melhor mudar de assunto.

O Universo já tem problemas demais.

VERISSIMO, Luis Fernando. Tintim. In: _____. *Comédias para ler na escola*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Tendo em vista o texto Tintim, de Luis Fernando Verissimo, considere o comentário do enunciador: “Acho melhor mudar de assunto. O Universo já tem problemas demais”. Se o comentário for transposto para o discurso indireto, tem-se:

- a) Achava melhor mudar de assunto. O Universo já tinha problemas demais.
- b) Achei melhor mudar de assunto. O Universo já terá problemas demais.
- c) Achei melhor mudar de assunto. O Universo já teria problemas demais.
- d) Acho melhor mudar de assunto. O Universo já tivera problemas demais.
- e) Achara melhor mudar de assunto. O Universo já tivera problemas demais.

16. UFRGS-RS – A questão a seguir está relacionada ao texto que segue.

André Devinne procura cultivar a ingenuidade – uma defesa contra tudo o que não entende. Presente: há alguma coisa irresolvida que está em parte alguma, mas os nervos sentem-na Quem sabe seja uma espécie de vergonha.

Quem sabe o medo enigmático dos quarenta anos. Certamente não é a angústia de se ver lavando o carro numa tarde de sábado, um homem de sua posição. É até com delicadeza que se entrega ao sol das três da tarde, agachado, sem camisa, esfregando o pano sujo no pneu, num ritual disfarçado em que evita formular seu tranquilo desespero. Assim: ele está numa guerra, mas por acaso; de onde está, submerso na ingenuidade, à qual se agarra sem saber, não consegue ver o inimigo. Talvez não haja nenhum.

– **Filha, não fique aí no sol sem camisa.**

A menina recuou até a sombra. Agachou-se, olhos negros no pai.

– **Você vai pra praia hoje?**

André Devinne contemplou o pneu lavado: um bom trabalho.

– **Não sei. Falou com a mãe?**

– Ela está pintando.

A filha tem o mesmo olhar da mãe, quando Laura, da janela do ateliê, observa o mar da Barra, transformando aquela estreita faixa de azul acima da Lagoa, numa outra faixa, de outra cor, mas igualmente suave, na tela em branco. Um olhar que investiga sem ferir – que parece, de fato, ver o que está lá.

Devinne espreguiçou-se esticando as pernas. Largou o pano imundo no balde, sentou-se e olhou o céu, o horizonte, as duas faixas de mar, o azul da Lagoa, vivendo momentaneamente o prazer de proprietário. Lembrou-se da lição de inglês – *It's a nice day, isn't it?* – e tentou esquecê-la de imediato, mas era tarde: o corpo inteiro se povoou de lembrança e ansiedade, exigindo explicações. Estava indo bem, a professora era uma mulher competente, agradável, independente. Talvez justo por isso, ele tenha cometido aquela estupidez. Sem pensar, voltou a cabeça e acenou para Laura, que do janelão do ateliê respondeu-lhe com um gesto. A filha insistiu:

– Pai, você vai pra praia?

Mudar todos os assuntos.

– Julinha, o que é, o que é? Vive casando e está sempre solteiro?

Ela riu.

– Ah, pai. Essa é fácil. O padre!

TEZZA, Cristovão. *O fantasma da infância*. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 9-10.

Considere as seguintes propostas de reescrita de segmentos do texto, envolvendo transposição de discurso direto para indireto.

I. Devinne pediu à filha que não fique no sol.

– Filha, não fique aí no sol

II. A filha de Devinne lhe pergunta se ia pra praia hoje.

– Você vai pra praia hoje?

III. Devinne respondeu à filha que não sabia e perguntou-lhe se ela tinha falado com sua mãe.

– Não sei. Falou com a mãe?

Quais estão corretas?

a) Apenas I.

b) Apenas III.

c) Apenas I e II.

d) Apenas II e III.

e) I, II e III.

17. Unesp-SP – Leia a fábula O morcego e as doninhas do escritor grego Esopo (620 a.C.?-564 a.C.?) para responder à questão a seguir.

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha¹. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

– Não posso soltá-lo – respondeu a doninha –, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

– **Não sou um pássaro – alegou o morcego.** – Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar. Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

ESOPO. O morcego e as doninhas. In: _____. *Fábulas completas*. Trad. Maria Celeste C. Dezotti. Ilustrações de Eduardo Berliner. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

¹ doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

– Não sou um pássaro – alegou o morcego.

Ao se transpor este trecho para o discurso indireto, o verbo “sou” assume a seguinte forma:

a) era.

b) fui.

c) fora.

d) fosse.

e) seria.

ESTUDO PARA O ENEM

18. EFOMM-RJ

C5-H16

Felicidade clandestina

Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com

suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como “data natalícia” e “saudade”.

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía As renações de Narizinho, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando-me mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: “E você fica com o livro por quanto tempo quiser.” Entendem? Valia mais do que me dar o livro: “pelo tempo que eu quisesse” é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as

duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo. Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1971.

Com base no texto acima, responda à questão a seguir. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Na transposição do discurso indireto para o direto no período acima, teremos:

- Passe pela minha casa no dia seguinte que eu lhe empreste o livro – disse-me.
- Passasse pela minha casa no dia seguinte que eu lhe emprestaria o livro – disse-me.
- Passe pela minha casa no dia seguinte que eu lhe emprestava o livro – disse-me.
- Se passar pela minha casa amanhã, lhe emprestarei o livro – disse-me.
- Passe pela minha casa amanhã que eu lhe emprestarei o livro – disse-me.

19. IFSul-RS

C5-H16

Celular em sala de aula: proibir ou usar como ferramenta?

Leis estaduais proíbem aparelhos no Brasil e um estudo britânico diz que proibição aumenta desempenho, mas tem professor que pensa diferente.

No final de maio, Pernambuco se tornou o mais novo Estado brasileiro a proibir o uso de telefones celulares nas salas de aula. A lei sancionada no estado nordestino vai ao encontro de normas semelhantes adotadas no Rio de Janeiro, Goiás, São Paulo, entre outros. Também em maio, uma pesquisa publicada pela London School of Economics and Political Science (LSE) revelou que as escolas britânicas que baniram os celulares registraram um aumento de 6% no desempenho de seus alunos. Segundo o estudo, os aparelhos seriam uma causa de distração dos estudantes.

No entanto, professores e pesquisadores acreditam que, em vez de proibir, as escolas deveriam usar os dispositivos móveis como ferramenta pedagógica. É o caso do professor de Física, de Minas Gerais, André Parreira. Mestre em tecnologia educacional, ele trabalha na capacitação de professores para o uso da tecnologia em sala de aula. “É preciso reconhecer o celular como parte da vida do aluno, e não pode haver um abismo entre a vida e a escola. A questão é ter um projeto pedagógico.”

Além da questão utilitária, o aparelho também pode ser um fator de motivação dos estudantes, defende o psicopedagogo Eugênio Cunha, professor da Faculdade Cenecista de Itaboraí e da Universidade Federal Fluminense. Para ele, a questão é saber motivar a turma. “Posso até proibir o celular, mas será que eu vou propor uma aula mais atraente? Acredito que disciplinar seja mais eficiente do que proibir.” Segundo Cunha, o professor deve “ocupar” o aparelho, propondo atividades e fazendo com que os estudantes saibam que, em outros momentos, o aparelho precisará ser guardado. [...]

CELULAR em sala de aula: proibir ou usar como ferramenta? *Terra Educação*. Disponível em: <www.terra.com.br>. Acesso em: fev. 2019.

Observe o seguinte fragmento do texto:

Além da questão utilitária, o aparelho também pode ser um fator de motivação dos estudantes, defende o psicopedagogo Eugênio Cunha, professor da Faculdade Cenecista de Itaboraí e da Universidade Federal Fluminense. Para ele, a questão é saber motivar a turma. “Posso até proibir o celular, mas será que eu vou propor uma aula mais atraente? Acredito que disciplinar seja mais eficiente do que proibir.” Segundo Cunha, o professor deve “ocupar” o aparelho, propondo atividades e fazendo com que os estudantes saibam que, em outros momentos, o aparelho precisará ser guardado.

No trecho, são empregados diferentes modos de se dar a conhecer as falas da pessoa entrevistada. Quanto a esse aspecto, analise as afirmações a seguir e marque (V), para Verdadeira, e (F), para Falsa.

- () No discurso direto, as falas do professor entrevistado são reproduzidas fielmente, introduzidas ou seguidas por um verbo *dicendi*.
- () O discurso indireto é utilizado no início do parágrafo, com as informações dadas pelo entrevistado incorporadas ao falar do narrador.
- () As aspas usadas na última frase do parágrafo indicam que o termo foi utilizado pelo entrevistado.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- a) F – V – V.
- b) V – F – V.
- c) F – V – F.
- d) V – F – F.

20. UPE

C5-H16

No dia seguinte, Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio, notou que as operações de Sinhá Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do bran-

co. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem. Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. [...]

O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo. [...]

Sentou-se numa calçada, tirou do bolso o dinheiro, examinou-o, procurando adivinhar quanto lhe tinham furtado. Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. Que juro! O que havia era safadeza.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2015.

Sobre o fragmento do capítulo Contas, do romance *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, assinale a alternativa correta.

- a) Ao se referir a Sinhá Vitória, Fabiano admite que “a mulher tinha miolo.” Essa afirmação significa que a esposa era inteligente, tinha frequentado escola, sabia fazer conta, diferentemente dele, que “era bruto”; pois, também, não sabia ler nem fazer conta, nunca havia frequentado a escola.
- b) Quando o narrador personagem afirma que “O amo abrandou, e Fabiano saiu de costas, o chapéu varrendo o tijolo,” significa que a personagem percebeu que a altivez era a única arma que possuía para enfrentar o proprietário das terras onde trabalhava, por isso resolveu camuflar o orgulho saindo sem dar as costas ao amo.
- c) No final do segundo parágrafo, quando se lê: “Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!”; tem-se um discurso direto, pois o narrador se afasta e deixa Fabiano demonstrar, de forma direta, que tem a consciência da exploração do patrão quando faz uso dos verbos no presente.
- d) Graciliano Ramos cria duas comparações ao usar o vocábulo branco para designar o patrão e, posteriormente, ao atribuir ao narrador o enunciado: “Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!” coloca a personagem na condição de submisso, tal qual a de um escravo sem direito à liberdade, o que contraria os princípios do romance regionalista de 1930.
- e) Há algumas expressões usadas por Graciliano Ramos que quebram a verossimilhança existente entre a linguagem, a condição social e o nível de escolaridade de Fabiano, pois são metáforas eruditas, tais como: “perdeu os estribos”, batendo no chão como cascos” e “baixou a pancada e amunhecou”.

52

INTERTEXTUALIDADE

- Intertextualidade
- Intertextualidade explícita
- Intertextualidade implícita
- Tipos de intertextualidade
- Citação
- Referência
- Tradução
- Pastiche
- Texto-fonte
- Texto-pastiche
- Epígrafe
- Paródia
- Paráfrase

HABILIDADES

- Reconhecer a presença da intertextualidade na produção literária como fonte abundante de possibilidades de compreensão das obras literárias, criação e expansão de novas narrativas.
- Identificar e diferenciar os tipos de intertextualidade como a paráfrase, a paródia, a epígrafe, a citação, a referência, a tradução ou o pastiche.
- Estabelecer a relação entre o texto produzido e a fonte com a qual ele estabelece uma relação implícita ou explícita.

INTERTEXTUALIDADE



COLEÇÃO AMBROUSTUNG YOUNG

A releitura da *Mona Lisa* de Da Vinci é a obra mais célebre do artista plástico neo-expressionista Jean-Michel Basquiat.

BASQUIAT, Jean-Michel. *Mona Lisa*. 1983. Acrílico sobre tela; 120 × 98 cm.

Todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

A intertextualidade é um recurso discursivo que pode ser definido como o estabelecimento da relação entre dois textos (em seu sentido essencial) distintos, com abertura de novas possibilidades de expressão e de interpretação. Trata-se, portanto, de uma forma de produção textual – seja artística, jornalística ou publicitária – capaz de atribuir novo significado ao texto a que se refere.

Além da inter-relação entre os textos, a intertextualidade está sempre mergulhada dentro de um determinado contexto, que permite ao leitor elucidar sua teia de ligações.

A obra de Jean-Michel Basquiat, por exemplo, dialoga explicitamente com a *Mona Lisa* de Leonardo Da Vinci, contudo, a partir de uma resignificação neo-expressionista, característica do estilo de Basquiat, que utiliza o texto original como base para a transmissão de sua mensagem, pautada sobretudo na apropriação de ícones culturais, expressos de forma desestruturada, retomando traços da cultura negra nova-iorquina dos anos 1970 e 1980, como o *grafitti*, por exemplo.

LEITURA COMPLEMENTAR

Princípio dialógico

Intertextualidade é um termo cunhado por Julia Kristeva, que, ao tecer considerações a respeito do conceito de dialogismo, definiu o texto como um mosaico de citações que resulta da inscrição de textos anteriores. A partir desse momento, o conceito se propagou.

Todo texto revela uma relação radical de seu interior com seu exterior. Dele fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe". O texto é, então, como um intertexto que se relaciona dialógicamente com textos anteriores e posteriores.

O dialogismo pode ser entendido então como propriedade fundamental da linguagem (seja como língua, seja como discurso), princípio que se estende à sua concepção de mundo e de sujeito. Há uma dialogização interna da linguagem, uma vez que a palavra de um é inevitavelmente atravessada pela palavra do outro. Considerando que, assim como um texto, o ser humano é tecido discursivo, portanto dialógico e fundado nos processos sociais (princípios de alteridade e intersubjetividade), o dialogismo reflete também a interação entre os sujeitos. O dialogismo pode, então, ser compreendido de duas maneiras: como diálogo entre discursos (interdiscursividade e intertextualidade), e como diálogo entre sujeitos (constituídos no discurso).

Um equívoco realizado com bastante frequência, geralmente por iniciantes nos estudos da linguagem, é tomar o dialogismo simplesmente como sinônimo de diálogo, no sentido estrito de modo de interação verbal entre duas pessoas. O dialogismo é muito mais amplo que uma modalidade de interação, é, pois, um princípio de constituição da linguagem, dos discursos, dos sujeitos e, inclusive, da vida, que nessa abordagem tem natureza dialógica.

Estabelecido esse ponto de que o discurso de um se inscreve no discurso do outro, pode-se refletir até que ponto isso é ocultado ou revelado. Advém daí o interesse pelo estudo dos conceitos de polifonia, interdiscursividade e intertextualidade, e como esses termos se relacionam com o dialogismo. Em primeiro lugar, que todos esses termos estão diretamente relacionados à concepção de dialogismo.

KNOLL, Graziela Frainer; PIRES, Vera Lúcia. Intertextualidade e propaganda: análise de processos intertextuais em anúncios impressos. *Anais do SITED*. Porto Alegre-RS: PUCRS, set. 2010.

De maneira geral, a intertextualidade pode ocorrer de forma explícita ou implícita.

INTERTEXTUALIDADE EXPLÍCITA

FEDERICO ZOVADELLI/SHUTTERSTOCK



Releitura da obra *Moça com brinco de pérola*, do pintor holandês Johannes Vermeer, produzida por Banksy, na parte externa de uma construção em Bristol, na Inglaterra.

Esta forma cita diretamente, de maneira nítida e evidente, as fontes com as quais está relacionada, não restando para o leitor nenhuma dúvida sobre as relações presentes na mensagem.

Assim, os elementos para reconhecimento da inter-relação entre os textos aparecem sempre de forma clara, exigindo apenas a habilidade para compreender o diálogo, como ocorre entre a obra *Moça com brinco de pérola*, de Johannes Vermeer, e sua reprodução, gravada por Banksy.

INTERTEXTUALIDADE IMPLÍCITA

Quando o autor lança mão dessa técnica, cabe ao leitor uma maior análise e capacidade de dedução dos elementos presentes, pois a inter-relação entre os textos não é expressa de forma direta. Aqui, sobretudo, a análise do contexto é fundamental para compreender a intertextualidade.

Maurício de Sousa produziu uma história em quadrinhos intitulada *As sombras da vida*, com a personagem Piteco, em que ocorre referência implícita à Alegoria da caverna, de Platão, uma vez que apenas quem conhecesse a alegoria apresentada pelo filósofo em seu diálogo *A república* conseguiria fazer a associação.



MAURÍCIO DE SOUSA
PRODUÇÕES

Quadro da história *As sombras da vida*, com a personagem Piteco, de Maurício de Sousa, em que ocorre referência implícita à Alegoria da caverna, de Platão.

TIPOS DE INTERTEXTUALIDADE

Citação

É a transcrição de um trecho do discurso ou do texto de outrem para ratificar o que se escreve no momento. Em geral, é acompanhada de aspas e também da identificação do autor original.

[...]

Explico-me:

Para começar, uma afirmação de Nietzsche com a qual concordo inteiramente. Dizia ele:

“Ao pensar sobre a possibilidade do casamento, cada um deveria se fazer a seguinte pergunta: você crê que seria capaz de conversar com prazer com esta pessoa até sua velhice?”

Tudo o mais no casamento é transitório, mas as relações que desafiam o tempo são aquelas construídas sobre a arte de conversar.

[...]

ALVES, Rubem. Tênis x Frescobol. *Revista Bons Fluidos*, 1 mar. 2005.

Neste excerto de um texto de Rubem Alves, notamos que ele citou explicitamente o filósofo alemão Wilhelm Friedrich Nietzsche, colocando entre aspas suas palavras, corroborando com a ideia que ele quer transmitir. Como se trata de um texto publicado na internet, em tom mais coloquial e informal, não há o cuidado de detalhar em qual livro ou discurso Nietzsche registrou essas palavras.

Vejamos mais um exemplo de citação, dessa vez, em um texto acadêmico:

De acordo com Hegel (2009, p. 09):

[...] pode-se desde já afirmar que o belo artístico está acima da natureza. Pois a beleza artística é a beleza nascida e renascida do espírito e, quanto mais o espírito e suas produções estão colocadas acima da natureza e seus fenômenos, tanto mais o belo artístico está acima da beleza da natureza. Sob o aspecto formal, mesmo uma má ideia, que porventura passe pela cabeça dos homens, é superior a qualquer produto natural, pois em tais ideias sempre estão presentes a espiritualidade e a liberdade.

Note que no exemplo o texto é iniciado com um parágrafo citando explicitamente o pensamento do filósofo idealista Hegel. Entre parênteses há a indicação de um determinado ano e também de uma página. Isso significa que, ao final do texto acadêmico, haverá a indicação da obra em que a autora citada registrou o trecho referenciado, de acordo com convenção específica, que poderia ser, por exemplo:

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Cursos de estética*. Vol. 1. Trad. Marco Aurélio Werle. São Paulo: Edusp, 2015.

Referência

Também chamada de alusão, nela há apenas uma sugestão de características ou de trechos que mantêm

a inter-relação com o texto, o personagem ou o acontecimento relacionado, sem citá-los de forma direta.



CAULOS. *Vida de passarinho*. Porto Alegre: L&PM, 1195. p. 47.

Nessa tirinha, ocorre alusão a célebre trecho do livro bíblico do Gênesis, cuja escrita é tradicionalmente atribuída à figura bíblica do profeta Moisés, sob inspiração do próprio Deus, considerado, assim, o autor:

¹⁸A terra produzirá espinhos e ervas daninhas, e tu terás de comer das plantas do campo. ¹⁹Com o suor do teu rosto comerás o teu pão, até que voltes ao solo, pois da terra foste formado; porque tu és pó e ao pó da terra retornarás! ²⁰Assim, Adão deu à sua mulher o nome de Eva, porquanto ela seria mãe de toda a humanidade.

BÍBLIA. Português. Gênesis 3:18 - 20. *Bíblia King James*. São Paulo: Abba Press, 2012.

Tradução

Essa forma de intertextualidade é bastante conhecida, pois deparamo-nos diariamente com textos originalmente escritos em outras línguas e que foram traduzidos para o português (ou vice-versa). Há uma relação intrínseca entre o texto em sua língua original e o texto traduzido, que é adaptado e reescrito.

L'ennemi

*Ma jeunesse ne fut qu'un ténébreux orage,
Traversé çà et là par de brillants soleils;
Le tonnerre et la pluie ont fait un tel ravage,
Qu'il reste en mon jardin bien peu de fruits vermeils.*

*Voilà que j'ai touché l'automne des idées,
Et qu'il faut employer la pelle et les râteaux
Pour rassembler à neuf les terres inondées,
Où l'on creuse des trous grands comme des tombeaux.*

*Et qui sait si les fleurs nouvelles que je rêve
Trouveront dans ce sol lavé comme une grève
Le mystique aliment qui ferait leur vigueur?*

— *O douleur! ô douleur! Le Temps mange la vie,
Et l'obscur Ennemi qui nous ronge le cœur
Du sang que nous perdons croît et se fortifie!*

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

O inimigo

A juventude não foi mais que um temporal,
Aqui e ali por sóis ardentes trespassado;
As chuvas e os trovões causaram dano tal
Que em meu pomar não resta um fruto sazonado.

Eis que alcancei o outono de meu pensamento,
E agora o ancinho e a pá se fazem necessários
Para outra vez compor o solo lamacento,
Onde profundas covas se abrem como ossários.

E quem sabe se as flores que meu sonho ensaia
Não achem nessa gleba aguada como praia
O místico alimento que as fará radiosas?

Ó dor! O Tempo faz da vida uma carniça,
E o sombrio Inimigo que nos rói as rosas
No sangue que perdemos se enraíza e viça!

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Pastiche

De acordo com o e-Dicionário de Termos Literários, esse conceito é

Etimologicamente derivado da palavra italiana *pasticcio* (massa ou amálgama de elementos compostos), [...] Quanto às condições que concorrem para o sucesso do pastiche como recurso textual, é fundamental que no texto-fonte seja visível um conjunto de traços peculiares, de temas recorrentes, um estilo autoral passível de ser apreendido, compreendido e convertido.

CEIA, Carlos. Pastiche. *E-Dicionário de Termos Literários*, 29 dez. 2009. Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/pastiche/>>. Acesso em: fev. 2019.

Também podemos dizer que o pastiche é um tipo de “colagem” de elementos do texto-fonte, de modo a ressignificá-lo. O resultado imita deliberadamente o estilo de outra obra, porém, sem haver necessariamente caráter satírico ou irônico.

TEXTO-FONTE

Pois é. Tenho dito. Tudo aleivrosia que abunda nesses cercados. Maisquenada. Foi assim mesmo, eu juro, Cumpadre Quemnheném não me deixa mentir e mesmo que deixasse, eu mentia. Lorotas! Porralouca no juízo dos povos além das Gerais! Menina Mágua Loura deu? Não deu. [...]

ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio. 1956.

PASTICHE

Compadre Quemnheném é que sabia, sabença geral e nunca conferida, por quem? Desculpe o arrotto, mas tou de arofagia, que o doutor não cuidou no devido. Mágua Loura era a virge mais pulcra das Gerais. Como a Santa Mãe de Deus, Senhora dos Rosários, rogai por nós! [...]

CONY, Carlos Heitor. *Folha de S.Paulo*, 11 set. 1998. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br> Acesso em: fev. 2019.

O pastiche também é muito recorrente nas artes plásticas e visuais. Copia-se o estilo ou o tema de uma obra, misturando a ela novos elementos.



Arte da música de trabalho This ffire, que consta do álbum *Take me out*, lançado em 2004 pela banda escocesa Franz Ferdinand.



EL LISSITZKY. *Vence os brancos com a cunha vermelha*. 1919. Litografia; 51 × 62 cm.

De tendência construtivista, *Vence os brancos com a cunha vermelha* é um cartaz litográfico de propaganda soviética, de autoria de Lazar Markovich Lissitzky, conhecido como El Lissitzky.

Epígrafe

A epígrafe se assemelha à citação, pois ambas citam mencionam literalmente a frase de outrem (escritores, pensadores, pesquisadores etc.) como forma de reforçar as ideias contidas no texto que se registra.

Entretanto, a epígrafe, que tem origem grega – ἔπι (épi: posição superior) + γραφή (graphé: escrita) –, é uma frase inicial com a qual se pretende estabelecer uma inter-relação com o texto que está sendo produzido, criando a intertextualidade.

Em geral, utiliza-se uma epígrafe na parte superior da página, como uma espécie de introdução ao que será escrito, dando ao leitor uma ideia do conteúdo ou da inspiração da obra, como faz Álvares de Azevedo, na introdução de seu poema Sonhando, ao citar Victor Hugo com o poema Hier, la nuit d'été, da obra *Les chants du crépuscule*, de 1835.

Sonhando

**Hier, la nuit d'été que nous prêtait ses voiles,
Était digne de toi, tant elle avait d'étoiles!*

Victor Hugo

Na praia deserta que a lua branqueia,
Que mimo! que rosa, que filha de Deus!
Tão pálida - ao vê-la meu ser devaneia,
Sufoco nos lábios os hálitos meus!

Não corras na areia,
Não corras assim!
Donzela, onde vais?
Tem pena de mim!

A praia é tão longa! e a onda bravia
As roupas de gaza te molha de escuma;
De noite - aos serenos - a areia é tão fria,
Tão úmido o vento que os ares perfuma!
És tão doentia!

Não corras assim!
Donzela, onde vais?
Tem pena de mim!

[...]

AZEVEDO, Álvares de. Lira dos vinte anos. In: _____. *Coleção Poetas do Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Coleção Poetas do Brasil)

**Ontem, a noite de verão que nos emprestava seus véus,
Era digna de ti, de tantas estrelas que ela tinha!
(Tradução livre)*

Paródia

Este gênero de intertextualidade geralmente se apropria de uma referência (ocorrência, ritual, personalidade, instituição, período etc.) ou de uma produção artística (textual, plástica, musical, visual etc.), com o intuito de subvertê-la de modo crítico, não necessa-

riamente dialogando com o tema da obra original, no caso da produção artística, mas sempre com caráter eminentemente irônico e satírico.

É comum, principalmente na internet, a ocorrência desse gênero nas plataformas de vídeo, em que são publicadas produções que utilizam músicas de grande sucesso como referência para a criação de versões jocosas.

É célebre o soneto Sete anos de pastor Jacó servia, de Luís de Camões, que, tratando de amor e perseverança, recupera seu tema formando uma série de intertextualidades entre autores de diferentes épocas. Isso porque Camões se inspira no poema Per Rachel ho servito non per Lia (Por Rachel servi, não por lia), do humanista italiano Francesco Petrarca, que por sua vez retoma o episódio do contrato amoroso entre Jacó e seu parente Labão, que consta na passagem bíblica do Gênesis.

Sete anos de pastor Jacó servia

Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Lhe fora assim negada a sua pastora,
Como se a não tivera merecida,

Começa de servir outros sete anos
Dizendo: Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida!

CAMÕES, Luís de. *Lírica*. São Paulo: Cultrix, 1999.

Com base no poema de Camões, Gregório de Matos Guerra parodia satiricamente, como é característico de seu estilo, as relações sociais degradantes durante o Brasil colônia.

Ao casamento de Pedro Álvares da Neiva

Sete anos a nobreza da Bahia
Servia a uma pastora Indiana bela,
Porém servia a Índia e não a ela,
Que a Índia só por prêmio pretendia.

Mil dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la,
Mas frei Tomás usando de cautela,
deu-lhe o vilão, quitou-lhe a fidalguia.

Vendo o Brasil, que por tão sujos modos
Se lhe usurpara a sua Dona Elvira,
Quase a golpes de um maço e de uma goiva:

Logo, se arrependeram de amar todos,
E qualquer mais amara, se não vira
Para tão limpo amor tão suja noiva.

MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*. WISNIK, José Miguel (Org.). São Paulo: Cultrix, 1995.

Nas artes visuais também é comum a ocorrência de paródias de itens culturais bastante difundidos, como é o caso da pintura de Rafael Sanzio, um dos principais mestres da Renascença. Trata-se do afresco *Escola de Atenas*, em que são representados os principais nomes da filosofia até o momento.



SANZIO, Rafael. *Escola de Atenas*, c. 1509-1510. Afresco; 5 x 7,7 m. Palácio Apostólico, Vaticano.

Por seu uma encomenda do Papa Júlio II, para decoração de um espaço utilizado como biblioteca, estando ao lado da Capela Sistina, pelas dimensões, a técnica empregada (o afresco é caracterizado pela durabilidade), o tema e as personalidades e personagens retratadas, percebe-se a importância da obra em seu contexto. O que reforça enormemente o caráter paródico da pintura de Joshua Reynolds, que se inspira na obra renascentista para representar figuras pitorescas, em situações não grandiosas, com feições de certa forma grotescas sob uma arquitetura gótica, considerada bárbara pelos neoclássicos renascentistas.



REYNOLDS, Joshua. *Paródia da "Escola de Atenas" de Rafael*. 1751. Óleo sobre tela; 97 x 135 cm.

Paráfrase

A paráfrase é um recurso narrativo que consiste em uma reformulação do texto original, que pode ser até certo ponto reescrito com outras palavras ou em outro arranjo. Um texto parafraseado estabelece intertextualidade, em geral, com o objetivo de desenvolver os conceitos fundamentais do texto-fonte, sem aplicar recursos irônicos ou críticos. Trata-se, portanto, de uma maneira de priorizar a mensagem sem trazer necessariamente elementos como rimas, métrica de versos etc. Um dos traços marcantes da poética do poeta modernista Manuel Bandeira é a intertextualidade de muitos de seus textos: sejam traduções, paródias ou paráfrases, como ocorre com o poema *Elegia de verão*, que parafraseia *O Sol é grande, caem co'a calma as aves*, do renascentista português Sá de Miranda:

O Sol é grande, caem co'a calma as aves,
no tempo em tal sazão que sói ser fria;
esta água, que d'alto cai, acordar-m'ia
do sono não, mas de cuidados graves.
Ó cousas, todas vãs, todas mudaves,
qual é tal coração qu'em vós confia?
Passam os tempos, vai dia trás dia,
incertos muito mais que ao vento as naves.

Eu vi já por aqui sombras e flores,
Vi águas, e vi fontes, vi verdura;
As aves vi cantar todas d'amores.

Mudo e seco é já tudo; e de mistura,
Também fazendo-me eu fui doutras cores;
E tudo o mais renova, isto é sem cura.

SÁ DE MIRANDA, Francisco de. *Poesias escolhidas*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

O lamento de Sá de Miranda acerca da inconsistência e da passagem do tempo é reaproveitado por Manuel Bandeira, que no presente busca saudoso elementos de sua infância. Contudo, antes de uma abordagem melancólica, Bandeira aborda a questão em tom irreverente.

Elegia de verão

O sol é grande. Ó coisas
Todas vãs, todas mudaves!
(como esse 'mudaves'
que hoje é 'mudáveis'
E já não rima com 'aves').

O sol é grande. Zinem as cigarras
Em Laranjeiras.
Zinem as cigarras: zino, zino, zino...
Como se fossem as mesmas
Que ouvi em menino.

Ó verões de antigamente!

Quanto o Largo do Boticário

Ainda podia ser tombado.

Carambolas ácidas, quentes de mormaço;

Água-morna das caixas-d'água vermelhas de ferrugem;

Saibro cintilante...

O sol é grande. Mas, ó cigarras que zinis,

Não sois as mesmas que eu ouvi menino.

Sois outras, não me interessais...

Deem-me as cigarras que eu ouvi menino.

BANDEIRA, Manuel. *Opus 10*. São Paulo: Global, 2015.

LEITURA COMPLEMENTAR

A intertextualidade na *bricolagem publicitária



A peça publicitária retoma a narrativa do conto Chapeuzinho Vermelho para divulgação da eficiência do produto anunciado.

Diante de um trabalho, as duplas de criação das agências são movidas pelo espírito da bricolagem precisamente na hora do *brainstorming* – prática em que o redator e

o diretor de arte lançam livremente ideias para depois aperfeiçoá-las, adequando-as ao pedido de trabalho. Para isso, é vital que tenham um rico embasamento cultural e estejam empenhados constantemente no seu alargamento, buscando no próprio estoque de signos de sua comunidade a matéria-prima para alcançar a solução mais adequada ao problema de comunicação do anunciante. A rotina dos “criativos” exige, pois, que aperfeiçoem a habilidade de combinar os variados discursos por meio do jogo intertextual.

Como a mensagem de propaganda visa influenciar um público definido, ainda que formado por um contingente principal e outro secundário, é recomendável o uso, pela dupla de criação, no processo de bricolagem, de discursos já conhecidos desse público-alvo. O objetivo, obviamente, é facilitar a sua assimilação, dando-lhe o que ele de certa forma já conhece, embora haja um trabalho para “vestir” esse conhecimento já apreendido que é a própria finalidade do ato criativo publicitário.

Esses materiais culturais, populares ou eruditos, são utilizados como pontos de partida para a criação das peças de propaganda, aparecendo sob a forma de citação direta ou indireta, o que nos leva ao conceito de dialogismo. Ou seja: um texto sempre dialoga com outros, sendo esse o princípio constitutivo da linguagem. A trama de todo texto é, portanto, tecida com elementos de outros textos, revelando nesse cruzamento as posições ideológicas de seu enunciador. E essa tessitura é obtida por meio da citação, da alusão ou da estilização. Assim, vamos desaguar nas paráfrases (quando um texto cita outro para reafirmar suas ideias) e nas paródias (quando um texto cita outro para contestar seu sentido).

Assim, ao reencenar o passado, por meio da intertextualidade, atualizando-o com um novo sentido que, no entanto não prescinde daquele que lhe deu origem, a publicidade se soma a outros produtos mediáticos que, inegavelmente, vão tecendo a trama das identidades culturais.

CARRASCOZA. João Anzanello. Processo criativo em propaganda e intertextualidade. *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*. Santos: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, ago.-set. 2007.

*bricolagem: na esfera publicitária, é a junção de elementos variados para a elaboração de um conceito, uma peça, um produto etc.

ROTEIRO DE AULA

INTERTEXTUALIDADE

A intertextualidade é

um recurso discursivo que estabelece relação entre dois textos distintos.

Pode ser classificada quanto

à referência como

explícita,

quando

ocorre citação direta, de maneira nítida e evidente, do elemento de referência.

implícita,

quando

cabe ao leitor/interlocutor maior análise e capacidade de dedução dos elementos presentes, pois a inter-relação entre os textos não é expressa de forma direta.

ao tipo como

citação,

quando

ocorre transcrição do texto citado, direta ou indiretamente.

paráfrase,

quando

ocorre reformulação do texto original, que pode ser até certo ponto reescrito com outras palavras ou em outro arranjo.

referência,

quando

não ocorre citação direta, apenas alusão, sugestão do elemento relacionado.

paródia,

quando

ocorre apropriação de uma referência ou de uma produção artística, de modo que haja caráter irônico ou satírico.

ROTEIRO DE AULA

tradução,

quando

ocorre adaptação de um texto
por conta do idioma de partida
do texto relacionado.

pastiche,

quando

ocorre uma espécie de “cola-
gem” entre texto-fonte e texto
pastiche.

epígrafe,

quando

ocorre processo semelhante
à citação, mas na abertura dos
textos.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UEG-GO

O mundo como pode ser: uma outra globalização

Podemos pensar na construção de um outro mundo a partir de uma globalização mais humana. As bases materiais do período atual são, entre outras, a unicidade da técnica, a convergência dos momentos e o conhecimento do planeta. É nessas bases técnicas que o grande capital se apoia para construir uma globalização perversa. Mas essas mesmas bases técnicas poderão servir a outros objetivos, se forem postas a serviço de outros fundamentos sociais e políticos. Parece que as condições históricas do fim do século XX apontavam para esta última possibilidade. Tais novas condições tanto se dão no plano empírico quanto no plano teórico.

Considerando o que atualmente se verifica no plano empírico, podemos, em primeiro lugar, reconhecer um certo número de fatos novos indicativos da emergência de uma nova história. O primeiro desses fenômenos é a enorme mistura de povos, raças, culturas, gostos, em todos os continentes. A isso se acrescenta, graças ao progresso da informação, a “mistura” de filosofia, em detrimento do racionalismo europeu. Um outro dado de nossa era, indicativo da possibilidade de mudanças, é a produção de uma população aglomerada em áreas cada vez menores, o que permite um ainda maior dinamismo àquela mistura entre pessoas e filosofias. As massas, de que falava Ortega y Gasset na primeira metade do século (*A rebelião das massas*, 1937), ganham uma nova qualidade em virtude de sua aglomeração exponencial e de sua diversificação. Trata-se da existência de uma verdadeira sociodiversidade, historicamente muito mais significativa que a própria biodiversidade. Junte-se a esses fatos a emergência de uma cultura popular que se serve dos meios técnicos antes exclusivos da cultura de massas, permitindo-lhe exercer sobre esta última uma verdadeira revanche ou vingança.

É sobre tais alicerces que se edifica o discurso da escassez, afinal descoberta pelas massas. A população, aglomerada em poucos pontos da superfície da Terra, constitui uma das bases de reconstrução e de sobrevivência das relações locais, abrindo a possibilidade de utilização, ao serviço dos homens, do sistema técnico atual.

No plano teórico, o que verificamos é a possibilidade de produção de um novo discurso, de uma nova metanarrativa, um grande relato. Esse novo discurso ganha relevância pelo fato de que, pela primeira vez na história do homem, se pode constatar a existência de uma universalidade empírica. A universalidade deixa de ser apenas uma elaboração abstrata na mente dos filósofos para resultar da experiência ordinária de cada pessoa. De tal modo, em mundo datado como o nosso, a explicação do acontecer pode ser feita a partir de categorias de uma história concreta. É isso, também, que permite conhecer as possibilidades existentes e escrever uma nova história.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. São Paulo: Record, 2006. p. 20-21. Adaptado.

Considere o seguinte recorte:

As massas, de que falava Ortega y Gasset na primeira metade do século (*A rebelião das massas*, 1937), ganham uma nova qualidade em virtude de sua aglomeração exponencial e de sua diversificação.

O discurso do outro é apresentado nesse trecho por meio de uma

- a) representação.
- b) implicação.
- c) paródia.
- d) alusão.
- e) cópia.

Alusão é a referência que Milton Santos fez a Ortega y Gasset.

2. ITA-SP – O texto abaixo é uma das líras que integram *Marília de Dirceu*, de Tomás Antônio Gonzaga.

Em uma frondosa
Roseira se abria
Um negro botão!
Marília adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeu.
Tocou-lhe Marília,
Na mão descuidada
A fera mordeu.

Apenas lhe morde,
Marília, gritando,
Co dedo fugiu.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudiu.

Mal viu a rotura,
E o sangue espargido,
Que a Deusa mostrou,
Risonho beijando
O dedo ofendido,
Assim lhe falou:

Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah! dá-me atenção:
E como daquele,
Que feres e matas,
Não tens compaixão?

GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu & Cartas Chilenas*. São Paulo: Ática, 2011.

O poema abaixo dialoga com as líras de *Marília de Dirceu*.

Haicai tirado de uma falsa lira de Gonzaga

Quis gravar “Amor”
No tronco de um velho freixo:
“Marília” escrevi.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da vida inteira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Dentre as marcas mais visíveis de intertextualidade, encontram-se as seguintes, exceto

- a) o título do poema menciona o autor de *Marília de Dirceu*.
- b) ambos os textos pertencem à mesma forma poética.
- c) no poema, Marília é, assim como em Gonzaga, o objeto amoroso.
- d) tal como nos textos árcades, no de Bandeira, a natureza é o cenário do amor.
- e) este poema de Bandeira possui, como os de Gonzaga, teor sentimental.

As estrofes apresentadas de *Marília de Dirceu* são compostas por seis versos em redondilha menor; já o poema de Manuel Bandeira, obedece ao padrão de um haikai: três versos, sendo o primeiro e o terceiro redondilhas menores (ou pentassílabos), e o segundo, redondilha maior (ou heptassílabo).

3. Mack-SP

O gato

Uma palavra para o gato: ágil.

Também unha, preguiça, pupila.

O resto

é o que ele

(entre uma e outra delas)

preenche de charme delgado –

enigmático.

Adoraria poder nele apalpar o pelo

e saber de que abstração é feito.

Mas (felino) ele se enrosca incisivo

no vão do meu pensamento

e dependura-se

(em telepática acrobacia)

nas suas prerrogativas.

Só me permite escrevê-lo

a contrapelo.

DAL FARRA, Maria Lúcia. *Livro de auras*.
São Paulo: Iluminuras, 1994.

A partir do poema “O gato”, considere as afirmativas abaixo:

- I. A poesia brasileira contemporânea, também chamada por teóricos de “pós-moderna”, possui como característica a liberdade criativa na escolha de temas, de formas e intertextualidades;
- II. O poema de Maria Lúcia Dal Farra retoma o pressuposto modernista da “arte pela arte”;
- III. Só podemos chamar de poesia contemporânea aquela que aborda, ao contrário de “O gato”, o tema da violência cotidiana das grandes cidades.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas a afirmativa I está correta.
- b) Apenas a afirmativa II está correta.
- c) Apenas a afirmativa III está correta.
- d) Nenhuma das afirmativas está correta.
- e) Todas as afirmativas estão corretas.

II – Incorreta: a poesia de Maria Lúcia Dal Farra pode ser classificada como contemporânea, e não modernista. No poema “O gato”, a poeta não retoma o pressuposto da “arte pela arte”, vinculado ao movimento parnasiano, mas apresenta um tema relacionado à incapacidade de entender e descrever a essência de um gato.

III – Incorreta: a poesia contemporânea não é restrita a um tema somente, pelo contrário, ela é caracterizada por ter uma liberdade criativa na escolha de temas.

4. Unisc

A felicidade interna bruta do Butão

Há uma série de sinais manuscritos no acostamento da sinuosa estrada montanhosa que liga o aeroporto à capital do Butão, Timfu. Não são avisos de reduzir a velocidade ou verificar os espelhos, e sim mantras de afirmação da vida. “A vida é uma jornada! Complete-a!”, diz um deles, enquanto outro sugere ao motorista que “permita que a natureza seja o seu guia”. Um terceiro, à beira de uma curva perigosa, diz simplesmente: “Lamenta-se o inconveniente”.

É uma recepção adequadamente animadora para quem visita este reino remoto, um lugar de antigos mosteiros, bandeiras de oração ao vento e deslumbrante beleza natural. Há menos de 40 anos, o Butão abriu suas fronteiras pela primeira vez. Desde então, ganhou o *status* quase mítico de um Shangri-Lá da vida real, em grande parte graças à sua determinada e metódica busca pelo mais fugidio dos conceitos: a felicidade nacional.

Desde 1971, o país rejeitou o PIB (Produto Interno Bruto) como sendo a única forma de mensurar o progresso. Em seu lugar, tem defendido uma nova abordagem para o desenvolvimento, que mede a prosperidade por meio de princípios formais da felicidade interna bruta (FIB) e da saúde espiritual, física, social e ambiental dos seus cidadãos e do ambiente natural.

Há três décadas essa crença de que o bem-estar deve se sobrepor ao crescimento material permanece como uma peculiaridade em nível global. Agora, num mundo acossado pelo colapso dos sistemas financeiros, por uma flagrante iniquidade e por uma destruição ambiental em grande escala, a abordagem deste pequeno Estado budista está atraindo muito interesse.

Enquanto as potências mundiais têm participado de conferências da ONU sobre a mudança climática, começava a ganhar força o duro alerta butanês de que o resto do mundo está numa rota suicida do ponto de vista ambiental e econômico. No ano passado, a ONU adotou o apelo do Butão por uma abordagem holística para o desenvolvimento, o que teve o aval de 68 países. Uma comissão da ONU analisa atualmente maneiras de replicar o modelo butanês da FIB em escala global.

Enquanto representantes de vários países lutavam para encontrar um consenso a respeito das emissões globais de gases do efeito estufa, o Butão estava sendo citado como um exemplo de nação em desenvolvimento que colocou a conservação ambiental e a sustentabilidade no centro da sua pauta política. Nos últimos anos, o Butão dobrou sua expectativa de vida, matriculou quase 100% das suas crianças em escolas primárias e reformulou sua infraestrutura.

“É fácil garimpar a terra, pescar nos mares e ficar rico”, diz o ministro butanês da Educação, Thakur Singh Powdyel, um dos mais eloquentes porta-vozes da FIB. “Mas acreditamos que não se pode ter uma nação próspera em longo prazo se ela não conservar o seu ambiente natural nem cuidar do bem-estar da sua gente, o que está sendo provado pelo que está acontecendo no mundo exterior.”

Powdyel acredita que o mundo se equivoca quanto à busca do Butão. “As pessoas sempre perguntam como seria possível ter uma nação de gente feliz. Mas isso é não entender a questão”, diz ele. “A FIB é uma aspiração, um conjunto de princípios orientadores por meio dos quais estamos navegando rumo a uma sociedade sustentável e equitativa.”

Acreditamos que o mundo precisa fazer o mesmo antes que seja tarde demais.”

Os princípios do Butão são estabelecidos como política por meio do índice nacional de felicidade bruta, que leva em conta o desenvolvimento social equitativo, a preservação cultural, a conservação do meio ambiente e a promoção da boa governança.

KELLY, Annie. A felicidade interna bruta do Butão. Tradução de Rodrigo Leite. *Folha de S. Paulo*, 10 dez. 2012. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

Com base na contextualização a seguir, indique a(s) assertiva(s) correta(s).

Shangri-La, da criação literária de 1925 do inglês James Hilton, *Lost Horizon (Horizonte Perdido)*, é descrito como um lugar paradisíaco situado nas montanhas do Himalaia, sede de panoramas maravilhosos e onde o tempo parece deter-se em ambiente de felicidade e saúde, com a convivência harmoniosa entre pessoas das mais diversas procedências.

WIKIPEIDA. Shangri-La. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

- I. A comparação do Butão com Xangri-Lá, aludida no texto, comprova que o conceito de felicidade é concreto e não subjetivo e abstrato.
- II. Os princípios do Butão são estabelecidos como política por meio do índice nacional de felicidade bruta, que leva em conta o desenvolvimento social equitativo, a preservação cultural, a conservação do meio ambiente e a promoção da boa governança. São esses elementos que estimulam a comparação com Xangri-Lá de Hilton.
- III. Para que os sentidos do texto possam produzir os efeitos desejados é preciso que o leitor tenha condições de interagir com um conhecimento prévio que é elemento chave para a compreensão do significado de “Xangri-Lá da vida real”. O texto, ao construir-se dessa forma, aposta na intertextualidade como um fator de coerência para seu dizer e, por óbvio, para a produção de sentido.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa I está correta.
- b) Somente a afirmativa II está correta.
- c) Somente as afirmativas I e II estão corretas.
- d) Somente as afirmativas II e III estão corretas.**
- e) Todas as afirmativas estão corretas.

I. Incorreta. Conforme a contextualização, Xangri-Lá é uma criação literária, portanto, um conceito subjetivo e abstrato.

II. Correta. As ações em busca da FIB fazem do Butão uma tentativa prática de se alcançar a fictícia Xangri-Lá, local idealizado de felicidade e saúde.

III. Correta. Só é possível compreender a referência a Xangri-Lá feita pela reportagem se o leitor detiver tal conhecimento – o que é estabelecido pela contextualização apresentada. Assim, trata-se de dois textos com referências complementares, numa relação de intertextualidade.

- 5. Uece (adaptada)** – O texto é um excerto de *Baú de Ossos* (volume 1), do médico e escritor mineiro Pedro Nava. Inclui-se essa obra no gênero memorialístico, que é predominantemente narrativo. Nesse gênero, são contados episódios verídicos ou baseados em fatos reais, que ficaram na memória do autor. Isso o distingue da biografia, que se propõe contar a história de uma pessoa específica. O meu amigo Rodrigo Melo Franco de Andrade é autor do conto “Quando minha avó morreu”. Sei por ele que é uma história autobiográfica. Aí Rodrigo confessa ter passado, aos

11 anos, por fase da vida em que se sentia profundamente corrupto. Violava as promessas feitas de noite à Nossa Senhora; mentia desabridamente; faltava às aulas para tomar banho no rio e pescar na Barroca com companheiros vadios; furtava pratinhas de dois mil-réis... Ai! de mim que mais cedo que o amigo também abracei a senda do crime e enveredei pela do furto... Amante das artes plásticas desde cedo, educado no culto do belo, eu não pude me conter. Eram duas coleções de postais pertencentes a minha prima Maria Luísa Palleta. Numa, toda a vida de Paulo e Virgínia – do idílio infantil ao navio desmantelado na procela. Pobre Virgínia, dos cabelos esvoaçantes! Noutra, a de Joana d’Arc, desde os tempos de pastora e das vozes ao da morte. Pobre Joana dos cabelos em chama! Não resisti. Furtei, escondi e depois de longos êxtases, com medo, joguei tudo fora. Terceiro roubo, terceira coleção de postais – a que um carcamaço, chamado Adriano Merlo, escrevia a uma de minhas tias. Os cartões eram fabulosos. Novas contemplações solitárias e piquei tudo de latrina abaixo. Mas o mais grave foi o roubo de uma nota de cinco mil-réis, do patrimônio da própria Inhá Luísa. De posse dessa fortuna nababesca, comprei um livro e uma lâmpada elétrica de tamanho desmedido. Fui para o parque Halfeld com o butim de minha pirataria. Joguei o troco num bueiro. Como ainda não soubesse ler, rasguei o livro e atirei seus restos em um tanque. **A lâmpada, enorme, esfregada, não fez aparecer nenhum gênio.** Fui me desfazer de mais esse cadáver na escada da Igreja de São Sebastião. Lá a estourei, tendo a impressão de ouvir os trovões e o morro do Imperador desabando nas minhas costas. Depois dessa série de atos gratuitos e delitos inúteis, voltei para casa. **Raskólnikov. O mais estranho é que houve crime, e não castigo.** Crime perfeito. Ninguém desconfiou. Minha avó não deu por falta de sua cédula. **Eu fiquei por conta das Fúrias de um remorso, que me perseguiu toda a infância, veio comigo** pela vida afora, com a terrível impressão de que eu poderia reincidir porque vocês sabem, cesteiro que faz um cesto... Só me tranquilizei anos depois, já médico, quando li num livro de Psicologia que só se deve considerar roubo o que a criança faz com proveito e dolo. O furto inútil é fisiológico e psicologicamente normal. Graças a Deus! Fiquei absolvido do meu ato gratuito...

NAVA, Pedro. *Baú de ossos* – Memórias 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. p. 308 a 310.

Pelo menos em cinco passagens do texto, o narrador emprega o recurso da intertextualidade. Como se sabe, esse recurso ocorre quando um texto remete a outro texto que faz parte da memória social de uma coletividade.

Pode-se dizer que acontece um verdadeiro diálogo entre textos. Vamos ater-nos a três ocorrências das cinco ou seis encontrados no texto:

- α. A lâmpada, enorme, esfregada, não fez aparecer nenhum gênio.
- β. Raskólnikov. O mais estranho é que houve crime, e não castigo.
- γ. Eu fiquei por conta das Fúrias de um remorso, que me perseguiu toda a infância, veio comigo [...]

Assinale **V** ou **F**, conforme seja verdadeiro ou falso o que se diz sobre os três casos de intertextualidade transcritos:

- I. () Na ocorrência α, o narrador intertextualiza com um dos contos que compõem a coletânea *As mil e uma noites*, no caso, a história de Aladim e a lâmpa-

da maravilhosa. Ao intertextualizar com esse conto, de certa forma desautoriza-o: com ele, a magia da lâmpada não se revelou. O fracasso com a lâmpada enfatiza o estado de espírito negativo do narrador.

- II. () Na ocorrência β , há alusão ao romance *Cri-me e Castigo*, do escritor russo Fiódor Dostoiévsk. Essa obra narra a história de um estudante pobre, Raskólnikov, que mata uma velha usurária que vive dos juros do dinheiro que empresta. Raskólnikov é consumido pelo remorso e entrega-se à polícia. Ao dialogar com a obra de Dostoiévsk, o narrador põe-se no lugar de Raskólnikov. Percebe-se uma dose de fina ironia justificável no contexto.
- III. () Não se podem apontar diferenças entre os crimes do narrador e o do estudante russo.
- IV. () Há, no terceiro caso de intertextualidade, um diálogo com o discurso mítico. As Fúrias, entidades da mitologia grega, eram encarregadas de atormentar os criminosos. Ao considerar-se sob a tutela das Fúrias, o narrador expressa o tormento em que estava mergulhado por causa dos furtos.

Está correta, de cima para baixo, a sequência seguinte:

- a) V, F, F, V.
 b) F, F, V, F.
 c) F, V, F, V.
 d) V, V, F, V.

I. Verdadeira. O narrador refere-se ao conto da lâmpada maravilhosa de Aladim, que ao estar impregnado na imaginação do menino surge como elemento fantástico ao roubo, uma maneira de ilustrar o que se passava na cabeça da criança para roubar objetos de suas parentes.

II. Verdadeira. O autor compara-se com a personagem russa quanto à culpa pelo crime: o furto e também ao posterior remorso. O menino pelo prejuízo inútil causado às parentes, a personagem russa pelo assassinato de uma pessoa. Há uma fina ironia por comparar-se à conhecida personagem, embora a diferença dos delitos seja imensa.

III. Falsa. As diferenças entre o crime do estudante miserável e o de uma travessura de criança são muito grandes, principalmente levando em consideração as diferentes consequências de cada um deles.

IV. Verdadeira. O menino sentia-se dominado pelas Fúrias, entidades míticas gregas que se encarregavam de atormentar os criminosos. Foi através desta imagem que o narrador ilustrou sua agonia frente a uma culpa que jamais passava.

6. UPE

C6-H18

A relação entre textos sempre existiu como retomada de um texto mais novo de outro que o antecede, contudo o termo intertextualidade foi usado pela primeira vez por Julia Kristeva, que, baseando-se nos estudos de Bakhtin sobre o discurso, concluiu: “todo texto se constrói como mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.72.

Sobre intertextualidade, analise os textos I e II.

Texto I

Ainda que eu falasse a língua dos homens

E falasse a língua dos anjos

Sem amor eu nada seria

É só o amor, é só o amor

Que conhece o que é verdade

O amor é bom, não quer o mal

Não sente inveja ou se envaidece

O amor é o fogo que arde sem se ver

É ferida que dói e não se sente

É um contentamento descontente

É dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse a língua dos homens

E falasse a língua dos anjos

Sem amor eu nada seria

É um não querer mais que bem querer

É solitário andar por entre a gente

É um não contentar-se de contente

É cuidar que se ganha em se perder

É um estar-se preso por vontade

É servir a quem vence, o vencedor

É um ter com quem nos mata a lealdade

Tão contrário a si é o mesmo amor

[...]

RUSSO, Renato. Monte Castelo. In: *LEGLÃO URBANA. As quatro estações*. São Paulo: EMI, 1989.

Texto II

Amor é fogo que arde sem se ver,

é ferida que dói, e não se sente;

é um contentamento descontente,

é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;

é um andar solitário entre a gente;

é nunca contentar-se de contente;

é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;

é servir a quem vence, o vencedor;

é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor

nos corações humanos amizade,

se tão contrário a si é o mesmo Amor?

CAMÕES, Luís de. *Lírica completa*. 3 vols. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1980-1981.

Assinale a alternativa correta.

- a) Em *Monte Castelo*, Renato Russo dialoga com dois textos distintos: o poema de Camões Amor é fogo que arde sem se ver; e a Bíblia, no Capítulo 13 da 2ª Carta de Paulo aos Coríntios, quando fala do Amor como um bem supremo, além de o título aludir a uma batalha da Segunda Guerra Mundial, da qual participaram soldados brasileiros.
- b) Partindo do conceito de intertextualidade, expresso por Julia Kristeva, pode-se afirmar que Renato Russo não devia ter lançado mão de partes da Bíblia Sagrada para montar a letra de uma música profana.
- c) O diálogo entre textos conduz indiscutivelmente ao plágio; dessa maneira, a montagem, como paródia de três diferentes textos, realizada por Renato Russo, não o isenta da responsabilidade de ter usado indevidamente a produção de autores que o antecederam.

Capítulo CVIII

Que se não entende

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse retalhinho de papel, garatujado em partes, machucado das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cérebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constrange e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Cotia: Ateliê Editorial, 2016.

Atente para o excerto, considerando-o no contexto da obra a que pertence. Nele, figura, primeiramente, o bilhete enviado a Brás Cubas por Virgília, na ocasião em que se torna patente que o marido da dama suspeita de suas relações adúlteras. Segue-se ao bilhete um comentário do narrador (cap. CVIII). Feito isso, considere a afirmação que segue:

No excerto, o narrador frisa aspectos cuja presença se costuma reconhecer no próprio romance machadiano da fase madura, entre eles,

- I. o realce da argúcia, da capacidade de exame acurado das situações e da firmeza de propósito, ainda quando impliquem malignidade;
- II. a relevância da observação das relações interpessoais e dos funcionamentos mentais correspondentes;
- III. a operação consciente dos elementos envolvidos no processo de composição literária: narração, personagens, motivação, trama, intertextualidade, recepção etc.

Está correto o que se indica em

- a) I, somente.
- b) II, somente.
- c) I e II, somente.
- d) II e III, somente.
- e) I, II e III.

10. UPE

Retrato do artista quando coisa

A maior riqueza do homem

é a sua incompletude.

Nesse ponto sou abastado.

Palavras que me aceitam como sou

— eu não aceito.

Não aguento ser apenas

um sujeito que abre

portas, que puxa

válvulas, que olha o

relógio, que compra pão

às 6 da tarde, que vai

lá fora, que aponta lápis,

que vê a uva etc. etc.

Perdoai. Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas.

BARROS, Manoel de. *Manoel de Barros: Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2013.

Proibida pra mim

Ela achou meu cabelo engraçado

Proibida pra mim *no way*

Disse que não podia ficar

Mas levou a sério o que eu falei

Eu vou fazer de tudo que eu puder

Eu vou roubar essa mulher pra mim

Eu posso te ligar a qualquer hora

mas eu nem sei seu nome!

Se não eu, quem vai fazer você feliz?

Se não eu, quem vai fazer você feliz? ...Guerra!

Eu me flagrei pensando em você

em tudo que eu queria te dizer

em uma noite especialmente boa

não há nada mais que a gente possa fazer

Eu vou fazer tudo o que eu puder

Eu vou roubar essa mulher pra mim

posso te ligar a qualquer hora

mas eu nem sei seu nome!

Se não eu, quem vai fazer você feliz?

Se não eu, quem vai fazer você feliz?... Guerra!

CHARLIE BROWN JR. Proibida pra mim. In: _____. *Transpiração Contínua Prolongada*. São Paulo: EMI, 1997.

A intertextualidade e a interdiscursividade estão presentes em textos literários ou não literários. Pode-se dizer que tanto a intertextualidade quanto a interdiscursividade são elementos que, se bem utilizados, tendem ao enriquecimento do discurso e ou do gênero textual. Nesse sentido, considerando o que se afirma, assinale a alternativa correta.

- a) A intertextualidade é um recurso encontrado em textos não literários. É comum, em requerimentos e registros civis, o uso de discurso intertextual, visto que, dessa maneira, os gêneros textuais em destaque ficam sobremaneira legitimados e passam a ocupar espaço de maior relevância no trato social.
- b) No filme *Narradores de Javé* (Brasil/França, 2003), o protagonista (vivido pelo ator José Dumont) comumente utiliza recursos intertextuais em suas falas. Isso porque a narrativa do filme é uma adaptação bem feita para o cinema de uma grande obra literária homônima, conhecida pelo uso da intertextualidade.
- c) Nos dois textos *Retratos do artista quando coisa* e *Proibida pra mim*, há intertextualidade. Uma leitura mais acurada poderá dizer que os versos “Eu penso” e “Eu vou fazer de tudo o que eu puder” têm similitudes explícitas e traduzem as mesmas intenções.
- d) A intertextualidade, quando bem empregada em um texto literário, tende a torná-lo mais rico e mais fluído, possibilitando melhoria no processo de leitura.

- b) fazer, indiretamente, a propaganda de um filme em cartaz nos cinemas.
- c) combater o consumo desenfreado de alimentos com teor calórico muito alto.
- d) influenciar a conduta do leitor através de um apelo visual e da intertextualidade.
- e) democratizar o consumo de legumes entre a as classes sociais mais carentes.

14. UPE – Leia atentamente os textos verbais e não verbais a seguir.

Texto I

Meus oito anos

Oh! que saudades que eu tenho
Da aurora de minha vida,
De minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Da rua de Santo Antônio
Debaixo dos laranjais

Abreu, Casimiro de. Meus oito anos. In: _____. *As primaveras*. São Paulo: Livraria Editora Martins/Instituto Nacional do Livro, 1972.

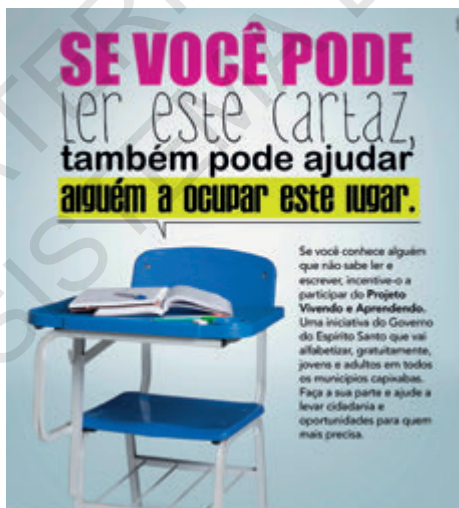
Texto II

Meus oito anos

Oh que saudades que eu tenho
Da aurora de minha vida
Das horas
De minha infância
Que os anos não trazem mais
Naquele quintal de terra!
Da rua de Santo Antônio
Debaixo da bananeira
Sem nenhum laranjais

ANDRADE, Oswald de. *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade*. Edição fac-símile. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Texto III



SE VOCÊ PODE ler este cartaz, também pode ajudar alguém a ocupar este lugar.

Se você conhece alguém que não sabe ler e escrever, incentive-o a participar do Projeto Vivendo e Aprendendo. Uma iniciativa do Governo do Espírito Santo que vai alfabetizar, gratuitamente, jovens e adultos em todos os municípios capixabas. Faça a sua parte e ajude a levar cidadania e oportunidades para quem mais precisa.

MEC/GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Texto IV

Caramuru

Canto VI

XXXVII

Copiosa multidão da nau francesa
Corre a ver o espetáculo, assombrada;
E, ignorando a ocasião de estranha empresa,
Pasma da turba feminina, que nada.
Uma, que às mais precede em gentileza,
Não vinha menos bela do que irada;
Era Moema, que de inveja geme,
E já vizinha à nau se apega ao leme.

XXXVIII

—“Bárbaro (a bela diz:) tigre e não homem...
Porém o tigre, por cruel que breme,
Acha forças no amor que enfim o domem;
Só a ti não domou, por mais que eu te ame.
Fúrias, raios, coriscos, que o ar consomem,
Como não consumis aquele infame?
Mas apagar tanto amor com tédio e asco...
Ah que corisco és tu... raio... penhasco?
[...]

DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. Lisboa: Regia Officina Typografica, 1781. Adaptado.

Texto V



GLOBO FILMES

Texto VI



CENTRO POMPIDOU

DUCHAMP, Marcel. *L.H.O.O.Q.*, 1930. Grafite sobre heliogravura; 61,5 × 49,5 cm. Centro Pompidou, Málaga, Espanha.

Com base nos textos I, II, III, IV, V e VI analise as afirmativas a seguir e assinale com V as Verdadeiras e com F as Falsas.

- () É considerado um intertexto todo aquele texto que cruza com outro texto e estabelece com este uma inter-relação nova e singular. Dessa forma, pode-se afirmar que os textos I e II são considerados um intertexto.
- () O texto III se trata de um cartaz sobre uma campanha publicitária promovida pelo Ministério da Educação. Nele se observa a predominância de uma função da linguagem, que é a função emotiva ou expressiva.
- () O texto IV é um trecho do poema lírico do Barroco brasileiro, o qual narra os feitos heroicos de Diogo Álvares Correia, que ensina aos índios tupinambás as leis e a cultura dos europeus. Esse poema foi parodiado no filme *Caramuru – A Invenção do Brasil*, conforme está indicado no texto V.
- () A paródia é a recriação de um texto com a finalidade de ironizar, criticar, provocar humor, satirizar um outro texto que serviu de referência. Assim, pode-se afirmar que o texto VI é um exemplo de paródia.

A sequência correta, de cima para baixo, é:

- a) V – V – F – V
- b) F – V – V – F
- c) F – F – V – F
- d) V – F – V – F
- e) V – F – F – V

15. IFPE

Construção

Amou daquela vez como se fosse a última
 Beijou sua mulher como se fosse a última
 E cada filho seu como se fosse o único
 E atravessou a rua com seu passo tímido
 Subiu a construção como se fosse máquina
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
 Tijolo com tijolo num desenho mágico
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima
 Sentou pra descansar como se fosse sábado
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música
 E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
 E flutuou no ar como se fosse um pássaro
 E se acabou no chão feito um pacote flácido
 Agonizou no meio do passeio público
 Morreu na contramão atrapalhando o tráfego
 Amou daquela vez como se fosse o último
 Beijou sua mulher como se fosse a única
 E cada filho como se fosse o pródigo
 E atravessou a rua com seu passo bêbado
 Subiu a construção como se fosse sólido
 Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
 Tijolo com tijolo num desenho lógico
 Seus olhos embotados de cimento e tráfego
 Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
 Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
 Bebeu e soluçou como se fosse máquina
 Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
 E tropeçou no céu como se ouvisse música
 E flutuou no ar como se fosse sábado
 E se acabou no chão feito um pacote tímido
 Agonizou no meio do passeio náufrago
 Morreu na contramão atrapalhando o público
 Amou daquela vez como se fosse máquina
 Beijou sua mulher como se fosse lógico
 Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
 Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
 E flutuou no ar como se fosse um príncipe
 E se acabou no chão feito um pacote bêbado
 Morreu na contramão atrapalhando o sábado
 [...]

BUARQUE, Chico. Construção. In: _____. *Construção*. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1971.

Chico Buarque compra baguetes para o lanche da tarde

O cantor e compositor desfilou de bermuda, camiseta e chinelos pelas ruas do Leblon, Zona Sul do Rio



XXXX

Comprou sua baguete como se fosse a última



XXXX

Entrou na padaria como se fosse a única



XXXXX

E andou na fila do pão com o seu passo tímido



XXXX

Andou pelo Leblon como se fosse máquina



XXXX

Por essa baguete pra comer por esse chão pra dormir



XXXX

Seus olhos embotados de massa de pão e lágrima

A linguagem, por ser dialógica, permite que se estabeleçam diálogos entre os textos. Sobre a relação caracterizada por um texto citar o outro, assinale a alternativa correta.

- Como os comentários contemplam apenas alguns trechos da canção, podemos afirmar que se trata de um resumo da música, uma vez que apenas as partes principais foram utilizadas nas postagens.
- Ao fazerem comentários que se relacionam com a música, os internautas utilizaram, com objetivo meramente cômico, o recurso da paráfrase para dizer o mesmo que a canção diz, mas com outras palavras.
- Os comentários feitos pelos internautas em alusão à música “Construção”, do cantor Chico Buarque, são impróprios e pejorativos por descaracterizarem a canção, prejudicando a Música Popular Brasileira.
- A notícia sobre o cantor foi publicada em uma rede social, assim como os comentários. Desse modo, tem-se, além da intertextualidade que faz referência à música, um hibridismo entre gêneros textuais.
- Percebe-se um caráter crítico e irônico nos comentários, o que é reforçado, tanto pela intertextualidade com a música “Construção”, quanto pela forma sobreposta dos comentários, que remontam a estrutura de versos da canção.

EGO-GLOBO/MAURICIO SANTORO

16. UPE – Em agosto de 2005, a *Revista Língua* fez uma entrevista com Millôr Fernandes, o escritor escolhido para ser o homenageado da FLIP 2014. Eis, aqui, alguns trechos dessa entrevista.

Língua – Fazer humor é levar a sério as palavras ou brincar com elas?

Millôr – Humor, você tem ou não tem. Pode ser do tipo mais profundo, mais popular, mas tem de ter. Você vai fazendo e, sem querer, a coisa sai engraçada. Dá para perceber quando a construção é forçada. Tenho uma capacidade muito natural de perceber bobagem e destruir a coisa.

Língua – Com que língua você mais gosta de trabalhar?

Millôr – Não aprendi línguas até hoje (risos). Gosto de trabalhar com o português, embora inglês seja a que eu mais leio. Nunca tive temor de nada. Deve-se julgar as obras pelo que elas têm de qualidade, não por serem de fulano ou beltrano. Shakespeare fez muita besteira, mas tem três ou quatro obras perfeitas, e *Macbeth* é uma delas.

Língua – Na sua opinião, quais vantagens o português possui em comparação a outras línguas que você conhece?

Millôr – A principal vantagem é a de ser a minha língua. Ninguém fala duas línguas. Essa ideia de um espião que fala múltiplas línguas não passa de mentira. Vai lá no meio do jogo dizer “salame mingüê, um sorvete colorê...” ou “velho guerreiro”. Os modismos da língua, as coisas ocasionais, não são acessíveis a quem não é nativo. Toda pessoa tem habilidade só no seu idioma. Você pode aprender uma, dez, sei lá quantas expressões de outra língua, mas ainda existirão outras mil – como é que se vai fazer? A língua portuguesa tem suas particularidades. Como outras também. Aprendi desde cedo a ter o cuidado de não rimar ao escrever uma frase. Sobretudo em “-ão”.

Língua – Quais as normas mais loucas ou mais despropositadas da língua portuguesa?

Millôr – Toda pesquisa de linguagem é perigosa porque tem o caráter de induzir o sentido. Não tenho nenhum carinho especial por gramáticos. Na minha vida inteira sempre fui violento [no ataque às regras do idioma], porque a língua é a falada, a outra é apenas uma forma de você registrar a fala. Se todo mundo erra na crase é a regra da crase que está errada, como aliás está. Se você vai a Portugal, pode até encontrar uma reverberação que indica a crase. Não aqui. Aqui, no Brasil, a crase não existe.

Língua – Mas a fala brasileira é mutante e díspar, cada região tem sua peculiaridade. Como romper regras da língua sem cair no vale-tudo?

Millôr – Se não houver norma, não há como transgredir. A língua tem variantes, mas temos de ensinar a escrever o padrão. Quem transgride tem nome ou peito, que o faça e arque com as consequências. Mas insisto que a escrita é apenas o registro da língua falada. De Machado de Assis pra cá, tudo mudou. A língua alemã fez reforma ortográfica há 50 anos, correta. Aqui, na minha geração, já foram três reformas do gênero, uma mais maluca que a outra. Botaram acento em “boemia”, escreveram “xeque” quando toda língua busca lembrar o árabe *shaiik*, insistiram que o certo é “veado” quando o Brasil inteiro pronuncia “viado”.

Como chegaram a tais conclusões? Essas coisas são idiotas e cabe a você aceitar ou não. Veja o caso da crase. A crase, na prática, não existe no português do Brasil. Já vi tábuas de mármore com crase errada. Se todo mundo erra, a crase é quem está errada. Se vamos atribuir crase ao masculino “dar àquele”, por que não fazer o mesmo com “dar alguém”? Não podemos.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa; ARAUJO, Marco Antonio. Millôr Fernandes – O senhor das palavras. In: *Revista Língua*, Ano 1, n. 1. ago. 2005. Adaptado.

Analise as seguintes ideias, que parafraseiam e sintetizam respostas de Millôr Fernandes, no texto.

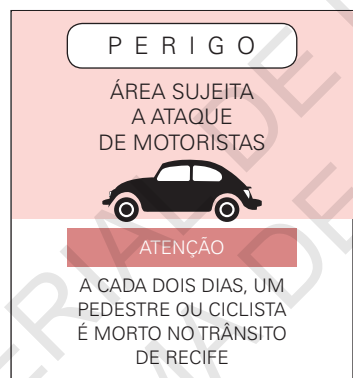
- I. Bloco (1) – Todo tipo de humor é intrínseco ao escritor, de modo que é perceptível quando a graça é compelida.
- II. Bloco (2) – A rigor, todo sujeito é poliglota, pois ninguém pode dominar, nem mesmo na sua língua, todos os modismos e expressões nativas.
- III. Bloco (4) – A escrita é uma representação da fala; se há uma norma que ninguém segue, o problema reside nessa norma, e não nos falantes.
- IV. Bloco (5) – As reformas ortográficas vêm acompanhando corretamente as mudanças na língua portuguesa desde Machado de Assis a nossos dias, mas cabe a cada um aceitá-las ou não.

Estão corretas, apenas:

- a) I e II. d) II e IV.
 b) I e III. e) III e IV.
 c) I, II e IV.

17. IFPE

“Ataques” de motoristas



No dia em que o Código de Trânsito Brasileiro (Lei 9.503/1997) completou 19 anos, a Associação Metropolitana de Ciclistas do Grande Recife (Ameciclo) afixou duas placas metálicas numa paródia aos ataques de tubarões, com o objetivo de alertar para os “ataques” de veículos, ontem pela manhã, em Boa Viagem, Zona Sul do Recife. As placas fazem parte da campanha Abaixo a Morte no Trânsito. Uma delas foi instalada na praia de Boa Viagem, junto aos avisos de presença de tubarões, e outra em ponte na Rua Desembargador José Neves, onde dois jovens foram atropelados e mortos em agosto.

O cicloativista Daniel Valença, 32 anos, comemora o fato de seis dos oito candidatos a prefeito do Recife terem assinado o documento que inclui o compromisso com a redução anual de 20% no número de acidentes de trânsito. Os dois nomes ausentes são o atual prefeito, Geraldo Julio (PSB), que se recusou, e Pantaleão, do Partido da Causa Operária (PCO), que não chegou a receber o texto.

A pressão aos candidatos é estimulada pela internet no endereço bastademortesnotransito.com.br, que destaca a ocorrência de 560 mortes no trânsito em 2014 na capital pernambucana. O número equivale a 34,6 mortes para cada 100 mil habitantes, muito acima da média do Brasil, de 23,4. No portal, a sociedade é estimulada a narrar seus casos de familiares, amigos e parentes vitimados.

DIÁRIO de Pernambuco, 26 set. 2016. Disponível em: <www.diariodepernambuco.com.br> Acesso: abr. 2019.

Considere-se que a paródia é uma figura de linguagem que consiste na modificação de trecho ou obra de outro autor, ou ainda de um clichê, com intuito jocoso, cômico ou crítico. Tendo em vista a paródia presente nas placas de que fala o texto “Ataques” de motoristas, a crítica e o humor estão garantidos graças aos seguintes procedimentos:

- a) manteve-se o termo “motoristas” e substituiu-se “tubarões” e “banhistas” por “ataques” e “ciclistas”, respectivamente.
- b) manteve-se o termo “ataques” e substituiu-se “tubarões” e “banhistas” por “motoristas” e “ciclistas”, respectivamente.
- c) manteve-se o termo “ataques” e substituiu-se “tubarões” e “banhistas” por “ciclistas” e “banhistas”, respectivamente.
- d) manteve-se o termo “tubarões” e substituiu-se “ataques” e “banhistas” por “acidentes” e “ciclistas”, respectivamente.
- e) manteve-se o termo “ataques” e substituiu-se “tubarões” e “banhistas” por “ciclistas” e “pedestres”, respectivamente.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C7-H22

Quem não passou pela experiência de estar lendo um texto e defrontar-se com passagens já lidas em outros? Os textos conversam entre si em um diálogo constante. Esse fenômeno tem a denominação de intertextualidade. Leia os seguintes textos:

Texto I

Quando nasci, um anjo torto
 Desses que vivem na sombra
 Disse: Vai Carlos! Ser “gauche” na vida.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Alguma poesia. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1964.

Texto II

Quando nasci veio um anjo safado
 O chato dum querubim
 E decretou que eu tava predestinado
 A ser errado assim
 Já de saída a minha estrada entortou
 Mas vou até o fim.

BUARQUE, Chico. Letra e Música. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Texto III

Quando nasci um anjo esbelto
 Desses que tocam trombeta, anunciou:
 Vai carregar bandeira.
 Carga muito pesada pra mulher
 Esta espécie ainda envergonhada.

PRADO, Adélia. Bagagem. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

Adélia Prado e Chico Buarque estabelecem intertextualidade, em relação a Carlos Drummond de Andrade, por

- a) reiteração de imagens.
- b) oposição de ideias.
- c) falta de criatividade.
- d) negação dos versos.
- e) ausência de recursos.

19. Enem-PPL**C6-H18****O mundo mudou**

O mundo mudou. “O mundo mudou” porque está sempre mudando. E sempre estará, até que chegue o seu alardeado fim (se é que chegará). Hoje vivemos “protegidos” por muitos cuidados e paparicos, sempre sob a forma de “serviços”, e desde que você tenha dinheiro para usá-los, claro. Carro quebrou na marginal? Relaxe, o guincho da seguradora virá em minutos resgatá-lo. Tem dificuldade de locomoção? Espere, a empresa aérea disporá de uma cadeira de rodas para levá-lo ao terminal. Surgiu uma goteira no seu chalé em plenas férias de verão? Calma, o moço que conserta telhados está correndo para lá agora. Vai ficando para trás um outro mundo – de iniciativas, de gestos solidários, de amizade, de improvisação (sim, “quem não improvisa se inviabiliza”, eu diria, parafraseando Chacrinha).

Estamos criando uma geração que não sabe bater um prego na parede, trocar um botijão de gás, armar uma rede. É, o mundo mudou sim. Só nos resta o telefone do SAC, onde gastaremos nossa bñlis com impropérios ao vento; ou o *site* da loja de eletrodomésticos onde ninguém tem nome (que saudade dos Reginaldos, Edmilsons e Velosos!). Ligaremos para falar com a nossa própria solidão, a nossa dependência do mundo dos serviços e a nossa incapacidade de viver com real simplicidade, soterrados por senhas, protocolos e pendências vãs. Nem Kafka poderia sonhar com tal mundo.

BALEIRO, Zeca. O mundo mudou. In: *IstoÉ*, 8 mar. 2013. Disponível em: <<https://istoe.com.br>>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

O texto trata do avanço técnico e das facilidades encontradas pelo homem moderno em relação à prestação de serviços. No desenvolvimento da temática, o autor

- a) mostra a necessidade de se construir uma sociedade baseada no anonimato, reafirmando a ideia de que a intimidade nas relações profissionais exerce influência negativa na qualidade do serviço prestado.

- b) apresenta uma visão pessimista acerca de tais facilidades porque elas contribuem para que o homem moderno se torne acomodado e distanciado das relações afetivas.
- c) recorre a clássicos da literatura mundial para comprovar o porquê da necessidade de se viver a simplicidade e a solidariedade em tempos de solidão quase inevitável.
- d) defende uma posição conformista perante o quadro atual, apresentando exemplos, em seu cotidiano, de boa aceitação da praticidade oferecida pela vida moderna.
- e) acredita na existência de uma superproteção, que impede os indivíduos modernos de sofrerem severos danos materiais e emocionais.

20. Enem**C6-H18**

Certa vez, eu jogava uma partida de sinuca, e só havia a bola sete na mesa. De modo que a mastiguei lentamente saboreando-lhe os bocados com prazer. Refiro-me à refeição que havia pedido ao garçom. Dei-lhe duas tacadas na cara. Estou me referindo à bola. Em seguida, saí montando nela e a égua, de que estou falando agora, chegou calmamente à fazenda de minha mãe. Fui encontrá-la morta na mesa, meu irmão comia-lhe uma perna com prazer e ofereceu-me um pedaço: “Obrigado”, disse eu, “já comi galinha no almoço”.

Logo em seguida, chegou minha mulher e deu-me na cara. Um beijo, digo. Dei-lhe um abraço. Fazia calor. Daí a pouco minha camisa estava inteiramente molhada. Refiro-me a que estava na corda secando, quando começou a chover. Minha sogra apareceu para apanhar a camisa.

Não tive remédio senão esmagá-la com o pé. Estou falando da barata que ia trepando na cadeira. Malaquias, meu primo, vivia com uma velha de oitenta anos. A velha era sua avó, esclareço. Malaquias tinha dezoito filhos, mas nunca se casou. Isto é, nunca se casou com uma mulher que durasse mais de um ano. Agora, sentado à nossa frente, Malaquias fura o coração com uma faca. Depois corta as pernas e o sangue do porco enche a bacia.

Nos bons tempos passeávamos juntos. Eu tinha um carro. Malaquias tinha uma namorada. Um dia rolou a ribanceira. Me refiro a Malaquias. Entrou pra pretoria adentro arrebentando porta e parou resfolegante junto do juiz pálido de susto. Me refiro ao carro. E a Malaquias.

FERNANDES, Millôr. *Trinta anos de mim mesmo*. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

Nesse texto, o autor reorienta o leitor no processo de leitura, usando como recurso expressões como “refiro-me/me refiro”, “estou me referindo”, “de que estou falando agora”, “digo”, “estou falando da”, “esclareço”, “isto é”. Todas elas são expressões linguísticas introdutoras de paráfrases, que servem para

- a) confirmar.
- b) contradizer.
- c) destacar.
- d) retificar.
- e) sintetizar.

ANÁLISE TEXTUAL



Análise × interpretação



ERHUI1979/ISTOCK

Apesar de parecerem sinônimos, análise e interpretação são conceitos diferentes e têm distinção relacionada às etapas de leitura de um texto.

Antes de entender a importância da análise para a compreensão de um texto, será definido o que é análise e como diferenciá-la do conceito de interpretação:

ANÁLISE

análise

substantivo feminino

ato ou efeito de analisar(-se)

1. separação de um todo em seus elementos ou partes componentes

Ex.: a. de uma substância

2. estudo pormenorizado de cada parte de um todo, para conhecer melhor sua natureza, suas funções, relações, causas etc.

Ex.: a. dos dados de uma pesquisa

3. avaliação crítica; exame, processo ou método com que se descreve, caracteriza e compreende algo (texto, obra de arte etc.).

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Analisar é o ato de pesquisar um assunto, um problema ou um tema, segmentando-o em partes que serão minuciosamente investigadas e esmiuçadas. É a avaliação pormenorizada dos elementos que compõe o todo de uma obra, descrevendo e classificando-os adequadamente.

- O conceito de análise
- O conceito de interpretação
- Tipos de análise
- Análise textual
- Análise temática
- Análise interpretativa

HABILIDADES

- Inferir em um texto quais são os objetivos de quem o produz e quem é o público-alvo, por meio da análise dos procedimentos argumentativos utilizados.
- Reconhecer, no texto, estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como intimidação, sedução, comoção, chantagem, entre outras.
- Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.

INTERPRETAÇÃO

interpretação

substantivo feminino

1. ato ou efeito de interpretar

[...]

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Franciso Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

De acordo com Vilson Leffa:

Etimologicamente a palavra ‘interpretar’ vem do latim ‘*interpres*’, que se referia à pessoa que examinava as entranhas de um animal para prever o futuro. Do ponto de vista da leitura, há um pressuposto interessante aqui: o significado daquilo que é lido não está na cabeça do ‘*interpres*’, do adivinho, mas contido no objeto. O ‘*interpres*’ não pode atribuir um significado, não pode tirar algo de dentro de si para depositar no objeto; pode apenas extrair o significado [...]

LEFFA, Vilson José. Interpretar não é compreender: um estudo preliminar sobre a interpretação de texto. In: LEFFA, Vilson José.; ERNST, Aracy. (org.). *Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa*. Pelotas: Educat, 2012.

Interpretar é elucidar o sentido do que está escrito, ser capaz de vasculhar para além das palavras, nas chamadas entrelinhas do conteúdo, para capturar seu sentido. A interpretação é, dessa forma, a capacidade de entender o significado de um texto.

Dessa forma, já temos uma premissa importante: primeiro, é necessário analisar o texto e somente depois é possível iniciar sua interpretação.

Enquanto a análise organiza, separa e esquadrinha os elementos de um texto, a interpretação permite que o leitor adentre seu significado.

LEITURA COMPLEMENTAR

Hermes → hermenêutica



METROPOLITAN MUSEUM OF ART, NOVA YORK

AVELINE, Pierre Alexandre. *O nascimento de Baco*. sec. XVIII. Gravura, 45,8 x 48 cm.

Obra que retrata o nascimento do deus Baco, entregue por seu meio irmão Hermes, a mando de Zeus, às ninfas do Nisa.

Mensageiro dos deuses, protetor dos viajantes, condutor da sombra dos mortos ao reino de Hades, Hermes (gr. *Ερμής*) era também o deus do comércio, dos ladrões e da eloquência.

Em sua qualidade de corredor incansável e rápido, tornou-se o protetor dos jovens que se exercitavam nos ginásios. Passou a ser também considerado, em épocas tardias, o inventor das práticas mágicas; devido à sua capacidade de interpretar e transmitir os desígnios dos outros deuses, recebeu o epíteto *hermeneus* (“intérprete”), de onde veio a palavra “hermenêutica”.

Hermes era habitualmente representado com as sandálias aladas, um chapéu de abas largas (o *pétaso* – *πέτασος*-, muito usado pelos viajantes) e o caduceu (*καρύκειον* = *kerykeion*), insígnia e símbolo dos arautos e mensageiros.

Era constantemente invocado pelos viajantes, mercadores, oradores, pastores e feiticeiros. Em Atenas, recebia sacrifícios durante o festival das Antestérias, quando os mortos eram lembrados.

RIBEIRO JR., Wilson Alves. Hermes. *Portal Gracia Antiqua*, 13 maio. 1999. Disponível em: <greciantiga.org>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

TIPOS DE ANÁLISE

A análise do texto tem como objetivo proporcionar ao leitor:

- aprender a ler, a ver, a escolher o mais importante dentro do texto;
- reconhecer a organização e estrutura de uma obra ou texto;
- interpretar o texto, familiarizando-se com ideias, estilos, vocabulários;
- chegar a níveis mais profundos de compreensão;
- reconhecer o grau de importância das partes, separando o importante do secundário ou acessório;
- desenvolver a capacidade de distinguir fatos, hipóteses e problemas;
- encontrar as ideias principais ou diretrizes e as secundárias;
- perceber como as ideias se ao longo do texto;
- identificar as conclusões e as bases que as sustentam.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas, 2004.

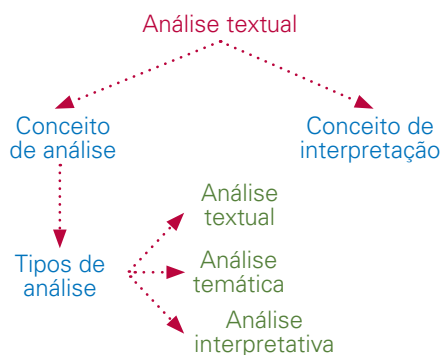
Análise textual

A análise textual é a primeira conexão do leitor com o texto, quando é necessário um contato ao mesmo tempo rápido e atento, com ênfase em alguns aspectos:

- colher impressões iniciais, lendo todo o texto e anotando palavras desconhecidas;

- verificar nome do autor, tema e vocabulário empregado, além de destacar pontos que possam exigir maior atenção;
- esquematização inicial das ideias que compõem a narrativa (o que vai facilitar muito a revisão sistemática do conteúdo);
- ao final da leitura, ter uma visão geral sobre o texto, de modo a reconhecer o contexto.

Exemplo de esquematização do texto apresentado neste módulo utilizando chavetas:



Análise temática

Após o primeiro contato com o texto (análise textual), empreende-se a análise temática, a qual deve ser de maior profundidade e compreensão, mas ainda sem inferências sobre o conteúdo em análise. O objetivo, neste ponto, é entender qual é a ideia central contida no texto e, para isso, criar um roteiro de perguntas pode ser uma estratégia bastante eficaz para tal compreensão.

Pergunte-se:

O que é principalmente retratado no texto?

Como o autor se posiciona frente à essa problematização e a partir de qual ponto de vista ele o aborda?

Qual é o elemento central a ser discutido no texto e quais são os elementos secundários (ou auxiliares) que corroboram com essa argumentação?

O que mantém a estrutura global e orienta sua a finalidade do texto?

Análise interpretativa

Interpretação é processo, num primeiro momento, de dizer o que o autor disse, parafraseando o texto, resumindo-o; é reproduzir as ideias do texto. Num segundo momento, entende-se interpretação como comentário, discussão das ideias do autor.

MEDEIROS, João Bosco. *Comunicação escrita: a moderna prática da redação*. Paulo: Atlas, 1992.

Se, nas duas etapas de análise iniciais, a exigência era para que o leitor percebesse o texto em sua totalidade, descobrindo o máximo possível de detalhes sobre sua estrutura e funcionamento, na terceira etapa da análise, a exigência é alterada: pede-se que o leitor estabeleça um “diálogo” com o autor, bem como com outros textos similares.

Fazer a análise interpretativa é ir além das palavras lidas e do texto estabelecido: é intervir na narrativa, analisando-a criticamente e estabelecendo relações contextuais.

Nesse momento, ocorre o encontro entre as ideias do autor e a interpretação do leitor, que proporciona o surgimento de um novo texto, ampliando pontos de vista e conceitos.

Ao final, é recomendável que o leitor refaça as análises textual e temática, reescrevendo cada etapa entremeadas da análise interpretativa, a qual acabou de produzir.

LEITURA COMPLEMENTAR



FEODORA CHIOSEA/ISTOCK

De acordo com especialistas, leitura dinâmica não é eficaz, uma vez que não se pode aumentar a velocidade de leitura sem perder a compreensão do texto, argumentam.

Leitura dinâmica é desacreditada por especialistas

De acordo com artigo publicado pela revista especializada *Psychological Science*, não se pode aumentar a velocidade de leitura sem perder a compreensão do texto

Basta dar um *Google* para encontrar milhares de cursos de leitura dinâmica que prometem resultados impressionantes de aprendizagem em pouco tempo. Apesar da grande demanda e oferta, um artigo publicado na revista especializada *Psychological Science* afirma que esse esforço não serve para nada. De acordo com os autores, não é possível duplicar ou triplicar a velocidade de leitura de um texto sem perder a compreensão do mesmo. E isso acontece porque o processo de leitura é muito mais complexo do que simplesmente treinar os olhos para deslizar rapidamente sobre as páginas.

Os cursos de leitura dinâmica, em geral, focam em exercícios para acelerar a velocidade ocular, utilizando muitas técnicas diferentes. Alguns ensinam a ler por blocos, caçar palavras-chave no contexto ou a priorizar ‘começo, subtítulos e fim’ pulando o resto. Outros optam por telas de leitura em que as palavras aparecem no mesmo campo, uma atrás da outra, na velocidade ajustada (alguns dispositivos começam com 200 palavras por minuto e podem ser acelerados progressivamente) – nesses casos, o

leitor é encorajado a ler cada vez mais rápido com avisos de desempenho como ‘você está lendo mil palavras por minuto’, por exemplo.

Leitura rápida

De acordo com Aniela Improta França, professora do Programa Avançado de Neurociência da UFRJ, Lígia Negri, professora de Linguística da UFPR e Ivo Carraro, psicólogo, especialista em neurociência, é possível adotar algumas medidas para ler com qualidade e boa memorização. Confira:

– Se tem pouco tempo para ler sobre um determinado tema, escolha autores que façam boas resenhas dos assuntos em vez de tentar ler grandes tratados com velocidade.

– Não tenha receio de ler novamente um trecho mal compreendido. Isso fará com que você entenda melhor o que virá nas próximas linhas. Prosseguir, sem entender, impede a compreensão do todo.

– Fazer esquemas ajuda a memorizar o que foi lido. Mantenha um papel ao lado e evite tentar reproduzir todo o conteúdo, aponte apenas palavras que possam ajudar o seu cérebro a fazer associações.

– Faça associações e crie relações mnemotécnicas para reter e memorizar um conteúdo. Por exemplo, se precisa lembrar de uma sequência, forme uma frase simpática com as primeiras letras de cada palavra ou invente uma música.

– Leia mais. A intimidade com a leitura faz com que se leia cada vez mais rapidamente e com boa compreensão.

O que não funciona para o aprendizado, segundo o artigo, é que a performance dos olhos corresponde a apenas 10% do sucesso do processo de leitura, o restante depende do mecanismo neurológico que está por trás. E esse mecanismo tem limitações fisiológicas e psicológicas específicas que exigem do leitor reler certas partes – as chamadas ‘sacadas’, que obriguem a estar mais tempo sobre o texto –, e a olhar as palavras ‘desde dentro’ para reter as informações na memória de longo prazo, ser capaz de entender os argumentos de fundo e reproduzi-los.

Se você olhar por fora, você se guia pela mancha que forma a silhueta da palavra, mas isso só serve se você está procurando certa palavra no texto, ou seja, busca um padrão visual em um todo, isso diminui as ‘sacadas’ e torna a leitura mais rápida”, explica Aniela Improta França, professora do Programa Avançado de Neurociência da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). “Porém, se você está lendo um texto para compreensão, porque você vai responder perguntas

ao final dele, a operação cognitiva é completamente diferente, aí você precisa ler dentro das palavras para ir montando o sentido do texto; essa leitura leva mais tempo”, continua.

O artigo também questiona os métodos de leitura dinâmica que ensinam a parar de pronunciar as sílabas internamente e estimulam os alunos a transformar as palavras em imagens. “Há evidências”, diz o texto, “de que o discurso interior desempenha um papel importante na identificação das palavras e compreensão durante a leitura em silêncio”. Isso pode ser essencial principalmente quando é preciso ler sobre um tema mais difícil. “A tendência é de achar mais fácil se tiver o apoio da pronúncia interna. Uma pessoa pode treinar para não ler internamente, mas eliminar esse apoio por completo pode trazer prejuízo”, diz Aniela França, da UFRJ.

Como alimenta apenas as memórias de breve e curto prazo, a leitura dinâmica também não é suficiente para a memorização e apreensão qualitativa. “A leitura é um processo de construção de conhecimento que é o grande patrimônio a conquistar e transmitir, isso leva tempo, muitos anos de prática, para formar os arquivos de dados e informações que serão necessários para toda a vida e para isso não há atalhos”, lembra Ivo Carraro, psicólogo, professor do Positivo e especialista em neurociência.

“Muitos cursos de leitura dinâmica apresentam técnicas para acelerar a leitura e a mágica que elas oferecem é sempre a de aumentar a taxa de leitura das palavras por fora em relação à taxa de leitura por dentro, eliminando a releitura. Mas existe um prejuízo na compreensão do que é lido. O que adianta ler rápido e não entender realmente o que está sendo lido?”, contesta Aniela Improta França professora do Programa Avançado de Neurociência da UFRJ.

Útil para a vida prática

A leitura dinâmica é uma boa ferramenta em situações em que é preciso tomar um conhecimento rápido, ainda que superficial, de uma determinada circunstância. “É uma das habilidades úteis para a vida moderna, que pode dar um panorama rápido do que está acontecendo, por exemplo ao ler as manchetes dos jornais ou até em questões imediatas em meio empresarial”, diz Lígia Negri, professora de Linguística da Universidade Federal do Paraná (UFPR). “Mas não é suficiente para formação de conhecimento, de raciocínio e de uma consciência crítica”, explica.

DRECHSEL, Denise. *Gazeta do Povo*, 9 maio. 2016. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.



DOLOVES/ISTOCK

Analisando e interpretando

Pensem em um filme ou obra audiovisual de que tenham gostado, elaborem uma breve análise dessa obra, seguindo os passos das três análises aqui apresentadas:

- estrutura elementar da obra;
- questão abordada na obra;
- relação com outras obras de mesma temática e com a trajetória do respectivo diretor.

Em seguida, reúnam-se em círculo, para que os interessados apresentem, com base na análise levantada, uma breve interpretação, explicando as razões que fazem a obra merecer um pouco de atenção e ser prestigiada.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

ANÁLISE TEXTUAL

Apesar de parecerem
sinônimos,

interpretação

análise

são conceitos distintos
em relação à

etapa de leitura de um texto.

Uma vez que

a interpretação

análise

prevê

prevê

uma leitura que vai além do que é apresenta-
do no conteúdo em questão. Prevê uma leitu-
ra nas entrelinhas.

uma avaliação pormenorizada das partes do
texto, de modo que possa ser feita a interpre-
tação.

É sistematizada como

textual,

temática,

interpretativa,

quando

quando

quando

ocorre leitura inicial e mais geral do
texto, sem foco nos pormenores.

após a leitura inicial, é feita apreensão
de pontos específicos do texto, como
tema, posicionamento do autor etc.

é necessário um diálogo com o tex-
to, ocorrendo posicionamento em
relação ao que foi apreendido.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. IFPE

Música, divina música!

Tanto duvidaram dele, da teoria daquele jovem gênio musical, que ele resolveu provar pra si mesmo, empiricamente, a teoria de que não existem animais selvagens. Que os animais são tão ou mais sensíveis do que os seres humanos. E que são sensíveis sobretudo ao envolvimento da música, quando esta é competentemente interpretada.

Por isso, uma noite, esgueirou-se sozinho pra dentro do Jardim Zoológico da cidade e, silenciosamente, se aproximou da jaula dos orangotangos. Começou a tocar baixinho, bem suave, a sua magnífica flauta doce, ao mesmo tempo em que abria a porta da jaula. Os macacões quase que não pestanejaram. Se moveram devagarinho, fascinados, apenas pra se aproximar mais do músico e do som.

O músico continuou as volutas de sua fantasia musical enquanto abria a jaula dos leões. Os leões, também hipnotizados, foram saindo, pé ante pé, com o respeito que só têm os grandes aficionados da música. E assim a flauta continuou soando no meio da noite, mágica e sedutora, enquanto o gênio ia abrindo jaula após jaula e os animais o acompanhavam, definitivamente seduzidos, como ele previra.

Uma lua enorme, de prata e ouro, iluminava os jacarés, elefantes, cobras, onças, tudo quanto é animal de Deus ali reunido, envolvidos na sinfonia improvisada no meio das árvores. Até que o músico, sempre tocando, abriu a última jaula, do último animal - um tigre.

Que, mal viu a porta aberta, saltou sobre ele, engolindo músico e música - e flauta doce de quebra. Os bichos todos deram um oh! de consternação. A onça, chocada, exprimiu o espanto e a revolta de todos:

– Mas, tigre, era um músico estupendo, uma música sublime! Por que você fez isso?

E o tigre, colocando as patas em concha nas orelhas, perguntou:

– Ahn? O quê, o quê? Fala mais alto, pô!

FERNANDES, Millôr. *Fábulas fabulosas*.

Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/millor/fabulas/055.htm>>. Acesso em: 03 out. 2017.

O texto constitui-se, principalmente,

- pela descrição dos personagens, do local e do tempo.
- pela necessidade de uma apresentação da ação, pela introdução de uma tese e de argumentos que a consolidem.
- pela presença de um observador dos fatos, o qual descreve situações futuras, de forma preditiva.
- por uma sequência cronológica de ações, pela presença de personagens e pela identificação de local e tempo.
- pela interpretação dos fatos ou dados narrados, organizando-os em acontecimentos principais e secundários.

O texto é uma narrativa e vale-se de elementos narrativos tais como personagens, espaço, tempo e ações para constituir-se de estrutura e sentido.

2. IFPE – Leia a charge abaixo para responder à questão a seguir.



IVAN CABRAL

As charges normalmente se valem da relação dialógica entre a linguagem verbal e a não verbal para compor sua crítica. Tomando por base esse princípio e a análise da charge acima, assinale a alternativa correta.

- O fato de a palavra “ética” ter, na charge, uma interpretação ambígua é o que confere humor à charge.
- A fala do menino funciona como uma denúncia à falta de ética nos diversos âmbitos da sociedade.
- O humor da charge é evidenciado, unicamente, pelo desdém da professora, que se posta de costas para o aluno.
- O fato de o aluno levantar a caixa de giz, mostrando-a à professora, funciona como uma confissão de sua culpa no furto no giz.
- A charge perpassa, secundariamente, a ideia de que a escola é a única responsável pela transmissão de valores éticos e morais.

O humor da charge é construído a partir do momento em que a professora pede ao aluno que escreva na lousa a palavra “ética”, ao que este aponta terem roubado o giz, ou seja, alguém não foi ético. Assim, combinando as duas falas, a do menino acaba por funcionar como uma denúncia à falta de ética nos diversos âmbitos da sociedade, inclusive naqueles mais rotineiros.

3. UPF-RS – Este material publicitário foi criado para uma campanha de conscientização a respeito da ocorrência de pedofilia na internet.



KOLOTUSCHENKO/MARIATKACH/ISTOCK

Proteja seus filhos do que está por trás desse sorriso. Contate a sociedade de conscientização do crime cibernético.

I. Falso. A canção não faz menção ao momento de autoritarismo, além de se fazer menção ao recomeço.

II. Falso. A canção é prioritariamente descritiva, composta por uma série de frases nominais. Além disso, a única rotina que a letra da canção apresenta é a da mudança de estações no centro-sul do Brasil: as chuvas de março são sinal da chegada do outono, independentemente da localização geográfica, rural ou urbana.

III. Verdadeiro. As sentenças afirmativas, iniciadas pelo verbo *ser*, marcam a canção, assim como referência ao mundo natural, conforme o próprio título indica. Os pares antitéticos são elementos constitutivos desse ambiente, como vida e morte, noite e sol.

5. Uerj – A questão a seguir refere-se ao conto *As margens da alegria*, do livro *Primeiras estórias*, de João Guimarães Rosa.

Esta é a estória.

La um menino, com os tios, passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos. A mãe e o pai vinham trazê-lo ao aeroporto. A tia e o tio tomavam conta dele, justínhamente. Sorria-se, saudava-se, todos se ouviam e falavam. O avião era da companhia, especial, de quatro lugares. Respondiam-lhe a todas as perguntas, até o piloto conversou com ele. O voo ia ser pouco mais de duas horas. O menino fremia no acorçoo, alegre de se rir para si, confortavelzinho, com um jeito de folha a cair. A vida podia às vezes ralar numa verdade extraordinária. Mesmo o afivelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. Assim um crescer e desconter-se — certo como o ato de respirar — o de fugir para o espaço em branco. O menino. E as coisas vinham docemente de repente, seguindo harmonia prévia, benfazeja, em movimentos concordantes: as satisfações antes da consciência das necessidades. Davam-lhe balas, chicles, à escolha. Solicito de bem-humorado, o tio ensinava-lhe como eta reclínável o assento bastando a gente premer manivela. Seu lugar era o da janelinha, para o amável mundo.

Entregavam-lhe revistas, de folhear, quantas quisesse, até um mapa, nele mostravam os pontos em que ora e ora se estava, por cima de onde. O menino deixava-as, fartamente, sobre os joelhos, e espiava: as nuvens de amontoada amabilidade, o azul de só ar, aquela claridade à larga, o chão plano em visão cartográfica, repartido de roças e campos, o verde que se ia a amarelos e vermelhos e a pardo e a verde; e, além, baixa, a montanha. Se homens, meninos, cavalos e bois — assim insetos? Voavam supremamente. O menino, agora, vivia; sua alegria despedindo todos os raios. Sentava-se, inteiro, dentro do macio rumor do avião: o bom brinquedo trabalhoso.

Ainda nem notara que, de fato, teria vontade de comer, quando a tia já lhe oferecia sanduíches. E prometia-lhe o tio as muitas coisas que ia brincar e ver, e fazer e passear, tanto que chegassem. O menino tinha tudo de uma vez, e nada, ante a mente. A luz e a longa-longa-longa nuvem.

Chegavam.

II

Enquanto mal vacilava a manhã.

A grande cidade apenas começava a fazer-se, num semi-ermo, no chapa-dão: a mágica monotonia, os diluídos ares. O campo de pouso ficava a curta distância da casa — de madeira, sobre estações, quase penetrando na mata. O menino via, vislumbrava.

Respirava muito. Ele queria poder ver ainda mais vívido — as novas tantas coisas — o que para os seus olhos se pronunciava. A morada era pequena, passava-se logo à cozinha, e ao que não era bem quintal, antes breve clareira, das árvores que não podem entrar dentro de casa. Altas, cipós e orquideazinhas amarelas delas se suspndiam. Dali, podiam sair índios, a onça, leão, lobos, caçadores?

Só sons. Um — e outros pássaros — com cantos compridos. Isso foi o que abriu seu coração. Aqueles passarinhos bebiam cachaça?

Senhor! Quando avistou o peru, no centro do terreiro, entre a casa e as árvores da mata. O peru, imperial, dava-lhe as costas, para receber sua admiração. Estalara a cauda, e se entufou, fazendo roda: o repar das asas no chão brusco, rijo se proclamara.

Grugulejou, sacudindo o abotoado grosso de bagas rubras; e a cabeça possuía laivos de um azul-claro, raro, de céu e sanhaços; e ele, completo, torneado, redondoso, todo em esferas e planos, com reflexos de verdes metais em azul-e-preto — o peru para sempre. Belo, belo! Tinha qualquer coisa de calor, poder e flor, um transbordamento. Sua ríspida grandeza tonltriante. Sua colorida empáfia. Satisfazia os olhos, era de se tanger trombeta. Colérico, encachiado, andando, gruzlou outro gluglo. O menino riu, com todo o coração. Mas só bis-viu. Já o chamavam, para o passeio.

III

Iam de jipe, iam aonde ia ser um sítio do Ipê. O menino repetia-se em íntimo o nome de cada coisa.

A poeira, alvissareira. A malva-do-campo, os lentiscos. O velame-branco, de pelúcia. A cobra-verde, atravessando a estrada. A arnica: em candelabros pálidos. A aparição an-gélica dos papagaios.

As pitangas e seu pingar. O veado campeiro: o rabo branco. As flores em pompa arroxeadas da canela-de-ema. O que o tio falava: que ali havia “imundície de perdizes”. A tropa de seriemas, além, fugindo, em fila, índio-a-índio. O par de garças. Essa paisagem de muita largura, que o grande sol alagava.

O buriti, à beira do corguínho, onde, por um momento, atolaram. Todas as coisas, surgidas do opaco. Sustentava-se delas sua incessante alegria, sob espécie sonhosa, bebida, em novos aumentos de amor. E em sua memória ficavam, no perfeito puro, castelos já armados. Tudo, para a seu tempo ser dadamente descoberto, fizera-se primeiro estranho e desconhecido. Ele estava nos ares. Pensava no peru, quando voltavam. Só um pouco, para não gastar fora de hora o quente daquela lembrança, do mais importante, que estava guardado para ele, no terreirínho das árvores bravas. Só pudera tê-lo um instante, ligeiro, grande, demoroso. Haveria um, assim, em cada casa, e de pessoa?

Tinham fome, servido o almoço, tomava-se cerveja. O tio, a tia, os engenheiros. Da sala, não se escutava o galhardo ralar dele, seu grugulejo? Esta grande cidade ia ser a mais levantada no mundo.

Ele abria leque, impante, explodido, se eunava... Mal comeu dos doces, a marmelada, da terra, que se cortava bonita, o perfume em açúcar e carne de flor. Saiu, sófrego de o rever.

Não viu: imediatamente. A mata é que era tão feia de altura. E — onde? Só umas penas, restos, no chão. — “Uê se matou. Amanhã não é o dia-de-anos do doutor?”

Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru aquele. O peru-seu desaparecer no espaço. Só no grão nulo de um minuto, o menino recebia em si um miligrama de morte.

Já o buscavam: — “Vamos aonde a grande cidade vai ser, o lago..

IV

Cerrava-se, grave, num cansaço e numa renúncia à curiosidade, para não passear com o pensamento.

Ia. Teria vergonha de falar do peru. Talvez não devesse, não fosse direito ter por causa dele aquele doer, que põe e punge, de dó, desgosto e desengano. Mas, matarem-no, também, parecia-lhe obscuramente algum erro. Sentia-se sempre mais cansado. Mal podia com o que agora lhe mostravam, na circuntristeza: o um horizonte, homens no trabalho de terra-plenagem, os caminhões de cascalho, as vagas árvores, um ribeirão de águas cinzentas, o velame-do-campo apenas uma planta desbotada, o encantamento morto e sem pássaros, o ar cheio de poeira. Sua fadiga, de impedida emoção, formava um medo secreto: descobria o possível de outras adversidades, no mundo maquinal, no hostil espaço; e que entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia. Abaixava a cabecinha.

Ali fabricava-se o grande chão do aeroporto — transitavam no extenso as compressoras, caçambas, cilindros, o carneiro socando com seus dentes de pilões, as betumadoras.

E como haviam cortado lá o mato? — a tia perguntou.

Mostraram-lhe a derrubadora, que havia também: com à frente uma lâmina espessa, limpa-trilhos, à espécie de machado. Queria ver? Indicou-se uma árvore: simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca.

A coisa pôs-se em movimento.

Reta, até que devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: uh... sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda.

Trapreara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acertamento — o inaudito choque — o pulso da pancada. O menino fez ascas.

Olhou o céu — atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto. A limpa esgueiz do tronco e o marulho imediato e final de seus ramos — da parte de nada.

Guardou dentro da pedra.

V

De volta, não queria sair mais ao terreirinho, lá era uma saudade abandonada, um incerto remorso.

Nem ele sabia bem. Seu pensamentozinho estava ainda na fase hieroglífica. Mas foi, depois do jantar. E — a nem espetacular surpresa — viu-o, suave inesperado: o peru, ali estava! Oh, não. Não era o mesmo. Menor, menos muito. Tinha o coral, a arrecada, a escova, o grugulhar rufo, mas faltava em sua penosa elegância o recacho, o englobo, a beleza esticada do primeiro. Sua chegada e presença, em todo o caso, um pouco consolavam.

Tudo se amaciava na tristeza. Até o dia; isto era já o vir da noite.

Porém, o subir da noitinha é sempre e sofrido assim, em toda a parte. O silêncio saía de seus guardados. O menino, timorato, aquietava-se com o próprio quebranto: alguma força, nele, trabalhava por arraigar raízes, aumentar-lhe alma.

Mas o peru se adiantava até a beira da mata. Ali adivinhara o quê? Mal dava para se ver, no escurecendo. E era a cabeça degolada do outro, atirada ao monturo. O menino se doía e se entusiasmava.

Mas: não. Não por simpatia companheira e sentida o peru até ali viera, certo, atraído. Movia-o um ódio. Pegava de bicar, feroz, aquela outra cabeça. O menino não entendia. A mata, as mais negras árvores, eram um montão demais; o mundo.

Trevava.

Voava, porém, a luzinha verde, vindo mesmo da mata, o primeiro vagalume. Sim, o vagalume, sim, era lindo! — tão pequenino, no ar, um instante só, alto, distante, indo-se. Era, outra vez em quando, a alegria.

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

O título *As margens da alegria* constitui uma chave de interpretação: se o leitor identifica quais são as margens da alegria, em relação ao protagonista Menino, estabelece o eixo que sustenta e estrutura o conto.

Pela leitura global do texto, pode-se dizer que, para o Menino, as margens da alegria se definem pelos seguintes fatores:

- a) encantamento com a luz e medo perante a escuridão
- b) deslumbramento com a beleza e dor frente à morte**
- c) curiosidade da criança e descrença do homem
- d) construção da cidade e destruição das árvores

O Menino fica deslumbrado com a beleza do peru e, quando se depara com a morte deste para ser servido em uma refeição, sofre com a dor. No entanto, ao final do conto, avista um vaga-lume, ficando deslumbrado, novamente, com a beleza.

6. Enem

C5-H16

Somente uns tufos secos de capim empedrados crescem na silenciosa baixada que se perde de vista. Somente uma árvore, grande e esgalhada mas com pouquíssimas folhas, abre-se em farrapos de sombra. Único ser nas cercanias, a mulher é magra, ossuda, seu rosto está lanhado de vento. Não se vê o cabelo, coberto por um pano desidratado. Mas seus olhos, a boca, a pele — tudo é de uma aridez sufocante. Ela está de pé. A seu lado está uma pedra. O sol explode.

Ela estava de pé no fim do mundo. Como se andasse para aquela baixada largando para trás suas noções de si mesma. Não tem retratos na memória. Desapossada e despojada, não se abate em autoacusações e remorsos. Vive.

Sua sombra somente é que lhe faz companhia. Sua sombra, que se derrama em traços grossos na areia, é que adoga como um gesto a claridade esquelética. A mulher esvaziata emudece, se dessangra, se cristaliza, se mineraliza. Já é quase de pedra como a pedra a seu lado. Mas os traços de sua sombra caminham e, tornando-se mais longos e finos, esticam-se para os farrapos de sombra da ossatura da árvore, com os quais se enlaçam.

FRÖES, Leonardo. *Vertigens*: obra reunida. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Na apresentação da paisagem e da personagem, o narrador estabelece uma correlação de sentidos em que esses elementos se entrelaçam. Nesse processo, a condição humana configura-se

- a) amalgamada pelo processo comum de desertificação e de solidão.
- b) fortalecida pela adversidade extensiva à terra e aos seres vivos.
- c) redimensionada pela intensidade da luz e da exuberância local.

- d) imersa em um drama existencial de identidade e de origem.
- e) imobilizada pela escassez e pela opressão do ambiente.

Tanto personagem quanto espaço físico descrito na narrativa mimetizam características de desertificação e de solidão, como pode ser atestado nos trechos “Somente uma árvore, grande e esgalhada mas com pouquíssimas folhas, abre-se em farrapos de sombra. Único ser nas cercanias, a mulher é magra, ossuda, seu rosto está banhado de vento. Não se vê o cabelo, coberto por um pano desidratado. Mas seus olhos, a boca, a pele – tudo é de uma aridez sufocante.” “A mulher esvaziada emudece, se dessangra, se cristaliza, se mineraliza. Já é quase de pedra como a pedra a seu lado.” e “Somente uns tufos secos de capim empedrados crescem na silenciosa baixada que se perde de vista.”

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. IFPE – Leia os textos para responder à questão a seguir.

Texto I

Economia comportamental leva o Nobel

Norte-americano Richard H. Thaler diz que ‘para fazer uma boa análise em economia deve-se ter em mente que as pessoas são humanas’

Richard H. Thaler recebeu o Prêmio Nobel de Economia pelas suas contribuições no campo da economia comportamental. O professor Thaler, nascido em 1945, em East Orange, New Jersey (EUA), trabalha na Faculdade de Administração da Universidade Booth de Chicago. Segundo o comitê do Nobel, ao anunciar o prêmio em Estocolmo, Thaler é pioneiro na aplicação da psicologia ao comportamento em economia e em explicar como as pessoas tomam decisões econômicas, às vezes, rejeitando a racionalidade.

Sua pesquisa, disse o comitê, levou o campo comportamental em economia, de um papel secundário, para a corrente principal da pesquisa acadêmica e mostrou que o fator tinha importantes implicações para a política econômica.

Thaler disse, nesta segunda-feira, 9, que a premissa básica de suas teorias é a seguinte: “Para fazer uma boa análise em economia deve-se ter em mente que *as pessoas são humanas*”. Quando lhe perguntaram como gastaria o dinheiro (cerca de US\$ 1,1 milhão) do prêmio, respondeu: “Esta é uma pergunta bem divertida”. E acrescentou: “Tentarei gastá-lo da forma mais irracional possível”

O prêmio de Economia foi criado em 1968 em memória de Alfred Nobel e é concedido pela Academia Real de Ciências da Suécia.

As linhas principais de estudos econômicos em grande parte do século 20 basearam-se na hipótese simplificada de que as pessoas se comportavam racionalmente. Os economistas entendiam que isso não era literalmente real, mas argumentaram que estava bem próximo disso.

O professor Thaler desempenhou um papel central ao se distanciar desse pressuposto. Ele não só defendeu que os seres humanos são irracionais, o que é algo óbvio, mas também de pouca ajuda. Em vez disso, ele mostrou que as pessoas saem da racionalidade de maneiras coerentes, portanto seu comportamento ainda pode ser antecipado.

O comitê do Nobel descreveu como a teoria de Thaler sobre “contabilidade mental” explica de que forma as pessoas simplificam as decisões financeiras, concentrando-se no impacto limitado de cada decisão e não no seu efeito mais geral. Ele também mostrou como a aversão a uma perda pode explicar por que as pessoas valorizam muito mais o mesmo item quando são proprietárias do que quando não o são, fenômeno chamado “efeito de doação”.

As teorias de Thaler explicam, ainda, porque as resoluções de ano-novo podem ser difíceis de se manter e analisam a tensão entre o planejamento de longo prazo e a ação no curto prazo. Sucumbir à tentação de curto prazo é uma razão importante pela qual muitas pessoas fracassam em seus planos de poupar para quando forem idosas, ou fazer escolhas de estilo de vida mais saudáveis, de acordo com a pesquisa de Thaler. Ele também demonstrou o quanto mudanças aparentemente pequenas na forma como os sistemas funcionam, ou como um “empurrãozinho” (“nudging”) – termo que ele inventou – pode ajudar as pessoas a exercer melhor o autocontrole quando, por exemplo, estão economizando para a aposentadoria.

O professor Thaler teve uma rápida participação no filme *A Grande Aposto*, ao lado da atriz e cantora Selena Gomez, no qual ele usou a economia comportamental para ajudar a explicar as causas da crise financeira. Quando perguntaram a ele sobre sua “curta carreira em Hollywood”, brincou se dizendo desapontado pelo fato de suas façanhas como ator não terem sido mencionadas no resumo de suas realizações quando o prêmio foi anunciado.

Por que o trabalho de Thaler foi importante? Seu trabalho forçou os economistas a lidarem com as limitações da análise tradicional com base no pressuposto de que as pessoas são atores racionais. Ele também tem sido excepcionalmente bem-sucedido ao influenciar diretamente políticas públicas. Uma das contribuições mais importantes é a sua influência sobre a mudança dos planos de aposentadoria nos quais os funcionários se inscrevem automaticamente e nas apólices que oferecem aos funcionários a opção de aumentar as contribuições ao longo do tempo. Ambos refletem a visão de Thaler de que a inércia pode ser usada para moldar resultados benéficos sem impor limites à escolha humana.

APPELBAUM, Binyamin. *O Estado de S. Paulo*, 9 out. 2107.

Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br>>.

Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

Texto II



RECCHIA, Tiago. *Folha de S. Paulo*, 10 out. 2017. Disponível em: <<http://fotografia.folha.uol.com.br>>. Acesso em: abr. 2019.

Com base em seu conhecimento sobre o gênero charge e na leitura do texto Economia comportamental leva o Nobel e da charge apresentada acima, é correto afirmar que

- a) na charge de Tiago Recchia, o contexto não é evidente. Sem a leitura prévia do texto, o seu sentido se perde por completo.
- b) o uso de caricatura é uma característica formal da charge. A caricatura de Thaler sentado na poltrona, por exemplo, é um dos elementos imagéticos mobilizados na charge.
- c) o gênero charge revela que há uma relação muito estreita entre o sentido do texto e a situação em que foi produzido.
- d) o humor da charge de Recchia é desencadeado pelo comentário no 1º balão, que explicita a interpretação da personagem sobre a matéria lida.
- e) a fala da personagem no 2º balão não é coerente com a forma como [ela] foi retratada: chegando com inúmeros pacotes e sacolas de compras.

8. FCM-MG

O corpo da mulher

Coisa mais difícil é ser mulher. Não bastassem as surpresas que a fisiologia lhes impõe, as sociedades criam regras para cercar-lhes a liberdade de ir e vir e padrões rígidos de comportamento e moralidade que não se aplicam aos homens.

De todas as imposições sociais, a mais odiosa é a apropriação indébita do corpo feminino.

Não é por outra razão que cidadãos de mais de 20 países se dão o direito de mutilar os genitais de suas filhas, na mais tenra idade. São cirurgias cruentas, sem anestésicos nem assepsia, a que o mundo assiste em silêncio acovardado, em nome do respeito às “tradições culturais”.

Nós, que nos intitulamos “civilizados”, não chegamos a esse nível de barbárie, no entanto, repreendemos a menina de dois anos quando leva a mão ao sexo ou senta com as pernas abertas.

Na piscina de um condomínio de classe média alta, em Cleveland, nos Estados Unidos, minha filha foi admoestada pela encarregada da segurança por deixar minha neta sem a parte de cima do biquíni. O argumento? Provocar os homens presentes. Uma criança de cinco anos?

Na puberdade, com o cérebro inundado pela testosterona, jamais alguém ousou sugerir que iniciação sexual leve-se em conta o amor, sentimento que mães e pais que se consideram avançados exigem das adolescentes. Sexo casual exalta a condição masculina, enquanto mancha a reputação da mulher. Não é preciso graduação em filosofia pura para expor o paradoxo.

Aos 12 ou 13 anos, idades em que o corpo ensaia com graça os primeiros passos em direção mulher adulta, os interesses da indústria e da publicidade sexualizam com mini *shorts* e camisetas decotadas, o modo de vestir das meninas.

Quando saem às ruas com as roupas da moda exibidas na TV e nas revistas, elas são acusadas de provocadoras, portanto sujeitas às grosserias e ao risco de se tornarem vítimas dos instintos masculinos mais bestiais.

Ao ficar adultas, são forçadas a atender a um padrão estético que privilegia a magreza doentia das top models. Sem levar em conta os caprichos da genética, a mulher moderna deve ser magra, sobretudo. A exigência de exibir a ossatura acaba por lhes distorcer a autoimagem. Passam

a implicar com o pequeno acúmulo de gordura, com rugas insignificantes e com celulites só visíveis em posições acrobáticas sob o foco de luz.

No passado, demonstrar interesse por uma mulher era elogiar sua beleza; hoje, dizer que está mais magra é meio caminho andado.

Nós, homens, somos complacentes com a autoimagem. O sujeito com 20 quilos a mais sai do banho enrolado na toalha, para na frente do espelho, bate no abdômen avantajado e se vangloria: “tô simpático, tô bonito”. Está para nascer mulher com tamanha autoconfiança.

Mas é na gravidez que fica demonstrada a superioridade fisiológica do organismo feminino.

Produzem apenas um óvulo, enquanto nos obrigam a ejetar 300 milhões de espermatozoides, para que se deem ao luxo de escolher o mais apto. Daí em diante, por conta própria, constroem uma criança de três quilos, sem qualquer participação masculina.

Na gravidez nosso papel é tão desprezível que precisamos fazer exame de DNA para comprovar a paternidade.

Apesar da irrelevância, no entanto, nós é que aprovamos as leis que as consideram criminosas em caso de abortamento provocado. O sofrimento e as mortes das jovens submetidas a procedimentos realizados nas condições mais desumanas que possamos imaginar não nos sensibilizam.

Depois de passar décadas espremidas em trajes incômodos e de andar mal equilibradas em saltos de um palmo de altura, só lhes restam duas saídas: a cirurgia plástica ou o suicídio, providências nem sempre excludentes. Antes operar o rosto, aspirar a gordura abdominal ou partir deste mundo do que envelhecer.

Às que ficam mais velhas não sobram alternativas: se deixam os cabelos embranquecer são rotuladas de velhas, se decidem pintá-los de preto ficam com cara de senhoras, se os tingem de loiro são xingadas de exibidas. Se vestem roupas em tons discretos são antiquadas, se acompanham a moda das mais jovens são ridículas, sem noção.

As leitoras que me perdoem, mas na próxima encarnação prefiro nascer homem, outra vez.

VARELLA, Drauzio. *Folha de S.Paulo*, 10 jun. 2017.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/>. Acesso em: abr. 2019

Assinale a alternativa que traz uma interpretação incorreta sobre o texto.

- a) Ao afirmar que prefere nascer homem outra vez, o autor manifesta atitude machista.
- b) A sociedade, ao longo do tempo, tem infligido imposições prejudiciais às mulheres.
- c) Tradições culturais permitem a apropriação indébita do corpo feminino.
- d) A gestação prescinde da participação fisiológica do homem.

9. UFRGS

Nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Mas também, nada mais perigoso, porque um dia vem a reação indispensável e a relega injustamente para a categoria do erro, até que se efetue a operação difícil de chegar a um ponto de vista objetivo, sem desfigurá-la de um lado nem de outro. É o que tem ocorrido com o estudo da relação entre a obra e o seu

condicionamento social, que a certa altura chegou a ser vista como chave para compreendê-la, depois foi rebaixada como falha de visão, — e talvez só agora comece a ser proposta nos devidos termos.

De fato, antes se procurava mostrar que o valor e o significado de uma obra dependiam de ela exprimir ou não certo aspecto da realidade, e que este aspecto constituía o que ela tinha de essencial. Depois, chegou-se à posição oposta, procurando-se mostrar que a matéria de uma obra é secundária, e que a sua importância deriva das operações formais postas em jogo, conferindo-lhe uma peculiaridade que a torna de fato independente de quaisquer condicionamentos, sobretudo social, considerado inoperante como elemento de compreensão. Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra, em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno.

Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. Segundo esta ordem de ideias, o ângulo sociológico adquire uma validade maior do que tinha. Em compensação, não pode mais ser imposto como critério único, ou mesmo preferencial, pois a importância de cada fator depende do caso a ser analisado. Uma crítica que se queira integral deve deixar de ser unilateralmente sociológica, psicológica ou linguística, para utilizar livremente os elementos capazes de conduzirem a uma interpretação coerente.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

Assinale a afirmação que está de acordo com a argumentação defendida pelo autor no texto.

- a) O autor defende um ponto de vista objetivo de análise que trate da relação entre a obra e o condicionamento social, por meio de interpretação exacerbada da realidade, concebida como verdade, para chamar a atenção do leitor.
- b) O autor defende que o valor e o significado de uma obra são dependentes de sua relação com a realidade e que este aspecto constitui o essencial da análise literária, por agregar uma história sociologicamente orientada, com a valorização dos aspectos externos à obra.
- c) O autor defende uma análise unicamente sociológica da obra para que se configure uma interpretação assimilada à realidade, que conceda uma validade maior ao ângulo sociológico e se chegue à verdade no processo interpretativo.
- d) O autor defende uma interpretação coerente e estética, que considere o aspecto externo (social) como interno e como fator de arte agregado a outros elementos, com a consideração da importância de dado fator como dependente de cada obra em análise.
- e) O autor defende que, para se chegar a uma interpretação coerente que valorize o texto e o contexto ex-

terno, deve-se atribuir o mesmo grau de importância aos fatores externos (sociais) e internos (psicológicos ou linguísticos).

10. Mack-SP

Escrever é um ato não natural. A palavra falada é mais velha do que nossa espécie, e o instinto para a linguagem permite que as crianças engatem em conversas articuladas anos antes de entrar numa escola. Mas a palavra escrita é uma invenção recente que não deixou marcas em nosso genoma e precisa ser adquirida mediante esforço ao longo da infância e depois.

A fala e a escrita diferem em seus mecanismos, é claro, e essa é uma das razões pelas quais as crianças precisam lutar com a escrita: reproduzir os sons da língua com um lápis ou com o teclado requer prática. Mas a fala e a escrita diferem também de outra maneira, o que faz da aquisição da escrita um desafio para toda uma vida, mesmo depois que seu funcionamento foi dominado. Falar e escrever envolvem tipos diferentes de relacionamentos humanos, e somente o que diz respeito à fala nos chega naturalmente. A conversação falada é instintiva porque a interação social é instintiva: falamos às pessoas “com quem temos diálogo”. Quando começamos um diálogo com nossos interlocutores, temos uma suposição do que já sabem e do que poderiam estar interessados em aprender, e durante a conversa monitoramos seus olhares, expressões faciais e atitudes. Se eles precisam de esclarecimentos, ou não conseguem aceitar uma afirmação, ou têm algo a acrescentar, podem interromper ou replicar.

Não gozamos dessa troca de *feedbacks* quando lançamos ao vento um texto. Os destinatários são invisíveis e imperscrutáveis, e temos que chegar até eles sem conhecê-los bem ou sem ver suas reações. No momento em que escrevemos, o leitor existe somente em nossa imaginação. Escrever é, antes de tudo, um ato de faz de conta. Temos de nos imaginar em algum tipo de conversa, ou correspondência, ou discurso, ou solilóquio, e colocar palavras na boca do pequeno avatar que nos representa nesse mundo simulado.

PINKER, Steven. *Guia de escrita: como conceber um texto com clareza, precisão e elegância*. Tradução de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2016. Adaptado.

Depreende-se corretamente do texto que:

- a) a escrita é uma atividade tão natural quanto falar, tanto que seu aprendizado prescinde de treinamento direcionado.
- b) escrever e falar são atividades da linguagem humana absolutamente equivalentes no seu modo de produção e resultado nas trocas interacionais.
- c) a atividade da escrita implica aprendizagem e treinamento e pode ser melhorada e aperfeiçoada ao longo da formação educacional.
- d) a presença física e real dos interlocutores na modalidade escrita facilita o processo de produção da escrita.
- e) o diálogo efetivo entre escritor e leitor permite que os *feedbacks* constantes ampliem as possibilidades de interpretação de textos escritos.

11. Mack-SP

A arqueologia não pode ser desvinculada de seu caráter aventureiro e romântico, cuja melhor imagem talvez seja, desde há alguns anos, as saborosas aventuras do arqueólogo Indiana Jones. Pois bem, quando do auge do sucesso

de Indiana Jones, o arqueólogo brasileiro Paulo Zanettini escreveu um artigo no *Jornal da Tarde*, de São Paulo, intitulado “Indiana Jones deve morrer!”. Para ele, assim como para outros arqueólogos profissionais, envolvidos com um trabalho árduo, sério e distante das peripécias das telas, essa imagem aventureira é incômoda.

O fato é que o arqueólogo, à diferença do historiador, do geógrafo ou de outros estudiosos, possui uma imagem muito mais atraente, inspiradora não só de filmes, mas também de romances e livros os mais variados.

Bem, para usar uma expressão de Eça de Queiroz, “**sob o manto diáfano da fantasia**” escondem-se as histórias reais que fundamentaram tais percepções. **A arqueologia surgiu no bojo do Imperialismo do século XIX, como um subproduto da expansão das potências coloniais europeias e dos Estados Unidos, que procuravam enriquecer explorando outros territórios. Alguns dos primeiros arqueólogos de fato foram aventureiros, responsáveis, e não em pequena medida, pela fama que se propagou em torno da profissão.**

FUNARI, Pedro Paulo. *Arqueologia*. São Paulo: Contexto, 2003. Adaptado.

Assinale a alternativa incorreta.

- a) A presença de aspas no texto indica que o autor do texto faz referência a palavras de outro autor, que ele incorpora em seu texto.
- b) O trecho a partir de “A arqueologia surgiu no bojo do Imperialismo do século XIX,...” até o final do texto, tem a função de justificar uma certa interpretação a respeito da figura do arqueólogo no imaginário popular.
- c) Discursos como o da literatura e o do cinema prescindem de figuras da realidade, uma vez que os tipos que elaboram são puramente ficcionais.
- d) Atividades científicas que surgiram no contexto de novos períodos de colonização e dominação de territórios estiveram relacionadas com a noção de aventura e descoberta.
- e) Desvincular uma atividade como a arqueologia do imaginário da aventura e do herói é como descaracterizar a própria imagem popular da profissão.

12. UPF-RS

Menino do Acre talvez seja uma das maiores empulhações da história “mística” do Brasil

O estudante de Psicologia de 25 anos é produto de uma grande jogada de marketing que nem precisou de um Washington Olivetto para criá-la

O “Menino do Acre” talvez fique na história como uma das grandes empulhações brasileiras, e a mídia, certamente para obter audiência e acesso, se não está endossando diretamente, está sendo conivente com as trapalhadas e enganações do **estudante de Psicologia Bruno Borges, de 25 anos**.

A Argentina tem Jorge Luis Borges. O Brasil contenta-se com Bruno Borges, o **pós-adolescente fujão**, que ficou desaparecido durante algum tempo, alegando que estava em busca do conhecimento. (...) Suas ideias sobre filosofia e alquimia são lorota pura. Ao desaparecer, **o que o jovem estava buscando?** “Busquei o autoconhecimento. Na alquimia, dizemos que o operador procede em busca da pedra filosofal”, afirma. O que isso quer dizer? Nada. É pura platitudes, embromação. Qualquer livro primário discute o assunto de maneira mais densa.

Bruno Borges diz que está articulando um projeto para mudar a vida das pessoas. Porém, não explica o que é, exceto que se trata de “despertar para o mundo do conhecimento” e para a “investigação da verdade”. O poeta Goethe, que se considerava alquimista, e o filósofo Nietzsche são precisos ao discutir temas sobre os quais o estudante apenas roça, possivelmente depois da leitura, não de livros científicos, e sim de obras místicas – talvez de terceira categoria ou sem categoria alguma.

Questionado, Bruno Borges, o nosso Borges “*détraqué*”, sustenta que seu projeto é “uma missão”. O projeto e a missão, a rigor, não são expostos de maneira cabal (anticientífico, ele avalia que não é preciso demonstrar); eventualmente, o Menino do Acre trata do tema de maneira elíptica, como se não soubesse do que está falando ou então estaria sonhando alguma coisa de caráter seminal, que ainda não pode ser dita, sobretudo para os não iniciados.

Espécie de Policarpo Quaresma da filosofia, vá lá, ou da alquimia, vá lá, Bruno Borges sugere que está buscando “a verdade da vida”. Entretanto, suas frases são ocas, as ideias são uma mistura de frases de efeito e “conceitos” mal digeridos. (...) O que dizer de um garoto que diz que conseguiu “lapidar a pedra filosofal”? A única coisa que parece ter lapidado de verdade foi a paciência de jornalistas e de leitores e telespectadores e sua própria cara de pau. (...) Ele fala em fé, o que sugere que é, claro, um místico – e não um cientista precoce, ao estilo de Darwin e Richard Dawkins. Mas certamente não chega aos pés de Antônio Conselheiro e do Padre Cícero.

Há místicos que buscam o autoconhecimento durante anos e, às vezes, nada encontram. Pois o Menino do Acre, em apenas dois meses e sem pesquisas detidas e rigorosas, alcançou seus objetivos, sua realização espiritual. Você leu certo: dois meses! O **garoto deveria ser preparado** pelos grandes laboratórios para “descobrir” um medicamento que “cure” os pacientes que têm Aids. Seria um portento. É possível que, depois de quatro meses, o Menino do Acre poderia se candidatar ao Prêmio Nobel de Medicina ou, quem sabe, de Literatura – tal o poder de sua imaginação. Ou seja, se ele terminar os dias escrevendo autoajuda ou ficção científica, nem Paulo Coelho, o esperto-*expert* em tudo, ficará surpreso. (...)

O **Quase-Adulto do Acre** revela: “Alguns livros”, dos 14, “talvez mereçam permanecer ocultos”. Certos livros deveriam ser qualificados como terrorismo ecológico – um atentado às florestas –, então, talvez seja melhor que fiquem ocultos. O Menino do Acre talvez seja a jogada de *marketing* mais bem urdida dos últimos anos, e sem a colaboração de Duda Mendonça e Washington Olivetto.

(...) No final da entrevista, tão impressionado quanto um conto de Borges é impressionante, o bom, o da Argentina, o Menino do Acre ensina aquilo que nem Marilena Chauí (...) é capaz de ideologizar: “Por mais que as pessoas não percebam, a partir de agora, o conhecimento será mais valorizado. Quanto mais conhecimento você tiver, mais influente será na sociedade”. Ora, o que surpreende é que o Menino do Acre parece não ter conhecimento algum, ao menos de maneira consistente e sistemática, e, mesmo assim, está se tornando tremendamente influente, inclusive concedendo entrevista ao *Fantástico*, da TV Globo, e à maior revista semanal do país, a *Veja*. Não é pouca coisa, não. (...)

Fico na dúvida, filosófica: o Menino do Acre fica melhor no papel de alienista, de alienado ou os dois? Ah, o modo como mesmerizou o país, atraindo jornalistas de todas as plagas, alienados mesmo somos nós, que, quem sabe, esperamos o Messias, ainda que na forma de um Borges piorado e sem *O Aleph*. Borges, o “Adulto Portenho”, tal-

vez esteja certo ao ecoar Marco Polo: “O real não é mais verdade do que o inventado”.

BELÉM, Euler de França. Marketing mesmerizante. *Jornal Opção*, 19 ago. 2017. Disponível em: <www.jornalopcao.com.br>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

Dentre as características de um texto escrito na norma padrão culta da língua portuguesa, está a de não repetir de forma inadequada termos ou expressões. Percebe-se, no texto, que o autor usou dessa estratégia para referir-se ao “Menino do Acre”.

Considerando as ideias desenvolvidas no texto e o modo como se refere ao conhecido “Menino do Acre”, é incorreto afirmar:

- Ao se referir ao “pós-adolescente fujão”, o autor revela sua opinião de que Bruno Borges não se trata de um “menino”.
- Ao perguntar “o que o jovem estava buscando”, o autor contrapõe os conceitos de criança (“menino”) e de jovem.
- Ao sugerir que “o garoto deveria ser preparado”, o autor infere que é inapropriado chamar Bruno Borges de “menino”.
- Ao denominá-lo como “O Quase-Adulto do Acre” (referência 16), o autor chama atenção para o fato de que, aos 25 anos, Bruno Borges não é uma criança.
- Ao identificá-lo como “estudante de Psicologia Bruno Borges, de 25 anos”, o autor desconstrói a possível interpretação de que se trata de uma criança.

13. Faculdade Albert Einstein-SP

Uma Reflexão imoral

Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo 14, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros desse mundo, gente muito vista na gramática. Bons joalheiros, que seria do amor se não fossem os vossos dices e fiados? Um terço ou um quinto do universal comércio dos corações. Esta é a reflexão imoral que eu pretendia fazer, a qual é ainda mais obscura do que imoral, porque não se entende bem o que eu quero dizer. O que eu quero dizer é que a mais bela testa do mundo não fica menos bela, se a cingir um diadema de pedras finas; nem menos bela, nem menos amada. Marcela, por exemplo, que era bem bonita, Marcela amou-me... (...) Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Cotia: Ateliê Editorial, 2016.

Do texto em pauta, integrante do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, é errado entender que

- há nele um segundo sentido em relação ao que parece ser que se esconde atrás da linguagem e das atitudes.
- há uma ironia que perpassa o texto, e que faz dos joalheiros os garantidores do universal comércio dos corações.
- exemplifica, no amor de Marcela pelo narrador, a veracidade da reflexão imoral apresentada.
- chama de reflexão imoral e obscura porque não se faz entender nem no âmbito da linguagem nem no da interpretação dos sentimentos de Marcela.

14. UNISC – Leia atentamente o trecho de *Conto de verão* n° 2: Bandeira Branca, de Luis Fernando Verissimo.

Ele: tirolês. Ela: odalisca. Eram de culturas muito diferentes, não podia dar certo. Mas tinham só quatro anos e se entenderam. No mundo dos quatro anos todos se entendem, de um jeito ou de outro. Em vez de dançarem, pularem e entrarem no cordão, resistiram a todos os apelos desesperados das mães e ficaram sentados no chão, fazendo um montinho de confete, serpentina e poeira, até serem arrastados para casa, sob ameaças de jamais serem levados a outro baile de Carnaval.

Encontraram-se de novo no baile infantil do clube, no ano seguinte. Ele com o mesmo tirolês, agora apertado nos fundilhos, ela de egípcia. Tentaram recomeçar o montinho, mas dessa vez as mães reagiram e os dois foram obrigados a dançar, pular e entrar no cordão, sob ameaça de levarem uns tapas. Passaram o tempo todo de mãos dadas.

Só no terceiro Carnaval se falaram.

– Como é teu nome?

– Janice. E o teu? – Píndaro.

– O quê?!

– Píndaro.

– Que nome!

Ele de legionário romano, ela de índia americana.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Histórias brasileiras de verão*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

A partir da interpretação do trecho acima, assinale a alternativa incorreta.

- O conto apresenta um narrador em terceira pessoa.
- Embora não descreva o ambiente de forma detalhada, o narrador apresenta algumas informações que permitem ao leitor identificar o espaço onde se passa a estória narrada.
- O narrador deixa claro, desde o início, que há uma perfeita harmonia entre as duas personagens, uma vez que elas combinam em absolutamente todos os aspectos.
- A narrativa utiliza-se do discurso direto para apresentar os diálogos das personagens.
- O narrador indica claramente a passagem do tempo, que é apresentado em uma ordem cronológica direta.

15. EEAR-SP – Leia:



QUINO

Marque a opção que apresenta correta interpretação da tirinha da Mafalda, personagem presente no último quadrinho, de autoria do cartunista argentino Quino, em que Felipe, no primeiro quadrinho, mostra-se pensativo com a possibilidade de participar do serviço militar.

- a) O menino, receoso do que poderá enfrentar no quartel, imagina situações complicadas a que se submeterá e reage com a chegada de seu herói, de modo que seus gritos foram escutados por Mafalda.
- b) O jovem menino, com medo do que o quartel lhe reserva, cria situações mentais em que, fatalmente, não consegue êxito, conforme expresso no último quadrinho.
- c) A possibilidade de poder contar com a presença física de seu herói no quartel retira, desde o início, todo medo e ansiedade do jovem que deseja servir às Forças Armadas de seu país.
- d) Embora com desejo de servir às Forças Armadas, a presença de Mafalda, no último quadrinho, reforça a ideia de que as mulheres não concordam com o fato de o serviço militar obrigatório ser exclusivo para homens.

16. UEL-PR – Leia o texto a seguir e responda à questão.

O promotor de justiça Alexandre Couto Joppert foi afastado temporariamente da banca examinadora de um concurso para o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro e será alvo de uma investigação da própria Promotoria. Examinador de Direito Penal, durante uma prova oral, ele narrou um caso hipotético de estupro coletivo e disse que o criminoso que praticou a conjunção carnal “ficou com a melhor parte, dependendo da vítima”. A prova é aberta ao público e algumas pessoas gravaram a afirmação do promotor. “Um (criminoso) segura, outro aponta a arma, outro garante a porta da casa, outro mantém a conjunção – ficou com a melhor parte, dependendo da vítima – mantém a conjunção carnal e o outro fica com o carro ligado pra assegurar a fuga”, narrou o promotor. Divulgada em redes sociais, a afirmação causou revolta. Muitas pessoas acusam o promotor de difundir a cultura do estupro. Em nota, o procurador-geral de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, Marfan Martins Vieira, informou ter instaurado inquérito para apurar a conduta do promotor, além de afastá-lo da banca examinadora “até a conclusão da apuração dos fatos”. Autor de livros jurídicos, Joppert atua na Assessoria de Atribuição Originária em Matéria Criminal do Ministério Público, setor subordinado à Subprocuradoria-Geral de Justiça de Assuntos Institucionais e Judiciais. O promotor divulgou nota em que afirma ter sido mal interpretado, já que se referia ao ponto de vista do criminoso. “Ao me referir ao fato do executor do ato sexual coercitivo ter ficado com a melhor parte”, estava tratando da “opinião hipotética do próprio praticante daquele odioso crime contra a dignidade sexual”.

GRELLET, Fábio. Polêmica sobre estupro afasta promotor. *Folha de Londrina*, Geral. p. 7, 24 jun. 2016. Adaptado.

Assinale a alternativa que apresenta, corretamente, um fato confirmado pelo texto.

- a) A gravação do caso narrado pelo promotor está associada à repercussão, nas redes sociais, da absolvição dos estupradores.
- b) A má interpretação do texto do promotor é atribuída ao praticante do crime de estupro.

- c) As redes sociais contribuíram para o afastamento do promotor da banca examinadora do concurso.
- d) Alexandre Couto Joppert foi vítima de gravações ilícitas que constituíam estratégias do inquérito sobre sua atuação como promotor.
- e) O caso hipotético narrado pelo promotor reduz o impacto da cultura do estupro, pois leva a interpretar o crime como uma artimanha da vítima.

17. UNISC – Leia atentamente o trecho de *Macunaíma*, de Mário de Andrade.

No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite. Houve um momento em que o silêncio foi tão grande escutando o murmurejo do Uraricoera, que a índia tapanhumbas pariu uma criança feia. Essa criança é que chamaram de Macunaíma.

Já na meninice fez coisas de sarapantar. De primeiro passou mais de seis anos não falando. Si o incitavam a falar exclamava:

– Ai! que preguiça!...

e não dizia mais nada. Ficava no canto da maloca, trepado no jirau de paxiúba, espiando o trabalho dos outros e principalmente os dois manos que tinha, Maanape já velhinho e Jigüê na força de homem. O divertimento dele era deepar cabeça de saúva. Vivia deitado mas si punha os olhos em dinheiro, Macunaíma dandava pra ganhar vintém. E também espertava quando a família ia tomar banho no rio, todos juntos e nus. Passava o tempo do banho dando mergulho, e as mulheres soltavam gritos gozados por causa dos guaimuns diz-que habitando a água-doce por lá. No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra fazer festinha. Macunaíma punha a mão nas graças dela, cunhatã se afastava. Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a cucucogue, todas essas danças religiosas da tribo.

ANDRADE, Mario de. *Macunaíma*: o herói sem nenhum caráter. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987. p. 9.

A partir da interpretação do trecho acima, assinale a alternativa correta.

- a) Macunaíma é um típico herói idealizado do Romantismo.
- b) Observa-se, no trecho acima, que o comportamento da personagem está em sintonia com o ambiente em que vive, sendo, por esse motivo, um romance típico do Naturalismo.
- c) O trecho apresenta a inovação em termos de linguagem que caracteriza as obras literárias da primeira geração do Modernismo.
- d) O texto apresenta as características que marcam o regionalismo crítico da prosa da segunda geração do Modernismo.
- e) O aprofundamento psicológico da personagem permite afirmar que se trata de um romance da terceira geração do Modernismo brasileiro.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C6-H20

Texto I

Terezinha de Jesus
De uma queda foi ao chão
Acudiu três cavalheiros
Todos os três de chapéu na mão

O primeiro foi seu pai
O segundo, seu irmão
O terceiro foi aquele
A quem Tereza deu a mão

BATISTA, Maria de Fátima Barbosa de Mesquita; SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos (Org.). *Cancioneiro da Paraíba*. João Pessoa: Grafset, 1993. Adaptado.

Texto II

Outra interpretação é feita e partir das condições sociais daquele tempo. Para a ama e para a criança para quem cantava a cantiga, e música falava do casamento como um destino natural na vida da mulher, na sociedade brasileira do século XIX, marcada pelo patriarcalismo. A música prepara a moça para o seu destino não apenas inexorável, mas desejável; o casamento, estabelecendo uma hierarquia de obediência (pai, irmão mais velho, marido), de acordo com a época e circunstâncias de sua vida.

Disponível em: <<http://provjsjose.blogspot.com.br>>.

O comentário do Texto II sobre o Texto I evoca a mobilização da língua oral que, em determinados contextos,

- a) assegura existência de pensamentos contrários à ordem vigente.
- b) mantém a heterogeneidade das formas de relações sociais.
- c) conserva a influência sobre certas culturas.
- d) preserva a diversidade cultural e comportamental.
- e) reforça comportamentos e padrões culturais.

19. Enem

C1-H4

No mundo acadêmico ou nos veículos de comunicação, as cópias ilegais podem surgir de diversas maneiras, sendo integrais, parciais ou paráfrases. Para ajudar a combater esse crime, o professor Maximiliano Zambonato Pezziñ, engenheiro de computação, desenvolveu junto com os seus alunos o programa Farejador de Plágio. O programa é capaz de detectar: trechos contínuos e fragmentados, frases soltas, partes de textos reorganizadas, frases reescritas, mudanças na ordem dos períodos e erros fonéticos e sintáticos. Mas como o programa realmente funciona? Considerando o texto como uma sequência de palavras, a ferramenta analisa e busca trecho por trecho nos *sites* de busca, assim como um professor desconfiado de um aluno faria. A diferença é que o programa permite que se pesquise em vários buscadores, gerando assim muito mais resultados.

OLIVEIRA, Ana; ARANTES, Bianca; NOSRALLA, Flavia; NOVAIS, Moema. *Repórter Unesp*, 16 abr. 2015. Disponível em: <<http://reporterunesp.jor.br>>. Acesso em: maio 2019.

Segundo o texto, a ferramenta Farejador de Plágio alcança seu objetivo por meio da

- a) seleção de cópias integrais.
- b) busca em *sites* especializados.
- c) simulação da atividade docente.
- d) comparação de padrões estruturais.
- e) identificação de sequência de fonemas.

20. Enem

C6-H18

A mulher entra no quarto do filho decidida a ter uma conversa séria. De novo, as respostas dele à interpretação do texto na prova sugerem uma grande dificuldade de ler. Dispersão pode ser uma resposta para parte do problema. A extensão do texto pode ser outra, mas nesta ela não vai tocar porque também é professora e não vai lhe dar desculpas para ir mal na escola. Preguiça de ler parece outra forma de lidar com a extensão do texto. Ele está, de novo, no computador, jogando. Levanta os olhos com aquele ar de quem pode jogar e conversar ao mesmo tempo. A mãe lhe pede que interrompa o jogo e ele pede à mãe “só um instante para salvar”. Curiosa, ela olha para a tela e espanta-se com o jogo em japonês. Pergunta-lhe como consegue entender o texto para jogar. Ele lhe fala de alguma coisa parecida com uma “lógica de jogo” e sobre algumas tentativas com os ícones. Diz ainda que conhece a base da história e que, assim, mesmo em japonês, tudo faz sentido. Aquela conversa acabou sendo adiada. A mãe-professora, capturada por outros sentidos de leitura, não se sentia pronta naquele momento. Consciente, suspende a ação.

BARRETO, Raquel Goulart. *Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando velhos e novos (des)encontros*. São Paulo: Loyola, 2002. Adaptado.

A reação da mãe-professora frente às habilidades da “geração digital” contemporânea reflete o desafio que se tem enfrentado de

- a) aplicar as mesmas formas de ler textos impressos a textos digitais.
- b) interpretar as várias informações na leitura de textos em multimídia.
- c) lidar com as novas práticas de leitura que emergem com a tecnologia.
- d) superar as dificuldades de leitura geradas pelos jogos de computadores.
- e) trabalhar a dificuldade de leitura usando as tecnologias como ferramentas.

54

ESTRATÉGIAS DE LEITURA

- Compreensão
- Sistema de comunicação de Roman Jakobson
- Contexto e conhecimento de mundo
- Informações implícitas: pressupostos e subentendidos
- Pressupostos
- Subentendidos

HABILIDADES

- Reconhecer em textos de diferentes gêneros discursivos, os recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos dos leitores.
- Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.
- Inferir em um texto quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público-alvo, pela análise dos procedimentos argumentativos utilizados.

Compreendendo uma mensagem



JOSSDIM/ISTOCK

O sentido de uma mensagem é construído durante a interação entre emissor e receptor.

Cada leitura é uma transação que ocorre entre o leitor e o texto em um determinado momento e lugar. [...] O sentido não está pronto nem dentro do texto nem dentro do leitor, mas surge durante a transação.

ROSENBLATT, 2004. p. 1369 *apud* LEFFA, Vilson J. Interpretar não é compreender: um estudo preliminar sobre a interpretação de texto. In: Vilson J. Leffa; Aracy Ernst. (Org.). *Linguagens: metodologia de ensino e pesquisa*. Pelotas: Educat, 2012.

Ao nos aprofundarmos nos temas relacionados à leitura, uma pergunta parece ser inevitável: afinal, o que ocorre primeiro, a interpretação ou a compreensão de um texto? São dois momentos diferentes ou são apenas terminologias distintas para a mesma experiência?

Para ajudar nessa diferenciação, retomemos de forma sucinta o conceito de interpretação:

Interpretar é descobrir o significado das palavras, determinando com precisão o sentido de um texto. As origens da palavra também evocam a ideia de explicação ou elucidação daquilo que está contido em uma determinada narrativa.

Interpretar é descobrir o significado das palavras, determinando com precisão o sentido de um texto. As origens da palavra também evocam a ideia de explicação ou elucidação daquilo que está contido em uma determinada mensagem, uma vez que é etimologicamente a composição de dois outros termos latinos: *cum* (junto) e *praehendo* (pegar, capturar, prender). De modo que compreender é pode ser entendido como “prender tudo junto”, em uma tradução mais descontraída.

Partindo disso, a compreensão segue por um caminho em que se torna a capacidade de relacionar os elementos de um texto, uma habilidade que permite o entendimento de mensagens ocultas, a partir da convergência entre interpretação e compreensão, em um primeiro momento.

Assim, compreender é relacionar os diversos elementos, significados, símbolos e contextos presentes em uma narrativa e mantê-los no entendimento. A segunda acepção da palavra “compreensão” completa e ilustra ainda mais o conceito:

Compreender é conter em si, abarcar, alcançar, abranger.

A região metropolitana de São Paulo compreende (contém, abrange) 39 municípios e mais de 21 milhões de pessoas.

A Guerra dos Cem Anos compreende (envolve, abarca) um período conflituoso e beligerante entre Inglaterra e França que durou de 1337 a 1453.

Retomando o sistema de comunicação

De acordo com a teoria criada inicialmente pelo linguista russo Roman Jakobson (1896-1982), nenhum texto é escrito ao acaso, sem que haja uma intenção bem clara e delineada que o oriente. A esse objetivo, muitas vezes oculto atrás das palavras, dá-se o nome de intenção comunicativa.

Todo ato comunicativo compreende seis componentes:

Elemento	Função
Emissor	Emissão da mensagem
Receptor	Recepção e interpretação da mensagem
Mensagem	Conter o referente, a partir do emprego do código.
Código	Codificar o contexto de modo que possa ser interpretado pelo receptor.
Canal	Permitir que a mensagem seja transmitida ao receptor.
Contexto	Permitir que emissor e receptor compartilhem o que se referencia na mensagem.



Adaptação do sistema de comunicação de Roman Jakobson para inclusão do ruído no processo de comunicação.

Esta imagem ilustra os elementos que compõem o processo de comunicação. Note que, na intersecção de todos os pontos, surge um elemento diferente denominado ruído.

O ruído, dentro da intenção comunicativa, é tudo aquilo que interfere no processo e impede que a mensagem seja plenamente difundida ao destinatário, ocasionando perda de informação durante o processo de leitura. Os ruídos costumam estar vinculados à referência, em casos de dificuldade com sentenças

ambíguas ou ao canal da comunicação, quando o meio físico apresenta problemas de transmissão.

Para atingir o objetivo, toda comunicação lança mão de determinadas funções da linguagem, inseridas em contextos bem determinados, conforme ilustrado no quadro abaixo:

Função da linguagem	Característica	Exemplos
Apelativa / Conativa	Intenção de convencer o leitor	Discurso político Anúncio publicitário Arguição jurídica
Emotiva	Subjetividade e sentimentalismo	Textos literários
Fática	Interação entre emissor e receptor	Cumprimentos Conversas telefônicas Anúncios publicitários
Metalinguística	É a língua explicando seus próprios signos.	Livros didáticos Dicionários
Poética	Estética, subjetividade, inovação e criatividade.	Textos literários
Referencial	Objetividade e comunicação de fatos ou informações	Textos científicos Textos jornalísticos Editoriais Documentos históricos

LEITURA COMPLEMENTAR

Diálogo das funções

Numa mesma mensagem, porém, várias funções podem ocorrer, uma vez que, atualizando concretamente possibilidades de uso do código, entrecruzam-se diferentes níveis de linguagem. A emissão, que organiza os sinais físicos em forma de mensagem, colocará ênfase em uma das funções — e as demais dialogarão em subsídio. Assim, um dos fatores prevalecerá, certamente — digamos, o código e a função que desenha a forma de mensagem compreende a metalinguística: mas essa mensagem assim qualificada como determinantemente metalinguística, porque viabiliza concretamente o uso do código, produzirá também, na cena da linguagem, a entrada, em diálogo, de outras funções e, no conjunto, teremos as funções de linguagem hierarquizadas.

Na comunicação diária, por exemplo, além da referencialidade da linguagem — o que torna a mensagem

oral imediatamente compreendida —, há pinceladas de função conativa, ou seja, de diálogo com alguém, ou através de uma ordem, ou através de um narrar, mas, ao mesmo tempo, esse diálogo vem caracterizado por traços emotivos.

Observe-se, no entanto, que a predominância de um dos fatores determinará a predominância de uma função da linguagem. As outras funções são viabilizadas a pertencerem àquele conjunto. Em cada exemplo procuraremos mostrar esse conjunto articulado, onde uma função marca a qualidade da mensagem e as outras marcam o contraponto, para desenharem o diagrama relacional da mensagem. Se as funções dialogam, não há mensagem solitária na sua marca...

CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios)

Contexto e conhecimento de mundo



DRAFTER123/ISTOCK

A compreensão plena de uma mensagem requer que se vá além da decodificação dos signos, é preciso que o leitor/receptor da mensagem acione elementos que estão além do texto, compondo seu conhecimento de mundo.

Do latim *contêxtus*, derivada do verbo *contêxere*: entrelaçar, reunir tecendo.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

O contexto é o ambiente físico ou situacional (conjunto de circunstâncias) a partir do qual se considera um fato. Esse ambiente pode ser material ou simbólico (o ambiente histórico, cultural ou outro). O contexto é constituído por um conjunto de circunstâncias (como o local e o tempo) que ajudam a compreender a mensagem.

É dentro do contexto que o texto adquire o significado pleno. Ao iniciar uma leitura, a busca por esse

reconhecimento surge, quase inconscientemente, para situar o leitor quanto ao conteúdo. Essa relação entre texto e contexto é primordial para garantir a plenitude da comunicação.

As frases podem perder e até ganhar outros contextos quando são retiradas do contexto original. Como são vários os tipos de contexto (social, histórico, político, cultural, estético etc.), é preciso ampliar o conhecimento de mundo para fazer a leitura correta do contexto de cada texto lido.

Deus está morto!

O célebre aforismo do filósofo alemão Willhem Friedrich Nietzsche quando retirado de seu contexto, pode soar como uma apologia ao ateísmo, o que não é exatamente correto afirmar, porque reduziria significativamente as características do pensamento do filósofo.

O pensador fez esse registro nas obras *A gaia ciência* e *Assim falou Zaratustra*, e o contexto permite compreender que ele se referia ao surgimento do que considerava o *além-homem* (*übermensch*, no original), que superaria os valores morais estabelecidos pelo cristianismo – e, portanto, decretaria a morte do conceito de Deus tal como existia –, e faria a transvaloração de todos os valores, passando a ter uma existência estética.

O acesso à continuação do enunciado permitiria que alguma provável interpretação equivocada fosse evitada:

O Homem desvairado – Vós não ouvistes falar daquele homem desvairado que em plena manhã luminosa acendeu um candeeiro, correu até a praça e gritou ininterruptamente: “Estou procurando por Deus! Estou procurando por Deus!” – À medida que lá se encontravam muitos dos que não acreditavam em Deus, ele provocou uma grande gargalhada. Será que ele se perdeu? – dizia um. Ou será que ele está se mantendo escondido? Será que ele tem medo de nós? Ele foi de navio? Passear? – assim eles gritavam e riam em confusão. O homem desvairado saltou para o meio deles e atravessou-os com seu olhar. “Para onde foi Deus?, ele falou, gostaria de vos dizer! Nós o matamos — vós e eu! Nós todos somos assassinos! Mas como fizemos isto? Como conseguimos esvaziar o mar? Quem nos deu a esponja para apagarmos todo o horizonte? O que fizemos ao arrebuarmos as correntes que prendiam esta terra ao seu sol? Para onde ela se move agora? Para onde nos movemos? Afastados de todo sol? Não caímos continuamente? E para trás, para os lados, para frente, para todos os lados? Há ainda um alto e um baixo? Não erramos como que através de um nada infinito? Não nos envolve o sopro do espaço vazio? Não está mais frio? Não advém sempre novamente a noite e mais noite? Não precisamos acender os candeeiros pela manhã? Ainda não escutamos nada do barulho dos cozeiros que estão enterrando Deus? Ainda não

sentimos o cheiro da putrefação de Deus? - também os deuses apodrecem! **Deus está morto!** Deus permanece morto! E nós o matamos! Como nos consolamos, os assassinos dentre todos os assassinos? O mais sagrado e poderoso que o mundo até aqui possuía sangrou sob nossas facas - quem é capaz de limpar este sangue de nós? Com que água poderíamos nos purificar? Que festejos de expiação, que jogos sagrados não precisamos inventar? A grandeza deste ato não é grande demais para nós? Nós mesmos não precisamos nos tornar deuses para que venhamos apenas a parecer dignos deste ato? Nunca houve um ato mais grandioso - e quem quer que venha a nascer depois de nós pertence por causa deste ato a uma história mais elevada do que toda história até aqui!" O homem desvairado silenciou neste momento e olhou novamente para os seus ouvintes: também eles se encontravam em silêncio e olhavam com estranhamento para ele. Finalmente, ele lançou seu candeieiro ao chão, de modo que este se partiu e apagou. "Eu cheguei cedo demais, disse ele então, eu ainda não estou em sintonia com o tempo. Este acontecimento extraordinário ainda está a caminho e perambulando - ele ainda não penetrou nos ouvidos dos homens. O raio e a tempestade precisam de tempo, a luz dos astros precisa de tempo, atos precisam de tempo, mesmo depois de terem sido praticados, para serem vistos e ouvidos. Este ato está para os homens mais distante do que o mais distante dos astros: e, porém, eles o praticaram!" - Conta-se ainda que o homem desvairado adentrou no mesmo dia várias igrejas e entoou aí o seu **Requiem æternam deo*. Acompanhado até a porta e questionado energicamente, ele retrucava sem parar apenas o seguinte: "O que são ainda afinal estas igrejas, se não túmulos e mausoléus de Deus".

NIETZSCHE, Willhem Friedrich. Aforismo 125 – O Homem Desvairado. In: _____. *A gaia ciência*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

**Requiem æternam deo*: a despeito de sua tradução literal ser algo como "repouso eterno", *Requiem æternam* é um gênero litúrgico entoado em ritos funerários, cujas palavras deveriam ser

Requiem æternam dona ei(s), Domine,	Descanso eterno dai a ele(s), Senhor,
et lux perpetua luceat ei(s).	e que a luz perpétua o(s) ilumine.
Requiescat(nt) in pace.	Que ele(s) descanse(m) em paz.
Amen.	Amém.

PONTIFICALE ROMANUM, in tres partes distributum, Clementis VIII. ac Urbani VIII. Auctoritate recognitum, nunc primum prolegomenis, et commentariis illustratum. Auctore Josepho CATALANO. 3 vol. Folio. Romae: Typis Antonii de Rubeis apud Pantheon, 1738-40.
Disponível em: <www.europeana.eu/portal/pt/record/9200332/ABO_2BZ155840804.html>. Acesso em: abr. 2019.



DÜRER, Albrecht. A morte da Virgem. In: *A vida da virgem*. 1510. Xilogravura; 29,6 × 21,1 cm.

A representação da morte da Virgem, elaborada pelo artista Albrecht Dürer, é um possível registro do ritual que cercava um leito de morte durante a Baixa Idade Média, período de que Nietzsche resgata o gênero *requiem æternam*.

[...] somos atraídos para a vida pelo impulso totalmente ilusório da volúpia, do mesmo modo nos agarramos a ela mediante o temor, também por certo ilusório, da morte [...]

Essa reflexão foi apresentada por Arthur Schopenhauer (1788-1860), outro filósofo alemão, que também era pessimista e ateu contundente. Muito conhecido também por seus aforismas, a fama que o precede poderia interferir na recepção de suas palavras.

Voltando à mensagem do trecho, por mais que, do ponto de vista evolutivo, a vida possa ser enxergada sob essa perspectiva, não seria adequado a utilização do enunciado fora de seu contexto original – filosofia idealista do século XIX –, sem o devido esclarecimento da linha de pensamento do filósofo, com quem ele dialoga, em que momento ocorre esse diálogo e, sobretudo qual é o contexto histórico embasa essa enunciação. A leitura de um trecho mais completo da obra, inclusive, poderia ajudar a esclarecer

[...] o grande apego à vida, ou antes o temor da morte, de modo algum se origina do conhecimento, que, nesse caso, seria o resultado do reconhecimento do valor da vida; mas, em vez disso, o temor da morte tem a sua raiz diretamente na Vontade, provém de sua essência originária, que é desprovida de conhecimento e, por conseguinte, é Vontade de vida cega. Assim como **somos atraídos para a vida pelo impulso totalmente ilusório da volúpia, do mesmo modo nos agarramos a ela mediante o temor, também por certo ilusório, da morte.** Ambos se originam de modo imediato da Vontade, que em si é destituída de conhecimento. Ora, a consideração à qual chegamos aqui nos ensina que aquilo que é atingido pela morte é apenas a consciência que conhece; já a Vontade, ao contrário, enquanto é a coisa-em-si e se encontra no fundamento de todo fenômeno individual, está livre de todas as determinações temporais e, portanto, é também imperecível. Seu esforço por existência e manifestação, do qual provém o mundo, sempre será satisfeito, pois esse a acompanha como a sombra ao corpo, sendo apenas a visibilidade de sua essência. Se, no entanto, ela teme a morte em nós, isso vem de que, aqui, o conhecimento lhe apresenta a sua essência só no fenômeno individual. É daí que nasce para ele a ilusão de que ela sucumbe com ele, algo assim como se a minha imagem no espelho parece estar aniquilada, caso ele se quebre: isso, portanto, como sendo contrário à sua essência originária, que é ímpeto cego para a existência, enche-a de horror. Daí se segue que aquilo que em nós unicamente é capaz de temer a morte e que unicamente a teme, a Vontade, não é atingida por ela; ao contrário, aquilo que é atingido e de fato sucumbe é o que, segundo a sua natureza, não é capaz de temor algum, bem como não é capaz, em geral, de nenhum querer ou afeto, e, por isso, indiferente com respeito ao ser ou não-ser, vale dizer, o mero sujeito do conhecimento, o intelecto, cuja existência consiste na sua relação com o mundo da representação, isto é, com o mundo objetivo, do qual é o correlato e com cuja existência a sua, no fundo, se unifica. Se, portanto, a consciência individual não sobrevive à morte, sobrevive, ao contrário, aquilo que unicamente se rebela contra ela: a Vontade. Daí se explica a contradição de que os filósofos, a partir do ponto de vista do conhecimento, demonstraram, em todos os tempos, com fundamentos justos, que apesar de a morte não ser mal algum, o temor da morte permanece inexpugnável: porque ele não se enraíza no conhecimento, mas na Vontade. Vem justamente do fato de que a Vontade e não o intelecto seja o indestrutível, que todas as religiões e filosofias reconheçam uma recompensa na eternidade apenas às virtudes de vontade e do coração e não às do intelecto ou da cabeça.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. Tradução Jair Barboza; revisão técnica Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Série Clássicos). Adaptado.

Sendo consideradas as premissas anteriormente apresentadas, a mensagem possui um sentido completo, em caso contrário, ela poderia causar efeito completamente distinto do que o autor pretendia.

Não é suficiente dizer “Estamos fazendo o nosso melhor”, deve-se ter sucesso em fazer o que é preciso.

Tendo se tornado uma das mais célebres frases de seu autor, trata-se de um trecho retirado de uma declaração dentro de um debate na Câmara dos Comuns – algo correspondente à Câmara dos Deputados, no Brasil –, do então futuro político e estadista britânico Winston Churchill, que naquele momento, durante a I Guerra Mundial, era responsável pela marinha do Reino Unido.

Segue excerto da fala em que se encontra o trecho.

*Não há dúvida de que outros virão depois deles, mas outros perigos também surgirão. Estou lidando apenas com esse aspecto limitado. Se, no entanto, eles têm sido autorizados a cair em atraso, se tem sido permitido que sua entrega recue mês a mês, então eu digo que é possível que a Marinha e a Grande Frota estejam se encontrando privadas de garantias e vantagens que lhes havíamos preparado, e que julgamos indispensáveis a seus membros. Lamento muito ter de incomodá-los depois de terem ouvido uma declaração muito abrangente do ministro responsável, mas a questão é de suprema importância. **Não adianta dizer “Estamos fazendo o nosso melhor”. Deve-se ter êxito e fazer o que é preciso.** O muito honorável cavalheiro falou sobre o limite do trabalho. Não há limite de trabalho no que diz respeito à Marinha britânica. As unidades vitais da Frota e das flotilhas que estão sendo construídas devem ser a prioridade de todos os nossos recursos navais. Não há necessidades concorrentes com necessidades primordiais. Eu não acho que a Câmara ache satisfatório que o muito honorável cavalheiro deva, neste estágio tardio, dizer-nos que, em relação ao trabalho do Almirantado, ele ainda não tenha lidado com a questão da diluição.*

CASA DOS COMUNS. Debates – Fala do Sr. Balfour. vol. 80, cols.1401-46: 7 mar. 1916. Disponível em: <<https://api.parliament.uk>>. Acesso em: abr. 2019.

Quando entendida dentro de seu contexto histórico e político, considerando-se a posição de Winston Churchill no cenário militar britânico no período em questão, sobretudo após os resultados da então recente Batalha dos Dardanelos, cujas consequências fizeram que Churchill comparecesse à Câmara dos Comuns para esclarecimentos, percebe-se que não se trata de um enunciado tão grandioso quanto parece em um primeiro momento.

Mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

A frase é um excerto da obra *Negrinha*, que reúne 22 contos do escritor Monteiro Lobato. Escrita em

1920, tem como personagem principal uma criança de sete anos, órfã desde os quatro. Negra, constantemente maltratada e humilhada por sua patroa.

Uma leitura descontextualizada da frase pode gerar reações enérgicas de quem não está plenamente a par dos elementos que rondam a polêmica em que foram envolvidas duas obras de Monteiro Lobato – *Caçadas de Pedrinho* e a própria *Negrinha* –, que tiveram sua integração ao Programa Nacional Biblioteca na Escola, pelo qual se distribuem livros a bibliotecas escolares, contestada pela Secretaria do Estado da Educação do Distrito Federal e pelo Instituto de Advocacia Racial e Ambiental (Iara), em 2010 e 2012, respectivamente.

Ao ser lida isoladamente a descrição da personagem Negrinha, não deve ser desconsiderado o posicionamento tanto da Secretaria do Estado da Educação do Distrito Federal quanto do Iara, que argumentaram, inicialmente ao Conselho Nacional de Educação (CNE) e posteriormente ao Supremo Tribunal Federal (STF), não haver nota explicativa anexa às obras, esclarecendo o contexto em que foram escritas, assim como um possível olhar atento de Monteiro Lobato, que poderia estar imprimindo quase um relato histórico dos costumes domésticos do Brasil de inícios do século XX.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO



PERES, Pedro. *Fascinação*. 1909. Óleo sobre madeira; 35,7 × 31,2 cm. A fascinação que a personagem Negrinha sente no contato epifânico com a boneca permite-lhe que perceba sua condição social, o que também é a causa de seu esgotamento.

Para melhor análise da questão, segue trecho maior do conto.

Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha,

sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!

No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer...

Assim cresceu Negrinha — magra, atrofiada, com os olhos eternamente assustados.

Órfã aos quatro anos, por ali ficou feito gato sem dono, levada a pontapés. Não compreendia a ideia dos grandes. Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava ora risadas, ora castigos. Aprendeu a andar, mas quase não andava. Com pretextos de que às soltas reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão da porta.

— Sentadinha aí, e bico, hein?

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.

[...]

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 21-28.

Como pode querer

Que a mulher vá viver sem mentir?

Esse é um trecho da canção *Dom de Iludir*, composta por Caetano Veloso e interpretada por Gal Costa em seu lançamento de 1982, *Minha voz*. À primeira vista, pode soar como uma ofensa acusatória a todas as mulheres, como sendo mentirosas.

Entretanto, é necessário avaliar o contexto cultural e poético em que ela foi concebida. De acordo com o próprio compositor, alguns conceitos do psicanalista francês Jacques Lacan sobre a identidade e a construção da subjetividade feminina inspiraram a composi-

ção da letra da canção. Principalmente uma das mais famosas frases de Lacan: “a mulher não existe”. Para Caetano Veloso, se ela não existe mas está presente, então deve ter o dom de iludir a todos.

Você diz a verdade

E a verdade é o seu dom de iludir

Como pode querer que a mulher vá viver sem mentir?

VELOSO, Caetano. Dom de iludir. In: COSTA, Gal. *Minha voz*. Rio de Janeiro: Polygram/Philips, 1982.

Que impacto esse fragmento da letra da canção causaria se fosse deslocado de seu contexto e afixado em uma delegacia de defesa da mulher, por exemplo?

Em suma, a partir do conceito apresentado, constata-se que o contexto em que está inserido um enunciado é essencial para a adequada interpretação da mensagem.

Informações implícitas



Segundo defendem alguns cientistas da linguagem, para que os enunciados sejam compreendidos, é preciso interpretar a mensagem a partir do filtro de elementos discursivos, como contexto, sujeitos e seu lugar no mundo, suas intenções etc.

Um dos aspectos mais intrigantes da leitura de um texto é a verificação de que ele pode dizer coisas que parece não estar dizendo: além das informações explicitamente enunciadas, existem outras que ficam subentendidas ou pressupostas. Para realizar uma leitura eficiente, o leitor deve captar tanto os dados explícitos quanto os implícitos.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, Jose Luiz. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2000.

Todo texto é formado por informações explícitas e implícitas. As explícitas são aquelas que estão demonstradas e registradas de maneira patente no corpo do texto lido. Já as implícitas não estão manifestadas diretamente, mas podem ser apreendidas a partir do contexto em que se apresentam.

A informação implícita é tudo aquilo que, apesar de não dito no texto, sustenta o que se quer afirmar na narrativa como se fosse uma trama invisível.

LEITURA COMPLEMENTAR

Pressupostos e subentendidos segundo a Teoria da Argumentação na Língua

O estudo semântico da linguagem verbal tem como um dos marcos iniciais o texto de Frege intitulado *Sobre o sentido e a referência*, publicado originalmente em 1892. Desde então, filósofos, lógicos e linguistas discutem a questão que compreende, dentre outros aspectos, o estudo dos sentidos não ditos, como os pressupostos e os subentendidos.

A descrição semântica de uma língua L consiste em “um conjunto de conhecimentos que permitem prever, frente a um enunciado [frase] A de L, produzido em circunstâncias X, o sentido que esta ocorrência de A tomou neste contexto”. Para colocar em prática tal programa, o autor parte de um esquema embasado em uma hipótese segundo a qual o conjunto de conhecimentos mobilizado para compreender tal ocorrência diz respeito a dois componentes de natureza distinta: o componente linguístico, que consiste no conjunto de conhecimentos linguísticos da língua L e que atribui a cada frase, independente do contexto, determinada significação; e o componente retórico, que seria o responsável por precisar a significação efetiva de A na circunstância X.

A distinção desses dois níveis opera um papel fundamental na primeira descrição realizada a respeito dos pressupostos e dos subentendidos. O componente linguístico constitui-se de uma série de regras sistemáticas que foram denominadas significação, sendo a existência dessas regras intermediada pelas frases. A significação das frases é composta por instruções, que são o resultado ao qual o linguista chega após a análise de inúmeras ocorrências de uma frase, A, por exemplo, em circunstâncias diferentes, X, Y e Z. Assim, o sentido de um enunciado não seria a soma da significação mais a enunciação, que conteria os traços situacionais, mas se trataria de uma transformação da língua em discurso pela ação de um locutor, que tem seus limites de sentido especificados pelo acontecimento enunciativo.

Os caminhos traçados inicialmente diferenciavam os dois fenômenos, pressuposto e subentendido, pela sua origem: o primeiro estaria ligado àquilo que se chamava componente linguístico, que entende-se como o construto teórico língua, ou seja, o pressuposto estaria presente desde um estrato mais fundamental que o uso da língua.

Já o segundo, contrariamente, somente se revelaria na enunciação, como um efeito, a partir do componente retórico.

LEBLER, Cristiane Dall Cortivo. Pressupostos e subentendidos segundo a Teoria da Argumentação na Língua. In: *Gragoatá*, v. 21, n. 40, p. 295-316. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1. sem. 2016.

Os implícitos mais amplamente utilizados são sistematizados como pressupostos e subentendidos.

PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

EXDEZ/ISTOCK



Segundo defendem alguns cientistas da linguagem, para que os enunciados sejam compreendidos, é preciso interpretação da mensagem a partir do filtro de elementos discursivos, como contexto, sujeitos e seu lugar no mundo, suas intenções etc.

São consideradas pressupostas informações que podem ser inferidas do texto a partir de elementos presentes no próprio enunciado.

Os subentendidos, por sua vez, são elementos não depreendidos a partir do enunciado que podem estar ligeiramente sugeridos ou insinuados pelo emissor da mensagem:

O subentendido difere do pressuposto num aspecto importante: o pressuposto é um dado posto como indiscutível para o falante e para o ouvinte, não é para ser contestado; o subentendido é de responsabilidade do ouvinte, pois o falante, ao subentender, esconde-se por trás do sentido literal das palavras e pode dizer que não estava querendo dizer o que o ouvinte depreendeu.

SAVIOLI, Francisco Platão; FIORIN, Jose Luiz. *Para entender o texto: leitura e redação*. São Paulo: Ática, 2000.

Os investimentos estrangeiros no Brasil ainda não voltaram aos níveis pré-crise.

O que está posto?

Os valores de investimento que empresas ou investidores estrangeiros trazem para o Brasil ainda não se comparam com o período anterior ao da crise.

O que está pressuposto?

- Há investimentos estrangeiros acontecendo no Brasil;

- Esses investimentos ainda são pequenos, se comparados ao período anterior à crise;
- Houve uma crise no Brasil.

Esses pressupostos são extraídos de informações que estão explícitas no texto. Sua compreensão é extraída de elementos enunciados e por essa razão costuma-se dizer que os subentendidos partem do destinatário, enquanto os pressupostos são compartilhados entre emissor e receptor, uma vez que as informações implícitas devem ser extraídas do que é enunciado.

O que está subentendido?

- O Brasil é um país que atrai investimentos estrangeiros regularmente, porém, alguma crise política, econômica ou financeira, deve ter sido responsável pela diminuição desses investimentos;
- A crise, que parece ter sido o motivo dessa diminuição, abalou a confiança de investidores estrangeiros no Brasil;
- Como os investimentos estão retornando, embora em níveis menores, a crise pode ter sido resolvida, mas não o suficiente para garantir o mesmo grau de investimento de períodos anteriores.

Em um ano, Brasil tem 1,1 milhão de matrículas a menos no período integral.

PIRES, Breno; PALHARES, Isabela. *O Estado de S. Paulo*, 31 jan. 2019.

O que está pressuposto?

- Em um ano, Brasil tem 1,1 milhão de matrículas a menos no período integral;
- Há um ano, o Brasil teve um número de alunos matriculados em período integral que era maior do que o deste ano.

O que está subentendido?

- A diminuição do número de alunos matriculados no período integral levanta a suspeita de que algum fator deve estar pesando na decisão dos pais, porque se esperava um número crescente de alunos nesse período;
- Se esses alunos não estão matriculados no período integral, logo, devem ter sido matriculados na educação de meio período.

Brasil fecha 2018 com queda lenta do desemprego e alta da informalidade

MOREIRA, Camila [Reuters]. *Exame*, 31 jan. 2019.

O que está pressuposto?

- O Brasil tinha uma quantidade considerável de pessoas desempregadas e era esperada uma redução mais acelerada desse número;
- Houve um aumento no número de empregos informais.

O que está subentendido?

- O cenário econômico no Brasil não apresentou uma melhora significativa, o que resultou em baixa criação de vagas de emprego formal, levando a uma queda lenta na taxa de desemprego;

- Como não conseguem uma vaga formal de trabalho, muitas pessoas optaram por trabalhos informais, o que fez esse índice aumentar.



J. BOSCO. Vacinação. In: *Lápis de memória*, 23 abr. 2018. Disponível em: <<http://jboscocartuns.blogspot.com>>. Acesso em: maio 2019.

O que está pressuposto?

- Está ocorrendo uma campanha nacional de vacinação;
- Alguns adultos estão participando dessa campanha nacional de vacinação.

O que está subentendido?

- Um dos adultos que estão na fila para vacinação está desempregado;
- A charge faz referência a uma provável epidemia de desemprego, que pode estar acometendo parte da população adulta, o que implicaria a necessidade de uma medida de combate à epidemia. O pedido de um dos prováveis desempregados por uma vacina contra o desemprego explicita a crítica contida na charge.

LEITURA COMPLEMENTAR

Gatilhos da pressuposição

Alguns termos e expressões possuem a função de ativar os pressupostos.

Gatilho	Função	Reagente
Verbos factivos	Introduzem orações subordinadas (e fatos dados como certos).	Lamentar, sentir, compreender, saber etc.
Verbos implicativos	Acarretam evento anterior.	Conseguir (tentar), esquecer-se (necessidade de se lembrar) etc.
Verbos de mudança de estado	Pressupõem estado anterior.	Deixar (algo estava em processo), começar (havia estaticidade) etc.
Termos interativos	Pressupõem que a ação indicada pelo verbo já tinha ocorrido.	De novo, retornou etc.
Expressões temporais	Pressupõem uma cadeia de ocorrências.	Depois, antes etc.
Sentenças clivadas [encaixadas]	(Não) foi X que (oração)...	Semanticamente a segunda oração contém um fato pressuposto.

MACHADO, Tatiane Henrique Sousa; ROSA, Carolina Martins; PRADO, Tânia Bueno. Abordagem de pressupostos e subentendidos em exercícios de leitura e interpretação de texto. In: *Akrópolis*, v. 18, n. 2, p. 131-140. Umuarama-PR: Unipar, abr./jun. 2010. Adaptado.

ROTEIRO DE AULA

ESTRATÉGIAS DE LEITURA

No processo de leitura, são distintas as etapas de

compreensão,

interpretação,

quando

quando

após a análise inicial, ocorre apreensão da mensagem

veiculada no texto,

de posse do sentido linguístico do texto, são incorpora-

dos sentidos decorrentes da recepção da mensagem.

estando associada eminentemente aos implícitos classificados como

estando associada eminentemente aos implícitos classificados como

pressupostos.

subentendidos.

ROTEIRO DE AULA

De ambos os processos participam os elementos do sistema de comunicação:

emissor,

cuja função predominante é

a emissão da mensagem.

caracterizando assim a função da linguagem

emotiva.

receptor,

cuja função predominante é

a recepção e a interpretação da mensagem.

caracterizando assim a função da linguagem

conativa/apelativa.

mensagem,

cuja função predominante é

contar o referente, a partir do emprego do código.

caracterizando assim a função da linguagem

poética.

código,

cuja função predominante é

codificar o contexto de modo que possa ser interpretado pelo receptor.

caracterizando assim a função da linguagem

metalinguística.

canal,

cuja função predominante é

permitir que a mensagem seja transmitida ao receptor.

caracterizando assim a função da linguagem

fática.

contexto,

cuja função predominante é

permitir que emissor e receptor compartilhem o que se referencia na mensagem.

caracterizando assim a função da linguagem

referencial.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. CFTMG

Se as férias são o desagrado para o menino, pois são tempo para ficar em casa, sem livros, sem viagens, um ou outro domingo na casa do tio Jorge, tão pobre quanto eles, o retorno às aulas também traz pouca alegria. Não pelas aulas ou pelo estudo, que disso o menino gosta. O que lhe causa tanta aflição é a falta de criatividade das professoras que, ano após ano, solicitam sempre a mesma tarefa no primeiro dia de aula.

A professora entra na sala e (não importa que rosto tenha) apresenta-se, sorri e com uma voz de fada de primeiro dia de aula, escreve no quadro a sentença detestável: *Minhas férias*.

RITER, Caio. *Eu e o silêncio do meu pai*. São Paulo: Biruta, 2011. p.82.

Tendo em vista a situação relatada no contexto da obra, infere-se a intenção do narrador de

- associar o pouco interesse pelo estudo à frustração com as atividades propostas no primeiro dia de aula.
- criticar a tradição escolar que transforma a prática de produção textual em uma atividade sem sentido.
- explicitar a relação entre a condição econômica da família e a dificuldade de acesso a livros de qualidade.
- questionar o senso comum que representa o período de férias como um momento de descanso das obrigações escolares.

Ao apontar para a falta de criatividade das professoras no primeiro dia de aula e identificar uma tarefa comum dada por muitos professores nesse período, o narrador acaba tecendo uma crítica à tradição escolar, sobretudo à prática da produção de texto (que é apresentada nessa tarefa). Assim, embora admita que a personagem tenha gosto pelo estudo e por aquilo que a escola poderia trazer de conhecimento, critica a postura escolar de tornar atividades que poderiam ser interessantes em algo enfadonho.

2. Enem

C5-H15

Em casa, Hideo ainda podia seguir fiel ao imperador japonês e às tradições que trouxera no navio que aportara em Santos. [...] Por isso Hideo exigia que, aos domingos, todos estivessem juntos durante o almoço. Ele se sentava à cabeceira da mesa; à direita ficava Hanashiro, que era o primeiro filho, e Hitoshi, o segundo, e à esquerda, Haruo, depois Hiroshi, que era o mais novo. [...] A esposa, que também era mãe, e as filhas, que também eram irmãs, aguardavam de pé ao redor da mesa [...]. Haruo reclamava, não se cansava de reclamar: que se sentassem também as mulheres à mesa, que era um absurdo aquele costume. Quando se casasse, se sentariam à mesa a esposa e o marido, um em frente ao outro, porque não era o homem melhor que a mulher para ser o primeiro [...]. Elas seguiam de pé, a mãe um pouco cansada dos protestos do filho, pois o momento do almoço era sagrado, não era hora de levantar bandeiras inúteis [...].

NAKASATO, Oscar. *Nihonjin*. São Paulo: Benvirá, 2011.

Referindo-se a práticas culturais de origem nipônica, o narrador registra as reações que elas provocam na família e mostra um contexto em que

- a obediência ao imperador leva ao prestígio pessoal.
- as novas gerações abandonam seus antigos hábitos.
- a refeição é o que determina a agregação familiar.
- os conflitos de gênero tendem a ser neutralizados.
- o lugar à mesa metaforiza uma estrutura de poder.

O narrador registra uma convenção social em que o lugar à mesa reproduz hierarquia em que os homens são privilegiados, desde o pai, considerado chefe da família, seguido pelo filho homem mais velho até o mais novo. As mulheres, por sua vez, aguardam a refeição dos homens em pé, ao redor da mesa, que, dessa forma, metaforiza essa estrutura de poder.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H15 – Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

3. Enem

C7-H21

Candidatas usam concurso de beleza para denunciar violência no Peru

No tradicional concurso de *miss*, as candidatas apresentaram dados de feminicídio, abuso sexual e estupro no país.

No lugar das medidas de altura, peso, busto, cintura e quadril, dados da violência contra as mulheres no Peru. Foi assim que as 23 candidatas ao Miss Peru 2017 protestaram contra os altos índices de feminicídio e abuso sexual no país no tradicional desfile em trajes de banho.

O tom político, porém, marcou a atração desde o começo: logo no início, quando as peruanas se apresentaram, uma a uma, denunciaram os abusos morais e físicos, a exploração sexual, o assédio, entre outros crimes contra as mulheres.

CARTA *Capital*, 31 out. 2017. Disponível em: <www.cartacapital.com.br>. Acesso em: maio 2019.

Quanto à materialização da linguagem, a apresentação de dados relativos à violência contra a mulher

- configura uma discussão sobre os altos índices de abuso físico contra as peruanas.
- propõe um novo formato no enredo dos concursos de beleza feminina.
- condena o rigor estético exigido pelos concursos tradicionais.
- recupera informações sensacionalistas a respeito desse tema.
- subverte a função social da fala das candidatas a *miss*.

Quebrando o até então rígido protocolo que estrutura esse tradicional concurso, a apresentação das candidatas contou com a disponibilização de dados relativos à violência contra a mulher, subvertendo a função social das falas dessas candidatas, uma vez que esperadas apenas suas apresentações.

Competência de área 7 – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

H21 – Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.

4. Ifal

A senhora, uma dona de casa, estava na feira, no caminhão que vende galinhas. O vendedor ofereceu a ela uma galinha. Ela olhou para a galinha, passou a mão embaixo das asas da galinha, apalpou o peito da galinha, alisou as coxas da galinha, depois tornou a colocar a galinha na banca e disse para o vendedor: “Não presta!”. Aí o vendedor olhou para ela e disse: “Também, madame, num exame assim nem a senhora passava.”

FERNANDES, Millôr. *A História é uma Istória*. Porto Alegre: L&PM, 1978.

No texto, observa-se que o autor faz uso repetidas vezes do vocábulo “galinha”. Com esse mecanismo de coesão referencial, a sua intenção é de

- a) demonstrar pobreza vocabular.
- b) usar a repetição para cansar o leitor.
- c) possibilitar comicidade ao texto.
- d) propiciar a aliteração no texto.
- e) manter a unidade temática do texto.

Ao repetir o termo “galinha”, o autor acaba criando um efeito de comicidade, pois ressalta a quantidade de ações que a mulher fez para analisar apenas uma galinha.

5. UFPR

A épica narrativa de nosso caminho até aqui

Quando viajamos para o exterior, muitas vezes passamos pela experiência de aprender mais sobre o nosso país. Ao nos depararmos com uma realidade diferente daquela em que estamos imersos cotidianamente, o estranhamento serve de alerta: deve haver uma razão, um motivo, para que as coisas funcionem em cada lugar de um jeito. Presentes diferentes só podem resultar de passados diferentes. Essa constatação pode ser um poderoso impulso para conhecer melhor a nossa história.

Algo assim vem ocorrendo no campo de estudos sobre o Sistema Solar. O florescimento da busca de planetas extrassolares – aqueles que orbitam em torno de outras estrelas – equivaleu a dar uma espiadinha no país vizinho, para ver como vivem “seus habitantes”. Os resultados são surpreendentes. Em certos sistemas, os planetas estão tão perto de suas estrelas que completam uma órbita em poucos dias. Muitos são gigantes feitos de gás, e alguns chegam a possuir mais de seis vezes a massa e quase sete vezes o raio de Júpiter, o grandalhão do nosso sistema. Já os nossos planetas rochosos, classe em que se enquadram Terra, Mercúrio, Vênus e Marte, parecem ser mais bem raros do que imaginávamos a princípio.

A constatação de que somos quase um ponto fora da curva (pelo menos no que tange ao nosso atual estágio de conhecimento de sistemas planetários) provocou os astrônomos a formular novas teorias para explicar como o Sistema Solar adquiriu sua atual configuração. Isso implica responder perguntas tais como quando se formaram os planetas gasosos, por que estão nas órbitas em que estão hoje, de que forma os planetas rochosos surgiram etc.

Nosso artigo de capa traz algumas das respostas que foram formuladas nos últimos 15 a 20 anos. Embora não sejam consensuais, teorias como o Grand Tack, o Grande Ataque e o Modelo de Nice têm desfrutado de grande prestígio na comunidade astronômica e oferecem uma fascinante narrativa da cadeia de eventos que pode ter permitido o surgimento da Terra e, em última instância, da vida por aqui. [...]

NOGUEIRA, Paulo. *Scientific American* – Brasil, n. 168, jun. 2016.

O autor inicia o texto falando de nosso estranhamento quando conhecemos outros países, com seus usos e costumes. Ao fazer isso, sua intenção é:

- a) contrapor as características inusitadas de nosso sistema solar com os costumes diferentes de outros países.
- b) chamar a atenção para o fato de que as coisas funcionam em cada lugar de um jeito.
- c) alertar para que os turistas percebam que os usos e costumes de nosso país são muito diferentes dos de outros países.

- d) fazer uma analogia com o comportamento científico que devemos ter para compreendermos o surgimento da Terra.
- e) mostrar que o sistema solar tem planetas diferentes: alguns de formação rochosa e outros de formação gasosa.

A estratégia do autor foi a de buscar algo semelhante entre o assunto de seu texto (ocorrências no estudo sobre o Sistema Solar) e algo cotidiano a um leitor mediano (o estranhamento de um turista em outro país).

Após a introdução relatar o estranhamento de um turista em outro país e a possibilidade de aprendizagem com essa observação, o autor inicia o segundo parágrafo com a seguinte oração: “Algo assim vem ocorrendo no campo de estudos sobre o Sistema Solar”.

6. Enem

C5-H15

A Casa de Vidro

Houve protestos.

Deram uma bola a cada criança e tempo para brincar.

Elas aprenderam malabarismos incríveis e algumas viajavam pelo mundo exibindo sua alegre habilidade. (O problema é que muitos, a maioria, não tinham jeito e eram feios de noite, assustadores. Seria melhor prender essa gente – havia quem dissesse.)

Houve protestos.

Aumentaram o preço da carne, liberaram os preços dos cereais e abriram crédito a juros baixos para o agricultor. O dinheiro que sobrasse, bem, digamos, ora o dinheiro que sobrasse!

Houve protestos.

Diminuíram os salários (infelizmente aumentou o número de assaltos) porque precisamos combater a inflação e, como se sabe, quando os salários estão acima do índice de produtividade eles se tornam altamente inflacionários, de modo que.

Houve protestos.

Proibiram os protestos.

E no lugar dos protestos nasceu o ódio. Então surgiu a Casa de Vidro, para acabar com aquele ódio.

ÂNGELO, Ivan. *A casa de vidro*. São Paulo: Círculo do Livro. 1985.

Publicado em 1979, o texto compartilha com outras obras da literatura brasileira escritas no período as marcas do contexto em que foi produzido, como a

- a) referência à censura e à opressão para alegorizar a falta de liberdade de expressão característica da época.
- b) valorização de situações do cotidiano para atenuar os sentimentos de revolta em relação ao governo instituído.
- c) utilização de metáforas e ironias para expressar um olhar crítico em relação à situação social e política do país.
- d) tendência realista para documentar com verossimilhança o drama da população brasileira durante o Regime Militar.
- e) sobreposição das manifestações populares pelo discurso oficial para destacar o autoritarismo do momento histórico.

A leitura atenta do texto evidencia que os protestos eram motivados por razões econômicas (salários, preços das mercadorias, etc). Dentro desse contexto, substituição de tijolos por vidros na arquitetura da casa mencionada no título da obra é reveladora da intenção de Ivan Ângelo em tornar visível tudo o que acontece na sociedade brasileira, tanto na esfera ideológica, como econômica ou psicológica, durante um período de exceção. O excerto revela, metaforicamente, as estratégias de resistência a um sistema censor e opressor (“malabarismos incríveis”, “viajavam pelo mundo exibindo sua alegre habilidade”, “houve protestos”) que aplicava políticas econômicas desfavoráveis à grande parte da população brasileira durante o regime militar (“Aumentaram o preço da carne”, “Diminuíram os salários”) a ponto de provocar ódio e revolta.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H15 – Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unicamp-SP

O espelho

Esboço de uma nova teoria da alma humana

Quatro ou cinco cavalheiros debatiam, uma noite, várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos. A casa ficava no morro de Santa Teresa, a sala era pequena, alumada a velas, cuja luz fundia-se misteriosamente com o luar que vinha de fora. Entre a cidade, com as suas agitações e aventuras, e o céu, em que as estrelas pestanejavam, através de uma atmosfera límpida e sossegada, estavam os nossos quatro ou cinco investigadores de coisas metafísicas, resolvendo amigavelmente os mais árduos problemas do universo.

Por que quatro ou cinco? Rigorosamente eram quatro os que falavam; mas, além deles, havia na sala um quinto personagem, calado, pensando, cochilando, cuja espórtula no debate não passava de um ou outro resmungo de aprovação. Esse homem tinha a mesma idade dos companheiros, entre quarenta e cinquenta anos, era provinciano, capitalista, inteligente, não sem instrução, e, ao que parece, astuto e cáustico. Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e, aliás, eram a perfeição espiritual e eterna. Como desse esta mesma resposta naquela noite, contestou-lha um dos presentes, e desafiou-o a demonstrar o que dizia, se era capaz. Jacobina (assim se chamava ele) refletiu um instante, e respondeu:

— Pensando bem, talvez o senhor tenha razão.

Vai senão quando, no meio da noite, sucedeu que este casmurro usou da palavra, e não dois ou três minutos, mas trinta ou quarenta. A conversa, em seus meandros, veio a cair na natureza da alma, ponto que dividiu radicalmente os quatro amigos. Cada cabeça, cada sentença; não só o acordo, mas a mesma discussão tornou-se difícil, senão impossível, pela multiplicidade das questões que se deduziram do tronco principal e um pouco, talvez, pela inconsistência dos pareceres. Um dos argumentadores pediu ao Jacobina alguma opinião, — uma conjetura, ao menos.

— Nem conjetura, nem opinião, redarguiu ele; uma ou outra pode dar lugar a dissentimento, e, como sabem, eu não discuto. Mas, se querem ouvir-me calados, posso contar-lhes um caso de minha vida, em que ressalta a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata. Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

— Duas?

— Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. Há casos, por exemplo, em que um simples botão de camisa é a alma exterior de uma pessoa; — e assim também a polca, o voltarete, um livro, uma máquina, um par de

botas, uma cavatina, um tambor, etc. Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. Shylock, por exemplo. A alma exterior aquele judeu eram os seus ducados; perdê-los equivalia a morrer. “Nunca mais verei o meu ouro, diz ele a Tubal; é um punhal que me enterras no coração.” Vejam bem esta frase; a perda dos ducados, alma exterior, era a morte para ele. Agora, é preciso saber que a alma exterior não é sempre a mesma...

— Não?

— Não, senhor; muda de natureza e de estado. Não aludo a certas almas absorventes, como a pátria, com a qual disse o Camões que morria, e o poder, que foi a alma exterior de César e de Cromwell. São almas enérgicas e exclusivas; mas há outras, embora enérgicas, de natureza mudável. Há cavalheiros, por exemplo, cuja alma exterior, nos primeiros anos, foi um chocalho ou um cavalinho de pau, e mais tarde uma provedoria de irmandade, suponhamos. Pela minha parte, conheço uma senhora, — na verdade, gentilíssima, — **que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano.** Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...

— Perdão; essa senhora quem é?

— **Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião...** E assim outros mais casos. Eu mesmo tenho experimentado dessas trocas. Não as relato, porque iria longe; restrinjo-me ao episódio de que lhes falei. Um episódio dos meus vinte e cinco anos...

Os quatro companheiros, ansiosos de ouvir o caso prometido, esqueceram a controvérsia.

Santa curiosidade! tu não és só a alma da civilização, és também o pomo da concórdia, fruta divina, de outro sabor que não aquele pomo da mitologia. A sala, até há pouco ruidosa de física e metafísica, é agora um mar morto; todos os olhos estão no Jacobina, que conserta a ponta do charuto, recolhendo as memórias. [...]

ASSIS, Machado. *Contos: uma antologia* – Volume I. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

A fim de dar exemplos de sua teoria da “alma exterior”, o narrador-personagem do conto O espelho, de Machado de Assis, refere-se a uma senhora conhecida sua “que muda de alma exterior cinco, seis vezes por ano”. E, questionado sobre a identidade dessa mulher, afirma: “Essa senhora é parenta do diabo, e tem o mesmo nome: chama-se Legião...”

Considerando o contexto dessa frase no conto, pode-se dizer que ela constitui

- uma crítica à noção de alma exterior como resultante da influência do mal.
- uma consideração cômica que ressalta o nome inusitado da senhora.
- uma condenação do comportamento moral da senhora em questão.
- uma ironia com a inconstância dos valores sociais associados à alma exterior.

8. UEMG – A questão refere-se ao livro *O acaso abre portas*, de Luís Giffoni.

De todos os percentuais divulgados, meu favoritíssimo aborda extraterrestres: 78,25% das civilizações alienígenas que nos visitam vêm de fora da Via Láctea. Depois dessa precisão alienígena, eu, que vivia fora de órbita, ando agora 78,25% mais à Terra. Com tanta gente estranha por aqui, acredito que a confusão estatística é coisa de ET. Ou do diabo. Tenho 66,6% de certeza.

GIFFONI, Luís. Confusão estatística. In: *O acaso abre portas*. Belo Horizonte: Abacate, 2014. p. 21.

Os recursos de estilo empregados nesse fragmento indicam a intenção do autor de

- a) demonstrar indiferença a critérios percentuais.
- b) criticar a vagueza de informações numéricas.
- c) questionar as probabilidades científicas.
- d) ironizar a precisão de dados estatísticos.

9. Enem

C5-H15

O trabalho não era penoso: colar rótulos, meter vidros em caixas, etiquetá-las, selá-las, envolvê-las em papel celofane, branco, verde, azul, conforme o produto, separá-las em dúzias... Era fastidioso. Para passar mais rapidamente as oito horas havia o remédio: conversar. Era proibido, mas quem ia atrás de proibições? O patrão vinha? Vinha o encarregado do serviço? Calavam o bico, aplicavam-se ao trabalho. Mal viravam as costas, voltavam a taramelar. As mãos não paravam, as línguas não paravam. Nessas conversas intermináveis, de linguagem solta e assuntos crus, Leniza se completou. Isabela, Afonsina, Idália, Jurete, Deolinda – foram mestras. O mundo acabou de se desvendar. Leniza perdeu o tom ingênuo que ainda podia ter. Ganhou um jogar de corpo que convida, um quebrar de olhos que promete tudo, à toa, gratuitamente. Modificou-se o timbre de sua voz. Ficou mais quente. A própria inteligência se transformou. Tornou-se mais aguda, mais trepidamente.

REBELO, Marques. *A estrela sobe*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

O romance, de 1939, traz à cena tipos e situações que espelham o Rio de Janeiro daquela década. No fragmento, o narrador delinea esse contexto centrado no

- a) julgamento da mulher fora do espaço doméstico.
- b) relato sobre as condições de trabalho no Estado Novo.
- c) destaque a grupos populares na condição de protagonistas.
- d) processo de inclusão do palavrão nos hábitos de linguagem.
- e) vínculo entre as transformações urbanas e os papéis femininos.

10. UFU-RJ

Há uma pequena árvore na porta de um bar, todos passam e dão uma beliscada na desprotegida árvore. Alguns arrancam folhas, alguns só puxam e outros, às vezes, até arrancam um galho. O homem que vive na periferia é igual a essa pequena árvore, todos passam por ele e arrancam-lhe algo de valor. A pequena árvore é protegida pelo dono do bar, que põe em sua volta uma armação de madeira; assim, ela fica segura, mas sua beleza é escondida. O homem que vive na periferia, quando resolve buscar o que lhe roubaram, é posto atrás das grades pelo sistema.

Tentam proteger a sociedade dele, mas também escondem sua beleza.

FERRÉZ. *Capão Pecado*. São Paulo: Labortexto, 2000.

Tomada, isoladamente, a proposição “Tentam proteger a sociedade dele” poderia ser considerada ambígua. Para explicitar o sentido que essa oração assume no contexto em que foi empregada, a expressão “a sociedade dele” deve ser substituída por

- a) a sociedade contra ele.
- b) a sociedade para ele.
- c) a sociedade com ele.
- d) a sua sociedade.

11. Fuvest-SP – Examine esta propaganda.

<<http://combustivellegal.com.br>>

Por ser empregado tanto na linguagem formal quanto na linguagem informal, o termo “legal” pode ser lido, no contexto da propaganda, respectivamente, nos seguintes sentidos:

- a) lícito e bom.
- b) aceito e regulado.
- c) requintado e excepcional.
- d) viável e interessante.
- e) jurídico e autorizado.

12. Enem

C1-H3

ABL lança novo concurso cultural: “Conte o conto sem aumentar um ponto”

Em razão da grande repercussão do concurso de Microcontos do Twitter da ABL, o Abletras, a Academia Brasileira de Letras lançou no dia do seu aniversário de 113 anos um novo concurso cultural intitulado “Conte o conto sem aumentar um ponto”, baseado na obra *A cartomante*, de Machado de Assis.

“Conte o conto sem aumentar um ponto” tem como objetivo dar um final distinto do original ao conto *A cartomante*, de mesmo número de caracteres – ou inferior – que Machado de Assis concluiu seu trabalho, ou seja, 1778 caracteres.

Vale ressaltar que, para participar do concurso, o concorrente deverá ser seguidor do Twitter da ABL, o Abletras.

ACADEMIA Brasileira de Letras, 19 jul. 2010. Disponível em: <www.academia.org.br>. Acesso em: maio 2019.

O Twitter é reconhecido por promover o compartilhamento de textos. Nessa notícia, essa rede social foi utilizada como veículo/suporte para um concurso literário por causa do(a)

- a) limite predeterminado de extensão do texto.
- b) interesse pela participação de jovens.
- c) atualidade do enredo proposto.
- d) fidelidade a fatos cotidianos.
- e) dinâmica da sequência narrativa.

13. IME-RJ

Das vantagens de ser bobo

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: "Estou fazendo. Estou pensando."

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espartezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoievski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: "Até tu, Brutus?"

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais às pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que **só o bobo é capaz de excesso de amor**. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. Das vantagens de ser bobo. In: *Jornal do Brasil*, 12 set. 1970.

Na frase "só o bobo é capaz de excesso de amor", a semântica da palavra **só**, nesse contexto,

- a) estabelece comparação entre bobos e espertos e funciona como adjetivo.
- b) evidencia a solidão dos que são bobos num mundo em que a quase totalidade das pessoas são espertas. Funciona como adjetivo.
- c) modifica o sentido do substantivo amor, sendo, por isso, um advérbio.
- d) incide sobre o adjetivo **capaz**, intensificando essa capacidade que apenas os bobos têm. Funciona, portanto, como advérbio.
- e) tem valor restritivo quanto ao mundo dos que são capazes de excesso de amor e funciona como um advérbio que se refere à palavra **bobo**.

14. Unifesp – Leia a crônica Premonitório, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à questão:

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: "Não saia casa 3 outubro abraços".

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o "pois não" melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: "como é?", e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de *arma virumque cano*¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: "Dia 4 nós conversamos". Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: "Passe de largo"; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios,

a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: “Desculpe, é engano”, ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. “Deve ser engano”. “Não é não, o chefe está à espera”. “Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou.” “É hoje e é já.” “Impossível.” Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. **A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. “O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo” – disse-lhe o chefe.** – “Que sabe a respeito do traço?”. “Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje?”. “Vai estourar?”. “Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?”. “Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro”. “Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?”. “Sou professor de latim, e corriji a epígrafe de um trabalho”. “Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?”. “São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido.” **“E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?” Emudeceu. “Diga, vamos!” “Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso.”** “O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?”. “Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?”. “Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa.” “Mas, doutor...” Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: “O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu sáísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!”

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *70 historinhas*. São Paulo: Companhia das Letras: 2016.

¹*arma virumque cano*: “canto as armas e o varão” (palavras iniciais da epopeia *Eneida*, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. “O senhor vai dizer a verdade **bonitinho** e logo” – disse-lhe o chefe.

— “E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?” Emudeceu. “Diga, vamos!” “Desculpe, eram uns **versinhos**, estão aqui no bolso.”

No contexto em que se inserem, as palavras “bonitinho” e “versinhos” exprimem, respectivamente,

- a) afetividade e antipatia.
- b) vulgaridade e sarcasmo.

- c) desprezo e indiferença.
- d) advertência e modéstia.
- e) irritação e delicadeza.

15. Unifesp – Para responder à(s) questão(ões), leia o trecho do livro *Abolição*, da historiadora brasileira Emília Viotti da Costa.

Durante três séculos (do século XVI ao XVIII) a escravidão foi praticada e aceita sem que as classes dominantes questionassem a legitimidade do cativo. Muitos chegavam a justificar a escravidão, argumentando que graças a ela os negros eram retirados da ignorância em que viviam e convertidos ao cristianismo. A conversão libertava os negros do pecado e lhes abria a porta da salvação eterna. Dessa forma, a escravidão podia até ser considerada um benefício para o negro! Para nós, esses argumentos podem parecer cínicos, mas, naquela época, tinham poder de persuasão. A ordem social era considerada expressão dos desígnios da Providência Divina e, portanto, não era questionada. **Acreditava-se que era a vontade de Deus que alguns nascessem nobres, outros, vilões, uns, ricos, outros, pobres, uns, livres, outros, escravos.** De acordo com essa teoria, não cabia aos homens modificar a ordem social. Assim, justificada pela religião e sancionada pela Igreja e pelo Estado – representantes de Deus na Terra –, a escravidão não era questionada. A Igreja limitava-se a recomendar paciência aos escravos e benevolência aos senhores.

Não é difícil imaginar os efeitos dessas ideias. Elas permitiam às classes dominantes escravizar os negros sem problemas de consciência. Os poucos indivíduos que no Período Colonial, fugindo à regra, questionaram o tráfico de escravos e lançaram dúvidas sobre a legitimidade da escravidão, foram expulsos da Colônia e o tráfico de escravos continuou sem impedimentos. Apenas os próprios escravos questionavam a legitimidade da instituição, manifestando seu protesto por meio de fugas e insurreições. Encontravam, no entanto, pouca simpatia por parte dos homens livres e enfrentavam violenta repressão.

COSTA, Emília Viotti da. *A abolição*. São Paulo: Unesp, 2010.

Acreditava-se que era a vontade de Deus que alguns nascessem nobres, outros, **vilões**, uns, ricos, outros, pobres, uns, livres, outros, escravos.

No contexto em que se insere, o termo “vilão” deve ser entendido na seguinte acepção:

- a) camponês medieval que trabalhava para um senhor feudal.
- b) aquele que é indigno, abjeto, desprezível.
- c) aquele que não pertence à nobreza, plebeu.
- d) aquele que não tem religião, ateu.
- e) aquele que reside em vila.

16. UPE (adaptada)

Texto I

Meu pai

meu pai foi
ao Rio se tratar de
um câncer (que
o mataria) mas
perdeu os olhos
na viagem

quando lhe levei
os óculos novos
comprados na Ótica
Fluminense ele
examinou o estojo com
o nome da loja dobrou
a nota de compra guardou-a
no bolso e falou:
quero ver
agora qual é o
sacana que vai dizer
que eu nunca estive
no Rio de Janeiro

GULLAR, Ferreira. *Muitas vozes: poemas*.
Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

Texto II

O mapa

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo...

(E nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso

Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)

E talvez de meu repouso...

QUINTANA, Mário. *Apontamentos de história sobrenatural*.
São Paulo: Globo, 1998.

Texto III

Impressionista

Uma ocasião,
meu pai pintou a casa toda
de alaranjado brilhante.
Por muito tempo moramos numa casa,

como ele mesmo dizia,
constantemente amanhecendo.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

Texto IV

a mocinha empurrada
sentou-se mal
em cima do capô-tão presente
de bodas de ouro

Décio Pignatari

Considerando os textos bem como os autores e seus respectivos contextos históricos e literários, analise as proposições a seguir.

- I. O texto I apresenta um eu lírico ligado ao cotidiano, pois Ferreira Gullar, poeta também neoconcretista, tem como um de seus temas a realidade social.
- II. No texto II, encontra-se um eu lírico que tematiza o cotidiano, situações corriqueiras, com uma percepção aguda das coisas simples da vida; no entanto, há um certo pessimismo em relação à cidade que o faz evadir-se, criando, em sonho, outra cidade.
- III. Adélia Prado é dona de uma linguagem simples, e preocupada com uma temática feminina, ligada à família e à religiosidade. No texto III, percebe-se um eu lírico que se mostra incompatível com o clima da imagem da casa desejada, a ponto de não se sentir bem com a cor alaranjada de suas paredes.
- IV. Pignatari possui uma linguagem que valoriza os esquemas e diagramas, fazendo de seus versos um projeto de *designer*. No poema, há um texto duplo, uma fusão de imagens, cujos significados se revelam por essa duplicidade, como um espelho que projeta uma imagem invertida.

Estão corretas:

- a) I, II e IV, apenas.
- b) I, II, III e IV.
- c) II e III, apenas.
- d) II, III e IV, apenas.
- e) III e IV, apenas.

17. UPE

Texto I

Retrato de Novembro

I
Os trabalhadores protestam na rua,
Excelência.
Não me incomodam!
Como?!
Não vou sair para essas bandas!
Querem avistar-se com Vossa Excelência.
Não os conheço!
Já estão a fazer barulho.
Manda-os embora!
Não abalam.
Manda-os calar!
Não nos escutam, Excelência.
Bom, somos um país livre!

Mas a gritaria vai-nos incomodar.
 Fecha as portas e as janelas!
 Mesmo assim os ouviremos.
 Tapa os ouvidos!
 Também não resulta, Excelência.
 Então, ignora-os!
 Como?!
 Finge que não existem!
 Vai ser difícil, Excelência.
 Mas não impossível!

II

E os massacres no Alentejo, Excelência?
 Oh nada de extraordinário a assinalar
 Senão os coveiros já teriam reclamado
 Horas suplementares!

CAMPANIÇO, José Manuel Pires. *A cítara ardente*: 100 poemas –
 Volume 1. Estoril: Edições Mic, 1980.

Texto II

Alerta

Lá vem o lança-chamas
 Pega a garrafa de gasolina
 Atira
 Eles querem matar todo amor
 Corromper o polo
 Estancar a sede que eu tenho doutro ser
 Vem de flanco, de lado
 Por cima, por trás
 Atira
 Atira
 Resiste

Defende
 De pé
 De pé
 De pé
 O futuro será de toda a humanidade

ANDRADE, Oswald de. *O santeiro do Mangue e outros poemas*.
 São Paulo: Globo, 2012.

Acerca dos textos I e II, bem como dos seus autores e do contexto histórico e literário em que estão inscritos, analise as seguintes proposições.

- I. O texto II é um poema em que o autor se revela comprometido com as causas sociais de seu tempo, e em que um eu lírico questionador faz vir à tona imagens da indiferença de quem está no poder, subjugando o oprimido.
- II. Mário de Andrade foi o autor de *Macunaíma*, cujo protagonista é um “herói sem nenhum caráter”; uma espécie de mito grego, nascido na selva amazônica que vai até São Paulo, em busca de um valioso talismã. Sobre o nascimento desse mito, confira o seguinte trecho:
 No fundo do mato-virgem nasceu Macunaíma, herói de nossa gente. Era preto retinto e filho do medo da noite.
- III. O texto II é um poema, cujo eu lírico é um revolucionário, em luta por sua liberdade. A sua causa, isto é, o seu ideal, é a humanidade.
- IV. Para Oswald de Andrade, no seu *Manifesto da Poesia Pau-brasil*, “a poesia existe nos fatos”. Isso faz entender que ele conseguiu reunir, na sua poesia e na sua prosa, elementos para um olhar crítico sobre a realidade brasileira.

Estão corretas:

- a) I e II, apenas.
- b) I, III e IV, apenas.
- c) II e III, apenas.
- d) II e IV, apenas.
- e) I, II, III e IV.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C6-H19

App narra filme para cegos.

Deficientes visuais já podem ir a algumas salas de cinema e teatros para curtir, em maior intensidade, as atrações em cartaz. Quem ajuda na tarefa é o aplicativo Whatscine, recém-chegado ao Brasil e disponível para os sistemas operacionais iOS (Apple) ou Android (Google). Ao ser conectado à rede *wi-fi* de cinemas e teatros, o *app* sincroniza um áudio que descreve o que ocorre na tela ou no palco com o espetáculo em andamento: o usuário, então, pode ouvir a narração em seu celular.

O programa foi desenvolvido por pesquisadores da Universidade Carlos III, em Madri. “Na Espanha, 200 salas de cinema já oferecem o recurso e filmes de grandes estúdios já são exibidos com o recurso do Whatscine!”, diz o brasileiro Luis Mauch, que trouxe a tecnologia para o país. “No Brasil, já fechamos parceria com a São Paulo Companhia de Dança para adaptar os espetáculos deles! Isso já é um avanço. Concorda?”

HONORATO, Renata. *Veja*, 4 jun. 2014.
 Disponível em: < <https://veja.abril.com.br> >.
 Acesso em 25 jun. 2014. Adaptado.

Por ser múltipla e apresentar peculiaridades de acordo com a intenção do emissor, a linguagem apresenta funções diferentes. Nesse fragmento, predomina a função referencial da linguagem, porque há a presença de elementos que

- a) buscam convencer o leitor, incitando o uso do aplicativo.
- b) definem o aplicativo, revelando o ponto de vista da autora.
- c) evidenciam a subjetividade, explorando a entonação emotiva.
- d) expõem dados sobre o aplicativo, usando linguagem denotativa.
- e) objetivam manter um diálogo com o leitor, recorrendo a uma indagação.

19. Enem

C7-H21

Mais big do que bang

A comunidade científica mundial recebeu, na semana passada, a confirmação oficial de uma descoberta sobre a qual

se falava com enorme expectativa há alguns meses. Pesquisadores do Centro de Astrofísica Harvard-Smithsonian revelaram ter obtido a mais forte evidência até agora de que o universo em que vivemos começou mesmo pelo Big Bang, mas este não foi explosão, e sim uma súbita expansão de matéria e energia infinitas concentradas em um ponto microscópico que, sem muitas opções semânticas, os cientistas chamam de “singularidade”. Essa semente cósmica permanecia em estado latente e, sem que exista ainda uma explicação definitiva, começou a inchar rapidamente [...]. No intervalo de um piscar de olhos, por exemplo, seria possível, portanto, que ocorressem mais de 10 trilhões de Big Bangs.

ALLEGRETTI, Fernanda. *Veja*. 26 mar. 2014. Adaptado.

No título proposto para esse texto de divulgação científica, ao dissociar os elementos da expressão “Big Bang”, a autora revela a intenção de

- a) a evidenciar a descoberta recente que comprova a explosão de matéria e energia.
- b) resumir os resultados de uma pesquisa que trouxe evidências para a teoria do Big Bang.
- c) sintetizar a ideia de que a teoria da expansão de

matéria e energia substitui a teoria da explosão.

- d) destacar a experiência que confirma uma investigação anterior sobre a teoria de matéria e energia.
- e) condensar a conclusão de que a explosão de matéria e energia ocorre em um ponto microscópico.

20. Enem

C6-H18

Descubra e aproveite um momento todo seu. **Quando** você quebra o delicado chocolate, o **irresistível** recheio cremoso começa a derreter na sua boca, **acariciando** todos os seus sentidos. Criado por nossa empresa. **Paixão** e amor por chocolate desde 1845.

Veja, n. 2.320, 8 maio 2013. Adaptado.

O texto publicitário tem a intenção de persuadir o público-alvo a consumir determinado produto ou serviço. No anúncio, essa intenção assume a forma de um convite, estratégia argumentativa linguisticamente marcada pelo uso de

- a) conjunção – “Quando”.
- b) adjetivo – “irresistível”.
- c) verbo no imperativo – “Descubra”.
- d) palavra do campo afetivo – “Paixão”.
- e) expressão sensorial – “acariciando”.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINUS



TÓPICOS DE ORTOGRAFIA III

Normas ortográficas

- Tópicos de ortografia III
- C, Ç, S, SS
- C, QU
- Mas × mais
- Meio × meia
- A cerca × acerca
- É proibido × é proibida
- É permitido × é permitida
- Menor × de menor
- Mandato × mandado
- Quite × qüites
- Em anexo

HABILIDADES

- Reconhecer a grande variedade de influências linguísticas, sociais e históricas que resultam na formação da língua portuguesa.
- Diferenciar, através da ampliação de vocabulário, a grafia correta das palavras e como empregá-las corretamente, de acordo com a norma-padrão.
- Empregar o conhecimento adquirido sobre os processos de formação de palavras para solucionar dúvidas quanto à ortografia.



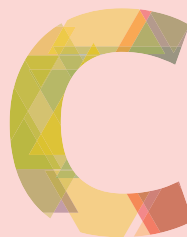
RALWEL/ISTOCK

Não há uma regra única capaz de orientar todas as normas ortográficas. Dessa forma, a dica é que seja feita bastante leitura e consulta a fontes confiáveis para que se possa empregar a grafia correta das palavras que exigem mais atenção.

C, Ç, S ou SS

Pelo fato de poderem representar o mesmo som, [s], as letras **C**, **Ç** e **S**, assim como o dígrafo **SS** pode gerar dúvidas na hora da escrita.

ROBUART/ISTOCK



A letra **C** representa o som [s] apenas quando antecede as vogais **e** e **i** *ácido, acima, bicicleta, cebola, cegonha, centenário* etc.

Quando antecede consoantes ou as vogais **a**, **o** e **u**, representa o som [k] *acne, arco, aspecto, carro, clave, clima, crise, curva* etc.



A letra **Ç** representa o som [s], sempre seguido pelas vogais **a**, **o** e **u**, indicando que os encontros **ça**, **ço** e **çu** serão pronunciados com o som [s] e não com o som [k] *aço, caçula, dança* etc.

Ocorre nos substantivos que derivam dos verbos terminados em **-ter** e **-torcer**.

Verbo	Substantivo Derivado
abster	abstenção
ater	atenção
conter	contenção
contorcer	contorção
deter	detenção
distorcer	distorção

– nas palavras de origem italiana, indígena, árabe ou africana.

açofra, açúcar, jacaré-açu, miçanga, muçarela, muçulmano, paçoca, raça etc.

– nas palavras derivadas de vocábulos terminados em **-to**, **-tor** ou **-tivo**

Vocábulo	Derivada
cantor	canção
convicto	convicção
exceto	exceção
instrutor	instrução
introspectivo	introspecção
redator	redação



Emprega-se o **S** nos substantivos que derivam de verbos terminados em **-ender**, **-verter** ou **-pelir**.

Verbo	Substantivo Derivado
apreender	apreensão
ascender	ascensão
converter	conversão
compreender	compreensão
expelir	expulsão
repelir	repulsão

– nas palavras que indicam origem, naturalidade *catarinense, fluminense, paranaense, maranhense* etc.

– nas palavras que apresentam o sufixo **-esa**, quando

- indicarem o gênero feminino da nacionalidade

Masculino	Feminino
dinamarquês	dinamarquesa
francês	francesa
inglês	inglesa
japonês	japonesa
português	portuguesa

- indicarem o gênero feminino de vocábulos masculinos terminados em **-s**.

Masculino	Feminino
burguês	burguesa
camponês	camponesa
freguês	freguesa
marquês	marquesa
príncipe	princesa

– nas palavras que terminam com **-isa** (indicando ocupação ou profissão).

papisa, pitonisa, poetisa, profetisa, sacerdotisa etc.

– em palavras terminadas em **-ose** ou **-oso** (ou sua flexão em gênero gramatical feminino **-osa**)

dose, escoliose, glicose, hipnose, lactose, metamorfose, osmose, pose, virose etc.

audacioso, majestoso, minucioso, oleoso, prazeroso, vagaroso, vultoso etc.

audaciosa, majestosa, minuciosa, oleosa, prazerosa, vagarosa, vultosa etc.

– nas palavras terminadas em **-ase**, **-ese** ou **-ise**.
base, crase, ênfase, êxtase, fase, frase, quase etc.
diocese, catequese, hipótese, prótese, síntese, tese etc.

análise, crise, expertise, marquise, mesóclise, psicanálise, reprise etc.

– em todas as palavras em que a letra **S**, entre duas vogais, representa o som [z]

abuso, asa, casamento, casa, catalisador, desejo, paisagem, pesquisa, usuário, visita etc.

– nas palavras em que a letra **S** mantém seu som original e é empregada entre vogal e consoante (e vice-versa) ou entre consoantes

absurdo, cansativo, conseqüente, consulta, descanso, inseguro, instante, intenso, falso, suspense etc.

– após a ocorrência de ditongos, quando a letra **S** representar o som [s]

ausência, coisa, causa, náusea, lousa, maisena, pausa, pouso etc.

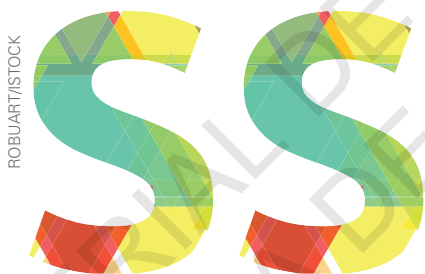
– nas formas flexionada de **querer** e **pôr**, assim como em seus derivados:

- Pôr (e verbos derivados)

pus, puseste, pusemos, puseram, puser, pusessem, propuser, dispuseram, impus, compuseram

- Querer

quis, quisemos, quisto, quiseram, quiséramos, quisesse, quiser



Nos substantivos que derivam de verbos terminados em **-gredir**, **-mitir** e **-ceder**.

Verbo	Substantivo Derivado
agredir	agressão
admitir	admissão
conceder	concessão
omitir	omissão
permitir	permissão
transmitir	transmissão
suceder	sucessão

C ou QU

Pelo fato de na língua portuguesa ambas as formas representarem o som [k], a norma culta admite a ocorrência de algumas palavras tanto com emprego da letra **C** quanto do dígrafo **QU**.

C	QU
cotidiano	quotidiano
cociente	quociente
catorze	quatorze
cota	quota

Verbos terminados em **-icar** podem ter seus verbos conjugados no pretérito perfeito com a troca de **-c-** pelo **-qu-**.

clicar, explicar, ficar, trocar etc.

Sobre a pronúncia do dígrafo QU

- Pronuncia-se o som de U quando precedendo as vogais **-a** e **-o**

QUA

esquadro, antiquário

azuleiro, aquário, quadrigêmeo, quarto, quatro etc.

QUO

aquoso, oblíquo, quórum, sequoia, ventríloquo etc.

- Omite-se o som de U quando precedendo as vogais **-e** e **-i**

QUE

aquele, embarque, esquecido, mosqueteiro, porque, queijo, quente, quero etc.

QUI

alquimia, anarquia, aqui, arquivo, caqui, equívoco, psiquiatra, quilômetro, sambaqui etc.

Há algumas palavras que configuram exceções, em que se pronuncia o U antes da vogal

cinquenta, delinquente, delinquir, equestre, quatorze, quociente, quota, quotidiano etc.



Mas × mais

Apesar de serem pronunciadas de modo muito parecido, o sentido dessas duas palavras é completamente diferente. Na linguagem coloquial, é comum ocorrer troca entre as duas pronúncias, mas na língua formal e escrita, deve haver emprego adequado.

MAS

É empregado como conjunção adversativa, remetendo à ideia de oposição. Possui o mesmo significado de *porém*, *todavia*, *contudo*, podendo substituí-las.

Fui visitar Ismênia, a pintora *naíve.

“Eles estão comprando os meus quadros na Europa e na América, mas aqui não”, disse Ismênia.

Mostrou os quadros. Uma rua de casas baixas, cortada por fios de energia elétrica; os fios não se viam, só passarinhos pousados neles.

FONSECA, Rubem. *O caso Morel*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

**naíve* ou *naïf*, do francês, significando *simples*. Nas artes plásticas, faz referência a obras cujos autores não têm formação técnica específica, o que, em alguns casos, resulta em obras com estilo único.

O *mas* também pode ocorrer com a função de advérbio, intensificando adjetivos, desde que acompanhado dos termos *tão* ou *tanto*.

O canto do pássaro era tão lindo, mas tão arrebatador, que atraiu a atenção de todos no parque.

MAIS

É utilizado como quantificador

Comparabilidade

Dada uma relação R , dizemos que $x, y \in A$ (onde $x \neq y$) são incomparáveis, se e somente se $\neg R(x, y) \wedge \neg R(y, x)$. Uma relação de ordem linear ou total não têm elementos incomparáveis.

As ordens dos conjuntos numéricos \mathbb{N} , \mathbb{Z} , \mathbb{Q} , \mathbb{R} , são lineares.

Dado um conjunto A com dois ou **mais** elementos, $P(A)$, o conjunto das partes de A não está linearmente ordenado por inclusão (\subseteq).

SILVA, Hélio de Menezes. *Matemática elementar*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2014. D

ou intensificador, circunstanciando adjetivos ou mesmo advérbios.

— Todos elogiam o sonho, que é o compensar da vida. Mas é o contrário, Doutor. A gente precisa do viver para descansar dos sonhos.

— Sonhar só o faz ficar **mais** vivo.

— Para quê? Estou cansado de ficar vivo. Ficar vivo não é viver, Doutor.

COUTO, Mia. *Venenos de Deus, remédios do diabo* – As incuráveis vidas de Vila Cacicmba. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Meio × meia

Se for empregada como advérbio, a palavra *meio* é invariável.

Em Montevideu, conversei com antigos moradores de La Blanqueada e com velhos motoristas de táxi e todos realçavam sua beleza, olhos *meio* esverdeados para uns, cor de mel para outros, cabelos castanhos brilhantizados, bigode bem aparado, pinta no lado esquerdo do rosto...

RUFFATO, Luiz. *El Gordo*. In: *Flores artificiais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Quando possui o sentido de numeral (fração), a palavra *meio* é variável e aceita flexão em gênero e número.

[...]
E eu não consigo entender
Minha fraqueza pelos seus *meios* sorrisos
Que aparecem só quando você quer
Pra me acalmar

[...]

GAVASSI, Manu. *Meio sorriso*. In: GAVASSI, Manu. *Clichê adolescente*. São Paulo: Midas Music, 2013.

[...]
como se chama atenção
de uma cidade que morre
enquanto a gente, mente que não?
meias verdades, noites inteiras

[...]

GESSINGER, Humberto. *Quarto de hotel*. In: HAWAII, Engenheiros do. *Várias variáveis*. Rio de Janeiro: BMG, 1991.

A cerca × acerca

A CERCA

Quando é escrito de maneira separada, a *cerca* tem o sentido de “próximo de”, “aproximadamente”.

Quando a bola é chutada **a cerca** de 110 quilômetros por hora, o fluxo em volta é caótico, mas a meio caminho do alvo, a velocidade diminui, e a turbulência se altera. Os freios são acionados, o efeito do giro assume o comando [...]

SAUTOY, Marcus du. *Os mistérios dos números* – Uma viagem pelos grandes enigmas da matemática (que até hoje ninguém foi capaz de resolver). Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ACERCA

Ao ser escrito como uma única palavra, *acerca* significa “a respeito de”, “sobre”.

De fato, nenhuma categoria privilegiada particular, nem sequer a categoria estética central da lei formal, define a essência da arte e é suficiente para o juízo **acerca** dos seus produtos. A arte possui determinações essenciais que contradizem o caráter definitivo do seu conceito estabelecido pela filosofia da arte.

ADORNO, Theodor W. *Teoria estética*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008. Adaptado.



NOMAD SOLUTIONS/STOCK

Há cerca

O emprego de “há cerca” (com o *há* de *haver*) é feito quando a oração se refere a tempo decorrido.

Estamos nos defrontando aqui com o temido fenômeno conhecido pelos carinhos das ciências da computação como “a explosão combinatória”. Em poucas palavras, operações muito simples podem transformar números grandes manipuláveis em números absolutamente impossíveis. Se você quer saber qual dos cinquenta estados americanos é o lugar mais vantajoso para instalar seu negócio, é fácil. Basta comparar cinquenta coisas diferentes. Mas se você quer saber qual rota, através dos cinquenta estados, é mais eficiente – o chamado problema do caixeiro-viajante –, a explosão combinatória é detonada, e você depara com uma dificuldade de uma escala totalmente diferente. *Há cerca* de 30 vintilhões de rotas a escolher. Em termos mais familiares, são 30 mil trilhões de trilhões de trilhões de trilhões de trilhões.

Bum!

ELLENBERG, Jordan. *O poder do pensamento matemático – A ciência de como não estar errado*. Tradução de George Schlesinger. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

É proibido × é proibida/ É permitido × é permitida

Proibir e permitir são antônimos e, dessa forma, a regra ortográfica que norteia sua utilização é a mesma.

É PROIBIDO

Quando não há presença de artigo definido na oração, o gênero gramatical flexiona no masculino.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

A flexão seria a mesma – gênero gramatical masculino –, se em vez de “É proibido...” houvesse a forma “É permitido...”

É PROIBIDA

Havendo emprego de artigo definido na oração, o gênero se flexiona para o feminino.

GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

No cartaz, o verbo *ser*, flexionado na 3ª pessoa singular do presente do indicativo, está implícito, “[É] proibida...”

A flexão seria a mesma – gênero gramatical feminino –, se em vez de “É proibido...” houvesse a forma “É permitido...”

Menor × de menor

A norma culta da língua portuguesa exige o emprego da expressão “menor de idade” ao se referir à menoridade de um cidadão.

COORDENAÇÃO DA INFÂNCIA E DA JUVENTUDE DO MATO GROSSO

O termo “de menor” é uma expressão da oralidade informal e não deve ser empregada em textos escritos.

Mandato × mandado

MANDATO

substantivo masculino

4 no direito público, delegação conferida às pessoas, para que representem o povo nas instituições

5 Derivação: por metonímia.

período de exercício de um cargo eleitoral

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Um mandato é uma delegação que uma pessoa ou um grupo de pessoas confere a alguém para que este aja em seu(s) nome(s).

Parlamentares poderão perder o *mandato* se exercerem cargos no Executivo

Senadores, deputados federais, estaduais e distritais e vereadores poderão perder o *mandato* se passarem a exercer cargos ou funções estranhas ao Poder Legislativo. A determinação consta de substitutivo à Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 5/2015, pronto para votação na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ).

SENADO FEDERAL. *Agência Senado*, 25 mar. 2019. Disponível em: <www12.senado.leg.br/> Acesso em: abr. 2019.

Assim, o período em que um político eleito exerce seu trabalho parlamentar é chamado de mandato.

MANDADO

2 prescrição de origem superior, de uma autoridade; determinação, mandato

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Já o mandado é uma ordem judicial ou administrativa emitida por uma autoridade.

Mandado de segurança contra decisão definitiva pode ser analisado se impetração for anterior ao trânsito

É possível a análise de mandado de segurança contra decisão judicial que transitou em julgado, desde que a data da impetração seja anterior à data do trânsito. O entendimento, por maioria, foi adotado pela Corte Especial do Superior Tribunal de Justiça (STJ) ao acolher embargos de declaração com efeitos modificativos para conceder um mandado de segurança e determinar o prosseguimento de ação de imissão na posse de uma fazenda arrematada em leilão da Justiça do Trabalho realizado em 1995.

SUPERIOR TRIBUNAL DE JUSTIÇA, 19 mar. 2019. Disponível em: <www.stj.jus.br/>. Acesso em: abr. 2019.

Nesse sentido, a palavra “mandado” é um substantivo e não deve ser confundida com o particípio passado do verbo mandar.

Quite × quites

A definição dos dicionários para quite é:

adjetivo de dois gêneros

4 empatado, igualado, esp. em jogo, disputa

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

Como se trata de adjetivo, deve sempre concordar em gênero e número tal qual o nome com que se relaciona.

SETEMBRO LEGAL VERMELHO

ADVOGADO E ADVOGADA, APROVEITE O SETEMBRO LEGAL PARA TIRAR SUA ANUIDADE DO VERMELHO

Somente de 01 a 30 de setembro de 2017, a OAB/PA está oferecendo uma oportunidade imperdível para você ficar quite com a sua anuidade.

- Inadimplentes com o ano de 2016 e anteriores: parcelamento até 10x nos cartões de crédito e até 8x nos boletos. *Sujeito à aplicação de correção monetária.
- Inadimplentes com o ano de 2017: parcelamento até 6x nos cartões de crédito.
- 100% De desconto nos juros, para pagamento à vista.

DE 01 A 30/09. NÃO FIQUE DE FORA DO SETEMBRO LEGAL.

OAB/PA 2016-2018 Integrados na defesa, qualificação e assistência dos advogados e advogadas

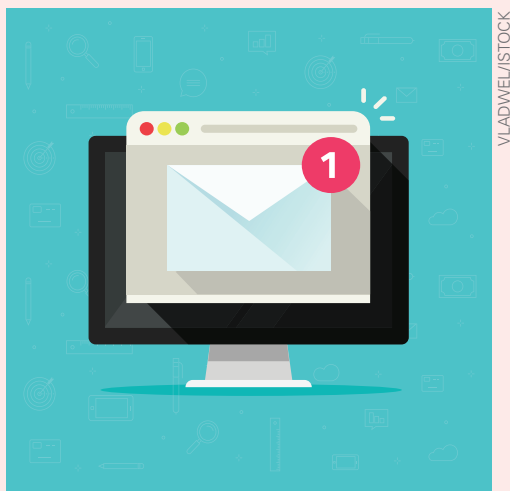
No cartaz, “... quite...” concorda com “... você...”; no singular, no trecho “... para *quite*...”

[...] preocupados com as dívidas antigas, jamais *quites* com o Senhor, *devemos* temer contrair novas dívidas, completar a medida e chegar ao ponto onde a bondade paterna termina.

MONTESQUIEU, Charles de Secondat, Baron de. *O espírito das leis*. Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Por sua vez, “... quites...” concorda com um nós implícito em “... jamais *quites* com o Senhor, [nós] *devemos* temer...”

LEITURA COMPLEMENTAR



Como escrever e-mails sem erro de concordância

Entenda a diferença entre *obrigada*, *obrigado* e outros adjetivos que compõem o texto

Em nosso dia a dia, muitas dúvidas ocorrem em relação à concordância de determinadas palavras ou expressões. Uma simples tarefa de escrever um e-mail ou um documento, por exemplo, pode esconder algumas pegadinhas.

Dentre elas, três palavras destacam-se e podem causar pequenas confusões: “anexo”, “incluso” e “obrigado”. Por serem adjetivos, são palavras variáveis, ou seja, sofrem alterações e combinam com o vocábulo a que se referem. Vamos ver um pouco mais sobre cada uma:

Anexo

Essa palavra, muito usada em e-mails, é um adjetivo que deve concordar com a palavra a que se refere. Veja nos exemplos:

*As planilhas foram enviadas ao responsável do setor, **anexas** aos demais documentos solicitados.*

Segue **anexo o boletim** de notas e frequências do aluno.

ATENÇÃO! A expressão “em anexo” é bem aceita pela norma-padrão, mas tem uma diferença com relação a “anexo”. É uma locução adverbial (quando duas ou mais palavras têm o valor de uma só), portanto invariável. Ou seja: não sofre modificações de gênero, número ou grau. Exemplos:

*As planilhas foram enviadas **em anexo** aos demais documentos solicitados.*

Segue **em anexo o boletim** de notas e frequências do aluno.

Incluso

Também é comum, em correspondências comerciais e outros documentos, o uso do adjetivo “incluso”, o qual concorda com a palavra a que se refere:

*Os documentos solicitados seguiram **inclusos** à correspondência enviada na semana passada.*

*A correção do exercício estará **inclusa** no final da prova.*

Obrigado

Muitas pessoas usam somente a flexão masculina da palavra. Mas, por também ser um adjetivo (o terceiro dessa lista), a palavra deve ser flexionada de acordo com o gênero da palavra a que se refere. Veja no exemplo:

*O professor entregou a prova corrigida à aluna e **ela** lhe disse:*

— **Muito obrigada, professor!**

Ele, então, respondeu:

— **Muito obrigado pela gentileza!**

No final dos e-mails e em todas as situações que pedem um agradecimento, vale pensar em quem está escrevendo ou falando o texto. É homem? Mulher? É em nome da escola? De uma instituição? Então, flexionar o agradecimento para fazer a concordância.

VIEIRA, Arlete Bannwart. *Nova Escola*, 12 set. 2017.

Disponível em: <<https://novaescola.org.br>>. Acesso em: abr. 2019.

Dicas importantes

- Ler bastante, sobretudo fontes confiáveis. Isso amplia o conhecimento de mundo e é a forma mais recomendada para quem quer escrever corretamente.
- Baixar aplicativos de dicionários nos dispositivos móveis de preferência, para consultas sempre que surgir uma dúvida.
- Utilizar amplamente o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, também disponibilizado na página virtual da Academia Brasileira de Letras, disponível em: <www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario?sid=23>.

Também é recomendável ter à disposição para consultas uma gramática atualizada.



ROTEIRO DE AULA

TÓPICOS DE ORTOGRAFIA III

Como visto anteriormente,
nem sempre é exata e regular a
correspondência entre

letras e sons.

Muito por isso, é comum que diferentes sinais
gráficos representam o mesmo som. Nesse
sentido, podem ainda ser destacados

C, Ç, S e SS

C e QU

que representam o som

que representam o som

[s]

[k]

Alguns termos e expressões também geram dúvidas quanto
a grafia ou o emprego, seja pela semelhança fonética seja
pela concordância,

Mas

×

Mais

conjunção.

quantificador.

Menor

×

De menor

termo validado pela
norma.

expressão conside-
rada inadequada.

ROTEIRO DE AULA

Meio

×

Meia

como adjetivo, é va-
riável, como advér-
bio é invariável.

flexão feminina sin-
gular do adjetivo
"meio".

Mandato

×

Mandado

representação pública; pe-
ríodo de exercício de cargo
público.

ordem judicial ou
administrativa.

Acerca

×

A cerca

significando "a res-
peito de", "sobre".

significando "próxi-
mo de", "aproxima-
damente".

Quite

×

Quites

adjetivo singular.

ordem judicial ou
administrativa.

É proibido

×

É proibida

empregada quando
o elemento a que
se refere não é
definido.

concorda com o
elemento a que se
refere.

Anexo

×

Anexos

adjetivo singular.

adjetivo plural.

Em anexo

forma invariável.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. IFSP

De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa e com o contexto, quanto à ortografia, assinale a alternativa correta.

- a) Terminei minha pós-graduação a cerca de dez anos.
- b) Nunca me entendi com o meu padastro.
- c) Está tudo organizado para a cerimônia de encerramento.**
- d) Ao ouvir a sirene, o meliante ficou paralizado de medo.
- e) Toda regra tem sua excessão.

O correto seria:

[A] Terminei minha pós-graduação há cerca de dez anos.

[B] Nunca me entendi com o meu padastro.

[D] Ao ouvir a sirene, o meliante ficou paralisado de medo.

[E] Toda regra tem sua exceção.

2. Colegio Naval-RJ – Em que opção todos os termos sublinhados foram corretamente grafados?

- a) A desinteria é um dos principais sintomas de infecção intestinal.
- b) Antes de abrir o envólucro, é necessário umedecê-lo.
- c) Enquanto a bandeira não foi hastiada, os transeuntes não puderam circular livremente.
- d) Comprei o produto por uma pechincha. Por isso, resolvi dar uma gorjeta para o vendedor.**
- e) A recisão do contrato não foi feita por causa da paralização dos trabalhadores.

As palavras em [A], [B], [C] e [E] devem ser grafadas, respectivamente, como: "disenteria", "envólucro", "umedecê-lo", "hasteada", "rescisão", "paralisação".

3. Ifal – Para a questão, considere o texto que segue:



REPRODUÇÃO

Para efeito de *marketing*, a empresa que vende o produto que se apresenta nesse rótulo infringe, propositivamente, a ortografia do português padrão. Em que palavra isso ocorre?

- a) oleoso
- b) poderosa
- c) mixturinha**
- d) cachos
- e) arrasa

A palavra "mixturinha", na verdade, deve ser escrita "misturinha". Para efeito de *marketing*, a empresa utilizou a grafia da língua inglesa para o verbo *to mix*, que significa *mistura*.

4. IFSul-RS – Leia o texto, do qual foram retiradas três palavras, e responda à questão.

Achado não é roubado

Não ganhava mesada, nem ajuda de custo na infância. Eu me virava como dava. Recebia casa, comida e roupa lavada e não havia como miar, latir e _____ mais nada aos pais, só agradecer.

As minhas fontes de renda eram praticamente duas: procurar dinheiro nas bolsas vazias da mãe, torcendo para que deixasse alguma nota na pressa da troca dos acessórios, ou catar moedas nas ruas e nos bueiros.

A modalidade de caça a dinheiro perdido exigia disciplina e profissionalismo. Saía de casa pelas 13h e caminhava por duas horas, com a cabeça apontada ao meio-fio como pedra em estilingue. Varria a poeira com os pés e cortava o mato com canivete. Fui voluntário remoto do Departamento Municipal de Limpeza Urbana.

Gastava o meu Kichute em vinte quadras, do bairro Petrópolis ao centro. Voltava quando atingia a entrada do viaduto da Conceição e reiniciava a minha arqueologia monetária no outro lado da rua.

Levava um saquinho para colher as moedas. Cada tarde rendia o equivalente a três reais. Encontrar correntinhas, colares e _____ salvava o dia. Poderia revender no mercado paralelo da escola. As meninas pagavam em jujubas, bolo inglês e guaraná.

Já o bueiro me socializava. Convidava com frequência o Liquinho, vulgo Ricardo. Mais forte do que eu, ajudava a levantar a pesada e lacrada tampa de metal. Eu ficava com a responsabilidade de descer _____ profundezas do lodo. Tirava toda a roupa – a mãe não perdoaria o petróleo do esgoto – e pulava de cueca, apalpando às cegas o fundo com as mãos. Esquecia a nojeira imaginando as recompensas. Repartia os lucros com os colegas que me acompanhavam nas expedições ao submundo de Porto Alegre. Lembro que compramos uma bola de futebol com a arrecadação de duas semanas.

Espantoso o número de itens perdidos. Assim como os professores paravam no meu colégio, acreditava na greve dos objetos: moedas e anéis rolavam e cédulas voavam dos bolsos para protestar por melhores condições.

Sofria para me manter estável, pois nunca pedia dinheiro a ninguém. Desde cedo, descobri que vadiar é também trabalhar duro.

CARPINEJAR, Fabrício. *Carpinejar* (blogue), 22 jun. 2016

Disponível em: <<http://carpinejar.blogspot.com.br>>

Acesso em: abr. 2019.

As palavras que completam, de maneira correta, as lacunas no texto, de cima para baixo, são, respectivamente,

- a) reivindicar – broxes – as.
- b) reivindicar – broches – as.
- c) reivindicar – broches – às.**
- d) reivindicar – broxes – às.

A correta grafia para a primeira lacuna é "reivindicar" e para a segunda é "broches". Já a terceira lacuna deve ser preenchida com "às", uma vez que temos preposição "a" (quem desce, desce a algum lugar) e o artigo feminino plural "as" (que antecede o substantivo feminino plural "profundezas").

5. IFSul-RS

O apocalipse de polaina

As mulheres têm toda a razão para reclamar de alguns péssimos hábitos masculinos de se vestir, como a gola V, **fetichê** dos marombados para exibir o peitoral e que só faz o sujeito parecer um *stripper* desesperado, ou sapato social com camiseta ou a gravata estampada de brechó ou o abadá do Carnaval retrasado ou o cinto de fivela de caubói ou o hábito de sair para passear com camisetas de futebol ou a sunga branca que mostra a penugem a cada mergulho.

Realmente, não há cabimento. São motivos para largar a mão do rapaz em caminhadas pelo Brique da Redenção. Mas a mulher também guarda seus erros sociais, monumentais, passíveis de distrato na igreja e no cartório. E o maior deles, que envergonha a classe dos namorados e o sindicato dos maridos, é a polaina, adereço que não deixa nenhuma beldade bonita e atraente, somente engraçada.

O que é uma polaina, meu santo pai? Polaina dá vontade de rir. Você se levantou da cama e levou a coberta de lã junto? Você se confundiu de manhã e colocou um blusão nas pernas? O tapetinho do banheiro ficou enroscado nas pernas?

A polaina é um bambolê do tênis.

A polaina é uma meia de futebol com elástico estragado.

A polaina é um pijama arriado.

A polaina é um **cachecol** dos pés.

A polaina é uma sanfona murcha.

A polaina é um vício sem cura: terminará combinando polainas com crocs.

A polaina serve para disfarçar a canela fina e esconde o corpo inteiro.

A polaina entrega o sonho de infância de ser Paqueta.

A polaina evoca Menudos, bandana e pulseiras de cordas de violão.

A polaina é o almanaque dos anos 80 publicado em pano.

A polaina é uma gravata-borboleta que voltou a ser lagarta.

A polaina é um pompom que caiu do casaco do bebê.

A polaina é calçar um poodle.

A polaina diminuí ainda mais a baixinha.

A polaina é colorida como um drinque, porém traz a ressaca antes mesmo da euforia.

A polaina aquece as panturrilhas e esfria a relação.

A polaina é tão clandestina, tão feia, que não existe polaina de marca famosa, nenhuma fábrica ousa assumir o seu crime.

CARPINEJAR, Fabrício. *Zero Hora*, 26 jul. 2016.

Os vocábulos "fetichê" e "cachecol" estão de acordo com as normas ortográficas vigentes, assim como as palavras

- a) chicória e encharcado.
- b) enchova e chará.
- c) chipófago e chaga.
- d) chimango e cachumba.

A grafia correta de todas as palavras é: "chicória", "encharcado", "enchova", "xará", "xifópago", "chaga", "chimango", "caxumba".

6. IFSC

C8-H27

Gabarito da segunda aplicação do Enem 2016 é divulgado; uma questão é anulada

Enem de dezembro ocorreu devido às ocupações de locais de prova por movimentos estudantis. Inep divulgou respostas oficiais nesta quarta (7); nota final sai em janeiro.

O gabarito oficial da segunda aplicação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi divulgado nesta quarta-feira (7), pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Uma das questões da prova de ciências da natureza foi anulada, na prova de sábado, dia 3 de dezembro: é a 52 na prova amarela, 88 na rosa, 60 na azul e 58 na branca.

A pergunta pedia que o candidato analisasse quatro gráficos. De acordo com o Inep, embora não haja incorreções nos dados, "as escalas apresentadas podem ter dificultado a visualização dos pontos relativos à concentração de gases e assim, a partir de um cálculo mais sofisticado, permitido uma segunda interpretação por alguns participantes". Segundo o órgão, a pergunta não será considerada no cálculo das proficiências. "Como a prova do Enem é baseada na Teoria de Resposta ao Item (TRI), a anulação não tem impacto no resultado final", afirma o comunicado do Inep.

G1, Educação, 7 dez. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/>
Acesso em: abr. 2019.

Em português, frequentemente, o mesmo fonema (som) pode ser representado de maneiras diferentes na escrita. Por exemplo, o fonema /z/ pode ser representado pelas letras x, z e s, como ocorre nas palavras "exame", "natureza" e "rosa", respectivamente.

A possibilidade de se registrar graficamente o mesmo fonema empregando-se diferentes letras ou dígrafos pode gerar dúvidas que, às vezes, resultam em erros de ortografia.

Considerando a ortografia, analise as frases a seguir e assinale a alternativa correta.

- a) A limpeza dos tanques consome dezenas de litros de detergente.
- b) Se ela soube-se a data da viagem, poderia antecipar o envio da bagagem.
- c) Após duas semanas de paralização, os petroleiros retomaram o projeto.
- d) A visualização da trajetória do projétil só seria possível à noite.
- e) Não sei por que você não desisti logo e exclue seu primo da equipe.

As palavras que estão grafadas de maneira errada são "limpesa", "soube-se", "viagem", "bagagem", "paralização", "desisti" e "exclue". Devem ser grafadas assim: "limpeza", "soubesse", "viagem", "bagagem", "paralisação", "desiste" e "exclui".

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. IFSul-RS

Onde mora sua muiteza?

A infância é um lugar complexo. Para quem já cresceu, foi aquele espaço em que moramos quando ainda não tínhamos muita memória. Aqueles dias e noites que se sucediam sem grandes planos em um corpo que mudava diariamente. Muito grande. Muito pequeno. Muito alto. Muito baixo.

Quando criança, entediada, Alice seguiu um coelho até sua toca e lá se viu em um espaço totalmente novo. Um espaço onírico que reproduzia suas ansiedades e ensinava-lhe a buscar dentro de si mesma recursos que lhe permitissem seguir em frente. Tentando fazer sentido do espaço onde se encontrava, Alice foi protagonista de uma experiência fantástica de descoberta. Ela descobriu que viver não é fácil, às vezes a vida é um jogo, mas mesmo assim vale a pena.

Anos mais tarde, já adulta, prestes a embarcar em um casamento arranjado, com um noivo patético, Alice se deixa conduzir novamente a esse espaço que lhe é familiar, mas do qual não lembra quase nada. É um lugar que fica no jardim, no buraco de uma árvore e, pasmem, onde mora um coelho de cartola e relógio!

É lá que ela, lembrando aos poucos de que já os conhecia, encontra velhos amigos que são rápidos em tecer críticas a seu respeito, dizendo, inclusive, que ela é a Alice “errada”. Mas é a crítica do Chapeleiro Maluco que a atinge em cheio: *“você não é a mesma de antes, você era muito mais “muita”, você perdeu sua muiteza. Lá dentro. Falta alguma coisa.* De todas as coisas que Alice esqueceu de compreender desse lugar, talvez essa seja a que faça mais sentido. Talvez isso explique tudo. Talvez tenha sido isso que ela fora até lá buscar.

A criança que fomos ocupa um espaço dentro de nós, nesse acúmulo de experiências que é a vida. É nesse espaço que guardamos os joelhos ralados, as descobertas, os medos, a alegria e a força que nos impulsiona para a frente. Há espaços mais sombrios, outros mais claros. Muitos de nós já esqueceram o caminho para esse lugar. Estamos ocupados demais com as coisas grandes para tentar encontrar uma toca de coelho que nos leve para dentro da terra. Então vivemos assim, sempre muito ocupados, sempre muito atrasados, com coisas sérias e importantes a fazer. E vagamos. Vagamos pelo mundo com alguma coisa faltando. Lá dentro.

É na infância que mora a nossa muiteza. E é para lá que devemos voltar para encontrá-la, sempre que essa pantomima a qual chamamos de vida adulta nos puxa e empurra forte demais.

LHULLIER, Luciana. Onde mora sua muiteza? In: *No coração da floresta (blogue)*. 08 out. 2013. Adaptado. Original disponível em: <<https://contesdesfee.wordpress.com>>. Acesso: 05 ago. 2016.

Vocabulário

Onírico: de sonho e/ou relativo a sonho.

Pantomima: representação teatral baseada na mímica (ou seja, em gestos corporais); por extensão, situação falsa, representação, ilusão, fraude.

Patético: que provoca sentimento de piedade ou tristeza; indivíduo digno da piedade alheia.

Desde o título, a autora faz referência ao substantivo “muiteza”, espécie de neologismo derivado da palavra “muita”, empregada no texto com valor de adjetivo.

Com base nos conhecimentos referentes à ortografia da língua portuguesa, o que é correto afirmar a respeito da grafia de “muiteza”?

- Segue a regra de ortografia de substantivos abstratos formados a partir de adjetivos, a exemplo de *beleza, pobreza e leveza*.
- Segue a regra de ortografia de substantivos e adjetivos femininos, a exemplo de *proeza, repreza e milaneza*.
- Deveria seguir a mesma regra ortográfica que determina a grafia de palavras femininas como *marquesa, holandesa e sobremesa*.
- Deveria seguir a regra ortográfica de palavras como *surpresa, despesa e represa*.

8. IFSP – Considerando a norma-padrão da língua portuguesa e a correta ortografia das palavras, assinale alternativa incorreta.

- A adolescência é um período de grande transição.
- O asservo da biblioteca não possuía obras do Trovadorismo.
- Os estudantes foram convidados para participar de um importante concerto no teatro municipal.
- O jogador de xadrez avisou: xeque-mate em três jogadas.
- O pesquisador procurava a ascendência de Einstein.

9. Colégio Naval-RJ – Assinale a opção na qual a palavra em destaque está de acordo com a ortografia oficial.

- Diante dos impecilhos, o importante é lutar para superá-los diariamente.
- A imerção no trabalho levou-o, temporariamente, a esquecer os problemas pessoais.
- Muitas foram as exceções apresentadas ao projeto inicial dos novos empreendedores.
- A pretenção dos candidatos impressionou, negativamente, os jurados.
- Somente os mazoquistas aceitam que viver é sofrer constantemente.

10. IFSC – De acordo com a norma-padrão escrita, complete o excerto a seguir com uma das alternativas abaixo. A ilha do Buzo, localizada na cidade de Angoche, em Nam-pula, está na _____ de desaparecer, _____ ação desastrosa da erosão costeira. O problema não é _____, e já dura _____ anos. Se medidas de _____ não forem tomadas, com a máxima brevidade possível, as 448 pessoas, congregadas em 88 famílias, que nela residem podem vir a ser arrastadas pela fúria das águas do mar, à semelhança dos 150 agregados familiares desalojados em 2008.

RODRIGUES, Luís. Perigo iminente na Ilha do Buzo em Angoche. In: *@Verdade*, 9 set. 2015. Disponível em: <www.verdade.co.mz>. Acesso em: abr. 2019.

Assinale a alternativa correta.

- iminência – devido à – recente – a – precaução.
- eminência – devido à – recente – há – precaução.
- iminência – devido a – recente – a – precaução.
- eminência – devido a – recente – há – precaução.
- iminência – devido à – recente – há – precaução.

11. Ifal – O fragmento de texto a seguir apresenta palavras com problemas de grafia produzidas pelo autor. Leia-o e

Todas as peças, com eceção dos disjuntores, deverão seguir com a próxima remesa. O encarregado da expedição deverá discutir com a transportadora a concessão de desconto para outros envios de cargas, já que temos dezenas de pedidos de esportação.

MAIA, Marcus. *Processamento da Linguagem*. Pelotas: EDUCAT, 2005.

Escolha a alternativa em que todas as palavras foram escritas incorretamente.

- a) próxima, remesa, expedição, dezenas.
- b) peças, remesa, concessão.
- c) seguir, próxima, disjuntores, esportação.
- d) eceção, remesa, expedição, esportação.
- e) eceção, encarregado, concessão, dezenas.

12. UTFPR

Trânsito – Táxis parados na Sete geram reclamação.

Uma postagem feita na página da Prefeitura de Curitiba no *facebook* na noite de segunda-feira gerou bastante _____ entre os internautas. Com quase mil curtidas até o fim da noite de ontem e dezenas de comentários, a postagem diz que taxistas ficam parados diariamente na Av. Sete de Setembro no fim da tarde afetando o fluxo do trânsito no local.

O autor do *post*, aluno da UTFPR, escreveu que buzinas e xingamentos dos motoristas que passam pela via podem ser ouvidos facilmente dentro das salas de aula.

Ontem pela manhã a prefeitura respondeu argumentando que o local é um dos que mais têm gerado notificações a taxistas. “A Urbs e a Setran têm intensificado a fiscalização dos táxis nesta área, notificando os motoristas parados em área não definida para táxi e que ficam sujeitos a multas por _____ ao regulamento do táxi e ao código de trânsito”, diz trecho.

Comentários de outros usuários dizem que o _____ acontece há meses e a qualquer hora do dia. Outros já haviam reclamado pelo 156.

Jornal Metro, 16 set. 2015. p. 03. Adaptado.

Assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, as palavras que preenchem as lacunas, grafadas de forma correta.

- a) repercussão; inflação; problema.
- b) repercução; infração; plobrema.
- c) repercussão; infração; problema.
- d) repercusão; inflassão; pobrema.
- e) repercução; infrassão; ploblema.

13. Ifal (adaptada) – Para responder à questão a seguir, leia a tirinha abaixo.



LAERTE. *Manual do Minotauro* (blogue), sábado, 5 de março de 2011.

A palavra “lucidez”, diferentemente do vocábulo “frequê”, grafa-se com **-z**. Mantendo-se o padrão ortográfico do português, marque a opção cujas letras indicadas preenchem adequadamente as lacunas das seguintes palavras, na ordem em que elas aparecem:

- Catarinen_e
- Expul_ão
- Cateque_e
- Absten_ão
- Agre_ão
- Ali_ar

- a) c – s – z – s – ss – z.
 b) s – s – s – ç – ss – s.
 c) s – ss – z – s – c – s.
 d) c – ss – s – s – z – s.
 e) c – ç – z – z – ç – s.

14. IFSul-RS

O preço de ser de verdade

Acabei de ler um livro que me marcou bastante. Chama-se “A Extraordinária Garota Chamada Estrela”, do autor Jerry Spinelli. Estrela tem um rato de estimação, fica feliz quando seu time faz _____ no basquete (mas quando o outro time pontua, também), distribui cartões de aniversários para desconhecidos, usa as roupas de que gosta (e isso pode ser um vestido que esteve na moda duzentos anos atrás), tenta trazer um pouco de alegria tirando canções de seu ukulele que leva sempre a tiracolo. Num primeiro momento, junto com o impacto de sua chegada à escola nova, Estrela desperta simpatias. Afinal, este livro nada mais é que uma delicada e Verdadeira metáfora da vida.

E a princípio somos assim. Grandes admiradores da autenticidade. Capazes de fazer discursos inflamados defendendo a liberdade de cada um fazer o que _____, respeitar as próprias convicções, seguir o que seu coração manda, persistir nos seus sonhos, manter relações com quem se sente à vontade, construir seu próprio caminho. Lindo, maravilhoso. Se ficar só no discurso, melhor ainda.

Porque, em algum momento, Estrela vai levantar suspeitas. “Ninguém pode ser tão legal assim”. E da suspeita para a rejeição se passa num piscar de olhos. Por que ninguém pôde ser “tão legal assim”? Porque ser legal demais implica ser diferente e a gente pode até admirar pessoas que fazem tudo o que “dá na telha”, desde que mantenham uma distância de segurança de nós, por favor. E, veja bem, quando eu falo de gente que faz tudo o que “dá na telha”, eu não estou me referindo a nada que possa machucar ou prejudicar o outro de alguma forma. Estou falando de atitudes inocentes, mas que, por sair da previsibilidade, são tratadas quase como se fossem atos imperdoáveis.

Gente que dança como se ninguém estivesse olhando, que ignora a uniformização das vitrines e faz a própria moda, que se recusa a fazer social em ambientes inóspitos, que fala a verdade quando questionada, que dá abraços de dez minutos, que ri na hora que tem vontade de rir, que chora na hora que tem vontade de chorar, que fala “eu te amo” quando sente que ama, que escolheu não perder tempo com quem lhe faz mal, que muda o rumo da própria vida,

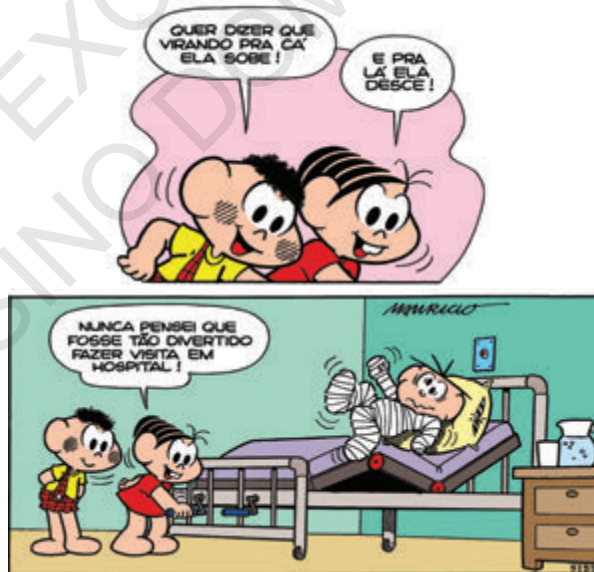
que ignora as etiquetas e as convenções. Sabe essa gente louca, sem noção, desvairada, sem juízo, perturbada? Então, elas não são nada disso. São apenas pessoas autênticas e verdadeiras, que se respeitam muito (e só quem se respeita muito é capaz de respeitar o outro). Elas não estão fazendo nada de _____. Nada que irá prejudicar você ou quem quer que seja. E por que te incomodam tanto? Bom, apenas porque optaram por fazer o que tinham vontade, e não o que você, preso em seu mundo limitado e previsível, esperava.

PINHO, Fernanda. *Crônica do dia*, 23 out. 2014. Disponível em: <www.cronicadodia.com.br>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

As palavras que completam, de maneira correta, as lacunas no texto são

- a) sexta – quizer – mal.
 b) sesta – quizer – mau.
 c) cesta – quiser – mal.
 d) ceta – quiser – mau.

15. IFSC – Leia a tirinha, com atenção às lacunas deixadas nas palavras:



As lacunas em de__e, fo__e e vi__ita, serão corretamente completadas, respectivamente, com:

- a) SC – C – Z.
 b) SS – SS – S.
 c) SC – SS – S.
 d) SS – SC – Z.
 e) SC – C – SS.

16. IFSC (adaptada) – Assinale a alternativa que contém a palavra destacada escrita de forma correta.

- a) O homem estudou o teorema de Pitágoras, **mais** não se lembrava mais de como era.
 b) O homem não contava com sua **perda** de memória na hora de falar sobre o teorema de Pitágoras.
 c) O garoto fez uma **ofença** ao homem quando demonstrou que não queria aprender com ele.
 d) O homem pensou numa **hipótese**: se o garoto estudasse, poderia ficar rico como ele.

17. Unesp – A questão a seguir focaliza uma passagem de um artigo de José Francisco Botelho e uma das ilustrações de a esse artigo.

Compaixão

CARLO GIOVANI



Considerada a maior de todas as virtudes por religiões como o budismo e o hinduísmo, a compaixão é a capacidade humana de compartilhar (ou experimentar de forma parcial) os sentimentos alheios — principalmente o sofrimento. Mas a onipresença da miséria humana faz da compaixão uma virtude potencialmente paralisante. Afogados na enchente das dores alheias, podemos facilmente cair no desespero e na **ina_ão**. Por isso, a piedade tem uma reputação conturbada na história do pensamento: se alguns a apontaram como o **alicer_e** da ética e da moral, outros viram nela uma armadilha, um mero

acréscimo de tristeza a um Universo já suficientemente amargo. Porém, vale lembrar que as virtudes, para funcionarem, devem se encaixar umas às outras: quando aliado à temperança, o sentimento de **comisera_ão** pelas dores do mundo pode ser um dos caminhos que nos afastam da cratera de Averno*. Dosando com prudência uma compaixão potencialmente infinita, é possível sentirmos de forma mais intensa a felicidade, a nossa e a dos outros — como alguém que se delicia com um gole de água fresca, lembrando-se do deserto que arde lá fora. Isso tudo pode parecer estranho, mas o fato é que a denúncia da compaixão segue um raciocínio bastante rigoroso.

O sofrimento — e todos concordam — é algo ruim. A compaixão multiplica o sofrimento do mundo, fazendo com que a dor de uma criatura seja sentida também por outra. E o que é pior: ao passar a infelicidade adiante, ela não corrige, nem remedia, nem alivia a dor original. Como essa **infiltra_ão** universal da tristeza poderia ser uma virtude? No século 1 a.C., Cícero escreveu: “Por que sentir piedade, se em vez disso podemos simplesmente ajudar os sofredores? Devemos ser justos e caridosos, mas sem sofrer o que os outros sofrem”.

* Os romanos consideravam a cratera vulcânica de Averno, situada perto de Nápoles, como entrada para o mundo inferior, o mundo dos mortos, governado por Plutão.

BOTELHO, José Francisco. Compaixão – Virtude nº 5. In: *Vida Simples*, jan. 2014. (Série Virtudes Possíveis)

Qual das opções abaixo preenche corretamente as lacunas das palavras do texto, em consonância com as regras de ortografia?

- a) inassão, aliserce, comiseração, infiltração.
- b) inação, alicerce, comiserassão, infiltração.
- c) inação, alicerce, comiseração, infiltração.
- d) inação, alisersse, comiserasão, infiltração.
- e) inassão, alicerce, comiserasão, infiltração.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Ifal (adaptada)

C8-H27

77% dos pais americanos culpam o videogame por expor os filhos à violência

Será que videogames tornam as crianças mais agressivas? Com certeza, você já ouviu essa questão por aí. Afinal, a polêmica existe há muito tempo. Por enquanto, a ciência não tem uma resposta definitiva sobre o tema. Estudos recentes apontam que eles não podem ser culpados pela violência infantil. Já outros afirmam que eles alteram a atividade cerebral e deixam as pessoas mais insensíveis.

Mas, segundo uma pesquisa realizada pela *Common Sense Media* e divulgada nesta semana, os pais americanos não têm dúvidas: 77% deles culpam jogos, filmes e a TV por manter uma cultura de violência entre as crianças. Os dados mostram também que os pais aprovam medidas mais rigorosas para manter os filhos longe de conteúdos violentos: 68% acreditam que anúncios violentos não deveriam ser veiculados durante programas com grande audiência infantil e 91% apoiam que só possam ser exibidos trailers com a mesma classificação

indicativa do filme.

“Os pais estão claramente preocupados com o impacto que a violência na mídia pode ter em suas crianças”, diz James Steyer, criador e CEO da empresa responsável pela pesquisa. Além dos jogos de videogame, outras preocupações dos pais são o *bullying* (92%), o acesso a armas (75%) e os níveis atuais de crime (86%)

E você, o que acha desse assunto?

VILAVERDE, Carolina. *Superinteressante* – Superblog, 21 dez. 2016. Disponível em: <<https://super.abril.com.br>> Acesso em: abr. 2019.

Assinale a alternativa cujos termos completam o período corretamente:

Pais americanos têm _____ preocupações com os níveis atuais de crime do que com o acesso a armas, _____ se preocupam muito _____ com o *bullying*. Os resultados de uma pesquisa comprovam que _____ de setenta por cento deles estão preocupados com a influência de videogames, de filmes e da televisão na violência infantil.

- a) mais – mas – mais – mais.
- b) mais – mais – mas – mais.
- c) mas – mais – mais – mais.
- d) mais – mais – mais – mas.
- e) mas – mas – mais – mais.

19. UCS-RS (adaptada)

C8-H27

Mulheres...

Há alguns dias, percorrendo as salas dum ministério para tratar de certo negócio terrivelmente embrulhado, desses que dão aneurismas e cabelos brancos, eu e um amigo encontramos numerosas funcionárias bonitas. Uma delas forneceu-nos informações bastante vagas: deu-nos dois ou três números e, com os olhos redondos e úmidos, que um ligeiro estrabismo entortava, pareceu indicar a direção do lugar onde os nossos papéis deviam estar.

Corremos a outro ministério e vimos várias senhoras difíceis entregues a trabalhos incompreensíveis. Não achamos os nossos papéis, é claro. Andamos em departamentos diferentes, voltamos ao primeiro ministério, ao segundo, tornamos a voltar, percorremos infinitos canais competentes – e em toda a parte esbarramos com senhoras atarefadas, que executavam operações estranhas, usavam uma linguagem desesperadamente confusa e recebiam indiferentes as nossas queixas e os nossos rogos.

Com o coração grosso e indignado, resolvi abandonar esse negócio infeliz e fui deitar uma carta ao correio. Tomei lugar na fila, mas antes que chegasse a minha vez a mulher que vendia selos deixou o guichê. Esperei uma eternidade a volta dela e fui-me aproximando devagar, na fila. A carta foi pesada, o selo comprado e uma moeda falsa recebida no troco.

Marchei para o guichê dos registrados, onde uma espécie de mulher portadora de óculos e bastante idade se mexia como uma figura de câmara lenta.

Enquanto me arrastava seguindo os desgraçados que ali estavam sofrendo como eu, pensei nas deputadas, nas telefonistas, na professora primária que me atormentava e nos versos de certa poetisa que em vão tento esquecer. Evidentemente nenhuma dessas pessoas, deputadas, telefonistas, professora e poetisa, tinha culpa de haverem corrido mal meus negócios nos ministérios, nenhuma me dera moeda falsa, e era estupidez responsabilizá-las pela preguiça da mulher do registrado. Mas relacionei todas e julguei perceber os motivos de certos hábitos novos.

Antigamente, quando uma senhora entrava num carro cheio, havia sempre sujeitos que se levantavam. Hoje, nos trens da Central, elas viajam espremidas como numa lata de sardinhas.

Ninguém fumava nos primeiros bancos dos bondes. Ainda existe a proibição num aviso gasto e metrificado, que tem o mesmo valor dos alexandrinos: ninguém o lê. A autoridade do condutor ficou muito reduzida, e o letreiro proibitivo tornou-se lei como as outras, artigo de regulamento.

Há pouco tempo uma senhora declarou num romance que as mulheres são diferentes dos homens. É claro. Mas, apesar da diferença, elas se tornaram nossas concorrentes, e concorrentes temíveis. Eu queria ver um

examinador que tivesse a coragem de reprovar aquela moça de olhos redondos, úmidos e ligeiramente estrábicos, que encontrei um dia destes no corredor do ministério. Só se ele fosse cego.

O Sr. Plínio Salgado quer acabar com os banhos de mar, porque as pernas das mulheres se descobrem neles. Não vale a pena. São pernas de concorrentes, para bem dizer nem são pernas. Pensa que temos lá tempo de pensar nessas coisas? Tinha graça que, nos banhos de mar, fôssemos espiar as canelas da moça de olhos estrábicos ou as da mulher que nos impingiu uma moeda falsa. Não olhamos. Se elas chegarem perto do estribo do bonde cheio, ficaremos sentados porque pagamos passagem e temos o direito de ficar sentados. Isto. Somos pouco mais ou menos iguais, apesar da afirmação da mulher do romance. Vão no estribo, se quiserem, de pingente. Ou fiquem junto ao poste. Vão para o diabo. É isto. Concorrentes, inimigas. Ou amigas. Dá tudo no mesmo.

RAMOS, Graciliano. *Garranchos*. Organização de Thiago Mío Salla. Rio de Janeiro: Record, 2012. p. 160-2. Adaptado.

O termo **alexandrinos** refere-se à poesia produzida em estrutura arcaica, com versos de 12 sílabas.

Releia esse excerto do texto:

Ninguém fumava nos primeiros bancos dos bondes. Ainda existe a **proibição** num aviso gasto e metrificado, que tem o mesmo valor dos alexandrinos...

Assinale a alternativa que reescreve a proibição apontada acima, de acordo com as regras ortográficas:

- a) É proibido fumar nos primeiros bancos do bonde.
- b) É permitida fumar apenas nos últimos bancos do bonde.
- c) É proibido a entrada fumando nos primeiros bancos do bonde.
- d) É permitido a entrada de fumantes apenas nos últimos bancos do bonde.

20. Unicamp-SP (adaptada)

C8-H27

ODORICO

Eu sei. É um movimento **subver_ivo** procurando me intrigar com a opinião pública e criar problemas à minha administração. Sei, sim. É uma **conspira_ão**. Eles não queriam o cemitério. Desde o princípio foram contra. E agora que o cemitério está pronto caem de pau em cima de mim, me chamam de demagogo, de tudo...

[...]

ODORICO

Pois eu quero que depois o senhor soletre esta gazeta de ponta a ponta. Neco Pedreira o senhor conhece?

ZECA

Conheço não sinhô.

ODORICO

É o dono do jornal. Elemento perigoso. Sua primeira missão como delegado é dar uma batida na **reda_ão** dessa gazeta subversiva e sacudir a marreta em nome da lei e da democracia...

DIAS GOMES. *O bem amado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014. p. 40 e 68.

Retomando seus estudos de história do Brasil no século XX e o conteúdo sobre teatro brasileiro moderno, selecione a alternativa que responde às seguintes perguntas:

Com relação à Ortografia, apenas uma das alternativas contém o registro ortográfico correto das palavras destacadas no texto.

Do ponto de vista da História, a peça de Dias Gomes é uma crítica a um momento histórico e político da sociedade brasileira. Odorico Paraguassu tornou-se um personagem emblemático desse período.

Por quê?

a) Ortografia – subversivo, conspiração e redação

História – simbolizou-se a defesa da democracia a qualquer custo. Essa defesa resultou em uma sociedade cindida entre o respeito à lei e o seu uso particular, temas políticos comuns aos países latino-americanos nos anos de 1970.

b) Ortografia – subversivo, conspiração e redação

História – representaram-se o atropelo da lei constitucional, a relativização da liberdade de imprensa e a

construção de um inimigo interno que justificasse o arbítrio das decisões do executivo, próprios aos Anos de Chumbo.

c) Ortografia – subversivo, conspiração e redação

História – explicitaram-se as leis que regiam a vida política e social de uma nação subdesenvolvida da América Latina na década de 1970, marcada pela inércia e pela cumplicidade dos cidadãos com a corrupção sistêmica do país.

d) Ortografia – subversivo, conspiração e redação

História – fez-se a defesa da democracia e do respeito irrestrito à lei constitucional para um projeto de nação brasileira da década 1970, que enfrentava o espírito demagógico dos políticos latino-americanos.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

56

A comunidade de países de língua portuguesa

Segundo dados do relatório "O estado da população mundial", do Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA, em inglês), a língua portuguesa é hoje idioma oficial de mais de 290 milhões de falantes, população que compreende Brasil, Portugal e também outros 7 países que compõem a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

PLANALTO



Além dos países em que a língua portuguesa é oficial, há outras duas localidades em que se fala o português: Macau (que pertence à China) e Goa (que pertence à Índia). Entretanto, nessas duas localidades, a língua portuguesa não é oficial, sendo falada apenas por determinado número de falantes.

Essa dispersão do idioma português ocorreu principalmente no período de expansão marítima e mercantil nos séculos XV e XVI, com a fundação de colônias.

A fundação da Academia Brasileira de Letras (ABL), a em 1897, entre outros pelo escritor Machado de Assis, fomentou um modo de escrever português próprio do Brasil.

É nesse contexto de particularidades linguísticas, sobretudo entre o português brasileiro e o dos demais países, que surge a necessidade de se estabelecer um acordo normativo para regulamentar a ortografia de forma homogênea em todos esses países, além de simplificar regras e possibilitar o aumento de intercâmbio cultural e científico.

Esse tratado internacional foi assinado inicialmente em 1990 e deveria entrar em vigor em 1994. Porém, como apenas Portugal, Brasil e Cabo Verde haviam ratificado o documento, a vigência teve que ser postergada até a conclusão da assinatura de todos os outros países-membro do Acordo.

A criação oficial da CPLP só ocorreu em 1996, conferindo um corpo jurídico e diplomático aos objetivos do grupo.

- O acordo ortográfico da língua portuguesa
- Mudanças provocadas pelo acordo ortográfico
- Letras K, W e Y
- Trema
- Acentos
- Hífen

HABILIDADES

- Reconhecer a grande variedade de influências linguísticas, sociais e históricas que resultam na formação da língua portuguesa.
- Diferenciar, através da ampliação de vocabulário, a grafia correta das palavras e seu correto emprego de acordo com a norma-padrão da língua.
- Empregar o conhecimento adquirido sobre os processos de formação de palavras para solucionar dúvidas quanto à ortografia.

O Acordo Ortográfico da língua portuguesa

O Acordo Ortográfico da língua portuguesa, como o próprio nome indica, é um acordo diplomático entre os governos de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe, cujo objetivo é a unificação da ortografia, uma vez que, até a assinatura do acordo, havia duas ortografias oficiais: uma adotada no Brasil e outra adotada em Portugal e nos demais países signatários.

LEITURA COMPLEMENTAR

Cronologia dos principais fatos da evolução da ortografia da língua portuguesa

Período/ano/país	Acontecimento/alteração proposta
Séc. XII – séc. XVI	Período fonético.
Séc. XVI – séc. XX	Período pseudoetimológico.
Séc. XX – ...	Período simplificado (chamado também de científico ou moderno).
1904 – Portugal	Surgimento da obra <i>A orthografia nacional</i> , de Gonçalves Dias.
1907 – Brasil	Surgimento do primeiro projeto de reforma, proposto pela ABL.
1910 – Portugal	Implantação da República e nomeação de comissão para o estabelecimento de uma ortografia simplificada.
1911 – Portugal	Conclusão da reforma iniciada em 1911.
1915 – Brasil	Aprovação pela ABL de projeto de ajustamento da reforma brasileira aos padrões da reforma portuguesa de 1911, com eliminação de todas as divergências.
1919 – Portugal	Revogação pela ABL do acordo de 1915.
1920 – Portugal	Adoção da ortografia de 1911.
1931 – Portugal/Brasil	Primeiro acordo ortográfico entre Brasil e Portugal. Adoção do regime lusitano.
1934 – Brasil	3ª Constituição – revogação dos decretos anteriores sobre a ortografia do português do Brasil (incluindo a exclusão do acordo de 1931).
1938 – Brasil	Restauração, no Brasil, do Acordo de 1931.

1940 – Portugal	Publicação do <i>Vocabulário ortográfico da língua portuguesa</i> – acordo de 1931.
1943 – Brasil	Publicação do <i>Formulário ortográfico da língua portuguesa e do Pequeno vocabulário ortográfico da língua portuguesa</i> , com base no acordo de 1931 e no dicionário da Academia das Ciências de Lisboa.
1943 – Portugal/Brasil	<i>Convenção Ortográfica</i> entre Brasil e Portugal.
1945 – Portugal/Brasil	Realização da Conferência Inter-Acadêmica de Lisboa para a Unificação Ortográfica da Língua Portuguesa, com proposta de unificação radical, devido à divergência nas publicações anteriores. Acordo acolhido pelos dois países.
1955 – Brasil	Revogação, por parte do Brasil, do acordo de 1945, com a volta das disposições de 1943. Manutenção do acordo de 1945 por parte de Portugal.
1971 – Brasil	Supressão do acento circunflexo diferencial da maioria das palavras, do acento grave e do acento circunflexo da sílaba subtônica das palavras derivadas e do trema facultativo.
1973 – Portugal	Supressão do acento grave e do acento circunflexo que marcavam a sílaba subtônica das palavras derivadas, a exemplo do Brasil (1971).
1975 – Portugal/Brasil	Elaboração do acordo pelas duas Academias, sem aprovação oficial, dadas as condições políticas em vigor.
1986 – Países lusofalantes	Assinatura de <i>Acordo</i> reunindo sete países que têm o português como língua oficial; não foi aprovada por ser considerada muito radical.
1990 – Países lusofalantes	Assinatura de novo <i>Acordo</i> , menos radical, por sete países que têm o português como língua oficial.
1994 – Países lusofalantes	Data estabelecida para entrada em vigor do <i>Acordo</i> de 1990, o que não ocorreu.
1995 – Brasil	Aprovação do <i>Acordo</i> de 1990 pelo Congresso Nacional.
1998	Assinatura do Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico, que retirou do texto original a data para a entrada em vigor.
2004 – Países lusofalantes	Assinatura do Segundo Protocolo Modificativo ao Acordo Ortográfico, que permitiu a adesão de Timor Leste e estabeleceu como suficiente a assinatura de três países ao Acordo de 1990 para a entrada em vigor.
2008 – Portugal/Brasil	Aprovação do <i>Acordo</i> de 1990, no Parlamento Português. Promulgação do Acordo por Brasil e Portugal.
01/01/2009 – Portugal/Brasil	Entrada em vigor do <i>Acordo</i> de 1990.
2009 – 2012	Período de transição, com a coexistência das duas normas.
2013	Ampliação do prazo de transição para implementação do <i>Acordo</i> de 1990 para 31 de dezembro de 2015.
01/01/2016 – Brasil	Com o fim do período de transição, o emprego das normas ortográficas do <i>Acordo</i> de 1990 é obrigatório.

SCARTON, G. A orthographia da lingua portugueza – História dos (des)acordos. In: MOREIRA, Maria Eunice; SMITH, Marisa Magnus; BOCCHESI, Jocelyne da Cunha. (Orgs.). *Novo acordo ortográfico da língua portuguesa: questões para além da escrita*. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 21-46, 2009. Adaptado.

Como se trata de um acordo diplomático, é importante ressaltar que esse texto está registrado em forma de decreto legislativo (n. 6.583, de 29 de setembro de 2008), ou seja, tem o mesmo efeito de uma lei, devendo ser seguido em situações de uso formal da língua portuguesa, como no caso de textos oficiais.

GONCALO SILVA/LAMY



Sessão de 10 de novembro de 2015 no parlamento português, onde, em 16 de maio de 2008, foi aprovada a adesão de Portugal ao Acordo, que incentivou a adesão das novas regras no Brasil.

No Brasil, o Acordo Ortográfico entrou em vigor em 2009, porém, sem obrigatoriedade. Havia a previsão de que as regras se tornariam obrigatórias a partir de 2013, mas, devido a reivindicações de especialistas da área, esse prazo foi prorrogado para 2016, quando o Acordo Ortográfico finalmente entrou em vigor, passando a ser, conseqüentemente, o critério para a correção ortográfica da língua portuguesa.

LEITURA COMPLEMENTAR

Aspectos políticoculturais do Acordo Ortográfico

Mais do que um esforço banal como considerado pelo senso comum, ou mesmo como “algo que mudou o Português”, como pregam os meios de comunicação, o que O Acordo Ortográfico busca é uma maior representatividade da Língua Portuguesa, que hoje é a terceira língua ocidental mais falada no mundo, mas que ainda não possui o *status* de língua da ONU- Organizações das Nações Unidas. Hoje, a maioria de seus falantes é constituída por brasileiros, da terra que outrora fora colônia portuguesa; no Brasil, o português é língua materna da maioria da população (poucas são as tribos indígenas que sobreviveram ao processo de colonização e estas vivem em comunidades semi-isoladas e, em geral, convivem com o português quando começam a frequentar a escola regular, que por lei deve ser bilíngue). É, sem dúvida, hoje, o maior país em expressão de língua portuguesa, tanto em relação ao número de falantes como em mercado editorial.

A promoção internacional da língua portuguesa, necessidade em um mundo em que as relações comerciais, técnicas e científicas estão cada vez mais globalizadas, é levantada pela CPLP como um fator determinante para que este acordo entre no “uso e no dia a dia” da população, bem como que não seja entendido como um fator que distancie a população (cada vez mais) da língua formal culta. Já em épocas passadas, quando do acordo que tornava a língua mais fonética e menos etimológica, houve também manifestações contrárias. Como se percebe neste exemplo: “Imaginem esta palavra *phase*, escrita assim: fase. Não nos parece uma palavra, parece-nos um esqueleto [...]. Afligimo-nos extraordinariamente, quando pensamos que haveríamos de ser obrigados a escrever assim!” (FONTES, Alexandre. *A questão ortográfica*. Lisboa, 1910). Tal fragmento, escrito às vésperas da Reforma de 1911, abordava a reforma que em Portugal procurou tornar a língua menos etimológica e mais fonética. Muitos linguistas da época apoiaram a Reforma por entendê-la como benéfica ao aproximar a língua escrita da falada, no entanto, mesmo assim observa-se que houve opiniões contrárias. Em suma, toda mudança, por mais singela que seja, gera insegurança e pode ocasionar opiniões de diferentes esferas.

COSTA, Sílvia Fernanda Souza Dalla. O português “brasileiro” e o novo acordo ortográfico: elementos constituintes que ultrapassam alterações na escrita. *Anais do 12º Congresso LPO*. São Paulo: IP-PUC-SP, 2015. Adaptado.

O que mudou com a implementação do Acordo Ortográfico?

Com a padronização da língua, a CPLP pretende facilitar o intercâmbio cultural e científico entre os países e ampliar a divulgação do idioma e da literatura em língua portuguesa, já que os livros passam a ser publicados sob as novas regras, sem diferenças de vocabulários entre os países. De acordo com o Ministério da Educação, o acordo alterou 0,8% dos vocábulos da língua portuguesa no Brasil e 1,3% em Portugal.

LOURENÇO, Luana. *Agência Brasil*, 1 jan. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br>>. Acesso em: abr. 2019.

As principais alterações ortográficas na língua portuguesa foram:

- inclusão oficial das letras K, W e Y no alfabeto, que passou a contar 26 letras;
- extinção do trema;
- alteração nas normas de acentuação de palavras;
- alteração nas normas de emprego do hífen.

LETRAS K, W E Y

O alfabeto da língua portuguesa passou a ser composto de 26 letras, cada uma delas com uma forma minúscula e outra maiúscula.

Embora já fossem conhecidas e amplamente utilizadas pelos lusófonos de todo o mundo antes do *Acordo Ortográfico*, as letras K, W e Y não faziam parte do alfabeto oficial, até então com 23 letras.

Grandeza	Unidade de medida
distância	quilômetro (km)
peso	quilograma (kg)
potência térmica	Watt (W)

Com a expansão da globalização, palavras do idioma inglês passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas. Boa parte dessas palavras já era grafada com o registro de alguma das três letras recém-admitidas ao alfabeto português.

delivery, desktop, download, milkshake, play, playboy, rock, website, windsurf, workshop

TREMA



Na língua portuguesa, o trema era utilizado nos encontros consonantais **-que-**, **-qui-**, **-gue-** e **-gui-**. Assim, antes do *Acordo Ortográfico*, palavras como *aguentar*, *delinqüente*, *lingüiça* e *tranqüilo* levavam trema.

Desde 2016, apenas nomes próprios de língua estrangeira e palavras deles derivadas permanecem com trema, caso ocorra.

Nome próprio	Derivado
Müller	mülleriano

ACENTOS



De modo geral, apenas palavras paroxítonas perderam acento gráfico indicador de tonicidade ou diferencial. Dessa forma, deve-se estar atento aos seguintes contextos:

Ditongo abertos -ei- e -oi- em posição tônica

As paroxítonas deixam de receber acento agudo quando houver ditongo aberto -ei- ou -ói- em posição tônica.

Antes do acordo	Depois do acordo
alcatéia	alcateia
andróide	androide
apóia	apoa
colméia	colmeia
estréia	estreia
heróico	heroico
idéia	ideia
jóia	joia
platéia	plateia

É importante reforçar que a perda do acento vale apenas para as palavras paroxítonas. Assim, as palavras oxítonas terminadas em **-éis**, **-éu(s)** ou **-ói(s)** continuam a receber acento.

anéis, chapéu, herói, lençóis, troféus.



Hiatos

As palavras paroxítonas também perderam acento nas letras **i** e **u**, quando tônicas em hiatos precedidas de ditongos decrescentes.



Antes do acordo	Depois do acordo
baíúca	baiuca
Bocaiúva	Bocaiuva
feiúra	feiura

Vogal dobrada

Perderam o acento as palavras terminadas em hiato de vogal dobrada **-êem** e **-ôo(s)**.

Antes do acordo	Depois do acordo
abenção	abençoo
crêem	creem
dêem	deem
dão (verbo doar)	doo
enjão	enjoo
lêem	leem
magão	magoo
vêem (verbo ver)	veem
vão	voo

Quando se fala *As mil e uma noites*, imagens de gênios, magos, lâmpadas mágicas, tapetes voadores **vêm** à nossa mente. Não há quem não tenha ouvido falar em Aladim ou Ali Babá, cujas histórias têm sido recontadas inúmeras vezes em livros, filmes, peças de teatro, desenhos animados. Como acontece com muitas obras antigas de quase todos os povos, os textos que hoje lemos eram, no início, histórias contadas oralmente através dos tempos, passadas de geração a geração.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio de. Apresentação. In: *As mil e uma noites* – contos selecionados. São Paulo: Sol, 2005.

Acento diferencial

Também perderam o acento diferencial as palavras: pára/para; pêlo/pelo; pólo/polo; pêra/pera, que se tornaram homônimos homógrafos (mesma pronúncia, mas significados diferentes).

Para	
Verbo	Derivado do verbo parar (cessar o movimento)
Preposição	Indica orientação ou sentido, propósito.
Antes do acordo	Depois do acordo
<i>A criança pára à frente da estante.</i>	<i>A criança para à frente da estante.</i>
Pelo	
Substantivo	Filamento da pele, que cobre a superfície do corpo.
Contração	Preposição per + artigo definido ou pronome demonstrativo o
Antes do acordo	Depois do acordo
<i>Hoje foi tosado o pêlo do cachorro.</i>	<i>Hoje foi tosado o pelo do cachorro.</i>
Polo	
Substantivo	Extremidade; ponto oposto
Substantivo	Jogo esportivo praticado a cavalo.
Antes do acordo	Depois do acordo
<i>Jogaram pólo pela manhã.</i>	<i>Jogaram polo pela manhã.</i>
Pera	
Substantivo	Fruto da pereira
Preposição	Indica orientação ou sentido (sinônimo de para).
Antes do acordo	Depois do acordo
<i>Minha fruta favorita é pêra.</i>	<i>Minha fruta favorita é pera.</i>



Veem x vêm

A forma verbal **veem** é flexão de 3ª pessoa do plural do presente do indicativo do verbo **ver**.

É certo que no Brasil de hoje ainda muitos brasileiros nos **veem** como índios preguiçosos, improdutivos, empecilhos para o desenvolvimento. Outros nos **veem** como valiosos protetores das florestas, dos rios, e possíveis salvadores do planeta doente em função da ambição de alguns homens brancos que estão devastando tudo o que encontram pela frente. E nós índios, o que pensamos de nós mesmos? Ou melhor, como nos identificamos ou nos posicionamos diante de nós mesmos e diante da sociedade brasileira e da humanidade?

LUCIANO, Gersem dos Santos. *O índio brasileiro*: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

Já a forma verbal **vêm**, na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, refere-se ao verbo **vir** e continua sendo acentuada.

Permanece o acento que diferencia a forma das palavras *pôde/pode*; *pôr/por*.

Pretérito perfeito do indicativo	Presente do indicativo
<i>Ele não pôde vir à festa.</i>	<i>Ela pode ir à academia.</i>
<i>Pôr (verbo)</i>	<i>Por (preposição)</i>
<i>É preciso pôr água na panela.</i>	<i>A comida foi preparada por nós.</i>

Também permanece o acento que diferencia o singular e o plural dos verbos *ter* e *vir*, junto com seus derivados: *manter*, *deter*, *intervir*, *admirar* etc.

Singular	Plural
<i>O arco-íris tem sete cores.</i>	<i>Os dois irmãos têm bons empregos.</i>
<i>Ele se mantém de pé.</i>	<i>Eles mantêm a boa forma correndo.</i>
<i>O ruído vem daquele lado.</i>	<i>As notícias vêm e vão.</i>
<i>A diretora intervém na aula.</i>	<i>Os presidentes intervêm na decisão.</i>

Os verbos terminados em **-guar**, **-quar** e **-quir** admitem a pronúncia com ou sem acento nas vogais tônicas **a** e **i**, porém, a mais aceita no Brasil é com acento.

Forma recorrente no Brasil	Forma igualmente válida
enxáguo	enxaguo
enxágue	enxague
delínquo	delinquo
delínquas	delinquas

HÍFEN



FÁBIO NIENOW

O hífen é usado em palavras compostas ou formadas por prefixação. Das alterações do Acordo, é o que causa mais dúvidas.

Palavras compostas

São consideradas compostas palavras formadas pela composição de dois ou mais radicais.

Quando ao uso do hífen com compostos,

emprega-se o hífen

ELEMENTO DE LIGAÇÃO

Nas palavras compostas sem elemento de ligação.

arco-íris, bate-boca, boa-fé, guarda-chuva, João-ninguém, mesa-redonda, pão-duro, porta-bandeira, porta-malas, segunda-feira, vaga-lume

NOMAD SOUL/ISTOCK

Perda da noção de composição

Algumas palavras perderam a noção de composição com o tempo e, por isso, são grafadas sem hífen, mesmo não apresentando elemento de ligação.

girassol, mandachuva, paraquedas, pontapé

Palavras semelhantes

Alguns compostos, sobretudo onomatopeias, são formados pela repetição de palavras ou pela justaposição de palavras semelhantes. Caso não haja elemento de ligação, deve ser usado hífen.

blá-blá-blá, corre-corre, cri-cri, esconde-esconde, glu-glu, pega-pega, pingue-pongue, reco-reco, rom-rom, tico-tico, tique-taque, zigue-zague, zum-zum

APÓSTROFO

Emprega-se hífen em compostos com apóstrofo, ainda que haja elemento de ligação.

gota-d'água, pé-d'água

ESPÉCIES ANIMAIS E BOTÂNICAS

Emprega-se hífen em compostos que nomeiam espécies da fauna e da flora, ainda que haja elemento de ligação, sendo ou não de base oracional.

andorinha-da-serra, bem-te-vi, cravo-da-índia, erva-doce, ervilha-de-cheiro, lebre-da-patagônia, mico-leão-dourado, peixe-do-paráiso, peixe-espada, peroba-do-campo, pimenta-do-reino

NOMAD_SOUL/ISTOCK



Nomes de espécies da fauna e da flora empregados conotativamente

Caso nomes de espécies animais e botânicas sejam empregados figurativamente, não se usa hífen.

Espécie da fauna/flora	Emprego conotativo
<i>bico-de-papagaio</i> – espécie de planta ornamental	<i>bico de papagaio</i> – deformação nas vértebras
<i>olho-de-boi</i> – espécie de peixe	<i>olho de boi</i> – espécie de selo postal

DERIVADOS DE TOPÔNIMOS

Emprega-se hífen em compostos derivados de topônimos, nomes de lugares, haja elemento de ligação ou não.

Topônimo composto	Gentílico
África do Sul	sul-africano
Belo Horizonte	belo-horizontino
Mato Grosso do Sul	mato-grossense-do-sul
Porto Alegre	porto-alegrense
Rio Grande do Norte	rio-grandense-do-norte

NOMAD_SOUL/ISTOCK



BEM E MAL

Utiliza-se hífen em compostos com **bem** e **mal**, desde que o segundo elemento da composição comece por **vogal**, pela letra **-h-** ou **-l-**, no caso de **mal-**

bem-amado, bem-aventurada, bem-estar, mal-afortunado, mal-estar, mal-humorado, mal-limpo

Bem-vindo(a)

Apesar de o segundo elemento ser iniciado pela letra **-v-**, estando dessa forma fora do contexto de hifenização, a palavra **bem-vindo(a)** é escrita com hífen.

Mal, significando doença

Quando mal significar doença, formando composto, deve ser empregado hífen no caso de não haver elemento de ligação.

mal-francês

Havendo elemento de ligação, não deve ocorrer hífen.

mal de lázaro, mal de sete dias

não se emprega o hífen

ELEMENTO DE LIGAÇÃO

Não se emprega hífen em palavras compostas em que ocorrem elemento de ligação.

bicho de sete cabeças, camisa de força, cara de pau, cor de vinho, dia a dia, fim de semana, olho de sogra, pai de todos, pé de moleque, pé de vento, ponto e vírgula

São incluídos nesse caso os compostos de base oracional (em que ocorre verbo).

cor de burro quando foge, Deus me livre, Deus nos acuda, diz que diz que, faz de conta, leva e traz, Maria vai com as outras

NOMAD_SOUL/ISTOCK



Tradição no emprego do hífen

Segundo os elaboradores do documento do *Acordo*, alguns compostos em que ocorre elemento de ligação, por tradição, devem manter o hífen.

água-de-colônia, ao deus-dará, à queima-roupa, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia

Afixos

São considerados afixos elementos morfológicos sem ocorrência lexical autônoma, ou seja, que não podem ocorrer livremente em uma sentença, estando afixados às bases que modificam.

Quando ao uso do hífen com afixos, de modo geral

emprega-se o hífen

ANTES DE -H-

Emprega-se hífen nas palavras formadas por prefixo, quando o radical começar por **-h-**.

anti-higiênico, contra-harmônico, mini-hotel, neo-helênico, Pré-História, semi-hospitalar, sobre-humano



Caso o prefixo seja **co-**, elimina-se o **-h-**
coerdeiro

VOGAIS IGUAIS

Quando a vogal final do prefixo é a mesma a iniciar o radical, emprega-se hífen.

Mesmas vogais

anti-imperialista

anti-inflamatório

auto-observação

contra-ataque

micro-ondas

micro-ônibus

semi-interno

supra-auricular

CONSOANTES IGUAIS

Quando a consoante final do prefixo é a mesma a iniciar o radical, emprega-se hífen.

Consoantes iguais

hiper-realista

hiper-requintado

inter-racial

inter-regional

inter-relacionado

Nos casos em que os prefixos **hiper-**, **inter-** ou **super-** são afixados a radicais iniciados por letra diferente de **-r-**, não há emprego de hífen.

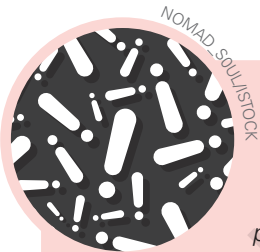
hipermercado, intermunicipal, superproteção, supermercado

não se deve empregar o hífen

VOGAIS DIFERENTES

Quando o prefixo termina com vogal diferente da vogal que inicia o radical, não se emprega hífen.

aeroespacial, agroindustrial, antiaéreo, coautor, extraescolar, hidroelétrico, infraestrutura, plurianual



O prefixo **co-** é aglutinado ao radical mesmo quando este é iniciado por **-o-**.

cooperar, coobrigação, coocupante, cooptar

Como visto anteriormente, caso o segundo elemento seja iniciado por **-h-**, elimina-se esta letra.

coerdeiro

VOGAL SEGUIDA DE CONSOANTE

Não se utiliza hífen quando o prefixo termina em vogal e o radical começa com consoante.

antipedagógico, autocontrole, autoproteção, coprodução, geopolítica, microcomputador, semicírculo, seminovo



Quando o prefixo terminar em vogal e o radical é iniciado pelas letras **-r** ou **-s**, deve ser eliminado o hífen e duplicada a consoante.

antirrábico, antirreligioso, antissocial, biorritmo, contrarregra, microsistema, minissaia, neossimbolismo, semirreta, ultrassom

CONSOANTE SEGUIDA DE VOGAL

Também não se emprega hífen quando o prefixo terminar com consoante e o radical é iniciado por vogal.

hiperativo, interescolar, interamericano, interestelar, superaquecimento, supereconômico, superinteressante, hiperácido

Afixos específicos

SUB- E SOB-

Há emprego de hífen quando o prefixo **sub-** é seguido de radical iniciado pelas letras **-h**, **-b** ou **-r**. Nos demais casos, não deve ocorrer hífen.

-b-, -h- ou -r-	Demais letras
<i>sob-roda</i>	<i>subprocurador</i>
<i>sub-bélico</i>	<i>subchefe</i>
<i>sub-hepático</i>	<i>subcutâneo</i>
<i>sub-história</i>	<i>subestação</i>
<i>sub-reitor</i>	<i>subestimar</i>
<i>sub-região</i>	<i>subutilizar</i>

EX-, ALÉM-, AQUÉM-, RECÉM-, PRÉ-, PÓS-, PRÓ- E VICE-

Utiliza-se sempre hífen quando ocorrerem os prefixos **ex-**, **além-**, **aquém-**, **recém-**, **pré-**, **pós-**, **pró-** e **vice-**.

além-mar, *além-túmulo*, *ex-aluno*, *ex-diretor*, *ex-prefeito*, *pós-graduação*, *pré-natal*, *pró-reitor*, *recém-casados*, *recém-nascido*, *sem-terra*, *vice-governador*

PRE- E RE-

Caso os prefixos sejam **pre-** ou **re-**, não ocorre hífen, mesmo no caso de o radical ser iniciado pela vogal **-e-**.

preexistente, *reescrever*, *reedição*

SUFIXOS DE ORIGEM INDÍGENA

Deve-se utilizar hífen nas palavras em que se empregam sufixos de origem indígena.

acará-açu, *Apiá-Mirim*, *bagre-ariaçu*, *Barueri-Mirim*, *capim-açu*, *Capivari-Mirim*, *Embu-Guaçu*, *Embu-Mirim*, *jacaré-guaçu*, *Mogi-Guaçu*, *Mogi-Mirim*, *Supucaí-Mirim*, *Taquari-Guaçu*, *Taquari-Mirim*

Outros casos de ocorrência de hífen

ENCADEAMENTOS VOCABULARES

O hífen também deve ser utilizado para ligar palavras que se combinam em situações eventuais e que formam apenas encadeamentos vocabulares.

ponte *Rio-Niterói*, estrada *Campinas-Hortolândia*, eixo *Rio-São Paulo*

NÃO E QUASE

Não deve ocorrer hífen na formação de expressões com os circunstanciadores *quase* ou *não*

*Após o fatídico episódio, pode-se dizer que reinava uma **quase amizade**, uma vez que passaram a ter uma relação de **não confiança**.*

NOMAD_SOUL/ISTOCK



Caso o radical que sucede o prefixo **sub-** seja **-humano**, elimina-se o **-h-**

subumano

AB-, OB- E AD-

Caso os prefixos sejam **ab-**, **ob-** ou **ad-**, ocorre hífen antes de radicais iniciados por **-b-**, **-d-** ou **-r-**.

ab-rogar, *ad-digital*, *ad-renal*, *ob-rogar*

CIRCUM- E PAN-

Quando o prefixo for **circum-** ou **pan-** e o radical for iniciado por **-m-**, **-n-** ou **vogal**, utiliza-se hífen.

circum-hospitalar, *circum-murado*, *circum-navegar*, *pan-americano*, *pan-hispânico*, *pan-marítimo*

ROTEIRO DE AULA

ACORDO ORTOGRÁFICO

Criada oficialmente apenas em 1996, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa é oficialmente composta por

Angola,

Timor Leste.

Brasil,

São Tomé e Príncipe,

Cabo Verde,

Portugal,

Guiné-Bissau,

Guiné Equatorial,

Moçambique,

Entre as conquistas da comunidade, destaca-se o

Acordo Ortográfico de 1990,

cujo objetivo principal é a

homogeneização da ortografia oficial da língua portuguesa,

uma vez que, até a ratificação do Acordo,

havia duas ortografias oficiais:

a ortografia

brasileira,

a ortografia

européia.

ROTEIRO DE AULA

cujas principais alterações foram, *grosso modo*,

**a inclusão das
letras**

K, W e Y.

**a extinção do
diacrítico**

trema (¨)

**alteração na
acentuação das**

paroxítonas,

**em que se pode
destacar**

ditongos abertos

-ei- e -oi- em posi-

ção tônica,

**de que são
exemplos**

Coreia, heroico,

ideia, joia etc.

-i- e -u- como segundo elemento

de hiatos precedidos de ditongos

decrecentes,

**de que são
exemplos**

baiuca, Bocaiuva e

feitura.

hiatos de vogais

dobradas -eem,

-oo(s),

**de que são
exemplos**

abençoo, deem,

enjoo, leem etc.

acento diferencial,

**de que são
exemplos**

para, pelo, polo e

pera.

**alteração no
emprego do**

hífen,

**em que se pode
destacar o uso em**

ROTEIRO DE AULA

compostos

afixos

que, de modo geral,

emprega-se quando

não se emprega quando

não ocorre elemen-
to de ligação,

de que são
exemplos

arco-íris, bate-boca,
boa-fé, guarda-
-chuva etc.

o composto apre-
senta apóstrofo,

de que são
exemplos

gota-d'água e pé-
-d'água.

a palavra designa
espécie da fauna ou
da flora,

de que são
exemplos

bem-te-vi, erva-
-doce, mico-leão-
-dourado etc.

a palavra é derivada
de topônimo,

de que são
exemplos

sul-africano, belo-
-horizontino etc.

bem e mal formam
composto,

desde que
o segundo
elemento
comece por

vogal, -h- ou -l-, no
caso de mal-,

de que são
exemplos

bem-amado, bem-
-estar, mal-afortuna-
do, mal-limpo etc.

cara de pau, fim de semana,
faz de conta etc.

de que são
exemplos

ocorre elemento de
ligação,

ROTEIRO DE AULA

que, de modo
geral,

emprega-se
quando

o primeiro elemen-
to do radical é -h-,

de que são
exemplos

anti-higiênico, Pré-
-História etc.

**Pode-se
citar como
exceção:**

coerdeiro

a última vogal do
afixo é a mesma
que inicia o radical,

de que são
exemplos

anti-imperialista,
micro-ondas,
contra-ataque etc.

a última consoante
do afixo é a mesma
que inicia o radical,

de que são
exemplos

hiper-realista, sub-
-bloco etc.

**Neste contexto,
é importante
destacar que**

nos casos em que os prefixos super-, hiper- e inter- são
afixados a radicais iniciados por letra diferente de -r-, não
há emprego de hífen, haja vista: hipermercado, intermuni-
cipal, superproteção etc.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

não se emprega quando

são diferentes a

última vogal do

prefixo e a que inicia

o radical,

de que são exemplos

aeroespacial, coautor

etc.

Pode-se citar como exceção:

palavras formadas com o prefixo

co-: cooperação, coobrigação etc.

o prefixo termina

em vogal e o

radical começa em

consoante,

de que são exemplos

autocontrole, copro-

dução etc.

Neste contexto, é importante destacar que

no casos em que os prefixos termina em vogal e o radical

é iniciado pelas letras -f ou -s-, deve-se eliminar o hífen e

dobrar -f ou -s-: antirrábico, biorritmo, minissaia etc.

o prefixo termina

em consoante e o

radical começa em

vogal,

de que são exemplos

hiperativo, interescolar,

superaquecimento etc.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

Ainda quanto aos afixos,
de modo específico, podem
ser citados:

sub- e sob-,

ab-, ob- e ad-,

circum- e pan-,

ex-, além-, aquém-,

pre- e re-,

cujo contexto de
ocorrência é:

cujo contexto de
ocorrência é:

cujo contexto de
ocorrência é:

cujo contexto de
ocorrência é:

cujo contexto de
ocorrência é:

hífen antes de -b-,

-h- ou -r-,

hífen antes de -b-,

-d- ou -r-,

hífen antes de -m-,

-n- ou vogal,

há hífen, sempre que

ocorrerem esses

prefixos,

não há hífen quando

ocorrerem esses

prefixos,

de que são
exemplos

de que são
exemplos

de que são
exemplos

de que são
exemplos

sob-roda, sub-reitor
etc.

ab-rogar, ad-digital,

ad-renal etc.

circum-navegar, pan-

-marítimo etc.

de que são
exemplos

além-mar, ex-aluno,

pós-parto, recém-casa-

dos, sem-terra etc.

preexistente, reescre-

ver, reedição etc.

Pode ser citada
como exceção:

subumano.

sufixos de origem

indígena,

cujo contexto de
ocorrência é:

há hífen, sempre que

ocorrerem esses

prefixos,

de que são
exemplos

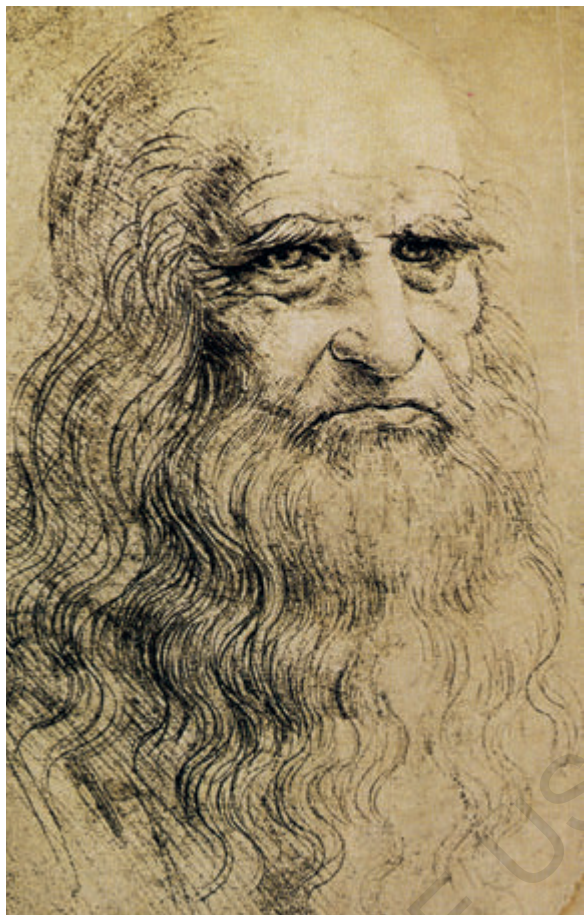
capim-açu, jacaré-

-açu, Taquari-Mirim

etc.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unifesp



MINISTÉRIO ITALIANO DE HERANÇA CULTURAL E ATIVIDADES/BIBLIOTECA REAL, TURIM (ITALIA)

DA VINCI, Leonardo. *Cabeça de homem com barba* (dito Autorretrato), 1510-1515. Giz vermelho sobre papel; 33,3 × 21,6 cm.

Ciência explica _____.

Testes mostram que _____ de Leonardo da Vinci está sumindo.

UOL – Ciência e Saúde, 5 jun. 2014. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br>>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

Em conformidade com a norma-padrão da língua portuguesa e com o *Novo Acordo Ortográfico*, as lacunas do texto devem ser preenchidas, respectivamente, com:

- a) por que – auto-retrato.
- b) por quê – autorretrato.**
- c) porquê – autorretrato.
- d) por que – auto retrato.
- e) porque – auto-retrato.

A locução *por quê* para indicar um motivo deve vir separada: *a ciência explica por quê*. Além disso, quando a locução antecede um sinal de pontuação deve vir acentuada. Já o vocábulo *autorretrato*, depois da nova ortografia, deve vir sem hífen e com o *r* dobrado.

2. IFPE

A humildade de São José

São José é o símbolo da humildade. Ele sabia que não era o pai da Criança e cuidava da virgem grávida como se ele a tivesse germinado.

São José é a bondade humana. É o auto-apagamento no grande momento histórico. Ele é o que vela pela humanidade.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Analise as afirmações a seguir conforme o Novo Acordo Ortográfico.

- I. A palavra “símbolo” já não possui o acento agudo presente no texto.
- II. A expressão “pai da Criança” atualmente deve ser grafada com hífen.
- III. O termo “histórico” manteve sua grafia anterior ao referido acordo.
- IV. A palavra “auto-apagamento” já não possui o hífen presente no texto.
- V. O vocábulo “que” do último enunciado atualmente recebe acento circunflexo.

Está correta apenas a afirmação

- a) II e V.
- b) III e V.
- c) IV.
- d) I e II.
- e) III e IV.**

- I. A palavra “símbolo” é uma proparoxítona e, portanto, é acentuada.
- II. A expressão não deve ser grafada com hífen.
- IV. Não há acento em “que” nesse caso.

3. IFPE

Açúcar, o novo cigarro

Há um setor que vende um produto que faz mal à saúde do homem. Uma geração atrás, esse era o setor fumageiro, e o produto era o cigarro. Hoje, é o setor alimentício e o produto é o açúcar. O açúcar adicionado – não o açúcar natural que existe em frutas e legumes – está em tudo. Uma das maiores fontes são bebidas como refrigerantes, energéticos e sucos, mas um passeio pelo supermercado mostra que há açúcar adicionado a pães, iogurtes, sopas, vinhos, salsichas – na verdade, a quase todos os alimentos industrializados.

Esse “açúcar invisível” recebe muitos nomes. Nos Estados Unidos e na Europa, por exemplo, o consumidor pode encontrar até 83 nomes diferentes para o açúcar adicionado. Sobre esse assunto, Helen Bond, nutricionista da Associação Dietética Britânica, diz: “É um *marketing* inteligente: palavras como ‘frutose’ fazem pensar que estamos reduzindo o açúcar adicionado, mas o fato é que estamos polvilhando açúcar branco sobre a comida.” Outros especialistas afirmam, ainda, que esse açúcar a mais é completamente desnecessário, pois, ao contrário do que a indústria alimentícia quer que acreditemos, o organismo não precisa da energia de nenhum açúcar adicionado.

No Brasil, segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde, o açúcar adicionado representa 19% da ingestão total de açúcar do brasileiro. Ainda segundo o Ministério, o excesso de açúcar na dieta é fator de risco para o desenvolvimento da obesidade, embora o perigo para a saúde não seja só o desenvolvimento desse mal: há indícios que ligam o açúcar a doenças hepáticas, diabetes tipo

2, cardiopatias e cáries. Ainda assim, o setor de bebidas e alimentos continua a promover o açúcar, com muita publicidade de seus produtos açucarados. Grandes quantias também são empregadas para se opor à rotulagem mais explícita dos produtos e combater o aumento da tributação de alimentos e bebidas açucarados.

Os defensores da saúde pública levantam a ideia de que duas abordagens bem-sucedidas na redução do hábito de fumar são necessárias no combate ao consumo excessivo de açúcar: a educação do consumidor e a tributação. Em janeiro de 2014, o México criou um imposto de 10% sobre bebidas açucaradas, e sua venda caiu 12% no primeiro ano. Na França, um imposto sobre refrigerantes criado em 2012 resultou no declínio gradual do consumo. A Noruega tributa alimentos e bebidas açucarados e divulga informações há muitos anos, com bons resultados. Em março deste ano, o chanceler britânico George Osborne anunciou a criação de um imposto sobre bebidas açucaradas a ser cobrado de produtores e importadores de refrigerantes.

Embora tenha havido algum sucesso com a tributação, o setor de alimentos e bebidas continua a fazer pressão contra informar sobre o açúcar adicionado ao consumidor – mais uma vez, exatamente como fizeram as empresas fumageiras ao combaterem as tentativas do governo de pôr nas embalagens de cigarros mensagens alertando para o perigo de fumar (medida adotada também no Brasil). Na esteira das preocupações em relação ao açúcar, o Ministério da Saúde e a Associação Brasileira das Indústrias da Alimentação (ABIA) anunciaram recentemente que estudam um acordo para reduzir a quantidade de açúcar nos alimentos processados, semelhante ao que é feito com o sal. A primeira etapa deve começar em 2017, com análise das principais fontes de açúcar na dieta dos brasileiros.

ECENGARGER, William; AIKINS, Mary S. *Revista Seleções*, 6 set. 2016. Disponível em: <www.selecoes.pt>. Acesso: abr. 2016. Adaptado.

No trecho

Os defensores da saúde pública defendem a **ideia** de que duas abordagens **bem-sucedidas** na redução do hábito de fumar são necessárias no combate ao consumo excessivo de açúcar: a educação do consumidor e a tributação

, as palavras destacadas foram escritas corretamente, de acordo com a nova ortografia da Língua Portuguesa.

Assinale a alternativa em que todos os termos também estão grafados conforme prevê o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

- a) Ceu e ciberespaço.
- b) Aneis e bem-vindo.
- c) Paranóia e pseudociência.
- d) Assembleia e mal-criado.
- e) Heroico e benfeitor.

- A. O certo seria “céu” e “ciberespaço”.
- B. O certo seria “anéis” e “bem-vindo”.
- C. O certo seria “paranoia” e “pseudociência”.
- D. O certo seria “assembleia” e “malcriado”.

4. IFPE

Trabalho escravo é ainda uma realidade no Brasil

Esse tipo de violação não prende mais o indivíduo a correntes, mas acomete a liberdade do trabalhador e o mantém submisso a uma situação de exploração.

O trabalho escravo ainda é uma violação de direitos humanos que persiste no Brasil. A sua existência foi assumida pelo governo federal perante o país e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) em 1995, o que fez com que se tornasse uma das primeiras nações do mundo a reconhecer oficialmente a escravidão contemporânea em seu território. Daquele ano até 2016, mais de 50 mil trabalhadores foram libertados de situações análogas à de escravidão em atividades econômicas nas zonas rural e urbana.

Mas o que é trabalho escravo contemporâneo? O trabalho escravo não é somente uma violação trabalhista, tampouco se trata daquela escravidão dos períodos colonial e imperial do Brasil. Essa violação de direitos humanos não prende mais o indivíduo a correntes, mas compreende outros mecanismos, que acometem a dignidade e a liberdade do trabalhador e o mantêm submisso a uma situação extrema de exploração.

Qualquer um dos quatro elementos abaixo é suficiente para configurar uma situação de trabalho escravo:

TRABALHO FORÇADO: o indivíduo é obrigado a se submeter a condições de trabalho em que é explorado, sem possibilidade de deixar o local seja por causa de dívidas, seja por ameaça e violências física ou psicológica.

JORNADA EXAUSTIVA: expediente penoso que vai além de horas extras e coloca em risco a integridade física do trabalhador, já que o intervalo entre as jornadas é insuficiente para a reposição de energia. Há casos em que o descanso semanal não é respeitado. Assim, o trabalhador também fica impedido de manter vida social e familiar.

SERVIDÃO POR DÍVIDA: fabricação de dívidas ilegais referentes a gastos com transporte, alimentação, aluguel e ferramentas de trabalho. Esses itens são cobrados de forma abusiva e descontados do salário do trabalhador, que permanece sempre devendo ao empregador.

CONDIÇÕES DEGRADANTES: um conjunto de elementos irregulares que caracterizam a precariedade do trabalho e das condições de vida sob a qual o trabalhador é submetido, atentando contra a sua dignidade.

Quem são os trabalhadores escravos? Em geral, são migrantes que deixaram suas casas em busca de melhores condições de vida e de sustento para as suas famílias. Saem de suas cidades atraídos por falsas promessas de aliciadores ou migram forçadamente por uma **série** de motivos, que podem incluir a falta de opção econômica, guerras e até perseguições políticas. No Brasil, os trabalhadores provêm de diversos estados das regiões Centro-Oeste, Nordeste e Norte, mas também podem ser migrantes internacionais de países latino-americanos – como a Bolívia, Paraguai e Peru –, africanos, além do Haiti e do Oriente Médio. Essas pessoas podem se destinar à região de expansão agrícola ou aos centros urbanos à procura de oportunidades de trabalho.

Tradicionalmente, o trabalho escravo é empregado em atividades econômicas na zona rural, como a pecuária, a produção de carvão e os cultivos de **cana-de-açúcar**, soja e algodão. Nos últimos anos, essa situação também é verificada em centros urbanos, principalmente na construção civil e na confecção **têxtil**.

No Brasil, 95% das pessoas submetidas ao trabalho escravo rural são homens. Em geral, as atividades para as quais esse tipo de mão de obra é utilizado exigem força física, por isso os aliciadores buscam principalmente homens e

jovens. Os dados oficiais do Programa Seguro-Desemprego de 2003 a 2014 indicam que, entre os trabalhadores libertados, 72,1% são analfabetos ou não concluíram o quinto ano do Ensino Fundamental.

Muitas vezes, o trabalhador submetido ao trabalho escravo consegue fugir da situação de exploração, colocando a sua vida em risco. Quando tem sucesso em sua empreitada, recorre a *órgãos* governamentais ou organizações da sociedade civil para denunciar a violação que sofreu. Diante disso, o governo brasileiro tem centrado seus esforços para o combate desse crime, especialmente na fiscalização de propriedades e na repressão por meio da punição administrativa e econômica de empregadores flagrados utilizando mão de obra escrava.

Enquanto isso, o trabalhador libertado tende a retornar à sua cidade de origem, onde as condições que o levaram a migrar permanecem as mesmas. Diante dessa situação, o indivíduo pode novamente ser aliciado para outro trabalho em que será explorado, perpetuando uma dinâmica que chamamos de “Ciclo do Trabalho Escravo”.

Para que esse ciclo vicioso seja rompido, são *necessárias* ações que incidam na vida do trabalhador para além do âmbito da repressão do crime. Por isso, a erradicação do problema passa também pela adoção de políticas públicas de assistência à vítima e prevenção para reverter a situação de pobreza e de vulnerabilidade de comunidades.

SUZUKI, Natalia; CASTELI, Thiago. Trabalho escravo é ainda uma realidade no Brasil. In: *Carta Educação*, 4 maio 2016. Disponível em: <www.cartaeducacao.com.br>. Acesso: 19 mar. 2017. Adaptado.

A respeito das regras do Novo Acordo Ortográfico, assinale a opção correta.

- a) Em “[...] principalmente na construção civil e na confecção **têxtil**”, o termo grifado passou a receber o acento circunflexo a partir da vigência do novo acordo.
- b) Em “Quando tem sucesso em sua empreitada, recorre a **órgãos** governamentais [...]”, o termo sublinhado está grafado incorretamente, pois perdeu o acento agudo.
- c) No excerto “[...] cultivos de **cana-de-açúcar**, soja e algodão”, o termo está corretamente grafado, pois não segue a regra aplicada ao termo “mão de obra”, por exemplo, que passou a ser grafado sem hífen.
- d) No trecho “[...] migram forçadamente por uma **série** de motivos [...]”, o termo sublinhado está incorretamente grafado, pois já não recebe o acento agudo.
- e) Em “[...] são **necessárias** ações que incidam na vida do trabalhador [...]”, o termo sublinhado segue a mesma regra que o termo “ideia” e, por isso, deixou de ser grafado com acento agudo.

Segundo o *Novo Acordo* nomes compostos para designar espécies animais e botânicas mantêm o hífen.

5. IFPE

Doação de sangue

As primeiras tentativas de utilização do sangue para a cura de doenças datam da pré-história, todavia, durante muitos séculos, os resultados não obtiveram sucesso. O primeiro relato de transfusão de sangue ocorreu no século XVII, tendo sido quase todas as transfusões dessa época realizadas com sangue de animais.

A história da transfusão de sangue é dividida em três períodos: a era pré-histórica, que vai até a descoberta da circulação sanguínea pelo médico britânico William Harvey, no início do século XVII; o período *pré-científico*, que vai de 1616, ano da descoberta da circulação, até o início do século XX, quando o pesquisador austríaco Landsteiner descobre o grupo sanguíneo ABO; e o terceiro período – chamado científico – que começa com a descoberta de Landsteiner, chegando até os dias atuais.

Após a descoberta de Landsteiner, a transfusão de sangue passou a ser realizada braço a braço, uma vez que não existiam anticoagulantes que permitissem a estocagem do sangue colhido. Durante o período entre as duas guerras mundiais, foi desenvolvida uma solução *anticoagulante* à base de citrato de sódio.

A primeira transfusão de sangue coletado e estocado em garrafas de vidro ocorreu durante a Guerra Civil Espanhola, em 1939, quando um médico francês organizou uma rede de doadores de sangue formada por simpatizantes da causa dos rebeldes que lutavam contra os fascistas comandados pelo general Franco. Na Segunda Guerra Mundial, surgiram os primeiros bancos de sangue, e esse também foi o período das primeiras campanhas de doação de sangue.

No Brasil, o sistema de doação de sangue era remunerado, ou seja, as pessoas recebiam pelo sangue disponibilizado. Com isso, aumentou o número de bancos de sangue privados, o que dificultava a fiscalização. Na década de 1980, o governo brasileiro posicionou-se contrário à prática e criou o Programa Nacional de Sangue e Hemocomponentes (Pró-Sangue) com a finalidade de regularizar a situação da hemoterapia brasileira, criando os Centros de Hematologia e Hemoterapia – os Hemocentros.

O principal requisito para que uma pessoa doe sangue é estar em boa saúde. É necessário ter entre 16 e 69 anos, no entanto, os menores de 18 anos precisam do consentimento formal dos pais ou responsáveis. A pessoa precisa ter peso igual ou superior a 50 kg e não estar em jejum. O doador deve evitar alimentos gordurosos nas quatro horas que antecedem a doação. Bebida alcoólica e cigarro não devem ser consumidos antes da doação. Dormir pelo menos seis horas na noite anterior à doação também é recomendado.

A Lei 1.075 de 27 de março de 1950 e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), através do artigo 473, garantem ao doador a dispensa do ponto no dia da doação de sangue, por um dia, em cada 12 meses de trabalho, no caso de doação voluntária devidamente comprovada. O atestado de comparecimento e doação é fornecido pelos hemocentros.

Após a doação de sangue são necessários alguns cuidados. Devem-se evitar esforços físicos exagerados por pelo menos 12 horas, aumentar a ingestão de líquidos, não fumar por duas horas e não ingerir bebidas alcoólicas por 12 horas. O curativo colocado no lugar da punção deve ser mantido por, no mínimo, quatro horas, e atividades como dirigir veículos de grande porte, trabalhar em andaimes e praticar atividades radicais como paraquedismo ou mergulho devem ser evitadas.

EDITORIAL BIBLIOMED. *Boa Saúde*, 22 mar. 2017. Disponível em: <www.boasaude.com.br>. Acesso: 09 maio 2017. Adaptado.

No texto, encontramos palavras como “pré-científico” e “anticoagulantes”, as quais são grafadas segundo regras estabelecidas pelo novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Observando a grafia dessas palavras, assinale a alternativa que contém os termos cujas regras de escrita são as mesmas.

- a) Pré-destinar e anti-higiênico.
- b) Pré-determinado e antirreligioso.
- c) Pré-supor e antiinflamatório.
- d) Pré-escolar e antiaéreo.**
- e) Pré-sentir e antioxidante.

Em *pré-científico* e *pré-escolar* ocorre hífen porque deve ocorrer hífen sempre que o prefixo for “pré”.

Em *anticoagulantes* e *antiaéreo* não ocorre hífen porque a letra que finaliza o prefixo é diferente da letra que inicia o radical.

6. IFPE

Acauã

Acauã, acauã vive cantando
 Durante o tempo do verão
 No silêncio das tardes agourando
 Chamando a seca pro sertão
 Chamando a seca pro sertão
 Acauã,
 Acauã,
 Teu canto é penoso e faz medo
 Te cala acauã,
 Que é pra chuva voltar cedo
 Que é pra chuva voltar cedo
 Toda noite no sertão
 Canta o João-corta-pau
 A coruja, mãe da lua

C8-H27

A peitica e o bacurau
 Na alegria do inverno
 Canta sapo, gíia e rã
 Mas na tristeza da seca
 Só se ouve acauã
 Só se ouve acauã
 Acauã, Acauã...

DANTAS, Zé. In: GONZAGA, Luiz. *A história do Nordeste na voz de Luiz Gonzaga*. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1955.

O último acordo ortográfico impôs algumas mudanças no emprego do hífen na formação de palavras. No caso específico de “João-corta-pau”, que aparece na letra de Luiz Gonzaga, é correto afirmar que

- a) perdeu o hífen, logo, deixou de ser palavra composta e teve sua escrita mudada para “João corta pau”.
- b) continuou a ser escrita com apenas um hífen, ou seja, “João corta-pau”; pois a presença do nome próprio “João” impede outra possibilidade de escrita.
- c) passou a ser escrita com apenas um hífen entre o nome próprio “João” e a forma verbal “corta”, sendo assim, sua escrita correta é “João-corta pau”.
- d) possui apenas um hífen, todavia a palavra “João” é escrita com letra minúscula, logo, passa a ser escrita “João corta-pau”.
- e) é escrita com dois hífen, ou seja, “João-corta-pau”; por se tratar de palavra composta que serve para nominar espécie de animal.**

Com o novo Acordo Ortográfico, palavras compostas que designam espécie da fauna devem ser grafadas com hífen, haja ou não elemento de ligação.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. IFSul-RS – A partir da entrada em vigor do Acordo Ortográfico, a palavra *assembleia* passou a ser grafada sem acento agudo. Qual é a alternativa em que um ou mais vocábulos, segundo as regras do Acordo Ortográfico, foi/foram acentuado(s) indevidamente?

- a) estóico – proíbe – vôo
- b) hotéis – usuário – volátil
- c) tróféus – retórico – hífen
- d) herói – alcoólico – têm

8. IFPE

Fico assim sem você

Avião sem asa
 Fogueira sem brasa
 Sou eu assim sem você
 Futebol sem bola
 Piu-Piu sem Frajola
 Sou eu assim sem você
 Por que é que tem que ser assim?
 Se o meu desejo não tem fim

Eu te quero a todo instante
 Nem mil alto-falantes
 Vão poder falar por mim
 [...]
 Tô louco pra te ver chegar,
 Tô louco pra te ter nas mãos.
 Deitar no teu abraço,
 Retomar o pedaço que falta no meu coração

Eu não existo longe de você
 E a solidão é o meu pior castigo
 Eu conto as horas pra poder te ver
 Mas o relógio tá de mal comigo

ABDULLAH (Agnaldo Batista de Figueiredo); MORAES, Cací (Marcos Cabral Neves). In: CLAUDINHO & BUCHECHA. *Vem dançar*. São Paulo: Mercury/Universal Music, 2002.

Na letra da música Fico assim sem você, da dupla Claudinho e Buchecha, aparece a palavra “alto-falantes”, que, mesmo após o último acordo ortográfico, continua a ser grafada com hífen. Todavia, diversas palavras tiveram sua grafia alterada.

Entre as alternativas abaixo, assinale aquela que possui uma palavra que deixou de ser grafada com o hífen após o Acordo Ortográfico.

- a) Mico-leão-dourado.
- b) Comigo-ninguém-pode.
- c) Mula-sem-cabeça.
- d) Cravo-da-índia.
- e) Copo-de-leite.

9. IFPE

Uma revisão de dados recentes sobre a morte de línguas

Linguistas preveem que metade das mais de 6 mil línguas faladas no mundo desaparecerá em um século — uma taxa de extinção que supera as estimativas mais pessimistas quanto à extinção de espécies biológicas.

[...]

Segundo a Unesco, 96% da população mundial falam só 4% das línguas existentes. E apenas 4% da humanidade partilha o restante dos idiomas, metade dos quais se encontra em perigo de extinção. Entre 20 e 30 idiomas desaparecem por ano — uma média de uma língua a cada duas semanas. (...)

A perda de línguas raras é lamentável por várias razões. Em primeiro lugar, pelo interesse científico que despertam: algumas questões básicas da linguística estão longe de estar inteiramente resolvidas. E essas línguas ajudam a saber quais elementos da gramática e do vocabulário são realmente universais, isto é, resultantes das características do próprio cérebro humano.

A ciência também tenta reconstruir o percurso de antigas migrações, fazendo um levantamento de palavras emprestadas, que ocorrem em línguas sem qualquer parentesco. Afinal, se línguas não aparentadas partilham palavras, então seus povos estiveram em contato em algum momento.

Um comunicado do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) diz que “o desaparecimento de uma língua e de seu contexto cultural equivale a queimar um livro único sobre a natureza”. Afinal, cada povo tem um modo único de ver a vida. Por exemplo, a palavra russa *mir* significa igualmente “aldeia”, “mundo” e “paz”. É que, como os aldeões russos da Idade Média tinham de fugir para a floresta em tempos de guerra, a aldeia era para eles o próprio mundo, ao menos enquanto houvesse paz.

BIZZOCCHI, Aldo. *Revista Língua*, n. 116, jun. 2015. Disponível em: <<http://revistalingua.com.br>>. Acesso em 28 set. 2015.

No início do texto, aparece a forma verbal “preveem”, que perdeu o acento circunflexo após o último acordo ortográfico.

Assinale a única alternativa em que todas as palavras seguem o padrão de acentuação determinado pelo referido acordo.

- a) Eu fui à feira e comprei cinco pêras e três maçãs.
- b) A sonda espacial acabou de descobrir um novo asteroide.
- c) Joana d'Arc é uma mártir da Guerra dos Cem anos.
- d) Ele, estranhamente, saiu sem cumprimentar a plateia.
- e) O Brasil acabou de enviar uma equipe de pesquisa ao pólo Sul.

10. Imed-SP (adaptada)

15 de novembro: Dia da Proclamação da República

Há 125 anos, a história do Brasil mudava de rumo com a Proclamação da **República**. A data marcou o fim da monarquia brasileira com a instalação de um governo provisório e a publicação do decreto número um anunciando a República Federativa.

O anseio do povo por um sistema democrático, com mais liberdade econômica e menos autoritarismo desgastou a monarquia e abriu uma crise. O momento também foi influenciado pela interferência de Dom Pedro II em questões religiosas, o que provocou atritos com a Igreja Católica.

Os rumores de corrupção na Corte causaram descontentamento entre os militares brasileiros e a imprensa, a classe média e os profissionais liberais que desejavam mais liberdade política. Por isso, muitos se engajaram no movimento republicano, que defendia o fim da Monarquia e a implantação da República.

Também se juntaram ao movimento os defensores da causa abolicionista, que relacionavam a falta de desenvolvimento às desigualdades na relação de trabalho, que era legitimada pelo império português. Assim, o fim da monarquia era uma saída viável para aqueles que combatiam a mão de obra escravizada.

No 15 de novembro de 1889, o Marechal Deodoro da Fonseca proclamou a República no Brasil. Logo Dom Pedro II receberia a notícia de que seu governo **havia** sido derrubado e um decreto o expulsava do **país**, juntamente com sua família. Dias depois, voltaram a Portugal.

Para governar o Brasil República, os republicanos criaram um governo provisório, tendo o Marechal Deodoro da Fonseca permanecido como presidente do país. Rui Barbosa, Benjamin Constant, Campos Sales e outros nomes importantes do movimento republicano foram escolhidos para formar os ministérios.

PORTAL EBC, 11 nov. 2014. Disponível em: <www.ebc.com.br>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado

Sobre determinados vocábulos do texto, são feitas as seguintes afirmações:

- I. A palavra *país*, ao ser pluralizada, deve perder o acento gráfico.
- II. A palavra *República*, caso perdesse o acento gráfico, transformar-se-ia em verbo, flexionado no presente do indicativo.
- III. A retirada do **h**- da palavra *havia*, constituiria outro vocábulo da língua portuguesa.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e II.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

11. UFSM-RS

A lenda da mandioca (lenda dos índios Tupi)

Nasceu uma indiazinha linda, e a mãe e o pai tupis espantaram-se:

– Como é branquinha **esta** criança!

E era mesmo. Perto dos outros curumins da taba, parecia um raiozinho de lua. Chamaram-na Mani. Mani era

linda, silenciosa e **quieta**. Comia **pouco** e pouco bebia. Os pais preocupavam-se.

– Vá brincar, Mani, dizia o pai.

– Coma um **pouco** mais, dizia a mãe.

Mas a menina continuava quieta, cheia de sonhos na cabecinha. Mani parecia esconder um mistério. Uma bela manhã, não se levantou da rede. O pajé foi chamado. Deu ervas e bebidas à menina. Mas não atinava com o que tinha Mani. Toda a tribo andava triste. Mas, deitada em sua rede, Mani sorria, sem doença e sem dor.

E sorrindo, Mani morreu. Os pais a enterraram dentro da própria oca. E regavam sua cova todos os dias, como era costume entre os índios Tupis. Regavam com lágrimas de saudade. Um dia perceberam que do túmulo de Mani rompia uma plantinha verde e viçosa.

– Que planta será esta? Perguntaram, admirados. Ninguém a conhecia.

– É melhor deixá-la crescer, resolveram os índios.

E continuaram a regar o brotinho mimoso. A planta desconhecida crescia depressa. **Poucas** luas se passaram, e ela estava altinha, com um caule forte, que até fazia a terra se rachar em torno.

– A terra parece fendida, comentou a mãe de Mani.

– Vamos cavar?

E foi o que fizeram. Cavaram pouco e, à flor da terra, viram umas raízes grossas e morenas, quase da cor dos curumins, nome que dão aos meninos índios. Mas, sob a casquinha marrom, lá estava a polpa branquinha, quase da cor de Mani. Da oca de terra de Mani surgiu uma nova planta!

– Vamos chamá-la Mani-oca, resolveram os índios.

– E, para não deixar que se perca, vamos transformar a planta em alimento!

Assim fizeram! Depois, fincando outros ramos no chão, fizeram a primeira plantação de mandioca. Até hoje entre os índios do Norte e Centro do Brasil é este um alimento muito importante.

E, em todo Brasil, quem não gosta da plantinha misteriosa que surgiu na casa de Mani?

GIACOMO, Maria Thereza Cunha de. *Lendas brasileiras*, n. 7. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1977. Adaptado.

Considerando princípios ortográficos, fonológicos e morfológicos da língua portuguesa, considere as afirmativas a seguir.

- I. Se inserido acento na sílaba final de “esta”, altera-se a tonicidade, mas mantém-se inalterada a classe de palavra.
- II. Em “linda”, assim como em “quieta”, verifica-se ocorrência de um fonema representado por duas letras.
- III. Diferentemente de “pouco”, a palavra “Poucas”, flexiona-se para concordar com o nome que a acompanha.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.
- c) apenas I e III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

12. IFSC

A indústria **tecnológica** se desenvolveu muito nos últimos anos. Com isso, a quantidade e a qualidade dos produtos **eletrônicos** surpreendem cada dia mais os consumidores.

Sabendo-se que as palavras em destaque receberam acentos gráficos por serem proparoxítonas, em qual alternativa há somente palavras cujos acentos foram empregados com base na mesma regra de acentuação?

- a) bêbado, pública, cáqui, trânsito
- b) mínimo, chapéu, cândida, biquíni
- c) abadá, tricô, flácido, avô
- d) máxima, música, alfândega, obstáculo
- e) tráfego, ímpeto, sábado, fênix

13. Fuvest-SP (adaptada)

Evidentemente, não se pode esperar que Dostoiévski seja traduzido por outro Dostoiévski, mas desde que o tradutor procure penetrar nas peculiaridades da linguagem primeira, aplique-se com afinco e faça com que sua criatividade orientada pelo original permita, paradoxalmente, afastar-se do texto para ficar mais próximo deste, um passo importante será dado. Deixando de lado a fidelidade mecânica, frase por frase, tratando o original como um conjunto de blocos a serem transpostos, e transgredindo sem receio, quando necessário, as normas do “escrever bem”, o tradutor poderá trazê-lo com boa margem de fidelidade para a língua com a qual está trabalhando.

SCHNAIDERMAN, Boris. *Dostoiévski* – Prosa Poesia. São Paulo: Perspectiva, 1982.

O prefixo presente na palavra “transpostos”, que não recebe o emprego de hífen, tem o mesmo sentido do prefixo que ocorre em:

- a) ultrapassado.
- b) retrocedido.
- c) infracolocado.
- d) percorrido.
- e) introvertido.

14. UFPR – As duas estrofes a seguir iniciam o poema Y-Juca-Pyrama de Gonçalves Dias, publicado em 1851.

No meio das tabas de amenos verdores
Cercadas de troncos – cobertos de flores,
Alteião-se os tectos d’altiva nação;
São muitos seus filhos, nos animos fortes,
Temíveis na guerra, que em densas cohortes
Assombrão das matas a imensa extensão

São rudes, severos, sedentos de gloria,
Já prelios incitão, já cantão victoria,
Já meigos attendem a voz do cantor:
São todos tymbiras, guerreiros valentes!
Seu nome la vôa na bocca das gentes,
Condão de prodigios, de gloria e terror!

DIAS, Gonçalves. *Últimos cantos*: poesias. Rio de Janeiro: Typographia de F. de Paula Brito, 1851. Adaptado.

Nesse trecho, o poeta apresenta o povo timbira. Constatamos, sem dificuldades, que a ortografia da época era, em muitos aspectos, diferente da que usamos

atualmente. Tendo isso em vista, considere as seguintes afirmativas:

- I. As palavras paroxítonas terminadas em ditongo não eram acentuadas naquela época, diferentemente de hoje.
- II. As formas verbais se alternam entre presente e futuro do presente do indicativo, com a mesma terminação.
- III. A 3ª pessoa do plural dos verbos do presente do indicativo se diferencia graficamente da forma atual.
- IV. Os monossílabos tônicos perderam o acento na ortografia contemporânea.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa I é verdadeira.
- b) Somente as afirmativas I e III são verdadeiras.
- c) Somente as afirmativas II e IV são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas II, III e IV são verdadeiras.
- e) As afirmativas I, II, III e IV são verdadeiras.

15. UPE – Leia o texto.

Pedestre, a medida de todas as coisas

Na palestra que fiz mês passado no seminário A Mobilidade a Pé e o Futuro do Recife, organizado pelo INTG – Instituto da Gestão – e apoiado pelo Cesar, pela Urbana/PE e pela Fiepe, tive oportunidade de falar sobre a importância crucial do pedestre para o urbanismo contemporâneo. Esse seminário regional foi um desdobramento, no Recife, do seminário internacional Cidades A Pé, realizado em São Paulo, no mês de novembro do ano passado.

Disse que, embora graduado em Arquitetura e Urbanismo pela UFPE, só fui entender o que considero vital na questão urbana atual depois que andei milhares de quilômetros no Recife. Depois, portanto, que, na prática, me “pós-graduei” pelos pés. O essencial do que aprendi foi que se o pedestre se sente mal no solo é porque o urbanismo é ruim e o planejamento urbano, se houve, falhou.

O planejamento urbano tradicional, o que se aprende na escola e amiúde se aplica por aí, começa olhando o espaço pelo satélite (ainda mais agora com a proliferação das tecnologias de internet...), depois “desce” para o mapa, para a planta, para o detalhe, e, termina por não chegar ao nível do chão, de quem está andando na rua. Depois de gastar muita sola de sapato por aí, defendendo que haja uma inversão de sentido, que o planejamento comece pelo chão, por onde anda o pedestre e, aí, vá “subindo” até chegar ao satélite. Se isso fosse feito, com certeza, não teríamos muitas das atrocidades que suportamos nas cidades brasileiras andando por elas...

Na Grécia antiga, a filosofia pré-socrática defendia que “o homem é a medida de todas as coisas”. Na cidade, a medida de todas as coisas, sem a menor sombra de dúvida, é o pedestre! Não entender isso é ficar na contramão da história contemporânea do urbanismo. Que o digam Jan Gerl com seu consagrado livro *Cidade para as pessoas*, e Jeff Speck com o seu excelente livro *Cidade caminhável*. Que o digam as cidades da Europa e, já, muitas dos EUA, além de praticamente todas as capitais latino-americanas...

Já existem, inclusive, um conceito e um conjunto de indicadores que ajudam a materializar essa tendência. Trata-se, o conceito, do *Walkability*, e o conjunto de indicadores, do *Walk Score*, que mede o quanto “caminhável” é

determinado local, bairro ou cidade. Temos que seguir por aí. Afinal, como repete aquele complemento de comercial de rádio e TV, independente do meio de transporte que utilizemos, “na cidade, todos somos pedestres”.

CUNHA, Francisco. In: *Revista Algo mais*. Ano 11, n. 124, jul. 2016. p. 50. Adaptado.

No que se refere a aspectos gramaticais presentes no texto Pedestre, a medida de todas as coisas, analise as proposições a seguir.

- I. A palavra “pedestre” é formada a partir do radical “pedra”, que era o material do qual eram feitas as primeiras vias terrestres.
- II. Segundo a norma-padrão da língua, no enunciado: “Já existem, inclusive, um conceito e um conjunto de indicadores que ajudam a materializar essa tendência.” (5º parágrafo), o verbo “existir” poderia ser substituído pelo verbo “haver”, sem alteração da concordância.
- III. No trecho: “Na Grécia antiga, a filosofia pré-socrática defendia que ‘o homem é a medida de todas as coisas’.” (4º parágrafo), a vírgula cumpre a função de isolar um adjunto adverbial, e as aspas, no segmento sublinhado, foram utilizadas para delimitar uma citação.
- IV. O fato de ter grafado com acento termos como “pé”, “mês”, “só” e “já” revela que o autor seguiu a regra ortográfica vigente na atualidade de acentuar os monossílabos tônicos.

Está(ão) correta(s):

- a) I, II, III e IV.
- b) I, II e III, apenas.
- c) I, II e IV, apenas.
- d) III, apenas.
- e) III e IV, apenas.

16. UCPel-RS – Leia o texto, a seguir, atentando para responder à questão.

Médico debocha de paciente na internet e é demitido

Pacientes e internautas ficaram indignados com a postura do funcionário.

Um *médico* plantonista do hospital *público* Santa Rosa de Lima, administrado pela Santa Casa de Serra Negra, em São Paulo, foi afastado do trabalho *após* ter uma foto divulgada em seu Facebook em que debocha de um paciente que não falou corretamente as palavras “pneumonia” e “Raio-X” em uma consulta.

O médico em questão publicou em sua rede social a imagem de um *receituário* em que se lê: “Não existe peleumonia e nem raôxis”. A postagem foi comentada pelas funcionárias do hospital, que também foram demitidas.

O Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp) informou que vai instaurar uma *sindicância* para avaliar a postura do profissional.

O caso ganhou *repercussão* depois que a denúncia foi publicada na coluna “Comentando”, e outros pacientes e internautas ficaram indignados com a postura do *clínico* geral. A diretoria do Hospital Santa Rosa de Lima publicou uma nota em que repudia o comportamento dos ex-*funcionários*.

BAND. 29 jul. 2016. Disponível em: <<http://noticias.band.uol.com.br/>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

Das opções que seguem, a que está correta, segundo as regras de acentuação é:

- a) *Funcionárias* e *receituário* são acentuadas porque se enquadram na mesma regra, neste caso, as duas podem ser consideradas paroxítonas.
- b) *Receituário* é uma oxítona acentuada, pois termina com -o, enquanto *lé* é uma monossílabo tônica, por isso está acentuada.
- c) *Após* e *lê* estão acentuadas, pois são paroxítona e monossílabo, respectivamente.
- d) *Repercussão* e *sindicância* estão acentuadas, pois são paroxítonas terminadas em ditongo.
- e) *Médico*, *público* e *clínico* estão acentuadas por serem proparoxítonas em que o acento agudo se apresenta sobre a semivogal.

17. Imed-SP

Adiante seguiu a Justiça

Durante séculos, ninguém titubeava em responder: família, só tem uma – a **constituída** pelos sagrados laços do matrimônio. Aos noivos era imposta a obrigação de se multiplicarem até a morte, mesmo na tristeza, na pobreza e na doença. Tanto que se falava em débito conjugal.

Esse modelo se manteve, ao menos na **aparência**, a expensas da integridade física e psíquica das mulheres, que se mantinham dentro de casamentos esfacelados, pois assim exigia a sociedade. Tanto que o casamento era indissolúvel. As pessoas até podiam se desquitar, mas não podiam se casar de novo. Caso encontrassem um par, tornavam-se concubinos e alvos de punições.

As mudanças foram muitas: vagarosas, mas significativas. As causas, incontáveis. No entanto, o resultado foi um **só**. O conceito de família mudou, se esgarçou. O casamento perdeu a sacralidade e permaneceu dentro dele deixou de ser uma imposição social e uma obrigação legal.

Veio o **divórcio**. Antes, porém, o **purgatório** da separação, que exigia que se identificassem causas, punindo-se os culpados. A liberdade total de casar e descasar chegou somente no ano de 2006.

A lei regulamentava exclusivamente o casamento. Punia com o silêncio toda e qualquer modalidade de estruturas familiares que se afastasse do modelo “oficial”.

E foi assumindo a responsabilidade de julgar que os **juízes** começaram a alargar o conceito de família. As mudanças chegaram à Constituição Federal, que enlaçou no conceito de família, outorgando-lhes especial proteção, outras estruturas de convívio. Além do casamento, trouxe, de forma exemplificativa, a união estável entre um homem e uma mulher e a chamada família parental: um dos pais e seus filhos.

Adiante ainda seguiu a Justiça. Reconheceu que o rol constitucional não é exaustivo, e continuou a reconhecer como

família outras estruturas familiares. Assim as famílias anaparentais, constituídas somente pelos filhos, sem a presença dos pais; as famílias parentais, decorrentes do convívio de pessoas com vínculo de parentesco; bem como as famílias homoafetivas, que são as formadas por pessoas do mesmo sexo.

O reconhecimento da homoafetividade como união estável foi levado a efeito pelo Supremo Tribunal Federal no ano de 2011, em decisão unânime e histórica. Agora esta é a realidade: homossexuais casam, têm filhos, ou seja, podem constituir família.

Ativismo judicial? Não, interpretação da Carta Constitucional segundo um punhado de princípios fundamentais. É a Justiça cumprindo o seu papel de fazer justiça, mesmo diante da lacuna legal.

Da inércia, passou o Legislativo, dominado por autointitulados profetas religiosos, a reagir.

Não foi outro o intuito do Estatuto da Família, que acaba de ser aprovado pela comissão especial na Câmara dos Deputados (PL 6.583/2013). Tentar limitar o conceito de família à união entre um homem e uma mulher, além de afrontar todos os princípios fundantes do Estado, impõe um retrocesso social que irá retirar direitos de todos aqueles que não se encaixam neste conceito limitante e limitado.

Mas há mais. Proceder ao cadastramento das entidades familiares e criar Conselhos da Família é das formas mais perversas de excluir direito à saúde, à assistência psicossocial, à segurança pública, que são asseguradas somente às entidades familiares reconhecidas como tal. Limitar acesso à Defensoria Pública e à tramitação prioritária dos processos à entidade familiar definida na lei, às claras tem caráter punitivo.

O conceito de família mudou. E onde procurar a sua definição atual? Talvez na frase piegas de Saint-Exupéry: na responsabilidade decorrente do afeto.

DIAS, Maria Berenice. *Zero Hora*, Caderno PrOA, 27 set. 2015 – Adaptado.

Sobre o uso de acento gráfico em vocábulos do texto, analise as afirmações que seguem:

- I. Em *constituída* e *juízes*, a letra **i** recebe acento gráfico por razões distintas.
- II. *aparência* e *purgatório* recebem acento gráfico em virtude da mesma regra.
- III. As palavras *só* e *divórcio* são acentuadas a fim de marcar a sonoridade da vogal **o**.

Quais estão incorretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) Apenas I e III.

ESTUDO PARA O ENEM

18. IFPE

C8-H27

Computadores provocam acidentes do trabalho?

Durante muito tempo, a segurança do trabalho foi vista como um tema que se relacionava apenas ao uso de capacetes, botas, cintos de segurança e uma série de outros equipamentos de proteção individual contra acidentes. No entanto, a evolução tecnológica se fez acompanhar de no-

vos ambientes de trabalho e de riscos profissionais a eles associados. Muitos desses novos riscos são pouco ou nada conhecidos e demandam pesquisas cujos resultados só se apresentam após a exposição prolongada dos trabalhadores a ambientes nocivos a sua saúde e integridade física. Hoje, o setor de segurança e saúde no trabalho é multidisciplinar e tem como objetivo principal a prevenção dos riscos

profissionais. O conceito de acidente é compreendido por um maior número de pessoas que já identificam as doenças profissionais como consequências de acidentes do trabalho.

A relação **homem-máquina**, que já trouxe enormes benefícios para a humanidade, também trouxe um grande número de vítimas. Entre as máquinas das novas relações profissionais, os computadores pessoais têm uma característica ímpar: nunca, na história da humanidade, uma mesma máquina esteve presente na vida profissional de um número tão grande e diversificado de trabalhadores.

Diante desses fatos, muitas dúvidas têm sido levantadas sobre os riscos de acidentes no uso de computadores; entre eles, destacam-se os chamados riscos ergonômicos. A Ergonomia é uma ciência que estuda a adequação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores de modo a proporcionar o máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente. Entre os riscos ergonômicos, aqueles que têm maior relação com o uso de computadores são: exigência de postura inadequada, utilização de mobiliário impróprio, imposição de ritmos excessivos, trabalho em turno noturno, jornadas de trabalho prolongadas, monotonia e repetitividade.

A exposição do trabalhador ao risco gera o acidente, cuja consequência, nesses casos, tem efeito mediato, ou seja, ela se apresenta ao longo do tempo por ação cumulativa desses eventos sucessivos. É como se, a cada dia de exposição ao risco, um pequeno acidente, imperceptível, estivesse ocorrendo. As consequências dos acidentes do trabalho desse tipo são as doenças profissionais ou ocupacionais.

Já para os profissionais que têm o computador como instrumento de um trabalho diário, a prevenção dos riscos ergonômicos relacionados ao seu uso deverá ser motivo de atenção e interesse, observando, entretanto, que a legislação e as normas técnicas estão inseridas no contexto maior de uma avaliação completa do ambiente de trabalho. O bem-estar físico e psicológico dos trabalhadores reflete no seu desempenho profissional e é resultado de uma política global de investimento em segurança, saúde e meio ambiente. O fundamental para os usuários de computadores é saber que há procedimentos básicos para se evitar acidentes no trabalho, mesmo quando esse trabalho se concentra em uma relação **homem-máquina** aparentemente amigável e isenta de riscos, desenvolvida em escritórios ou mesmo em casa.

MATTOS, Ricardo Pereira de. Adaptado. Disponível em: <www.ricardomattos.com>. Acesso em: 09 jun. 2016.

O Novo Acordo Ortográfico da língua portuguesa dispõe de regulamentação sobre o emprego do hífen em encadeamentos vocabulares, os quais são caracterizados por uma associação ocasional de palavras, como é o caso da expressão **homem-máquina**. Das alternativas a seguir, assinale aquela em que a palavra destacada caracteriza um encadeamento vocabular, assim como acontece em **homem-máquina**.

- a)** *Amor-perfeito* é o nome dado a uma flor de beleza delicada e que encanta a todos.
- b)** O presidente interino assinou um *decreto-lei* que privilegia os empresários.
- c)** Na próxima *segunda-feira*, os estudantes farão uma passeata.
- d)** O *primeiro-ministro* britânico é líder do Partido Conservador.
- e)** O processo de *ensino-aprendizagem* vem sofrendo adaptações ao longo dos anos.

19. UPE

C8-H27

Ter mais e ter menos

Vários leitores me escreveram para acusar os “tempos modernos”, em que “ter” é mais importante do que “ser”. Hoje, o que temos nos define, à condição, claro, de ostentá-lo o suficiente para que os outros saibam: constatando nossos “bens”, eles reconheceriam nosso valor social.

Essa seria a razão da cobiça de todos e, em última instância, da facilidade com a qual todos nos tornamos criminosos. A partir dessa constatação, alguns de meus correspondentes tentam explicar uma diferença entre ricos e pobres em matéria de crime. O argumento básico funciona mais ou menos assim: 1) para ser alguém, na nossa sociedade, é preciso ter e ostentar bens; 2) quem vale menos na consideração social (o desfavorecido, o excluído, o miserável) teria um anseio maior de conquistar aqueles bens que aumentariam seu valor aos olhos dos outros.

Em suma, precisamos ter para ser – e, se formos pouco relevantes ou invisíveis socialmente, só poderemos querer ter mais e com mais urgência. À primeira vista, faz sentido. Mas, antes de desenvolver o raciocínio, uma palavra em defesa da modernidade.

Tudo bem, uma sociedade em que as diferenças são decididas pelo “ter” (vale mais quem tem mais) pode parecer um pouco sórdida. Acharíamos mais digna uma sociedade na qual valeria mais quem “é” melhor, não quem acumulou mais riquezas.

O problema é que, em nosso passado recente, as sociedades organizadas pelo “ser” já existiram, e não foram exatamente sociedades para onde a gente voltaria alegremente – eu, ao menos, não gostaria de voltar para lá.

Geralmente, uma sociedade organizada pelo “ser” é uma sociedade imóvel. Por exemplo, no antigo regime, você podia nascer nobre, perder todos os bens de sua família, inclusive a honra, e continuaria nobre, porque você já era nobre. Inversamente, você podia nascer numa sarjeta urbana e enriquecer pelo seu trabalho ou pela sua sabedoria, e nem por isso você se tornaria nobre, porque você não o era. Ou seja, em matéria de mobilidade social, as sociedades nas quais o que importa é o “ser” são sociedades lentas, se não paradas, e as sociedades nas quais o que importa é o “ter” são sociedades nas quais a mudança é possível, se não encorajada.

É bom lembrar disso quando criticamos nossa «idolatria» consumista ou nossa vaidade. Podemos sonhar com uma sociedade organizada pelas qualidades supostamente intrínsecas a cada um (haveria os sábios, os generosos, os fortes etc.), mas a alternativa real a uma sociedade do «ter» são sociedades em que castas e dinastias exercem uma autoridade contra a qual o indivíduo não pode quase nada.

Voltemos agora à observação de que, numa sociedade do “ter” como a nossa, os que **têm** menos seriam, por assim dizer, famintos – e, portanto, propensos a querer a qualquer custo. Eles recorreriam ao crime porque sua dignidade social depende desse “ter” – para eles, ter (como navegar) é preciso.

Agora, o combustível de uma sociedade do “ter” é uma mistura de cobiça com vaidade. Por cobiça, **preferimos** os bens materiais a nossas eventuais virtudes, mas essa cobiça está a serviço da vaidade. A riqueza que acumulamos não vale “em si”, ela vale para ser vista e reconhecida pelos outros: é a inveja deles que afirma nossa desejada “superioridade”. Em outras palavras, os bens que desejamos são

indiferentes; o que importa é o reconhecimento que esperamos receber graças a eles. Por **consequência**, nenhum bem pode nos satisfazer, e a insatisfação é parte integrante de nosso modelo cultural.

Não é que estejamos insatisfeitos porque nos falta alguma coisa (aí seria fácil, bastaria encontrá-la). Somos (e não estamos) insatisfeitos porque o reconhecimento dos outros é imaterial, difícil de ser medido e nunca suficiente. A procura por bens é infinita ou, no mínimo, indefinida, como é indefinida a procura pelo reconhecimento dos outros.

Os bens que conquistamos (roubando ou não, tanto faz) não estabelecem nenhum “ser”, apenas alimentam, por um instante, um olhar que gratificaria nossa vaidade. Não existe uma acumulação a partir da qual nós nos sentiríamos ao menos parcialmente acalmados em nossa busca por esse reconhecimento. Ao contrário, é provável que a cobiça e a vaidade cresçam com o “ter”. Ou seja, é bem possível que a tentação do crime seja maior para quem tem mais do que para quem tem menos.

CALLIGARIS, Contardo. *Folha de S.Paulo*, 27 jun. 2015. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: abr. 2019. Adaptado.

No que se refere a alguns aspectos formais presentes no texto, analise o que se afirma a seguir.

- I. A regência do verbo “preferir” está de acordo com a norma-padrão, no trecho: “Por cobiça, **preferimos** os bens materiais a nossas eventuais virtudes”; apesar de, no português brasileiro, haver uma tendência a seguir outra norma para esse verbo.
- II. O trecho “os que **têm** menos seriam, por assim dizer, famintos” exemplifica um caso em que, segundo a norma-padrão da língua, o verbo ‘ter’ pode ficar no plural, em concordância com ‘os’, ou no singular, em concordância com ‘que’.
- III. Se o trecho “são sociedades em que castas e dinastias exercem uma autoridade contra a qual o indivíduo não pode quase nada” fosse substituído por “são sociedades em que castas e dinastias exercem uma autoridade **à** qual o indivíduo não pode opor-se”, o sinal indicativo de crase seria obrigatório.
- IV. No trecho: “Por **consequência**, nenhum bem pode nos satisfazer, e a insatisfação é parte integrante de nosso modelo cultural.”, ao grafar o termo destacado sem trema, o autor demonstrou atender as orientações do último Acordo Ortográfico. Outras palavras que passaram a ser grafadas sem o trema após a vigência desse documento foram ‘questão’, ‘distinguir’ e ‘extinguir’.

Estão corretas:

- a) I e III, apenas.
- b) I e IV, apenas.
- c) II e IV, apenas.
- d) II, III e IV, apenas.
- e) I, II, III e IV.

20. IFPE

C8-H27

Cultura afro-brasileira e indígena nas escolas

Desde 2008, uma lei tornou **obrigatório** o ensino da **História** e **Cultura Afro-brasileira** e **Indígena** no sistema de ensino do Brasil. A norma, de número 11.645/2008, incluiu o trabalho de **conteúdos** referentes às contribuições dessas duas culturas na formação da sociedade brasileira. Em Santa Maria, essa lei é aplicada através de um projeto de oficinas de **arte-educação** nas **áreas** de dança, teatro e

música chamado “Somos Todos Um Para Uma Cultura de Paz”, realizado pela organização Oca Brasil, além do trabalho regular das escolas na inclusão desses temas em seus **currículos**.

Conforme relata a professora e **antropóloga** Maria Rita Py Dutra, coordenadora pedagógica da Oca Brasil, essa regulamentação aponta para a necessidade de se dar visibilidade aos feitos relacionados ao povo negro e **indígena**, bem como para a importância do **convívio** respeitoso com pessoas de diferentes grupos étnicos e a eliminação do discurso racista, tanto em livros didáticos, quanto no **convívio** diário na escola ou sala de aula.

Maria Rita conta que esse direcionamento contrasta com a forma como era tratado o ensino dessas culturas antes de sua obrigatoriedade: “O ensino da **História** e **Cultura Indígena** era voltado para um índio idealizado, que vivia na taba, caçando e pescando, totalmente deslocado da situação atual do índio brasileiro. No que diz respeito aos afro-brasileiros, ocorria duas situações: ou sua presença era negada, através da invisibilidade (não se falava nele), ou quando se falava, era para reforçar os estereótipos existentes no imaginário social da sociedade brasileira, associados à inferioridade”.

Deste modo, a professora e **antropóloga** explica que a lei está ajudando a se pensar estratégias de mudanças na abordagem, mas que não se pode negar a resistência e falta de subsídios para o trabalho com essa temática. Por outro lado, é possível notar que alunos de ascendência **indígena** e afro-brasileira passam a se ver com mais segurança e **autoestima**, orgulhosos de suas origens.

Ao abordar a atuação do Projeto “Somos Todos Um Para Uma Cultura de Paz”, que realiza suas oficinas com aproximadamente 150 crianças de escolas públicas de Santa Maria desde março, Maria Rita comenta que a iniciativa está sendo bem recebida nas escolas por onde passa: “A Oca trabalha com **arte-educação** e já tem **acúmulo** na **área** da educação das relações **étnico-raciais**. Os alunos são levados a cantar, tocar, construir instrumentos. É um novo paradigma, eles adoram”. [...]

Disponível em: <www.arazao.com.br>. Acesso em: 24 ago. 2013.

Levando em consideração as regras ortográficas da língua portuguesa, incluindo-se o novo Acordo Ortográfico, indique a alternativa correta com relação a alguns vocábulos do texto.

- a) Os vocábulos “arte-educação” e “étnico-raciais” estão registrados conforme a norma ortográfica antiga. Segundo o novo Acordo Ortográfico, não há hífen nessas palavras.
- b) As palavras “obrigatório”, “História”, “convívio” e “conteúdo” recebem acento gráfico pela mesma razão: são paroxítonas terminadas em ditongo.
- c) “Currículo”, “indígena” e “antropóloga” fazem parte de um grupo de palavras – as proparoxítonas – cuja regra de acentuação gráfica não foi alterada pelo Novo Acordo.
- d) Em “autoestima”, o novo Acordo Ortográfico não foi seguido, no que concerne ao emprego do hífen. A palavra deve ser grafada da seguinte forma: **auto-estima**.
- e) Em “acúmulo”, a ausência do acento agudo gera alteração semântica, uma vez que a palavra **acumulo** tem sentido e classe gramatical diferentes. O mesmo ocorre com “área(s)”.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



WAVEBREAKMEDIA/ISTOCK

MATERIAL DE EXECUÇÃO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

LITERATURA

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

23

TERCEIRO MODERNISMO NO BRASIL

- João Guimarães Rosa
- Clarice Lispector
- João Cabral de Melo Neto

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

TERCEIRO MODERNISMO NO BRASIL



Nos anos 1940, o imaginário sobre o sertão é recriado pela literatura.

A chamada terceira geração modernista, conhecida também como geração de 1945, se desenvolve no contexto pós-Segunda Guerra Mundial e de democratização e crescimento econômico do Brasil. Publicações surgidas a partir dos anos 1940 apontavam novos caminhos para a literatura e se afastavam tanto do caráter iconoclasta do modernismo dos anos 1920 quanto do engajamento social e político da literatura de 1930. Propondo reflexões sobre o próprio fazer literário e dialogando com autores estrangeiros do modernismo, a literatura da terceira geração se ocupou da linguagem e formas literárias, propondo novos modos de fazer literatura sem, contudo, tornar essa prática um manifesto, diferentemente dos primeiros modernistas.

Desse modo, a crítica literária trata esse período como a maturidade da nossa literatura, e são três os autores que se destacam: Guimarães Rosa, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto, que se identificam com a exploração das formas e conteúdos literários, ampliando os limites do que se considera literatura e tratando de forma madura e complexa a atividade da escrita, sobre a qual refletem. Na poesia, João Cabral reabilita formas clássicas e investe em pesquisa estética que abrirá horizonte para manifestações vanguardistas posteriores, além de trabalhar temas universais e existenciais com seriedade.

Na prosa, a publicação de *Perto do coração selvagem*, de Clarice Lispector, em 1943, causa estranheza à crítica literária, que se vê diante de um romance inédito em nossa literatura. Segundo o crítico literário Antônio Cândido (1918-2017), no texto “No raiar de Clarice Lispector” (1977), “este romance é uma tentativa impressionante de levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados;” e destaca em seguida

o caráter psicológico e moderno do romance, que se distancia e se distingue do que se produziu no país nas décadas anteriores em termos de literatura. Em 1946, a publicação de *Sagarana*, de Guimarães Rosa, abria o horizonte literário brasileiro para uma produção regionalista cuja principal realização era linguística, ao mesmo tempo em que se afastava do regionalismo realista dos anos 1930.

GUIMARÃES ROSA



EUGÊNIO SILVA/CRUZEIROEM/D.A. PRESS

João Guimarães Rosa, em Cordisburgo (MG).

João Guimarães Rosa, nascido em Cordisburgo (MG) em 1908 e falecido no Rio de Janeiro em 1967, é um dos mais importantes autores de língua portuguesa. Sua obra representa uma revolução no fazer literário brasileiro e encontra ecos na produção de outros autores lusófonos. Estudou Medicina em Belo Horizonte e exerceu a profissão no interior de Minas Gerais. Era também estudioso de línguas e serviu na carreira diplomática, atuando na Alemanha, França e Colômbia. Sua morte se deu três dias após tomar posse na Academia Brasileira de Letras (ABL).

Tendo primeiro escrito poemas, é somente em 1946 que sua obra ganha peso com a publicação de *Sagarana*, livro de contos de teor regionalista que representou uma surpresa para a crítica dada a originalidade da linguagem e da técnica narrativa empregada. O regionalismo, por si só, não representava a força da obra de Rosa, já que entre nós se cultivou o regionalismo desde, pelo menos, os românticos Alencar e Taunay, passando por Euclides da Cunha até chegar em Graciliano Ramos.

Destaque-se do trabalho de Rosa a recriação da linguagem sertaneja, isto é, não se trata apenas de uma representação realista, mas de um trabalho de pesquisa que, partindo da observação da fala sertaneja, recria a língua portuguesa, agregando a ela elementos próprios da poesia, como ritmo, jogos sonoros, neologismos, palavras de diferentes línguas. Outro ponto importante da obra roseana é a transposição dos limites regionais, que alcança dimensão universal, de

modo que as suas 'estórias' – termo que o próprio autor adotava para suas ficções – conseguem tratar de temas da alma humana e aos conflitos e inquietações humanos, sem deixar de localizá-los no habitante do sertão, espaço que, em *Grande sertão: veredas*, é assim de nido: "o sertão é o mundo".

Dez anos depois, o autor traz a público duas novas obras: *Corpo de baile*, novelas reunidas e atualmente publicadas em três volumes, e o romance *Grande sertão: veredas*, considerado sua obra-prima e com grande destaque na literatura universal.

A novidade literária de *Sagarana*, e continuada pelas obras seguintes, estava na recriação da fala do sertanejo, com seu vocabulário, sintaxe e melodia das frases; além de técnicas narrativas como o marrador em 1ª pessoa e o emprego do discursos direto e indireto livre. Assim, o sertanejo deixa de ser objeto de observação e análise e passa ao primeiro plano da narrativa, com sua linguagem presente por completo na obra, trabalho este possível apenas pela dedicação de Guimarães Rosa com base em observações, anotações e pesquisas linguísticas, reunidas atualmente sob tutela da Universidade de São Paulo. (USP).

Os nove contos apresentam características que marcam toda a obra do autor. Em primeiro lugar, as narrativas trazem o espaço regional do sertão mineiro, com citações a lugares conhecidos e características culturais da região, e agregam esse espaço real a certos espaços e acontecimentos imaginários - de maneira geral, sua obra transita nessa fronteira entre real e imaginário. O título da obra, aliás, remete a essa característica: a 'saga' é de origem escandinava e significa 'lenda'; já 'rana' é uma terminação usada na língua tupi e significa 'à maneira de', 'parecido com'; nesse sentido, as histórias apresentadas no livro parecem lendas e podem ter um fundo de verdade.

Em "A hora e a vez de Augusto Matraga", tomamos conhecimento da história de Nhô Augusto, homem herdeiro de grande fortuna e detentor da fama de violento e encrenqueiro. Perde dinheiro, mulher e filha por causa da vida desregrada que leva e vê a morte de perto quando luta com os capangas de seu inimigo, major Consilva, com quem seus empregados foram trabalhar quando viram os rumos da vida de Augusto. Na sua experiência de quase-morte, o protagonista é acolhido por um casal de negros, que cuidam dele e aconselhado por um padre. Grato pelo acolhimento do casal, Augusto decide mudar completamente de vida e passa a ser um homem regrado, dedicado à oração e ao trabalho.

Certa feita, encontra o jagunço Joãozinho Bem-Bem, com quem já havia cruzado e de quem tinha recusado um convite para integrar o bando. Nesse novo encontro, Nhô Augusto decide intervir para evitar uma execução que considera injusta; no momento da briga, sente que sua ira antiga retorna e nesse momento é reconhecido como o antigo violento Augusto Matraga. Morre durante a briga, junto com Joãozinho Bem-Bem.



Ilustração de Poty para *A hora e vez de Augusto Matraga*, na primeira edição de *Sagarana*.

Mas, como tudo é mesmo muito pequeno, e o sertão ainda é menor, houve que passou por lá um conhecido velho de Nhô Augusto – o Tião da Tereza – procura de trezentas reses de uma boiada brava, que se desmanchara nos gerais do alto Urucaia, estourando pelos cem caminhos sem fim do chapadão.

Tião da Tereza ficou bobo de ver Nhô Augusto. E, como era casca-grossa, foi logo dando as notícias que ninguém não tinha pedido: a mulher, Dona Dionora, continuava amigada com seu Ovídio, muito de-bem os dois, com tenção até em casamento de igreja, por pensarem que ela estava desimpedida de marido; com a filha, sim, é que fora uma tristeza: crescera sã e encorpora uma mocinha muito linda, mas tinha caído na vida, seduzida por um cometa, que a levava do arraial, para onde não se sabia... O Major Consilva prosseguia mandando no Murici, e arrematara as duas fazendas de Nhô Augusto... Mas o mais mal-arrumado tinha sido o Quim, seu antigo camarada, o pobre do Quim Recadeiro - “Se alembra?” – Pois o Quim tinha morrido de morte-matada com mais de vinte balas no corpo, por causa dele, Nhô Augusto: quando soube que seu patrão tinha sido assassinado, de mando do Major, não tivera dúvida: ...jurou desforra, beijando a garrucha, e não esperou café coado! Foi cuspir no canguçu detrás da moita, e ficou morto, mas já dentro da sala de jantar do Major, e depois de matar dois capangas e ferir mais um...

ROSA, João Guimarães. *A hora e vez de Augusto Matraga*. In: _____. *Sagarana*. São Paulo: Universal, 1946.

LEITURA COMPLEMENTAR

[As] possíveis significações do nome “Matraga” merece[m] alguns desdobramentos. Sabe-se que a linguagem de Guimarães Rosa pressupõe em relação ao leitor, na maior parte das vezes, uma consciência etimológica ou uma sensibilidade ao significante. O que quererá dizer “Matraga”? Na língua portuguesa, no latim, fora do português? (não era Guimarães Rosa que queria uma língua de antes de Babel?). [Em sua *Mitológica roseana* (São Paulo: Ática, 1978), a professora] Walnice Nogueira Galvão religa o nome de Matraga a “matraca”: um instrumento para produzir barulho, feito com tabuinhas de madeira, nas cerimônias da Semana Santa; e também a “matraquear” – o pipocar de tiros ao final do conto. Mas podemos nos aprofundar: *matraca* vem do árabe *matraq* ou *mitraq* e significa “pau”, “porrete” (lembremo-nos do bordão de Matraga: “Pr’o céu eu vou, nem que seja a porrete!”). Há também uma outra possível alusão: ao francês *matras*, termo originado do celta *mattas*, 88 que significa dardo: uma flecha encorpada. E finalmente, ainda uma possibilidade de derivação, que vou sobremaneira endossar: do termo português *matraz* como vaso alquímico.

MENESES, Adélia Bezerra de. *A hora e a vez de Augusto Matraga ou “de como alguém se torna o que é”*. DTLCC/FFLCH/USP: *Literatura e Sociedade*, v. 12, n. 10, p. 64-80, 6 dez. 2007. (Adaptado.)

Em *Grande sertão: veredas*, o fazendeiro Riobaldo – narrador-protagonista do romance – narra sua vida a um interlocutor não identificado. A obra é um grande monólogo em que Riobaldo rememora as aventuras de jagunços, lutas e perseguições nos sertões de Minas, sul da Bahia e Goiás; ao mesmo tempo, a personagem tece reflexões acerca da vida e da existência ou não do Diabo – com o qual o romance dá a entender que o narrador fez um pacto a fim de vencer o bando inimigo em uma das batalhas do sertão. Trata-se, portanto, de um narrador inquieto e reflexivo, que revisita e busca entender não só os eventos da sua vida de jagunço, mas também os amores e temores de sua vida.

CLARICE LISPECTOR

Nascida em Tchetchelnik, Ucrânia, em 1920, e falecida no Rio de Janeiro em 1977, Clarice Lispector ganhou fama internacional no início do século XXI, sobretudo pelo crescente número de trabalhos acerca de sua obra, que vão de biografias a teses de doutorado. Um de seus principais biógrafos, na atualidade, é o estadunidense Benjamin Moser, que assim define o trabalho da escritora:

É possível perceber que Clarice não tem um lugar óbvio no Brasil. Ela criou um lugar para si mesma, um lugar que é o momento mais alto da história da literatura brasileira. Isso nacionaliza, de certa forma, o idioma que encontramos nos textos dela, porque as pessoas a leem desde o colégio e vão achando normal que Clarice Lispector, nossa glória nacional, fale assim.

Clarice é e não é brasileira. E esse lugar entre ser e não ser é exatamente o lugar das personagens de Clarice.

RODRIGUES, Ana Helena; GABRIEL, Ruan de Sousa. Benjamin Moser: "Clarice Lispector e eu deciframos um ao outro". *Época*. 15 maio 2016. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/05/benjamin-moser-clarice-lispector-e-eu-deciframos-um-ao-outro.html>>. Acesso em: maio 2019.

ARQUIVO/AE



Clarice Lispector em fotografia de 1974.

A peculiaridade da escrita de Clarice, seu destaque na literatura nacional e o entre-lugar de suas personagens foram construídos pouco a pouco, desde seu romance de estreia, *Perto do coração selvagem*, que obrigou a crítica tradicional a rever seus critérios avaliativos diante da novidade literária da autora. Comparada aos grandes nomes da literatura modernista mundial, associada frequentemente à escritora britânica Virginia Woolf, Clarice se vale, frequentemente, de alguns artifícios específicos em sua obra.

Em primeiro lugar, o *fluxo de consciência*, espécie radical de introspecção psicológica que leva em conta não só o ordenado universo mental da personagem, mas também considera o rompimento de barreiras espaço-temporais, no qual podem se confundir o real, o imaginário e o desejo, sem se preocupar com a lógica e a ordem narrativa. Além disso, o termo religioso "epifania", que significa 'revelação', representa um processo comum a personagens da escritora, muitas delas mergulhadas no fluxo de consciência de tal modo que passam a enxergar o mundo e elas próprias de forma diferente; o momento de epifania, em geral, marca valores que se rompem e questionamentos existenciais que se colocam.

Aliás, muito de sua obra parte de sua experiência enquanto mulher, num ambiente familiar de classe média de cidade grande. Sua obra, contudo, extrapola quaisquer limites, propondo reflexões filosóficas e questões existenciais comuns à alma humana de maneira geral; desse modo, pode-se dizer que a sua obra abarca um viés social, filosófico, existencial e metalinguístico.

Romances: *Perto do coração selvagem* (1944); *O lustre* (1946); *A cidade sitiada* (1949); *A maçã no escuro* (1961); *A paixão segundo G. H.* (1964); *Uma*

aprendizagem ou O livro dos prazeres (1969); *Água viva* (1973); *A hora da estrela* (1977); *Um sopro de vida: pulsações* (1978). Contos: *Laços de família* (1960); *A legião estrangeira* (1964); *Felicidade clandestina* (1971). Crônicas: *A descoberta do mundo* (1984). Infantojuvenil: *O mistério do coelho pensante* (1967); *A mulher que matou os peixes* (1968); *A vida íntima de Laura* (1974).

Dos livros de contos, destaque para *Laços de família*, que retrata o dia a dia de mulheres tipicamente classe média da cidade do Rio de Janeiro, com a representação do lugar que ocupam na sociedade: o ambiente doméstico, a maternidade, as questões familiares de disputas femininas e questionamentos existenciais. Em comum a todos os contos, está a epifania, o momento em que diferentes ações – um cego mascarando chiclete ("Amor"), uma rosa plena em sua perfeição ("A imitação da rosa"), o comentário de um filho ("A menor mulher do mundo") – revelam algo que estava obscuro para as personagens. Dessas epifanias, nenhuma personagem sai imune, e todas elas têm a necessidade de se posicionar de algum jeito: seja lutando para seguir em frente, seja aceitando a nova condição que se impõe.

Nesse sentido, o conto "Amor" pode ser tomado como paradigma do livro e da obra da autora. Na história, Ana, dona de casa e mãe, está num bonde voltando para casa depois de fazer compras para o jantar. No caminho, a imagem de um cego mascarando chicletes em um ponto de bonde causa tal estranhamento na personagem que, quando o bonde acelera subitamente, ela deixa cair o saco de tricô onde estavam os ovos que se quebraram – esses elementos ajudam a compor uma cena caótica, mais interior que exterior. Perdida em si mesma, Ana passa do ponto em que desceria para ir para casa e vai parar no Jardim Botânico, onde vive uma experiência com a natureza do parque, como se a separação entre o natural – a natureza – e o artificial – sua vida – deixasse de existir. Voltando para casa, Ana parece não se adequar mais à realidade em que se encaixava e luta, até o fim do conto, para normalizar a vida, o que parece acontecer, mas sem certeza, com a ajuda do marido, no fim do conto.

LEITURA COMPLEMENTAR

Nesse conto – como em toda a obra de Clarice Lispector – convivem oposições inconciliáveis, que não se complementam e são, antes, uma expressão da condição cindida dos personagens, cuja integração e convivência com seu outro, sua diferença, não pode ser suficientemente assimilada e transformada. Na obra clariceana há uma relação de continuidade entre ela e os personagens – seu corpo, o corpo em partes – e o mundo: as coisas, a realidade, também em partes, sendo elas próprias uma mediação, um anteparo entre Clarice e o mundo. Não por acaso, Ana diz ser mais fácil ser santo ("um separado") do que pessoa, dentro e fora do mundo.

RAVELI, Flávia Albergaria. A alteridade na obra de Clarice Lispector a partir da leitura do conto "Amor". IN: *Psicanálise e Barroco em revista*. Rio de Janeiro: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura/UFJF/CNPq, v. 12, n. 1, p. 48-58, jul. 2014.

Vejamos nos primeiros parágrafos do último livro publicado em vida pela autora, uma reflexão metalinguística sobre as dificuldades de narrar a história de Macabéa em *A hora da estrela* (1977).

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.

Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho.

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. Deus é o mundo. A verdade é sempre um contato interior inexplicável. A minha vida a mais verdadeira é irreconhecível, extremamente interior e não tem uma só palavra que a signifique. Meu coração se esvaziou de todo desejo e reduz-se ao próprio último ou primeiro pulsar. A dor de dentes que perpassa esta história deu uma fígada funda em plena boca nossa. Então eu canto alto agudo uma melodia sincopada e estridente – é a minha própria dor, eu que carrego o mundo e há falta de felicidade. Felicidade? Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984..

JOÃO CABRAL DE MELO NETO



CARLOS CHICARINO/AE

João Cabral de Melo Neto, no Rio de Janeiro, em 1992.

Nascido no Recife, em 1920, e falecido no Rio de Janeiro, em 1999, João Cabral de Melo Neto é nome de destaque na chamada geração de 1945. Conhecido

como “engenheiro do verso”, o poeta desenvolveu um estilo próprio que o singulariza entre os poetas modernistas. Sua busca por objetividade, muitas vezes, aproxima seus versos não só da referência a um objeto, mas à sua imitação, de modo a fazê-lo presente no próprio poema. Teve convívio com intelectuais do Modernismo, como Manuel Bandeira e Gilberto Freire – era primo de ambos – e seguiu carreira diplomática, tendo vivido em várias cidades do mundo como Barcelona, Londres e Genebra.

Sua primeira obra, *Pedra do sono*, de 1942, apresenta tendências surrealistas, através das quais já se entrevê a objetividade de sua poesia. É com *Engenheiro*, de 1945, que se afasta do Surrealismo e se apropria de uma exatidão linguística e substantivação que marcarão sua obra. Assim, nas obras posteriores, aprofundam-se essas características junto a outras, como uma preocupação crescente com os problemas sociais do país, uma constante reflexão sobre o fazer artístico e a intensificação do que se convencionou chamar de “linguagem objeto”.

Além de dedicar-se à escrita, João Cabral de Melo Neto fez carreira na diplomacia, tendo morado em cidades como Londres, Marselha, Genebra e Berna. No entanto, de sua vida no exterior, destaca-se a relação do poeta com a Espanha, país no qual viveu em diferentes cidades: Barcelona, Madri e Sevilha. Uma leitura mais detalhada da obra do poeta encontra paralelos entre a região historicamente pobre de Andaluzia e as desigualdades sociais do Brasil, acentuadas pelo descalço político com o Nordeste. Apesar desses paralelos, é notável na obra de Cabral que Sevilha, na Espanha, representa uma utopia, um lugar idealizado e sonhado pelo poeta, como em *Sevilha andando* (1989).

Por outro lado, a chamada metaliteratura de Cabral revela um forte diálogo com a música e a pintura. Tais características a chamada metaliteratura de Cabral revela um forte diálogo com a música e a pintura. Tais características levam a um entendimento de que o leitor implícito, idealizado pelo poeta, era também um artista, literato, escritor, que seria capaz de encontrar nas obras cabralinas a realização artística em sua plenitude.

Destaque-se de seu trabalho poético a ideia de que a poesia não era fruto de inspiração ou emoção, mas sim resultado de um trabalho racional que implica o fazer e refazer do texto para que atinja sua forma adequada. Sua obra mais conhecida é *Morte e vida severina*, poema dramático (auto de Natal, situado no sertão pernambucano) escrito em redondilhas, com ritmo e musicalidade característicos dos autos medievais. A primeira encenação, musicada por Chico Buarque, fez enorme sucesso e é responsável pela popularidade do poeta. No auto, o sertanejo Severino é mais um dos trabalhadores do sertão que se veem obrigados a fugir da seca e da miséria em busca de uma vida melhor na capital de Pernambuco, Recife. Conforme a viagem avança, Severino vê que a paisagem muda,

mas a realidade do trabalhador pobre, não, e então decide se suicidar, até que é dissuadido da ideia por um morador local cujo filho está nascendo.



Registro da primeira encenação de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Melo Neto, no Teatro da Universidade Católica de São Paulo, o TUCA, em Perdizes, na zona oeste da capital paulista.

Psicologia da composição

A Antonio Rangel Bandeira

I

Saio de meu poema
como quem lava as mãos.

Algumas conchas tornaram-se,
que o sol da atenção
cristalizou; alguma palavra
que desabrochei, como a um pássaro.

Talvez alguma concha
dessas (ou pássaro) lembre,
côncava, o corpo do gesto
extinto que o ar já preencheu;

talvez, como a camisa
vazia, que despi.

II

A Lêdo Ivo

Esta folha branca
me proscree o sonho,
me incita ao verso
nítido e preciso.

Eu me refugio
nesta praia pura
onde nada existe
em que a noite pouse.

Como não há noite
cessa toda fonte;
como não há fonte
cessa toda fuga;

como não há fuga
nada lembra o fluir
do meu tempo, ao vento
que nele sopra o tempo.

III

Neste papel
pode teu sal
virar cinza;

pode o limão
virar pedra;
o sol da pele,
o trigo do corpo
virar cinza

(Teme, por isso,
a jovem manhã
sobre as flores
da véspera.)

Neste papel
logo fenecem
as roxas, mornas
flores morais;
todas as fluidas
flores da pressa;
todas as úmidas
flores do sonho.

(Espera, por isso,
que a jovem manhã
te venha revelar
as flores da véspera.)

IV

O poema, com seus cavalos,
quer explodir
teu tempo claro; romper
seu branco fio, seu cimento
mudo e fresco.

(O descuido ficara aberto
de par em par;
um sonho passou, deixando
fiapos, logo árvores instantâneas
coagulando a preguiça.)

V

Vivo com certas palavras,
abelhas domésticas.

Do dia aberto
(branco guarda-sol)
esses lúcidos fusos retiram
o fio de mel
(do dia que abriu
também como flor)

que na noite
(poço onde vai tombar
a aérea flor)
persistirá: louro
sabor, e ácido,
contra o açúcar do podre.

VI

Não a forma encontrada
como uma concha, perdida
nos frouxos areais
como cabelos;

não a forma obtida
em lance santo ou raro,
tiro nas lebres de vidro
do invisível;

mas a forma atingida
como a ponta do novelo
que a atenção, lenta,
desenrola,

aranha; como o mais extremo
desse fio frágil, que se rompe
ao peso, sempre, das mãos
enormes.

VII

É mineral o papel
onde escrever
o verso; o verso
que é possível não fazer.

São minerais
as flores e as plantas,
as frutas, os bichos
quando em estado de palavra.

É mineral
a linha do horizonte,
nossos nomes, essas coisas
feitas de palavras.

É mineral, por fim,
qualquer livro:
que é mineral a palavra
escrita, a fria natureza

da palavra escrita.

VIII

Cultivar o deserto
como um pomar às avessas.

(A árvore destila
a terra, gota a gota;
a terra completa
caiu, fruto!

Enquanto na ordem
de outro pomar
a atenção destila
palavras maduras.)

Cultivar o deserto
como um pomar às avessas:

então, nada mais
destila; evapora;
onde foi maçã
resta uma fome;

onde foi palavra
(potros ou touros
contidos) resta a severa
forma do vazio.

MELO NETO, J. C. *Obra completa*. Rio de Janeiro:
Nova Aguilar, 1994. p. 93-97.

LEITURA COMPLEMENTAR

[Em *A Filosofia da Composição*,] Edgar Allan Poe defendeu a elaboração e a construção do poema em favor de que um efeito fosse surtido, assim como Charles Baudelaire vinculou poesia à beleza e Paul Valéry a percebeu como uma atividade voluntária, todavia, lúcida. Eliot, ao discorrer sobre “tradição”, pensou o poema como nascido da história anterior de outros poemas, logo, da linguagem, não devendo ser, portanto, da ordem das histórias pessoais, mas de uma série de manifestações literárias que atravessaram o tempo e o espaço, nosso Grande Poema novamente.

A figura do corvo no poema “O Corvo”, de Poe, é o sintagma que reúne todas as angústias, tristezas e medos de um homem, ao visitá-lo de madrugada. O corvo perante o homem é um gatilho para suas reflexões mais existenciais, que se mesclam à ambientação da noite e à própria dinâmica do poema. E não, nem me deterei à multiplicidade de figuras semiológicas que entornam o pássaro, pois, já falei da ideia da educação pela noite e penso que se aplique aqui.

A “Psicologia” em vez da “filosofia”, em João Cabral não apenas substitui o sentido de uma palavra por outra, antecipando uma reflexão mais mental, um poema pensado, a *cosa mentale*, mas é o resultado prático do pensamento do poema, enquanto *A Filosofia da Composição* (1845), de Poe, é um texto que explicita esses processos posteriormente. Esse tipo de “desnudamento” da aura do poeta como criador, quando descreve minuciosamente as atividades que foram necessárias à execução do poema não somente o desabilita de seu aspecto sobrenatural como artista, como também enaltece que à poesia a inspiração pura não é suficiente. Assim como João Cabral, Allan Poe rebate a exclusividade da inspiração ou da intuição ao escrever, uma vez que os processos dedicados a isso requerem lapidação e praticidade. Para tanto, Edgar Allan Poe dismantela os caminhos construídos para a execução de “O Corvo” e reflete sobre a extensão, o tom, o tema, o espaço e o eixo do texto; o valor do belo e da verdade no poema; as dinâmicas da montagem do refrão e da necessidade de sua repetição e sobre a ordem da escrita. A ideia de que o poema deve ser iniciado do fim é pela possibilidade de que toda a estrutura a ser desenvolvida gire em torno desse clímax, assim como eu só tenho prontas a introdução e a conclusão desta tese, depois de toda ela já escrita.

SOUZA, Flávia Alves Figueirêdo; FARIA, Alexandre Graça. Das exacerbações metapoéticas ou bem-vindo ao deserto de Anfiom: *Psicologia da composição*, de João Cabral De Melo Neto. *Afluentes*, UFMA/Campus III, v.3, n. 7, p. 184-205, jan./abr.

ROTEIRO DE AULA

TERCEIRO MODERNISMO NO BRASIL

Contexto histórico

A terceira geração modernista brasileira, também conhecida como geração de 1945, vive o contexto pós-Segunda Guerra.

Características

Renovações estéticas na linguagem e na temática.

Na obra de Guimarães Rosa, recriação da linguagem

do sertanejo baseada na observação e no ostensivo estudo linguístico do autor;

Na prosa de Clarice Lispector, por sua vez,

a linguagem é transgredida para dar conta de uma temática que ultrapassa a análise psicológica e a descrição realista, para trabalhando fluxo de consciência e a necessidade de exprimir os mais profundos questionamentos existenciais humanos.

Já na poesia, João Cabral de Melo Neto

inova a linguagem poética ao cultivar o poema substantivo e buscar a objetividade da palavra ao ponto de ela não apenas descrever, mas dar a ver os temas retratados.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Sistema Dom Bosco – O trecho a seguir foi extraído do conto “Conversa de bois”, do livro *Sagarana*, de Guimarães Rosa, reconhecido como grande renovador da expressão literária e por sua contribuição linguística.

- Que é que está fazendo o carro?
- O carro vem andando, sempre atrás de nós.
- Onde está o homem-do-pau-comprido?
- O homem-do-pau-comprido-com-o-marimbondo-na-ponta está trepado no chifre do carro...
- E o bezerro-de-homem-que-caminha-sempre-na-frente-dos-bois?
- O bezerro-de-homem-que-caminha-adiante vai caminhando devagar... Ele está babando água dos olhos...

ROSA, João Guimarães. *Conversa de bois*. In: _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979, p. 317.

- a) Retire do texto um exemplo de renovação da expressão literária de Guimarães Rosa e justifique sua escolha.
- b) Retire do texto um exemplo da contribuição linguística de Guimarães Rosa e justifique sua escolha.

a) Sugestão de resposta – Nota-se, no texto, a perspectiva narrativa dos bois, que puxam um carro; nesse caso, trata-se de uma inovação que aproxima a narrativa de seres não humanos, que adotam sua perspectiva da de humanos, notada pelo modo de descrição dos bois, com vocabulário que poderia ser considerado próprio desses animais.

b) Sugestão de resposta – “bezerro-de-homem” é uma referência a uma criança, filha de um homem, vista sob a perspectiva dos bois, tal qual o bezerro seria o filho do boi, na perspectiva humana.

2. Sistema Dom Bosco – Em texto acerca do Modernismo brasileiro, o crítico literário Antônio Cândido assim descreve o momento literário pós-1945:

Em nossos dias, estamos assistindo ao fim da literatura onívora, infiltrada como critério de valor nas várias atividades do pensamento. Assistimos, assim, ao fim da literatice tradicional, ou seja, da intromissão indevida da literatura; da literatura sem propósito. Em consequência, presenciaremos também a formação de padrões literários mais puros, mais exigentes e voltados para a consideração de problemas estéticos, não mais sociais e históricos.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Ouro sobre Azul: Rio de Janeiro, 2006.

Considerando o momento histórico no qual se insere a chamada deração de 1945, relacione-o às considerações de Antônio Cândido.

Sugestão de resposta – A geração de 1945 se insere no pós-Segunda Guerra e pós-Estado Novo no Brasil. Diferentemente da geração anterior, do modernismo de 1930, os autores pós 1945, não se ocuparam com questões como a seca nordestina e a ausência de políticas públicas, assim como com os horrores da Guerra que se anunciavam durante o combate que se encerra em 1945. Ao contrário, o país assiste a um momento de relativo desenvolvimento e de estabelecimento democrático, bem como ao desgaste da literatura combativa dos anos 1930. Abre-se, assim, espaço para a chamada maturidade literária, com autores preocupados com questões mais estéticas, ou, nas palavras de Cândido, na “formação de padrões literários mais puros, mais exigentes”.

3. IFPE

Laços de família

A mulher e a mãe acomodaram-se finalmente no táxi que as levaria à Estação. A mãe contava e recontava as duas malas tentando convencer-se de que ambas estavam no carro. A filha, com seus olhos escuros, a que um ligeiro estrabismo dava um contínuo brilho de zombaria e frieza assistia.

— Não esqueci de nada? perguntava pela terceira vez a mãe.

— Não esqueci de nada... , recomeçou a mãe, quando uma freada súbita do carro lançou-as uma contra a outra e fez despencarem as malas. — Ah! ah! — exclamou a mãe como a um desastre irremediável, ah! dizia balançando a cabeça em surpresa, de repente envelhecida e pobre. E Catarina?

Catarina olhava a mãe, e a mãe olhava a filha, e também a Catarina acontecera um desastre? seus olhos piscaram surpreendidos, ela ajeitava depressa as malas, a bolsa, procurando o mais rapidamente possível remediar a catástrofe. Porque de fato sucedera alguma coisa, seria inútil esconder: Catarina fora lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe. Apesar de que nunca se haviam realmente abraçado ou beijado. Do pai, sim. Catarina sempre fora mais amiga. Quando a mãe enchia-lhes os pratos obrigando-os a comer demais, os dois se olhavam piscando em cumplicidade e a mãe nem notava. Mas depois do choque no táxi e depois de se ajeitarem, não tinham o que falar – por que não chegavam logo à Estação?

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

O texto reproduz um trecho do conto “Laços de Família”, de Clarice Lispector, retratando um momento peculiar que se repete na obra da autora. A peculiaridade da passagem se justifica porque

- a) ocorre a epifania, momento de revelação, Catarina se redescobre e redescobre a mãe quando o táxi freia e elas se chocam.
- b) há reflexão metalinguística, o que, no conto *Laços de Família*, é representado pela repetição insistente do autoquestionamento de Severina: “Não esqueci de nada?”
- c) o número de personagens é reduzido, permitindo que as características psicológicas de Catarina e Severina, por exemplo, sejam minuciosamente descritas.
- d) a narrativa se dá em primeira pessoa, o que permite amplo espaço para o fluxo de consciência, de Catarina.
- e) ocorre um posicionamento feminista, representado no trecho acima pela comparação entre a mãe e o pai de Catarina.

O choque entre mãe e filha, no carro, representa um momento de revelação para ambas que, embaraçadas pela situação e pela distância de anos subitamente rompida, se redescobrem mutuamente.

4. Sistema Dom Bosco – São características da poesia de João Cabral de Melo Neto:

- a) a dessacralização da poesia, com versos sentimentais ou introspectivos. Sua poesia é presa ao real e direcionada ao intelecto, não às emoções.

- b)** todo o ato de escrever provém da inspiração, fruto de uma investigação íntima que privilegia os sentimentos e o lirismo, bem como a introspecção e o devaneio amoroso.
- c)** o lirismo, que tem raízes no neossimbolismo, concilia humor com temas cotidianos, como infância, vida, morte e amor, com predomínio dos sentimentos.
- d)** costuma ser dividida em quatro fases: *gauche*, social; do “não”; e da memória.
- e)** integra o grupo de poetas religiosos que se formou no Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1940. Sua poesia é dividida em duas fases: transcendental e material.

Conhecido como “engenheiro da palavra”, João Cabral entende a poesia como fruto de trabalho árduo em que não devem predominar emoções, mas a razão, a fim de trabalhar o verso objetivamente.

5. UEL-PR – A próxima questão refere-se ao texto a seguir.

“Ainda estava sob a impressão da cena meio cômica entre sua mãe e seu marido, na hora da despedida. Durante as duas semanas da visita da velha, os dois mal se haviam suportado; os bons dias e as boas tardes soavam a cada momento com uma delicadeza cautelosa que a fazia querer rir. Mas eis que na hora da despedida, antes de entrarem no táxi, a mãe se transformara em sogra exemplar e o marido se tornara o bom genro. ‘Perdoe alguma palavra mal dita’, dissera a velha senhora, e Catarina, com alguma alegria, vira Antônio não saber o que fazer das mãos nas mãos, gaguejar — perturbado em ser o bom genro. ‘Se eu rio, eles pensam que estou louca’, pensara Catarina franzindo as sobrancelhas. ‘Quem casa um filho perde um filho, quem casa uma filha ganha mais um’, acrescentara a mãe [...]”

LISPECTOR, Clarice. *Laços de Família*. 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982. p. 109-111.

Com base no texto, é correto afirmar que Catarina:

- a)** Sente um certo tédio por ser obrigada a participar do episódio de despedida de sua mãe.
- b)** Diverte-se observando o constrangimento do marido e da mãe no episódio da despedida.
- c)** Embora ansiasse pela partida da visitante, sente muita tristeza ao final da visita da mãe.
- d)** Certifica-se de que a mãe e o marido, para sua tristeza, jamais poderiam manter um bom relacionamento.
- e)** Compartilha do sofrimento vivenciado pela mãe e pelo marido na hora em que se despedem.

Tematizando a problemática das relações familiares, Clarice Lispector recorre aqui ao conflito bastante comum entre sogra e genro para mostrar a artificialidade de certos tratos pessoais, como o que ocorre entre a sogra e o genro apenas na hora da despedida.

6. Bahiana-BA

C6-H18

Sobretudo um dia virá em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nãos que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer, que tudo o que eu for será sempre onde haja uma mulher com meu princípio, erguerei dentro de mim o que sou um dia, a um gesto meu minhas vagas se levantarão poderosas, água pura submergindo a dúvida, a consciência, eu serei forte como a alma de um animal e quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas, não levemente sentidas, não cheias de vontade de humanidade, não o passado corroendo o futuro! O que eu disser soará fatal e inteiro!

LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Disponível em: <<http://www.olhardireto.com.br/conceito/colunas&g>>. Acesso em: jan. 2019.

No fragmento da obra *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, o uso do futuro, nas formas verbais que dão progressão ao texto, tem como principal objetivo

- a)** problematizar o porvir como o tempo da hesitação, da insegurança, mas também da força e da satisfação.
- b)** idealizar um futuro marcado pela delicadeza, fragilidade e sensibilidade, características próprias do perfil feminino.
- c)** evidenciar o decidir-se da locutora pelo dever na afirmação positiva à vida, rejeitando os limites do eu, o medo, a dúvida, o atual modo estagnado de viver.
- d)** comparar experiências favoráveis experimentadas no presente narrativo com a instabilidade e a incerteza do que poderá ser vivenciado mais adiante.
- e)** convidar o leitor a refletir sobre as escolhas feitas no momento vivido e as consequências que elas podem acarretar logo a seguir.

O tom eloquente da enunciação apresenta uma expectativa de decisão da narradora, que pretende um futuro decidido e que se sobressaia a quaisquer questões, como medo ou dúvida.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Uepa

(...) Chega mais perto e contempla as
[palavras].
Cada uma tem mil faces secretas sob a face
[neutra]
E te pergunta, sem interesse pela resposta,
Pobre ou terrível, que lhe deres:
Trouxeste a chave? (...)

ANDRADE, Carlos Drummond de. Procura da Poesia. In: _____. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

(...) E as vinte palavras recolhidas
Nas águas salgadas do poeta
E de que se servirá o poeta
Na sua máquina útil.
Vinte palavras sempre as mesmas
De que conhece o funcionamento
A evaporação, a densidade
Menor que a do ar.

MELO NETO, João Cabral de. A lição de Poesia. In: _____. *Antologia poética*. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

As estrofes destacadas revelam que, para Drummond e João Cabral, a criação poética centra-se no(a):

- a) tratamento estético dado à matéria-prima da poesia: a palavra.
- b) inspiração do artista, movido por sentimentos.
- c) nos aspectos formais do poema: metro, ritmo, rima, etc.
- d) na desmontagem da palavra, ao gosto dos concretistas.
- e) na dissociação entre significante e significado.

8. Mack-SP – Leia as afirmações a seguir a respeito da obra de João Cabral de Melo Neto:

- I. A Espanha e suas paisagens ocupam parte importante de sua poesia.
- II. Apresenta preocupação com a estética e a arquitetura da poesia.
- III. A própria arte e suas várias manifestações aparecem como tema constante em seus poemas.

Assinale:

- a) se todas são corretas.
- b) se apenas II e III são corretas.
- c) se apenas I e III são corretas.
- d) se apenas I e II são corretas.
- e) se nenhuma é correta.

9. Fuvest-SP – Texto:

Mas não senti diferença
entre o Agreste e a Caatinga,
e entre a Caatinga e aqui a Mata
a diferença é a mais mínima.
Está apenas em que a terra
é por aqui mais macia;
está apenas no pavio,
ou melhor, na lamparina:
pois é igual o querosene
que em toda parte ilumina,
e quer nesta terra gorda
quer na serra, de caliça,
a vida arde sempre com
a mesma chama mortiça.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro: Tuca. 1955.

Neste excerto, o retirante, já chegado à Zona da Mata, reflete sobre suas experiências, reconhecendo uma diferença e uma semelhança entre as regiões que conheceu ao longo de sua viagem. Considerando o excerto no contexto da obra a que pertence,

- a) explique sucintamente em que consistem a diferença e a semelhança reconhecidas pelo retirante.
- b) Depois de chegar ao Recife, o retirante mudará substancialmente o julgamento que expressa neste excerto? Justifique brevemente sua resposta.

10. Fuvest-SP

E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida,
ver a fábrica que ela mesma,
teimosamente, se fabrica,
vê-la brotar como há pouco
em nova vida explodida;
mesmo quando é assim pequena
a explosão, como a ocorrida;
mesmo quando é uma explosão
como a de há pouco, franzina;
mesmo quando é a explosão
de uma vida severina.

MELO NETO, João Cabral de. *Morte e Vida Severina*. Rio de Janeiro: Tuca. 1955.

- a) A fim de obter um efeito expressivo, o poeta utiliza, em a fábrica e se fabrica, um substantivo e um verbo que têm o mesmo radical.

Cite da estrofe outro exemplo desse mesmo recurso expressivo.

- b) A expressividade dos seis últimos versos decorre, em parte, do jogo de oposições entre palavras.

Cite desse trecho um exemplo em que a oposição entre as palavras seja de natureza semântica.

11. Unicamp-SP – Leia o seguinte trecho do conto “Amor”, de Clarice Lispector.

“Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinação, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento de mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio.”

LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. p. 21-22.

- a) Em textos de Clarice Lispector, é comum que um acontecimento banal se transforme em um momento perturbador na vida das personagens. Considerando o contexto do conto “Amor”, indique que tipo de inquietações o acontecimento narrado acima acarreta na vida da personagem.
- b) A frase “olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê” sugere uma maneira pouco comum de olhar para as coisas. Explique o sentido que tem esse olhar profundo, a partir dali, na caracterização da personagem Ana.

12. Fuvest-SP – Leia o trecho do conto “A hora e vez de Augusto Matraga”, de *Sagarana*, de João Guimarães Rosa, para responder ao que se pede.

E aí o povo encheu a rua, à distância, para ver. Porque não havia mais balas, e seu Joãozinho Bem-Bem mais o Homem do Jumento tinham rodado cá para fora da casa, só em sangue e em molambos de roupas pendentes. E eles

negaceavam e pulavam, numa dança ligeira, de sorriso na boca e de faca na mão.

— Se entregue, mano velho, que eu não quero lhe matar...

— Joga a faca fora, dá viva a Deus, e corre, seu Joãozinho Bem-Bem...

— Mano velho! Agora é que tu vai dizer: quantos palmos é que tem, do calcanhar ao cotovelo!...

— Se arrepende dos pecados, que senão vai sem contrição, e vai direitinho p'ra o inferno, meu parente seu Joãozinho Bem-Bem!...

— Úi, estou morto...

ROSA, João Guimarães. *A hora e vez de Augusto Matraga*. In: _____. *Sagarana*. São Paulo: Universal, 1946.

- a) Nesse trecho, em que se narra a luta entre Nhô Augusto e seu Joãozinho Bem-Bem, os combatentes, ao mesmo tempo em que se agridem, dispensam, um ao outro, um tratamento que demonstra estima e consideração. No âmbito dos valores que são postos em jogo no conto, como se explica esse tratamento?
- b) No trecho, Nhô Augusto é designado como “o Homem do Jumento”. Considerando-se essa designação no intertexto religioso, muito presente no conto, como se pode interpretá-la? Justifique sua resposta.

Texto para as questões 13 e 14.

Sarapalha

— Ô calorão, Primo!... E que dor de cabeça excomungada!

— É um instantinho e passa... É só ter paciência...

— É... passa... passa... passa... Passam umas mulheres vestidas de cor de água, sem olhos na cara, para não terem de olhar a gente... Só ela é que não passa, Primo Argemiro!... E eu já estou cansado de procurar, no meio das outras... Não vem!... Foi, rio abaixo, com o outro... Foram p'ros infernos!...

— Não foi, Primo Ribeiro. Não foram pelo rio... Foi trem-de-ferro que levou...

— Não foi no rio, eu sei... No rio ninguém não anda... Só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a benção... Mas, na estória... Como é mesmo a estória, Primo? Como é?...

— O senhor bem que sabe, Primo... Tem paciência, que não é bom variar...

— Mas, a estória, Primo!... Como é?... Conta outra vez...

— O senhor já sabe as palavras todas de cabeça... “Foi o moço-bonito que apareceu, vestido com roupa de dia-de-domingo e com a viola enfeitada de fitas... E chamou a moça p'ra ir se fugir com ele”...

— Espera, Primo, elas estão passando... Vão umas atrás das outras... Cada qual mais bonita... Mas eu não quero, nenhuma!... Quero só ela... Luísa...

— Prima Luísa...

— Espera um pouco, deixa ver se eu vejo... Me ajuda, Primo! Me ajuda a ver...

— Não é nada, Primo Ribeiro... Deixa disso!

— Não é mesmo não...

— Pois então?!

— Conta o resto da estória!...

— ...“Então, a moça, que não sabia que o moço-bonito era

o capeta, ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa, e foi com ele na canoa, descendo o rio...

ROSA, João Guimarães. *A hora e vez de Augusto Matraga*. In: _____. *Sagarana*. São Paulo: Universal, 1946.

13. **Fuvest-SP** – No texto de Sarapalha, constitui exemplo de personificação o seguinte trecho:

- a) No rio ninguém não anda
b) só a maleita é quem sobe e desce
c) O senhor já sabe as palavras todas de cabeça
d) e com a viola enfeitada de fitas
e) ajuntou suas roupinhas melhores numa trouxa

14. **Fuvest-SP** – Tendo como base o trecho “só a maleita é quem sobe e desce, olhando seus mosquitinhos e pondo neles a **benção**...” o termo em destaque foi empregado ironicamente por aludir ao inseto

- a) causador da malária.
b) causador da febre amarela.
c) transmissor da doença de Chagas.
d) transmissor da malária.
e) transmissor da febre amarela.

15. Enade

Não, não é fácil escrever. É duro como quebrar rochas. Mas voam faíscas e lascas como aços espalhados.

Ah que medo de começar e ainda nem sequer sei o nome da moça. Sem falar que a história me desespera por ser simples demais. O que me proponho contar parece fácil e à mão de todos. Mas a sua elaboração é muito difícil. Pois tenho que tornar nítido o que está quase apagado e que mal vejo. Com mãos de dedos duros enlameados apalpar o invisível na própria lama.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 25.

No trecho do romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, apresenta-se uma concepção do fazer literário, segundo a qual a literatura é

- a) uma forma de resolver os problemas sociais abordados pelo escritor ao escrever suas histórias.
b) uma forma de, pelo trabalho do escritor, tornar sensível o que não está claramente disponível na realidade.
c) um dom do escritor, que, de forma espontânea e fácil, alcança o indizível e o mistério graças a sua genialidade.
d) o resultado do trabalho árduo do escritor, que transforma histórias complexas em textos simples e interessantes.
e) um modo mágico de expressão, por meio do qual se abandona a realidade histórica em favor da pura beleza estética graças à sensibilidade do escritor.

16. **Fatec-SP** – Com relação a *Laços de família*, de Clarice Lispector, é correto afirmar:

- a) A denúncia dos componentes repressivos da instituição familiar volta-se principalmente para a educação moralista recebida pelas mulheres, como se vê em Feliz aniversário.
b) Em O crime do professor de matemática, o narrador ataca o poder de sedução dos professores, na defesa da valorização da moral familiar, alertando contra os perigos do mundo social.
c) Em várias narrativas, a personagem feminina, vivenciando experiências cotidianas, tem revelações fundamentais para sua vida interior.

- d) A força da personagem feminina, em contos como Amor, consiste em transformar suas relações pessoais e familiares a partir de um ato de revolta.
- e) Com personagens pouco habituais, como a galinha e a pigmeia Pequena Flor, o narrador revela que não há valor na cultura primitiva, em comparação à vida das instituições modernas.

17. Fatec-SP

“Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era a mãe. A aniversariante piscou.

Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os.

E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser carne de seu coração, Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despendeada.

Cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e intumescido naquela cabecinha ardente, confusa.

Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh, o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um

bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos.

O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade?

O rancor roncava em seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas.

Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

– Mamãe! gritou mortificada a dona da casa. Que é isso, mamãe!”

LISPECTOR, Clarice. Feliz aniversário. In: _____. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

De acordo com esse trecho, é correto afirmar que a aniversariante:

- a) sente-se revoltada pelo fato de seus familiares divertirem-se enquanto ela sofre.
- b) tem saudades do marido, que a respeitava e a quem ela respeitara.
- c) olha para os familiares e reprova o comportamento e a personalidade deles.
- d) comporta-se de maneira adequada à situação da festa, embora tenha ódio da família.
- e) pensa ter falhado na função de educar os filhos, que se lhe mostram desprezíveis.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C5-H16

Dois parlamentos

Nestes cemitérios gerais
não há morte pessoal.

Nenhum morto se viu
com modelo seu, especial.

Vão todos com a morte padrão,
em série fabricada.

Morte que não se escolhe
e aqui é fornecida de graça.

Que acaba sempre por se impor
sobre a que já medrasses.

Vence a que, mais pessoal,
alguém já trouxesse na carne.

Mas afinal tem suas vantagens
esta morte em série.

Faz defuntos funcionais,
próprios a uma terra sem vermes.

MELO NETO, João Cabral de. *Serial e antes*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

A lida do sertanejo com suas adversidades constitui um viés temático muito presente em João Cabral de Melo Neto. No fragmento em destaque, essa abordagem ressalta o(a):

- a) inutilidade de divisão social e hierárquica após a morte.

b) tom de ironia para com a fragilidade dos corpos e da terra.

c) aspecto desumano dos cemitérios da população carente.

d) nivelamento do anonimato imposto pela miséria na morte.

e) indiferença do sertanejo com a ausência de seus próximos.

19. Enem

C5-H16

Quem é pobre, pouco se apegua, é um giro-o-giro no vago dos gerais, que nem os pássaros de rios e lagoas. O senhor vê: o Zé-Zim, o melhor meeiro meu aqui, risonho e habilidoso. Pergunto: — Zé-Zim, por que é que você não cria galinhas-d’angola, como todo o mundo faz? — Quero criar nada não... — me deu resposta: — Eu gosto muito de mudar... [...] Belo um dia, ele tora. Ninguém discrepa. Eu, tantas, mesmo digo. Eu dou proteção. [...] Essa não faltou também à minha mãe, quando eu era menino, no sertãozinho de minha terra. [...] Gente melhor do lugar eram todos dessa família Guedes, Jidião Guedes; quando saíram de lá, nos trouxeram junto, minha mãe e eu. Ficamos existindo em território baixio da Sirga, da outra banda, ali onde o de-Janeiro vai no São Francisco, o senhor sabe.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Na passagem citada, Riobaldo expõe uma situação decorrente de uma desigualdade social típica das áreas rurais brasileiras marcadas pela concentração de terras e pela relação de dependência entre agregados e fa-

zendeiros. No texto, destaca-se essa relação porque o personagem-narrador:

- a) relata a seu interlocutor a história de Zé-Zim, demonstrando sua pouca disposição em ajudar seus agregados, uma vez que superou essa condição graças à sua força de trabalho.
- b) descreve o processo de transformação de um meeiro — espécie de agregado — em proprietário de terra.
- c) denuncia a falta de compromisso e a desocupação dos moradores, que pouco se envolvem no trabalho da terra.
- d) mostra como a condição material da vida do sertanejo é dificultada pela sua dupla condição de homem livre e, ao mesmo tempo, dependente.
- e) mantém o distanciamento narrativo condizente com sua posição social, de proprietário de terras.

20. Enem

C5-H16

Declaração de amor

Está é uma confissão de amor: amo a língua portuguesa. Ela não é fácil. Não é maleável. [...] A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve. Sobretudo para quem escreve tirando das coisas e das pessoas a primeira capa do superficialismo.

Às vezes ela reage diante de um pensamento mais complicado. Às vezes se assusta com o imprevisível de uma frase. Eu gosto de manejá-la — como gostava de estar montada num cavalo e guiá-lo pelas rédeas, às vezes a galope. Eu queria que a língua portuguesa chegasse ao máximo em minhas mãos. É este desejo todos os que escrevem têm. Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar

para sempre uma herança de língua já feita. Todos nós que escrevemos estamos fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida.

Essas dificuldades, nós as temos. Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada. O que recebi de herança não me chega.

Se eu fosse muda e também não pudesse escrever, e me perguntassem a que língua e queria pertencer, eu diria: inglês, que é preciso e belo. Mas, como não nasci muda e pude escrever, tornou-se absolutamente claro para mim que eu queria mesmo era escrever em português. Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.

LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. Adaptado.

O trecho em que Clarice Lispector declara seu amor pela língua portuguesa, acentuando seu caráter patrimonial e sua capacidade de renovação, é:

- a) “A língua portuguesa é um verdadeiro desafio para quem escreve.”
- b) “Um Camões e outros iguais não bastaram para nos dar para sempre uma herança de língua já feita.”
- c) “Todos nós que escrevemos estamos fazendo do túmulo do pensamento alguma coisa que lhe dê vida.”
- d) “Mas não falei do encantamento de lidar com uma língua que não foi aprofundada.”
- e) “Eu até queria não ter aprendido outras línguas: só para que a minha abordagem do português fosse virgem e límpida.”

24

CONCRETISMO E POESIA PÓS-MODERNA

Concretismo e poesia pós-moderna

- Gênese do movimento (Irmãos Campos e Pignatari)
- Características do movimento
- Desdobramentos do movimento
- Neoconcretismo
- Poema-processo
- Poesia social
- Ferreira Gullar
- Ana Cristina César

HABILIDADES

- Perceber relações existentes entre características discursivas e ideológicas de obras concretistas e o contexto histórico de sua produção, circulação e recepção.
- Justificar os efeitos de sentido produzidos em um texto literário pelo uso de palavras ou expressões de sentido figurado, pela exploração de recursos ortográficos ou morfossintáticos, pelo uso intencional de pontuação expressiva (interrogação, exclamação, reticências, aspas etc.), assim como do espaço da folha em branco e de construções visuais.
- Interpretar textos que articulam elementos verbais e não verbais.

O MUNDO DE LYGIA CLARK-ASSOCIAÇÃO CULTURAL, RIO DE JANEIRO



A arte concreta no Brasil ganha destaque no campo das artes visuais através das obras de Lygia Clark.

CLARK, Lygia. *Superfície Modulada*. 1955. Guache sobre papel; 21,5 × 42,0 cm.

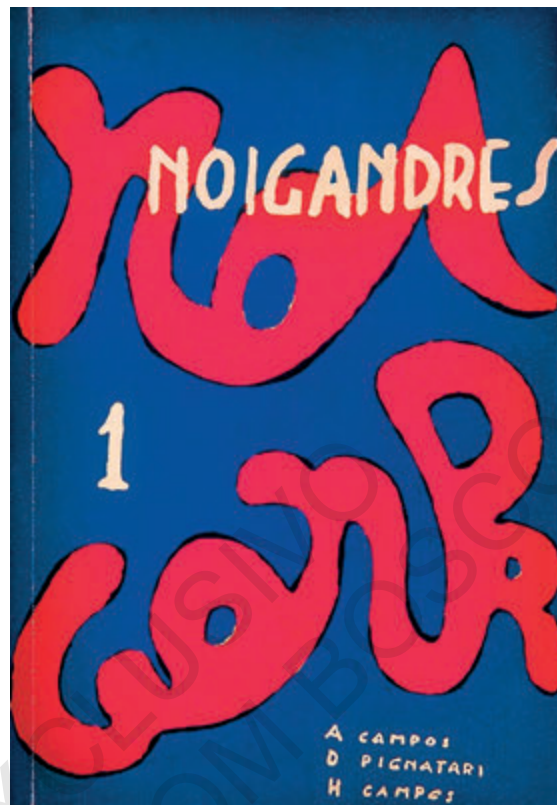
O Concretismo tem origem como desdobramento do abstracionismo plástico que permeou certas expressões das vanguardas artísticas europeias no início do século XX, em que formas geométricas passam a ocupar o centro das obras plásticas, em detrimento de representações figurativas.

Chegando no Brasil como um movimento de vanguarda tardio, o Concretismo foi um dos mais importantes movimentos artísticos e culturais, tendo influenciado poetas, artistas plásticos e compositores nas décadas posteriores à sua consolidação, nos anos 1950. As ideias concretistas são então assimiladas por escritores brasileiros e começam a ser divulgadas em 1952 com a publicação da revista-livro *Noigandres*, com poemas, manifestos e textos teóricos, editada pelos idealizadores do movimento, os poetas Décio Pignatari e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos.

Já nos anos 1956 e 1957, a Exposição Nacional de Arte Concreta, realizada em São Paulo e no Rio de Janeiro, trouxe ao grande público a exibição, em forma de pôsteres, dos poemas dos editores da *Noigandres*, além dos poetas Ferreira Gullar, Wladimir Dias Pinto e Ronaldo Azeredo. O ineditismo do movimento em exposição, que contou ainda com pinturas e esculturas, movimentou a imprensa. Inspirados pelos movimentos de Vanguarda do início do século XX, os concretistas buscavam a construção de poemas-objeto; pela semelhança proposta do processo de escrita com o trabalho industrial, a composição deixaria de ter qualquer caráter subjetivo ou psicológico do autor. Tal qual fizera João Cabral de Melo Neto, os poemas do concretismo pregavam o fim do eu lírico e propunham poemas que falavam por si, como objetos autônomos.

No *plano piloto para poesia concreta*, de 1958, apresentam-se as ideias do movimento que propunha a ocupação do espaço da página pela palavra, abolindo a linearidade do verso e relacionando-o a elementos geométricos, gráficos e visuais. Para tanto, os autores lançavam mão de recursos diversos, como as experiências sonoras – aliterações, paronomásias –, bem como a criação de neologismos e ainda de elementos tipográficos que variavam em tamanho e forma. Além disso, a forma que o poema assume também variava, podendo aproximar-se de qualquer objeto de produção industrial, como um cartão, uma fotografia ou uma colagem.

A importância do Concretismo é validada pelo desencadeamento de diversos movimentos de poesia visual no país, como o *Neoconcretismo*, que defende a participação subjetiva na produção do poema – de modo que ele deixe de ser visto apenas como objeto, como proposto pelo movimento concretista. Dessa dissidência participam artistas como Ferreira Gullar, Hélio Oiticica e Lygia Clark. Outro movimento influenciado pelo Concretismo é o *Poema-processo*, cuja diferença em relação àquele é o uso de símbolos e elementos visuais, tirando o primado da palavra – matéria-prima dos concretistas; no poema-processo, o poema é antes visto, depois lido.



PIGNATARI, Décio. Capa da revista *Noigandres* – 1, 1952. 16 × 23,5 cm. Coleção Omar Khouri, São Paulo, Brasil.

O CONTEXTO



ARQUIVO NACIONAL/AGÊNCIA NACIONAL

Juscelino Kubitschek explica o Plano de Metas (ou Programa de Metas) durante a conferência "O desenvolvimento econômico e as metas do governo", no Clube Militar, no Rio de Janeiro, em 1959.

Esses movimentos que surgiram na poesia brasileira estão relacionados ao momento social e político do país. Nos entornos de 1950 até 1964, o país viveu um período democrático e desenvolvimentista. O Plano de Metas do governo Kubitschek (1956-1961) abriu o país para o capital estrangeiro, trouxe indústrias

e criou empregos na área, bem como na construção de Brasília e na ampliação de comércio e serviços. A vida cultural também se agitou com o surgimento de movimentos nas diferentes artes, como a Bossa Nova. A efervescência política é freada pela instalação no país do regime militar, em 1964 – um regime ditatorial que se estendeu até os anos 1980.

O golpe militar de 1964 não foi suficiente para conter a efervescência cultural do período, que ainda se manifestou no Cinema Novo, no Teatro de Arena, nos festivais de música transmitidos pela televisão e, ainda, na Tropicália. Esse período é encerrado pelo AI-5, em 1968, que institui censura às manifestações culturais e é responsável pelo exílio de artistas, políticos e intelectuais. O Concretismo, surgido nos anos desenvolvimentistas, acaba inspirando também movimentos de resistência cultural, como a poesia social e a poesia marginal.

Irmãos Campos e Décio Pignatari

EDUARDO KNAPP/FOLHAPRESS



Haroldo de Campos, Décio Pignatari e Augusto de Campos, registrados em 29 de novembro de 1996, em São Paulo, durante encontro de comemoração aos 40 anos da exposição de arte concreta.

Augusto de Campos e Haroldo de Campos, ao lado de Décio Pignatari, foram os idealizadores do movimento concretista. Suas obras são caracterizadas pela ideia de poema-objeto, em que as formas da produção industrial invadem a poesia, que se vale do espaço em branco da página para, usando sua matéria-prima – a palavra –, criar um poema que se espalhe pela página, criando uma forma que se relacione com a geometria e que transmita conteúdo por si só, isentando o poema de qualquer caráter subjetivo ou psicológico.

LEITURA COMPLEMENTAR

Buscando romper com o que consideravam tédio institucionalizado na poesia brasileira pela Geração de 45 (chamada por muitos de Geração Neo-parnasiana) e buscando acompanhar os passos da modernidade que cada vez mais embalava o Brasil é que o Concretismo alcança os espaços acadêmicos e intelectuais do país.

A Arte Concreta insere na poesia conceitos recentes referentes à linguística e à psicanálise, como a semiótica e a teoria da Gestalt. As palavras se desapegam de sua estrutura sintática e se transformam em signos – adquirem valores totalizantes e independentes, principalmente aquelas que na morfologia se inserem na classe dos substantivos. Elas perdem, na maioria dos casos, determinados recursos de apoio como os adjetivos, os verbos, os complementos, porém ganham outros – deveras atípicos para a prática da linguagem poética tradicional – a cor, o desenho (muitas vezes geométricos) e, sobretudo, o espaço total da página. O verso – recurso primordial da poesia desde sua origem – passa para um segundo plano, conforme explicam Décio Pignatari, Haroldo e Augusto de Campos em Plano-piloto para poesia concreta, uma espécie de textomanifesto do movimento.

A página e suas possíveis cores, com seu formato, sua dimensão, tornam-se elementos imprescindíveis para a nova estética Concretista, como é o caso do poema “Greve”, de Augusto de Campos, publicado em 1962.



AUGUSTO DE CAMPOS

Poema Greve, 1962, de Augusto de Campos.

CAMPOS, Augusto de. Greve. Disponível em: <www.poesiaconcreta.com>. Acesso em: abr. 2019.

O poema foi inicialmente publicado em duas páginas, dois planos distintos, na revista (também concretista) *Invenção*, e nele podemos identificar os diversos elementos que envolvem essa forma de fazer poesia. A palavra GREVE é repetida diversas vezes e se encontra em primeiro plano no poema – o que dá a ela papel de protagonista dentro do poema. A sua cor, vermelha, simboliza a luta, o comunismo e o socialismo que muito influenciaram e influenciam os movimentos sociais, e nesse caso o sindicalista. No segundo plano da página, um conjunto de palavras dispersas – pois não seguem uma estrutura sintática tradicional – todas em branco com um fundo preto. Porém, pelo seu valor semântico, tornam-se peças fundamentais para um poema que mais pode parecer um quebra-cabeça ou está mais para as

a importância do olho na comunicação mais rápida: desde os anúncios luminosos até as histórias em quadrinhos. a necessidade do movimento. a estrutura dinâmica. o ideograma como ideia básica.

[...]

contra a poesia de expressão, subjetiva. por uma poesia de criação, objetiva. concreta, substantiva. a ideia dos inventores, de ezra pound.

o livro de ideogramas como um objeto poético, produto industrial de consumação. feito à máquina. a colaboração das artes visuais, artes gráficas, tipográficas. a série dodecafônica (anton webern) e a música eletrônica (boulez, stockhausen). o cinema. pontos de referência.

[...]

com a revolução industrial, a palavra começou a descolar-se do objeto a que se referia, alienou-se, tornou-se objeto qualitativamente diferente, quis ser a palavra *flor* sem a flor. e desintegrou-se ela mesma, atomizou-se (joyce, cummings). a poesia concreta realiza a síntese crítica, isomórfica: *jarro* é a palavra jarro e também jarro mesmo enquanto conteúdo, isto é, enquanto objeto designado. a palavra jarro é a coisa da coisa, o jarro do jarro, como ²*la mer dans la mer*. isomorfismo.

[...]

a poesia concreta acaba com o símbolo, o mito. com o mistério. o mais lúcido trabalho intelectual para a intuição mais clara. acabar com as alusões. com os formalismos nirvânicos da poesia pura. a beleza ativa, não para a contemplação. para nutrir o impulso, pound. no máximo: ser raro e claro, como disse o último fernando pessoa. criar problemas justos e resolvê-los em termos de linguagem sensível.

o olhouvido ouvê.

tática: joyce, cummings, apollinaire (como visão, não como realização),

morgenstern, kurt schwitters. estratégia: mallarmé, pound

(junto com fenolosa, o ideograma).

[...]

o oco dos olhos como anel sem gema:
quem julga ler, no rosto humano, OMO
aqui veria facilmente o eme.

a técnica de manchetes e *un coup de dés*. calder e *un coup de dés*. mondrian, a arquitetura, e joão cabral de melo neto. joyce e o cinema. eisenstein e o ideograma.

cummings e paul klee. webern e augusto de campos. a psicologia da gestalt.

o pensamento poético é essencialmente figurado. ele nos põe sob os olhos não a essência abstrata dos objetos, mas sua realidade concreta. hegel.

ideograma crítico nacional:

(títulos de livros *praia oculta*
de poemas publi- *claro enigma*
cados nos últimos *narciso cego*
seis anos) *a obscura efigie*

o poema forma e conteúdo de si mesmo, o poema é.
a idéia-emoção é parte integrante da forma, vice-versa.
ritmo: força relacional.

renunciando à disputa do absoluto, ficamos no campo magnético do relativo perene. a cronomicrometragem do acaso, o controle, a cibernética. a escolha simplesmente humana de uma palavra, ponto-evento.

o fim do claro-escuro, dos botões da sensibilidade apertados na penumbra.

o ideograma regulando-se a si mesmo. ³*feedback*. produzindo novas emoções e novo conhecimento.

nádegas de cristal, órrosa . o jargão lírico do pós-guerra. vegetativo, reacionário.

joão cabral não fez outra coisa senão combater, didático, lúcido,

todas as fluidas
flores da pressa;
todas as úmidas
flores do sonho.

fundar uma tradição do rigor. volpi. para que o artista brasileiro não decaia depois dos 40.

a presente exposição: quase didática. transição do verso ao ideograma.

PIGNATARI, Décio. nova poesia: concreta. In: *ad arquitetura e decoração*, n. 20, São Paulo, novembro/dezembro de 1956. Disponível em: <www.poesiaconcreta.com>. Acesso em: abr. 2019.

¹*un coup de dés*: um lance de dados, em tradução livre.

²*la mer dans la mer*. o mar no mar, em tradução livre.

³*feedback*: no contexto, retroalimentação, em tradução livre.

Ferreira Gullar

ANA CAROLINA FERNANDES/FOLHAPRESS



O poeta Ferreira Gullar, fotografado no Rio de Janeiro, em 2005.

O maranhense Ferreira Gullar, nascido em 1930 e falecido em 2016, além de ter sido jornalista, crítico e teórico de arte, foi uma das figuras emblemáticas da poesia brasileira produzida a partir de fins dos anos 1940. É reconhecido por seu trabalho no Concretismo, tendo integrado a gênese do movimento, dele se afastou por discordâncias teóricas e, nas décadas de 1960 e 1970, engajou-se na política, sobretudo com o agravo do regime militar, em 1968.

LEITURA COMPLEMENTAR

O grupo Opinião

Após o golpe militar de 1964, o grupo de artistas ligados ao Centro Popular de Cultura (CPC) da União Nacional dos Estudantes (posto na ilegalidade), reuniu-se com o intuito de criar um foco de resistência e de protesto àquela situação. Foi então produzido o espetáculo musical *Opinião*, com Zé Kéti, João do Vale e Nara Leão (depois substituída por Maria Bethânia), cabendo a direção a Augusto Boal. O espetáculo, apresentado no Rio de Janeiro em 11 de dezembro de 1964, no Teatro Super Shopping Center, marcou o nascimento do grupo e do espaço teatral que veio a se chamar Opinião. Os integrantes do núcleo permanente eram Oduvaldo Vianna Filho (o Vianninha), Paulo Pontes, Armando Costa, João das Neves, Ferreira Gullar, Thereza Aragão, Denoy de Oliveira e Pichin Plá. “Uma das atividades do CPC era fazer teatro político de rua, como o *Auto do cassetete*, *Auto da reforma agrária*, *Auto do Tio Sam*. “Quando veio o golpe criamos o Grupo Opinião”, afirmou Ferreira Gullar.

Desse modo, em dezembro de 1964, com direção de Augusto Boal, estreava o *show Opinião* (criação de Oduvaldo Vianna Filho, Paulo Pontes e Armando Costa), uma referência no teatro brasileiro contemporâneo. O *show* foi organizado no famoso Zicartola – restaurante do sambista e compositor Cartola e de sua companheira Zica –,

onde ocorriam reuniões de músicos, artistas, estudantes e intelectuais. Foi esse o ambiente catalisador da união de interesses de experientes dramaturgos e músicos, com diferentes estilos e atuações no campo cultural, que resultou num roteiro inédito: um espetáculo musical que continha testemunhos, música popular, participação do público, apresentação de dados e referências históricas, enfim, um mosaico de “canções funcionais” e de tradições culturais. Tanto o enredo quanto o elenco eram notadamente heterogêneos e talvez seja esse o motivo pelo qual o *Opinião* tenha começado sua trajetória com sucesso. O grupo privilegiou, desde a estreia, a forma do teatro de revista, numa mescla de apropriações e ressignificações do “popular” e do “nacional”, abrindo igualmente espaço para apresentações com compositores de escolas de samba cariocas.

Mas não só a junção de música e teatro tornou o *Opinião* uma referência. Sua relevância histórica se evidenciou, entre muitos motivos, graças ao momento no qual foi gerado: a estreia do *show* ocorreu quando o golpe militar ainda não completara um ano de vida e é tida como a primeira grande expressão artística de protesto contra o regime. Também chama atenção a configuração geral do espetáculo que, em forma de arena, não dispunha de cenários, somente de um tablado onde três “atores” encarnavam situações corriqueiras daquele período, como a perseguição aos comunistas, a trágica vida dos nordestinos e a batalha pela ascensão social dos que viviam nas favelas cariocas, tudo isso, acrescentando-se, regado à música que visava alfinetar a consciência do público.

Incluir o(s) marginalizado(s) na cena teatral brasileira não foi um mérito exclusivo do *show*. Contudo, o formato musical e o roteiro não cronológico diferenciavam o *show* pela aproximação que esses elementos propiciavam entre palco e plateia. Como decorrência de toda a sua concepção, o *show Opinião* se calcava no pressuposto de que a representação da realidade se alinha com a perspectiva de “teatro verdade” e implica a criação de um ambiente de comunhão e igualdade entre todas as partes envolvidas no espetáculo, sobretudo o público, como se todos tivessem um denominador comum: estariam irmanados por pertencerem, de maneira inescapável, à mesma realidade.

PARANHOS, Kátia Rodrigues. Dois e dois: quatro: Ferreira Gullar, o grupo Opinião e o Bicho. In: *Baleia na rede* – Estudos em arte e sociedade. v. 9, n. 1, 2012.

Sobre a produção poética de Ferreira Gullar, é importante destacar a pluralidade que compõe seus escritos. O poeta se aproxima do concretismo nos anos iniciais, mas depois opõe-se a eles por conta do excesso de racionalismo; o que já marca duas características de suas obras: o experimentalismo estético e o lirismo – características que para o concretismo eram incompatíveis, uma vez que rejeitavam formas fixas e valorizavam a experiência estética, mas pregavam a “morte do eu lírico”. Além disso, entre os anos 1962 e 1967, por conta

do acirramento das disputas políticas e na sequência o golpe militar, a vertente social de suas composições aproximam-no dos temas da literatura de cordel, gênero com o qual dialoga em composições que narram em versos redondilhos temas da cultura popular.

Dois e dois: Quatro

Como dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
embora o pão seja caro
e a liberdade pequena

Como teus olhos são claros
e a tua pele, morena
como é azul o oceano
e a lagoa, serena

como um tempo de alegria
por trás do terror me acena
e a noite carrega o dia
no seu colo de açucena

— sei que dois e dois são quatro
sei que a vida vale a pena
mesmo que o pão seja caro
e a liberdade, pequena.

GULLAR, Ferreira; OLIVEIRA, Denoy. In: LEÃO, Nara. *Manhã de Liberdade*. Rio de Janeiro: Philips, 1966. LP.

Suas principais realizações poéticas são as obras *Dentro da noite veloz*, de 1975, e *Poema sujo*, de 1976, esta última escrita no exílio, em Buenos Aires. Nos últimos anos de vida, publicou alguns livros e constantemente apresentou artigos para jornais paulistas e cariocas. Em 2014 foi eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Ana Cristina Cesar



Ana Cristina Cesar, poeta e tradutora brasileira, fotografado no Rio de Janeiro, em 1983.

Nascida em 1952, no Rio de Janeiro, onde também faleceu, em 1983, Ana Cristina Cesar trabalhou como tradutora e, na década de 1970, escreveu para revistas e jornais literários. A vida e a obra da autora eram inseparáveis, de modo que em sua poesia, nos fragmentos

de prosa e nas cartas, encontram-se misturados ficção e realidade através de jogos de palavras com o traço confessional da autora de *A teus pés*, publicado em 1982.

Samba-canção

Tantos poemas que perdi.
Tantos que ouvi, de graça,
pelo telefone — taí,
eu fiz tudo pra você gostar,
fui mulher vulgar,
meia-bruxa, meia-fera,
risinho modernista
arranhado na garganta,
malandra, bicha,
bem viada, vândala,
talvez maquiavélica,
e um dia emburrei-me,
vali-me de medidas
(era uma estratégia),
fiz comércio, avara,
embora um pouco burra,
porque inteligente me punha
logo rubra, ou ao contrário, cara
pálida que desconhece
o próprio cor-de-rosa,
e tantas fiz, talvez
querendo a glória, a outra
cena à luz de spots,
talvez apenas teu carinho,
mas tantas, tantas fiz...

CESAR, Ana Cristina. *A teus pés*. São Paulo: Cia das Letras, 1982.

Inserida no contexto dos poetas marginais, também conhecidos como a Geração Mimeógrafo, diferenciava-se dos poetas dessa mesma geração pelo seu apurado senso estético e por um repertório intelectual que a destacava não apenas como poetisa, mas também como crítica literária.

Sobre a chamada Geração de 1970, é preciso lembrar que surge em meio à ditadura militar como forma de crítica contra o regime de exceção e, por conseguinte, contra o campo literário não combativo. Fugindo de padrões estéticos vigentes, os autores não encontravam editoras que os publicassem, de modo que recorriam a modos artesanais de impressão e divulgação dos textos, daí também o epíteto Geração Mimeógrafo, em referência ao objeto de produção de cópias utilizado pelos poetas do período. A linguagem dos autores se valia de gírias, ironias, sarcasmos e coloquialidades; tal criatividade é o grande legado dessa geração que aliava o texto literário a fotografias e quadrinhos, que ajudaram a construir o caráter excêntrico da produção do período e, portanto, localizá-los à margem da chamada “alta literatura”.

LEITURA COMPLEMENTAR

Poesia marginal ou Geração Mimeógrafo



PROJETO HÉLIO OITICICA, RIO DE JANEIRO

A bandeira poema *seja marginal seja herói*, de Hélio Oiticica, pode ser tomada como símbolo da poesia marginal: destacando o anti-herói, Alcir Figueira da Silva, Oiticica provoca seu interlocutor a refletir sobre os valores sociais vigentes em um período de repressão, que impõem a condição de marginal a quem se opõe ao *status quo*.

OITICICA, Hélio. *seja marginal seja herói*. 1968. Serigrafia sobre tecido vermelho; 96 x 114 cm.

Posterior à eclosão das vanguardas literárias brasileiras surge, na década de 1970, a Poesia Marginal. Ao contrário das manifestações de Vanguarda, surgidas nas décadas de 1950 e 1960, que tinham em comum um projeto poético mais ou menos definido, a Marginalia se traduz numa manifestação sem grupo ou programa poético definidos. Não há uma homogeneidade prática ou retórica, e nem mesmo há um trabalho de ordem coletiva ou grupal com um direcionamento contra ou a favor de conceitos estéticos. Existe apenas uma tendência de traços comuns encontrados nos poetas da época: desorganização, desorientação, desinformação, despreocupação, descompromisso, enfim, quase que total displicência. Esta postura adotada pelos poetas marginais é um possível reflexo da época ditatorial que se impunha no Brasil. Ao lado de projetos faraônicos e megalomaniacos do governo, restava pouco espaço às manifestações artísticas e culturais que, mesmo desorganizadamente, apareceram em busca de espaços próprios. Pode-se perceber ainda que há uma aproximação com o Modernismo, guardadas as devidas proporções, se constatarmos que existe uma busca pelo linguajar cotidiano; uma tentativa de agitar a literatura gramatical partindo intencionalmente para a pobreza de expressão numa poesia que busca uma aproximação com o público, em vez de situar-se num espaço restrito de um Olimpo intelectual.

Entra-se na era das Pós-Vanguardas, período em que as manifestações literárias não possuem o ideal da ortodoxia com relação aos princípios poéticos que pregam. Em 1975, Torquato Neto e Waly Salomão são responsáveis pela criação da revista de poesia *Navilouca*, de edição única, que reuniu nomes como Haroldo e Augusto de Campos, Décio Pignatari, Caetano Veloso e Torquato Neto, entre outros. Não há uma tendência por um agrupamento em torno de ideais estéticos delimitados e essa nova poesia passa em seguida a ser conhecida como “poesia marginal”.

O máximo de organização, ou reunião, é encontrada na possibilidade de agrupar os diversos poetas, como Francisco Alvin, Cacaso, Paulo Leminski, Alice Ruiz, Duda Machado, Glauco Mattoso, Waly Salomão, Torquato Neto, Caio Trindade, Glória Perez, Chacal, Lúcia Villaça, Sérgio Gama, Capinam, Charles, Tavinho Paes, que, como muitos outros ainda, possuem um sistema de produção, artesanal, com características idênticas. É este o caso da poesia gerada na década de 1970 e início dos anos 1980: uma legião de poetas que tentam a todo custo levar sua poesia às pessoas. Como ponto de contato há o emprego de um vocabulário baseado na gíria e no chulo, o uso de uma sintaxe atípica às regras gramaticais e próxima do oral e, via de regra, o desconhecimento de estéticas literárias. Há um repúdio ao racionalismo e academicismo das manifestações anteriores, numa busca por uma poesia lúdica, visceral e emocional. Uma das grandes diferenças com as vanguardas literárias é exatamente o fato de que aquelas se baseavam em um sólido embasamento teórico para contrapor suas ideias, sendo portanto um movimento de elites, ao passo que a Poesia Marginal não possui, necessariamente, conhecimento de estética alguma, nem se caracteriza como movimento direcionado contra algo.

Não se trata de uma manifestação específica, idealizada por um grupo e com objetivos definidos. Entretanto há um pipocar literário-social de pessoas e ideias novas que atinge todo o país. Em virtude da dificuldade para publicar livros, os poetas saem do circuito editorial tradicional e todos os meios possíveis de publicação são utilizados: mimeógrafo, cartões-postais, pôsteres, cartazes, muros e paredes. É uma poesia jovem, feita por jovens, para jovens, com um ar de descompromisso, deboche e descontração. É, no Brasil, a evidenciação do chamado *desbunde* – reação coletiva de escapismo à repressão da época. Enfim, é uma manifestação literária em sintonia temporal com o movimento contracultural (questionamento de valores cristalizados como: trabalho, política, religião, casamento, sexo, alimentação e outros) a nível internacional, que propunha meios alternativos de vida. Mais especificamente com a geração *beat* e a *hippie*.

A Poesia Marginal não dialoga, nem pretende, com as elites culturais, responsáveis pelos meios de legitimação cultural. Seu meio de difusão é a rua, os bares, os *shows*, enfim o boca a boca. Foge dos meios acadêmicos, críticos e da comunicação de massa. Sua manifestação poética foge da tentativa de criar qualquer experimentalismo formal ou estético. Parte sim para o coloquial, para o uso de uma linguagem voltada para um público não necessariamente preparado. É uma poesia dinâmica, ágil, direta, simples, despretensiosa e de fácil comunicabilidade. A presença do lúdico visa conceder muito mais prazer ao leitor. É uma poesia espontânea intuitiva e vinculada à vida.

MODRO, Nielson Ribeiro. *A obra poética de Arnaldo Antunes*. Curitiba, 1996 (Dissertação Letras) – Faculdade de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná

ROTEIRO DE AULA

CONCRETISMO E POESIA PÓS-MODERNA

O Concretismo tem origem como desdobramento do

abstracionismo plástico que permeou certas expressões das vanguardas artísticas europeias do início do século XX.

São expressões artísticas em que

as formas geométricas passam ocupar o centro das obras plásticas, em detrimento das representações figurativas.

O movimento se consolida no Brasil da década de

1950,

As ideias concretistas são assimiladas por escritores brasileiros, passando a ser divulgadas com a publicação da revista-livro

Noigandres, em 1952,

editada pelos idealizadores do movimento,

Décio Pignatari, Augusto de Campos e Haroldo de Campos.

As ideias desse movimento são apresentadas em 1958, na publicação do

plano piloto para a poesia concreta,

que propunha

a ocupação do espaço da página pela palavra, abolindo a linearidade do verso, relacionando-o a elementos geométricos, gráficos e visuais.

ROTEIRO DE AULA

A importância do Concretismo é validada pelo surgimento no Brasil de movimentos de poesia visual, como

o Neoconcretismo,

o Poema-processo,

cuja principal diferença em relação ao Concretismo é o fato de

cuja principal diferença em relação ao Concretismo é o fato de

defender a subjetividade como elemento do poema, que pode então

haver uso de símbolos e elementos visuais, de modo que o poema

deixar de ser visto apenas como objeto,

seja visto, antes de lido.

o que permite o estabelecimento de uma poesia concretista de cunho

social,

que dialoga sobretudo com o momento político por que passava o Brasil, tendo como expoente o poeta

Ferreira Gullar,

Além disso, esse movimento sedimenta também o surgimento de expressões artísticas no que ficou conhecido como

Poesia Marginal,

Geração Mimeógrafo,

sendo assim identificada por

sendo assim identificada por

negar o academicismo e as limitações estéticas dos movimentos vanguardistas que o sucedem, mantendo-se à margem de formas de expressão elitizadas.

ser empregado modo de impressão artesanal de suas obras.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

Leia o texto e responda às questões 1 e 2.

O pulsar

AUGUSTO DE CAMPOS



CAMPOS, Augusto de. *Viva vaia* – poesia 1949-1979. São Paulo: Duas cidades, 1979, p. 175.

1. UFJF-MG – Explique como se articula a substituição de letras por outros sinais gráficos na construção do poema concreto “Pulsar”, de Augusto de Campos.

Sugestão de resposta – O autor substitui as vogais “e” e “o” por uma estrela e um círculo, respectivamente, aproveitando, assim, a temática espacial do “pulsar”. Essa analogia se complementa com a variação do tamanho dos sinais, reforçando a imagem visual do poema.

2. Sistema Dom Bosco – Valendo-se ainda do texto de Augusto de Campos, identifique outros elementos que reforçam a imagem visual do poema, em acordo com as proposições da poesia concreta.

Sugestão de resposta – A poesia de Augusto de Campos se espalha em um espaço delimitado maior do que o convencional da escrita linear e no qual as cores foram invertidas, isto é, o que podemos entender como página está em preto e as letras são brancas, reforçando o caráter visual do poema; ainda, a troca de cores remete à visão de um céu escuro no qual brilham estrelas – tema do texto escrito do poema. A tipografia também foge do padrão e busca ser elemento visual de atenção.

3. UFRGS – Considere as seguintes afirmações sobre o Concretismo.

- I. Buscou na visualidade um dos suportes para atingir rupturas radicais com a ordem discursiva da língua portuguesa.
- II. Teve como integrantes fundamentais Haroldo de Campos, Augusto de Campos e Décio Pignatari.
- III. Foi um projeto de renovação formal e estética da poesia brasileira, cuja importância ficou restrita à década de 1950.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I. d) Apenas II e III.
 b) Apenas II. e) I, II e III.
 c) Apenas III.

O poema concreto é sobretudo orgânico, buscando representar graficamente o sentido que enuncia. A ruptura que propuseram os concretistas ao apresentarem poemas visuais tem mais relação com a oposição a uma poética que consideravam “neoparnasiana”, em que a estrutura do poema é menos expressiva.

4. UnB-DF

PHILADELPHO MENEZES



MENEZES, Philadelpho. Exemplo 30. In: _____. *Poética e visualidade: uma trajetória da poesia brasileira contemporânea*. Campinas: Unicamp, 1991, p. 171.

O texto poético pode servir de base ao texto publicitário; porém, às vezes, é este que fundamenta aquele. Relacionando essa observação ao texto anterior, julgue os itens que se seguem e assinale a alternativa falsa:

- a) O texto é uma paródia da embalagem original de um produto popular dos anos 1950, no Brasil.
- b) O modo como foi desenhada a letra inicial “Clicheetes” permite a leitura musical, financeira e política da mensagem.
- c) No texto, “MASCARAR” está para MASCAR assim como “MENTAL” está para MENTA.
- d) Esse texto pode ser entendido como oriundo da literatura que se propagou no Brasil a partir de 1922 como uma espécie de crítica ao imperialismo norte-americano.
- e) O texto enfatiza o visual, em detrimento da função crítica, o que se apresenta praticamente nula.

Somente a alternativa (E) pode ser considerada falsa, uma vez que o texto apresenta, sim, uma função crítica ao parodiar a embalagem de um produto norte-americano (A), inserindo-se numa tradição literária cujas origens datam de 1922 (D); o tom crítico, aliás, está no jogo de palavras (C) e na inserção de símbolos que ajudam a construir a paródia do produto.

5. FDV-BA – Acerca da poesia marginal dos anos 1970, é incorreto afirmar que:

- a) ela se desenvolveu em pleno regime militar, porém não ousou contestar quaisquer valores impostos pela ditadura.
- b) nasceu do interesse de jovens escritores pela poesia justamente após o AI-5 que, dentre outros procedimentos, impôs censura severa aos textos escritos, falados ou cantados.
- c) Ana Cristina Cesar, Chacal, Antônio Carlos Brito, Paulo Leminski são alguns de seus representantes.
- d) foi considerada “marginal”, dentre outros motivos, pela forma como os textos eram distribuídos, ou seja, à margem da política editorial vigente.
- e) alguns textos eram mimeografados, outros xerocopiados ou impressos em antigas tipografias suburbanas.

A poesia marginal, desenvolvida ao longo dos anos 1970, caracterizava-se sobretudo pelo caráter de contestação, o que torna a alternativa (A) incorreta.

6. Enem

C5-H16

da sua memória

mil
e
mui
tos
out
ros
ros
tos
sol
tos
pou
coa
pou
coa
pag
amo
meu

ANTUNES, Arnaldo. *2 ou + corpos no mesmo espaço*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

Trabalhando com recursos formais inspirados no Concretismo, o poema atinge uma expressividade que se caracteriza pela

- a) interrupção da fluência verbal, para testar os limites da lógica racional.
- b) reestruturação formal da palavra para provocar o estranhamento no leitor.
- c) dispersão das unidades verbais, para questionar o sentido das lembranças.
- d)** fragmentação da palavra, para representar o estreitamento das lembranças.
- e) renovação das formas tradicionais, para propor uma nova vanguarda poética.

Neste poema, uma das proposições de Arnaldo Antunes que o aproximam do Concretismo é, justamente, a fragmentação das palavras na composição de cada linha do poema; recurso que mimetiza a fragmentação da memória.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS**7. Unicamp-SP**

[...]

Eu tenho uma ideia.

Eu não tenho a menor ideia.

Uma frase em cada linha. Um golpe de exercício.

Memórias de Copacabana. Santa Clara às três da tarde.

Autobiografia. Não, biografia.

Mulher.

Papai Noel e os maricianos.

Billy the Kid *versus* Drácula.

Drácula *versus* Billy the Kid.

Muito sentimental.

Agora pouco sentimental.

Pensa no seu amor de hoje que sempre dura menos que o seu amor de ontem.

Gertrude: estas são ideias bem comuns.

Apresenta a *jazz-band*.

Não, toca *blues* com ela.

Esta é a minha vida.

Atravessa a ponte.

[...]

CESAR, Ana Cristina. *A teus pés*. São Paulo: Cia das Letras, 1982.

Esse trecho do poema de abertura de *A teus pés*, de Ana Cristina Cesar,

- a) expressa nostalgia do passado, visto que mobiliza referências à cultura pop dos anos 1970.
- b) requisita a participação do leitor, já que as referências biográficas são fragmentárias.

- c) exclui a dimensão biográfica, pois se refere a personagens imaginários e de ficção.
- d) tematiza a descrença na poesia, uma vez que a poeta se contradiz continuamente.

8. Sistema Dom Bosco – Leia o poema de Ana Cristina Cesar.**Mocidade independente**

Pela primeira vez infringi a regra de ouro e voei pra cima sem medir mais as consequências. Por que recusamos ser proféticas? E que dialeto é esse para a pequena audiência de serão? Voei para cima: é agora, coração, no carro em fogo pelos ares, sem uma graça atravessando o Estado de São Paulo, de madrugada, por você, e furiosa: é agora, nesta contramão.

CESAR, Ana Cristina. *Mocidade independente*. In: _____. *A teus pés*. São Paulo: Cia das Letras, 1982.

Assinale a alternativa que elenca características presentes no poema de Ana Cristina Cesar:

- a) poema de inspiração parnasiana, tanto na forma bastante concisa, quanto no conteúdo metalinguístico.
- b) o tom confessional dos poemas de Ana Cristina é deixado de lado nesse poema que privilegia a descrição de uma geração.
- c) no poema de Ana Cristina são notáveis elementos que o aproximam da estética concretista, como a distribuição do poema no espaço da página.
- d) o poema apresenta tom confessional, além de inovações formais como ser escrito em prosa e economizar na pontuação para reforçar a urgência de seu conteúdo.
- e) trata-se de um poema em prosa, diferenciando-se da produção da autora cujo tom lírico e confessional recorre a formas tradicionais da poesia.

9. UFRGS – Leia o poema abaixo, de Décio Pignatari, e considere as afirmações que seguem.

beba	coca	cola
babe	cola	
beba	coca	
babe	cola	caco
caco		
cola		
	c	l o a c a

PIGNATARI, Décio. beba coca cola, 1958. In: _____. *Poesia pois é poesia: 1950-2000*. Cotia, SP: Ateliê Editorial; Campinas-SP: Unicamp, 2004.

- I. Trata-se de um exemplo de poesia concreta, vanguarda do século XX, que alterou radicalmente os recursos materiais da construção poética, valendo-se, inclusive, de técnicas da publicidade.
- II. No poema, o uso do imperativo e o jogo lúdico das aliterações contribuem para denunciar a forma persuasiva e sedutora da mensagem publicitária que induz ao consumo.
- III. O último verso é a síntese da intenção satírica do poema, que desqualifica o produto anunciado e, por extensão, a sociedade de consumo que ele representa.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas II e III.
- e) I, II e III.

Leia o texto O açúcar, de Ferreira Gullar, para responder às questões de 10 a 12.

O açúcar

O branco açúcar que adoçará meu café nesta manhã de Ipanema não foi produzido por mim nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.

Vejo-o puro e afável ao paladar como beijo de moça, água na pele, flor que se dissolve na boca. Mas este açúcar não foi feito por mim.

Este açúcar veio da mercearia da esquina e tampouco o fez o Oliveira, dono da mercearia. Este açúcar veio de uma usina de açúcar em Pernambuco ou no Estado do Rio e tampouco o fez o dono da usina.

Este açúcar era cana e veio dos canaviais extensos que não nascem por acaso no reçoço do vale.

Em lugares distantes, onde não há hospital nem escola, homens que não sabem ler e morrem aos vinte e sete anos plantaram e colheram a cana que viria a ser o açúcar. Em usinas escuras, homens de vida amarga e dura produziram este açúcar branco e puro com que adoço meu café esta manhã em Ipanema.

GULLAR, Ferreira. O açúcar. In: _____. *Toda poesia*. São Paulo: Círculo do livro, 1980.

10. Sistema Dom Bosco – O poema de Ferreira Gullar apresenta crítica social. Identifique, a partir do texto, a crítica apresentada.

11. Sistema Dom Bosco – Que relação é possível estabelecer entre o conteúdo do poema de Ferreira Gullar e as obras de José Lins do Rego?

12. Sistema Dom Bosco – O poema trabalha com oposições e contrastes. Que elemento é contrastado com o açúcar com que o eu lírico afirma “adoçar o café”?

Texto para as questões de 13 a 17.

Não há vagas

O preço do feijão não cabe no poema. O preço do arroz não cabe no poema. Não cabem no poema o gás a luz o telefone a sonegação do leite da carne do açúcar do pão

O funcionário público não cabe no poema com seu salário de fome sua vida fechada em arquivos. Como não cabe no poema o operário que esmerila seu dia de aço e carvão nas oficinas escuras – porque o poema, senhores, está fechado: “não há vagas”

Só cabe no poema o homem sem estômago a mulher de nuvens a fruta sem preço

O poema, senhores, não fede nem cheira

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. p. 162.

13. UEL-PR – Sobre o poema Não há vagas, de Ferreira Gullar, é correto afirmar.

- a) Ao ser aproximada de um ato lúdico como o fazer poesia, a crítica social é atenuada e perde força.
- b) A ruptura com o verso tradicional situa o poema no contexto da primeira geração modernista.
- c) Nota-se uma conjunção entre a reflexão sobre o fazer poético e a preocupação com a realidade social adversa.
- d) A crítica política e a reflexão sobre a literatura presentes no poema configuram exceção na produção poética de Ferreira Gullar.
- e) Trata-se de texto poético que destoa do conjunto da obra Toda poesia por utilizar redondilhas maiores e menores.

14. UEL-PR – Com os versos “O poema, senhores, / não fede / nem cheira”, o poeta

- a) demonstra um procedimento constante do movimento concretista brasileiro, que visava abolir a ideia de poema, degradando-o por meio de expressões vulgares.
- b) exprime sua visão segundo a qual a poesia deveria subordinar as questões poéticas a um projeto de modificação social que fosse realmente eficiente e levasse à formação de uma identidade nacional.
- c) destaca a inutilidade da poesia como elemento de transformação social, de modo que o poema apenas possa atuar como espaço a ser ocupado por questões políticas.
- d) exprime sua impotência frente aos literatos brasileiros que, em plena década de 1930, ainda resistiam a tratar de questões políticas e sociais.
- e) desmistifica o fazer poético e traz a poesia para a realidade cotidiana ao ampliar suas possibilidades expressivas, pelo uso de termos coloquiais.

15. UEL-PR (adaptada) – Acerca da produção poética de Ferreira Gullar, é correto afirmar.

- a) O poeta manteve-se alheio à realidade brasileira, buscando caracterizar sua produção como uma literatura cosmopolita.
- b) Em determinado momento de sua produção, o poeta dialogou com formas populares, como a literatura de cordel.
- c) A constante reflexão sobre a natureza do fazer poético exclui o lirismo da produção de Ferreira Gullar.

d) Ferreira Gullar, opondo-se aos preceitos concretistas, tornou-se um mestre das formas fixas, como o soneto.

e) O poeta evitou tratar de contextos históricos nacionais, em busca de uma poesia que fosse atemporal.

16. Cefet-BA – Identifique as afirmativas verdadeiras com V e as falsas, com F.

A voz poética, nesse texto,

- () sugere a carestia dos gêneros alimentícios e de outros produtos necessários ao dia a dia do ser humano.
- () denuncia a dura realidade enfrentada pelos trabalhadores, que vai do desemprego às péssimas condições de trabalho.
- () critica o funcionalismo público que se submete a uma “vida fechada/ em arquivos”, sem nenhuma perspectiva cultural e promocional.
- () protesta contra aqueles que, em seus poemas, tematizam apenas o mundo irreal: “o homem sem estômago/ a mulher de nuvens/ a fruta sem preço”.
- () procura, com seu discurso, declarar guerra à desigualdade social, numa tentativa de salvar um número incalculável de famílias que nem sequer fazem as três refeições diárias.

A alternativa que contém a sequência correta, de cima para baixo, é a

- a) V V V V V
- b) F F V V F
- c) F V F V V
- d) V V F F V
- e) V V F V F

17. Cefet-BA – Em “O poema, senhores, / não fede / nem cheira”, os versos destacados são a reprodução de um dito popular que expressa a ideia de

- a) indiferença.
- b) insatisfação.
- c) irreverência.
- d) insegurança.
- e) intolerância.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C5-H16

Primeira lição

Os gêneros de poesia são: lírico, satírico, didático, épico, ligeiro.

O gênero lírico compreende o lirismo.

Lirismo é a tradução de um sentimento subjetivo, sincero e pessoal.

É a linguagem do coração, do amor.

O lirismo é assim denominado porque em outros tempos os versos sentimentais eram declamados ao som da lira.

O lirismo pode ser:

- a) Elegíaco, quando trata de assuntos tristes, quase sempre a morte.
- b) Bucólico, quando versa sobre assuntos campestres.

c) Erótico, quando versa sobre o amor.

O lirismo elegíaco compreende a elegia, a nênia, a endecha, o epitáfio e o epicédio.

Elegia é uma poesia que trata de assuntos tristes.

Nênia é uma poesia em homenagem a uma pessoa morta.

Era declamada junto à fogueira onde o cadáver era incinerado.

Endecha é uma poesia que revela as dores do coração.

Epitáfio é um pequeno verso gravado em pedras tumulares.

Epicédio é uma poesia onde o poeta relata a vida de uma pessoa morta.

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

No poema de Ana Cristina Cesar, a relação entre as definições apresentadas e o processo de construção do texto indica que o(a)

- a) caráter descritivo dos versos assinala uma concepção irônica de lirismo.
- b) tom explicativo e contido constitui uma forma peculiar de expressão poética.
- c) seleção e o recorte do tema revelam uma visão pessimista da criação artística.
- d) enumeração de distintas manifestações líricas produz um efeito de impessoalidade.
- e) referência a gêneros poéticos clássicos expressa a adesão do eu lírico às tradições literárias.

19. UFRGS

C5-H16

Sobre as principais características do Concretismo, é incorreto afirmar:

- a) Principal corrente de vanguarda da Literatura Brasileira, o Concretismo foi fortemente influenciado pelas vanguardas europeias do começo do século XX.
- b) O Concretismo foi responsável por marcar um avanço na arte multimídia, pois a poesia passou a ter relação imediata com outras artes.
- c) O Concretismo foi marcado pelas experiências estéticas no campo da linguagem, apresentando poucas inovações em relação à forma.
- d) Uma das principais características do Concretismo foi a ruptura com a estrutura discursiva do verso tradicional.
- e) Entre os recursos da poesia concretista estão: experiências sonoras, emprego de caracteres tipográficos de diferentes formas e tamanhos e criação de neologismos.

20. UFF-RJ

C5-H16

Na década de 1950, surgiu um movimento poético inovador chamado Concretismo – movimento relacionado com as artes plásticas e com a música. Propõe uma poesia não linear ou discursiva, mas espacial. Os concretistas rompem com a sintaxe tradicional e elaboram novas formas de comunicação poética em que predomina o visual, em consonância com as transformações ocorridas na vida moderna, pela influência dos meios de comunicação de massa. A opção que apresenta um texto na linha concretista é:

a)

a onda anda
 aonde anda
 a onda ?
 a onda ainda
 ainda onda
 ainda anda
 aonde?
 aonde?
 a onda a onda

b)

Com seu colar de coral,
 Carolina
 corre por entre as colunas
 da colina.

O colar de Carolina
 colore o colo de cal,
 torna corada a menina.

c)

O poeta municipal
 discute com o poeta estadual
 qual deles é capaz de bater o poeta federal
 Enquanto isso o poeta federal
 tira ouro do nariz.

d)

Seringueiro brasileiro,
Na escuridão da floresta
Seringueiro, dorme.
Ponteando o amor eu forcejo
Pra cantar um cantiga
Que faça você dormir.
Que dificuldade enorme!
Quero cantar e não posso

e)

Raiva o incêndio. A ruir, soltas, desconjuntadas,
As muralhas de pedra, o espaço adormecido
De eco em eco acordando ao medonho estampido,
Como a um sopro fatal, rolam esfaceladas.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

25

PROSA PÓS-MODERNA: CONTO, CRÔNICA E ROMANCE

Prosa pós-moderna

- Cisão da prosa pós-moderna com a tradição da prosa modernista
- Caracterizar os elementos fantásticos e a análise psicológica e social desses textos
- Autores mais celebrados
- Destacar diferença da crônica com o gênero conto
- Pontuar sua relação com a ascensão da imprensa
- Citar início no Brasil, ainda no século XIX, com exemplo de Machado de Assis
- Memorialismo
- Autores mais difundidos: Bernardo Carvalho, Carlos Heitor Cony, Dalton Trevisan, Fernando Sabino, Helena Morley, Luis Fernando Verissimo, Lygia Fagundes Telles, Carolina Maria de Jesus, Martha Medeiros, Moacyr Scliar, Nélide Piñon, Nelson Rodrigues, Pedro Nava e Rubem Braga

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

MARCUS LEONI/FOLHAPRESS



Tenda na cidade de Paraty – RJ, onde ocorre anualmente, desde 2003, a Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). O evento anual reúne nomes importantes da literatura, crítica nacional e internacional e se tornou uma referência da cultura literária no país.

A prosa brasileira, a partir dos anos 1950, é muito diversificada. Com o ineditismo de Clarice Lispector e de Guimarães Rosa, bem como a partir das conquistas do modernismo da primeira metade do século XX, as criações literárias em geral circulam pelo experimentalismo – caso já analisado na poesia, com o concretismo – e, como sempre, funcionam em diálogo com o período histórico vivido. Nesse caso, é importante lembrar que, a partir dos anos 1945, o Brasil vive um período de euforia desenvolvimentista e um período democrático que se encerra em 1964, com o golpe militar que instaura o regime ditatorial, agravado por sua vez pelo AI5, em 1968. Até a década de 1980, o país vive em estado de exceção e, mesmo depois do regime militar, o período ainda ecoa na produção literária, respingando nos dias atuais.

Na prosa de ficção, a segunda metade do século XX e os primeiros anos do século XXI são marcados por um investimento dos autores na narrativa breve. No conto, a produção literária do período se diversifica, mas aprofunda uma tendência dos anos 1940-50: a fragmentação da narrativa – o rompimento, portanto, com a linearidade – e o experimentalismo que, consagrados nas narrativas breves de Lispector e Rosa, desconstrói o ponto de vista e usa a palavra como matéria-prima, empregando-a, muitas vezes, de forma pouco usual. Além disso, por influência de Clarice, expande-se uma análise psicológica das personagens de ficção e, nas trilhas de Guimarães, em diálogo com o realismo mágico da literatura latino-americana, o elemento fantástico marca presença na produção pós-moderna.

Outro gênero em destaque é a crônica. Misto de literatura e jornalismo, a crônica foi difundida em jornais e revistas e ganhou o público por sua brevidade. Seu êxito também se deve à busca no cotidiano da matéria a que se dará o trato literário. Além disso, a crônica concede ao escritor uma liberdade grande, de modo que a abordagem dada ao conteúdo pode circular entre o memorialismo, o lirismo, a política, a social, a policial e a esportiva. A tradição desse gênero na literatura brasileira, desenvolvido por grandes produtores como Machado de Assis e José de Alencar, além de poetas como Drummond e Bandeira, garante espaço reservado em periódicos de todo o país.

Entre os autores consagrados pela forma do conto, destacam-se Dalton Trevisan, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar e Nélide Piñon, entre outros. Já na crônica, o sucesso é de nomes como Carlos Heitor Cony, Fernando Sabino, Luis Fernando Verissimo, Martha Medeiros, Rubem Braga e Nelson Rodrigues.

O romance, na pós-modernidade, é um dos gêneros mais conservadores, em que a tradição realista é ainda a grande linha de força. No entanto, inovações podem ser vistas tanto na inserção de novas temáticas, quanto no resgate de temas já tratados na literatura nacional, mas com abordagens diferentes, em geral mais cruas, adentrando a realidade de forma a romper o limite entre o narrador e o tema narrado – como já trabalhado por Guimarães Rosa.

Entre as novas temáticas romanescas estão a violência dos espaços urbanos, a incorporação do simbólico e do fantástico, e a inserção de grupos marginalizados entre as personagens. A presença de problemáticas relacionadas ao espaço pouco urbanizado segue as tendências da prosa regionalista, já em contexto urbano, além das questões sociais muitas vezes evidenciadas, destaca-se um tom intimista, com introspecção psicológica e preocupações que vão da religião à relação interpessoal. Dos autores pós-modernos e contemporâneos que se dedicaram ao romance estão, entre outros, Chico Buarque, Milton Hatoum e Bernardo Carvalho.

PRINCIPAIS TEMAS E AUTORES

Espaço urbano e violência

ARQUIVO/ESTADÃO CONTEÚDO



Dalton Trevisan.

Autores como João Antonio, Sérgio Sant'Anna, Luiz Vilela, Rubem Fonseca e Luiz Ruffato se destacam por abordar a vida no espaço urbano a partir da perspectiva do ser humano comum, geralmente anônimo; além disso, a temática da violência nas suas mais diversas formas nas cidades também aparece. Um bom exemplo desse viés temático é Dalton Trevisan (Curitiba, 1925-), o qual valoriza os incidentes do cotidiano sofrido do povo curitibano, em uma linguagem popular e direta; conhecido como “vampiro de Curitiba”, graças a sua aversão a aparições públicas, é considerado um dos maiores contistas brasileiros vivos.

Maria pintada de preta

Grandalhão, voz retumbante, é adorado pelos filhos. João não vive bem com Maria ambiciosa, quer enfeitar a casa de brincos e tetéias. Ele ganha pouco, mal pode com os gastos mínimos. Economiza um dinheiro, lá se foi com a asma do guri, um dente de ouro da mulher. Ela não menos trabalhadeira: faz todo o serviço, engoma a roupinha dos meninos, costura as camisas do marido. Inconformada, porém, da sorte, humilhando o homem na presença da sogra.

Para não discutir ele apanha o chapéu, bate a porta, bebe no boteco. Um dos pequenos lhe agarra a ponta do paletó:

— Não vá, pai. Por favor, paizinho.

Comove-se de ser chamado Paizinho. Relutante, volta-se para a fulana: em cada olho um grito castanho de ódio.

— O paizinho vai dar uma volta.

Tão grande e forte, embriaga-se fácil com alguns cálices. Estado lastimável, atropelando as palavras, é o palhaço do boteco. E, pior que tudo, sente-se desgraçado, quer o conchego do corpo gostoso da mulher.

Mais discutem, mais ele bebe e falta dinheiro em casa. Maria se emboneca, muito pintada e gasta pelos trabalhos caseiros. Desespero de João e escândalo das famílias, a pobre senhora, feia e nariguda, canta no tanque e diante do espelho as mil marchinhas de carnaval. Os filhos largados na rua, ocupa da em depilar sobrelance e encurtar a saia — no braço o riso de pulseiras baratas.

[...]

TREVISAN, Dalton. *20 Contos Menores*. Rio de Janeiro: Record, 1979. p. 43.

Intimismo, vida e morte



BRUNO POLETTI/FOLHAPRESS

Lygia Fagundes Telles.

Outro grande nome da literatura pós-moderna no Brasil é Lygia Fagundes Telles (São Paulo, 1923-). Exímia contista, mas também romancista, a autora pertence à Academia Brasileira de Letras e já recebeu diversos prêmios, sendo o mais importante deles o Prêmio Camões, em 2005. Sua obra de tom intimista, geralmente situada no ambiente urbano, tematiza questões íntimas do ser humano; há, também, em grande parte de sua produção, a construção de personagens femininas que se deparam com questões existenciais e também de ordem prática, cujas vidas estão envoltas nos dilemas da mulher do século XX. Algumas dessas características da obra da autora dialogam com temas de Clarice Lispector, mas também com autores pós-modernos, como Caio Fernando Abreu e Nélide Piñon.

Eu aprendi com minha avó a classificar as pessoas em dois grupos nítidos, as pessoas boas e as pessoas más. Tudo disciplinado como o material de um laboratório de química onde o Bem e o Mal (com letra maiúscula) não se misturavam jamais. Às vezes, o Diabo entrava sorrateiro nas casas e vinha espionar por detrás de alguma porta para saber o que estava acontecendo. Mas se via pairando um anjo no teto, enfiava o rabo entre as pernas e ia cabisbaixo arrastar em outra freguesia.

Pensava assim, queria que fosse assim. Tia Consuelo uivando de desejo na dura cama de um convento, tio Maximiliano fazendo dinheiro à custa da mal-amada inglesa, tia Ofélia se matando um mês depois do casamento e minha mãe com seu nome judeu e seu violino — mas que família era essa que ela me apresentava? Gente insegura. Sofrida. Que eu teria amado muito mais do que as belas imagens descritas pela minha avó. Mas tive medo ao descobrir o medo alheio.

Não podia aceitar o medo dessa gente e que parecia maior ainda do que o meu. Fiquei confusa. Aprendera a acreditar na beleza e na bondade sem nenhuma mistura. Tinha o Céu. Mas o Inferno era uma idéia remota, romanticamente ligada à idéia de mendigos e criminosos — toda uma casta de gente encardida, condenada a comer na vasilha dos porcos e a viver nas prisões. Lembrados rapidamente no meu Padre-Nosso. E esquecidos como devem ser esquecidos os pensamentos desagradáveis. “Higiene mental, menina!”, ralhou minha avó quando recusei um bife porque estava com pena do boi. Devia pensar em borboletas quando estivesse mastigando bois e em bois quando espetasse as borboletas com alfinetes, minha professora encomendara um trabalho sobre lepidópteros. “Não quero uma neta vegetariana, o vegetariano é sempre mórbido, Vamos, os bois nasceram para ser comidos, se não por nós, por outros.”

Aprendi desde cedo que fazer higiene mental era não fazer nada por aqueles que despençam no abismo. Se despençou, paciência, a gente olha assim

com o rabo do olho e segue em frente. Imaginava uma cratera negra dentro da qual os pecadores mergulhavam sem socorro. Contudo, não conseguia visualizar os corpos lá no fundo e isso me apaziguava. E quem sabe um ou outro podia se salvar no último instante, agarrado a uma pedra, a um arbusto?... Bois e homens podiam.

TELLES, Lygia Fagundes. O espartilho. In: _____. *A estrutura da bolha de sabão*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

O realismo fantástico

A vertente da prosa que tensiona os limites entre possível e impossível ganhou força na América Latina e, no pós-modernismo, figura no Brasil de forma mais sistemática, com alguns autores como Murilo Rubião, J. J. Veiga e Moacyr Scliar (Porto Alegre, 1937-2011). Autor de romances e cronista assíduo nas páginas dos jornais, é com o conto que Scliar inicia sua carreira literária e nunca o abandona.



O escritor e médico Moacyr Scliar posa para foto na sua casa em Porto Alegre (RS), em setembro de 2010.

[...] mudo de canal. “Não me abandone, Mariana, não me abandone!” Abandono, sim. Não tenho o menor remorso, em se tratando de novelas: zap, e agora é um desenho, que eu já vi duzentas vezes, e — zap — um homem falando. Um homem, abraçado à guitarra elétrica, fala a uma entrevistadora. É um roqueiro. Aliás, é o que está dizendo, que é um roqueiro, que sempre foi e sempre será um roqueiro. Tal veemência se justifica, porque ele não parece um roqueiro. É meio velho, tem cabelos grisalhos, rugas, falta-lhe um dente. É o meu pai.

É sobre mim que fala. Você tem um filho, não tem?, pergunta a apresentadora, e ele, meio constrangido — situação pouco admissível para um roqueiro de verdade —, diz que sim, que tem um filho, só que não o vê há muito tempo. Hesita um pouco e acrescenta:

você sabe, eu tinha de fazer uma opção, era a família ou o rock. A entrevistadora, porém, insiste (é chata, ela): mas o seu filho gosta de rock? Que você saiba, seu filho gosta de rock?

Ele se mexe na cadeira; o microfone, preso à desbotada camisa, roça-lhe o peito, produzindo um desagradável e bem audível rascar. Sua angústia é compreensível; aí está, num programa local e de baixíssima audiência — e ainda tem de passar pelo vexame de uma pergunta que o embaraça e à qual não sabe responder. E então ele me olha. Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha; aparentemente é isso, aparentemente ele está olhando para a câmera, como lhe disseram para fazer; mas na realidade é a mim que ele olha, sabe que em algum lugar, diante de uma tevê, estou a fitar seu rosto atormentado, as lágrimas me correndo pelo rosto; e no meu olhar ele procura a resposta à pergunta da apresentadora: você gosta de rock? Você gosta de mim? Você me perdoa? — mas aí comete um erro, um engano mortal: insensivelmente, automaticamente, seus dedos começam a dedilhar as cordas da guitarra, é o vício do velho roqueiro, do qual ele não pode se livrar nunca, nunca. Seu rosto se ilumina — refletores que se acendem? — e ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele, mas nesse momento zap — aciono o controle remoto e ele some. Em seu lugar, uma bela e sorridente jovem que está — à exceção do pequeno relógio que usa no pulso — nua, completamente nua.

SCLIAR, Moacyr. "Zap". In: MORICONI, Ítalo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 555-556.

Crônica: contemporaneidade literária

Na crônica, os nomes de Fernando Sabino, Luis Fernando Veríssimo e Rubem Braga — este último considerado um grande mestre na arte da crônica —, figuraram nas páginas dos jornais na segunda metade do século XX e início do século XXI. Desafiando o caráter efêmero do jornal, vários desses escritos ganharam versões em livro e, ainda hoje, seguem sendo publicados, seja nos cada vez mais curtos jornais impressos, seja na internet, em sites de grandes veículos de imprensa, nas redes sociais e nos blogs.

A crônica dos últimos 60 anos no Brasil foi tão explorada que talvez seja o gênero com maior diversidade temática. A crônica esportiva, a abordagem política, seja bem-humorada ou crítica, a análise dos comportamentos humanos; esses temas se desdobram em textos que seguem conquistando legião de leitores. Destaque-se, na crônica, dois autores, de dois períodos distintos que, a seu modo, marcam os leitores do gênero, no país.

Nelson Rodrigues (Recife, 1912 — Rio de Janeiro, 1980), jornalista, teatrólogo, articulista e cronista, é co-



O escritor e jornalista Nelson Rodrigues durante entrevista, no ano de 1974..

nhecido por seus textos carregados de dramaticidade e de um lirismo trágico. Nas crônicas, um dos destaques era o futebol, paixão que o acompanhou durante toda a vida. No entanto, seguindo uma tradição de cronistas cariocas que remete à Machado de Assis e passa por João do Rio, Nelson Rodrigues capta no cotidiano da vida carioca, no centro ou nos subúrbios, a matéria de que alimenta sua literatura; além disso, o autor de temperamento polêmico nunca passava despercebido, de modo que seus textos despertavam — e ainda o fazem —, os mais diversos sentimentos.

Flor de obsessão

De vez em quando, alguém me chama de “flor de obsessão”. Não protesto, e explico: — não faço nenhum mistério dos meus defeitos. Eu os tenho e os prezo (estou usando os pronomes como o Otto Lara Resende na sua fase lisboeta). Sou um obsessivo. E, aliás, que seria de mim, que seria de nós, se não fossem três ou quatro idéias fixas? Repito: — não há santo, herói, gênio ou pulha sem idéias fixas.

Só os imbecis não as têm. Não sei por que estou dizendo isto. Ah, já sei. É o seguinte: — recebo a carta de uma leitora. Leio e releio e sinto a irritação feminina. E, justamente, a leitora me atribui a idéia fixa do “umbigo”. Em seguida, acrescenta: — “Isso é mórbido ou o senhor não desconfia que isso é mórbido?”. Corretíssima a observação. Realmente, jamais neguei a cota de morbidez que Deus me deu.

A minha morbidez. Ela me persegue e, repito, ela me atropela desde os três anos de idade. Eu ainda usava camisinha de pagão acima do umbigo. E, um dia, na rua Alegre, apareceram quatro cegos e um guia. Juntaram-se na esquina, na calçada da farmácia, e tocaram violino. Três anos. Quando os cegos partiram, caí de cama. Debaixo dos lençóis, tiritava de tristeza, como de malária. A partir de então, sou um fascinado pelos cegos.

[...]

RODRIGUES, Nelson. *A cabra vadia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 69.



FÁBIO GUINALZ/FOTOARENA

Martha Medeiros.

Martha Medeiros (Porto Alegre, 1961) é uma das principais cronistas brasileiras ainda em atuação. Circulando pela crônica desde 1995, depois de se dedicar à poesia, Martha também já escreveu romances, entre eles *Divã* (2002), adaptado para o cinema e para a televisão. Escrevendo para os jornais Zero Hora e O Globo, a autora publicou em 2018 uma coletânea de mais de 100 crônicas publicadas nos dois periódicos entre 2015 e 2018. Seus temas variam, sendo mais comum as reflexões acerca da vida, do cotidiano e dos relacionamentos interpessoais.

Quando parece que já sabemos direitinho quem somos, um novo dia amanhece e traz hesitação: fica claro que não, que não existe essa história de estar completo, finalizado. Eu sei quem sou até este exato instante em que escrevo, mas antes de terminar este texto há uma chance de tudo mudar. Pode o telefone tocar e eu ser convidada para algo que nunca fiz, ser procurada por alguém que vai mudar minha vida ou golpeada por uma notícia que me amadurecerá. E serei um pouco mais (ou um pouco menos) do que sempre fui, este "sempre fui" tão cheio de ondulações e curvas - minha vida é uma estrada quase sem retas e sem uma pista para acostar.

A cada dia, um fato vira memória, uma pessoa volta do passado, uma ilusão se desfaz, outra desperta, o céu troca de cor, um plano ganha avalista, as vontades confabulam, e eu vou assimilando novos elementos à minha identidade, essa identidade que nunca se conclui. Queria tanto saber quem sou, mas como arriscar uma definição se ainda me restam três ou quatro parágrafos e um punhado de anos pela frente? Tenho duas dúvidas a tirar com um colega com quem iniciei um novo projeto, uma declaração ensaiada para quando estiver frente a frente com alguém que nunca ouviu de mim certos verbos, uma alegria ao antever o encontro com uma amiga que está longe dos meus abraços, fome de algumas coisas

que ainda não provei e umas incertezas que doem e para as quais não há cura enquanto eu não acabar de me entender, e eu não acabo nem quando me deito e durmo.

Eu apago e acordo no sonho, no delírio etéreo de uma noite povoada por desejos inconscientes e mensagens que decifro com dificuldade, há alguma coisa em mim ainda sendo construída, e quando desperto de fato, este dia a mais de vida me encontra ainda mais indefinida.

Então abro a janela e o céu está com uma luz diferente, tenho um receio que não tinha antes e um problema a menos a resolver, um compromisso apressa meu banho e o reflexo do espelho revela que emagreci, descubro uma saudade ampliada de alguém e um desdém que não estava ali, o dia não é o mesmo de ontem e eu já não sou também.

E ao ligar o computador para responder à pergunta de um estudante de Jornalismo que pede para que eu me revele, que eu explique, afinal, quem sou, de preferência com poucas palavras e precisão, invento qualquer bobagem que justifique a que vim, que esclareça como fui parar aqui e ser assim, enquanto trato de espiar as previsões astrais para o meu signo, de lidar com os espantos e o mistério que ainda não elucidei - e diante de tanto "não sei" me deiformo, me reformo, me amoldo, me dilato e admito, ao menos para mim, que sou isso, um eu sem fim.

Martha Medeiros para o site Donna GZH.
Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br>>.

O artista *outsider* no romance pós-moderno

Figura frequente nos romances da primeira década do século XXI, o artista - muitas vezes escritor, às vezes jornalista -, toma a frente na produção de três romancistas de destaque desse período: Chico Buarque, Milton Hatoum e Bernardo Carvalho. Em obras como *Budapeste* (2003) e *Mongólia* (2003), Buarque e Carvalho, respectivamente, tratam da escrita como tema de seus livros, e o fazem inovando inclusive na forma. Enquanto em *Budapeste* Chico Buarque questiona a noção de autor, criando um *ghost writer* como narrador de uma história que não se define muito bem como sendo a sua própria, em *Mongólia*, Carvalho mistura narradores em uma técnica em abismo que confunde as vozes narrativas em uma mescla de diário de viagem e de romance, que coloca em jogo até mesmo o autor - Carvalho viajou para a Mongólia com uma bolsa de criação literária.

Chico Buarque, destaque-se, tem uma carreira artística consolidada na música popular brasileira. Nascido em 1944, no Rio de Janeiro, filho de um dos maiores intelectuais brasileiros, o historiador e sociólogo Sérgio Buarque de Holanda, e da pianista e artista plástica Maria Amélia Cesário Alvim. Entra definitivamente para a música em 1964 e marca seu nome como um dos grandes artistas da música no Brasil. Após algumas incursões pela literatura,

sobretudo em textos teatrais de grande sucesso, publica seu primeiro romance, *Estorvo*, em 1991, seguido de *Benjamin*, de 1995, *Budapeste*, de 2003, *Leite derramado*, de 2009, e *O irmão alemão*, de 2014. Em 2019, pelo conjunto de sua obra, venceu o Prêmio Camões, principal premiação para escritores de língua portuguesa.

Já Milton Hatoum, tanto em *Dois irmãos* (2000), quanto em *Cinzas do norte* (2005), traz narradores que não estão à frente dos acontecimentos, mas que os acompanham à meia distância, do quarto de empregada nos fundos da casa, ou da casa vizinha ao palacete do amigo rico. Marca das poucas e premiadas obras de Hatoum, nascido em Manaus, em 1952, formado em arquitetura e estudioso de literatura comparada, tem passagem pela Sorbonne, pela Universidade da Califórnia (Berkeley), pela Universidade Federal do Amazonas, entre outras. Trabalhou como jornalista e professor e, ainda hoje, contribui como cronista para jornais brasileiros.

Tanto as obras de Hatoum quanto as de Carvalho e Buarque colocam em cena personagens que estão à margem, de alguma forma. Em Hatoum, essa marginalização acontece do ponto de vista social – o filho da empregada ou o escritor/advogado pobre; em Buarque, o *ghost writer* está à margem da autoria, que é assumida por outrem; em Carvalho, seus narradores estão de alguma forma desajustados ou, então, recorrem à narrativa como forma secundária de dar sentido, seja à experiência de viagem, seja ao desejo abortado de ser escritor.



Na capa da primeira edição de *Nove noites*, a fotografia mostra Bernardo Carvalho criança de mãos dadas com um índio da região do Xingu. A inserção de uma foto do autor na obra ajuda a atenuar os limites entre ficção e realidade na obra.

Na linha dos *outsiders*, isto é, esses indivíduos que estão à margem da sociedade ou da própria literatura, está *Nove noites* (2002), romance do carioca Bernardo Carvalho, nascido no Rio em 1960; o autor, que atuou como jornalista e correspondente internacional, estreou na literatura em 1993 com a coletânea de contos *Aberação* e, desde então, já ganhou vários prêmios literários, incluindo o Jabuti em duas edições, e o Portugal Telecom.

Em *Nove noites*, um narrador se depara com uma nota jornalística acerca do suicídio de um antropólogo americano em 1939 e, mais de sessenta anos depois, passa a investigar obsessivamente o caso e, também, confronta a sua própria história. A narrativa costura cartas de um suposto amigo do antropólogo morto e as investigações realizadas pelo narrador, construindo o que se conhece como narrativa em abismo, de modo que há uma tentativa de quebrar os limites entre ficção e realidade. Trata-se de uma obra bem construída e em diálogo constante com o que se produz na ficção contemporânea. No excerto a seguir, é possível verificar dois planos da narrativa. Identificado pelo número 1, trecho de carta de Manoel Perna, engenheiro e suposto amigo do antropólogo morto; no plano identificado pelo número 2, o narrador principal da trama. Note que as narrativas correm em paralelo, mas nunca se encontram.

1. Isto é para quando você vier. É preciso estar preparado. Alguém terá que preveni-lo. Vai entrar numa terra em que a verdade e a mentira não têm mais os sentidos que o trouxeram até aqui. Pergunte aos índios.

Qualquer coisa. O que primeiro lhe passar pela cabeça. E amanhã, ao acordar, faça de novo a mesma pergunta. E depois de amanhã, mais uma vez. Sempre a mesma pergunta. E a cada dia receberá uma resposta diferente. A verdade está perdida entre todas as contradições e os disparates. Quando vier à procura do que o passado enterrou, é preciso saber que estará às portas de uma terra em que a memória não pode ser exumada, pois o segredo, sendo o único bem que se leva para o túmulo, é também a única herança que se deixa aos que ficam, como você e eu, à espera de um sentido, nem que seja pela suposição do mistério, para acabar morrendo de curiosidade.

(...)

2. Ninguém nunca me perguntou. E por isso também nunca precisei responder.

Não posso dizer que nunca tivesse ouvido falar nele, mas a verdade é que não fazia a menor idéia de quem ele era até ler o nome de Buell Quain pela primeira vez num artigo de jornal, na manhã de 12 de maio de 2001, um sábado, quase sessenta e dois anos depois da sua morte às vésperas da Segunda Guerra. O artigo saiu meses antes de outra guerra ser deflagrada. Hoje as guerras parecem mais pontuais, quando no fundo são permanentes. Li várias vezes o mesmo parágrafo e repeti o nome em voz alta para me certificar de que não estava sonhando, até entender — ou

confirmar, já não sei — que o tinha ouvido antes. O artigo tratava das cartas de outro antropólogo, que também havia morrido entre os índios do Brasil, em circunstâncias ainda hoje debatidas pela academia, e citava de passagem, em uma única frase, por analogia, o caso de “Buell Quain, que se suicidou entre os índios krahô, em agosto de 1939”. Procurei a antropóloga que havia escrito o artigo. A princípio, foi seca no telefone. Deve ter achado estranho que alguém lhe telefonasse por causa de um detalhe do texto, mas não disse nada. Trocamos alguns e-mails, que serviram como uma aproximação gradual.

Preferia não me encontrar pessoalmente. Queria ter certeza de que os meus objetivos não eram acadêmicos. Mas mesmo se de início chegou a desconfiar do meu interesse por aquele homem, não perguntou as minhas verdadeiras intenções. Ou, pelo menos, não insistiu em saber as minhas razões. Supôs que eu quisesse escrever um romance, que meu interesse fosse literário, e eu não a contrariei. A história era realmente incrível. Aos poucos, conforme me embrenhava naquele caso com as minhas perguntas, passou a achar natural a curiosidade que eu demonstrava pelo etnólogo suicida. Talvez por discrição e por sentir que, de alguma forma e por uma experiência que ela não teria podido conceber, eu também havia intuído naquele caso algo que mais tarde ela própria me revelaria ter suspeitado desde sempre, quando por fim nos encontramos e ela me fez a pergunta. Foi ela quem me indicou as primeiras pistas.

CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Memória, autobiografia e denúncia



A escritora Carolina Maria de Jesus, em registro de 1960.

Em 1942, Helena Morley – pseudônimo de Alice Dayrell Caldeira Brant – publicou *Minha vida de Menina*, diário da adolescente Helena, que vivia na província de Diamantina no final do séc. XIX. O livro compõe um quadro de costumes da província decadente pós-mineração, além de ser um retrato de um período singular na história do país, descrevendo subjetivamente a reorganização da sociedade mineira após a abolição, além de trazer dilemas da adolescência. O livro de Helena Morley foi celebrado por grandes autores e analisado por importantes críticos literários brasileiros, como Roberto Schwarz.

Em 1960, outra mulher ganharia leitores com a literatura memorialista: Carolina Maria de Jesus. No ano da publicação de *Quarto de despejo*, os exemplares bateram recordes de venda e a autora autografou milhares e milhares de livros; a obra já foi traduzida para mais de 13 idiomas. Tendo como subtítulo “diário de uma favelada”, o texto de Carolina narra o cotidiano de uma mulher negra, mãe e moradora da favela do Canindé, às margens do Rio Tietê, em São Paulo, na década de 1950, e é uma edição dos diários de Carolina escritos entre 1955 e 1960. O sucesso do livro é proporcional à denúncia de uma realidade social dramática que, ainda hoje, faz parte do cotidiano de muitos brasileiros.

13 de maio: Hoje amanheceu chovendo. É um dia simpático para mim. É o dia da Abolição. Dia que comemoramos a libertação dos escravos. ... Nas prisões os negros eram os bodes espiatórios. Mas os brancos agora são mais cultos. E não nos trata com desprezo. Que Deus ilumine os brancos para que os pretos sejam feliz. Continua chovendo. E tenho só feijão e sal. A chuva está forte. Mesmo assim, mandei os meninos para a escola. Estou escrevendo até passar a chuva, para eu ir lá no senhor Manuel vender os ferros. Com o dinheiro dos ferros vou comprar arroz e linguiça. A chuva passou um pouco. Vou sair... Eu tenho tanto dó dos meus filhos. Quando eles vê as coisas de comer eles brada: – Viva a mamãe! A manifestação agrada-me. Mas eu já perdi o hábito de sorrir. Dez minutos depois eles querem mais comida. Eu mandei o João pedir um pouquinho de gordura a Dona Ida. Ela não tinha. Mandei-lhe um bilhete assim: – “Dona Ida peço-te se pode me arranjar um pouco de gordura, para eu fazer uma sopa para os meninos. Hoje choveu e eu não pude ir catar papel. Agradeço. Carolina.” ... Choveu, esfriou. É o inverno que chega. E no inverno a gente come mais. A Vera começou pedir comida. E eu não tinha. Era a reprise do espetáculo. Eu estava com dois cruzeiros. Pretendia comprar um pouco de farinha para fazer um virado. Fui pedir um pouco de banha a Dona Alice. Ela deu-me a banha e arroz. Era 9 horas da noite quando comemos. E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravidão atual – a fome!

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de Despejo*. São Paulo: Ática, 2007. p.109.

Já em 1972, o mineiro Pedro Nava, aos 70 anos de idade, estreava na literatura com *Baú de ossos*, romance autobiográfico que, por sua elaboração estética, é alçado pela crítica a obra artística, escapando de qualquer reducionismo que a biografia do autor poderia trazer. Antonio Candido, crítico literário brasileiro, entende a publicação do romance de Nava como o acontecimento mais importante da época. A obra, mais do que relato autobiográfico, ajuda a compor um panorama da sociedade brasileira do século XX.

LEITURA COMPLEMENTAR

Quem é e sobre o que escreve o autor brasileiro

Amanda Massuela

O perfil do romancista brasileiro publicado por grandes editoras se manteve o mesmo por pelo menos 43 anos. Ele é homem, branco, de classe média, nascido no eixo Rio-São Paulo. Seus narradores, protagonistas e coadjuvantes são em sua maioria homens, também brancos, de classe média, heterossexuais e moradores de grandes cidades.

A conclusão é resultado de um estudo iniciado em 2003 pelo Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea da Universidade de Brasília, sob a coordenação da professora titular de literatura brasileira Regina Dalcastagnè, 50. Dividida em duas etapas – a primeira publicada em 2005 e a segunda com previsão de lançamento até abril de 2018 –, a pesquisa analisou um total de 692 romances escritos por 383 autores em três períodos distintos: de 1965 a 1979, de 1990 a 2004 e de 2005 a 2014. Ainda inéditos, os números anteriores à década de 1990 e posteriores a 2004 são publicados com exclusividade pela CULT.

Apesar de bastante homogêneos, os dados mostram um aumento de 12 pontos percentuais na publicação de romances escritos por mulheres – fato que, por sua vez, não produziu um crescimento significativo na quantidade de personagens femininas. O que salta aos olhos – mas não surpreende –, é a falta de mulheres e homens negros tanto na posição de autores (2%) como na de personagens (6%). Mulheres negras aparecem como protagonistas em apenas seis ocasiões, e outras duas como narradoras das histórias. Mulheres brancas, por sua vez, ocuparam essas posições 136 e 44 vezes, respectivamente. Os autores vivem basicamente no Rio de Janeiro (33%), São Paulo (27%) e Rio Grande do Sul (9%).

Estudiosa do romance brasileiro, doutora em Teoria Literária pela UNICAMP e autora de *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado* (2012), entre outros títulos, Dalcastagnè atribui esse desequilíbrio ao próprio campo literário, que produz um ciclo vicioso de publicações homogêneas, escritas do ponto de vista de uma classe média autorreferente e “entediante”. “Quando as grandes editoras publicam livros que tratam sempre dos mesmos temas e trazem um perfil de autor muito parecido, estão dizendo ao leitor o que é considerado literatura e quem pode ser chamado de escritor no Brasil”, critica.

[...]

A literatura brasileira vem reproduzindo padrões de exclusão da própria sociedade?

Exato. Fala-se muito sobre isso no cinema, no jornalismo, na publicidade, mas não na literatura, como se ela estivesse à parte das críticas, como se fosse intocada, uma arte superior. Quando na verdade ela é mais um discurso social, mais um discurso que está aí para ser contestado e debatido. A pesquisa mostra como o perfil dos autores e das personagens é de classe média – e cada vez mais vemos como a classe média é entediante. É tudo muito repetitivo, os enredos, as preocupações, as cidades; muito pouco variado, sem graça. Por que temos tão poucos protagonistas cabeleireiros, manicures, bancários, motoristas de ônibus? Outros universos que não aqueles que já conhecemos, tão batidos. O terrível é que, quando essas personagens aparecem, são sempre colocadas em um papel inferior na narrativa, são subalternas, construídos de forma estereotipada, como se não tivessem outras preocupações que não envolvessem comida, emprego, dinheiro. Sempre me incomoda muito quando alguém diz que a pessoa é “simples” para dizer que ela é pobre. E é essa a ideia que aparece na literatura, uma vez que pessoas pobres são retratadas como personagens simples quando na verdade poderiam ser ex-

tremamente complexas. Isso não quer dizer que não haja personagens interessantes em alguns desses livros. Mas a perspectiva geral das obras é de classe média, e fala muito sobre como essas pessoas são vistas ou pouco vistas, porque no Brasil existe esse muro social. Convive-se pouco com pessoas de outras classes, e mesmo quando se convive, não se enxerga quem elas são.

Há autores que consideram essas preocupações uma espécie de “patrulha” literária.

Isso é triste, porque quando falamos que é importante ler mulheres, ler autoras e autores negros, muitos escritores homens e brancos se sentem ressentidos, como se estivéssemos dizendo que eles não devem ser lidos. É uma autodefesa desnecessária. Há espaço para todo mundo. O que se está dizendo é: vamos incluir outras coisas, ler outras coisas. A sua visão de mundo pode ser ótima e interessante, mas ela precisa compor um mosaico, não pode ser única. Algumas pessoas lidam com isso muito bem enquanto outras se sentem realmente ofendidas, como se estivessem sendo desprezadas. A questão é que se precisamos pensar em uma literatura brasileira, uma literatura que fale de nós, vivendo neste país, neste momento, precisamos pensá-la como um mosaico. Composta por várias perceptivas, vista de ângulos diferentes. Só isso pode enriquecer a nossa produção e dar conta, minimamente, da complexidade da vida contemporânea. Há uma ideia de literatura com “L” maiúsculo, que no final das contas não passa de uma literatura masculina e branca, já que toda a produção que não passa por esse lugar se torna adjetivada: feminina, negra, periférica, marginal. Insisto que temos que pensar em termos de literaturas, sem L maiúsculo, e acabar com essa ideia de literatura “universal” para pensar num conjunto muito mais vivo e pulsante.

O autor brasileiro retratado na pesquisa não quer ou não se sente “autorizado” a escrever ficção sob determinadas perspectivas sociais e de gênero?

As duas coisas. A minha impressão é que as pessoas acabam escrevendo apenas sobre o que conhecem. Então é claro que os homens se sentem mais à vontade para escrever protagonistas masculinos com personagens femininas um pouco mais estereotipadas. E se a gente for parar para pensar, uma vez que existe muito mais literatura sobre homens, talvez até as mulheres quando escrevem tenham mais facilidade para construir protagonistas homens mais consistentes do que os homens para escrever mulheres. A pesquisa mostra que quando a obra é escrita por mulheres, temos quase 50% de personagens homens. Mas talvez, neste contexto de escrever sobre o que se conhece, falte um pouco mais de pesquisa por parte dos autores, e um pouco mais de atenção das editoras à produção do Amazonas, do extremo sul do país, do interior do Nordeste.

A construção dessa literatura como “mosaico” está bastante ligada à questão da autoria, como mostra a pesquisa. Corre-se o risco de confinar mulheres e autoras e autores negros, por exemplo, a certos eixos temáticos?

Sem dúvida. É algo bastante complexo. A inclusão de outros nomes, de outras perspectivas, não implica a produção de um texto superior, autêntico. Eles podem inclusive repetir estereótipos. E me parece importante reforçar sempre que mulheres negras não deveriam ser obrigadas a escrever só sobre mulheres negras, da mesma forma que moradores do Nordeste não são obrigados a escrever sempre sobre essa região. A ideia é que as pessoas não falem só sobre a sua experiência, mas também tragam a sua perspectiva social sobre a experiência do outro. Por que uma mulher negra não poderia escrever um romance sobre mulheres e homens brancos de elite? O problema, hoje, é que aparentemente só homens brancos, de elite, de São Paulo e do Rio de Janeiro podem escrever sobre tudo, e isso é problemático.

A disseminação da agenda feminista e dos movimentos negros, na academia e fora dela, vem alterando o perfil de publicação e de consumo de literatura?

Acho que vem acontecendo. Talvez porque muitas coisas hoje não passem só pelas grandes editoras e por grandes jornais. Também tem a ver com a última década de investimento nas universidades públicas, com a política de cotas. Houve um avanço, há muitos alunos negros no mestrado, no doutorado, na graduação, algo que não existia há vinte anos. Eu entrava na sala de aula do curso de Letras da UnB e só tinha branco. Vemos mais mulheres, negros e pessoas vindas das periferias próximas deste universo de construção do discurso. E isso muda o perfil do interesse na literatura.

ROTEIRO DE AULA

PROSA PÓS-MODERNA

Contexto histórico

A chamada prosa pós-moderna se desenvolve a partir do contexto

desenvolvimentista dos anos 1950

e continua na ditadura militar no Brasil

instaurada pelo golpe de 1964.

Em 1968, o estabelecimento do AI-5

aumenta a pressão sobre grupos sociais e culturais, endurecendo ferramentas de censura que lançam grande parte dos intelectuais na marginalidade, obrigando muitos a se exilar fora do país ou a viver na clandestinidade.

Com o fim da ditadura militar em 1985,

e o fim da censura, o país retoma a democracia

e, nos anos 2000,

o crescimento econômico acompanha certa internacionalização do país; todos esses fatores ajudam a formar o panorama em que se inscreve a prosa pós-moderna.

Características gerais

A produção em prosa do período pós-moderno é marcada pela diversidade de

gêneros, formas e temáticas.

ROTEIRO DE AULA

Na narrativa curta, alguns mestres do conto como

Dalton Trevisan e Lygia Fagundes Telles

relacionam-se com a tradição literária ao passo que outros

inovam nas formas e temáticas.

A crônica representada por autores como

Rubem Braga, Nelson Rodrigues e Martha Medeiros

segue a tradição do gênero na literatura brasileira e ganha cada vez mais espaço

nos periódicos e nas estantes, abordando assunto tão variados: do futebol à política, passando pelos relacionamentos interpessoais e

questões existenciais.

O romance, por sua vez, ainda que conservando muito da tradição, ganha novas abordagens: o espaço

urbano ganha cada vez mais atenção, ao lado da prosa intimista, que convida à reflexão,

e ganha nuances de fantástico com toques de realismo mágico em diferentes autores como

Moacyr Scliar.

No século XXI, uma tendência vista no romance da primeira década é a temática

do fazer literário e a marginalização do trabalho do escritor, colocado ou como uma figura fora do meio social dominante – sendo, portanto,

um observador atento ao que se passa no “centro” – ou como excêntrico, figura que destoa da norma em algum sentido.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

Leia o texto a seguir para responder às questões 1 e 2.

Tantos anos depois, Paris parece tão distante

Que distração: em abril de 1989 publiquei meu primeiro romance, cujo esboço inicial foi feito em dezembro de 1980 e nos primeiros meses de 1981. O relato seria um conto, mas foi crescendo com o calor da viagem sinuosa e atropelada da escrita.

Às vezes, quando essa viagem é interrompida, você diz a si mesmo que é uma pausa provisória, mas há textos que ficam no meio do caminho e são abandonados ou esquecidos: assuntos que não dão certo, temas ou questões que não se desdobram e morrem nas primeiras páginas. Na verdade não é o tema que morre, e sim a forma, a arquitetura, o projeto que não vinga. Mas aquele conto expandiu-se, uma voz puxava outra, vezes tão intrometidas que nem sei de onde vinham. Quando me dei conta, já tinha escrito mais de cem páginas no quarto parisiense que eu havia alugado por uma bagatela, um quartinho pouco arejado cuja única vantagem era situar-se no Marais.

HATOUN, Milton. *Um solitário à espreita*: crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

O trecho da crônica de Milton Hatoum, reproduzido acima, dialoga com questões caras ao próprio romancista, bem como a autores como Chico Buarque e Bernardo Carvalho. Tais questões estão ligadas à concepção que alguns romancistas dos primeiros anos do século XXI têm do trabalho do escritor e do lugar deste na sociedade.

- 1. Sistema Dom Bosco** – Buscando exemplos do texto, indique de que maneira o trabalho do escritor é concebido por Milton Hatoum.

Sugestão de resposta – Ao explicar sobre “textos que ficam no meio do caminho”, e mostrando o que acontece com um escrito que não deu certo, Hatoum expõe o ideal de trabalho do escritor, que envolve “a forma, a arquitetura, o projeto” de um texto, associado a “vozes tão intrometidas que nem sei de onde vinham” de modo que podemos entender que, para o autor, o trabalho do escritor envolve o projeto sobre o qual ele trabalha e a inspiração que o permite criar.

- 2. Sistema Dom Bosco** – Também do texto de Hatoum, retire exemplos que ilustrem o lugar do escritor na sociedade contemporânea, conforme a visão do próprio autor.

Sugestão de resposta – No último período do trecho, Milton Hatoum expõe o local onde ele escreve seu primeiro romance: um quarto que, mesmo sendo em Paris e no badalado bairro do Marais, é pouco arejado e alugado por um preço módico. De certa forma, Hatoum retoma uma temática que se vê trabalhada nos seus romances *Dois irmãos* e *Cinzas do norte*: o escritor como aquele que ocupa uma posição à margem, mesmo circulando entre os espaços elitizados; na crônica acima, o escritor está em Paris, porém escreve de um quarto barato e mal arejado.

- 3. Uece** – Leia o texto.

O escrete do sonho

Quem devia escrever a história do tricampeonato era Mário Filho. Só ele teria a visão homérica do maior feito do futebol brasileiro e mundial. Nunca houve, na face da terra, um escrete tão humilhado e tão ofendido. Vocês se lembram do que aconteceu no Morumbi.

Sempre digo que a torcida ia até minuto de silêncio.

Mas em São Paulo foi demais. A torcida queria Edu, e Zagallo escalou Paulo César. A vaia começou antes do jogo, continuou durante e depois do jogo. Até hoje, não sei como Paulo César sobreviveu ao próprio massacre. Há um tipo de vaia que explode como uma força da natureza. Sim. Uma vaia que venta, chove, troveja e relampeja.

Os jogadores se entreolhavam, sem entender que os tratassem, no Brasil, como o inimigo, como o estrangeiro. Mas não era só a multidão. Também a imprensa, fora algumas exceções, dizia horrores do técnico, do time, dos jogadores.

Todavia, ninguém contava com o homem brasileiro. Cada um de nós é um pouco como o Zé do Patrocínio. O “Tigre da Abolição” era suscetível às mais cavas e feias depressões. Sua retórica sempre começava fria, gaguejante. Seus amigos, porém, iam para o meio da massa e começavam a berrar: — “Negro burro, negro analfabeto, negro ordinário!” E, então, Patrocínio pegava fogo. Dizia coisas assim: — “Sou negro, sim, Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes de minha pátria”. Para assumir a sua verdadeira dimensão, o escrete precisava ser mordido pelas vaias. Foi toda uma maravilhosa ressurreição.

A Copa do México desmontou a gigantesca impostura que a maioria criava em torno do futebol europeu. Os virtuosos, os estilistas, éramos nós; nós, os goleadores; nós, os inventores. E a famosa velocidade? Meu Deus, ganhamos andando.

Pelé, maravilhosamente negro, poderia erguer o gesto, gritando: — “Deus deu-me sangue de Otelo para ter ciúmes da minha pátria”. E assim, brancos ou pretos, somos 90 milhões de otelos incendiados de ciúme pela pátria.

(Brasil 4 x 1 Itália, 21/6/1970, na Cidade do México. Brasil tricampeão mundial.)

RODRIGUES, Nelson. In: _____. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1984. p. 158-160. Adaptado.

A pátria em chuteiras é o título do livro de crônicas de Nelson Rodrigues, sobre futebol, de onde foi retirada a crônica *O escrete do sonho*. O título do livro é também o título de uma das crônicas que compõem a obra. No início da crônica “A pátria em chuteiras”, Nelson Rodrigues faz a seguinte interrogação: “Pergunto: — para nós, o que é o escrete? — Digamos: é a pátria em calções e chuteiras, a dar rútilas botinadas, em todas as direções. O escrete representa os nossos defeitos e as nossas virtudes. Em suma: — o escrete chuta por 100 milhões de brasileiros. E cada gol do escrete é feito por todos nós”. Assinale a afirmação correta em relação ao título do livro.

- a) Uma relação de contiguidade permitiu o uso de “chuteira” por jogador e de “pátria” (brasileira) por brasileiros.
- b) Há, entre “chuteira” e “pátria”, uma relação de interdependência.
- c) Entre “chuteira” e “pátria”, existe uma relação de parença ou semelhança.
- d) O emprego de camisa por jogador diria mais da relação do brasileiro com o futebol do que o emprego de “chuteira”.

Nelson Rodrigues se vale da metonímia no título do livro e da crônica citada no enunciado, de modo que chuteira é o referencial de jogador e pátria, de brasileiros. A leitura da crônica que acompanha o exercício ajuda a entender as referências do exercício.

Texto para as próximas questões

Então, adeus

Isto aconteceu na Bahia, numa tarde em que eu visitava a mais antiga e arruinada igreja que encontrei por lá, perdida na última rua do último bairro. Aproximou-se de mim um padre velhinho, mas tão velhinho, tão velhinho que mais parecia feito de cinza, de teia, de bruma, de sopro do que de carne e osso. Aproximou-se e tocou o meu ombro:

— Vejo que aprecia essas imagens antigas — sussurrou-me com sua voz débil. E descerrando os lábios murchos num sorriso amável: — Tenho na sacristia algumas preciosidades. Quer vê-las?

Solícito e trêmulo foi-me mostrando os pequenos tesouros da sua igreja: um mural de cores remotas e tênues como as de um pobre véu esgarçado na distância; uma Nossa Senhora de mãos carunchadas e grandes olhos cheios de lágrimas; dois anjos tocheiros que teriam sido esculpidos por Aleijadinho, pois dele tinham a inconfundível marca nos traços dos rostos severos e nobres, de narizes já carcomidos... Mostrou-me todas as raridades, tão velhas e tão gastas quanto ele próprio. Em seguida, desvanecido com o interesse que demonstrei por tudo, acompanhou-me cheio de gratidão até a porta.

— Volte sempre — pediu-me.

— Impossível — eu disse. — Não moro aqui, mas, em todo o caso, quem sabe um dia... — acrescentei sem nenhuma esperança.

— E então, até logo! — ele murmurou descerrando os lábios num sorriso que me pareceu melancólico como o destroço de um naufrágio.

Olhei-o. Sob a luz azulada do crepúsculo, aquela face branca e transparente era de tamanha fragilidade, que cheguei a me comover. Até logo?... “Então, adeus!”, ele deveria ter dito. Eu ia embarcar para o Rio no dia seguinte e não tinha nenhuma idéia de voltar tão cedo à Bahia. E mesmo que voltasse, encontraria ainda de pé aquela igreja arruinada que achei por acaso em meio das minhas andanças? E mesmo que desse de novo com ela, encontraria vivo aquele ser tão velhinho que mais parecia um antigo morto esquecido de partir?!...

Ouçá, leitor: tenho poucas certezas nesta incerta vida, tão poucas que poderia enumerá-las nesta breve linha. Porém, uma certeza eu tive naquele instante, a mais absoluta das certezas: “Jamais o verei.” Apertei-lhe a mão, que tinha a mesma frialdade seca da morte.

— Até logo! — eu disse cheia de enternecimento pelo seu ingênuo otimismo.

Afastei-me e de longe ainda o vi, imóvel no topo da escadaria. A brisa agitava-lhe os cabelos ralos e murchos como uma chama prestes a extinguir-se. “Então, adeus!”, pensei comovida ao acenar-lhe pela última vez. “Adeus.”

Nesta mesma noite houve o clássico jantar de despedida em casa de um casal amigo. E, em meio de um grupo, eu já me encaminhava para a mesa, quando de repente alguém tocou o meu ombro, um toque muito leve, mais parecia o roçar de uma folha seca.

Voltei-me. Diante de mim, o padre velhinho sorria.

— Boa noite!

Fiquei muda. Ali estava aquele de quem horas antes eu me despedira para sempre.

— Que coincidência... — balbuciei afinal. Foi a única banalidade que me ocorreu dizer. — Eu não esperava vê-lo... tão cedo.

Ele sorria, sorria sempre. E desta vez achei que aquele sorriso era mais malicioso do que melancólico. Era como se ele tivesse adivinhado meu pensamento quando nos despedimos na igreja e agora então, de um certo modo desafiante, estivesse a divertir-se com a minha surpresa. “Eu não disse até logo?”, os olhinhos enevoados pareciam perguntar com ironia.

Durante o jantar ruidoso e calorento, lembrei-me de Kipling. “Sim, grande e estranho é o mundo. Mas principalmente estranho...”

Meu vizinho da esquerda quis saber entre duas garfadas:

— Então a senhora vai mesmo nos deixar amanhã?

Olhei para a bolsa que tinha no regaço e dentro da qual já estava minha passagem de volta com a data do dia seguinte. E sorri para o velhinho lá na ponta da mesa.

— Ah, não sei... Antes eu sabia, mas agora já não sei.

TELLES, Lygia Fagundes. *Figuras do Brasil* - 80 autores em 80 anos de Folha. São Paulo: Publifolha. p. 129-130.

4. CPesFN-RJ – Ao final da crônica Então, adeus!, a narradora tece o seguinte comentário: “Sim, grande e estranho é o mundo. Mas principalmente estranho...” O fato que a fez chegar a esta conclusão foi:

- a) a gratidão do padre ao ver o interesse da narradora pelas imagens antigas.
- b) a comoção da narradora diante da fragilidade do padre ao acenar-lhe pela última vez.
- c) o otimismo ingênuo do padre ao despedir-se da narradora.
- d) a insistência da narradora em afirmar que não tornaria a ver o padre tão cedo.
- e) o encontro inesperado no jantar de despedida.**

Entre as poucas certezas da narradora, estava a de que jamais veria novamente o padre; em primeiro lugar, porque não pretendia voltar à Bahia tão cedo, além do fato de, seguindo o ditado popular, “o mundo é grande”; no entanto, o encontro inesperado, no jantar de despedida, a faz acrescentar à sabedoria popular a ideia de que o mundo é mais “estranho” que grande, citando Kipling.

5. Multydeias-BA – Acerca do texto anterior, analise as constatações que seguem e assinale a alternativa correta.

- I. Percebe-se uma comparação direta, em tom depreciativo, da autora entre a velhice do padre e a antiguidade da igreja.
- II. Instaura-se nos parágrafos seguintes uma ambiguidade revelada pela autora entre as referências negativas lançadas à velhice do padre e o especial interesse pelas obras mostradas, embora estivessem também em mau estado de conservação.
- III. O texto segue numa linha atemporal, pois a autora vai se problematizando no texto, buscando suas próprias referências e sentidos para a vida.
- IV. Do terceiro ao sexto parágrafos, a autora retoma as abordagens anteriores, não há acréscimo de informações, mas apenas apresentação de fatos para reiterar a ideia.
- V. No sétimo parágrafo, a autora apresenta uma constatação inequívoca.

É correto o que se afirma em:

- a) apenas I e II.
- b) apenas III e IV.
- c) apenas V.
- d) apenas I, III e IV.
- e) apenas II e III.

Ao se referir ao padre, a autora deprecia sua velhice comparando-a, em diferentes momentos, à igreja deteriorada pelo tempo; no entanto, a autora demonstra interesse pela antiguidade das obras mostradas pelo padre, ao passo que se refere negativamente à “antiguidade” do padre. Essas são as duas assertivas corretas. Em III, há temporalidade marcada, no texto, cuja ação ocorre no espaço de um dia; em IV, novas informações são acrescentadas; e, em V, a constatação da autora, no sétimo parágrafo, é a de que jamais veria o padre novamente, o que é equivocadamente percebido pelo texto. Portanto, somente I e II estão corretas, alternativa (A).

6. Unicamp-SP

C5-H15

...Nas ruas e casas comerciais já se vê as faixas indicando os nomes dos futuros deputados. Alguns nomes já são conhecidos. São reinidentes que já foram preteridos nas urnas. Mas o povo não está interessado nas eleições, que é o cavalo de Troia que aparece de quatro em quatro anos.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. São Paulo: Ática, 2014. p. 43.

O trecho anterior faz parte das considerações políticas que aparecem repetidamente em *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Considerando o conjunto dessas observações, indique a alternativa que resume de modo adequado a posição da autora sobre a lógica política das eleições.

- a) Por meio das eleições, políticos de determinados partidos acabam se perpetuando no exercício do poder.
- b) Os políticos se aproximam do povo e, depois das eleições, se esquecem dos compromissos assumidos.
- c) Os políticos preteridos são aqueles que acabam vencendo as eleições, por força de sua persistência.
- d) Graças ao desinteresse do povo, os políticos se apropriam do Estado, contrariando a própria democracia.

Ao se referir à eleição como “cavalo de troia”, Carolina explicita a ideia de que a eleição – e os políticos, por extensão –, se mostram como algo positivo, mas o tempo mostra o caráter negativo de ambos, seja porque os políticos não fazem o que prometeram, seja porque a eleição serve apenas para que eles apareçam e iludam as pessoas.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Texto para as questões 7 e 8

Voltada para o encanto da vida livre do pequeno núcleo aberto para o campo, a jovem Helena, familiar a todas as classes sociais daquele âmbito, estava colocada num invejável ponto de observação. (...)

Sem querer forçar um conflito que, a bem dizer, apenas se esboça, podemos atribuir parte desta grande versatilidade psicológica da protagonista aos ecos de uma formação britânica, protestante, liberal, ressoando num ambiente de corte ibérico e católico, mal saído do regime de trabalho escravo. Colorindo a apaixonada esfera de independência da juventude, reveste-se de acentuado sabor sociológico este caso da menina ruiva que, embora inteiramente identificada com o meio de gente morena que é o seu, o único que conhece e ama, não vacila em o criticar com precisão e finura notáveis, se essa lucidez não traduzisse a coexistência íntima de dois mundos culturais divergentes, que se contemplam e se julgam no interior de um eu tornado harmonioso pelo equilíbrio mesmo de suas contradições.

EULÁLIO, Alexandre. Livro que nasceu clássico. In: MORLEY, Helena. *Minha vida de menina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

7. Fuvest-SP – O trecho do romance *Minha vida de menina* que ilustra de modo mais preciso o que, para o crítico Alexandre Eulálio, representa “a coexistência íntima de dois mundos culturais divergentes” é:

- a) Se há uma coisa que me faz muita tristeza é gostar muito de uma pessoa, pensando que ela é boa e depois ver que é ruim.
- b) Eu tinha muita inveja de ver meus irmãos montarem no cavalo em pelo, mas agora estou curada e não montarei nunca mais na minha vida.
- c) Já refleti muito desde ontem e vi que o único meio de ter vestido é vendendo o broche. Vou dormir ainda esta noite com isto na cabeça e vou conversar com Nossa Senhora tudo direitinho.

d) Se eu não ouvir missa no domingo, como quando estou na Boa Vista onde não há igreja e não posso ouvir no Bom Sucesso, fico o dia todo com um prego na consciência me aferroando.

e) Este ano saí à rua a procissão de Cinzas que há muitos anos não havia. Dizem que não saía há muito tempo por falta de santos, porque muitos já estavam quebrados

8. Fuvest-SP – De acordo com Alexandre Eulálio, a protagonista do romance *Minha vida de menina*

- a) vivencia um conflito – uma ideia fortalecida por “a bem dizer”.
- b) apresenta certo vínculo com o protestantismo – uma ideia sintetizada por “ecos de uma formação britânica”.
- c) formou-se num meio alheio ao trabalho escravo – um fato referido por “num ambiente de corte ibérico e católico”.
- d) rejeita as influências do meio em que vive – uma característica revelada por “precisão e finura notáveis”.
- e) tem a sua lucidez psicológica abalada pelas ambivalências de sua educação – um traço reiterado por “equilíbrio mesmo de suas contradições”.

9. Fuvest-SP – Leia o texto.

A complicada arte de ver

Ela entrou, deitou-se no divã e disse: “Acho que estou ficando louca”. Eu fiquei em silêncio aguardando que ela me revelasse os sinais da sua loucura. “Um dos meus prazeres é cozinhar. Vou para a cozinha, corto as cebolas, os tomates, os pimentões – é uma alegria! Entretanto, faz uns dias, eu fui para a cozinha para fazer aquilo que já fizera centenas de vezes: cortar cebolas. Ato banal sem surpresas. Mas, cortada a cebola, eu olhei para ela e tive um susto. Percebi que nunca havia visto uma cebola. Aqueles anéis perfeitamente ajustados, a luz se refletindo neles: tive a impressão de estar vendo a rosácea de um vitral de

catedral gótica. De repente, a cebola, de objeto a ser comido, se transformou em obra de arte para ser vista! E o pior é que o mesmo aconteceu quando cortei os tomates, os pimentões... Agora, tudo o que vejo me causa espanto.”

Ela se calou, esperando o meu diagnóstico. Eu me levantei, fui à estante de livros e de lá retirei as “Odes Elementares”, de Pablo Neruda. Procurei a “Ode à Cebola” e lhe disse: “Essa perturbação ocular que a acometeu é comum entre os poetas. Veja o que Neruda disse de uma cebola igual àquela que lhe causou assombro: ‘Rosa de água com escamas de cristal’. Não, você não está louca. Você ganhou olhos de poeta... Os poetas ensinam a ver”.

ALVES, Rubem. *Folha de S.Paulo*, 26 out. 2004. Adaptado.

10. Segundo a concepção do autor, como a poesia pode ser entendida?

Texto para as questões de 10 a 12

Posto, logo existo

Começam a pipocar alguns debates sobre as consequências de se passar tanto tempo conectado à internet. Já se fala em saturação social, inspirado pelo recente depoimento de um jornalista do *The New York Times* que afirmou que sua produtividade no trabalho estava caindo por causa do tempo consumido pelo Facebook, Twitter e agregados, e que hoje ele se vê diante da escolha entre cortar seus passeios de bicicleta ou alguns desses hábitos digitais que estão me comendo vivo.

Antropofagia virtual. O Brasil, pra variar, está atrasado (aqui, dois terços dos usuários ainda atualizam seus perfis semanalmente), pois no resto do mundo já começa a ser articulado um movimento de desaceleração dessa tara por conexão: hotéis europeus prometem quartos sem wi-fi como garantia de férias tranquilas, empresas americanas desenvolvem programas de software que restringem o acesso à web e na Ásia crescem os centros de recuperação de viciados em internet. Tudo isso por uma simples razão: existir é uma coisa, viver é outra.

Penso, logo existo. Descartes teria que reavaliar esse seu cogito, ergo sum, pois as pessoas trocaram o verbo pensar por postar. Posto, logo existo.

Tão preocupadas em existir para os outros, as pessoas estão perdendo um tempo valioso em que poderiam estar vivendo, ou seja, namorando, indo à praia, trabalhando, viajando, lendo, estudando, cercadas não por milhares de seguidores, mas por umas poucas dezenas de amigos. Isso não pode ter se tornado tão obsoleto.

Claro que muitos usam as redes sociais como uma forma de aproximação, de resgate e de compartilhamento – numa boa. Se a pessoa está no controle do seu tempo e não troca o real pelo virtual, está fazendo bom uso da ferramenta. Mas não tem sido a regra. Adolescentes deixam de ir a um parque para ficarem trancafiados em seus quartos, numa solidão disfarçada de socialização.

Isso acontece dentro da minha casa também, com minhas filhas, e não adianta me descabelar, elas são frutos da sua época, sua turma de amigos se comunica assim, e nem batendo com um gato morto na cabeça delas para fazê-las entender que a vida está lá fora. Lá fora!!

O grau de envolvimento delas com a internet ainda é mediano e controlado, mas tem sido agudo entre muitos jovens sem noção, que se deixam fotografar portando armas, fazendo sexo, mostrando o resultado de suas pichações,

num exibicionismo triste, pobre, desvirtuado. São garotos e garotas que não se sentem com a existência comprovada, e para isso se valem de bizarrices na esperança de deixarem de ser “ninguém” para se tornarem “alguém”, mesmo que alguém medíocre.

Casos avulsos, extremos, mas estão aí, ao nosso redor. Gente que não percebe a diferença entre existir e viver. Não entendem que é preferível viver, mesmo que discretamente, do que existir de mentirinha para 17.870 que não estão nem aí.

MEDEIROS, Martha. Disponível em: <www.itatiaia.com.br>.

Acesso em: fev. 2019.

11. **Sistema Dom Bosco** – Segundo o dicionário online *Aulete*, o gênero crônica pode ser definido da seguinte maneira:

crô.ni.ca

sf.

1. Liter. Breve narrativa sobre temas cotidianos e atuais;
2. Jorn. Coluna ou seção em revista ou jornal, ger. assinada, com comentários, críticas, narrativas etc., sobre temas ou fatos momentosos de interesse diverso (culturais, esportivos, políticos, sociais etc.), ger. a partir de noticiário.

Disponível em: <www.aulete.com.br>. Acesso em: abr., 2019.

A partir desse verbete, explique por que podemos entender o texto de Martha Medeiros como uma crônica.

12. **Sistema Dom Bosco** – Releia o trecho: “Gente que não percebe a diferença entre existir e viver. Não entendem que é preferível viver, mesmo que discretamente, do que existir de mentirinha (...)”. Considerando os sentidos gerais do texto, explique a distinção que a autora faz entre existir e viver.

13. **Sistema Dom Bosco** – Relacione a concepção da autora sobre “viver” e “existir” com o título do texto.

14. **FCC-SP** – Considere o texto abaixo e as afirmativas feitas a seguir.

BUDAPESTE, Chico Buarque (Companhia das Letras, 2003). Terceiro livro da fase madura do compositor e escritor carioca, *Budapeste* é um labirinto linguístico, um jogo de espelhos que, no entanto, jamais se mostra hermético. O romance também flerta com o *nonsense* ao contar as desventuras de um *ghostwriter* que vai para a Hungria. O narrador-protagonista, escorregadio, em nenhum momento permite ao leitor concluir se está ou não dizendo a verdade. Às peripécias do personagem, associa-se um olhar mordaz sobre a dinâmica social que cria celebridades instantâneas e vazias.

Bravo! 100 Melhores do Século 21 [até agora].

Dezembro de 2010, p. 28.

- I. O texto apresenta uma sinopse do romance *Budapeste*, salientando aspectos predominantes de sua arquitetura.
- II. O labirinto linguístico é intrínseco ao enredo do romance, em que o narrador-protagonista se mostra escorregadio, no limite entre verdade e ilusão.
- III. A expressão *um olhar mordaz* traduz crítica à maneira como celebridades instantâneas e vazias são valorizadas socialmente.
- IV. O jogo de espelhos constitui um recurso utilizado para disfarçar ou esconder a verdade dos fatos narrados.

Está correto o que se afirma apenas em:

- a) I e IV.
- b) II e III.
- c) I, II e III.
- d) I, III e IV.
- e) II, III e IV.

15. Funcab-RJ

O ciclista

Curvado no guidão lá vai ele numa chispa. Na esquina dá com o sinal vermelho e não se perturba - levanta voo bem na cara do guarda crucificado. No labirinto urbano persegue a morte com o trim-trim da campainha: entrega sem derreter sorvete a domicílio.

É a sua lâmpada de Aladino a bicicleta e, ao sentar-se no selim, liberta o gênio acorrentado ao pedal. Indefeso homem, frágil máquina, arremete impávido colosso, desvia de fininho do poste e o caminhão; o ciclista por muito favor derrubou o boné.

Atropela gentilmente e, vespa furiosa que morde, ei-lo defunto ao perder o ferrão. Guerreiros inimigos trituram com chio de pneus o seu diáfano esqueleto. Se não se estrebucha ali mesmo, bate o pó da roupa e - uma perna mais curta - foge por entre nuvens, a bicicleta no ombro.

Opõe o peito magro ao para-choque do ônibus. Salta a poça d'água no asfalto. Num só corpo, touro e toureiro, golpeia ferido o ar nos cornos do guidão.

Ao fim do dia, José guarda no canto da casa o pássaro de viagem. Enfrenta o sono trim-trim a pé e, na primeira esquina, avança pelo céu na contramão, trim-trim.

TREVISAN, Dalton. In: BOSI, Alfredo (Org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. 14.ª Ed. São Paulo: Cultrix, 1997. p. 189.

Sobre o conto de Dalton Trevisan, leia as afirmativas.

- I. O texto constitui um conjunto narrativo de ações que remetem ao universo do subemprego, que caracteriza a vida de uma parcela pobre que vive no "labirinto urbano".
- II. A narrativa possui uma escrita lenta, a linguagem indireta, repleta de sugestões e de contextos de diferentes culturas.
- III. O conto entrecruza, em uma única imagem, a figura do homem simples, do trabalhador, do esportista e do semideus.

Está(ão) correta(s) apenas a(s) afirmativa(s):

- a) II e III
- b) I e II.
- c) I
- d) I e III.
- e) II

Texto para as questões 15 e 16:

Dois Velhinhos

Dois pobres inválidos, bem velhinhos, esquecidos numa cela de asilo. Ao lado da janela, retorcendo os aleijões e esticando a cabeça, apenas um podia olhar lá fora.

Junto à porta, no fundo da cama, o outro espiava a parede úmida, o crucifixo negro, as moscas no fio de luz. Com inveja, perguntava o que acontecia. Deslumbrado, anunciava o primeiro:

— Um cachorro ergue a perrinha no poste.

Mais tarde:

— Uma menina de vestido branco pulando corda.

Ou ainda:

— Agora é um enterro de luxo.

Sem nada ver, o amigo remordia-se no seu canto. O mais velho acabou morrendo, para alegria do segundo, instalado afinal debaixo da janela. Não dormiu, antegozando a manhã. Bem desconfiava que o outro não revelava tudo.

Cochilou um instante — era dia. Sentou-se na cama, com dores espichou o pescoço: entre os muros em ruína, ali no beco, um monte de lixo.

TREVISAN, Dalton. *Mistérios de Curitiba*. Editora Record: Rio de Janeiro, 1979. p. 110.

16. **UFGO** – O pequeno conto de Dalton Trevisan, além de narrar de forma surpreendente a relação entre dois idosos, estrutura-se sobre

- a) argumentação, pois busca convencer o leitor de que a velhice no Brasil é tema tabu.
- b) descrição, já que desenha duas cenas, uma externa e imaginária e outra interna e real.
- c) injunção, estabelecendo contato com o leitor e convocando-o a participar do texto.
- d) exposição, uma vez que informa e esclarece o tema tratado sem transparecer opinião.

17. **UFGO** – No trecho "Bem desconfiava que o outro não revelava tudo", a palavra **tudo**:

- a) refere-se tanto às invenções do amigo que morreu quanto à realidade vazia do quarto do asilo.
- b) retoma as três cenas descritas anteriormente, ou seja, a do cachorro, a da menina e a do enterro.
- c) demonstra que o idoso sobrevivente ouvia as narrativas inventadas pelo colega com desconfiança.
- d) estabelece um paralelismo semântico entre a cena real de muros em ruínas, lixo e asilo.

18. **Uema-SP** – Na obra *Quarto de despejo*: diário de uma favelada, Carolina Maria de Jesus retrata, em uma dimensão sociológica e literária, suas impressões sobre o cotidiano dos moradores de uma favela. Para responder à questão, leia a seguir dois excertos, transcritos integralmente, da referida obra.

Texto I

20 DE MAIO

(...)

Quando cheguei do palácio que é a cidade os meus filhos vieram dizer-me que havia encontrado macarrão no lixo. E a comida era pouca, eu fiz um pouco do macarrão com feijão. E o meu filho João José disse-me: – Pois é. A senhora disse-me que não ia mais comer as coisas do lixo. Foi a primeira vez que vi a minha palavra falhar. (...)

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

Texto II

30 DE MAIO

(...)

Chegaram novas pessoas para a favela. Estão esfarrapadas, andar curvado e os olhos fitos no solo como se pensasse na sua desdita por residir num lugar sem atração. Um lugar que não se pode plantar uma flor para aspirar o seu per-

fume, para ouvir o zumbido das abelhas ou o colibri acariciando-a com seu frágil biquinho. O único perfume que exala na favela é a lama podre, os excrementos e a pinga.

(...)

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. 9. ed. São Paulo: Ática, 2007.

A noção de contexto e de repertório social sugerida pela narradora-personagem revela o(a):

- a) resistência de moradores ao novo ambiente.
- b) visão de contraste entre o lugar ideal e o real.
- c) impacto dos novos moradores a ambiente infértil.
- d) embate entre pessoas que residem em ambientes distintos.
- e) ambição de pessoas que residem em lugares insalubres

ESTUDO PARA O ENEM

19. Enem

CH-H17

Tudo era harmonioso, sólido, verdadeiro. No princípio. As mulheres, principalmente as mortas do álbum, eram maravilhosas. Os homens, mais maravilhosos ainda, ah, difícil encontrar família mais perfeita. A nossa família, dizia a bela voz de contralto da minha avó. Na nossa família, frisava, lançando em redor olhares complacentes, lamentando os que não faziam parte do nosso clã. [...]

Quando Margarida resolveu contar os podres todos que sabia naquela noite negra da rebelião, fiquei furiosa. [...]

É mentira, é mentira!, gritei tapando os ouvidos. Mas Margarida seguia em frente: tio Maximiliano se casou com a inglesa de cachos só por causa do dinheiro, não passava de um pilantra, a loirinha feiosa era riquíssima. Tia Consuelo? Ora, tia Consuelo chorava porque sentia falta de homem, ela queria homem e não Deus, ou o convento ou o sanatório. O dote era tão bom que o convento abriu-lhe as portas com loucura e tudo. “E tem mais uma coisa ainda, minha queridinha”, anunciou Margarida fazendo um agrado no meu queixo. Reagi com violência: uma agregada, uma cria e, ainda por cima, mestiça. Como ousava desmoralizar meus heróis?

TELLES, Lygia Fagundes. *A estrutura da bolha de sabão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

Representante da ficção contemporânea, a prosa de Lygia Fagundes Telles configura e desconstrói modelos sociais. No trecho, a percepção do núcleo familiar descortina um(a):

- a) convivência frágil ligando pessoas financeiramente dependentes.
- b) tensa hierarquia familiar equilibrada graças à presença da matriarca.
- c) pacto de atitudes e valores mantidos à custa de ocultações e hipocrisias.
- d) tradicional conflito de gerações protagonizado pela narradora e seus tios.
- e) velada discriminação racial refletida na procura de casamentos com europeus.

20. Enem

C7-H24

Quarto de despejo

Do diário da catadora de papel Carolina Maria de Jesus surgiu este autêntico exemplo de literatura-verdade, que relata o cotidiano triste e cruel da vida na favela. Com uma linguagem simples, mas contundente e original, a autora comove o leitor pelo realismo e pela sensibilidade na maneira de contar o que viu, viveu e sentiu durante os anos em que morou na comunidade do Canindé, em São Paulo, com seus três filhos.

Ao ler este relato — verdadeiro best-seller no Brasil e no exterior — você vai acompanhar o duro dia a dia de quem não tem amanhã. E vai perceber com tristeza que, mesmo tendo sido escrito na década de 1950, este livro jamais perdeu a sua atualidade.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2007.

Identifica-se como objetivo do fragmento extraído da quarta capa do livro *Quarto de despejo*

- a) retomar trechos da obra.
- b) resumir o enredo da obra.
- c) destacar a biografia da autora.
- d) analisar a linguagem da autora.
- e) convencer o interlocutor a ler a obra.

21. Enem

C5-H17

Érico Veríssimo relata, em suas memórias, um episódio da adolescência que teve influência significativa em sua carreira de escritor.

Lembro-me de que certa noite – eu teria uns quatorze anos, quando muito – encarregaram-me de segurar uma lâmpada elétrica à cabeceira da mesa de operações, enquanto um médico fazia os primeiros curativos num pobre-diabo que soldados da Polícia Municipal haviam “carneado”. (...) Apesar do horror e da náusea, continuei firme onde estava, talvez pensando assim: se esse caboclo pode aguentar tudo isso sem gemer, por que não hei de poder ficar segurando esta lâmpada para ajudar o doutor a costurar esses talhos e salvar essa vida? (...)

Desde que, adulto, comecei a escrever romances, tem-me animado até hoje a ideia de que o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo, evitando que sobre ele caia a escuridão, propícia aos ladrões, aos assassinos e aos tiranos. Sim, segurar a lâmpada, a despeito da náusea e do horror. Se não tivermos uma lâmpada elétrica, acendamos o nosso toco de vela ou, em último caso, risquemos fósforos repetidamente, como um sinal de que não desertamos nosso posto.

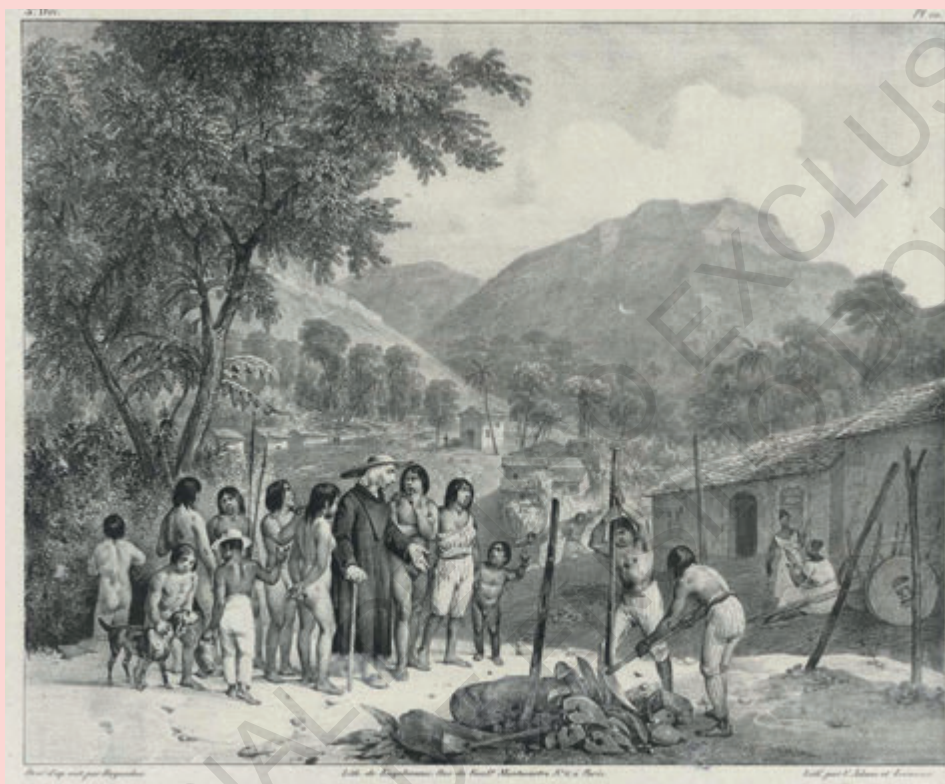
VERISSIMO, Erico. *Solo de Clarineta*. Tomo I. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

Neste texto, por meio da metáfora da lâmpada que ilumina a escuridão, Érico Veríssimo define como uma das funções do escritor e, por extensão, da literatura,

- a) criar a fantasia.
- b) permitir o sonho.
- c) denunciar o real.
- d) criar o belo.
- e) fugir da náusea.

TEATRO BRASILEIRO

O teatro no Brasil



RUGENDAS, Johann Moritz. *Aldea des Tapuyos* [Aldeia dos Tapuio]. 1835. Litografia.

As origens do teatro brasileiro remetem aos princípios da colonização pelos portugueses, já no século XVI. Em torno de cinquenta anos após a chegada da esquadra de Pedro Álvares Cabral, a Companhia de Jesus enviou os primeiros jesuítas para o território nacional, com a principal missão de catequizar os povos das diferentes etnias indígenas que habitavam a América. Uma das estratégias usadas por figuras como os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta para ensinar aos índios os preceitos cristãos foi, justamente, a dramaturgia.

Ao longo dos séculos XVI a XVIII, o teatro esteve muito ligado à religião, sendo usado com intenção pedagógica, sem espaços dedicados às encenações e sem muita preocupação estética. Além do teatro de catequese, a dramaturgia celebrava festejos religiosos e, também, aparecia nas comemorações carnavalescas, com as pessoas saindo às ruas com adereços diversos, encenando, cantando e dançando.

BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

- O teatro no Brasil
- O teatro catequético
- O teatro romântico: a comédia de costumes
- Teatro brasileiro moderno
- Nelson Rodrigues
- *Vestido de noiva*
- O TBC (Teatro Brasileiro de Comédia)
- O Teatro de Arena
- Grupo Opinião
- Teatro Oficina
- Teatro do Oprimido
- Jorge Andrade
- *A moratória*
- Ariano Suassuna
- *Auto da compadecida*
- Dias Gomes
- *O pagador de promessas*

HABILIDADES

- Analisar criticamente as diversas produções artísticas da contemporaneidade como meio de compreender as diferentes inovações formais do período, inseridas no contexto.
- Relacionar características discursivas e ideológicas de obras brasileiras da contemporaneidade ao contexto histórico e à situação de produção, circulação e recepção dessas obras.

O teatro catequético



COLEÇÃO BARBOSA MACHADO/BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

FREZZA, João Jeronymo. *O Pe. José de Anchieta em corpo; incólume entre índios bravos e bestas feras; em uma paisagem. Alegoria.* [sd].

No primeiro século de colonização, a Companhia de Jesus enviou padres ao território brasileiro com a intenção de converter os povos indígenas à fé católica. A atividade de catequese lançou mão da dramaturgia com intenção pedagógica. O maior destaque da produção da segunda metade do século XVI, no Brasil, é o jesuíta José de Anchieta, cuja produção teatral atendia às necessidades catequéticas e à educação espiritual dos colonos. Destaca-se, também, em sua produção, a pesquisa linguística que deu origem à *Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil* e, em sua dramaturgia, a obras escritas em português, tupi e espanhol.

TERCEIRO ATO

Depois de São Lourenço morto na grelha o Anjo fica em sua guarda, e chama os dois diabos, Aimbirê e Saravaia, que venham sufocar os imperadores Décio e Valeriano que estão sentados em seus tronos.

ANJO

Aimbirê!

Estou chamando você.

Apressa-te! Corre! Já!

AIMBIRÊ

Aqui estou! Pronto! O que há!

Será que vai me pender
de novo este passarão?

ANJO

Reservei-te uma surpresa:

tenho dois imperadores

para dar-te como presa.

De Lourenço, em chama acesa,

foram eles os matadores.

AIMBIRÊ

Boa! Me fazes contente!

À força os castigarei,

e no fogo os queimarei

como diabo eficiente.

Meu ódio satisfarei.

ANJO

Eia, depressa a afogá-los.

Que para o sol sejam cegos!

Ide ao fogo cozinhá-los.

Castiga com teus vassalos

estes dois sujos morcegos.

[...]

ANCHIETA, José de. *Auto da festa de São Lourenço*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro – Ministério da Educação e Cultura, 1973.

O teatro romântico: as comédias de costumes



LOEILLOT, W. *Theatro Imperial*. 1835. Litografia; 48 × 30,5. In: THEREMIN, Karl Wilhelm von. *Saudades do Rio de Janeiro*. Berlim: Druck Von L. Sachse & Co M, 1835.

BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL

O movimento de maior significado para a dramaturgia nacional está ligado à vinda da família real portuguesa, em 1808, para o Brasil. Dom João VI, regente à época, decretou a construção de "teatros decentes", para que a aristocracia local pudesse se divertir. Os espaços foram ocupados, em sua maioria, por encenações europeias, com companhias vindas do velho mundo. No entanto, a efervescência cultural do período, sobretudo ligada ao nacionalismo da primeira geração romântica no pós-independência, vê florescer a dramaturgia nacional. O precursor do movimento romântico brasileiro, Gonçalves de Magalhães, escreve em 1837

a obra *Antônio José ou O poeta e a inquisição*, quando a entrega ao ator João Caetano, que em 1833 criara uma companhia de teatro brasileira e será o responsável por encenar a maior parte dos autores românticos.

Mas o destaque da dramaturgia romântica é Martins Pena (1815-1848), autor que cria a chamada comédia de costumes, texto que satiriza aspectos e comportamentos culturais da sociedade brasileira. Suas peças simples faziam o público rir de seus próprios defeitos, e compunham um retrato caricato, embora real, dos vícios das instituições brasileiras, como os três poderes, e dos tipos como o sertanejo e os provincianos. As mais de 30 peças de Martins Pena escritas na primeira metade do século XIX fizeram sucesso e, guardadas as devidas diferenças históricas, ainda funcionam como um retrato do Brasil. Durante o século XIX, grandes nomes da literatura nacional também se dedicaram à dramaturgia, como José de Alencar e Machado de Assis.

CENA XXI

Casa do Juiz. Entra o JUIZ DE PAZ e (o) ESCRIVÃO.

JUIZ – Agora que estamos com a pança cheia, vamos trabalhar um pouco. (ASSENTAM-SE À MESA)

ESCRIVÃO - Vossa Senhoria vai amanhã à cidade?

JUIZ – Vou, sim. Quero-me aconselhar com um letrado para saber como hei-de despachar alguns requerimentos que cá tenho.

ESCRIVÃO – Pois Vossa Senhoria não sabe despachar?

JUIZ – Eu? Ora essa é boa! Eu entendo cá disso? Ainda quando é algum caso de embigada, passe; mas casos sérios, é outra cousa. Eu lhe conto o que me ia acontecendo um dia. Um meu amigo me aconselhou que, tôdas as vêzes que eu não soubesse dar um despacho, que eu não soubesse dar um despacho, que desse o seguinte: “Não tem lugar.” Um dia apresentaram-me um requerimento de certo sujeito, queixando-se que sua mulher não queria viver com êle, etc. Eu, não sabendo que despacho dar, dei o seguinte: “Não tem lugar.” Isto mesmo é que queria a mulher; porém (o marido) fêz uma bulha de todos os diabos; foi à cidade, queixou-se ao Presidente, e eu estive quase não quase suspenso. Nada, não me acontece outra.

ESCRIVÃO – Vossa senhoria não se envergonha, sendo um juiz de paz?

JUIZ – Envergonhar-me de quê? O senhor ainda está muito de cor. Aqui para nós, que ninguém nos ouve, quantos juízes de direito há por estas comarcas que não sabem aonde têm sua mão direita, quanto mais juízes de paz... E além disso, cada um faz o que sabe.

que sabe. (BATEM)

Quem é?

MANUEL JOÃO — (dentro) "Um criado de Vossa Senhoria."

JUIZ — Pode entrar.

PENA, Martins. *O juiz de paz da roça*. Ministério da Cultura. Fundação Biblioteca Nacional: Departamento Nacional do Livro, s/d.

Teatro brasileiro moderno



Produção de 1943 do grupo Os Comediantes para a obra *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, considerada o marco de início do teatro brasileiro moderno.

O século XX representa uma grande transformação no teatro brasileiro. Em 1933, *O rei da vela* foi lançado por Oswald de Andrade, mas a inovação da peça era tamanha que sua encenação só aconteceu em 1967, por José Celso Martinez Corrêa, do Teatro Oficina. Antes disso, no entanto, o teatro moderno no Brasil vive uma revolução com a estreia, em 28 de dezembro de 1943 da peça *Vestido de noiva*, texto de Nelson Rodrigues, encenada no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, com direção do polonês Zbigniew Ziembinski. O diretor trabalha de maneira eficiente a obra de Nelson e coloca em cena um texto que quebra a linearidade e apresenta de maneira caótica três planos – a realidade, a alucinação e a memória –; a montagem representa um divisor de águas para o teatro nacional, elevando a qualidade das produções no Brasil que, nas décadas seguintes, viveria sob a égide da ditadura militar, que estabelecerá com os grupos de teatro uma violenta relação de censura, prisão de artistas e clandestinidade.

NELSON RODRIGUES



Nelson Rodrigues

A despeito de a montagem de *Vestido de noiva* ser um marco dramaturgia nacional, o texto da peça também tem seu valor. Sobretudo pelo fato de o foco narrativo transitar entre a realidade, as memórias e as alu-

nicações da personagem, mas também pelo tema que representa: conflitos internos da personagem, causados por relações socialmente condenadas, como traições e pulsão sexual, que geram todo o desenrolar do enredo.

Segundo ato
[...]

(Luz no plano da memória. Alaíde, vestida realmente de noiva, está sentada numa banquetta. Agora o espelho imaginário se transformou num espelho verdadeiro, grande, quase do tamanho de uma pessoa. A grinalda não está posta ainda. Alaíde sozinha.)

CLESSI *(microfone)* – Ah! Quer ver uma coisa? Quem foi que D. Laura beijou na testa, depois que falou com você?

(Diante do espelho, Alaíde está retocando a toilette, ajeitando os cabelos, recuando e aproximando o rosto do espelho etc.)

CLESSI *(microfone)* – Ah! outra coisa! Quem foi que vestiu você? Foi sua mãe? Não? Pois é, Alaíde!

(Luz amortecida em penumbra. Entra uma mulher, quase que magicamente. Um véu tapa-lhe o rosto. Luz normal.)

CLESSI *(microfone)* – Não disse que tinha que ter mais gente? Olha aí! *(noutro tom)* A mulher de véu!

ALAÍDE *(nervosa como compete a uma noiva)* – Achou?

MULHER DE VÉU – Não. Remexi tudo!

ALAÍDE *(agoniada)* – Mas eu deixei a linha branca lá no seu quarto! Viu na cômoda?

MULHER DE VÉU *(taciturna)* – Vi. Não achei nada.

ALAÍDE – Na gaveta de baixo?

MULHER DE VÉU – Também.

ALAÍDE *(impaciente, retocando um detalhe da toilette)* – Você está tão esquisita!

(A mulher de véu procura ajeitar qualquer coisa no ombro de Alaíde.)

ALAÍDE – Quer chamar mamãe um instantinho?
(Silêncio.)

ALAÍDE *(virando-se)* – Quer chamar?

MULHER DE VÉU *(virando-lhe as costas)* – Não. Não chamo ninguém. *(agressiva)* Vá você!

ALAÍDE *(sentida, põe rouge lentamente; vira-se outra vez para a mulher de véu)* – Você tem alguma coisa!

MULHER DE VÉU *(de costas)* – Eu? Não tenho nada. Nada, minha filha *(ficando de frente para Alaíde, rápida e ríspida)*. Você sabe muito bem! *(violenta)* Sabe e ainda pergunta!

CLESSI *(levantando-se e apanhando a cauda)* – Chega. Eu mesma vou chamar.

(A mulher de véu, com rápida e sinistra decisão, coloca-se na frente de Alaíde.)

ALAÍDE *(assombrada)* – Que é isso? *(noutro tom)* Eu acho que você não está regulando bem!

MULHER DE VÉU *(intimativa)* – Sente-se aí. *(as duas se enfrentam)* Não vai chamar ninguém!

(Maquinalmente, Alaíde senta-se na banquetta, olhando, com espanto, a mulher de véu; esta mostra-se bastante excitada.)

ALAÍDE *(numa alegação ingênua)* – Mas eu preciso da linha branca!

MULHER DE VÉU – Primeiro, vamos conversar! *(sardônica)* Linha branca!

ALAÍDE – Você vai querer discutir agora! Agora!

MULHER DE VÉU *(exaltada)* – Então! Por que não será agora? Que é que tem de mais? *(noutro tom)* Eu nunca falei, nunca disse nada, mas agora você tem que me ouvir!

ALAÍDE *(gritando)* – Tem gente ouvindo! Fale baixo.

MULHER DE VÉU *(excitada)* – Então você pensa que podia roubar o meu namorado e ficar por isso mesmo?

ALAÍDE *(entre suplicante e intimativa)* – Você não vai fazer nada!

MULHER DE VÉU *(com desprezo)* – Ah! Está com medo! *(irônica)* Natural. Casamento até na porta da igreja se desmancha.

ALAÍDE *(com mais coragem)* – Mas o meu, não.

MULHER DE VÉU *(aproximando-se)* – O seu não, coitada! *(noutro tom)* O seu, sim! Você não me desafia, Alaíde, não me desafia.

ALAÍDE *(erguendo-se)* – Então não fale nesse tom!

MULHER DE VÉU *(agressiva)* – Falo, falo – e se você duvida, faço escândalo agora mesmo. Aqui, quer ver?
(Silêncio de Alaíde.)

MULHER DE VÉU *(ameaçadora)* – Se eu disser uma coisa que sei. Uma coisa que nem você sabe!

ALAÍDE *(baixo)* – O que é que você sabe?

MULHER DE VÉU – Se eu disser – Alaíde – duvido, e muito, que esse casamento se realize.

(Imobilizam-se mulher de véu e Alaíde. Depois, trevas.)
[...]

RODRIGUES, Nelson. *Vestido de noiva*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

O PROTAGONISMO DAS COMPANHIAS

TBC



Aimée em cena da peça *A inconveniência de ser esposa*, de Silveira Sampaio, no TBC, em 1949.

Nos entornos dos anos 1950, o Teatro Brasileiro de Comédia (TBC) – inaugurado em 1948 no bairro da Bela Vista, em São Paulo – abrigou a companhia homônima, que começa com teatro amador e vai se profissionalizando, sobretudo com a vinda de artistas estrangeiros. O TBC se tornou o cenário onde brilharam grandes nomes das artes cênicas nacionais, como Paulo Autran, Cacilda Becker, Fernanda Montenegro e Fernando Torres. Em 1964, após várias crises, a Companhia encerrou sua atuação, mas o espaço TBC esteve em funcionamento até 2008, recebendo montagens e apresentações diversas.

Teatro de Arena



Encenação do espetáculo *Eles não usam black-tie*, de autoria de Gianfrancesco Guarnieri, no Teatro de Arena, em 1958.

Em 1953, surge em São Paulo a companhia Teatro de Arena, surgida a partir das considerações de Décio Almeida Prado, professor da Escola de Arte Dramática (EAD). Entre os anos 1953 e 1956, o Teatro de Arena encenou diversas peças, compondo um repertório do grupo e buscando uma estética própria. A partir de 1956, a contratação de Augusto Boal, que havia estudado dramaturgia em Nova Iorque e conhecia os escritos de Stanislavski, agrega técnica teatral ao grupo e o conduz a um posicionamento político específico. É desse período a filiação à companhia de importantes nomes do teatro, como Gianfrancesco Guarnieri, Oduvaldo Vianna Filho, Milton Gonçalves etc.

Muitos dos integrantes da companhia, nos anos 1960, colaboraram com originais que foram encenados. O maior destaque talvez seja *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri que, em 1958, salvou o grupo de uma dissolução devido a crises financeira e ideológica. A companhia, uma das mais importantes do teatro brasileiro, foi fechada no final dos anos 1960, mas ao longo da última década de existência fez história com *Arena conta Zumbi* e *Arena conta Tiradentes*, montagens que ajudaram o grupo a se posicionar criticamente, diante do estado de exceção instaurado a partir de 1964.

LEITURA COMPLEMENTAR



Capa do programa original de *Eles não usam black-tie*.

A crise do drama em *Eles não usam black-tie*: uma questão de classe

Assim como ocorreu em outros países do mundo, cerca de meio século antes, no Brasil, a forma por excelência do teatro épico, o drama, entrou em crise quando dramaturgos começaram a escrever sobre assuntos normalmente excluídos de seu âmbito. Com sua peça *Eles não usam black-tie*, montada pelo Teatro de Arena de São Paulo em fevereiro de 1958, Gianfrancesco Guarnieri pôs na ordem do dia a referida crise e ao mesmo tempo mudou a história do teatro brasileiro, pois pela primeira vez a classe trabalhadora aparece como protagonista de um drama.

Eles não usam black-tie pode ser resumida de dois pontos de vista opostos, conflitantes e igualmente defensáveis: conforme o assunto, teremos uma interpretação e outra segundo a forma, havendo interessantes choques entre um e outro nesta peça. Explicitando a crise da forma dramática, estes choques têm a vantagem adicional de clarificar uma das mais importantes razões dessa crise.

Começando pelo assunto, que deveria ter encontrado a sua forma apropriada, *Eles não usam black-tie* conta um episódio na vida de uma família de trabalhadores moradores de um morro do Rio de Janeiro posta diante de um problema crucial: uma greve que vai mudar o destino de pelo menos um de seus membros. Coerente com este assunto, o dramaturgo toma a greve como eixo de sua peça, delimitando temporalmente a ação em três dias, cada ato correspondendo a um deles. Assim, no primeiro, temos a constatação da necessidade dessa greve por aumento de salários e a assembleia que a aprova; o segundo ato abrange os preparativos e define as atitudes dos trabalhadores favoráveis e contrários à greve; o terceiro cobre o seu primeiro dia com resultados favoráveis aos grevistas e o castigo do fura-greve. Do ponto de vista

formal, a peça é o drama de um jovem trabalhador em conflito com a situação em que vive. Ele está às voltas com o desejo e a necessidade urgente de se casar e foi posto diante de um dilema que vai decidir a sua vida: aderir à sua classe participando da greve ou recusá-la, buscando individualmente uma saída que consiste em apostar em seu progresso econômico individual.

[...]

A escolha dos que não usam black-tie para protagonistas desta peça na situação imaginada e, portanto, ativamente às voltas com a luta de classes, colocou Guarnieri diante do maior problema da dramaturgia ocidental desde os fins do século XIX: o das formas teatrais requeridas por esse assunto. Depois que a forma do drama entrou em crise, foram justamente os dramaturgos interessados, como Gianfrancesco Guarnieri, nos problemas e lutas dos trabalhadores, desde os naturalistas, os principais responsáveis pela experimentação e pelo desenvolvimento de um repertório teatral apto a encenar os seus assuntos que comprovadamente não cabem nos limites do drama. No Brasil, a compreensão meramente ornamental da cultura e do teatro fez que um dramaturgo estreante, por maior que fosse seu empenho em escrever uma peça protagonizada por trabalhadores, não conhecesse outra forma para fazê-lo senão a dramática. O teatro épico em sua versão acabada só chegaria ao Brasil alguns meses após a montagem de *Eles não usam black-tie* como resposta para os problemas formais que Guarnieri nem sabia existirem.

Depois deste ano a dramaturgia brasileira não seria mais a mesma. Mesmo escrevendo um drama com os problemas formais apresentados, Guarnieri deu início ao capítulo brasileiro do teatro épico. Talvez seja exatamente por seus problemas que *Eles não usam black-tie* tem tanta importância na história da dramaturgia brasileira.

COSTA, Iná Camargo. A crise do drama em *Eles não usam black-tie*: uma questão de classe. In: discurso, n.20. São Paulo: FFLCH-USP, 1993. Disponível em: <www.revistas.usp.br>. Acesso em: abr. 2019.

A metodologia do Teatro do Oprimido



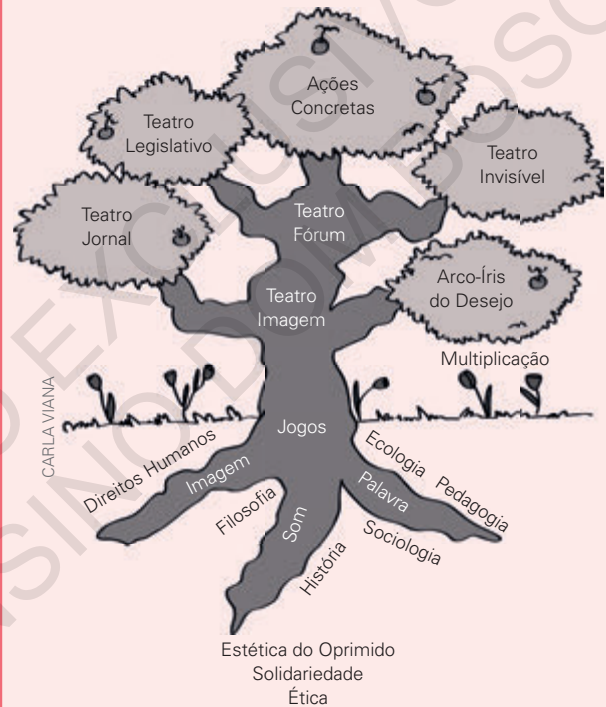
Augusto Boal em oficina da metodologia do Teatro do Oprimido, em São Paulo, em 1980.

O Teatro do oprimido é um método desenvolvido pelo dramaturgo brasileiro Augusto Boal, caracterizado pelo uso do teatro como forma de luta e libertação

dos oprimidos. Inspirado pelo educador e seu contemporâneo, Paulo Freire, Boal desenvolve e sistematiza ideias que, nos anos 1970, se difundem pelo mundo e ganham diferentes nuances de acordo com as diferentes formas de opressão, caso dos projetos *teatro imagem* e *arco-íris do desejo*, que lidava com questões subjetivas e interpessoais em países europeus, onde a opressão se apresentava de maneira mais sutil que na América latina. Os estudos e métodos de Boal são estudados e trabalhados em todo o mundo, ainda hoje.

LEITURA COMPLEMENTAR

Teatro, papéis sociais e cidadania



Árvore do Teatro do Oprimido é uma alegoria dessa metodologia artística: *ética* e *solidariedade* são sua base, mas também há sustentação em raízes em que estão os instrumentos (*imagem*, *som* e *palavra*) de recepção e transmissão do alimento retirado das fontes de crescimento dessa estrutura (Direitos Humanos, Filosofia etc.), propiciando o desenvolvimento de diferentes técnicas, que visam gerar frutos, cuja função é dar continuidade ao ciclo.

O teatro é uma arte coletiva, como tal precisa estabelecer uma relação entre as pessoas que o praticam e quem o assiste. Quando se fala do Teatro do Oprimido, o endereço tem nome certo: trata-se de um teatro que possa dar conta de uma situação precisa, no universo das relações sociais, de certa camada da população subjugada pela dependência, seja ela psicológica ou física. Há uma relação de poder e necessidade entre aquele que assume o papel do opressor e o de quem assume o papel do oprimido.

Preocupado em trabalhar essa relação dicotômica, o Teatro do Oprimido busca a transformação do espectador, ser passivo, em protagonista da ação dramática, sujeito, criador, transformador. E se preocupa não apenas em tratar e refletir o passado, mas sim preparar o futuro através de questões que o oprimem no momento presente. Atingindo aqueles que se permitam e aceitem

▶ fazer parte dessa experimentação de trabalhar com técnicas teatrais que provoquem uma intensa mobilização dos seus participantes.

O Teatro do Oprimido é um conjunto de exercícios, jogos e técnicas teatrais que objetivam a desmecanização física e intelectual de seus praticantes e a democratização do teatro. Criando condições práticas para que o oprimido se aproprie dos meios de produzir teatro e amplie suas possibilidades de expressão, além de estabelecer uma comunicação direta e ativa entre espectadores e atores.

A metodologia do Teatro do Oprimido inclui: O Teatro Jornal, o Teatro Imagem, o Teatro Invisível, o Teatro Fórum, as técnicas do Arco-Íris do Desejo, o Teatro Legislativo e a Estética do Oprimido. Essas técnicas são utilizadas pelos grupos populares de teatro para trabalhar suas opressões e colocarem seus problemas cotidianos em discussão pública.

O Teatro do Oprimido funciona como um mediador entre o espectador e o mundo, colocado a favor de uma verdadeira inclusão social. Um método de descoberta do desejo e do ensaio da realização deste, onde o indivíduo possa utilizar sua própria emoção e razão para lutar contra qualquer forma de opressão. Transformando-se diante das contradições de uma realidade que a cena não mais oferece como natural, mas sujeita a mudanças, quando o ator-social ou o espectador preparam-se para melhor dominar essa realidade e agir sobre ela com o intuito de modificá-la.

O processo do Teatro do Oprimido, além de democratizar o teatro, serve como uma forma de incluir o indivíduo na sociedade, trabalhando com grupos de minorias, estabelece uma comunicação direta e ativa entre espectadores e atores, gerando um diálogo na sociedade fazendo com que os indivíduos desenvolvam sua autoconsciência e sua importância na comunidade, lembrando que no Teatro do Oprimido não há espectadores, e sim observadores ativos.

DALL'ORTO, Felipe Campo. O Teatro do Oprimido na formação da cidadania. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, v. 5, ano V, n. 2. Uberlândia-MG: NEHAC-UFU, abr./ maio/ jun. 2008. Disponível em: <www.revistafenix.pro.br/>. Acesso em: abr. 2019.

O grupo Opinião



Produção conjunta do Grupo Opinião e do Teatro de Arena de São Paulo, o espetáculo *Liberdade, Liberdade* é a leitura dramatizada de textos famosos selecionados por Flávio Rangel e que tinham como tema a liberdade.

Além desses trabalhos, é destaque da carreira de Augusto Boal a direção do show *Opinião* que, em 1964, no Rio de Janeiro, congrega artistas interessados em compor uma resistência ao Golpe Militar e à ditadura que se instalava no país. A apresentação foi um sucesso e era formada por apresentações de Zé Kéti, João do Vale e Nara Leão (depois substituída por Maria Bethânia). A partir do show, formou-se o *Grupo Opinião* que, em 1965, encena *Liberdade, liberdade*, um roteiro com cenas de peças, poemas e canções. Um destaque também foi o espaço aberto pelo grupo para as apresentações de cantores e compositores oriundos das escolas de samba cariocas.

Pelo grupo carioca, passaram grandes nomes das artes nacionais, como o próprio Augusto Boal, além de Millôr Fernandes, Paulo Autran, Oduvaldo Vianna Filho, Nara Leão, Maria Bethânia e Ferreira Gullar. Nos anos 1980, após um período de montagens esporádicas, o teatro é vendido; já no final dos anos 1960, o coletivo vê afastarem-se, pouco a pouco, os artistas que compõem o grupo. Apesar de uma existência relativamente curta, o grupo *Opinião* congregou a indignação dos artistas brasileiros ante a censura imposta pelo regime militar, ao mesmo tempo em que luta por e apoia uma dramaturgia brasileira que enfoca as classes populares.

Teatro Oficina



Palco do Teatro Oficina durante o espetáculo *O rei da vela*, em 1967.

Destaque-se, ainda, na produção teatral brasileira da segunda metade do século XX, o Teatro Oficina, que nasce como iniciativa alternativa ao aburguesamento do TBC e ao nacionalismo do Arena, e surge na Faculdade de Direito do Largo São Francisco, em São Paulo. A partir da aquisição de um teatro no centro da capital paulista, o grupo Oficina vira uma companhia profissional com sala de espetáculos própria. O grande nome ligado ao Oficina é do diretor e dramaturgo José Celso Martinez Corrêa; já as principais produções do grupo – que ainda está em atuação – são *Um Bonde Chamado Desejo*, de Tennessee Williams, em 1962, e *O rei da vela*, em 1967, obra que impulsiona o movimento Tropicalista.

O CAMPO REPRESENTADO NO PALCO

Jorge de Andrade

A estreia de *A moratória*, em 1955, surpreende pela inovação temática. Ao colocar em cena o Brasil rural, o autor Jorge de Andrade tematiza a aristocracia rural em dois momentos que dividiam o palco: antes da crise de 1929 e após a crise da bolsa de Nova Iorque.



Cenário bipartido em montagem de 1955 da peça *A moratória*, de Jorge de Andrade, no Teatro Maria Della Costa, São Paulo.

JOAQUIM (Voz) – Não é a festa do Coronel Bernardino?

LUCÍLIA – É.

JOAQUIM (Voz) – Você não vai?

LUCÍLIA – Não.

JOAQUIM (Voz) – Por que não? Recebemos convite.

LUCÍLIA – Não quero.

JOAQUIM (Pausa. *Reaparecendo*) – Não sei por que, depois que viemos para a cidade, você se afastou de tudo e de todos.

LUCÍLIA – Convidaram por amabilidade, apenas.

JOAQUIM – Convidaram porque você é minha filha. É uma obrigação.

LUCÍLIA – Conheço essa gente.

JOAQUIM – Você precisa se divertir também.

LUCÍLIA – Preciso, mas não posso.

JOAQUIM (*Violento*) – Pode! Pode!

LUCÍLIA – Não se exalte papai.

JOAQUIM – Eu digo que pode!

LUCÍLIA – Está certo, sou eu que não quero.

JOAQUIM (Pausa) – Sei o que você sente. Eu também me sinto assim.

LUCÍLIA – É apenas por causa do meu trabalho, nada mais.

JOAQUIM – Há de chegar o dia em que vai poder ir a todas as festas novamente. E de cabeça erguida.

LUCÍLIA – Ainda estou de cabeça erguida. Posso perfeitamente recusar um convite.

(Pausa. *Os dois se entreolham ligeiramente*) Não vou porque fico cansada.

JOAQUIM – Eu sei. Eu sinto o que é. (Pausa) De cabeça erguida! Prometo isso a você.

LUCÍLIA – Não faço questão nenhuma.

JOAQUIM – Eu faço.

LUCÍLIA – Está bem. Não se toca mais nesse assunto. (Pausa).

JOAQUIM – Com a nulidade do processo, vou recuperar a fazenda. Darei a você tudo que desejar.

LUCÍLIA – Não vamos falar nisto.

JOAQUIM – Por que não? Eu quero falar.

LUCÍLIA – É bom esperar primeiro a decisão do Tribunal.

JOAQUIM (*Impaciente*) – O mal de vocês é não ter esperança. Essa é que é a verdade.

LUCÍLIA – E o mal do senhor é ter demais.

JOAQUIM – Esperança nunca é demais.

LUCÍLIA – Não gosto de me iludir. E depois, se recuperarmos a fazenda, nós vamos ter que trabalhar muito para pagá-la.

JOAQUIM – Pois se trabalha.

LUCÍLIA – Só depois disto, poderemos pensar em recompensa..., e outras coisas. Até lá preciso costurar e com calma.

JOAQUIM – É exatamente o que não suporto.

LUCÍLIA – O quê?

JOAQUIM – Ver você costurando para esta gente. Gente que não merecia nem limpar nossos sapatos!

ANDRADE, Jorge. *A moratória*. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

Ariano Suassuna

A temática rural volta à cena, com destaque, em 1957, para Ariano Suassuna, quando o teatro ganha as feições distintas ao tratar o mesmo ambiente rural: o paraibano busca unir tendências, a princípio, opostas – o improvisado e o elaborado, o popular e o erudito; entre suas excelentes obras, o destaque dramático é para *Auto da compadecida*, de 1955.



Registro da encenação do texto do *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna, no Rio de Janeiro, em 1957.

JOÃO GRILO – padre João! Padre João!
PADRE, aparecendo na igreja – Que há? Que gritaria é essa?

(*Fala afetadamente com aquela pronúncia e aquele estilo que Leon Bloy chamava “sacerdotais”.*)

CHICÓ – Mandaram avisar para o senhor não sair, porque vem uma pessoa aqui trazer um cachorro que está se ultimando para o senhor benzer.

PADRE – Para eu benzer?

CHICÓ – Sim.

PADRE, com desprezo – Um cachorro?

CHICÓ – Sim.

PADRE – Que maluquice! Que besteira!

JOÃO GRILO – Cansei de dizer a ele que o senhor benzia. Benze porque benze, vim com ele.

PADRE – Não benzo de jeito nenhum.

CHICÓ – Mas padre, não vejo nada de mal em se benzer o bicho.

JOÃO GRILO – No dia em que chegou o motor novo do major Antônio Morais o senhor não o benzeu?

PADRE – Motor é diferente, é uma coisa que todo mundo benze. Cachorro é que eu nunca ouvi falar.

CHICÓ – Eu acho cachorro uma coisa muito melhor do que motor.

PADRE – É, mas quem vai ficar engraçado sou eu, benzendo o cachorro. Benzer motor é fácil, todo mundo faz isso, mas benzer cachorro?

JOÃO GRILO – É, Chicó, o padre tem razão. Quem vai ficar engraçado é ele e uma coisa é o motor do major Antônio Morais e outra benzer o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE, mão em concha no ouvido – Como?

JOÃO GRILO – Eu disse que uma coisa era o motor e outra o cachorro do major Antônio Morais.

PADRE – E o dono do cachorro de quem vocês estão falando é Antônio Morais?

JOÃO GRILO – É. Eu não queria vir, com medo de que o senhor se zangasse, mas o major é rico e poderoso e eu trabalho na mina dele. Com medo de perder meu emprego, fui obrigado a obedecer, mas disse a Chicó: o padre vai se zangar.

PADRE, desfazendo-se em sorrisos – Zangar nada, João! Quem é um ministro de Deus para ter direito de se zangar? Falei por falar, mas também vocês não tinham dito de quem era o cachorro!

JOÃO GRILO, cortante – Quer dizer que benze, não é?

PADRE, a Chicó – Você o que é que acha?

CHICÓ – Eu não acho nada de mais.

PADRE – Nem eu. Não vejo mal nenhum em abençoar as criaturas de Deus.

JOÃO GRILO – Então fica tudo na paz do Senhor, com cachorro benzido e todo mundo satisfeito.

PADRE – Digam ao major que venha. Eu estou esperando.

(*Entra na igreja*)

SUASSUNA, Ariano. *Auto da compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 1975.

Dias Gomes

Nos anos 1940, despontava outro autor importante para o teatro nacional: Dias Gomes, nascido em Salvador em 1922 e falecido em São Paulo em 1999. A peça considerada obra-prima do teatro brasileiro e uma das mais importantes do autor é *O pagador de promessas*, a história de Zé do Burro, um pequeno agricultor que promete a lansã, divindade do Candomblé – Santa Bárbara no sincretismo religioso – dividir suas terras com outros lavradores e levar uma cruz de madeira por sete léguas até a igreja de Santa Bárbara; a razão da promessa é a cura do burro Nicolau, propriedade da protagonista.

A ignorância do padre local impede Zé de cumprir sua promessa tanto pela questão religiosa – compromisso com lansã, figura do Candomblé – quanto pela razão da promessa – a cura do burro. O desfecho reservado a Zé do Burro, decorrente do conflito que se instala na frente da igreja, faz que a personagem se torne símbolo do sincretismo religioso brasileiro.



O pagador de promessas, em montagem original de 1960 no TBC, dirigida por Flávio Rangel.

[...] *Zé do Burro vai até o centro da praça e aí poussa a sua cruz, equilibrando-a na base e num dos braços, como um cavalete. Está exausto. Enxuga o suor da testa.*

ZÉ (*Olhando a igreja.*) — É essa. Só pode ser essa.

Rosa para também, junto aos degraus, cansada, enfastada e deixando já entrever uma revolta que se avoluma.

ROSA — E agora? Está fechada.

ZÉ — É cedo ainda. Vamos esperar que abra.

ROSA — Esperar? Aqui?

ZÉ — Não tem outro jeito.

ROSA (*Olha-o com raiva e vai sentar-se num dos degraus. Tira o sapato.*) — Estou com cada bolha-d'água no pé que dá medo.

ZÉ — Eu também. (*Num ricto de dor, despe uma das mangas do paletó.*) Acho que os meus ombros estão em carne viva.

ROSA — Bem feito. Você não quis botar almofadinhas, como eu disse.

ZÉ (*Convicto.*) — Não era direito. Quando eu fiz a promessa, não falei em almofadinhas.

ROSA — Então: se você não falou, podia ter botado; a santa não ia dizer nada.

ZÉ — Não era direito. Eu prometi trazer a cruz nas costas, como Jesus. E Jesus não usou almofadinhas.

ROSA — Não usou porque não deixaram.

ZÉ — Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez o santo olha, consulta lá os seus assentamentos e diz: — Ah, você é o Zé do Burro, aquele que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro Diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.

ROSA — Será que você ainda pretende fazer outra promessa depois desta? Já não chega?...

ZÉ — Sei não... a gente nunca sabe se vai precisar. Por isso, é bom ter sempre as contas em dia. Ele sobe um ou dois degraus. Examina a fachada da igreja à procura de uma inscrição.

ROSA — Que é que você está procurando?

ZÉ — Qualquer coisa escrita... pra gente saber se essa é mesmo a Igreja de Santa Bárbara.

ROSA — E você já viu igreja com letreiro na porta, homem?

ZÉ — É que pode não ser essa.

ROSA — Claro que é essa. Não lembra o que o vigário disse? Uma igreja pequena, numa praça, perto duma ladeira...

ZÉ (*Corre os olhos em volta.*) — Se a gente pudesse perguntar a alguém...

ROSA — Essa hora tá todo mundo dormindo. (*Olha-o quase com raiva.*) Todo mundo... menos eu, que tive a infelicidade de me casar com um pagador de promessas. (*Levanta-se e procura convencê-lo.*) Escute, Zé... já que a igreja está fechada, a gente podia ir procurar um lugar pra dormir. Você já pensou que beleza agora uma cama?...

ZÉ — E a cruz?

ROSA — Você deixava a cruz aí e amanhã, de dia...

ZÉ — Podem roubar...

ROSA — Quem é que vai roubar uma cruz, homem de Deus? Pra que serve uma cruz?

ZÉ — Tem tanta maldade no mundo. Era correr um risco muito grande, depois de ter quase cumprido a promessa. E você já pensou: se me roubassem a cruz, eu ia ter que fazer outra e vir de novo com ela nas costas da roça até aqui. Sessenta léguas.

ROSA — Pra quê? Você explicava à santa que tinha sido roubado, ela não ia fazer questão.

ZÉ — É o que você pensa. Quando você vai pagar uma conta no armazinho e perde o dinheiro no caminho, o turco perdoo a dívida? Uma ova!

ROSA — Mas você já pagou a sua promessa, já trouxe uma cruz de madeira da roça até à Igreja de Santa Bárbara. Está aí a Igreja de Santa Bárbara, está aí a cruz. Pronto. Agora, vamos embora.

ZÉ — Mas aqui não é a Igreja de Santa Bárbara. A igreja é da porta pra dentro.

ROSA — Oxente! Mas a porta está fechada e a culpa não é sua. Santa Bárbara deve saber disso, que Diabo.

ZÉ (*Pensativo.*) — Só se eu falasse com ela e explicasse a situação.

ROSA — Pois então... fale!

ZÉ — (*Ergue os olhos para o céu, medrosamente, e chega a entreabrir os lábios, como se fosse dirigir-se à santa. Mas perde a coragem.*) Não, não posso.

ROSA — Por quê, homem?! Santa Bárbara é tão sua amiga... Você não está em dia com ela?

ZÉ — Estou, mas esse negócio de falar com santo é muito complicado. Santo nunca responde em língua de gente, não se pode saber o que ele pensa. E além do mais, isso também não é direito. Eu prometi levar a cruz até dentro da igreja, tenho que levar. Andei sessenta léguas. Não vou me sujar com a santa por causa de meio metro.

ROSA — E pra você não se sujar com a santa, eu vou ter que dormir no chão, no "hotel do Padre".

(*Olha-o com raiva e vai deitar-se num dos degraus da escada da igreja.*) E se tudo isso ainda fosse por alguma coisa que valesse a pena...

ZÉ — Você podia não ter vindo. Quando eu fiz a promessa, não falei em você, só na cruz.

ROSA — Agora você diz isso. Dissesse antes.

ZÉ — Não me lembrei. Você também não reclamou...

ROSA — Sou sua mulher. Tenho que ir pra onde você for.

ZÉ — Então

[...]

GOMES, Alfredo Dias. *O pagador de promessas*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. (Coleção Prestígio)

Vários de seus trabalhos, como *O pagador de promessas*, foram adaptados para o cinema e a televisão. Outros foram feitos diretamente para a televisão, caso do sucesso de audiência *Roque Santeiro*, novela da TV Globo escrita em 1975 e censurada, sendo gravada apenas em 1985. Outro sucesso do autor é *O bem amado*, peça de teatro e novela veiculada pela TV. Conta a história de Odorico Paraguaçu, que se candidata a prefeito de uma cidade com uma única plataforma de campanha: construir um cemitério na cidade. O único problema é que, para inaugurar a obra, é preciso que alguém morra. Toda a ação ocorre em torno da tentativa do protagonista de conseguir um morto para inaugurar sua grande obra pública da cidade de Sucupira.

ROTEIRO DE AULA

TEATRO BRASILEIRO

As origens do teatro brasileiro remontam a

princípios da ocupação do território pelos portugueses,

quando se estabeleceram

as missões jesuíticas

que utilizavam textos dramáticos como

instrumento de catequese.

Nesse período, destacou-se o trabalho de

Padre José de Anchieta, da Companhia de Jesus.

O segundo momento de maior relevância para a produção dramática brasileira ocorreu no século XIX, no que ficou conhecido como

teatro romântico,

cujo destaque fica com a produção de

Martins Pena

e suas

comédias de costumes.

O teatro brasileiro moderno tem como marco convencional a montagem da obra

Vestido de noiva,

ROTEIRO DE AULA

cujo texto é de autoria de

Nelson Rodrigues.

A característica que torna esta montagem disruptiva é sobretudo a

quebra na linearidade de representação dos planos de ação,

isso porque

são alternadamente encenados planos que representam: a narração da realidade a que está submetida a personagem, assim como das lembranças dos fatos que culminaram em seu estado e das alucinações dele decorrentes.

Nesse movimento moderno de produções dramáticas no Brasil, destacam-se as companhias

TBC,

Teatro de Arena

assim como a metodologia do

Grupo Opinião,

Teatro Oficina

de que se pode ressaltar

de que se pode ressaltar

Teatro do Oprimido

de que se pode ressaltar

de que se pode ressaltar

a montagem da obra *O pagador de promessas*, de Dias Gomes.

a montagem da obra *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri.

de que se pode ressaltar

sua própria metodologia, concentrada na democratização do espaço de fala nas obras dramáticas,

desenvolvida por

Augusto Boal.

a montagem de *Liberdade, liberdade*, cujos textos foram selecionados por Flávio Rangel.

a montagem da obra *O rei da vela*, de Oswald Andrade.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UFSC (adaptada)

[...]

Otávio – [...] Eu acho graça desses caras, contrariam a lei numa porção de coisas. Na hora de pagá o aumento quem se apoiá na lei. Vai se preparando, Tião. Num dou duas semanas e vai estourá uma bruta greve que eles vão vê se paga ou não. [...]

GUARNIEIRI, Gianfrancesco. *Eles não usam black-tie*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008. p. 25, Ato I.

Escrita na década de 1950, a peça *Eles não usam black-tie* nos remete à reflexão sobre movimentos sociais no Brasil. Sabendo disso, explique a relação da obra com o contexto socioeconômico em que foi escrita e com os movimentos sociais no Brasil da época.

Sugestão de resposta – A partir do fim dos anos 1940, o Brasil assiste a um desenvolvimento econômico e a uma série de investimentos públicos em obras e no crescimento do país. O mercado de trabalho em pleno desenvolvimento também assiste à ascensão dos movimentos sindicais e a um acirramento da luta da classe trabalhadora em prol da manutenção de direitos trabalhistas. A peça de Guarnieri dialoga com esse contexto e, no trecho em questão, coloca a greve como ferramenta de luta dos trabalhadores.

2. Fuvest-SP – Leia a seguinte fala, extraída de uma peça teatral, e responda ao que se pede.

Odorico – Povo sucupirano! Agoramente já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, ratificação, a autenticação e, por que não dizer, a sagração do povo que me elegeru.

GOMES, Dias. *O bem-amado*: farsa sócio-político-patológica em 9 quadros. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

a) A linguagem utilizada por Odorico produz efeitos humorísticos. Aponte um exemplo que comprove essa afirmação. Justifique sua escolha.

Sugestão de resposta – Um dos exemplos de humor a partir da linguagem de Odorico é o emprego de “agoramente”, neologismo criado a partir do advérbio “agora” unido ao sufixo “-mente”, dando uma ideia de urgência ao que Odorico irá fazer. Destaque-se, também, a gradação implicada na sequência “confirmação, ratificação, autenticação e, por que não dizer, a sagração”, atribuindo uma importância muito maior do que a que efetivamente existe na investidura ao cargo.

b) O que leva Odorico a empregar a expressão “por que não dizer”, para introduzir o substantivo “sagração”?

Sabendo do exagero contido na expressão “sagração”, que remete ao campo do sagrado, Odorico utiliza a expressão “por que não dizer” como forma de amenizar tal palavra e conferir o tom de humildade à sua fala nada humilde.

3. Uncisal-AL – Segundo a crítica, o texto *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, marcou o início do teatro moderno brasileiro.

Com direção do polonês Ziembinski, a peça quebrava com todos os padrões da época. A montagem misturava tempos. Não era só do presente olhando para o passado, mas uma peça que pela primeira vez permitia olhar o futuro.

REDE GLOBO. *A breve história do teatro brasileiro e suas reviravoltas dramáticas*. Rede Globo, 29 jun. 2013. Disponível em: <<http://rede-globo.globo.com/globouniversidade>>. Acesso em: abr. 2019.

Essa observação sobre a tendência moderna do teatro confirma

a) o caráter tradicionalmente épico do texto dramático brasileiro persistente no século XX.

b) a relação do drama brasileiro com os textos fantásticos medievais cuja inspiração é cristã.

c) a mixagem entre o texto de Nelson Rodrigues e o auto contemporâneo, a exemplo da obra de Suassuna.

d) um formato de concepção dramática que revigora a sequência temporal linear e contínua.

e) um formato dramático de ruptura que interfere nas concepções tradicionais de tempo linear e quadros contínuos.

A marca de *Vestido de noiva* é a ruptura com o teatro tradicional, propondo inovações acerca da temporalidade e dos planos colocados em cena. É mérito da montagem de Ziembinski abrir as portas para o teatro moderno no Brasil.

4. Funiversa-RJ

O teatro brasileiro nasceu à sombra da religião católica. A primeira pessoa a escrever peças com certa regularidade na terra que a princípio se chamou de Santa Cruz foi, apropriadamente, um santo – ou quase. O padre jesuíta José de Anchieta (1534–1597), quando as escreveu, nos três últimos decênios do século XVI, em versos de ritmo popular, não tinha em vista a arte teatral.

PRADO, Décio de Almeida. *História concisa do teatro brasileiro*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. Adaptado.

Considerando os assuntos abordados no texto, assinale a alternativa incorreta.

a) O padre jesuíta citado no texto servia-se do teatro para compor sermões dramatizados.

b) Anchieta não demonstrava preocupação com as noções de unidade artística de ação, de espaço e de tempo.

c) Anchieta utilizava três idiomas em suas peças: espanhol, português e tupi.

d) O palco italiano era muito utilizado para as apresentações das peças de Anchieta.

e) O público para o qual eram direcionadas as peças de Anchieta era heterogêneo.

As situações adversas em que as peças do autor eram encenadas prescindiam de estrutura teatral, inclusive de palco.

5. Cesgranrio-RJ – O teatro brasileiro tem Martins Pena como um dos seus mais significativos representantes. Suas obras caracterizam-se por:

a) Reproduzir os autos religiosos do século XVI.

b) Usar, como modelo, as tragédias clássicas.

c) Realizar uma comédia de costumes.

d) Demonstrar forte influência do teatro romântico francês.

e) Construir suas peças em versos livres.

É característica do teatro de Martins Pena as comédias de costumes, peças em que os diferentes componentes da sociedade brasileira eram satirizados.

6. Enem

C6-H18

FABIANA, *arrepelando-se de raiva* — Hum! Ora, eis aí está para que se casou meu filho, e trouxe a mulher para minha casa. É isto constantemente. Não sabe o senhor meu filho que quem casa quer casa.... Já não posso, não posso, não posso! *Batendo com o pé*. Um dia arreberto, e então veremos!

PENA, Martins. Quem casa, quer casa. In: *As melhores comédias de Martins Pena*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.

As rubricas em itálico, como as trazidas no trecho de Martins Pena, em uma atuação teatral, constituem

- a) necessidade, porque as encenações precisam ser fiéis às diretrizes do autor.
- b)** possibilidade, porque o texto pode ser mudado, assim como outros elementos.
- c) preciosismo, porque são irrelevantes para o texto ou para a encenação.
- d) exigência, porque elas determinam as características do texto teatral.
- e) imposição, porque elas anulam a autonomia do diretor.

As rubricas representam, no texto teatral, indicações do autor para o desenvolvimento de cenas, posicionamento dos atores, cenários, entonações, entre outros aspectos da peça. Não se tratam, contudo, de imposições, mas apenas de sugestões, que podem ser mudadas quando da montagem da peça.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unicentro-PR – Estão presentes em *A Moratória*, de Jorge Andrade, exceto:

- a) o patriarcalismo.
- b) a nostalgia de um mundo extinto.
- c) a preocupação com as aparências.
- d) a valorização da sociedade industrial.
- e) a condição de inferioridade da mulher.

8. Ufop-MG – Sobre a construção das personagens do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, é incorreto afirmar que:

- a) João Grilo, como protagonista, é um herói no sentido mais clássico do termo, uma vez que combina peculiaridades do herói trágico (a grandeza, por exemplo) e do herói épico (a coragem, por exemplo).
- b) o Diabo é uma alegoria que detém uma grande funcionalidade, contrastando vivamente com Manuel e com a Compadecida.
- c) o Padeiro e sua mulher demonstram claramente que o sistema moral da sociedade está totalmente comprometido com o sistema econômico.
- d) a Compadecida, justificando a metonímia com a qual é designada, apresenta-se como a maior e a melhor advogada de João Grilo.
- e) o Padre e o Bispo são verdadeiras caricaturas dos maus sacerdotes, o que justifica os traços fortes com que são compostos.

9. Sistema Dom Bosco – Aponte dois fatores que inserem a peça *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, no Modernismo e justifique sua escolha.

10. Sistema Dom Bosco – A pesquisadora Maria Vera Cardoso Torrecillas afirma acerca de *O rei da vela* e *A moratória*:

Analizando as peças teatrais *O rei da vela*, de Oswald de Andrade, e *A moratória*, de Jorge Andrade, percebe-se a preocupação dos autores com os problemas sociais da época que retratam a crise econômica e a conseqüente crise de valores; a concepção de futuro; a adaptação à nova realidade.

TORRECILLAS, Maria Vera Cardoso. *A intencionalidade e a situacionalidade nas obras teatrais O rei da vela, de Oswald de Andrade e A moratória, de Jorge Andrade*. São Paulo, 2007. Dissertação – Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Explique o tema das obras citadas pela pesquisadora apontando o que apresentam de comum.

11. Sistema Dom Bosco – A partir da questão anterior, explique o que as duas obras apresentam de diferente em relação ao tratamento do tema.

12. Sistema Dom Bosco

JUIZ – [...] Sr. Escrivão, leia outro requerimento.

ESCRIVÃO, lendo – “O abaixo-assinado vem dar os parabéns a V. S.^a por ter entrado com saúde no novo ano financeiro. Eu, Ilmo. Sr. Juiz de Paz, sou senhor de um sítio que está na beira do rio, aonde dá muito boas bananas e laranjas, e como vem de encaixe, peço a V. S.^a o favor de aceitar um cestinho das mesmas que eu mandarei hoje à tarde. Mas, como ia dizendo, o dito sítio foi comprado com o dinheiro que minha mulher ganhou nas costuras e outras cousas mais; e, vai senão quando, um meu vizinho, homem da raça do Judas, diz que metade do sítio é dele. E então, que lhe parece, Sr. Juiz, não é desaforo? Mas, como ia dizendo, peço a V. S.^a para assistir à marcação do sítio. Manuel André. E.R.M.”

JUIZ – Não posso deferir por estar muito atravancado com um roçado; portanto, requeira ao suplente, que é o meu compadre Pantaleão.

MANUEL ANDRÉ – Mas, Sr. Juiz, ele também está ocupado com uma plantação.

JUIZ – Você replica? Olhe que o mando para a cadeia.

MANUEL ANDRÉ – Vossa Senhoria não pode prender-me à toa; a Constituição não manda.

JUIZ – A Constituição... Está bem!... Eu, o Juiz de Paz, hei por bem derrogar a Constituição! Sr. Escrivão, tome termo que a Constituição está derrogada, e mande-me prender este homem.

PENA, Martins. *O Juiz de paz na roça*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998, p.28.

A partir do trecho acima, como se pode definir a imagem do Juiz de Paz?

13. UFRN – O prefácio do livro *Eles não usam black-tie* reproduz um artigo escrito, em 1960, pelo jornalista Paulo Francis, sobre Gianfrancesco Guarnieri. Afirma Paulo Francis nesse artigo:

Ele é um dramaturgo que transmite a urgência dessa tomada de posição, que a justapõe às acomodações de ordem individual, pedindo ao público que escolha entre as duas atitudes. E o faz carregando consigo a metrópole para o palco, indo ao centro do conflito. Marca o despertar da geração de hoje.

As duas atitudes a que se refere o trecho citado são a adesão à greve pelos trabalhadores e a traição de Tião, o qual prefere não participar do movimento.

A opinião do jornalista sobre o dramaturgo se justifica pelo fato de a peça tratar da

- a) revolta dos habitantes da periferia de uma grande cidade.
- b) desigualdade social sob a perspectiva da luta de classes.

- c) exploração dos trabalhadores pelos sindicatos de esquerda.
- d) impossibilidade de ascensão social da classe operária.

14. Sistema Dom Bosco – A peça *Juiz de paz na roça*, de Martins Pena, pertencente ao Romantismo brasileiro, adapta-se às circunstâncias históricas do Brasil, caracterizando-se principalmente por ser uma:

- a) comédia de costumes que traz personagens populares.
- b) sátira do modo como se estabeleciam as relações entre avós, pais e filhos.
- c) tragédia em que as filhas se submetem às vontades paternas.
- d) comédia que ressalta a oposição entre hábitos citadinos e rurais.
- e) tragédia que ressalta as tendências abolicionistas muito presentes no Romantismo.

15. Unicamp-SP

ODORICO – Eu sei. É um movimento subversivo procurando me intrigar com a opinião pública e criar problemas à minha administração. Sei, sim. É uma conspiração. Eles não queriam o cemitério. Desde o princípio foram contra. E agora que o cemitério está pronto caem de pau em cima de mim, me chamam de demagogo, de tudo...

[...]

ODORICO – Pois eu quero que depois o senhor solete esta gazeta de ponta a ponta. Neco Pedreira o senhor conhece?

ZECA – Conheço não sinhô.

ODORICO – É o dono do jornal. Elemento perigoso. Sua primeira missão como delegado é dar uma batida na redação dessa gazeta subversiva e sacudir a marreta em nome da lei e da democracia...

GOMES, Dias. *O bem amado*: farsa sócio-político-patológica em 9 quadros. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014, p. 40 e 68.

A peça de Dias Gomes é uma crítica a um momento histórico e político da sociedade brasileira. Odorico Paraguassu tornou-se uma personagem emblemática desse período porque por meio dela:

- a) simbolizou-se a defesa da democracia a qualquer custo. Essa defesa resultou em uma sociedade cindida entre o respeito à lei e o seu uso particular, temas políticos comuns aos países latino-americanos nos anos de 1970.
- b) representaram-se o atropelo da lei constitucional, a relativização da liberdade de imprensa e a construção de um inimigo interno que justificasse o arbítrio das decisões do executivo, próprios aos Anos de Chumbo.

- c) explicitaram-se as leis que regiam a vida política e social de uma nação subdesenvolvida da América Latina na década de 1970, marcada pela inércia e pela cumplicidade dos cidadãos com a corrupção sistêmica do país.

- d) fez-se a defesa da democracia e do respeito irrisório à lei constitucional para um projeto de nação brasileira da década 1970, que enfrentava o espírito demagógico dos políticos latino-americanos.

16. Sistema Dom Bosco – Em *A moratória*, estreado em 1955, o autor Jorge Andrade vale-se de uma técnica muito valorizada no teatro moderno brasileiro, sobretudo pela peça que é considerada um marco deste teatro no Brasil. Trata-se da concomitância de diferentes planos – temporais e psicológicos – no mesmo palco.

A peça que inaugura essa técnica é:

- a) *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues.
- b) *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna.
- c) *O rei da vela*, de Oswald de Andrade.
- d) *Eles não usam black-tie*, de Gianfrancesco Guarnieri.
- e) *O bem-amado*, de Dias Gomes.

17. Enem

C4-H12



Espectáculo *Romeu e Julieta*, encenado pelo Grupo Galpão na Praça do Papa, em Belo Horizonte (MG), em 2012.

MUNIZ, Guto. Disponível em: <www.focoincena.com.br>. Acesso em: maio 2016.

A principal razão pela qual se infere que o espetáculo retratado na fotografia é uma manifestação do teatro de rua é o fato de

- a) dispensar o edifício teatral para a sua realização.
- b) utilizar figurinos com adereços cômicos.
- c) empregar elementos circenses na atuação.
- d) excluir o uso de cenário na ambientação.
- e) negar o uso de iluminação artificial.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C4-H12

Teatro do Oprimido é um método teatral que sistematiza exercícios, jogos e técnicas teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal, recentemente falecido, que visa à desmecanização física e intelectual de seus praticantes. Partindo do princípio de que a linguagem teatral não deve ser diferenciada da que é usada cotidianamente pelo cidadão comum (oprimido), ele propõe condições práticas para que o oprimido se aproprie dos meios do fazer teatral

e, assim, amplie suas possibilidades de expressão. Nesse sentido, todos podem desenvolver essa linguagem e, conseqüentemente, fazer teatro. Trata-se de um teatro em que o espectador é convidado a substituir o protagonista e mudar a condução ou mesmo o fim da história, conforme o olhar interpretativo e contextualizado do receptor.

Companhia Teatro do Oprimido. Disponível em: <www.ctorio.org.br>. Acesso em: mar. 2019. Adaptado.

Considerando-se as características do Teatro do Oprimido apresentadas, conclui-se que

- a) esse modelo teatral é um método tradicional de fazer teatro que usa, nas suas ações cênicas, a linguagem rebuscada e hermética falada normalmente pelo cidadão comum.
- b) a forma de recepção desse modelo teatral se destaca pela separação entre atores e público, na qual os atores representam seus personagens e a plateia assiste passivamente ao espetáculo.
- c) sua linguagem teatral pode ser democratizada e apropriada pelo cidadão comum, no sentido de proporcionar-lhe autonomia crítica para compreensão e interpretação do mundo em que vive.
- d) o convite ao espectador para substituir o protagonista e mudar o fim da história evidencia que a proposta de Boal se aproxima das regras do teatro tradicional para a preparação de atores.
- e) a metodologia teatral do Teatro do Oprimido segue a concepção do teatro clássico aristotélico, que visa à desautomação física e intelectual de seus praticantes.

19. Enem

C5-H15

Texto I

José de Anchieta fazia parte da Companhia de Jesus, veio ao Brasil aos 19 anos para catequizar a população das primeiras cidades brasileiras e, como instrumento de trabalho, escreveu manuais, poemas e peças teatrais.

ANCHIETA, José de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

Texto II

Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosque e não se vê em todo ano árvore nem erva seca. Os arvoredos se vão às nuvens de admirável altura e grossura e variedade de espécies. Muitos dão bons frutos e o que lhes dá graça é que há neles muitos passarinhos de grande formosura e variedades e em seu canto não dão vantagem aos rouxinóis, pintassilgos, colorinos e canários de Portugal e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar o Senhor, e os bosques são tão frescos que os lindos e artificiais de Portugal ficam muito abaixo.

ANCHIETA, José de. *Cartas, informações, fragmentos históricos e sermões do Padre Joseph de Anchieta*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1933.

A leitura dos textos revela a preocupação de Anchieta com a exaltação da religiosidade. No texto II, o autor exalta, ainda, a beleza natural do Brasil por meio

- a) do emprego de primeira pessoa para narrar a história de pássaros e bosques brasileiros, comparando-os aos de Portugal.
- b) da adoção de procedimentos típicos do discurso argumentativo para defender a beleza dos pássaros e bosques de Portugal.
- c) da descrição de elementos que valorizam o aspecto natural dos bosques brasileiros, a diversidade e a beleza dos pássaros do Brasil.
- d) do uso de indicações cênicas do gênero dramático para colocar em evidência a frescura dos bosques brasileiros e a beleza dos rouxinóis.
- e) do uso tanto de características da narração quanto do discurso argumentativo para convencer o leitor da superioridade de Portugal em relação ao Brasil.

20. Enem

C5-H17

Lições de motim

DONA COTINHA – É claro! Só gosta de solidão quem nasceu pra ser solitário. Só o solitário gosta de solidão. Quem vive só e não gosta da solidão não é um solitário, é só um desacompanhado. (A reflexão escorrega lá pro fundo da alma.) Solidão é vocação, besta de quem pensa que é sina. Por isso, tem de ser valorizada. E não é qualquer um que pode ser solitário, não. Ah, mas não é mesmo! É preciso ter competência pra isso. (De súbito, pedagógica, volta-se para o homem.) É como poesia, sabe, moço? Tem de ser recitada em voz alta, que é pra gente sentir o gosto. (FAZ UMA PAUSA.) Você gosta de poesia? (O HOMEM TORNA A SE DEBATER. A VELHA INTERROMPE O DISCURSO E VOLTA A LHE DAR AS COSTAS, COMO SEMPRE, IMPASSÍVEL. O HOMEM, MAIS UMA VEZ, CANSADO, DESISTE.) Bem, como eu ia dizendo, pra viver bem com a solidão temos de ser proprietários dela e não inquilinos, me entende? Quem é inquilino da solidão não passa de um abandonado. É isso aí.

ZORZETTI, Hugo. *Lições de motim*. Goiânia: Kelps, 2010. Adaptado.

Nesse trecho, o que caracteriza *Lições de motim* como texto teatral?

- a) O tom melancólico presente na cena.
- b) As perguntas retóricas da personagem.
- c) A interferência do narrador no desfecho da cena.
- d) O uso de rubricas para construir a ação dramática.
- e) As analogias sobre a solidão feitas pela personagem.

LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

27



Largo José Saramago, em Lisboa. Ao centro, a Casa dos Bicos, sede da Fundação José Saramago.

O regime ditatorial português deposto em 1974 marcou a produção literária do país na maior parte do século XX. O neorrealismo, já tratado, foi a maneira que os autores encontraram para se contrapor ao regime de exceção e denunciar questões que eram mascaradas pelo governo do Estado Novo. A força da censura e o exílio de artistas e intelectuais marcou o período e, na produção pós-Revolução dos Cravos – que marca o fim da ditadura – ainda se revisita a história recente do país. No entanto, ao avançar dos anos, sobretudo a partir da década de 1990, a literatura portuguesa amplia seus horizontes e se torna cada vez mais cosmopolita; durante o período pelo qual se estende a ditadura, além dos anos posteriores, a literatura em Portugal atingiu tal grau de qualidade que, em 1998, o prêmio Nobel de Literatura foi concedido pela primeira vez a um autor de língua portuguesa: José Saramago.

A condecoração de Saramago é simbólica para a literatura em português e para a produção portuguesa do século XX, que agrega nomes como Sophia de Mello Breyner Andresen, António Lobo Antunes, José Cardoso Pires, Maria Velho da Costa, Lídia Jorge, além do próprio Saramago, laureado com o Nobel. Além disso, a redemocratização do país, o fim da censura e um período de crescimento econômico, sobretudo com a entrada de Portugal na União Europeia e a adesão ao Euro, marcam os primeiros anos do século XXI e influenciam a literatura portuguesa, voltada para temas mais universais, além de instigada por um mercado editorial efervescente.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Nascida na cidade do Porto em 1919 e falecida em Lisboa em 2004, Sophia de Mello Breyner Andresen é uma das mais expressivas vozes do lirismo português contemporâneo. A temática de seus poemas explora questões caras à literatura portuguesa de todos os tempos, como o mar, as paisagens de maneira geral e a vida política – a autora foi deputada eleita em 1975 pelo Partido Socialista.



Sophia de Mello Breyner Andresen.

- Sophia de Mello Breyner Andresen
- António Lobo Antunes
- José Saramago
- Gonçalo M. Tavares
- Valter Hugo Mãe

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

A característica mais marcante de seus poemas é a exploração da ligação entre palavra e coisa (*verbum e res*). O poeta brasileiro João Cabral de Melo Neto elogiava na poetisa seus “substantivos concretos”, característica que ela partilhava com João Cabral: ambos trabalham com a palavra certa, sem o espaço para sobra. Na autora portuguesa, contudo, convivem o concreto e o solene, a “coisa” e o mistério. Seus primeiros poemas foram publicados em 1940. Suas principais obras são: *O dia do mar* (1947); *Coral* (1950); *No tempo dividido* (1954); *Mar novo* (1958); *Livro sexto* (1962); *O Cristo cigano* (1961); *Geografia* (1967); *Grades* (1970); *11 poemas* (1971); *Dual* (1972); *Antologia* (1975); *O nome das coisas* (1977); *Navegações* (1983); *Ilhas* (1989); *Musa* (1994); e *Signo* (1994).

Inicial

O mar azul e branco e as luzidias

Pedras – O arfado espaço

Onde o que está lavado se relava

Para o rito do espanto e do começo

Onde sou a mim mesma devolvida

Em sal espuma e concha regressada

À praia inicial da minha vida

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. In: FERRAZ, Eucanaã (org.). *Coral e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 239.

António Lobo Antunes

Um dos grandes autores da literatura portuguesa contemporânea, Lobo Antunes é médico psiquiatra, nascido em 1942. Sua experiência na guerra colonial, em Angola, marcou sua carreira e, em 1979, publicou seu romance mais conhecido: *Os cus de Judas*. Na história de claro tom autobiográfico, um médico português, enviado para Angola, questiona a lógica da guerra na qual se encontra. A falta de lógica atormenta a mente do narrador. Tal efeito é obtido, ainda, pela temporalidade binária do romance, em que convivem o momento da enunciação, o presente, em Lisboa, e o passado na guerra, rememorado. A experiência da guerra colonial é de tal maneira traumática para o narrador que, ao relatar os acontecimentos, a narrativa do passado invade o momento da enunciação; a força das imagens é tal que as ações se presentificam, inclusive no emprego de verbos no presente no indicativo, marcando essa fusão entre presente e lembrança, guerra e cotidiano.

A vasta produção literária de Antunes inclui obras como: *As naus* (1988), *O Esplendor de Portugal*



António Lobo Antunes.

ALBUM/ADINE SAGALY/AG-IMAGES/FOTOARENA

José Saramago

José Saramago, nascido em Azinhaga em 1922 e morto em Lanzarote em 2010, foi o primeiro escritor de língua portuguesa a ganhar o prêmio Nobel de Literatura, em 1998. Durante sua vida, exerceu diversas profissões, tendo se dedicado por maior tempo ao jornalismo e à atuação editorial. Seu primeiro livro data de 1947, *Terra do pecado*. Sua vasta produção guarda títulos como: *Manual de pintura e caligrafia*, 1977; *Levantado do chão*, 1980; *Memorial do convento*, 1982; *O ano da morte de Ricardo Reis*, 1984; *A jangada de pedra*, 1986; *História do cerco de Lisboa*, 1989; *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, 1991; *Ensaio sobre a cegueira*, 1995; *Todos os nomes*, 1997; *A caverna*, 2000; *O homem duplicado*, 2002; *Ensaio sobre a lucidez*, 2004; e *As intermitências da Morte*, 2005.

Há ao menos dois períodos de características distintas na produção de Saramago. O primeiro deles, que abarca a produção dos anos 1970 e 1980 até a publicação de *O evangelho*, no início dos anos 1990, é caracterizado por enredos geográficos e historicamente localizados, muitas vezes com a presença de person-

(1997) e *Até que as pedras se tornem mais leves que a água* (2017).

[...] os levaram, de barba por pentear, sem terem tomado banho nem escovado os dentes, sem se perfumarem das essências da sua condição de nobres, sem se despedirem do batoteiro dos dois canos entretido com uma nova farsa de robertos, a uma sala de estuque leproso chamada de Tribunal de Polícia, munida de vários bancos compridos de sacristia em que se sentava um público de curiosos e desempregados, o vosso povo, o pobre povo de Lisboa, Senhor, o que em mil quatrocentos e noventa e oito se amontoou na praia do Restelo para me ver partir, aquelas caras sérias lavradas pelo desengano da desgraça, aqueles olhos sem esperança, aquela roupa gasta, o povo que não esperava nada de Vós ou de mim por não esperar nada de ninguém nem de milagre algum e me fitava com a expressão sem expressão com que se observam os filhos antes de os entaiparem nas urnas, a vossa raça de heróis e marinheiros, majestade, a que definha de diarreia de leite de coco na Guiné, vagueia, a beber água choca, nas dunas de naufrágio de Moçambique e ferve nas tabernas da Madragoa e do Castelo a discutir histórias de escunas [...].

ANTUNES, António Lobo. *As naus*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2011.



José Saramago.

ALBUM/OSCAR ELIAS/FOTOARENA

gens históricos – como o rei D. João V e o frei Bartolomeu de Gusmão em *Memorial do convento*, ou ainda Jesus Cristo n’*O evangelho*. A partir da publicação de *Ensaio sobre a cegueira*, em 1995, a obra do autor passa a circular por ambientes não determinados, mas profundamente relacionados à sociedade contemporânea e às questões urgentes que se colocam diante de um mundo fadado ao fracasso pelo capital – Saramago sempre deixou explícito seu posicionamento anticapitalista e marcadamente marxista.

Em *História do cerco de Lisboa*, de 1989, conhecemos Raimundo Benvindo Silva, um humilde revisor de textos que decide acrescentar propositadamente uma palavra ao texto que está revisando e, com isso, muda a interpretação do fato histórico. O acréscimo da palavra “não”, ao se referir ao apoio dos cruzados aos portugueses, no cerco e retomada da cidade de Lisboa, muda a história e causa transtorno na editora, que se vê obrigada a lançar uma errata e contrata uma supervisora para o trabalho de Raimundo, Maria Sara. A supervisora tenta entender os motivos que levaram Raimundo ao erro na revisão do texto, mas este não admite sua intenção; Sara acaba incentivando-o a escrever sua própria versão da história do cerco, sem a participação dos cruzados. Raimundo o faz e ele e sua supervisora engatam em um relacionamento amoroso.

O livro trata do cotidiano monótono de um revisor que enxerga no emprego de uma palavra não existente no original a chance de se fazer importante e, assim, ressignificar sua vida e profissão. É a partir do “erro” revisional que Raimundo Benvindo se coloca, tentando se afirmar como o realizador ou transformador da história. Além disso, o livro força os limites entre ficção e história, indicando que esta última se configura como uma interpretação do passado, e que seu escritor tem algum poder para manipular tais informações, tal qual o escritor de ficção o faz, o que se prova no trabalho do revisor criado por José Saramago.

Disse o revisor, Sim, o nome deste sinal é deletur, usamo-lo quando precisamos suprimir e apagar, a própria palavra o está a dizer, e tanto vale para letras soltas como para palavras completas, Lembra-me uma cobra que se tivesse arrependido no momento de morder a cauda, Bem observado, senhor doutor, realmente, por muito agarrados que estejamos à vida, até uma serpente hesitaria diante da eternidade, Faça-me aí o desenho, mas devagar, É fácilimo, basta apanhar-lhe o jeito, quem olhar distraidamente cuidará que a mão vai traçar o terrível círculo, mas não, repare que não rematei o movimento aqui onde o tinha começado, passei-lhe ao lado, por dentro, e agora vou continuar para baixo até cortar a parte inferior da curva, afinal o que parece mesmo é a letra Q maiúscula, nada mais, Que pena, um desenho que prometia tanto, Contentemo-nos com a ilusão da semelhança, porém, em verdade lhe digo, senhor doutor, se me posso exprimir em estilo profético, que o interesse da vida onde sempre

esteve foi nas diferenças, Que tem isso que ver com a revisão tipográfica, Os senhores autores vivem nas alturas, não gastam o precioso saber em despicências e insignificâncias, letras feridas, trocadas, invertidas, que assim lhes classificávamos os defeitos no tempo da composição manual, diferença e defeito, então, era tudo um, Confesso que os meus deletures são menos rigorosos, um rabisco dá-me para tudo, confio-me à sagacidade dos tipógrafos, essa tribu colateral da edípica e celebrada família dos farmacêuticos, capazes até de decifrar o que nem chegou a ser escrito, E depois os revisores que açudam a resolver os problemas, Sois nossos anjos-da-guarda, a vós nos confiamos [...].

SARAMAGO, José. *História do cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Gonçalo M. Tavares e Valter Hugo Mãe: a novíssima ficção portuguesa

Gonçalo M. Tavares, nascido em Angola, teve o primeiro livro publicado em 2001. Desde então, já coleciona mais de 22 títulos publicados e que variam entre romances, peças de teatro, ficções e poemas; seus escritos são marcados



Gonçalo M. Tavares.

por um forte experimentalismo, seja nas formas, pelas quais circula com propriedade, seja nos conteúdos, que variam da metalinguagem às reflexões e questionamentos humanos. Sua obra reúne: *Jerusalém*, de 2004; *Aprender a rezar na era da técnica*, de 2007; *Atlas do corpo e da imaginação*, de 2013; e *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai*, de 2014.

O rosto

Impossível não reparar naquele rosto. O tão característico rosto redondo, olhos e bochechas enormes. Uma deficiente — ou um deficiente? Marius teve dificuldade em distinguir. À primeira vista parecia uma menina, sem dúvida — quantos anos, quinze, dezasseis? —, mas depois, olhado/olhada com mais atenção, dir-se-ia um rapaz, mas não. Uma rapariga. Nas mãos tinha uma pequena cartolina. Marius esqueceu-se da sua pressa e aproximou-se. Ela sorriu e passou-lhe a cartolina para as mãos. Estava dactilografada.

“FORNECER OS SEUS DADOS PESSOAIS

- 1 — Dizer o primeiro nome
- 2 — Dizer se é rapaz ou rapariga
- 3 — Dizer o nome completo
- 4 — Dizer o nome dos pais e irmãos
- 5 — Dizer a morada
- 6 — Dizer em que escola anda
- 7 — Dizer a idade
- 8 — Dizer o dia e o mês de aniversário
- 9 — Dizer a cor dos olhos e do cabelo”

TAVARES, GonçaloM. *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LETICIA MOREIRA/FOLHAPRESS



Valter Hugo Mãe, na 9ª Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP), no Rio de Janeiro, em julho de 2011.

Também nascido em Angola, Valter Hugo Mãe vive em Portugal desde sua infância. O autor ganhou destaque na prosa portuguesa contemporânea a partir da publicação de *o nosso reino*, em 2004, romance que forma com *o remorso de baltazar serapião*, de 2006, *o apocalipse dos trabalhadores*, de 2008, e *a máquina de fazer espanhóis*, de 2010, a chamada “tetralogia das minúsculas”, por serem quatro romances escritos sem nenhuma letra maiúscula – uma opção do autor para reconduzir a literatura à liberdade do pensamento. Suas obras remontam a um tom afetivo e confessional, sempre acompanhadas de intenso pessimismo.

com a morte, também o amor devia acabar, acto contínuo, o nosso coração devia esvaziar-se de qualquer sentimento que até ali nutrira pela pessoa que deixou de existir, pensamos, existe ainda, está dentro de nós, ilusão que criamos para que se torne todavia mais humilhante a perda e para que nos abata de uma vez por todas com piedade, e não é compreensível que assim aconteça, com a morte, tudo o que respeita a quem morreu devia ser erradicado, para que aos vivos o fardo não se torne desumano, esse é o limite, a desumanidade de se perder quem não se pode perder. [...]

MÃE, Valter Hugo. *a máquina de fazer espanhóis*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016.

LEITURA COMPLEMENTAR

Demarcada pelo período posterior ao 25 de abril de 1975, a literatura portuguesa envereda por um novo processo de escrita, em que as relações entre construção literária e percurso histórico se estreitam e se conectam intimamente. Por sua vez, nesse cenário, novas vozes, partindo das margens da nação, emergem e, ao se distanciarem de certa maneira do discurso historiográfico, é à memória que se fiam, por ser essa capaz de abarcar as percepções do sujeito, revelar fragmentos do passado e expor mazelas de um tempo pretérito. Ao escrever sobre episódios que viveu e testemunhou em sua infância cria-se uma esfera familiar e documental, em que a autora [Isabela Figueiredo] reúne textos independentes, resultado de um conjunto de fragmentos de memórias, oriundos de primeiras publicações em ambiente virtual, o seu blog “O mundo perfeito”.

A narrativa, em tom autobiográfico, revela pequenos testemunhos e atravessa a infância de Isabela em Lourenço Marques, concomitantemente a vários momentos da história portuguesa, configurando-se, assim, como um registro, que se submete às recordações fragmentadas da autora-personagem-protagonista e revela traços de um Eu em processo de construção, que, sobretudo, conta a partir da experiência.

▶ Num diálogo póstumo com a figura do pai, Isabela é a memória da segunda geração, filha de uma primeira geração que viveu, presenciou e experimentou o colonialismo, e que fora marcada pelo silêncio. Aqui, numa narração em primeira pessoa, a autora ativa suas memórias e as incorpora ao discurso da narradora-personagem-protagonista que, ainda criança, está a descobrir o mundo ao passo que se encontra envolta nas amarras do colonialismo, para denunciar e livrar-se (d)os fantasmas do passado. Como resultado, a narrativa constrói-se como um desabafo, pois, ao relatar os males colonialistas, Isabela está também a relatar os males causados pelo próprio pai, estabelecendo com ele um diálogo póstumo. Assim, percebe-se que, na narrativa, história e ficção são discursos que, no presente, tentam resgatar o passado, desse modo, espera-se discutir, neste trabalho, os traços autobiográficos/autoficcionalistas presentes na narração e na tessitura do texto, assim como fomentar uma discussão sobre de que formas o desenvolvimento da personagem-protagonista se encontra atrelado ao contexto colonialista português e, como, nesse processo, a memória contribui na reconstituição do que foi.

SILVA, Ariane de Andrade da; AMORIM, Cláudia Maria de Souza. Forjada pelo fogo: memórias do colonialismo, em *Caderno de memórias coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo. *Anais do XV Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Disponível em: <www.abralic.org.br>. Acesso em: abr. 2019.

Nunca tinha batido em ninguém, mas dei-lhe uma bofetada, porque ela me irritou, porque não concordou comigo, porque eu é que sabia e mandava e estava certa, porque ela tinha dito uma mentira, porque me tinha roubado uma borracha, sei lá por que lhe dei a maldita bofetada! Mas dei-lha, na Escola Especial, no intervalo da manhã, encostada aos fundos da sala da 4ª classe. Uma parede branca. Era a Marília. Foi premeditado. Tinha pensado antes, se ela voltar a irritar-me, bato-lhe. Podia perfeita e impunemente bater-lhe. Era mulata. E a rapariga comeu e continuou em pé, sem se mexer, com a mão na cara, sem nada dizer, fitando-me com um estranho olhar magoado, sem um gesto de retaliação. Disse-lhe, já levaste, e depois afastei-me para o fundo do pátio, absolutamente consciente da infâmia que tinha cometido, esse exercício de poder que não compreendia, e com que não concordava. Não por ser uma bofetada, mas porque tinha sido à Marília. A Marília era um alvo fraco. Nada podia contra mim. Queixasse-se, e depois?! Eu era branca. Quem poderia cantar vitória logo à partida? Senti-me muito mal. Depois. A experiência tinha-me saído amarga. Bater nos mais fracos não era nada cristão. Jesus não o faria. Não esqueci o rosto esguio e o belo cabelo crespo da Marília. Era mulata e não podia bater-me. Não me lembro se cheguei a pedir-lhe desculpa. Acho que não.

FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. São Paulo: Todavia, 2018.



Isabela Figueiredo na edição de 2018 da Festa Literária Internacional de Paraty.

ROTEIRO DE AULA

LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Contexto histórico

A ditadura militar, vivida em Portugal entre 1933 e 1974, marcou o país pela

censura e repressão política,

além da ampliação das desigualdades sociais e dos malefícios das

guerras coloniais, responsáveis pela ocupação e morte de parte considerável da população masculina economicamente ativa do país.

Os anos que se seguiram ao 25 de abril de 1974, data da

Revolução dos Cravos,

foram de reestabelecimento democrático e reabertura política do país, seguido também pelo fim da

Guerra Colonial

e pela independência

das colônias em território africano.

A partir de 1990, o país vive um período de euforia na economia, sobretudo depois da sua entrada na

União Europeia e da adoção do Euro,

promovendo o crescimento do país e um conseqüente cosmopolitismo cultural, decorrente da livre circulação entre os países membros da UE.

ROTEIRO DE AULA

Características gerais

A literatura portuguesa contemporânea é um reflexo da história recente do país e mistura diversas características. Em autores como

Lobo Antunes e José Saramago

estão baseados os romances históricos, que tratam tanto da história recente quanto da antiga história portuguesa. Em Saramago, ao lado da revisitação histórica, está a

leitura do mundo contemporâneo e o engajamento na luta marxista e na defesa dos direitos humanos.

Na poesia, um dos destaque da segunda metade do século XX é

Sophia de Mello Breyner Andresen,

autora cuja produção perpassa temas como

a política, a antiguidade clássica e elementos caros à literatura portuguesa, como o mar.

Já completamente inseridos no século XXI, dois autores se destacam pela qualidade e inovação de suas obras:

Valter Hugo Mãe,

com obras que refletem diferentes aspectos da existência e são marcadas por certo pessimismo agudo, e

Gonçalo Tavares,

premiado autor que se destaca pelo experimentalismo em suas obras, que reúnem e misturam os mais diversos gêneros.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

Leia os textos a seguir e responda às questões 1 e 2.

[...] Recordo-lhe que os revisores são gente sóbria, já viram muito de literatura e vida, O meu livro recordo-lhe eu, é de história, Assim realmente o designariam segundo a classificação tradicional dos géneros, porém, não sendo propósito meu apontar outras contradições, em minha discreta opinião, senhor doutor, tudo quanto não for vida, é literatura, A história também, A história sobretudo, sem querer ofender,

SARAMAGO, José. *História do Cerco de Lisboa*. Rio de Janeiro: O Globo; São Paulo: Folha de São Paulo, 2003, p. 12.

[...] O que você quer dizer, por outras palavras, é que a literatura já existia antes de ter nascido, Sim senhor, como o homem, por outras palavras, antes de o ser já o era. Parece-me um ponto de vista bastante original, Não o creia, senhor doutor, o rei Salomão, que há muito tempo viveu, já então afirmava que não havia nada de novo debaixo da rosa do sol.

Idem, p. 13.

[...] Então o senhor doutor acha que a história e a vida real, Acho, sim, Que a história foi vida, real, quero dizer, Não tenho a menor dúvida, Que seria de nós se não existisse o deleatur, suspirou o revisor.

(Idem, p. 14.)

- 1. Unicamp-SP** – Nos excertos acima, revisor e autor discutem uma questão decisiva para a escrita do romance de José Saramago. Identifique essa questão, presente no diálogo entre as duas personagens, e explique sua importância para o conjunto da narrativa.

Sugestão de resposta – Na conversa entre o revisor Raimundo Silva e o historiador, discute-se o que é Literatura e o que é História. Segundo o “senhor doutor”, História é vida real, mas Raimundo Silva entende que História é uma forma de literatura em que os detalhes das ações, por exemplo, são omitidos, concentrando-se no relato dos fatos principais. A narrativa de *História do cerco de Lisboa* apropria-se de fatos históricos, mas faz uma nova abordagem, que problematiza os fatos passados questionando-os. Sendo assim, o revisor Raimundo Silva passa a autor, e a versão do cerco a Lisboa é alterada, constituindo uma visão mais abrangente do fato histórico.

- 2. Unicamp-SP** – No terceiro excerto, o revisor utiliza a palavra *deleatur*. O que significa essa expressão e por que ela é tão importante para o revisor?

Sugestão de resposta – Em latim, “deleatur” significa “destrua-se”. Trata-se de um sinal gráfico indicativo de exclusão de palavras, letras ou trechos. No contexto do romance em questão, o *deleatur* significa aquilo que o revisor Raimundo Silva fará com parte do episódio do cerco a Lisboa, ocorrido em 1147. O revisor, portanto, eliminará erros tipográficos, mas também a versão oficial da história.

3. FCC-SP

Necessidade interior

Uma coisa que não podemos fazer é forçar o tempo interior. Cada coisa tem seu momento de maturação, e apressá-la significaria debilitá-la, uma fatal distorção. Num segmento do teu tempo, tens um conjunto de coisas que estão desorganizadas, e subitamente se introduz aí um elemento que organiza tudo.

Algo assim me ocorreu de uma maneira muito intensa, em meados de 1960. Uma vivência sentimental que tive, muito forte, pôs-se de repente a exigir de mim uma expressão, uma manifestação que fosse além da expressão direta desse sentimento mesmo. Senti que tinha algo a dizer, a criar. Foi dessa forma tão elementar que tudo começou. Foi assim que me fiz escritor.

SARAMAGO, José. *As palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 75. Adaptado.

De acordo com o segundo parágrafo do texto, deve-se entender que o escritor José Saramago:

- a)** encontrou na literatura uma forma de encarar e traduzir as intensas experiências emocionais.
- b)** valeu-se de sua vocação para escritor a fim de evitar ser atingido por algum excesso de pressão sentimental.
- c)** tornou-se um criador celebrado por ter sabido ficar imune às vivências dolorosas que o atormentavam.
- d)** resolveu exceder os limites da literatura, vivenciando de modo mais direto seus traumas afetivos.
- e)** buscou encontrar na literatura um consolo para poder suportar seus delírios passionais.

As intensas experiências emocionais despertam o desejo de ir além da própria vivência do sentimento; a literatura, portanto, atende a essa demanda.

4. Cespe/UNB-DF

O enredo do romance *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago (1998), gira em torno de um revisor de textos de quem se espera total fidelidade e respeito ao autor. Raimundo Silva, o personagem revisor de Saramago, é, a princípio, um escritor reprimido, que não consegue dedicar-se ao que realmente lhe apetece, e, como tantos outros personagens semelhantes, é um homem solitário e tímido, que ganha (mal) a vida revisando textos que, muitas vezes, despreza, sempre respeitando, entretanto, a posição que lhe cabe na hierarquia do trabalho com as palavras. Um dia, porém, ao revisar um livro histórico, Raimundo Silva resolve ignorar essa hierarquia, além de todas as normas que regem seu monótono ofício, e acrescenta um “não” à linha em que o autor afirma que os cruzados auxiliarão os portugueses a tomar Lisboa. O revisor, a partir desse ato de consciente e extrema interferência, assume, finalmente, seu desejo de reescrever o texto que revisa, e sua vida muda. Aqui, merece destaque o poder praticamente absoluto que é atribuído à figura do autor, no universo do personagem de Saramago, em que, a partir da escritura, é possível se criar e se estabelecer o que é verdade. Para o revisor que conhece seu lugar, o autor, como tal, é infalível. Para Raimundo Silva, entretanto, se o revisor tivesse o poder e o direito de escrever como o autor, poderia mudar a realidade. Assim, dada sua trajetória, o revisor sabe, mais do que ninguém, que, como espaço privilegiado do autor, o original deve ser mantido, o máximo possível, longe do desejo autoral de revisores mal-intencionados.

ARROJO, Rosemary. “A relação exemplar entre autor e revisor (e outros trabalhadores textuais semelhantes) e o mito de Babel: alguns comentários sobre *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago”.

In: D.E.L.T.A, v. 19, número especial, 2003. Adaptado.

Em relação ao texto apresentado, assinale a opção correta.

- a)** A estrutura “é possível se criar e se estabelecer o que é verdade” realça o empenho do personagem em manter a fidedignidade ao texto original ao revisar texto literário.
- b)** Ao inserir o advérbio de negação “não”, o personagem revisor manteve a correção gramatical do texto, mas não o sentido do que era relatado na ficção.
- c)** No trecho “de quem se espera total fidelidade e respeito ao autor”, o revisor é caracterizado como um profissional disposto a burlar a confiança do autor.

- d) No trecho “é, a princípio, um escritor reprimido;” a ensaísta reproduz a visão de Saramago, visto que esta corresponde à própria visão dela sobre o revisor.
- e) Na sequência “que, muitas vezes, despreza, sempre respeitando;” a autora aproxima, por meio de formas verbais antônimas, ideias contraditórias acerca do mesmo elemento conceitual.

Cumprindo parte de seu papel de revisor, Raimundo Silva mantém a correção gramatical do texto, mas lhe altera o sentido original, ao inserir o advérbio de negação.

5. Sistema Dom Bosco – Leia o texto.

Texto I

Mar Sonoro

Mar sonoro, mar sem fundo, mar sem fim,
A tua beleza aumenta quando estamos sós
E tão fundo intimamente a tua voz
Segue o mais secreto bailar do meu sonho,
Que momentos há em que eu suponho
Seres um milagre criado só para mim.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. In: FERRAZ, Eucanaã (org.). *Coral e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 62.

Texto II

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor,
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995..

Assinale a alternativa que relaciona corretamente os dois poemas:

- a) Os poemas apresentam semelhança temática e formal, uma vez que são formados por versos brancos.
- b) A presença do mar, nos poemas, está relacionada à tendência de fugacidade apresentada pelo seu conteúdo.

- c) O mar é tema frequente da literatura portuguesa, seja do ponto de vista histórico ou do ponto de vista subjetivo, conforme demonstram os poemas.
- d) Tanto no poema de Fernando Pessoa quanto no de Sophia de Mello Breyner há destaque para a importância histórica do mar para Portugal.
- e) Embora formalmente distintos, os dois poemas se aproximam por tratarem do mesmo tema, com a mesma abordagem.

O mar é realmente um tópos da literatura portuguesa; a primeira ligação é notadamente histórica, como se lê em Pessoa, mas também se apresenta na reflexão do eu-lírico, conforme se verifica em Sophia de Mello Breyner.

6. Fuvest

C7-H22

Já vai andando a rédua dos homens de Arganil, acompanham-nos até fora da vila as infelizes, que vão clamando, qual em cabelo, Ó doce e amado esposo, e outra protestando, Ó filho, a quem eu tinha só para refrigério e doce amparo desta cansada já velhice minha, não se acabavam as lamentações, tanto que os montes de mais perto respondiam, quase movidos de alta piedade [...].

SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Em muitas passagens do trecho transcrito, o narrador cita textualmente palavras de um episódio de *Os Lusíadas*, visando a criticar o mesmo aspecto da vida de Portugal que Camões, nesse episódio, já criticava. O episódio camoniano citado e o aspecto criticado são, respectivamente,

- a) “O Velho do Restelo”; a posição subalterna da mulher na sociedade tradicional portuguesa.
- b) “Aljubarrota”; a sangria populacional provocada pelos empreendimentos coloniais portugueses.
- c) “Aljubarrota”; o abandono dos idosos decorrente dos empreendimentos bélicos, marítimos e suntuários.
- d) “O Velho do Restelo”; o sofrimento popular decorrente dos empreendimentos dos nobres.
- e) “Inês de Castro”; o sofrimento feminino causado pelas perseguições da Inquisição.

Na passagem do Velho do Restelo, Camões tratava das grandes navegações e dos sofrimentos causados por esse empreendimento, tido pelo Velho como pura ganância. A referência clara de Saramago se dá pelo mesmo motivo: a construção do convento de Mafra era um empreendimento idealizado pela nobreza cujo ônus recaía sobre a população.

Competência de área 7 – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

H22 – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unicamp-SP

Amor é fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer;

MOISÉS, Massaud (Seleção, prefácio e notas). *Lírica de Camões*. São Paulo: Cultrix, 1963.

Terror de te amar num sítio tão frágil como o mundo.
Mal de te amar neste lugar de imperfeição
Onde tudo nos quebra e emudece
Onde tudo nos mente e nos separa.

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. In: FERRAZ, Eucanaã (org.). *Coral e outros poemas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Dos dois textos transcritos, o primeiro é de Luís Vaz de Camões (século XVI) e o segundo, de Sophia de Mello Breyner Andresen (século XX). Compare-os, discutindo,

através de critérios formais e temáticos, aspectos em que ambos se aproximam e aspectos em que ambos se distanciam um do outro.

Leia o texto a seguir e responda às questões 8 e 9.

Valter Hugo Mãe, um escritor maiúsculo

Quando José Saramago diz que determinada obra é um “tsunami linguístico, semântico e sintático”, não resta muito, exceto se deixar ser tragado pelo ir e vir do oceano de palavras e se afogar nas páginas. Pois foi esse o termo que o único Nobel de Literatura da língua portuguesa usou para descrever *o remorso de Baltazar Serapião*, do conterrâneo valter hugo mãe.

Sim, tudo em minúsculas. Obra e autor em letras diminutas, pois língua falada não tem caixa alta. Mas não se engane: este é um escritor grandioso, criador de livros imponentes.

O homem que tirou de Saramago o elogio foi o nome mais aclamado dentre tantos literatos na Flip deste ano. Esgotou os 500 exemplares do seu mais recente romance, *a máquina de fazer espanhóis*, no evento. Não é para menos: a obra é um comvente relato sobre política e morte. Nele, Antônio Jorge da Silva, barbeiro de 84 anos e Silva como muitos em Portugal, depara com a morte de Laura, parceira de meio século. Este Silva, que traz consigo as cicatrizes da ditadura salazarista, acaba num asilo. Nas palavras do próprio, “a Laura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. Foi o que fizeram. Depois nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher”.

Neste lugar, em vez de esperar a morte chegar, ele encontra outros “silvas” com quem tudo é debatido – principalmente política. Um dos pontos levantados pelos silvas é o sentimento de inferioridade que Portugal tem diante de Espanha. Essas conversas entre o barbeiro e os outros velhinhos é a forma encontrada por Silva de não morrer em vida, de ignorar a melancolia ao ver o fim se aproximar.

VIANA, Rodolfo. Valter Hugo Mãe, um escritor maiúsculo. *Vida Simples*, ed. 109, set. 2011, p. 74.

8. UEG – Com relação ao texto, é correto afirmar:

- a) em “foi esse o termo que o único Nobel de Literatura da língua portuguesa usou para descrever *O Remorso de Baltazar Serapião*, do conterrâneo Valter Hugo Mãe”, o trecho destacado refere-se a Saramago.
- b) em “Neste lugar, em vez de esperar a morte chegar, ele encontra outros ‘silvas’ com quem tudo é debatido – principalmente política”, o trecho destacado refere-se ao país onde o personagem vive.
- c) no período “Não é para menos: a obra é um comvente relato sobre política e morte”, o termo em destaque refere-se ao conjunto da produção artístico-literária de José Saramago.
- d) no período “O homem que tirou de Saramago o elogio foi o nome mais aclamado dentre tantos literatos na Flip deste ano”, a palavra destacada faz referência ao personagem da obra.

9. UEG – No trecho exceto “se deixar ser tragado pelo ir e vir do oceano de palavras e se afogar nas páginas”, verificam-se duas figuras de linguagem que podem ser classificadas, respectivamente, como:

- a) aliteração e prosopopeia.
- b) assíndeto e hipérbole.

c) hipérbole e metáfora.

d) zeugma e metonímia.

Leia a seguinte passagem de *Os Cus de Judas*, de António Lobo Antunes, para responder às questões 10 a 12:

Deito um centímetro mentolado de guerra na escova de dentes matinal, e cuspo no lavatório a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda, a minha barba é a floresta do Chalala a resistir ao napalm da Gillette, um grande rumor de trópicos ensanguentados cresce-me nas vísceras, que protestam.

ANTUNES, António Lobo. *Os cus de Judas*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003. p. 213.

10. Unicamp-SP – A que guerra se refere o narrador?

11. Unicamp-SP – Por que o narrador utiliza o presente do indicativo ao falar sobre a guerra?

12. Unicamp-SP – Que recurso estilístico o narrador do excerto utiliza para aproximar a guerra de seu cotidiano? Cite dois exemplos.

13. Sistema Dom Bosco – Em relação à abordagem do tema, nos dois textos:

- a) Verifica-se uma distinção entre a abordagem histórica do poema de Fernando Pessoa e a subjetividade sentimental do poema de Sophia de Mello Breyner.
- b) É possível verificar a importância do mar para a literatura portuguesa, relacionada exclusivamente à temática das grandes navegações.
- c) Identifica-se uma vertente da literatura portuguesa ligada ao existencialismo, uma vez que ambos os poemas tratam da experiência do indivíduo com o mar.
- d) Verifica-se a presença de um eu-lírico semelhante que funciona como um representante da sociedade portuguesa em sua relação histórica com o mar.
- e) Identifica-se uma abordagem realista no texto de Fernando Pessoa, enquanto em Sophia de Mello Breyner o mar é apenas uma abstração do eu-lírico.

14. UFRGS – Leia o fragmento abaixo, de *História do Cerco de Lisboa*, de José Saramago, único autor de língua portuguesa que, até o presente, recebeu o prêmio Nobel de Literatura.

[...] com a mão firme segura a esferográfica e acrescenta uma palavra à página, uma palavra que o historiador não escreveu, que em nome da verdade histórica não poderia ter escrito nunca, a palavra Não, agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser verdade, ainda que diferente, o que chamamos falso prevaleceu sobre o que chamamos verdadeiro, tomou o seu lugar [...].

Considere as seguintes afirmações, sobre esse fragmento.

- I. Evidencia-se um modelo de narrador que se intromete no relato colocando em evidência seus modos de construção.
- II. O historiador substitui o narrador na tarefa de relatar o episódio do cerco de Lisboa, porque a história tem o compromisso com a verdade dos fatos.
- III. Questionam-se os limites entre história e ficção, bastando, nesse caso, uma palavra para modificar uma visão anteriormente estabelecida sobre o passado.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I. d) Apenas I e III.
 b) Apenas II. e) I, II e III.
 c) Apenas III.

- 15. UFJF-MG** – Leia, com atenção, o fragmento abaixo, retirado da obra *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago (São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 5). Um homem foi bater à porta do rei e disse-lhe, Dá-me um barco. A casa do rei tinha muitas mais portas, mas aquela era a das petições. Como o rei passava todo o tempo sentado à porta dos obséquios (entenda-se, os obséquios que lhe faziam a ele), de cada vez que ouvia alguém a chamar à porta das petições fingia-se desentendido, e só quando o ressoar contínuo da aldraba de bronze se tornava, mais do que notório, escandaloso, tirando o sossego à vizinhança (as pessoas começavam a murmurar, Que rei temos nós, que não atende), é que [...]

Pode-se afirmar que há, nesse fragmento:

- a) uma metáfora, que valoriza a democracia como a melhor forma de se manter o poder.
 b) uma ironia, que mostra uma tendência de se usar o poder político em benefício próprio.
 c) uma contradição, que revela os principais traços do sistema monárquico.
 d) uma fábula, que mostra o rei como mendigo que sempre queria receber favores.
 e) uma analogia, que coloca a casa do rei como um palácio sempre aberto, acessível.
- 16. Urca-CE** – Marque a alternativa em que aparecem reflexões sobre a produção literária de José Saramago:
- a) É considerado o responsável pelo efetivo reconhecimento internacional da prosa em língua portuguesa, sendo o autor português mais conhecido da literatura contemporânea, traduzido para várias línguas.
 b) A sua trajetória poética está compreendida em três fases: a primeira, da morbidez e do torpor, é a fase do “Opiário” (oferecido a Mário de Sá-Carneiro e escrito enquanto navegava pelo Canal do Suez, em março de 1914), a segunda fase, mais mecanicista, é onde o Futurismo italiano mais transparece, é nesta fase que a sensação é mais intelectualizada.
 c) Suas composições trabalham temas sentimentais, apresentam uma musicalidade marcante e uma

postura de resignação diante da adversidade. Esse quadro compõe imagens fugidias, carregadas de pessimismo, e transitoriedade da vida.

- d) O pensamento mais profundo dos seus enredos pode talvez considerar-se como tipicamente pré-romântico. Quem quer que se interponha no caminho dos amantes aparece sob uma capa de ridículo ou de odioso. A mulher de todas as condições é quase sempre o anjo adorável, capaz de todas as abnegações e sacrificada ao egoísmo, à vaidade ou ao simples capricho masculino.
 e) Foi talvez o autor dos melhores sonetos da língua portuguesa depois do seu modelo, foi também grande repentista e improvisador em assembleias e tornou-se efetivamente o autor mais popular e mais lembrado em Portugal até hoje, talvez por certa facilidade de verso e por certa vulgaridade de situações em que se apresenta.
- 17. Urca-CE (adaptada)** – Sobre a Literatura Portuguesa contemporânea, é correto afirmar, exceto:

- a) Nas últimas décadas do século passado, na fase pós-ditadura, houve um readvento cultural em Portugal. É fato que o intercâmbio cultural com o Brasil e com as outras ex-colônias, principalmente as ilhas e Angola, enriqueceu o ambiente cultural luso, até então tão atrasado. Autores como Jorge Amado, Erico Veríssimo e Drummond passaram a ser lidos com avidez, músicos como Chico Buarque, Caetano Veloso e Djavan passaram a ser adorados naquele país.
 b) Os temas, ligeiramente abordam o fantástico e o impossível, flertam com o metafísico mas não fogem do lugar-comum das banalidades do cotidiano, são textos que não têm nada de filosóficos e nos ensinam uma nova maneira de ler. Uma leitura em que, passo a passo, vamos interiorizando o contexto do livro e de repente, nos percebemos parte dele.
 c) Felizmente escritores e obras impressionantes não foram importunados pelo regime ditatorial de Salazar, este se ateu em afundar Portugal numa crise econômica e social gravíssima, não cerceou sua cultura a um espaço e a uma forma muito intrínseca à própria regionalidade portuguesa e do além-mar.
 d) A literatura portuguesa de hoje transcende Saramago, transcende os profundos flertes com a filosofia e, mesmo gozando da despreensão de tratar do cotidiano, atinge o sublime através de “penas” menos ortodoxas das veias mais abertas da literatura – o retrato e a recriação do próprio homem.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem C5-H16

O homem disse, Está a chover, e depois, Quem é você, Não sou daqui, Anda à procura de comida, Sim, há quatro dias que não comemos, E como sabe que são quatro dias, É um cálculo, Está sozinha, Estou com o meu marido e uns companheiros, Quantos são, Ao todo, sete, Se estão a pensar em ficar conosco, tirem daí o sentido, já somos muitos, Só estamos de passagem, Onde vêm, Estivemos internados desde que a cegueira começou, Ah, sim, a quarentena, não serviu de nada, Por que diz isso, Deixaram-nos sair, Houve um incêndio e nesse momento percebemos que os soldados que nos vigiavam tinham desaparecido, E saíram, Sim, Os

vossos soldados devem ter sido dos últimos a cegar, toda a gente está cega, Toda a gente, a cidade toda, o país,

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

A cena retrata as experiências das personagens em um país atingido por uma epidemia. No diálogo, a violação de determinadas regras de pontuação

- a) revela uma incompatibilidade entre o sistema de pontuação convencional e a produção do gênero romance.
 b) provoca uma leitura equivocada das frases interrogativas e prejudica a verossimilhança.

- c) singulariza o estilo do autor e auxilia na representação do ambiente caótico.
- d) representa uma exceção às regras do sistema de pontuação canônica.
- e) colabora para a construção da identidade do narrador pouco escolarizado.

19. Enem**C7-H22****Receita**

Tome-se um poeta não cansado,
 Uma nuvem de sonho e uma flor,
 Três gotas de tristeza, um tom dourado,
 Uma veia sangrando de pavor.
 Quando a massa já ferve e se retorce
 Deita-se a luz dum corpo de mulher,
 Duma pitada de morte se reforce,
 Que um amor de poeta assim requer.

SARAMAGO, José. *Os poemas possíveis*. Alfragide: Caminho, 1997.

Os gêneros textuais caracterizam-se por serem relativamente estáveis e podem reconfigurar-se em função do propósito comunicativo. Esse texto constitui uma mescla de gêneros, pois

- a) introduz procedimentos prescritivos na composição do poema.
- b) explicita as etapas essenciais à preparação de uma receita.
- c) explora elementos temáticos presentes em uma receita.
- d) apresenta organização estrutural típica de um poema.
- e) utiliza linguagem figurada na construção do poema.

20. Enem**C6-H19**

Pela primeira vez na vida teve pena de haver tantos assuntos no mundo que não compreendia e esmoreceu. Mas

uma mosca fez um ângulo reto no ar, depois outro, além disso, os seis anos são uma idade de muitas coisas pela primeira vez, mais do que uma por dia e, por isso, logo depois, arribou. Os assuntos que não compreendia eram uma espécie de tontura, mas o Ilídio era forte.

Se calhar estava a falar de tratar da cabra: nunca esqueças de tratar da cabra. O Ilídio não gostava que a mãe o mandasse tratar da cabra. Se estava ocupado a contar uma história a um guarda-chuva, não queria ser interrompido. Às vezes, a mãe escolhia os piores momentos para chamá-lo, ele podia estar a contemplar um segredo, por isso, assustava-se e, depois, irritava-se. Às vezes, fazia birras no meio da rua. A mãe envergonhava-se e, mais tarde, em casa, dizia que as pessoas da vila nunca tinham visto um menino tão velhaco. O Ilídio ficava enxofrado, mas lembrava-se dos homens que lhe chamavam reguila, diziam ah, reguila de má raça. Com essa memória, recuperava o orgulho. Era reguila, não era velhaco. Essa certeza dava-lhe forças para protestar mais, para gritar até, se lhe apetecesse.

PEIXOTO, José Luís. Livro. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

No texto, observa-se o uso característico do português de Portugal, marcadamente diferente do uso do português do Brasil. O trecho que confirma essa afirmação é:

- a) Pela primeira vez na vida teve pena de haver tantos assuntos no mundo que não compreendia e esmoreceu.
- b) Os assuntos que não compreendia eram uma espécie de tontura, mas o Ilídio era forte.
- c) Essa certeza dava-lhe forças para protestar mais, para gritar até, se lhe apetecesse.
- d) Se calhar estava a falar de tratar da cabra: nunca esqueças de tratar da cabra.
- e) O Ilídio não gostava que a mãe o mandasse tratar da cabra.

LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

28



MTCURADO/ISTOCKPHOTO

Luanda (Angola), onde convivem a arquitetura colonial e os modernos edifícios empresariais.

A colonização portuguesa fincou raízes em cinco países do continente africano: Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau. Foram quase quinhentos anos de imposição cultural nos cinco países, que conquistaram a independência somente na segunda metade do século XX – sendo a Guiné Bissau em 1974 e os outros quatro países em 1975. A colonização exploratória de Portugal nesses territórios deixou marcas profundas nos países, marcados pelo subdesenvolvimento, desigualdades sociais extremas e uma cultura que, ao mesmo tempo em que procura afirmar-se contra a imposição da ex-metrópole, carrega uma herança dos mais de 4 séculos de colonização, e a principal dessas heranças é a língua.

A realidade linguística dos países africanos que têm como língua oficial o português é marcada pela pluralidade, característica dos seus territórios desde antes da colonização. As diferentes nações, os diferentes povos que compõem a população dos países sempre se agruparam a partir de suas línguas; o desafio da colonização também foi unificar essas línguas, buscando o apagamento cultural por meio da obrigatoriedade do uso do português.

As lutas pela independência se transformaram, posteriormente, num processo de definição das identidades nacionais que, ao mesmo tempo em que se afirmavam como nações autônomas, viam sua história confundida com a do colonizador. A literatura foi uma ferramenta de busca e experimentação dessa identidade que ainda hoje se constrói nos países de língua oficial portuguesa. Cada um à sua maneira, obedecendo às especificidades culturais e temporais locais, Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, uns mais outros menos, forneceram ao mundo nas últimas décadas excelentes trabalhos literários que estão entre os melhores produzidos em Português.

- Relação entre a literatura e os movimentos emancipatórios
- Afirmção da identidade africana pela literatura
- Mia Couto
- Pepetela
- Luandino Vieira

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

Deixa passar o meu povo

Noite morna de Moçambique
e sons longínquos de marimbas chegam até mim
– certos e constantes –
vindos não sei eu donde.
Em minha casa de madeira e zinco,
abro o rádio e deixo-me embalar...
Mas vozes da América remexem-me a alma e os nervos.
E Robeson e Marian cantam para mim
spirituals negros de Harlém.
“*Let my people go*”
– oh deixa passar o meu povo,
deixa passar o meu povo! –
dizem.
E eu abro os olhos e já não posso dormir.
Dentro de mim, soam-me Anderson e Paul
e não são doces vozes de embalo.
“*Let my people go*”!
Nervosamente,
eu sento-me à mesa e escrevo...
Dentro de mim,
deixa passar o meu povo,
“*oh let my people go...*”
E já não sou mais que instrumento
do meu sangue em turbilhão
com Marian me ajudando
com sua voz profunda – minha irmã!
Escrevo...
Na minha mesa, vultos familiares se vêm debruçar.
Minha Mãe de mãos rudes e rosto cansado
e revoltas, dores, humilhações,
tatuando de negro o virgem papel branco.
E Paulo, que não conheço,
mas é do mesmo sangue e da mesma seiva amada de Moçambique,
e misérias, janelas gradeadas, adeuses de magaiças,
algodoais, o meu inesquecível companheiro branco
E Zé – meu irmão – e Saúl,
e tu, Amigo de doce olhar azul,
pegando na minha mão e me obrigando a escrever
com o fel que me vem da revolta.
Todos se vêm debruçar sobre o meu ombro,
enquanto escrevo, noite adiante,
com Marian e Robeson vigiando pelo olho luminoso do rádio
– “*let my people go*,

oh let my people go!”

E enquanto me vierem do Harlém
vozes de lamentação
e meus vultos familiares me visitarem
em longas noites de insônia,
não poderei deixar-me embalar pela música fútil
das valsas de Strauss.
Escreverei, escreverei,
com Robeson e Marian gritando comigo:
Let my people go,
OH DEIXA PASSAR O MEU POVO!
25/1/50

SOUSA, Noémia. *Sangue negro*. São Paulo: Kapulana, 2016.

O texto de Noémia de Sousa, da década de 1950, relata uma face dos movimentos culturais e poéticos do continente africano, ao longo do século XX. A referência encontrada no movimento negro norte-americano, bem como em outros movimentos diaspóricos, representa bem a intrínseca relação entre a literatura produzida nos países africanos de língua portuguesa e os aspectos sociopolíticos desses mesmos locais, seja por uma almejada noção de coletividade – evocada na ideia de povo, considerando também que os poemas de Noémia circulavam em obras mimeografadas por outros países do continente africano – seja pela clara menção à segregação promovida pelo sistema colonial, seja pelo tráfico humano de escravizados, seja pela segregação dentro do próprio território. A esse respeito, o pesquisador Júlio César Machado de Paula escreveu:

[...] Embora a escravidão e o colonialismo tenham promovido uma dispersão dos grupos e o esfacelamento de suas experiências, vimos, em sentido inverso, como o fazer poético de Noémia de Sousa em “Deixa passar o meu povo!” materializou-se justamente por recolher numa teia poética referências culturais dos grupos dispersos. Se nos lembrarmos que o termo “diáspora” traz em si não apenas a ideia de uma dispersão diabólica (pensando aqui no termo latino diábolos, o que separa, o que desgrega), mas também a ideia de semente, de esporo, podemos vislumbrar no trabalho da moçambicana uma ação de colheita coletiva das experiências diaspóricas de resistência. Em suma, Noémia de Sousa, ao recolher no seu texto as vozes fragmentadas da diáspora, acaba por responder ao diabólico da dispersão com o simbólico da palavra poética.

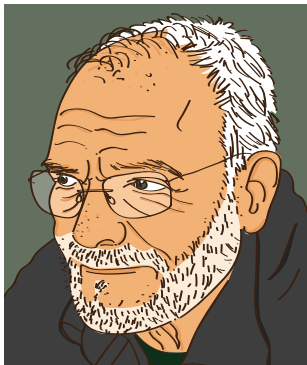
PAULA, Julio Cesar Machado de. Das vozes que vêm: coralidade, tempo e resistência em “Deixa passar o meu povo!”, de Noémia de Sousa. *Mulemba*. Rio de Janeiro: UFRJ, v.14, n.1. pp. 42-49, jan/jun 2016.

Quando da efetivação das independências dos territórios africanos, os escritores sobretudo de prosa buscarão referências na tradição de narrativas orais, responsáveis por transmitir através das gerações os costumes e valores das culturas até então oprimidas

pelo colonizador; além disso, a opressão dos anos de exploração metropolitana também será tema das narrativas dos autores de países africanos de língua oficial portuguesa.

JOSÉ LUANDINO VIEIRA

Nascido em Portugal em 1935, José Vieira Mateus da Graça tornou-se cidadão angolano – onde passou a maior parte da infância. Integrou a luta anticolonial, foi preso por isso e, depois de circular por diversas cadeias de Luanda, foi mandado para o campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde passou



Luandino Vieira.

oito anos, depois dos quais esteve em liberdade condicional. Retorna a Angola em 1975, participando da consolidação da independência do país e assumindo cargos públicos, sobretudo ligados ao audiovisual. Em 1992, reinicia-se, em Angola, uma guerra civil, momento em que Luandino decide regressar a Portugal e radicar-se como agricultor numa região do Minho.

Suas raríssimas entrevistas são justificadas, muitas vezes, pelo que o autor considera uma carreira encerrada como escritor. Contudo, em 2006 ele foi agraciado com o Prêmio Camões, que recusa. Neste mesmo ano, publicou dois novos livros e, posteriormente, alguns escritos. Sua obra compreende contos, novelas e romances, dos quais se destacam o volume de contos *Luuanda*, de 1963, e *Nós, os do Makulusu*, de 1974.

Em *Luuanda*, constroem-se “estórias” que retratam a vida e o cotidiano da capital angolana, identificadas com o ponto de vista dos *musseques* – bairros pobres na parte alta da cidade, locais em que moram os negros trabalhadores. A narrativa contrasta o ambiente dos *musseques* à cidade baixa, dos brancos, do asfalto e da limpeza. A organização espacial do *musseques*, seu ambiente labiríntico, é representativo do cotidiano também caótico de seus moradores. Nas três histórias que compõem *Luuanda*, seu autor rompe com a norma linguística portuguesa e cria uma espécie de língua híbrida, entre o português e o quimbundo (um dos idiomas falados em Angola, sobretudo na capital) e, através dessa linguagem, representa os moradores de Luanda, também oriundos da tradição angolana e da presença colonial portuguesa – além de aproximar-se, na escrita, da oralidade tradicional do espaço angolano.

Os contos que formam o volume são: “Vavó Xixi e seu neto Zeca Santos”, “Estória do ladrão e do papagaio” e “Estória da galinha e do ovo”. Seus personagens são marcados pelo sofrimento oriundo da pobreza, da discriminação e da injustiça. A saída para os problemas encontrados nas narrativas é sempre coletiva, reflexo

do ideário político de Luandino Vieira e do movimento libertário com o qual se identificava, objetivando uma saída revolucionária para a construção de uma nova Angola, independente.

[...] Lá fora, a chuva estava a cair outra vez com força, grossa e pesada, em cima do musseque. Mas já não tinha mais trovão nem raio, só o barulho assim da água a correr e a cair em cima da outra água chamava as pessoas para dormir.

— Vavó?! Ouve ainda, vavó!

A fala de Zeca era cautelosa, mansa. Nga Xixi levantou os olhos cheios de lágrimas do fumo da lenha molhada.

— Vamos comer é o quê? Fome é muita, vavó! De manhã não me deste meu matete. Ontem pedi jantar, nada! Não posso viver assim...

Vavó Xixi abanou a cabeça com devagar. A cara dela, magra e chupada de muitos cacimbos, adiantou ficar com aquele feitio que as pessoas tinham receio, ia sair quissemos, ia sair quissende, vavó tinha fama...

[...]

Tinha levantado, parecia as palavras punham-lhe mais força e juventude e ficou parada na frente do neto. A cabeça grande do menino toda encolhida, via-se ele estava procurar ainda uma desculpa melhor que todas desses dias, sempre que vavó adiantava xingar-lhe de mangonheiro ou suinguista, só pensava em bailes e nem respeito mesmo no pai, longe, na prisão, ninguém mais que ganhava para a cubata, como é iam viver, agora que lhe despediram na bomba de gasolina porque você dormia tarde, menino?

VIEIRA, Luandino. Vavó Xixi e seu Neto Zeca Santos. In: _____. *Luuanda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PEPETELA

Nascido em 1941, em Angola, Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos tem por pseudônimo literário Pepetela, palavra de origem Umbundo, uma das línguas faladas no sul de Angola. Sua identificação com o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) tornou-o guerrilheiro durante a luta armada na Guerra Colonial, no final dos anos 1960. A partir da independência angolana, em 1975, até 1982, foi vice-ministro da educação; atualmente é professor de sociologia da Universidade de Luanda.



Pepetela.

Sua consciência a respeito da relevância da literatura na construção da identidade cultural de uma nação leva-o a construir uma série de narrativas em que a história de

Angola é revista pela ficção. Além disso, identifica-se em seus textos uma tentativa de recuperar elementos da tradição cultural do país africano, compondo narrativas que transitam entre o real e o ficcional, apropriando-se liricamente da história e cultura angolanas. É o caso de *Mayombe*, romance de 1980 que revisita a participação do autor no movimento guerrilheiro, parte da luta anti-colonial, nos entornos dos anos 1960-70, período em que Pepetela escreveu a obra.

Em *Mayombe*, há seis capítulos nos quais o foco narrativo é partilhado entre os guerrilheiros do MPLA, alternados por um narrador onisciente que organiza a narrativa. Com essa inovação na forma de narrar, Pepetela demonstra as diferenças marcantes entre os membros do movimento, vindos de regiões, culturas e realidades distintas, mas unidos pelo ideal de construção de uma nova Angola, livre e unificada. Além disso, o *Mayombe*, floresta tropical angolana, funciona como espaço e personagem da narrativa, pois é responsável por proteger, alimentar e gestar os novos líderes da Angola que se almeja construir – desse modo, o livro trabalha o respeito às tradições na construção desse novo país.

[...]

Sem Medo acendeu um cigarro, um dos últimos que lhe restavam. Fechou os olhos, para melhor saborear a baforada.

— Quando era miúdo, antes de ir estudar para o Seminário, aconteceu-me um caso. Devia ter uns oito anos. Meti-me com um mais velho e o gajo surrou-me mal. Fugí de medo. Abandonei o combate. Durante dias, senti-me um tipo nojento, um covarde, um fraco, sentia que um miúdo qualquer me bateria e eu fugiria...

Calou-se um momento, observando o professor: Teoria ouvia, o ar impenetrável. Sem Medo continuou:

— Decidi então que, para ter respeito por mim mesmo, só havia uma coisa a fazer: procurar a desforra. Provoquei o outro novamente, não imaginas o medo que eu tinha, sabia que ia levar uma surra, não tinha a mínima possibilidade. O outro era muito mais forte e treinado nas lutas do muceque. Defendi-me como pude, mais do medo que ele me inspirava que propriamente dos muros que recebia. Afinal não doía tanto assim. Sangrava do nariz, foi daí que fiquei com o nariz ligeiramente torto, como podes ver. Afinal não doía. Foi o outro que parou, cansado de bater. Eu iria até ao fim, morreria se fosse necessário, mas não me rendia. Ele acabou por dizer: ganhas-te, desisto. Depois disso ficámos amigos... A partir daí compreendi que não são os golpes sofridos que doem, é o sentimento da derrota ou de que se foi covarde. Nunca mais fui capaz de fugir. Sempre quis ver até onde era capaz de dominar o medo.

— Porque me falas nisso? – perguntou Teoria. Havia qualquer coisa que ele queria descobrir em Teoria,

qualquer coisa que lhe escapava. Respondeu com nova pergunta:

— Tens sempre medo?

O outro contemplou-o, assustado. Sim, assustado, reparou Sem Medo. Assustado, mas, no fundo, como que aliviado. Num rompante inconsciente, como a libertar-se, Teoria disse:

— Sim, tenho sempre medo. O medo persegue-me. Não sei porque to digo, mas é a verdade. Tenho medo de fazer guarda à noite, tenho medo do combate, tenho medo mesmo de viver na Base...

— Desconfiava disso. E porque não o mostras?

— Mostrar? Um mestiço mostrar o medo? Já viste o que daria? Tenho procurado sempre dominar-me, vencer-me... compreendes? É como se eu fosse dois: um que tem medo, sempre medo, e um outro que se oferece sempre para as missões arriscadas, que apresenta constantemente uma vontade de ferro... Há um que tem vontade de chorar, de ficar no caminho, porque o joelho dói, e outro que diz que não é nada, que pode continuar. Porque há os outros! Sei que, sozinho, sou um covarde, seria incapaz de ter um comportamento de homem. Mas quando os outros estão lá, a controlar-me, a espiar-me as reações, a ver se dou um passo em falso para então mostrarem todo o seu racismo, a segunda pessoa que há em mim predomina e leva-me a dizer o que não quero, a ser audaz, mesmo demasiado, porque não posso recuar... É duro!

[...]

PEPETELA. *Mayombe*. São Paulo: Leya, 2013.

MIA COUTO

Mia Couto, pseudônimo de António Emilio Leite Couto, nasceu em Beira, cidade da província de Sofala, em Moçambique, em 1955. É escritor e biólogo, tendo trabalhado muitos anos no jornalismo e atuado na luta pela independência de Moçambique. Seu primeiro livro publicado é o volume de poesias *Raiz de orvalho*, de 1983; antes disso, no entanto, algumas de suas poesias já haviam sido publicadas em jornais e antologias de outros escritores moçambicanos.

A realidade de Moçambique é o grande tema literário de Mia Couto. O país conquistou sua independência de Portugal em 1975; a partir de 1977, mergulha em uma violenta guerra civil que destrói o país e dura até 1992. Em 1994 há a realização das primeiras eleições presidenciais e, desde então, o país mantém-se relativamente estável, apesar de guardar um dos IDHs mais



Mia Couto.

ANDERSEN ULF/SIPA/AP PHOTO/GLOW IMAGES

baixos do planeta. A herança colonial e da posterior Guerra Civil, que assolou o país por muitos anos e vitimou aproximadamente um milhão de moçambicanos, ainda é sentida na desigualdade social e na cultura do país. Essa realidade está presente numa das obras mais importantes de Mia Couto, o romance *Terra Sonâmbula*, de 1992.

Nele, narram-se duas histórias. Uma é a do menino Muidinga, que acompanha o velho Tuahir numa viagem fugindo dos horrores da guerra. Ao chegarem a um ônibus queimado e abandonado, o jovem encontra cadernos numa mala, ao lado de um corpo, e passa a ler as anotações que contam a história de Kindzu – que, por sua vez, narra sua partida da aldeia natal após a morte do pai. Ambas as histórias apresentam o chamado realismo mágico, misturando a realidade de um país destruído pela guerra às lendas que formam o imaginário cultural moçambicano.

Destaca-se, ainda, da obra de Mia Couto, o seu trabalho com a língua portuguesa, construindo um idioma que se afasta tanto do português brasileiro quanto daquele usado em Portugal; trata-se de uma criação linguística que se aproxima e se afasta, quase que simultaneamente, da língua lusa, e é usada para construir liricamente um universo ficcional que retrata Moçambique em toda sua singularidade, dado que se trata de um país banhado pelo Oceano Índico e cujas influências culturais são muito mais árabes e asiáticas que ocidentais. A qualidade literária de Mia Couto é reconhecida nos diversos prêmios que o escritor já recebeu, incluindo o Camões, em 2013, e o Neustadt International Prize for Literature, em 2014.

A estrada morta

Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada. Pelos caminhos só as hienas se arrastavam, focinhando entre cinzas e poeiras. A paisagem se mestiçara de tristezas nunca vistas, em cores que se pegavam à boca. Eram cores sujas, tão sujas que tinham perdi-

do toda a leveza, esquecidas da ousadia de levantar asas pelo azul. Aqui, o céu se tornara impossível. E os viventes se acostumaram ao chão, em resignada aprendizagem da morte.

A estrada que agora se abre a nossos olhos não se entrecruza com outra nenhuma. Está mais deitada que os séculos, suportando sozinha toda a distância. Pelas bermas apodrecem carros incendiados, restos de pilhagens. Na savana em volta, apenas os embondeiros contemplam o mundo a desflorir.

Um velho e um miúdo vão seguindo pela estrada. Andam bambolentos como se caminhar fosse seu único serviço desde que nasceram. Vão para lá de nenhuma parte, dando o vindo por não ido, à espera do adiante. Fogem da guerra, dessa guerra que contaminara toda a sua terra. Vão na ilusão de, mais além, haver um refúgio tranquilo. Avançam descalços, suas vestes têm a mesma cor do caminho. O velho se chama Tuahir. É magro, parece ter perdido toda a substância. O jovem se chama Muidinga. Caminha à frente desde que saíra do campo de refugiados. Se nota nele um leve coxear, uma perna demorando mais que o passo. Vestígio da doença que, ainda há pouco, o arrastara quase até à morte. Quem o recolhera fora o velho Tuahir, quando todos outros o haviam abandonado. O menino estava já sem estado, os ranhos lhe saíam não do nariz mas de toda a cabeça. O velho teve que lhe ensinar todos os inícios: andar, falar, pensar. Muidinga se menino outra vez. Esta segunda infância, porém, fora apresada pelos ditados da sobrevivência.

Quando iniciaram a viagem já ele se acostumava de cantar, dando vaga a distraídas brincadeiras. No convívio com a solidão, porém, o canto acabou por migrar de si. Os dois caminheiros condiziam com a estrada, murchos e desesperançados.

[...]

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LEITURA COMPLEMENTAR

Em Angola a constituição de uma literatura nacional consolidou-se nos fins dos anos 1940, mais precisamente em 1948, graças ao Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, sob o lema de “Vamos descobrir Angola!”, e os seus esforços (entre os quais a publicação da Antologia dos novos poetas de Angola – 1950 e da revista *Mensagem* – Voz dos Naturais de Angola) que se consolida o sistema literário angolano.

O Movimento dos Novos Intelectuais, integrado, entre outros, por Viriato da Cruz e Antonio Jacinto, propunha-se a uma redescoberta de seu país e a uma modernização cultural sem alijar a cultura tradicional, ao mesmo tempo em que a sua produção visava a uma produção para o colonizado. Os integrantes do movimento [conheciam o modernismo brasileiro de 1922. Entre os autores brasileiros, Jorge de Lima, Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, José Lins do Rego e Jorge Amado eram os mais influentes.]

Para os jovens do Movimento que iria definir os rumos da literatura angolana, a leitura de autores do modernismo brasileiro abriu caminhos, apresentando propostas estéticas e questões que eles próprios se colocavam. Opondo-se vivamente à padronização e aos modelos ditados pela ordem colonial, a valorização de elementos angolanos apontava para uma possibilidade de trazer à cena literária – e não só – grande parte da sociedade angolana, segregada pelo colonialismo. Ao mesmo tempo, esses moços consideravam imprescindível uma aposta na modernidade, pois isso significava não só estar no compasso do que se fazia no mundo, como também uma ruptura com o colonialismo tardio e prolongado.

Em razão disso, tornou-se necessário estabelecer o diálogo com outro universo cultural, que não o estreito mundo colonial e salazarista e a interlocução escolhida foi a produção cultural brasileira, o que, em última instância, propiciou a dinamização das reflexões sobre os caminhos da sua própria produção literária.

O modernismo brasileiro, com o seu caráter de ruptura em 1922 mas, principalmente, o projeto ideológico de 1930, apresentava, para os angolanos, as credenciais fundamentais para o diálogo.

[...]

Diferentemente de Angola, não temos em Moçambique um movimento ou um momento específico que possamos identificar como de consolidação de sua literatura. Há um processo cujos inícios podemos situar no primeiro quartel do século XX a partir da fundação do jornal *O Brado Africano* (1918), no qual foram veiculados textos dos irmãos Albasini e do poeta Rui de Noronha, por exemplo, passando pela coletânea *Poesia de Moçambique*, publicada pela Casa dos Estudantes do Império, em Portugal (1951) e pelo único número do jornal *Msafo* (1952) – infelizmente sem continuidade por obra e graça da censura – e, nos anos 1960, a publicação do livro de contos de Luís Bernardo Honwana *Nós matamos o cão tinhoso* (1964). É um largo arco temporal que inclui nomes como os de Fonseca Amaral, Orlando Mendes, Noêmia de Sousa e o poeta José Craveinha, para citar alguns deles.

O que se pode afirmar é que a década de 1950 é especial para a literatura de Moçambique e, sob esse aspecto, pode-se dizer que o Modernismo brasileiro foi também importante para os autores do Índico.

Não se pode deixar à margem um autor que inicia sua trajetória artística entre nós em 1931 com um romance, *O país do Carnaval*, e que se tornou referência obrigatória para toda uma geração de moçambicanos que contribuíram efetivamente para a consolidação da literatura de seu país. Trata-se de Jorge Amado, o qual foi lido não só pelos moçambicanos, como por todos os africanos dos países de língua portuguesa, que unanimemente indicam o papel seminal da ficção do autor baiano na consolidação de seus sistemas literários.

MACÊDO, Tania Celestino. A presença da literatura brasileira na formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa. Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, FFLCH-USP. *Via Atlântica*, nº 13, jun. 2018. p. 123-152. Adaptado.

ROTEIRO DE AULA

LITERATURAS AFRICANAS
DE LÍNGUA PORTUGUESA

Contexto histórico

Cinco países do continente africano adotam o português como língua oficial:

Angola, Cabo Verde, Guiné Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

O domínio colonialista português nesses países inicia-se com

as grandes navegações, sobretudo a partir do século XVI,

e segue até a segunda metade do século XX,

quando as guerras coloniais e o enfraquecimento do Estado Novo português levaram os países a conquistarem independência de Portugal (nos entornos dos anos 1970).

A produção literária dos países africanos colonizados por Portugal sempre esteve muito ligada à própria metrópole,

onde muitas vezes iam estudar os filhos dos colonos e também onde se localizavam as editoras.

À parte isso, o continente é marcado pela oralidade em línguas locais,

através das quais se transmitiam saberes e lendas tradicionais;

já a produção em língua portuguesa se intensifica nos anos 1950 e 1960, sobretudo com o

amadurecimento dos projetos independentistas que se organizam em frentes que lutam pela libertação dos países e pela consolidação das identidades nacionais.

Desses cinco países, destacamos Angola e Moçambique como referência: ambos conquistaram

a independência em 1975.

Angola luta pela consolidação da economia local, que migrou de um regime

socialista nos primeiros anos da independência para um capitalismo exploratório que acentua desigualdades sociais exorbitantes no país.

Moçambique, por sua vez, amargou 16 anos de uma guerra civil após

a independência, que dizimou parte de sua população e obrigou outra parte a se deslocar pelo território africano, fugindo da guerra e da miséria. Em ambos os países, os horrores da Guerra deixaram profundas marcas em seu povo e sua cultura.

ROTEIRO DE AULA

Características gerais

A principal característica comum às literaturas dos diferentes países africanos de língua oficial portuguesa é

a relação com a realidade de seus países.

Grande parte dos escritores mais importantes se engajaram na luta

anticolonial

e depois ajudaram a consolidar a identidade

cultural do país a partir da literatura e de ações que incluem a participação política e a atuação cultural nos países recém-independentes.

Além disso, a literatura angolana se consolida com dois autores que trabalharam à sua maneira a identidade nacional: enquanto Luandino Vieira, autor de

Luanda (1963)

retrata o cotidiano do

Mussequê – os bairros pobres e labirínticos de Luanda –,

Pepetela, autor de

Mayombe (1980),

revisita a história angolana,

ajudando a reconstituir o passado do novo país.

Já em Moçambique, um país devastado pela Guerra, Mia Couto, autor de

Terra sonâmbula (1992),

emerge como a grande voz capaz de celebrar o país, fazendo isso a partir de uma recriação

linguística admirável e da celebração das especificidades culturais de um país africano, culturalmente conectado com o oriente e por séculos dominado por Portugal.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

Leia o texto a seguir e responda às questões de 1 a 3. O autor moçambicano Mia Couto, em ensaio publicado em 2008, afirma:

A palavra de hoje é cada vez mais aquela que se despiu da dimensão poética e que não carrega nenhuma utopia sobre um mundo diferente. [...] Os africanos voltaram a ser os 'outros', os que vendem pouco e os que compram ainda menos. Os autores africanos que não escrevem em inglês (e em especial os que escrevem em língua portuguesa) moram na periferia da periferia, lá onde a palavra tem de lutar para não ser silêncio.

COUTO, Mia. Línguas que não sabemos que sabíamos. In: *E se Obma fosse africano?* São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

1. Sistema Dom Bosco – Com base no texto anterior e no contexto de desenvolvimento das literaturas africanas escritas em português, explique por que Mia Couto avalia que os africanos “voltaram a ser os ‘outros’”.

Sugestão de resposta – Mia Mia Couto, no contexto, afirma que a palavra com a qual o escritor trabalha atualmente não carrega mais nenhuma proposição de mudança para o futuro, como se acontecia nos escritos pré e pós-independência. Dessa forma, os autores africanos deixaram de ser e ter qualquer esperança de transformação e são vistos como os diferentes, ou os “outros”, que estão fora de um sistema literário mais amplo, internacional.

2. Sistema Dom Bosco – O que Mia Couto quer dizer quando afirma que os autores africanos que não escrevem em inglês estão “na periferia da periferia”?

Sugestão de resposta – Mia Ao afirmar que os autores africanos, sobretudo de língua portuguesa, estão na “periferia da periferia”, Mia Couto remete aos autores do continente que escrevem em inglês, aqueles que de fato são considerados autores da periferia, cuja literatura se constrói na dialética com o centro; os autores africanos que escrevem em português, por sua vez, não fazem parte dessa dialética, estando muito apartados de um sistema literário internacional, sendo aqueles que, segundo o autor, “vendem pouco” e despertam um interesse mínimo, apenas.

3. IFTO – Considerando o texto de Mia Couto, é correto afirmar que:

- a) Como autor português, Mia Couto reforça, por meio dessas palavras, a condição econômica e cultural menor que sempre fez da literatura de alguns países africanos uma literatura ruim e desprovida de grandes autores.
- b) Para valorizar a literatura portuguesa, Mia Couto critica negativamente seu país, reafirmando uma visão preconceituosa de que não faz sentido criar poemas e utopias em países que nunca irão se desenvolver.
- c) Como autor lusófono, Mia Couto rememora e problematiza as feridas sociais vivenciadas historicamente pelos africanos, bem como a condição periférica, em nível não só econômico, mas também de linguagem, e o caráter de resistência que, nesse sentido, assume a palavra poética desses povos.
- d) Por ser um autor pouco reconhecido nos meios literários, Mia Couto deixa claro no fragmento acima seu lamento por não ter nascido em Portugal, por estar em um país em que a cultura letrada não tem lugar, pois o importante para os africanos é o desenvolvimento econômico.
- e) Mia Couto, lamentando o lugar periférico da literatura de língua portuguesa, especialmente as provenientes de países africanos, deixa claro que a única literatura importante é aquela escrita em língua inglesa, o que explica suas obras escritas em inglês.

Ao afirmar que os autores africanos que não escrevem em inglês moram “lá onde a palavra tem de lutar para não ser silêncio”, Mia Couto reforça o caráter de resistência que a literatura assume nos espaços ultra-periféricos.

4. Cásper Líbero-SP – Assinale a alternativa correta sobre *Luuanda*, de José Luandino Vieira.

- a) Nas três narrativas do livro, o leitor tem à disposição um precioso trabalho com a linguagem que torce e retorce a língua portuguesa, explorando a capacidade de refletir esse outro universo cultural que o escritor tem como objeto de seu inquieto olhar.
- b) A escolha do espaço está associada à opção por personagens que acabam por se integrar à ordem que regula a sociedade colonial. Vavó Xixi e Zeca Santos, seu neto; as vizinhas Bina e Zefa; o menino Beto; Xico Futa; Lomelino dos Reis; Garrido e Inácia são personagens que organizam modos muito singulares de sobrevivência.
- c) O trabalho de elaboração da linguagem nas estórias é capaz de preservar o mundo português da presença dos outros mundos que a cidade guarda, abolidos pela prolongada e feroz dominação.
- d) Ocupando quase sempre o papel de protagonistas da literatura portuguesa, os angolanos cedem, por conta da complexidade cultural em que estava imerso o país, lugar e voz nessas narrativas para os portugueses, que estão dispostos a justificar o processo de colonização.
- e) A alteração do nome da capital de Angola tem implicações na abordagem do espaço que foi, desde muito cedo, um ponto fundamental no império lusitano. O autor valoriza, assim, o ponto de vista dominante, o dos negros, mestiços e brancos pobres que apagaram os vestígios da colonização portuguesa naquele país.

O trabalho de Luandino Vieira, em *Luuanda*, recria a linguagem unindo a língua portuguesa à realidade do espaço retratado, qual seja, a periferia da capital angolana, sobretudo no ambiente dos musseques.

5. Cásper Líbero-SP – Assinale a alternativa correta sobre o excerto da “Estória do ladrão e do papagaio”, que integra o livro *Luuanda*, de José Luandino Vieira, apresentado a seguir.

Nem uazekele kié-uazeka kiambote, nem nada, era só assim a outra maneira civilizada como ele dizia; mas também depois ficava na boa conversa de patrícios e, então, aí o quimbundo já podia se assentar no meio de todas as palavras, ele até queria, porque para falar bem-bem português não podia, o exame da terceira é que estava lhe tirar agora e por isso não aceitava falar um português de toda a gente, só queria falar o mais superior.

- a) Escrito em quimbundo, o texto registra expressões em português, a fim de criar um estranhamento significativo para a compreensão da lógica que move o livro.
- b) A linguagem dos musseques (os bairros pobres de Luanda) é reproduzida aqui fielmente, constituindo um precioso documento historiográfico que dá conta de explicar a dominação portuguesa em Angola.
- c) O esforço de recriação do registro escrito culto da linguagem pode ser comparado ao de Guimarães Rosa e representa uma profunda reflexão sobre a arte de contar histórias.
- d) O português sólido e cerrado, mas ao mesmo tempo transparente, que surge no texto está a serviço de registrar a história de um povo empenhado em sua emancipação política e cultural.
- e) Diante do texto, logo percebemos não estar em contato com um escritor português. O esforço de

nacionalização da língua, que também se manifesta no recurso a uma sintaxe diferente, procura exprimir a ruptura com a norma lusitana e indicar outras rupturas que precisam acontecer.

O texto de Luandino transparece seu trabalho de recriação da linguagem, reforçando seu objetivo de afastar-se da norma portuguesa da língua e de aproximar-se da realidade dos musseques de Luanda.

6. Uerj (adaptada)

C6-H19

O tempo em que o mundo tinha a nossa idade

Nesse entretempo, ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos improvisos. As estórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo. Nenhuma narração tinha fim, o sono lhe apagava a boca antes do desfecho. Éramos nós que recolhíamos seu corpo dorminhoso. Não lhe deitávamos dentro da casa: ele sempre recusara cama feita. Seu conceito era que a morte nos apanha deitados sobre a moleza de uma esteira. Leito dele era o puro chão, lugar onde a chuva também gosta de deitar. Nós simplesmente lhe encostávamos na parede da casa. Ali ficava até de manhã. Lhe encontrávamos coberto de formigas. Parece que os insectos gostavam do suor docicado do velho Taímo. Ele nem sentia o corrupio do formigueiro em sua pele.

– Chiças: transpiro mais que palmeira!

Proferia tontices enquanto ia acordando. Nós lhe sacudíamos os infatigáveis bichos. Taímo nos sacudia a nós, incomodado por lhe dedicarmos cuidados.

Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos trabsabertos. Como dormia fora, nem dávamos conta. Minha mãe, manhã seguinte, é que nos convocava:

– Venham: papá teve um sonho!

E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas.

Taímo recebia notícia do futuro por via dos antepassados. Dizia tantas previsões que nem havia tempo de provar nenhuma. Eu me perguntava sobre a verdade daquelas visões do velho, estorinhador como ele era.

– Nem duvidem, avisava mamã, suspeitando-nos.

E assim seguia nossa criancice, tempos afora. Nesses anos ainda tudo tinha sentido: a razão deste mundo estava num outro mundo inexplicável. Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos. [...]

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Este texto é uma narrativa ficcional que se refere à própria ficção, o que caracteriza uma espécie de metalinguagem. A metalinguagem está mais bem explicitada no seguinte trecho:

- a) As estórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo.
- b) Meu pai sofria de sonhos, saía pela noite de olhos trabsabertos.
- c) E nos juntávamos, todos completos, para escutar as verdades que lhe tinham sido reveladas.
- d) Nesses anos ainda tudo tinha sentido.
- e) Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos.

A metalinguagem está presente na referência às próprias histórias, conforme o trecho indicado na primeira alternativa.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H19 – Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Releia o texto usado para responder à questão 6 para responder aos exercícios 7 e 8.

7. Uerj – A escrita literária de Mia Couto explora diversas camadas da linguagem: vocabulário, construções sintáticas e sonoridade. O exemplo em que ocorre claramente exploração da sonoridade das palavras é:

- a) Nesse entretempo, ele nos chamava para escutarmos seus imprevistos improvisos.
- b) Não lhe deitávamos dentro da casa: ele sempre recusara cama feita.
- c) Ele nem sentia o corrupio do formigueiro em sua pele.
- d) Nós lhe sacudíamos os infatigáveis bichos.

8. Uerj – Um elemento importante na organização do texto é o uso de algumas personificações. Uma dessas personificações encontra-se em:

- a) Éramos nós que recolhíamos seu corpo dorminhoso.
- b) Seu conceito era que a morte nos apanha deitados sobre a moleza de uma esteira.
- c) Nós lhe sacudíamos os infatigáveis bichos.
- d) Os mais velhos faziam a ponte entre esses dois mundos.

Leia os excertos abaixo, extraídos de *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, para responder às questões 9 e 10.

Muidinga não ganha convencimento. Olha a planície, tudo parece desmaiado. Naquele território, tão despido de brilho, ter razão é algo que já não dá vontade.

[...]

— Sabe, miúdo, o que vamos fazer? Você me vai ler mais desses escritos.

— Mas ler agora, com esse escuro?

— Acendes o fogo lá fora.

— Mas, com a chuva, a lenha toda se molhou.

— Então vamos acender o fogo dentro do machimbombo. Juntamos coisa de arder lá mesmo.

— Podemos, tio? Não há problema?

— Problema é deixar este escuro entrar na cabeça da gente. Não podemos dançar nem rir. Então vamos para dentro desses cadernos. Lá podemos cantar, divertir.

COUTO, Mia. *Terra Sonâmbula*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

9. Unicamp-SP – No primeiro excerto, descreve-se a relação da personagem com o espaço narrativo. Considerando o conjunto do romance, caracterize a identidade narrativa de Muidinga em relação a esse espaço e explique por que o território era “despido de brilho”.

10. Unicamp-SP – No segundo excerto, o diálogo das duas personagens principais do romance aborda a questão da leitura e sua função para a situação existencial dos protagonistas. Explique o que seriam os “escritos” e “cadernos” mencionados e por que neles os protagonistas poderiam “cantar e divertir”.

11. Fuvest-SP – Leia o texto e responda ao que se pede.
– É por isso que faço confiança nos angolanos. São uns confusãoistas, mas todos esquecem as makas* e os rancores para salvar um companheiro em perigo. É esse o mérito do Movimento, ter conseguido o milagre de começar a transformar os homens. Mais uma geração e o angolano será um homem novo. O que é preciso é ação.

PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

makas: questões, conflitos.

- a) A fala de Comandante Sem Medo alude a uma questão central do romance *Mayombe*: um objetivo político a ser conquistado por meio do Movimento. Qual é esse objetivo?
- b) As “makas” e os “rancores” dos angolanos repercutem no modo como o romance é narrado? Explique.

12. Fuvest-SP – Leia o excerto de *Mayombe*, de Pepetela, no qual as personagens “dirigente” e Comandante Sem Medo discutem o comportamento do combatente chamado Mundo Novo. As indicações [d] e [C] identificam, respectivamente, as falas iniciais do “dirigente” e do Comandante Sem Medo, que se alternam, no diálogo.

[d] [...] A propósito do Mundo Novo: a que chamas tu ser dogmático?

[C] – Ser dogmático? Sabes tão bem como eu.

– Depende, as palavras são relativas. Sem Medo sorriu.

– Tens razão, as palavras são relativas. Ele é demasiado rígido na sua conceção da disciplina, não vê as condições existentes, quer aplicar o esquema tal qual o aprendeu. A isso eu chamo dogmático, penso que é a verdadeira aceção da palavra. A sua verdade é absoluta e toda feita, recusa-se a pô-la em dúvida, mesmo que fosse para a discutir e a reforçar em seguida, com os dados da prática. Como os católicos que recusam pôr em dúvida a existência de Deus, porque isso poderia perturbá-los.

– E tu, Sem Medo? As tuas ideias não são absolutas?

– Todo o homem tende para isso, sobretudo se teve uma educação religiosa. Muitas vezes tenho de fazer um esforço para evitar de engolir como verdade universal qualquer constatação particular.

PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

- a) Que relação se estabelece, no excerto, entre a forma dialógica e as ideias expressas pelo Comandante Sem Medo?
- b) No plano da narração de *Mayombe*, isto é, no seu modo de organizar e distribuir o discurso narrativo, emprega-se algum recurso para evitar que o próprio romance, considerado no seu conjunto, recaia no dogmatismo criticado no excerto? Explique resumidamente.

Texto para as questões 13 e 14:

O Comissário apertou-lhe mais a mão, querendo transmitir-lhe o sopro de vida. Mas a vida de Sem Medo esvaía-se para o solo do Mayombe, misturando-se às folhas em decomposição.

[...]

Mas o Comissário não ouviu o que o Comandante disse. Os lábios já mal se moviam.

A amoreira gigante à sua frente. O tronco destaca-se do sincretismo da mata, mas se eu percorrer com os olhos o tronco para cima, a folhagem dele mistura-se à folhagem geral e é de novo o sincretismo. Só o tronco se desta-

ca, se individualiza. Tal é o Mayombe, os gigantes só o são em parte, ao nível do tronco, o resto confunde-se na massa. Tal o homem. As impressões visuais são menos nítidas e a mancha verde predominante faz esbater progressivamente a claridade do tronco da amoreira gigante. As manchas verdes são cada vez mais sobrepostas, mas, num sobressalto, o tronco da amoreira ainda se afirma, debatendo-se. Tal é a vida.

[...]

Os olhos de Sem Medo ficaram abertos, contemplando o tronco já invisível do gigante que para sempre desaparecera no seu elemento verde.

PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

13. Fuvest-SP – Considerando-se o excerto no contexto de *Mayombe*, os paralelos que nele são estabelecidos entre aspectos da natureza e da vida humana podem ser interpretados como uma:

- a) reflexão relacionada ao próprio Comandante Sem Medo e a seu dilema característico entre a valorização do indivíduo e o engajamento em um projeto eminentemente coletivo.
- b) caracterização flagrante da dificuldade de aceder ao plano do raciocínio abstrato, típica da atitude pragmática do militante revolucionário.
- c) figuração da harmonia que reina no mundo natural, em contraste com as dissensões que caracterizam as relações humanas, notadamente nas zonas urbanizadas.
- d) representação do juízo do Comissário a respeito da manifesta incapacidade que tem o Comandante Sem Medo de ultrapassar o dogmatismo doutrinário.
- e) crítica esclarecida à mentalidade animista que tende a personificar os elementos da natureza e ao tribalismo, ainda muito difundidos entre os guerrilheiros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA).

14. Fuvest-SP – Consideradas no âmbito dos valores que são postos em jogo em *Mayombe*, as relações entre a árvore e a floresta, tal como concebidas e expressas no excerto, ensejam a valorização de uma conduta que corresponde à da personagem

- a) João Romão, de *O cortiço*, observadas as relações que estabelece com a comunidade dos encortiçados.
- b) Jacinto, de *A cidade e as serras*, tendo em vista suas práticas de beneficência junto aos pobres de Paris.
- c) Fabiano, de *Vidas secas*, na medida em que ele se integrava na comunidade dos sertanejos, seus iguais e vizinhos.
- d) Pedro Bala, de *Capitães da Areia*, em especial ao completar sua trajetória de politização.
- e) Augusto Matraga, do conto “A hora e a vez de Augusto Matraga”, de *Sagarana*, na sua fase inicial, quando era o valentão do lugar.

Segue o início de *Mayombe*, escrito pelo angolano Pepetela, livro que conta a luta de Angola pela independência de Portugal. Leia-o atentamente e responda às questões de 15 a 17.

O rio Lombe brilhava na vegetação densa. Vinte vezes o tinham atravessado. Teoria, o professor, tinha escorregado numa pedra e esfolara profundamente o joelho. O Comandante dissera a Teoria para voltar à Base, acompanhado de um guerrilheiro. O professor, fazendo uma careta, respondera:

— Somos dezesseis. Ficaremos catorze.

Matemática simples que resolvera a questão: era difícil conseguir-se um efetivo suficiente. De mau grado, o Comandante deu ordem de avançar. Vinha por vezes juntar-se a Teoria, que caminhava em penúltima posição, para saber como se sentia. O professor escondia o sofrimento. E sorria sem ânimo.

À hora de acampar, alguns combatentes foram procurar lenha seca, enquanto o Comando se reunia. Pangu-Akitina, o enfermeiro, aplicou um penso no ferimento do professor. O joelho estava muito inchado e só com grande esforço ele podia avançar.

Aos grupos de quatro, prepararam o jantar: arroz com cornedbeef. Terminaram a refeição às seis da tarde, quando já o Sol desaparecera e a noite cobrira o Mayombe. As árvores enormes, das quais pendiam cipós grossos como cabos, dançavam em sombras com os movimentos das chamas. Só o fumo podia libertar-se do Mayombe e subir, por entre as folhas e as lianas, dispersando-se rapidamente no alto, como água precipitada por cascata estreita que se espalha num lago.

Eu, O Narrador, sou Teoria.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não, para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o Mundo é geralmente maniqueísta.

O Comissário Político, alto e magro como Teoria, acerrou-se dele.

— O Comando pensa que deves voltar ou esperar-nos aqui. Dentro de três dias estaremos de volta. Ficará alguém contigo. Ou podes tentar regressar à Base aos poucos. Depende do teu estado.

O professor respondeu sem hesitar:

— Acho que é um erro. Posso ainda andar. Temos pouca gente, dois guerrilheiros a menos fazem uma diferença grande. O plano irá por água abaixo.

— É pouco, mas talvez chegue.

— Posso discutir com o Comando?

— Vou ver.

O Comissário voltou para junto do Comandante e do Chefe de Operações. Momentos depois, fazia sinal a Teoria. O professor levantou-se e uma dor aguda subiu-lhe pelo joelho até ao ventre. Sentiu que não poderia ir muito longe. A escuridão relativa escondia-lhe as feições e ninguém se apercebeu da careta. Procurou andar normalmente e aproximou-se dos três responsáveis.

O Comandante Sem Medo contemplou-o fixamente, enquanto o professor se sentava, gritando calado para esconder as dores insuportáveis. Estou arrumado, pensou.

— É inútil armares em forte – disse Sem Medo. – Topa-se bem que estás à rasca, embora tentes esconder. Não vejo qual é o mal de reconheceres que não podes continuar. Serás um peso-morto para nós.

Teoria esboçou um gesto de irritação.

— Eu é que sei como me sinto. Afirmo que posso continuar. Já fui tratado e amanhã melhora. É evidente que nada está partido, é só um esfolamento sem gravidade. Mesmo o perigo de infecção está afastado.

— Se amanhã encontramos o inimigo – disse o Comissário – e for necessário retirar rapidamente, tu não poderás correr.

— Querem que corra aqui para provar que poderei?

— Sou contra a tua participação – repetiu o Comissário. – Não vale a pena insistir. [...]

— É evidente que a razão objetiva está do lado do Comissário – disse o Comandante.

— No entanto, eu compreendo o camarada Teoria... Por mim, se ele acha que pode continuar, não me oponho. Mas objetivamente o Comissário tem razão...

— E subjetivamente? – perguntou o Comissário.

— Subjetivamente... sabes? Há vezes em que um homem precisa de sofrer, precisa de saber que está a sofrer e precisa de ultrapassar o sofrimento. Para quê, por quê? Às vezes, por nada. Outras vezes, por muita coisa que não sabe, não pode ou não quer explicar. Teoria sabe e pode explicar. Mas não quer, e acho que nisso ele tem razão.

— O problema é que se trata duma operação de guerra e não dum passeio. Num passeio, um tipo pode agir contra toda a razão, só porque lhe apetece ir pela esquerda em vez de ir pela direita. Na guerra não tem esse direito, arrisca a vida dos outros...

— Neste caso? Não, aqui só arrisca a sua [...]

PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

15. FEI-SP – Sabendo que a narrativa conta a luta de Angola pela independência de Portugal, o fragmento acima gira em torno:

- de um grupo de revolucionários que se prepara para combater os colonizadores.
- do avanço das tropas portuguesas e da fuga dos combatentes angolanos.
- do poder dos revolucionários e da fraqueza dos colonizadores portugueses.
- da dificuldade de organização dos revolucionários pelo excesso de vaidade deles.
- da aceitação dos colonizados de que não podem combater os portugueses.

16. FEI-SP – Há mudança do foco narrativo no trecho acima. Nesse momento, lê-se:

- o elogio de Teoria à sua condição mestiça.
- a negação de sua raça e de sua condição mestiça.
- a denúncia contra a sociedade que, sendo maniqueísta, não aceita os mestiços.
- o reconhecimento de que, no geral, as pessoas são tolerantes.
- o reconhecimento de que não é o maniqueísmo que gera o racismo.

17. FEI-SP – O uso de letra maiúscula em substantivos comuns como “Teoria”, “Comandante”, “Comissário” evidencia:

- a) que a função das pessoas no grupo é mais importante do que a identidade pessoal delas, o que sugere que a coletividade se sobrepõe ao indivíduo.
- b) a intenção do escritor de mostrar ao leitor quais são as funções essenciais em um grupo revolucionário.

- c) valorizar cada um dos sujeitos por meio da atividade que exerce, sugerindo que o indivíduo deve se sobrepôr ao grupo.
- d) apagar a individualidade dos integrantes do grupo, já que eles são calculistas e só dão valor à causa revolucionária.
- e) a intenção do escritor de explorar a dinâmica estabelecida entre os revolucionários.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C5-H18

Texto I

Quem sabe, devido às atividades culinárias da esposa, nesses idílios Vadinho dizia-lhe “Meu manué de milho verde, meu acarajé cheiroso, minha franguinha gorda”, e tais comparações gastronômicas davam justa ideia de certo encanto sensual e caseiro de dona Flor a esconder-se sob uma natureza tranquila e dócil. Vadinho conhecia-lhe as fraquezas e as expunha ao sol, aquela ânsia controlada de tímida, aquele recatado desejo fazendo-se violência e mesmo incontinência ao libertar-se na cama.

AMADO, Jorge. *Dona Flor e seus dois maridos*. São Paulo: Martins, 1966.

Texto II

As suas mãos trabalham na braguilha das calças do falecido. Dulcineusa me confessou mais tarde: era assim que o marido gostava de começar as intimidades. Um fazer de conta que era outra coisa, a exemplo do gato que distrai o olhar enquanto segura a presa nas patas. Esse o acordo silencioso que tinham: ele chegava em casa e se queixava que tinha um botão a cair. Calada, Dulcineusa se armava dos apetrechos da costura e se posicionava a jeito dos prazeres e dos afazeres.

COUTO, Mia. *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

Tema recorrente na obra de Jorge Amado, a figura feminina aparece, no fragmento, retratada de forma semelhante à que se vê no texto do moçambicano Mia Couto. Nesses dois textos, com relação ao universo feminino em seu contexto doméstico, observa-se que

- a) o desejo sexual é entendido como uma fraqueza moral, incompatível com a mulher casada.
- b) a mulher tem um comportamento marcado por convenções de papéis sexuais.
- c) à mulher cabe o poder da sedução, expresso pelos gestos, olhares e silêncios que ensaiam.
- d) a mulher incorpora o sentimento de culpa e age com apatia, como no mito bíblico da serpente.
- e) a dissimulação e a malícia fazem parte do repertório feminino nos espaços público e íntimo.

19. Cefet-RJ

C5-H18

Línguas que não sabemos que sabíamos

Recordo um episódio que sucedeu comigo. Em 1989, fazia pesquisa na Ilha da Inhaca quando desembarcou nessa ilha uma equipe de técnicos das Nações Unidas. Vinham fazer aquilo que se costuma chamar de “educação ambiental”. Não quero comentar aqui como esse conceito de educação ambiental esconde muitas vezes uma arrogância messiânica. A verdade é que, munidos de boa-fé, os cientistas traziam malas com projetores de slides e filmes. Traziam, enfim, aquilo que na sua linguagem designavam

por “kits de educação”, na ingênua esperança de que a tecnologia é a salvação para problemas de entendimento e de comunicação.

Na primeira reunião com a população surgiram curiosos mal-entendidos que revelam a dificuldade de tradução não de palavras, mas de pensamento. No pódio estavam os cientistas que falavam em inglês, eu, que traduzia para o português, e um pescador que traduzia de português para a língua local, o chidindinhe. Tudo começou logo na apresentação dos visitantes (devo dizer que, por acaso, a maior parte deles eram suecos). “Somos cientistas”, disseram eles. Contudo, a palavra “cientista” não existe na língua local. O termo escolhido pelo tradutor foi inguetlha que quer dizer feiticeiro. Os visitantes surgiam assim aos daquela gente como feiticeiros brancos. O sueco que dirigia a delegação (e ignorando o estatuto com que acabara de ser investido) anunciou a seguir: “Vimos aqui para trabalhar na área do Meio Ambiente”.

Ora, a ideia de Meio Ambiente, naquela cultura, não existe de forma autônoma e não há palavra para designar exatamente esse conceito. O tradutor hesitou e acabou escolhendo a palavra Ntumbulukku, que quer dizer várias coisas mas, sobretudo, refere uma espécie de Big Bang, o momento da criação da humanidade. Como podem imaginar, os ilhéus estavam fascinados: a sua pequena ilha tinha sido escolhida para estudar um assunto da mais nobre e elevada metafísica.

Já no período de diálogo, o mesmo sueco pediu à assembleia que identificasse os problemas ambientais que mais perturbavam a ilha. A multidão entreolhou-se, perplexa: “Problemas ambientais?”.

E após recíprocas consultas as pessoas escolheram o maior problema: a invasão das machambas pelos tinguluve, os porcos do mato. Curiosamente, o termo tinguluve nomeia também os espíritos dos falecidos que adoeceram depois de terem deixado de viver. Fossem espíritos, fossem porcos, o consultor estrangeiro não se sentia muito à vontade no assunto dos tinguluve. Ele jamais havia visto tal animal. A assembleia explicou: os tais porcos surgiram misteriosamente na ilha, reproduziram-se na floresta e agora destruíam as machambas.

— Destroem as machambas? Então, é fácil, vamos abatê-los!

A multidão reagiu com um silêncio receoso. Abater espíritos? Ninguém mais quis falar ou escutar fosse o que fosse. E a reunião acabou abruptamente, ferida por uma silenciosa falta de confiança. Já noite, um grupo de velhos me veio bater à porta. Solicitavam que chamasse os estrangeiros para que o assunto dos porcos fosse esclarecido. Os consultores lá vieram, admirados pelo facto de lhes termos interrompido o sono.

- É por causa dos porcos selvagens.
- O que têm os porcos?
- É que não são bem-bem porcos...

COUTO, Mia. Línguas que não sabemos que sabíamos. In: *E se Obama fosse africano?* São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

machambas: terrenos agrícolas para produção familiar.

Em Moçambique, que tem o português como língua oficial, são faladas mais de 25 línguas distintas, dentre elas o chidindinhe. No texto de Mia Couto, escritor moçambicano, percebe-se que há um claro problema de tradução entre o português e essa língua local porque:

- a) o inglês e o português têm menos diversidade semânticas, por isso não têm palavras que transmitam os mesmos sentidos que os termos em chidindinhe.
- b) o português tem um léxico mais diversificado que o chidindinhe, por isso consegue transmitir os mesmos sentidos que o inglês.

- c) a dificuldade de compreensão entre suecos e moçambicanos falantes de chidindinhe deveu-se à falta de habilidade do tradutor.
- d) a tradução não foi bem-sucedida devido a questões predominantemente de ordem cultural.

20. UEL-PR

C5-H18

A questão refere-se ao romance *O outro pé da se-reia*, de Mia Couto. A crítica literária tem aproximado o moçambicano Mia Couto do brasileiro Guimarães Rosa, em particular pelo fato de ambos empregarem neologismos em suas obras. No trecho “as mãos calosas, de enxadachim”, extraído do conto “Fatalidade”, de autoria do autor brasileiro, o neologismo “enxadachim” é construído pelo mesmo processo de formação de palavras utilizado pelo autor moçambicano para a criação de:

- a) vitupérios. d) mudançarinos.
- b) bebericava. e) malfadado.
- c) tamanho.

EXERCÍCIOS INTERDISCIPLINARES

21. Enem

C8-H26

Mandinga — Era a denominação que, no período das grandes navegações, os portugueses davam à costa ocidental da África. A palavra se tornou sinônimo de feitiçaria porque os exploradores lusitanos consideravam bruxos os africanos que ali habitavam — é que eles davam indicações sobre a existência de ouro na região. Em idioma nativo, mandinga designava terra de feiticeiros. A palavra acabou virando sinônimo de feitiço, sortilégio.

COTRIM, Márcio. *O pulo do gato 3*. São Paulo: Geração Editorial, 2009.

No texto, evidencia-se que a construção do significado da palavra mandinga resulta de um(a)

- a) contexto sócio-histórico.
- b) diversidade étnica.
- c) descoberta geográfica.
- d) apropriação religiosa.
- e) contraste cultural.

22. FCC-PA – Leia o texto a seguir.

O sertão retratado por Guimarães Rosa na obra *Grande Sertão: Veredas* mantém a dimensão complexa e migrante do termo. Grande, fugidio e “sem lugar”, é fortemente marcado pela geografia e clima do cerrado, pela bacia do Rio São Francisco, pelo tráfego intenso de tropeiros e pelo apogeu e declínio da jagunçagem, entre o fim do século dezenove e o início do século vinte.

Disponível em: <www.revistasagarana.com.br/revista30/grandesertao.htm>. Adaptado.

Na perspectiva da Geografia, a obra de Guimarães Rosa, embora literária, pode ser entendida como uma forma de

- a) determinismo ambiental, no qual a natureza domina a vida dos homens.
- b) planejamento territorial, ao destacar a presença do governo no processo de ocupação.
- c) ambientalismo precoce, já que a beleza do cerrado é o principal foco da sua obra.
- d) regionalização, baseada em elementos naturais, econômicos e históricos.

23. Uerj – Esta questão refere-se ao romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.

Como a nordestina, há milhares de moças espalhadas por cortiços, vagas de cama num quarto, atrás de balcões trabalhando até a estafa. Não notam sequer que são facilmente substituíveis e que tanto existiriam como não existiriam.

O romance enfatiza que a personagem Macabéa vive a realidade de milhares de moças, como exemplifica o trecho citado. Essa ênfase crítica o processo sofrido por todas elas de:

- a) alienação social
- b) rivalidade geracional
- c) humilhação intelectual
- d) empobrecimento moral

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

GRAMÁTICA



APRESENTAÇÃO

GRAMÁTICA

As mudanças nos principais processos de seleção e no Enem têm mostrado que a preparação para o ingresso na universidade exige muito mais do que um bom material didático. Além de dominar competências trabalhadas no ensino médio, os alunos precisam conhecer a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver habilidades para obter autonomia e entender criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para o prosseguimento do estudo em nível superior. Os exames seletivos de muitas universidades do país avaliam também a associação entre competências e habilidades de diferentes áreas de conhecimento, a fim de confirmar se os candidatos as desenvolveram. Por isso, os estudantes que concluíram ou que estão em vias de concluir o ensino médio devem ser capazes de dominar linguagens, construir argumentações e elaborar respostas aos diversos questionamentos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), orientadoras das avaliações do Enem, o encaminhamento pedagógico e metodológico para esse segmento deve envolver temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

Pensando nisso, foi elaborada esta coleção integrada para pré-vestibular extensivo e terceiro, abrangendo as áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças. O material contempla assim todos os conteúdos exigidos nos concursos vestibulares de todo o país e no Enem, enriquecidos com variada coletânea de questões, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo, com indicação das respectivas competências e habilidades da Matriz de Referência do Enem. Com propostas metodológicas de ensino voltadas à preparação dos alunos para o ingresso no ensino superior, a coleção abrange todos os conteúdos do ensino médio, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios que facilitam a aprendizagem. Os alunos também se deparam com organização e sistematização teóricas seguidas de exercícios em níveis gradativos de dificuldade, o que facilita a fixação dos conceitos e o desenvolvimento de habilidades específicas associadas ao conteúdo trabalhado. Como apoio ao professor, em cada módulo as questões do material estão resolvidas, com sugestões de leitura e de outros recursos de aprofundamento dos conteúdos.

CONTEÚDO

GRAMÁTICA

Volume	Módulo	Conteúdo
4	45	Coesão
	46	Coerência
	47	Domínios e gêneros discursivos
	48	Gêneros textuais
	49	Alguns gêneros e suas especificidades
	50	Tipologia textual
	51	As vozes do discurso
	52	Intertextualidade
	53	Análise textual
	54	Estratégias de leitura
	55	Tópicos de ortografia III
	56	Acordo Ortográfico

45 COESÃO

Comentários sobre o módulo

A linguagem é considerada um instrumento de interação entre sujeitos socialmente organizados, uma vez que possibilita o diálogo e a circulação de saberes, seja na forma oral, seja na forma escrita. Para analisar os diversos matizes culturais e ideológicos da linguagem verbal, o conhecimento dos elementos de coesão é de fundamental importância, o que se verifica no presente módulo.

Para ir além

BENTES, Ana Christina. Linguística textual. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Org.). *Introdução à Linguística 1: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

KOCH Ingedore G. Villaça. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.

_____. Principais mecanismos de coesão textual. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas: Unicamp/IEL, jul./dez. 1988: 73-80.

_____. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Marcadores conversacionais: tipos, funções e coocorrências*. Recife: UFPE, 1985.

_____. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

Exercícios propostos

7. B

“Uma voz” é retomada por “essa fala” no trecho “Pobres e esquecidos por todos, seus habitantes não sabem como se defender, até que uma voz parece encontrar a solução: a cidade de Javé precisa ser reconhecida como “patrimônio”, pois assim não se tornaria uma cidade submersa. Duas dimensões dessa fala [a fala de que Javé precisa ser reconhecida como “patrimônio”] merecem ser assinaladas”. Nota-se, portanto, que “uma voz” anuncia a informação, enquanto “dessa fala” a retoma.

8. A

A expressão “questões mais amplas” é um elemento catafórico, pois antecipa o que será abordado ao longo do texto: “Já há algum tempo, acompanho esse debate sobre apropriação cultural e, lendo os artigos produzidos (a favor ou contra), percebi que a maioria não consegue articular este debate com questões mais amplas: racismo e capitalismo”.

9. D

O pronome demonstrativo “este” faz referência a “conceito”: “Ao longo da história, a noção de cultura teve diversos significados e matizes. Durante muitos séculos foi um conceito inseparável da religião e do conhecimento teológico; na Grécia, este [conceito] foi marcado pela filosofia, e, em Roma, pelo direito, ao passo que no Renascimento foi impregnado principalmente pela literatura e pelas artes”.

10. A

“De fato” exerce a função de advérbio de modo, equivalendo a “realmente”; e “deste modo” é uma locução conjuntiva coordenativa conclusiva, podendo ser substituída sem alteração de sentido, entre outras, pela conjunção “portanto”.

11. C

No fragmento, o pronome “ele” substitui o termo “grooming”: “Fazer grooming está para os macacos mais ou menos como o “papo” para nós. Da mesma forma que o “carinho” humano, ele [o grooming] parece provocar a liberação de endorfinas”.

12. A

No texto, “disso” retoma “alguma coisa de muito grave havia acontecido”: “Enquanto arrumava o material, todos permaneciam calados, sabendo que alguma coisa de muito grave havia acontecido. Marta sabia disso [que alguma coisa de muito grave havia acontecido] e voltou a sentir o sangue subir-lhe às faces”.

13. B

Em “Inclusive porque as revisita nas linhas e entrelinhas e incita o debate”, o pronome oblíquo “as” retoma “confortáveis teses gerais”: “Por isso, propõe um desafio aos acostumados às confortáveis teses gerais, o que torna o livro mais interessante. Inclusive porque as [as confortáveis teses gerais] revisita nas linhas e entrelinhas e incita o debate”.

14. D

“À qual” se refere à “anormalidade” no trecho “Quem nunca ouviu falar de médicos - Pedro Nava era um deles - que, para não desapontar o paciente, inventam uma anormalidade qualquer, benigna, à qual [à anormalidade] irá corresponder uma receita...”

15. A

“O qual” se refere a “um instrumento” no trecho “Não faz muito que temos esta nova TV com controle remoto, mas devo dizer que se trata agora de um instrumento sem o qual [o instrumento] eu não saberia viver”.

16. D

O pronome “que” retoma “sentimento de impotência” no trecho “Essa inflação do nosso tamanho é o avesso do sentimento de impotência que secretamente carregamos, pequenos diante de um mundo do qual temos de dar conta – sozinhos”. Seu uso equivale às seguintes frases: “Essa inflação do nosso tamanho é o avesso do sentimento de impotência” e “Carregamos o sentimento de impotência”.

17. A

Os pronomes oblíquos “lhe” e “o” se referem, respectivamente, ao “sertanejo” e ao “prelúdio da desgraça”: “De repente, uma variante trágica. / Aproxima-se a seca. / O sertanejo adivinha-a e prefixa-a graças ao ritmo singular com que se desencadeia o flagelo. / [...] / Os sintomas do flagelo despontam-lhe [ao sertanejo], então, encadeados em série, sucedendo-se inflexíveis, como sinais comemorativos de uma moléstia cíclica, da estação assombradora da Terra. / [...] / É o prelúdio da desgraça. / Vê-o [o prelúdio da desgraça] acentuar, num crescente, até dezembro”.

Estudo para o Enem

18. E

“Apesar de” é uma locução conjuntiva subordinativa concessiva, podendo ser substituída, sem que haja alteração de sentido, por “embora”; “ainda que”.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

19. B

Os elementos coesivos “dela” e “sua” retomam “Constituição de 1988”, enquanto “os”, “a quem” e “suas” retomam “índios”: “Para abordar o direito dos índios a uma educação diferenciada, a Constituição de 1988 se impõe como o grande marco.

Foi a partir dela [da Constituição de 1988] que se reconheceu aos índios o direito de permanecerem índios e terem suas tradições e modos de vida respeitados e protegidos pelo Estado brasileiro. Com a sua [da Constituição de 1988] promulgação, rompe-se com a tradição legislativa e administrativa que procurava incorporar os índios à comunhão nacional, pois os [índios] concebia como categoria étnica e social transitória, a quem [aos índios] cabia um único destino: seu desaparecimento cultural. A Constituição de 1988 inaugurou uma nova fase no relacionamento dos povos indígenas com o Estado e com a sociedade brasileira, reconhecendo suas [dos índios] organizações sociais, costumes, línguas, crenças e tradições, e atribuindo ao Estado o dever de respeitar e proteger as manifestações das culturas indígenas”.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

20. D

A estrutura “... deve...”, apesar de ser um verbo flexionado, está empregada como modalizador do evento “... acabar...”, uma vez que apresenta uma possibilidade, haja vista o fato de juntos os verbos formarem uma locução de probabilidade “deve acabar” = “acabará (provavelmente)”. Como a língua portuguesa contemporânea não conta com morfemas modalizadores, essa função pode ser desempenhada por verbos auxiliares modais, como é o caso de *dever*.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

46 COERÊNCIA

Comentários sobre o módulo

A linguagem é considerada um instrumento de interação entre sujeitos socialmente organizados, uma vez que possibilita o diálogo e a circulação de saberes, seja na forma oral, seja na forma escrita. Para analisar os diversos matizes culturais da linguagem textual, o conhecimento dos níveis e tipos de coerência é de fundamental importância, o que se verifica no presente módulo.

Para ir além

BENTES, Ana Christina. *Linguística textual*. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina (Org.). *Introdução à Linguística 1: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. São Paulo: Cortez, 1997.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Marcadores conversacionais: tipos, funções e coocorrências*. Recife: UFPE, 1985.

_____. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

Exercícios propostos

7. E

A conclusão coerente com o fato de que “Obama, Hu Jintao e Angela Merkel estão envolvidos até a medula nos problemas da transição do poder cuja definição se dará antes do fim do ano. Seus governos enfrentam o desafio (cada um em sua própria dimensão) de lidar com a desaceleração econômica e as consequências do descontentamento popular com as atuais lideranças”. Trata-se de uma ilusão esperar que tais líderes se comprometam com a produção de energia limpa, tendo em vista o cenário econômico mencionado.

8. E

Com base na leitura do texto, pode-se afirmar que “Muitos médicos exercem a profissão de forma honrada”, como comprova o seguinte trecho: “Há médicos e médicos. Uns trabalham todos os dias para salvar a vida de outras pessoas. Sabem que, ao final, vão perder, mas voltam ao combate após cada derrota. Convivem diariamente com a morte e, em muitos casos, derramam lágrimas amargas, em algum lugar onde não possam ser vistos, quando um cliente se vai. Essa é a cruz que carregam em sua vida. É, também, a sua honra”.

9. B

O seguimento lógico e coerente ao texto é “Mas ainda é pouco diante do “poder de fogo” de empresários que se utilizam de todas as maneiras de comunicação existentes no mercado”, pois o argumento defendido é o de que o consumidor “vai encontrando um caminho para demonstrar sua insatisfação com os produtos e serviços adquiridos, e também contra toda forma de malandragem perpetrada por muitos fornecedores”. Portanto, o seguimento será uma afirmação de que as ações das quais o consumidor dispõe ainda são insuficientes.

10. C

Considerando a descrição do ministro em sentido denotativo, conclui-se que ele é uma pessoa preunçosa, como comprova o seguinte trecho: “Não havia um negativo, não havia nele uma dúvida; todo ele estava embriagado de certeza de seu valor intrínseco, das suas qualidades extraordinárias e excepcionais de condutor dos povos”.

11. 05

O encontro entre profissional de saúde e paciente se torna de maior qualidade se houver a formação humanística do profissional de saúde. É o que se abstrai da leitura da charge, em que o paciente e médico aparecem dialogando e há a informação de que “Em 70% dos casos o diagnóstico poderia ser feito baseado na conversa do médico com o paciente”. De igual modo, a médica Lisa Sanders afirma que “Um médico não pode saber como o paciente se sente sem perguntar”.

12. A

Há falta de coerência sintática, já que o pronome “seus” torna o período ambíguo, com duplo sentido: afinal, de quem são os direitos, do ex-presidente ou do juiz?

13. No trecho final da redação, há uma incoerência sintática pela redundância da expressão “com a chegada dela”. O pronome possessivo “dela” não apresenta uma referência clara, gerando ambiguidade na interpretação. Para eliminar o problema, pode-se escrever: “nós ficamos muito mais contentes com a primavera e sua chegada”.

14. 02

No fragmento, há coerência pragmática, pois o discurso direto revela que o filho é paciente com a mãe, que está perdendo a memória.

15. E

Antes de explicar a necessidade de avaliar a relação custo-benefício de uma compra, o leitor deve observar que o texto se refere à ideia de que a falta de participação nas redes sociais pode levar as pessoas a se sentirem marginalizadas, como comprova a seguinte passagem do primeiro parágrafo: “A internet e outras tecnologias mudaram a rotina das famílias, a vida social e até a sua percepção do mundo. [...] De forma tão avassaladora, que quem não participa das redes sociais em algum momento pode se sentir excluído ou desinformado.”

16. A

Na frase “Estação Espacial Internacional ajudará a proteger tartarugas gigantes de Galápagos”, não há redundância, mas, sim, coerência: a preposição “de”, em “de Galápagos”, indica proveniência.

17. Sugestão de resposta – Na ordem coerente, o texto fica assim:

“Corações solitários” é um dos bons contos de Rubem Fonseca.

A trama é a seguinte: um repórter desempregado aceita o emprego, que consiste em responder à correspondência das leitoras de uma revista feminina.

Assina com nome feminino, para estabelecer a necessária confiança e dar credibilidade ao trabalho. Recebe cartas de todos os tipos – quer dizer, de pouquíssimos tipos, são as mesmas histórias de sempre – e dá respostas estereotipadas sobre como cuidar de filhos, de filhas, de maridos, de amantes, da saúde etc.

Um tal Pedro Redgrave, no entanto, estabelece com ele uma correspondência mais sólida. Cartas e respostas se sucedem.

Até que um dia o repórter descobre que Pedro Redgrave é de fato seu chefe. As razões pelas quais lhe escreve são ambíguas, e nisso reside o interesse principal do conto. Leiam. É ótimo.

Estudo para o Enem

18. C

Reorganizado de modo a que haja sentido, o texto ficaria:

“Nos últimos dez ou quinze anos, fazer uma tatuagem deixou de ser símbolo de rebeldia de um estilo de vida marginal. Elas não são mais feitas em locais precários, e sim em grandes estúdios onde há cuidado com a higiene. As técnicas se refinaram: há mais cores disponíveis, os pigmentos são de melhor qualidade e ferramentas como o laser tornaram bem mais simples apagar uma tatuagem que já não se quer mais. Vão longe,

enfim, os tempos em que o conceito de tatuagem se resumia à velha âncora de marinheiro.”

Dessa forma, é correta a ordem IV, I, II e III.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

19. A

De forma coerente com o texto, pode-se afirmar que “Em razão do seu modo de funcionamento, os memes não têm o mesmo efeito que as manifestações convencionais”, como comprova o seguinte trecho: “Esses manifestos e/ou críticas de formas isoladas (ou uníssonas) podem, mesmo sem intenção, relegar os cidadãos brasileiros a um estado de inércia, a uma condição de estado permanente de sonolência eterna em “berço esplêndido”. Já os manifestos, protestos e/ou passeatas nas ruas e demais enfrentamentos em espaços de poder instituídos ainda são os mecanismos mais eloquentes e potenciais para contrapor discursos e práticas opressoras que contribuem para o caos social. É preciso o *tête-à-tête*, o diálogo crítico e reflexivo em casa, na comunidade e demais ambientes socioculturais”.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

20. C

A alternativa que apresenta a execução da sentença como uma consequência ao fato de o presumido pai se recusar a fazer exame de DNA é a C.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

47 DOMÍNIOS E GÊNEROS DISCURSIVOS

Comentários sobre o módulo

Instrumento de interação entre sujeitos, a linguagem (oral e/ou escrita) possibilita o diálogo e a circulação de saberes. Neste módulo, procura-se apresentar o conceito de dialogismo, de gênero discursivo e de domínios discursivos e suas principais características.

Para ir além

BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes. 1997. p. 279-326.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Dialogismo, polifonia, enunciação*. In: _____. FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, polifonia, enunciação*. São Paulo: Edusp, 2003.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de; BRAIT, Beth (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: o que são e como se classificam?*. Recife: UFPE, 2000.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. *Análise linguística nos gêneros textuais*. Curitiba: IBPEX, 2010.

Exercícios propostos

7. A

No trecho “Já tive oportunidade de escrever sobre o movimento *black bloc* nessa coluna em artigo passado. Volto ao tema pelo andar recente da carruagem, me dando a liberdade jornalística de não me alongar em argumentos acadêmicos e citações”, o autor Pedro Estevam Serrano se refere à coluna que escreve para a revista, à liberdade jornalística e a argumentos acadêmicos e citações, caracterizando um domínio discursivo jornalístico.

8. C

Trata-se de um domínio discursivo jornalístico, já que se trata de uma notícia sobre as características do cometa Halley em passagem pela Terra.

9. C

Uma das características do domínio discursivo literário é o trabalho com a linguagem, que, no trecho da obra de Eça de Queirós, manifesta-se pela riqueza descritiva.

10. D

O texto apresenta domínio discursivo escolar, pois seu caráter é educativo, instrucional, ou seja, tem o objetivo de transmitir conhecimento ao leitor.

11. B

O fato de os períodos serem compostos de subordinação (no caso, são orações principais e subordinadas substantivas subjetivas) não é uma característica própria do domínio discursivo jurídico, já que pode estar presente em vários domínios discursivos, como o escolar e o jornalístico, por exemplo.

12. D

O domínio discursivo cotidiano está presente na expressão “fala dos bacanas”, caracterizada pela informalidade, por ser costumeira no dia a dia.

13. A

A expressão “Em nome do pai” revela o domínio discursivo religioso, pois mantém uma relação de intertextualidade com a oração “Pai-nosso”, que se encerra justamente com os dizeres “Em nome do pai, do filho e do espírito santo”.

14. C

Nos dois textos, verifica-se a presença do domínio discursivo religioso (“depois de rezar muito. [...] Que Deus continue a abençoar os Estados Unidos”; “Deus abençoou um grupo de vanguarda de muçulmanos. [...] esses acontecimentos dividiram o mundo em dois campos, o campo dos fiéis e o campo dos infiéis. Que Deus nos proteja deles”), já que se valem da religião (note-se o clamor a Deus) para reivindicar a justiça.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

15. D

A linguagem empregada pela personagem não condizia com o domínio discursivo escolar, que era o esperado, pois os fatos se passam em sala de aula e Calvin é um aluno. No entanto, a inadequação linguística foi quebrada quando o menino retoma a linguagem própria do universo escolar (domínio discursivo escolar): “irei para o parquinho”.

16. B

O hino é um gênero textual cujo objetivo é o louvor a alguém ou a alguma coisa. Os hinos nacionais, por sua vez, celebram a honra de uma pátria ou de seus heróis. Pelo fato de o Hino Nacional ser um dos símbolos pátrios, sua linguagem precisa ser solene, uma vez que os contextos de circulação desse gênero (produzido para execução com acompanhamento de instrumentos musicais) são situações de solenidade. Dessa forma, o registro da língua precisa estar adequado à norma-padrão.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

17. B

No domínio discursivo jornalístico, verifica-se a finalidade de divulgar e comentar fatos e pontos de vista sobre acontecimentos de interesse social, que são relatados, comentados ou provocados. O texto utilizou a ironia para criticar a inépcia das diretorias das escolas, que mantêm livros encaixotados há mais de três anos.

Estudo para o Enem

18. B

O uso das formas verbais no imperativo "use" e "transforme" caracterizam o emprego da injunção indicada na alternativa. O poema também traz um título que remete ao discurso publicitário: "reclame" é uma forma pouco usada hoje em dia de nomear a publicidade.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

19. D

O texto se refere ao domínio discursivo eletrônico/digital, que costuma se caracterizar pela instantaneidade da comunicação, circulando em espaço virtual e mesclando elementos verbais e visuais: "A dimensão temporal deste tipo de interlocução caracteriza-se pela sincronicidade em tempo real, aproximando-se de uma conversa telefônica, porém, devido às especificidades do meio que põe os interlocutores em contato, estes devem escrever suas mensagens. Apesar da sensação de estarem falando, os enunciados que produzem são construídos num "texto falado por escrito", numa "conversação com expressão gráfica". A interação que se dá "tela a tela", para que seja bem-sucedida, exige, além das habilidades técnicas anteriormente descritas, muito mais do que a simples habilidade linguística de seus interlocutores. No interior de uma enorme coordenação de ações, o fenômeno *chat* também envolve conhecimentos paralinguísticos e socioculturais que devem ser partilhados por seus usuários".

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

20. A

O domínio discursivo cotidiano é marcado pelo emprego da linguagem informal e cotidiana, na qual estão presentes neologismos e inovações, como "bandalargou-se", "infoviabilizou" e "internetinho". Assim, a expansão vocabular do texto foi influenciada pelo uso cotidiano de ferramentas da cultura digital.

Competência de área 1 – Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

H1 – Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação..

48 GÊNEROS TEXTUAIS

Comentários sobre o módulo

A linguagem é considerada um instrumento de interação entre sujeitos socialmente organizados, uma vez que possibilita o diálogo e a circulação de saberes, seja na forma oral, seja na forma escrita. Neste módulo, procura-se apresentar uma diferenciação entre domínio textual, gênero textual e tipo textual, abordando as características dos principais gêneros textuais.

Para ir além

BAKHTIN, Mikhail Mikháilovitch. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p. 279-326.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia, enunciação. In: _____; FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, polifonia, enunciação*. São Paulo: Edusp, 2003.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de; BRAIT, Beth (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora UFPR, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais – o que são e como se classificam?*. Recife: UFPE, 2000.

_____. *Da fala para a escrita – atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. *Análise linguística nos gêneros textuais*. Curitiba: IBPEX, 2010.

Exercícios propostos

7. D

A charge critica a busca indiscriminada pela aprovação em concursos públicos, sem que haja interesse genuíno pela atividade, daí a indagação do velho sobre a área desejada pelo jovem, que, simplesmente, responde: “Ah, isso vai depender do concurso que eu passar!”

8. A

O texto é uma notícia, pois visa informar o leitor acerca do fato de sensores em crachás e móveis rastream ação de funcionários, apresentando linguagem simples, clara, objetiva, precisa e impessoal.

9. A

O trecho de Antonio Prata é uma fusão de crônica e prece, pois se trata de uma narração curta sobre acontecimentos do dia a dia que se situa entre o jornalismo e a literatura, produzida essencialmente para ser veiculada na imprensa, e, além disso, apresenta características de prece/oração, ou seja, do ato religioso no qual o homem procura manter

uma ligação com seres divinos por meio da súplica, como comprovam as passagens “Ajudai-os, meu pai: eles não sabem o que fazem” e “É só o que vos peço, humildemente, no ano que acaba de nascer. Obrigado, Senhor”.

10. E

A letra da canção de Chico Buarque adota o cotidiano como ponto de partida para a experiência poética, como comprova a primeira estrofe, que trata do cotidiano de um casal: “Todo dia ela faz tudo sempre igual / Me sacode às seis horas da manhã / Me sorri um sorriso pontual / E me beija com a boca de hortelã”.

11. B

O fato de o termo “fenômeno” estar empregado na notícia não é responsável pela ampliação da sua dimensão informativa, pois se trata de uma característica de Neymar: “A transferência do fenômeno brasileiro Neymar ao Paris Saint-Germain (PSG) representa uma estratégia de *marketing* e um golpe de *soft power* do Catar contra os países do Golfo que cortaram relações diplomáticas com o emirado”.

12. D

A entrevista é um gênero textual marcado pela oralidade e produzido pela interação entre duas pessoas, ou seja, o entrevistador, responsável por fazer perguntas, e o entrevistado, que as responde. É o que comprovam as expressões conformativas (“segundo ele”, “para Wannerton”, “de acordo com Wannerton”), os verbos *dicendi* (“explicou”, “disse”) e o discurso direto (“Palavras e sons fazem ‘ping, ping, ping’ na minha boca o tempo todo, como uma lâmpada piscando sem parar”, “Alguns sabores vão embora rápido, mas outros podem durar por horas e me fazem desejar aquela comida específica; fico meio distraído até satisfazer a vontade”).

13. B

A charge é uma crítica político-social em que o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas por meio do humor e da sátira. Na charge em tela, o humor é gerado pelo emprego do jargão médico misturado a um assunto não esperado, que é voltado ao consumo de bens (“níveis de endividamento e calote”).

14. A

A charge é uma crítica político-social em que o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas por meio do humor e da sátira. Na charge em apreço, o verbo “apagar” não tem

como objeto a chama, mas sim a vida do homem, pois se trata de uma gíria, significando “matar”.

15. B

O diário é um texto pessoal em que uma pessoa relata experiências, ideias, opiniões, desejos, sentimentos, acontecimentos e fatos do cotidiano, como comprova o trecho “Hoje passou por mim um ser de sexo indefinido, que me deixou ainda mais confuso.”

16. C

A crônica é uma narração curta sobre acontecimentos do dia a dia que se situa entre o jornalismo e a literatura, produzida essencialmente para ser veiculada na imprensa. Assim, a crônica de Antonio Prata apresenta uma análise metalinguística, seguida de considerações sobre o comportamento dos brasileiros, como comprova o seguinte trecho: “Do Rio de Janeiro gosto de muitas coisas: [...] da língua: essa língua tão parecida com a falada pelos paulistanos e, ao mesmo tempo, tão diferente. Veja o “demorou!”, por exemplo. Lembro bem da primeira vez que ouvi um amigo carioca usar a expressão, anos atrás. Acabávamos de nos sentar num bar, numa rua pacata do Leblon, ajeitei minha cadeira e propus: “Vamos pedir umas empadas?”. “Demorou!” “Como? A gente acabou de chegar!” “Então, pede aí, demorou!” “Ué, se tá achando que eu demorei, porque você não pediu antes da gente sentar?”. A conversa seguiu truncada por mais algum tempo, até que este obtuso paulista compreendesse, admirado, que o “demorou!” não era uma reclamação, mas uma manifestação de júbilo”.

17. A

O texto de Carlos Drummond de Andrade é um poema, pois, foi escrito em versos livres, valoriza as imagens (as metáforas). Já o texto II é uma charge, pois apresenta uma crítica político-social em que o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas por meio do humor e da sátira: no caso, a pedra no caminho é o *crack*, a droga.

Estudo para o Enem

18. B

Carta é um gênero textual que se caracteriza por ter um destinatário e um remetente específicos, além de estrutura formal fixa, apresentando a saudação, o corpo da carta e a despedida. Assim, a canção de Toquinho e Vinícius de Moraes apresenta traços de carta, pois remetente e destinatário trocam notícias em tom nostálgico sobre

as mudanças ocorridas no Rio de Janeiro: “Rua Nascimento Silva, cento e sete / Você ensinando pra Elizete / As canções de canção do amor demais / Lembra que tempo feliz / Ah, que saudade”.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

19. B

Notícia é o gênero textual que visa informar o leitor acerca de determinada ocorrência, sendo bastante recorrente nos diversos meios de comunicação. Trata-se de um texto caracterizado pela apresentação de linguagem simples, clara, objetiva, precisa e impessoal, pautado no relato de fatos que interessam ao público em geral.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

20. D

Charge apresenta uma crítica político-social em que o artista expressa graficamente sua visão sobre determinadas situações cotidianas por meio do humor e da sátira. A charge de Caco Galhardo critica a baixa qualidade dos programas televisivos que são oferecidos à população, já que a televisão é substituída por uma lata de lixo e os telespectadores estão todos dormindo.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

49 ALGUNS GÊNEROS E SUAS ESPECIFICIDADES

Comentários sobre o módulo

A linguagem é considerada um instrumento de interação entre sujeitos socialmente organizados, uma vez que possibilita o diálogo e a circulação de saberes, seja na forma oral, seja na forma escrita. Neste módulo, procura-se apresentar as características dos gêneros discursivos guia turístico, fábula, texto acadêmico, manual de instrução e artigo de opinião.

Para ir além

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: _____; FIORIN, José Luiz (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: Edusp, 1994. (Ensaio de cultura)

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros discursivos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de; BRAIT, Beth (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros discursivos: o que são e como se classificam?*. Recife: UFPE, 2000.

_____. *Gêneros discursivos: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Machado, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2002.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. *Análise linguística nos gêneros discursivos*. Curitiba: IBPEX, 2010.

Exercícios propostos

7. A

O artigo de opinião é caracterizado pela exposição do posicionamento do autor diante de um tema atual e de interesse de muitos, costuma ser assinado pelo autor e deve apresentar linguagem clara, simples, objetiva, possibilitando que o leitor faça uma leitura em breve período de tempo e em um espaço geralmente pequeno que é concedido pelo jornal para esses tipos de textos.

8. D

Fábula é uma composição literária curta, escrita em prosa ou verso, em que as personagens são animais que possuem características humanas. Há, na fábula, um caráter educativo, uma vez que, por meio de uma analogia entre o cotidiano e as histórias vivenciadas pelas personagens, ela apresenta uma moral da história em seu desfecho.

9. E

O texto “Culto do espelho – *Selfie* e narcisismo contemporâneo”, de Marcia Tiburi, é um artigo de opinião, pois a autora emite a opinião dela diante de uma temática de interesse geral, podendo gerar polêmicas, e as sustenta por meio de informações que são admissíveis e coerentes: “A *selfie* põe em questão uma diferença qualitativa. Ela diz respeito a um fenômeno social relacionado com a mediação da própria imagem pelas tecnologias, em específico, o telefone celular. De certo modo, o aparelho celular constitui, hoje, tanto a democratização quanto a banalização da máquina de fotografar; sobretudo, do gesto de fotografar”.

10. C

Artigo de opinião é o texto em que o autor emite sua opinião diante de alguma temática de interesse geral, podendo gerar polêmicas. Por ser um texto dissertativo-argumentativo, o autor deve, além de expor sua opinião, sustentá-las por meio de informações que sejam admissíveis e coerentes. Assim, no artigo de opinião “Alienação política de jovens é tendência mundial”, a percepção do desinteresse dos jovens entre 16 e 17 anos pela votação do dia 7 de outubro de 2012 é comprovada no trecho “há uma ideologia espalhada no ar, que se denomina pós-modernismo, onde se cultiva muito o individualismo”. Trata-se da construção de um argumento de autoridade, pois se embasa na citação de um pesquisador do assunto em questão.

11. E

Na fábula “Ossos do ofício”, a moral equivale ao provérbio “Quanto maior é a ventura, tanto menos é segura”, pois a besta real carregava objetos de valor e, portanto, estava mais propensa a ser atacada.

12. E

Trata-se de um artigo de opinião, pois evidencia a construção de uma opinião e dialoga com notícias anteriores emitidas pelo próprio jornal, como se verifica no seguinte trecho: “A repórter Mariana Carneiro quase destruiu minhas já tênues ilusões de, antes de morrer, ver o Brasil ser realmente um grande país, em vez de um mero emergente. [...] Em 2050 (ou antes, mais provavelmente), já estarei morto. É verdade que não levo muito a sério os oráculos, menos ainda os do setor financeiro. Se essa gente foi incapaz de enxergar nos primeiros meses de 2008 a crise que, em setembro, viraria *tsunami*, como se animam a dar a classificação do campeonato mundial de economia dentro de 38 anos?”

13. E

O texto é um artigo de opinião, pois o autor emite sua opinião diante de uma temática de interesse geral, que vem a ser os limites dos âmbitos públicos e privados. Sendo assim, as afirmações I e II estão incorretas, pois o autor ultrapassa suas experiências individuais para dar exemplos de ações rotineiras de outras pessoas para consolidar sua opinião.

14. D

O efeito de humor, na tirinha, está relacionado ao fato de a cigarra e a formiga partilharem o mesmo destino: a formiga trabalhava e a cigarra brincava, mas ambas ficaram com problemas na coluna porque, no caso específico da tirinha, que retoma esta fábula, houve uso reiterado do computador ao longo do verão.

15. D

A afirmação “Ainda que recentemente as práticas discriminatórias sejam menos visíveis no mundo inteiro, é inegável que o caminho para igualdade racial ainda não terminou” é compatível com a tese defendida por Hélio Schwartsman no artigo de opinião “Lentes da história”, como comprova o seguinte trecho: “Basta, porém, apanhar a lente das décadas e passear pelos principais indicadores demográficos para verificar que eles ainda carregam as marcas do racismo. Negros continuam significativamente mais pobres e menos instruídos que a média do país. São mandados para a cadeia num ritmo seis vezes maior que o dos brancos. As Jim Crow laws foram declaradas nulas, mas alguns Estados mantêm regras que, na prática, reduzem a participação de negros em eleições”.

16. B

Embora o texto tenha a forma de um infográfico sobre opiniões divergentes, ele se aproxima do gênero discursivo artigo de opinião, pois os autores Aurélio Amaral, Bruno Garattoni e Ricardo Davino emitem opinião diante de uma temática de interesse geral, podendo gerar polêmicas, e a sustentam por meio de informações admissíveis e coerentes, como comprovam as seguintes passagens: “Sem o voto obrigatório, ficaria mais fácil manipular as eleições – bastaria marcar um grande evento esportivo, ou uma mega liquidação no comércio, para o dia da votação. E muita gente deixaria de ir votar por causa disso” e “Sem a obrigatoriedade, só iria votar quem realmente se interessa por política. Hoje, quase 70% dos eleitores nem se lembra em quem votou para deputado. É um absurdo”.

17. Sugestão de resposta – Jo osé do Egito previu sete anos de severas privações – gado magro e

má colheita – e avisou o Faraó, que não foi previdente e não guardou provisões para os anos infaustos. O mesmo acontece na fábula de Esopo, em que a cigarra, imprevidente, apenas cantou durante o verão e não fez provisões para atravessar o inverno, o que lhe custou a vida.

Estudo para o Enem

18. C

Os dois textos são artigos de opinião, pois os autores emitem sua opinião diante de uma temática de interesse geral (a assunção à presidência do STF por Joaquim Barbosa). Por ser um texto dissertativo-argumentativo, os autores devem, além de expor sua opinião, sustentá-las por meio de informações que sejam admissíveis e coerentes, como ocorre nas seguintes passagens: “o país também se orgulha da trajetória vitoriosa de um brasileiro negro, pobre e muito especial que entrou ontem no seletor clube de presidentes da mais alta corte” e “a auspiciosa nomeação de um presidente negro para o STF (Supremo Tribunal Federal) é boa em si mesma, pelas qualidades que o ministro Joaquim Barbosa já demonstrou no tratamento do direito e no trabalho que tem desenvolvido. É, porém, ótima na simbologia das transformações sociais pelas quais estamos passando”.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

19. D

O artigo de opinião costuma ser assinado pelo autor e escrito em 1ª pessoa do singular ou do plural, como no caso específico do texto da questão (“carregamos”, “desenvolvemos”, “somos”, “controlamos”), já que se trata de um texto com marcas pessoais e, portanto, com indícios claros de subjetividade.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

20. B

O texto “Imagine”, de Ricardo Amorim é um artigo de opinião que rememora a canção Imagine, de John Lennon, morto a tiros, com o objetivo de apresentar o ponto de vista do autor sobre os danos da corrupção à sociedade, como comprova o seguinte trecho: “Infelizmente, nada disso acontecerá. Pior, essas estimativas abrangem apenas custos mensuráveis. Além deles, há custos incomensuráveis significativos. Um deles é a perda de foco de outros problemas que limitam nosso crescimento. Enquanto o País acompanha a novela do julgamento do mensalão e a CPI do

Cachoeira, projetos de reformas fundamentais não são nem discutidos no Congresso”.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

50 TIPOLOGIA TEXTUAL

Comentários sobre o módulo

A linguagem é considerada um instrumento de interação entre sujeitos socialmente organizados, uma vez que possibilita o diálogo e a circulação de saberes, seja na forma oral, seja na forma escrita. Neste módulo, procura-se apresentar as características dos cinco tipos textuais (descritivo, narrativo, expositivo, injuntivo e argumentativo), evidenciando que, embora haja muitas vezes elementos de mais de um deles num mesmo texto, ocorre a predominância de uma tipologia, principalmente no que diz respeito ao seu propósito.

Para ir além

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.279-326.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Dialogismo, polifonia, enunciação. In: _____; FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 2003.

BASÍLIO, Margarida Maria de Paula (Org.). Gramática do português falado V. *IV-Estudos descritivos*. Campinas: Fapesp/Unicamp, 1996. p. 453-471.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão; CASTRO, Gilberto de; BRAIT, Beth (Org.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Gêneros textuais: o que são e como se classificam?*. Recife: UFPE, 2000.

_____. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. Campinas, 1991. Tese de doutorado (Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas, 2 volumes: 330 p. + 124 p.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Gêneros e sequências textuais. In: *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina, 2000.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. *Análise linguística nos gêneros textuais*. Curitiba: IBPEX, 2010.

Exercícios propostos

7. B

Em “envie-nos os detalhes no e-mail: l.portuguesa@criativo.art.br”; o tipo textual é o injuntivo, pois se verifica a instrução para que o leitor aja de determinada forma: marcada pelo emprego do verbo no modo imperativo: “envie-nos”.

8. E

O texto é predominantemente narrativo, pois conta uma história por meio da sequência de fatos reais ou imaginários e apresenta elementos como personagens (Derek Fidyka, Geoffrey Raisman e Pawel Tabakow), tempo (da cirurgia até o resultado), espaço (a Polônia, o hospital), verbos de ação (“voltou a andar”, “recebeu”) e discurso direto (“Para mim, isto é ainda mais impressionante do que um homem caminhando na Lua”).

9. B

O texto é predominantemente narrativo, pois conta uma história por meio da sequência de fatos reais ou imaginários e apresenta elementos como personagens (o narrador e Bauman), tempo (“no ano passado”), espaço (“em Londres”, na “casa de Bauman”), narrador em 1ª pessoa (“Eu estava em Londres”) e verbos de ação (“abriu”, “level”).

10. C

O texto é predominantemente narrativo, pois conta uma história por meio da sequência de fatos reais ou imaginários e apresenta elementos como personagens (Zé Batalha e Brazuca), tempo (“o dia em que Brazuca fez um gol na copa e Zé Batalha foi morto), espaço (“lá na copa”, “na favela”), narrador em 3ª pessoa (“O país ficou feliz depois daquele gol”), verbos de ação (“reza”, “prende”) e discurso direto (“Eu sou trabalhador, sou irmão do Brazuca!”).

11. a) Sugestão de resposta – Há predominância do tipo textual narrativo, como comprova, por exemplo, o verso “Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado”. Nesse poema há especificamente o uso da chamada prosa poética, que fortalece uma narrativa dentro de um poema, apresentando muitos marcadores temporais como do exemplo anterior.
- b) Sugestão de resposta – Ao caracterizar João Gostoso como “carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número”, o autor faz referência à situação de marginalização da personagem.

12. B

O tipo textual descritivo é aquele que resulta de uma observação cuidadosa, atenta e, finalmente,

verbalizada, a fim de transmitir os aspectos, traços ou características dos seres (objetos, lugares, animais ou pessoas), havendo predominância de substantivos, adjetivos e locuções adjetivas e de verbos de estado conjugados, em sua maioria, no presente ou no pretérito imperfeito. Na alternativa “b”, “muitas” e “infundas” são adjetivos, pois qualificam o substantivo “águas”.

13. a) Sugestão de resposta – Os poemas fazem referência ao luar, às estrelas, às constelações, à Via-Láctea. Há sentimentalismo em ambos os textos, sonho, fantasia e diálogos com estrelas.

b) Sugestão de resposta – Os dois textos são predominantemente narrativos, pois apresentam personagens (eu, aroma e estrela; eu e você), ação (“sonhei”, “saí”; “perdeste”, “direi”), tempo, espaço e discurso direto para manifestação das personagens (“Vai mais depressa! Parabéns!”; “Ora (direis) ouvir estrelas! Certo / Perdeste o senso!”).

14. E

O texto é predominantemente injuntivo, pois se pauta na explicação e no método para a concretização de uma ação, ou seja, indica o procedimento para realizar algo: “É só pensar um pouco: pratos pesados, como carnes vermelhas e molhos fortes, definitivamente não combinam com namoro. Ainda bem, pois assim estão descartados todos os vinhos encorpados e tânicos (aqueles que amarram a boca – já pensou que desastre?). Sendo assim, ficou bem mais fácil escolher o vinho”.

15. C

Os dois textos são predominantemente argumentativos (dissertativos), pois têm como principais características a defesa de uma ideia, hipótese, teoria ou opinião e o objetivo de convencer o leitor para que acredite nela: “Ao contrário do que dizia o velho Sartre, o inferno não são os outros, mas sim nós mesmos” e “A popularização das câmaras e das redes de compartilhamento parece ter despertado até nos mais tímidos uma compulsão por mostrar tudo o que é vivido, mesmo que seja um acontecimento banal”.

16. A

No texto de Marcelo Gleiser, o trecho “A ciência nos permite já uma manipulação dos genes de criaturas” é apenas uma informação, uma constatação, não se tratando de um argumento do autor.

17. Sugestão de resposta – O texto é iniciado com uma declaração que representa o julgamento do narrador sobre um cenário – a residência de Seixas – e sobre o próprio Seixas, logo a seguir, ressaltando os contrastes que os caracterizam. O parágrafo final é eminentemente descritivo, apresentando também argumentos que justificam o ponto de vista inicial, há também elementos argumentativos e ambos

estão contidos em um conjunto de capítulos de um romance (*A senhora*), que é uma tipologia narrativa, estruturada por personagens, tempo, espaço etc. Em síntese, não há uma modalidade isolada de produção de texto no fragmento em destaque: embora predomine o recurso da descrição, há também elementos argumentativos.

Exercícios para o Enem

18. B

O texto é predominantemente narrativo, pois conta uma história por meio da sequência de fatos reais ou imaginários e apresenta elementos como personagens, tempo, espaço, narrador em 1ª pessoa, verbos de ação e discurso direto. Diferentemente do conto, a crônica é um gênero textual que segue a ordem cronológica dos fatos e, por essa razão, é comumente associada à descrição e à narração de fatos cotidianos.

19. E

O texto de César Benjamin é predominantemente argumentativo, pois tem como principais características a defesa de uma ideia, hipótese, teoria ou opinião e o objetivo de convencer o leitor para que acredite nela: “Os elementos centrais com que todos eles trabalharam foram profundamente alterados nas últimas décadas. A economia mais dinâmica do mundo, que dobrou seu produto, cinco vezes seguidas, em 50 anos, caminha para experimentar a terceira década rastejante. Todos os mecanismos que garantiram mobilidade social na maior parte do século XX foram impiedosamente desmontados, a começar pela escola pública. A urbanização acelerada concentrou multidões desenraizadas, enquanto a desorganização do mercado de trabalho multiplicava excluídos. Tornado refém do sistema financeiro, o Estado nacional deixou de cumprir funções estruturantes essenciais. A fronteira agrícola foi fechada, estabelecendo-se nas áreas de ocupação recente uma estrutura fundiária ainda mais concentrada que a das áreas de ocupação secular. Nessa sociedade urbanizada e estagnada, os meios eletrônicos de comunicação de massa tornaram-se, de longe, a principal instituição difusora de desejos, comportamentos e valores, inoculando diariamente, maciça e irresponsavelmente, uma necessidade de consumo desagregadora, pois inacessível”.

20. A

Nos quatro textos, há predominância do tipo textual injuntivo, pois se pautam na explicação e no método para a concretização de uma ação, ou seja, indicam o procedimento para realizar algo, daí o emprego de verbos no modo imperativo ou no infinitivo.

51 AS VOZES DO DISCURSO

Comentários sobre o módulo

É pela perspectiva da voz do narrador que temos acesso ao desenvolvimento da história e de seus personagens. Assim, estudar e compreender as vozes presentes no discurso narrativo, bem como os tipos de discurso presentes no texto, é de fundamental importância para decifrar as intenções e o ponto de vista do autor.

O domínio dessa técnica é essencial para a construção de textos capazes de comunicar mensagens de modo adequado.

Para ir além

FIORIN, José Luiz. *Elementos da análise do discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 1989.

Exercícios propostos

7. B

O segmento em discurso direto (“Fiquei piruá”) apresenta verbo no pretérito perfeito do indicativo que, na passagem para discurso indireto, deveria ser substituído pelo pretérito mais-que-perfeito, simples (ficara) ou composto (tinha ficado). Assim, é correta a opção B.

8. D

No discurso direto, o verbo (“entrasse”) – pretérito imperfeito do subjuntivo – e a locução verbal (“tinha visto”) – pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo – seriam substituídos pelo imperativo afirmativo (“entre”) e pelo pretérito perfeito do indicativo (“viu”), conforme indicado em D.

9. B

Em “Eu gostaria de ganhar em dólar num mês o número de vezes que você troca de canal em uma hora [...]”; há discurso direto, com fala da mãe do narrador personagem.

Em “Não conheço nem quero conhecer [...]”; há discurso direto do narrador personagem, que revela os diálogos entre ele e a televisão.

Em “Vocês dirão que não, que é para a câmera que ele olha [...]”; há discurso indireto, que revela a suposição do narrador personagem da resposta dos leitores sobre suas convicções.

Em “ele vai dizer que sim, que seu filho ama o rock tanto quanto ele [...]”; há discurso indireto, que revela a suposição do narrador personagem a respeito do que o pai irá responder.

10. D

No discurso indireto, o verbo que, na frase original, está no presente do modo indicativo, 2ª pessoa do

singular (“vais”), passa para o pretérito imperfeito do indicativo na 3ª pessoa do singular: *Afredo perguntou onde (ela) ia daquele jeito tão elegante*.

11. D

Somente o trecho em [III] apresenta uma fala transcrita de uma personagem da maneira como esta a pronunciou. Ela é introduzida pelos dois pontos e marcada pelo itálico. Temos, portanto, o discurso direto.

12. B

Existem três tipos de discurso: o direto (marcado por uma pontuação e reprodução exata da fala da personagem), o indireto (marcado por uma tentativa do narrador de reproduzir o que foi dito por uma personagem) e o indireto livre.

No texto, não são observadas marcas de diferenciação entre a fala do narrador e da personagem. No trecho “Ainda me lembro do dia em que ela chegou lá em casa. Tão pequenininha!”; o segundo período mostra uma quebra do discurso do narrador, ao acrescentar o que seria uma fala da personagem. Tem-se, então, uma delimitação pouco clara entre as duas falas, caracterizando um discurso indireto livre.

13. A

Ao passar para o discurso indireto utilizando o verbo no pretérito perfeito (“disse” e “perguntou”), é preciso transpor os verbos do futuro do presente para o futuro do pretérito. Assim, as formas “irei” e “vai” se transformam em “iria” e “iria”; formando a frase “O pai disse à filha que iria à Bienal e perguntou se ela também iria com ele”.

14. E

O discurso direto caracteriza-se pela transcrição exata da fala das personagens, sem participação do narrador e é introduzido por verbos de elocução: dizer, perguntar, responder, comentar, falar etc. Na transposição da frase do discurso indireto para o direto, existe necessidade de adequação do tempo verbal pretérito imperfeito para o presente do indicativo, assim como a correspondência de pessoa do discurso do narrador em 3ª pessoa para a fala do grão-vizir em 1ª pessoa (“sou”).

15. A

Na transposição de discurso direto para discurso indireto, os verbos no presente do indicativo passam para o pretérito imperfeito. Dessa forma, os verbos (“acho”) e (“tem”), transformam-se em (“achava”) e (“tinha”).

16. B

A primeira proposta está incorreta, posto que, na transposição do discurso direto para o indireto, o verbo “ficar” deveria passar do imperativo (“fique”) para o pretérito imperfeito do subjuntivo (“ficasse”).

Também está incorreta a segunda proposta, pois deveria ser mantida a distância em relação àquele que enuncia a mensagem por meio da alteração do advérbio (“hoje”) para (“naquele dia”).

17. A

No discurso indireto, há mudança no foco narrativo. A fala que está em 1ª pessoa no discurso direto, passa para a 3ª pessoa, no indireto. Desse modo, a conjugação do verbo também muda, o que explica a forma (“sou”), que está na 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, assumir a 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito, (“era”).

Estudo para o Enem

18. E

Na transposição do discurso indireto para o direto, o verbo conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo (“passasse”) é conjugado no imperativo afirmativo (“passe”); o pronome possessivo deixa de indicar 3ª pessoa do singular para assumir a voz da personagem, portanto, fica na 1ª pessoa do singular; a locução adverbial indicando tempo futuro (“dia seguinte”) deve ser explícita (“amanhã”); o verbo conjugado no futuro do pretérito do indicativo (“emprestaria”) passa a ser conjugado no futuro do presente do indicativo (“emprestarei”).

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

19. A

A única alternativa falsa é a primeira, pois, apesar das falas serem reproduzidas fielmente, elas não são introduzidas ou seguidas por um verbo *dicendi*. Pelo contrário, sua fala ocupa um período inteiro, sem haver nenhuma introdução por verbo. A introdução se dá somente pelo período anterior, que contextualiza que o professor acredita que a questão é saber motivar a turma.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

20. A

As opções B, C, D e E são incorretas, pois:

B – não foi por orgulho nem altivez que Fabiano desistiu de questionar o patrão, mas sim por medo de ser mandado embora e, assim, perder o sustento para si e sua família;

C – no excerto citado, configura-se o discurso indireto livre, que consiste em mesclar, simultaneamente, o discurso direto da personagem ao indireto do narrador;

D – é típico do romance regionalista da década de 1930 denunciar a realidade em que vive grande parte da população brasileira, miserável e oprimida;

E – as expressões “perdeu os estribos”, “batendo no chão como cascos” e “baixou a pancada e amunhecou” reproduzem a linguagem oral da região da caatinga.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

52 INTERTEXTUALIDADE

Comentários sobre o módulo

Todo texto é uma trama repleta de conexões e referências a outros textos, ideias ou conceitos, com os quais o narrador pretende estabelecer um diálogo permanente. O estudo da intertextualidade nos permite compreender como se dão essas relações de interconexão, além de possibilitar a compreensão cada vez mais ampla das intenções e das motivações de um autor.

Para ir além

ARBEX, Marcia Maria Valle. Intertextualidade e intericonicidade. In: ARBEX, Marcia Maria Valle; OLIVEIRA, Luiz Claudio Vieira de (Orgs.). *I Colóquio de Semiótica*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras-UFMG, 2003.

CEIA, Carlos. Intertextualidade. *E-Dicionário de Termos Literários*, 29 dez. 2009.

Disponível em: <<http://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/intertextualidade/>>.

Acesso em: abr. 2019.

FARIA, Maria da Graça dos Santos. *Relações intertextuais de copresença e de derivação em textos verbo-visuais*: por uma abordagem didática. 2012. 49 p. Projeto de Pesquisa (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Maranhão – DINTER/UFC/UFMA, São Luís, 2012

FÁVERO, Leonor Lopes. Paródia e dialogismo. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade* – em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 2003.

FIORIN, José Luiz. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de; FIORIN, José Luiz. (Orgs.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade* – em torno de Bakhtin. São Paulo: Edusp, 2003.

_____. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, Beth. (Org.). *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; CAVALCANTI, Mônica Magalhães; BENTES, Anna Christina. *Intertextualidade: Diálogos Possíveis*. São Paulo: Cortez Editora, 2017.

Exercícios propostos

7. D

A charge traz uma mulher esnobe que mostra para a faxineira, com a maior naturalidade, uma sala extremamente suja. Em pouco tempo, a empregada realiza o serviço perfeitamente. Com isso, houve a reconstrução do espaço pela limpeza, indicando uma analogia com a desconstrução de uma obra cubista.

8. C

I. Verdadeiro. Tanto o registro culto “um compêndio de ginásio”, quanto o informal “não passa de chuva no molhado”, estão presentes no trecho, apesar do predomínio do primeiro.

II. Verdadeiro. O paralelismo sintático, de sentido didático, está presente em “Para quem pouco leu e pouco sabe, um compêndio de ginásio pode ser a fonte reveladora. Para quem sabe muito, um livro importante não passa de chuva no molhado.”

III. Falso. Não há ocorrência de vocabulário científico ou presença intensiva de referências a textos exteriores ao escrito.

9. E

I. Verdadeiro. Percebe-se a astúcia ao analisar a situação – neste caso, tanto Virgília parece analisar o comportamento de seu marido como Brás analisa com malvadez o comportamento de Virgília por meio do bilhete que lhe fora enviado pela amante; vale ressaltar, tal característica se faz presente em obras machadianas de fase madura.

II. Verdadeiro. O narrador demonstra importante capacidade de observação das relações entre os envolvidos na cena, tanto por parte de Virgília, ao observar seu marido, quanto de Brás, ao comentar o bilhete que lhe fora enviado. Tal característica também faz parte do estilo machadiano em sua fase madura.

III. Verdadeiro. É característica de Machado de Assis a consciência da prática de elementos metalinguísticos: durante a narrativa, refere-se ao próprio exercício da escrita, ao modo como o leitor deveria receptionar as palavras de Virgília, incitando-o inclusive a relacionar a cena com Shakespeare.

10. D

Requerimentos, registros civis e textos científicos usam linguagem referencial e recursos linguísticos, porém, não conferem maior legitimidade ou profundidade ao conteúdo abordado, como se afirma em A e E. A intertextualidade presente no filme *Narradores de Javé* e na obra literária homônima estabelece-se através da referência a provérbios, fragmentos da história brasileira ou a culturas milenares, entre outros, o que elimina a opção B. Também C é incorreta, pois os versos “Eu penso” e “Eu vou fazer de tudo o que eu puder” não se interligam, já que o primeiro sugere, no contexto, o ato da criatividade e o segundo, a necessidade de satisfazer o desejo de conseguir a mulher amada. Assim, é correta apenas D.

11. B

O texto de Carlos Heitor Cony menciona o poema de Drummond, de forma a estabelecer, com ele, uma relação intertextual. Assim, há uma alusão ao poema, auxiliando Cony na construção de sua crônica.

12. E

Quando temos um texto que retoma outro texto para construir seu próprio sentido, estamos diante de uma intertextualidade.

13. D

O objetivo basilar da peça publicitária é influenciar a conduta do leitor através de apelo visual e da intertextualidade, uma vez que ocorre menção à obra cinematográfica da Disney Piratas do Caribe no título da peça publicitária – Batatas do Caribe –, assim como visualmente é um conteúdo bastante apelativo, pois uma batata é parcialmente caracterizada como pirata.

14. E

V. O poema de Oswald de Andrade dialoga com o de Casimiro de Abreu. Outros poetas modernistas também utilizaram esse recurso, geralmente para satirizar poetas de outros movimentos literários, como o Romantismo e o Parnasianismo.

F. No texto III se observa a predominância da função apelativa ou conativa, já que é evidente o intuito de influenciar o destinatário, de modo a convencê-lo da importância do livro na infância.

F. O poema de Santa Rita Durão (texto IV) pertence ao Arcadismo: os versos são camonianos; a epopeia, clássica; há referências frequentes à mitologia grega, entre outros aspectos.

V. A *Mona Lisa*, de Leonardo da Vinci é parodiada no texto 6.

15. E

Os comentários estabelecem uma intertextualidade com a canção Construção, uma vez que preservam as estruturas dos versos, mudando somente uma ou outra palavra. Além disso, percebe-se que as palavras mudadas aludem ao contexto da notícia: de comprar baguete no mercado. O fato em si é bastante trivial, fazendo parte de um simples cotidiano. Assim, os comentários assumem um caráter crítico e irônico, pois a notícia apenas revela uma situação de vida do cantor bastante distinta daquela vivida pela personagem da sua canção. Dessa forma, ao aludir à música nos comentários, cria-se um tom de ironia.

16. B

As frases enunciadas em II e IV não sintetizam as ideias de Millôr Fernandes. Segundo ele, como ninguém pode dominar todos os modismos e expressões de uma língua estrangeira, a língua falada pelo sujeito nativo é a única que permite a ele expressar-se de forma mais completa e abrangente, o que contraria a afirmação do Bloco 2 de que todo o sujeito é poliglota. Também não afirma que as reformas ortográficas acompanham corretamente as mudanças da língua, ao contrário, refere-se a elas de forma crítica e irreverente: “Aqui, na minha geração, já foram três reformas do gênero, uma mais maluca que a outra.” Assim, é correta apenas B.

17. B

A placa “Área sujeita a ataques de tubarões” pode ser parodiada, mantendo-se “ataques” e substituindo “tubarões” por “motoristas”. Além disso, em “ATENÇÃO: A cada dois dias, um pedestre ou ciclista é morto no trânsito” vemos a substituição de “banhista” por “pedestre” e “ciclista”.

Estudo para o Enem

18. A

Ocorre intertextualidade por reiteração da imagem do anjo que interage com os interlocutores, expressa na repetição da estrutura do texto fonte, de Carlos Drummond de Andrade.

Competência de área 7 – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

H22 – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

19. B

Zeca Baleiro discorre sobre o avanço técnico e as facilidades proporcionadas por inúmeras prestadoras de serviços que solucionam problemas, passíveis de serem resolvidos por qualquer um ou por gestos solidários de quem está mais próximo. Assim, é correta a opção B, pois o autor, de forma pessimista “Nem Kafka poderia sonhar com tal mundo”, conclui que tais facilidades contribuem para que o homem moderno se torne acomodado e distanciado das relações afetivas.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

20. D

As expressões linguísticas introdutoras de paráfrases servem para desfazer mal-entendidos e corrigir uma possível má interpretação do leitor. Ou seja, essas expressões servem para estabelecer a construção de uma narrativa lógica e retificar o que foi expresso anteriormente.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

53 ANÁLISE TEXTUAL

Comentários sobre o módulo

Saber ler, analisar e interpretar um texto é uma habilidade de altíssima relevância em todos os vestibulares. Não obstante, a utilidade pragmática presente nas provas e exames classificatórios, com a comumente chamada leitura dinâmica, essa habilidade continuará sendo cada vez mais exigida para quem deseja prosseguir decifrando códigos, mensagens e ideias que permeiam as entrelinhas das mais diversas narrativas acadêmicas, jornalísticas ou publicitárias.

Para ir além

GALLIANO, Antônio Guilherme. e outros. *O Método científico: teoria e prática*. São Paulo: Editora Harbra, 1986.

HANKS, William F. Texto e textualidade. In: BENTES, Anna Christina; REZENDE, Renato Cabral; MACHADO, Marco Antônio Rosa. (Org.). *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez, 2008 p. 118-168.

KLEIMAN, Angela. *Texto & leitor: Aspectos cognitivos da leitura*. São Paulo: Pontes, 1999.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2003.

_____; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. Londres, Nova York: Routledge, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Diretrizes para interpretação de textos. In _____. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

Exercícios propostos

7. C

As charges costumam tecer críticas ou causar reflexões sobre temas atuais na sociedade. Assim, seu sentido, muitas vezes, é construído na relação com a situação em que foi produzido. É o caso da charge acima: seu sentido é recuperado dentro de um contexto em que Thaler ganhou o prêmio Nobel, pois foi representado o consumo com a criação da personagem que está de pé, carregando muitos pacotes com mercadorias compradas.

8. A

Ao afirmar que prefere nascer homem, o autor reforça a ideia apresentada ao longo do texto de

que a realidade para as mulheres é bastante difícil, já que elas sofrem com atitudes machistas diariamente como, por exemplo, na descrição feita nos dois últimos parágrafos.

9. D

O autor menciona atitudes diferentes da crítica literária ao longo do tempo, para expor em seguida seu posicionamento: a análise se faz tanto com o elemento externo (o aspecto da realidade) à narrativa quanto ao interno (a estrutura).

10. C

O texto gira em torno da ideia de que a escrita e a fala são atividades distintas, que envolvem conhecimentos de natureza distinta. Assim, escrever seria a atividade que implica uma aprendizagem mais formal e um treinamento, podendo ser melhorada e aperfeiçoada, ou, em outras palavras, a escrita é uma atividade que "requer prática".

11. C

Como colocado no segundo parágrafo, muitos livros e filmes se inspiram na figura real de um arqueólogo. Assim, não é possível afirmar que discursos como o da literatura e o do cinema prescindem de figuras da realidade.

12. C

O autor vale-se do fato de que um garoto conseguiu alcançar seu objetivo de realização espiritual em apenas dois meses para ironizá-lo, uma vez que místicos costumam buscar autoconhecimento por anos e, muitas vezes, sem sucesso.

13. D

Sua reflexão imoral se faz entender a partir da ironia que o narrador utiliza. Ele trata dos sentimentos de Marcela, e coloca que ela o amou durante quinze meses e onze contos de réis. Assim, por meio da ironia, insinua que Marcela, na verdade, gostava mesmo do dinheiro dele, daí a imoralidade da reflexão. Assim, a alternativa D está incorreta, uma vez que a reflexão se faz entender no âmbito da linguagem irônica e da interpretação dos sentimentos não tão sinceros de Marcela.

14. C

Não há perfeita harmonia entre as personagens, como se nota desde o início do conto: "Ele: tirolês. Ela: odalisca. Eram de culturas muito diferentes, não podia dar certo".

15. A

No primeiro quadrinho, Felipe reflete sobre a obrigatoriedade do serviço militar, mostrando-se receoso: “fico meio apavorado de pensar que vou ter que fazer serviço militar”. No segundo, ele imagina-se como um soldado, cuja prisão é decretada de modo truculento por um superior. No terceiro, aparece a figura de seu herói, “o cavaleiro solitário”, para salvá-lo da situação. O alívio é tão grande que Mafalda ouve seus gritos de “viva”; a altas horas da noite, o que, supomos, tenha atrapalhado seu sono.

16. C

De acordo com o texto, a divulgação da afirmação do promotor de justiça Alexandre Couto Joppert nas redes sociais causou revolta, contribuindo para o seu afastamento da banca examinadora do concurso.

17. C

A valorização da linguagem coloquial, bem como o uso de vocabulário popular, com muitas palavras oriundas de línguas indígenas, são algumas das propostas da 1ª geração Modernista, como se verifica em “Nos machos guspia na cara. Porém respeitava os velhos e frequentava com aplicação a murua a poracê o torê o bacorocô a cucuicogue, todas essas danças religiosas da tribo”.

Estudo para o Enem

18. E

Os textos I e II se complementam no que diz respeito à visão sobre a conduta feminina. Na letra da canção Terezinha de Jesus, a mulher é tida como um ser frágil, passível de “quedas” e que necessitará da presença constante de uma figura masculina ao seu lado (pai, irmão e o marido) para protegê-la. A partir desse prisma, podemos afirmar que essa cantiga lida tanto com os estereótipos de gênero socialmente definidos, quanto com a heteronormatividade nos comportamentos e relacionamentos entre os gêneros.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens

como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H20 – Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

19. D

Segundo o texto, o programa Farejador de plágio compara os padrões estruturais dos textos em análise com outros já disponibilizados na rede, analisando “trechos contínuos e fragmentados, frases soltas, partes de textos reorganizadas, frases reescritas, mudanças na ordem dos períodos e erros fonéticos e sintáticos”.

Competência de área 1 – Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

H4 – Reconhecer posições críticas aos usos sociais que são feitos das linguagens e dos sistemas de comunicação e informação.

20. C

A decisão de adiar a conversa que a mãe mencionava ter com o filho sobre as dificuldades de leitura demonstradas pelo fraco desempenho em prova escolar foi provocada por constatar nele uma habilidade que ela mesma não possuía: decifrar códigos de um jogo com textos em japonês, usando a lógica e a interpretação correta dos ícones digitais. Assim, a reação da mãe reflete a dificuldade de muitos em lidar com as novas práticas de leitura que emergem com a tecnologia.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

54 ESTRATÉGIAS DE LEITURA

Comentários sobre o módulo

Aprofundar as habilidades de leitura é fundamental para desnudar os diferentes modos de produção, compreensão e interpretação de textos. Para tal, é necessário não apenas interpretar e compreender o que está escrito, mas ser capaz de ler nas entrelinhas, perceber o contexto em que a trama está envolvida, além de depreender informações implícitas que demandam um conhecimento de mundo cada vez mais amplo.

Para ir além

BERLO, David K. *O processo de comunicação*: introdução à teoria e à prática. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. Campinas: Pontes, 1987.

_____. *Provar e dizer*: leis lógicas e leis argumentativas. São Paulo: Global, 1981.

FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto*: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2002.

JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1969.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2003.

MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

POSSENTI, Sírio. O “eu” no discurso do outro ou a subjetividade mostrada. *In: Alfa – Revista de Linguística*, n. 39. São Paulo: Editora da Unesp, 1995.

_____. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Exercícios propostos

7. D

No conto O espelho, de Machado de Assis, cinco personagens conversam sobre mistérios do universo. Um deles (Jacobina) então apresenta uma teoria: de que cada ser humano possui, não uma, mas duas almas, a alma exterior e a alma interior. A alma interior seria a representação do ser em sua essência; a exterior, a representação social do ser, aquilo com o qual se identifica e por meio de que se atribui valor: papéis sociais, posses, objetos etc. De acordo com essa teoria, a alma exterior seria superficial e relacionada aos valores sociais.

A senhora a que Jacobina se refere poderia ser caracterizada como pessoa apegada às aparências, cuja personalidade se definiria pelo consumo de bens materiais ou culturais, que mudam ao sabor da moda: “Durante a estação lírica é a ópera; cessando a estação, a alma exterior substitui-se por outra: um concerto, um baile do Cassino, a rua do Ouvidor, Petrópolis...” Também

no conto, o uso da expressão “Legião” utilizada pelo narrador é importante para a compreensão dessa teoria, pois ela remete à opinião pública e aos valores defendidos por ela dentro dessa ficção. O fato de essa legião mudar “cinco, seis vezes ao ano” indica a tal inconstância de valores.

8. D

O autor ironiza a precisão de dados estatísticos ao apontar dados exatos para uma situação absolutamente irreal: “78,25% das civilizações alienígenas que nos visitam vêm de fora da Via Láctea”. Outro indício importante é o título do texto: “Confusão estatística”.

9. E

A descrição permite perceber a transformação do mundo feminino no mundo laboral no início do século XX no Rio de Janeiro.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H15 – Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

10. A

A proposição em destaque no enunciado pode significar tanto que tentam proteger a sociedade pertencente a ele quanto que a sociedade é protegida dele, ou seja, que ele representaria uma ameaça a ela.

Dentro do contexto, vemos que a proposição “tentam proteger a sociedade dele” refere-se ao fato de que o homem que vive na periferia é tomado como perigoso à sociedade e posto atrás das grades pelo sistema. Dessa forma, tentariam deixar a sociedade protegida contra ele.

11. A

O adjetivo “legal” possui dois principais significados e ambos podem ser aplicados no contexto da propaganda, como algo que diz respeito ao que segue a lei, lícito, e também aquilo que é benéfico, ou seja, bom, positivo.

12. A

O Twitter é uma rede social em que, à época do concurso, 2010, permitia que seus usuários

publicassem textos de no máximo 140 caracteres. Como o concurso da Academia Brasileira de Letras impõe um limite de caracteres para a produção do conto, foi criado um mimetismo entre o conto a ser enviado ao concurso e a rede social utilizada como veículo/suporte.

Competência de área 1 – Aplicar as tecnologias da comunicação e da informação na escola, no trabalho e em outros contextos relevantes para sua vida.

H3 – Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando a função social desses sistemas.

13. E

No contexto, o termo “só” exerce função morfológica de advérbio, ligado ao substantivo “bobo”. Apresenta valor restritivo, podendo ser substituído por *apenas* ou *somente* sem prejuízo do seu valor semântico, justamente para indicar uma diferença de característica dos bobos em relação aos espertos.

14. D

Levando em conta que o cenário da obra é um interrogatório, quando o chefe da polícia utiliza a palavra “bonitinho” ele está advertindo o narrador-personagem de que este deve ser completamente honesto para não se complicar ainda mais. Assim, o adjetivo adquire som de ameaça, advertência.

Ao utilizar a palavra “versinhos”, o narrador coloca seus escritos com modéstia, reduzindo-os a pequenos versinhos sem importância, pressupondo que não havia necessidade de lê-los.

15. C

Considerando que no trecho a historiadora encadeia uma série de características opostas, “vilões” deve ser entendido como oposto a “nobres”, na acepção daquele que não pertence à nobreza, ou seja, plebeu. Portanto, é preciso considerar nessa questão que o significado atribuído à palavra *vilão* na Idade Média é diferente do que utilizamos hoje em dia.

16. A

III. Incorreta: No texto III, o eu lírico não se mostra incompatível com o clima da imagem da casa. Na verdade, o tom alaranjado lhe confere a impressão de que a casa está constantemente amanhecendo. É essa cor alaranjada que gera o efeito poético do texto dessa escritora contemporânea.

17. B

II. Incorreta: Macunaíma é o protagonista da obra homônima de Mário de Andrade, sendo caracteri-

zado como o “herói sem nenhum caráter”. O autor valeu-se de uma ampla mistura envolvendo o folclore indígena, africano, europeu, entre outros, para a criação da obra. Ela se distancia bastante da noção de mito grego, porque este, por sua vez, pressupõe a imagem de homens brancos e de corpo atlético, tal como as famosas esculturas da Grécia antiga.

Estudo para o Enem

18. D

O artigo fornece ao leitor informações do aplicativo Whatscine que, conectado à rede sem fio de cinemas e teatros, descreve o que ocorre na tela ou no palco permitindo ao usuário ouvir a narração em seu celular com o espetáculo em andamento. A mensagem é centrada na necessidade de transmitir dados sobre o aplicativo de maneira direta e objetiva, ou seja, usando linguagem denotativa. Vale ressaltar que o uso da linguagem denotativa está associado à função referencial da linguagem, dentro do esquema de Roman Jakobson.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H19 – Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução

19. C

O título do artigo estabelece comparação entre dois termos, “*big*” e “*bang*”, atribuindo valor de superioridade do primeiro em relação ao segundo. Assim, torna-se coerente com a informação científica apresentada no texto: o início do universo em que vivemos não decorreu de uma explosão (*bang*, do inglês, *explodir* ou *explosão*), mas sim da expansão de matéria e energia infinitas (*big*, do inglês, *grande*) concentradas em um ponto microscópico. Assim, também está pressuposto um conhecimento sobre o vocabulário científico básico em inglês, que não é explicitado em nenhum momento do texto.

Competência de área 7 – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

H21 – Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.

20. C

Na primeira frase do texto publicitário, o uso do imperativo nos termos verbais “descubra” e “aproveite” configura o uso da função apelativa da linguagem sob a forma de um convite, tentando persuadir o público-alvo a consumir determinado tipo de chocolate.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens

como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H18 – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

55 TÓPICOS DE ORTOGRAFIA III

Comentários sobre o módulo

A grafia correta revela muito sobre o nível de conhecimento de mundo de quem escreve. Assim, é necessário ler um número variado de fontes para ampliar cada vez mais a própria bagagem cultural, posto que o contato com a grafia da norma-padrão depende precisamente de uma leitura enriquecida constantemente com vocabulário variado.

Para ir além

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2009.

MEDEIROS, João Bosco; GOBBES, Adilson. *Dicionário de erros correntes da língua portuguesa*. São Paulo: Atlas, 2003.

Exercícios propostos

7. A

Assim como os adjetivos “belo”, “pobre” e “leve” derivam os substantivos “beleza”, “pobreza” e “leveza”, respectivamente, o advérbio “muito” deriva o neologismo substantivo “muiteza”.

8. B

Em B, o correto seria: “O acervo da biblioteca não possuía obras do Trovadorismo”.

9. C

A. O correto seria “empecilhos”.

B. O correto seria “imersão”.

D. O correto seria “pretensão”.

E. O correto seria “masoquistas”.

10. E

– A palavra “iminência” tem significado daquilo que está próximo. Assim, pelo contexto, percebe-se que o escritor quer dizer que a ilha está próxima ao estado de desaparecimento. Ou seja, na iminência de desaparecer. Não confundir com eminência, que significa algo ou alguém superior, ilustre.

– O termo “devido” é regido por preposição “a”. Além disso, como ele é seguido de um substantivo feminino (“ação”), utilizamos a crase (preposição a + artigo feminino a).

– A grafia correta é “recente”.

– A expressão “há anos” é sinônimo de “faz anos”, sentido que é construído pela frase “e já dura há anos” (dura desde muito tempo).

– A grafia correta é “precaução”.

11. D

– Eceção: a grafia correta é “exceção”.

– Remesa: a grafia correta é “remessa”.

– Espedição: a grafia correta é “expedição”.

– Esportação: a grafia correta é “exportação”.

12. C

Para responder essa questão, é preciso ter conhecimento de como se escreve cada palavra e saber diferenciar “infração” de “inflação”, para escolher qual dos dois significados é cabível no texto.

“Infração” diz respeito à desconsideração de uma norma, enquanto “inflação” é o nome que se dá ao aumento dos preços. Dessa forma, dentro do contexto (multas por desrespeito ao regulamento de táxis), pode-se concluir que o termo correto é “infração”.

13. B

As palavras destacadas devem ser grafadas como “catarinense”, “expulsão”, “catequese”, “abstenção”, “agressão” e “alisar”.

14. D

“Sexta” é a grafia para se referir ao dia da semana sexta-feira. “Sesta” indica um cochilo depois do almoço. Para se referir a um ponto no basquete, palavra a ser utilizada deve ser “cesta”.

O verbo “querer” no futuro do subjuntivo é grafado com “s” e não com “z”: “quiser”.

A palavra “mal” é um advérbio de modo, indicando sentido negativo. “Mau”, por outro lado, é um adjetivo e é sinônimo de ruim. A lacuna poderia ser preenchida com “Elas não estão fazendo nada de ruim”, ou “mau”.

15. C

As palavras devem ser grafadas como “desce”, “fosse” e “visita”.

16. B

A. O correto seria “O homem estudou o teorema de Pitágoras, **mas** não se lembravamais de como era”.

C. O correto seria “O garoto fez uma **ofensa** ao homem quando demonstrou que não queria aprender com ele”.

D. O correto seria “O homem pensou numa **hipótese**: se o garoto estudasse, poderia ficar rico como ele”.

17. C

As palavras destacadas devem ser grafadas como “inação”, “alicerce”, “comiseração”, “infiltração”.

Estudo para o Enem**18. A**

Primeira lacuna: o sentido é de maior quantidade e não de oposição. Assim, opta-se pelo “mais” ao invés de “mas”.

Segunda lacuna: o sentido é de oposição, podendo utilizar a palavra “porém”. Assim, opta-se pelo “mas”.

Terceira lacuna: o sentido é de maior quantidade. Assim, opta-se pelo “mais”.

Quarta lacuna: o sentido é de quantidade e, assim, opta-se pelo “mais”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. A

A palavra “proibido”, quando não está acompanhada de um artigo definido, deve permanecer no masculino. Dessa forma, a grafia correta da oração é: “É proibido fumar nos primeiros bancos do bonde”.

Corrigindo as demais alternativas, teríamos:

B. É permitido fumar apenas nos últimos bancos do bonde. – Sem determinante, o gênero permanece no masculino.

C. É proibida a entrada fumando nos primeiros bancos do bonde. – Com a presença do determinante “a”, o gênero muda para o feminino.

D. É permitida a entrada de fumantes apenas nos últimos bancos do bonde. – Com a presença do determinante “a”, o gênero muda para o feminino.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. B

Ortografia – A ortografia adequada está correta na alternativa B: “subversivo”, “conspiração” e “redação”. Apesar de a opção D também trazer a grafia correta das palavras, ela não faz a análise histórica mais acertada, pois, embora tenha havido políticos com discurso demagógico nas ditaduras latino-americanas, houve, por exemplo, no Brasil, uma série de atos institucionais (AIs) que funcionavam como pretexto para modificações na constituição federal até então vigente.

História – O diálogo presente no texto de Dias Gomes expõe algumas características da regime militar brasileiro, especificamente dos chamados Anos de Chumbo, entre 1968 e 1978. Ausência de um texto constitucional, restrição à liberdade de imprensa e à expressão e construção de um inimigo interno que justificasse a perseguição governamental foram marcas desse período que a personagem Odorico Paraguassu reproduzia na peça.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

56 O ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Comentários sobre o módulo

O Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, iniciado em 1990 e adotado oficialmente no Brasil apenas em 2016, é um marco diplomático, formulado para facilitar a comunicação acadêmica, científica e também literária. Suas regras nem sempre seguem uma única diretriz. Dessa forma, a melhor maneira de ampliar os conhecimentos sobre ortografia é aumentar as fontes confiáveis de leitura e consultar regularmente dicionários atualizados com as novas regras.

Para ir além

ESTRELA, Edite. *A questão ortográfica: reforma e acordos da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Notícias, 1993.

MOREIRA, Maria Eunice; SMITH, Marisa Magnus; BOCHESE, Jocelyne da Cunha. (Orgs.). *Novo acordo ortográfico da língua portuguesa: questões para além da escrita*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

PINTO, Paulo Feytor. *Novo acordo ortográfico da língua portuguesa*. Lisboa: Leya, 2012.

SCHLITTLER, José Maria Martins. *A nova reforma ortográfica da língua portuguesa: o que se altera e o que não se altera no português*. São Paulo: Servanda, 2009.

SENADO FEDERAL. *Acordo ortográfico da língua portuguesa: atos internacionais e normas correlatas*. Brasília: Senado Federal, 2014.

SILVA, Maurício. *O novo acordo ortográfico da língua portuguesa: o que muda, o que não muda*. São Paulo: Contexto, 2012.

TAVARES, Manuel; RICARDO, Maria Manuel C. Breve história do acordo ortográfico. In: *Revista Lusófona de Educação*, n. 13. Lisboa: CeIEF-Universidade Lusófona, 2009.

TUFANO, Douglas. *Guia prático da nova ortografia*. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

Exercícios propostos

7. A

A palavra “estoico” não possui mais acento pois é paroxítona com ditongo aberto **-oi**. Além disso, a palavra “voo” perdeu o acento, pois é paroxítona terminada em **-oo**.

8. C

Ainda há hífen entre palavras que adquirem o sentido de palavra composta para expressar nome de espécie de animal ou de planta. Dessa forma, em A, B, D e E há palavras compostas, que denominam espécies de seres vivos. Por isso, mantém-se o hífen.

Palavras compostas que apresentam palavra de ligação e não têm essa conotação de espécie animal ou botânica não levam hífen. É esse o caso

de “Mula sem cabeça”; já que não representa uma espécie e possui a palavra de ligação “sem”.

9. C

A) O correto seria “Eu fui à feira e comprei cinco peras e três maçãs.”

B) O correto seria: “A sonda espacial acabou de descobrir um novo asteroide.”

D) O correto seria: “Ele, estranhamente, saiu sem cumprimentar a plateia.”

E) O correto seria: “O Brasil acabou de enviar uma equipe de pesquisa ao polo Sul.”

10. D

Segundo as regras da gramática normativa, acentuam-se o **i** e **u** tônicos quando formam hiato com a vogal anterior, estando eles sozinhos na sílaba ou acompanhados apenas de **s**, desde que não sejam seguidos por **-nh**: países.

11. D

I. “Esta” é pronome demonstrativo; caso a palavra seja acentuada na sílaba final, encontra-se “está”: alteram-se a tonicidade (passa de paroxítona à oxítona) e a classe de palavra (passa de pronome demonstrativo a verbo).

II. Em “linda”, as letras **i** e **n** correspondem ao fonema /ĩ/, ou seja, ocorre a nasalização do **i**, formando dígrafo vocálico. Já em “quieta”, as letras **q** e **u** correspondem ao fonema /k/, ou seja, forma-se dígrafo consonantal.

III. Há diferentes classes de palavras sendo comparadas: “pouco” é advérbio de intensidade tanto na referência 4 como na 5; já “poucas” é pronome indefinido, motivo pelo qual concorda com o substantivo “luas”.

12. D

Há quatro proparoxítonas: “má-xi-ma”, “mú-si-ca”, “al-fân-de-ga”, “obs-tá-cu-lo”. De acordo com o Acordo Ortográfico, todas as palavras proparoxítonas pertencentes à língua portuguesa são acentuadas.

13. A

Os prefixos **trans-** e **ultra-** apresentam o mesmo significado: “para além de”, “adiante de”.

Na palavra “ultrapassado”, a ausência de hífen se justifica porque quando o prefixo termina em

vogal e o segundo elemento começa por outra consoante, não se utilizará hífen.

14. B

1. As palavras “temíveis”, “prélios”, “vitória” e “prodígios” comprovam que paroxítonas terminadas em ditongo são acentuadas, ao contrário do que ocorria no momento de publicação da obra referida.

2. As formas verbais “alteião-se”, “assombrão” e “incitão” indicam conjugação no presente do indicativo.

3. As formas verbais “alteião-se”, “assombrão” e “incitão” indicam conjugação no presente do indicativo; pela nova regra, no entanto, a grafia dos verbos conjugados no presente do indicativo se dá pelo uso da consoante **-m**; já os conjugados no futuro do indicativo e do subjuntivo são grafados com **-ão**.

4. Os monossílabos tônicos terminados em **-a**, caso do recorrente “já” – permanecem acentuados.

15. E

Estão incorretas as afirmações:

I. A palavra “pedestre” origina-se do latim *pedis*; pé, que produziu a palavra derivada “pedester”, que significa “aquele que anda a pé”.

II. Segundo a norma-padrão da língua, no enunciado: “Já existem, inclusive, um conceito e um conjunto de indicadores que ajudam a materializar essa tendência.” (5º parágrafo), o verbo “existir” não poderia ser substituído pelo verbo “haver”, sem alteração da concordância. O verbo “haver”, com o sentido de “existir” ou “ocorrer” é impessoal. Assim, com a concordância correta teríamos: “Já há, inclusive, um conceito e um conjunto de indicadores que ajudam a materializar essa tendência.”

16. A

Por terminarem em ditongos crescentes (**-ias** e **-io**), as palavras paroxítonas “funcionárias” e “receituário” são acentuadas.

17. E

I. Ambas as palavras são acentuadas devido ao hiato, sendo o **i** a vogal tônica sozinha na sílaba.

II. Ambas as palavras são paroxítonas terminadas em ditongo, por isso são acentuadas.

III. “Só” é acentuada por ser um monossílabo terminado em **-o**. “Divórcio” é uma paroxítona terminada em ditongo.

Estudo para o Enem

18. E

Há a combinação de duas palavras (“ensino” e “aprendizagem”), formando o que chamamos de encadeamento vocabular, geralmente formado por duas palavras da mesma classe gramatical como nesse caso, que se trata da junção de dois substantivos. Desse modo, de acordo com a regra, utilizamos hífen entre essas duas palavras, assim como em “homem-máquina”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. A

I. A regência prevista pela norma culta do verbo *preferir* é a preposição “a”; no Brasil, informalmente, é comum o uso de *que* em vez de *a*.

II. Em tal oração, o verbo “ter” precisa ser flexionado no plural, uma vez que seu sujeito é o pronome relativo “que”, retomando “os”, pronome na 3ª pessoa do plural. Justamente por estar no plural, ele deve ser grafado com o acento circunflexo.

III. A regência do verbo “opor-se” se dá pela preposição “a”, logo a obrigatoriedade do acento indicativo de crase em “à qual”, uma vez que a preposição se une ao artigo definido feminino.

IV. O trema foi excluído no novo Acordo Ortográfico, porém a palavra “questão” não previa o uso do acento.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. C

A. Segundo o novo Acordo Ortográfico, ainda há hífen nos vocábulos “arte-educação” e “étnico-raciais”.

B. A palavra “conteúdo” não termina em ditongo.

D. Segundo o novo Acordo Ortográfico, a palavra “autoestima” deve ser grafada sem hífen e sem espaço.

E. De fato, a ausência de acento agudo gera alteração na classe gramatical da palavra “acúmulo”. No entanto, o mesmo não ocorre com “área”; já que não existe a palavra “area”.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H27 – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

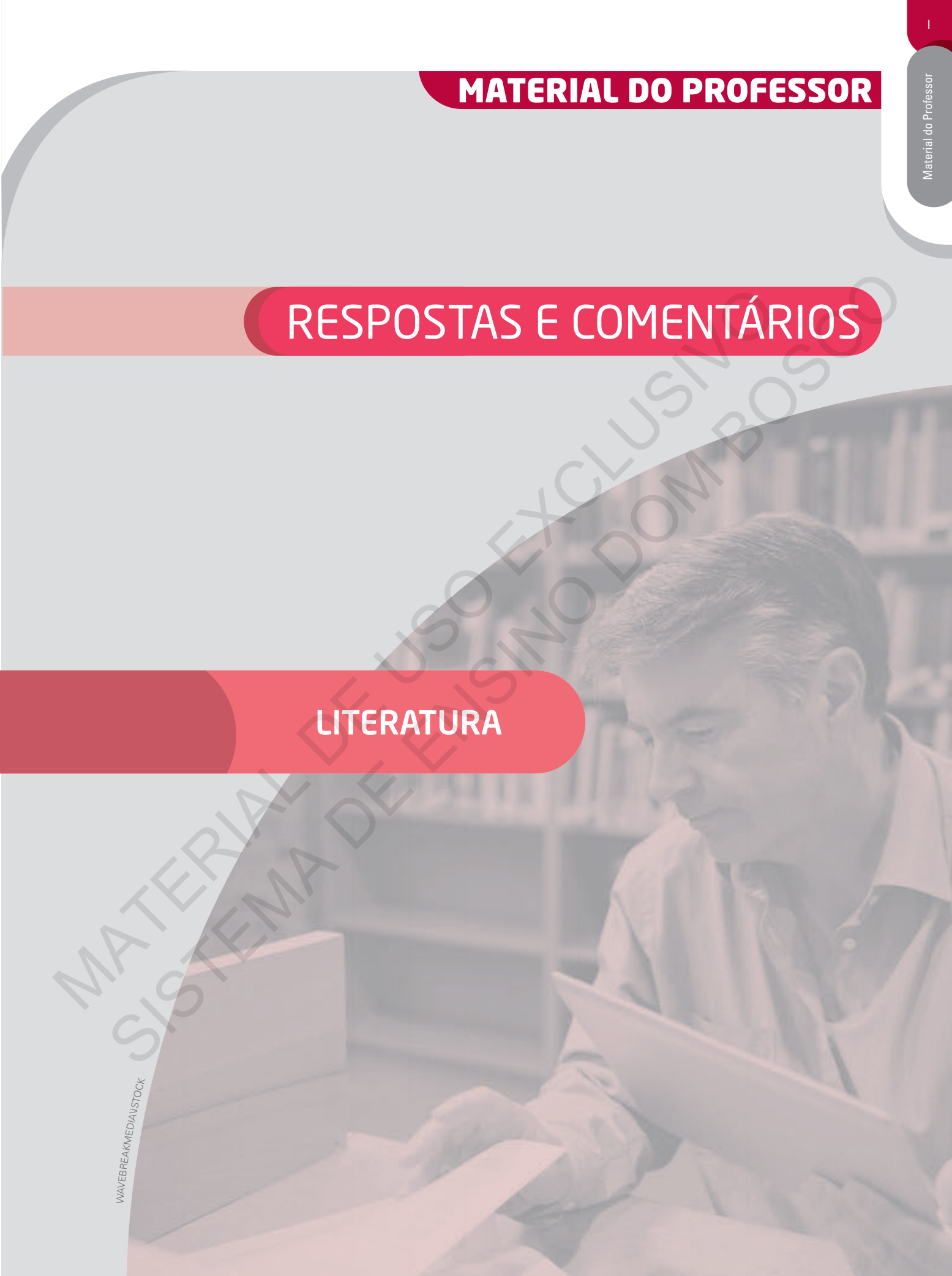
MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

LITERATURA

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



APRESENTAÇÃO

As mudanças nos principais exames de vestibular e no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) têm mostrado que a preparação para o ingresso na universidade exige muito mais do que um bom material didático. Além de dominar competências trabalhadas no Ensino Médio, os alunos precisam conhecer a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver habilidades para obter autonomia e entender criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para o prosseguimento do estudo em nível superior. Os exames seletivos de muitas universidades do país avaliam também a associação entre competências e habilidades de diferentes áreas de conhecimento, a fim de confirmar se os candidatos as desenvolveram. Por isso, os estudantes que concluíram ou que estão em vias de concluir o Ensino Médio devem ser capazes de dominar linguagens, construir argumentações e elaborar respostas aos diversos questionamentos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), orientadoras das avaliações do Enem, o encaminhamento pedagógico e metodológico para esse segmento deve envolver temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

Pensando nisso, foi elaborada esta coleção integrada para pré-vestibular extensivo e terceiro, abrangendo as áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças. O material procura contemplar assim todos os conteúdos exigidos em exames de vestibular de todo o país e no Enem, enriquecidos com variada coletânea de questões, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo, com indicação das respectivas competências e habilidades da Matriz de Referência do Enem. Com propostas metodológicas de ensino voltadas à preparação dos alunos para o ingresso no ensino superior, a coleção abrange todos os conteúdos do Ensino Médio, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios que facilitam a aprendizagem. Os alunos também se deparam com organização e sistematização teóricas seguidas de exercícios em níveis gradativos de dificuldade, o que facilita a fixação dos conceitos e o desenvolvimento de habilidades específicas associadas ao conteúdo trabalhado. Como apoio ao professor, em cada módulo as questões do material estão resolvidas e também há sugestões de leitura e de outros recursos de aprofundamento dos conteúdos.

CONTEÚDO

LITERATURA

Volume	Módulo	Conteúdo
4	23	Terceiro Modernismo no Brasil
	24	Concretismo e poesia pós-moderna
	25	Prosa pós-moderna: crônica, conto e romance
	26	Teatro brasileiro
	27	Literatura portuguesa contemporânea
	28	Literaturas africanas de língua portuguesa

23 TERCEIRO MODERNISMO NO BRASIL

Comentários sobre o módulo

É abordado o chamado Terceiro Modernismo Brasileiro, conhecido também como Geração de 45, contextualizando o período pós Estado Novo, no Brasil, e pós Segunda Guerra. As obras de autores como Clarice Lispector, Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto destacam-se das dos modernistas das gerações anteriores, sobretudo, pela elevada preocupação estética, tratada no módulo com as especificações de cada autor. Além disso, o módulo estabelece a relação entre o momento de relativo progresso econômico e tecnológico e a produção do período que se volta para questões literárias e experimentais.

Para ir além

Livros

ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ARRIGUCCI JR., Davi. O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa. In: *Novos Estudos Cebrap*. Novembro/1994, n. 40.

GALVÃO, Walnice Nogueira. *As formas do falso*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. *Mínima mímica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

GOTLIB, N. B. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Edusp, 2010.

LIMA, Luís Costa. A traição consequente ou a poesia de Cabral. In: _____. *Lira e antilira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

NUNES, Benedito. *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis: Vozes, 1971. (Poetas Modernos do Brasil)

_____. *O dorso do tigre*. São Paulo, Perspectiva, 1969 (Debates, 17)

_____. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Ática, 1989.

PROENÇA, M. Cavalcanti. *Trilhas do Grande Sertão*. Rio de Janeiro, MEC, 1958.

RONCARI, Luiz. *O Brasil de Rosa: o amor e o poder*. São Paulo: Unesp, 2004.

ROSENBAUM, Yudit. *Metamorfoses do Mal*. Uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

SECCHIN, Antonio Carlos. *Uma fala só lâmina*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Filmes

A hora da estrela, de Suzana Amaral (1985).

A hora e vez de Augusto Matraga, de Roberto Santos (1965).

A terceira margem do rio, de Nelson Pereira dos Santos (1994).

Grande sertão: veredas, seriado baseado no romance homônimo e dirigido por Walter Avancini (1985).

Morte e vida severina, animação de Afonso Serpa (2010).

Mutum, de Sandra Kogut (2007).

Exercícios propostos

7. A

Fica explícito em ambos os textos a relevância do objeto de trabalho do poeta, a palavra. É dela que nasce a poesia, a partir do árduo trabalho do poeta, que deixa de lado a ideia de que a poesia é fruto de inspiração

8. A

Todas as afirmações estão corretas a respeito da obra do poeta João Cabral de Melo Neto. Seu trabalho como diplomata o levou a vários lugares, inclusive à Espanha, presente frequentemente em sua poesia; seu trabalho poético trata a produção literária como trabalho com a palavra e as formas, além de tematizar a própria arte em seus textos.

9. a) Sugestão de resposta – Severino entende que a vida é a mesma em qualquer das regiões por que ele passa, “a mesma chama mortiça”; apenas com “a mais mínima” diferença, ou seja, a mudança do cenário, que pode ser o agreste, a caatinga ou a Zona da Mata.

b) Sugestão de resposta – Ao chegar ao Recife e ouvir o diálogo pessimista de dois coveiros, Severino mantém sua visão pessimista acerca dos diferentes locais pelos quais peregrina, e a desigualdade social que impera tanto no Agreste e na Caatinga, como na Zona da Mata e na cidade do Recife, impelem-no a se atirar da ponte e da vida. Embora nas cenas finais do auto haja a indicação de uma mudança, não se pode afirmar que o retirante muda substancialmente seu julgamento acerca da vida “severina” que impera em Pernambuco.

10. a) Sugestão de resposta – Em **fiio** e **desfiar**, nota-se o mesmo recurso, ou seja, substantivo e verbo formados a partir de um mesmo radical.

b) Sugestão de resposta – É possível verificar oposição semântica entre os termos **explosão** e **franzina** ou **explosão** e **pequena**. A palavra **explosão** dá ideia de potência, amplitude, grandiosidade; os **adjetivos franzina** (o mesmo que enfraquecida, débil) e **pequena** opõem-se a essa expectativa, configurando a oposição semântica.

11. a) Sugestão de resposta – O momento perturbador presente em muitos textos de Clarice é conhecido como epifania, ou momento epifânico. Em “Amor”, a personagem desestrutura-se a partir da epifania, o que desencadeia um processo de autoconhecimento.

b) Sugestão de resposta – Ao olhar para o cego, Ana se reconhece nele, e olha de tal maneira aprofundada porque ele, sendo cego, não pode revidar o olhar. Por conta do reconhecimento, Ana mergulha em si mesma e, a partir desse momento, passa enquanto personagem a ter uma rica profundidade psicológica.

12. a) Sugestão de resposta – A violência expressa no conto distancia os jagunços por seus propósitos. Nhô Augusto quer se redimir e fazer justiça; já Joãozinho Bem-Bem exerce a maldade e a vingança. No entanto, no contexto do conto, há um respeito pela coragem e bravura um do outro, respeito esse regido por um código de conduta do ditado pela honra sertaneja; é desse trabalho que surge o tratamento respeitoso dos combatentes.

b) Ao se dirigir ao cumprimento do seu destino, Nhô Augusto se deixa levar por um jumento, daí o modo como a multidão se refere a ele, isto é, como “o Homem do Jumento”; tal designação remete à imagem de Jesus Cristo entrando em Jerusalém, aclamado pela multidão. A trajetória do personagem, aliás, remete à ideia cristã de redenção através do sofrimento e do esforço; no caso de Cristo, pela crucificação, no caso de Matraga, pela sua trajetória no conto.

13. B

A “maleita”, designação para a doença malária, é tratada como um ser humano, admitindo assim o pronome relativo “quem” e ligada aos verbos de ação “sobe” e “desce”.

14. D

A “benção” posta nos mosquitos é uma forma irônica de se referir à malária (chamada no conto de “maleita”), que é transmitida pelos mosquitos, uma vez que a malária “põe neles a benção” – isto é, coloca no mosquito a doença que é, por eles, apenas transmitida.

15. B

O narrador do trecho deixa claro que sequer sabe o nome da moça, cuja história irá contar. No fim do trecho, usa a metáfora de procurar o “invisível na própria lama” para mostrar que o trabalho do escritor é tornar palpável aquilo que ainda não o é.

16. C

A alternativa se refere à epifania e ao aprofundamento psicológico, duas características muito presentes na obra de Clarice Lispector como um todo, sobretudo nos contos do volume *Laços de família*.

17. C

Em mais um conto de Clarice que tematiza as relações familiares e sua superficialidade, ve-

mos a protagonista do conto, a aniversariante, reprovando e desprezando o comportamento e personalidade daqueles que ela gerou.

Estudo para o Enem

18. D

Em todo o poema, há referências à impessoalidade da morte, “não há morte pessoal”; “a morte padrão/em série fabricada”; essa característica, dado o conhecimento sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto, é associada à miséria do povo do sertão.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

19. D

Tanto a condição de Zé-Zim quanto a do próprio Riobaldo quando criança mostram a ambígua relação do sertanejo pobre: ao mesmo tempo em que são donos de si, homens livres, dependem da proteção e trabalho oferecido pelo dono de terras.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

20. B

Sendo uma declaração de amor pela língua portuguesa. A referência a Camões denota o caráter patrimonial e o uso da palavra “herança” demonstra a capacidade de renovação da língua

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

24 CONCRETISMO E POESIA PÓS-MODERNA

Comentários sobre o módulo

Módulo que apresenta movimentos de poesia no período que compreende os anos 1950 até a atualidade. Chamado de Pós-Modernismo, o período compreende uma diversidade de manifestações poéticas das quais se destacam algumas, como o Concretismo, que extremou o movimento iniciado pela geração de 1945, voltando-se para a estética e pregando, entre outros elementos, a morte do eu lírico. A produção poética, aliás, é transpassada pela questão política, sobretudo a partir de 1964, com o regime militar agravado pelo AI5, em 1968, contra o qual se levanta a chamada Geração de 1970 da poesia brasileira, do qual fazem parte poetas que se identificaram como Poesia Marginal e Geração Mimeógrafo, movimentos que fugiam da censura imposta pelo regime e dos quais emergem vozes como a de Ana Cristina César, e onde também se consolida o movimento neoconcreto, cuja voz principal é Ferreira Gullar, dissidente do movimento concretista.

Para ir além

BANDEIRA, João. *Arte concreta paulista*: documentos. São Paulo, Cosac e Naify, 2002.

BRITO, Ronaldo. *Neoconcretismo*: vértice e ruptura do projeto construtivo brasileiro. São Paulo: Cosac e Naify, 1999.

CAMENIETZKI, Eleonora Ziller. *Poesia e política*: a trajetória de Ferreira Gullar. Rio de Janeiro: Revan, 2006.

CAMPOS, Augusto de; PIGNATARI, Décio; CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da poesia concreta*: textos críticos e manifestos 1950-1960. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANOGLIA, Ligia. *Concretismo e Neoconcretismo*: abstração geométrica. São Paulo: Funarte, 1987.

GULLAR, Ferreira. *Etapas da arte contemporânea*: do Cubismo à arte Neoconcreta. Rio de Janeiro: Revan, 1999.

MATTOSO, Glauco. *O que é Poesia Marginal*. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos, v. 43)

PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. Manifestações culturais nos anos 60: um destaque à problematização da palavra na poesia concreta. In: *Revista de História Regional*. Ponta Grossa: v. 06, p. 39-60, verão 2001.

SIMON, Iumna Maria; DANTAS, Vinicius (Orgs.). *Literatura comentada*: poesia concreta. São Paulo: Abril Educação, 1982.

Exercícios propostos

7. B

A fluidez da existência, expressa na mistura e fragmentação das experiências do eu-poético, acaba por requisitar a participação do leitor, que se torna responsável por compor um mosaico a partir dessas experiências não lineares trazidas pelo poema.

8. D

O tom confessional, característico da poesia de Ana Cristina Cesar, é, neste poema, aliado a inovações formais já apropriadas por uma geração posterior ao Modernismo, caso da poesia marginal dos anos 1970, da qual a autora faz parte.

9. E

O poema concreto se propõe um poema-objeto que explora diferentes recursos – como as técnicas da publicidade e os jogos sonoros. Além disso, nota-se certa tonalidade crítica no poema ao tratar de modo irônico esses mesmos recursos.

10. Sugestão de resposta – A crítica presente no poema se refere às condições de trabalho nos engenhos e às condições de vida dos trabalhadores rurais que atuam nas plantações de cana-de-açúcar, que não têm acesso à educação nem à saúde.

11. Sugestão de resposta – José Lins do Rego, autor identificado com a já estudada segunda geração modernista, escreve, entre outros, os romances do chamado Ciclo da cana-de-açúcar; em *Fogo Morto*, por exemplo, o autor situa suas personagens no panorama da decadência dos engenhos de açúcar que dão lugar à modernização do processo de produção sem que seus trabalhadores e suas condições de vida acompanhem o progresso. Nota-se, portanto, que a temática abordada por José Lins do Rego é retomada no poema social de Ferreira Gullar, que identifica o abismo social existente entre o lugar onde o açúcar é consumido e o local onde ele foi produzido.

12. Sugestão de resposta – À doçura do açúcar, o poema opõe a “vida amarga e dura” dos homens que produzem a iguaria. Além disso, há uma oposição entre o “branco” do açúcar e as “usinas escuras” onde trabalham os homens de “vida amarga e dura”

13. C

Ao empregar o poema como medida de comparação para os preços dos elementos comuns à vida do brasileiro, o poeta agrega a reflexão metalinguística à preocupação social.

14. E

Os termos coloquiais retiram a criação poética de um campo restrito à linguagem erudita e aproxima-a do conteúdo tratado no poema de Gullar, isto é, a sofrida realidade social do país.

15. B

A única alternativa aplicável corretamente à produção poética de Gullar é a que identifica seu diálogo com formas populares, elemento característico de parte da produção do autor.

16. E

As únicas afirmativas falsas são a terceira, uma vez que não há crítica ao funcionalismo, mas às condições de vida e trabalho do funcionário público; assim como a última afirmativa, já que o poeta não declara guerra à desigualdade social, antes identifica a inutilidade da atividade poética: “o poema não fede nem cheira”.

17. A

O ditado popular “não fede, nem cheira” expressa indiferença.

Estudo para o Enem

18. B

Não se pode afirmar que houve ironia, pessimismo ou personalidade. Trata-se de uma forma peculiar da qual a autora se vale para explicar o que é o lirismo.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

19. C

Formalmente, o Concretismo foi a tendência estética mais inovadora da poesia brasileira, uma vez que o sentido do poema rompeu os limites dos versos, passando a estrutura, assim como a disposição gráfica dos poemas, a ser imediatamente geradora de sentido..

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

20. A

Embora seja do modernista Manuel Bandeira, o poema “A onda” apresenta elementos típicos do Concretismo, corrente literária que se apropriou da estética defendida pelos primeiros modernos. Entre esses elementos, estão o apelo aos recursos sonoros e o verso livre, bem como o aproveitamento da “mancha” de impressão, na página, que, no poema de Bandeira, marca o movimento das ondas.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

25 PROSA PÓS-MODERNA: CRÔNICA, CONTO E ROMANCE

Comentários sobre o módulo

É apresentada a produção em prosa da literatura brasileira a partir dos anos 1950 até os dias atuais. O módulo apresenta um longo panorama, que circula por diferentes temáticas trabalhadas por autores de destaque no cenário nacional dos últimos 70 anos. Nelson Rodrigues é um dos mais antigos desse panorama e aparece ao lado de nomes como Helena Morley, Moacyr Scliar, Dalton Trevisan, Nélide Piñon, Carlos Heitor Cony, Luis Fernando Veríssimo e Rubem Braga; também entram na lista Carolina Maria de Jesus, Pedro Nava, além dos romancistas Chico Buarque, Milton Hatoum e Bernardo Carvalho, ao lado da atualíssima cronista Martha Medeiros. Os exercícios circulam em torno do panorama apresentado acerca dos diferentes autores e de suas características principais.

Para ir além

BARBIERI, Therezinha. *Ficção impura*: prosa brasileira dos anos 70, 80 e 90. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

BOSI, Alfredo (org.). *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo: Cultrix, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

COSTA LIMA, Luiz. "Pós-modernidade: contraponto tropical". In: _____. *Pensando nos trópicos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Pós-Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

MORICONI, Ítalo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000.

MORICONI, Ítalo. *A Provocação Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1994.

PELLEGRINI, Tânia. *A imagem e a letra – aspectos da ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Mercado das Letras, 1999.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. (org.). *As cem melhores crônicas brasileiras do século*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2010.

Exercícios propostos

7. C

No trecho, evidencia-se a convivência, em Helena Morley, de duas formações distintas, o liberalismo protestante cristão, marcadamente britânico, presente em sua intenção de guardar dinheiro; ao lado dele, convive a formação católica e ibérica, marcada na referência a Nossa Senhora.

8. B

No texto, Alexandre Eulálio afirma que na protagonista se encontram "ecos de uma formação britânica, protestante, liberal"; confirmado na alternativa B.

9. Sugestão de resposta – Rubem Alves relata um episódio em que uma personagem, acostumada ao caráter utilitário da cebola, usada como tempero, de repente passa a vê-la com outros olhos, espantada por encontrar beleza no cotidiano; tal episódio representa a visão do autor acerca da obra de arte e, portanto, da poesia: um olhar diferente para o cotidiano, o banal. Seria, enfim, o olhar inusitado sobre o que há de mais comum que mostraria a beleza e o caráter artístico desses elementos.

10. D

No trecho "à frente dele voam os vaga-lumes, seus batedores, alumiando o caminho"; "seus batedores" é o aposto, pois explica quem são os "vaga-lumes". Assim, retirando o aposto, o trecho ficará: "à frente dele voam os vaga-lumes, alumiando o caminho".

11. Sugestão de resposta – Ao tratar do uso excessivo e danoso das redes sociais, na contemporaneidade, Martha distingue viver de existir, considerando que "viver" pressupõe ações que se dão na vida real, independente do virtual; já o "existir" seria exatamente deixar de realizar ações reais e interagir apenas com o mundo virtual, que no trecho é caracterizado pela expressão "de mentirinha".

12. Sugestão de resposta – No título de seu texto, "Posto, logo existo," a autora estabelece intertextualidade com a máxima de Descartes, "Penso, logo existo"; relação essa explicitada no terceiro parágrafo do texto. Ao nomear seu texto com essa intertextualidade, Martha também dialoga com sua própria concepção acerca de "existir", visto que, para a autora, essa seria uma ação virtual e "de mentirinha"; portanto, ao postar, as pessoas podem até "existir", o que não significa, muitas vezes, que elas estejam "vivendo".

13. C

Trata-se de uma sinopse do livro de Chico Buarque, confirmando I; o enredo do romance, segundo o texto, é formado pelo "labirinto linguístico", confirmando II; e, por "olhar mordaz", entende-se que há, no romance, uma crítica ao sucesso instantâneo e vazio, confirmando a III. Já a afirmativa IV não pode ser considerada correta, uma vez que o texto esclarece que o jogo de espelhos do romance não o deixa hermético, ou seja, não quer esconder significados possíveis.

14. D

As afirmativas corretas são I – relacionada à prosa de Trevisan de maneira geral, que aborda o indiví-

duo marginalizado no espaço urbano – e III – pois, no desenrolar da narrativa, de linguagem direta e ágil, o mesmo homem mescla as características citadas na afirmativa.

15. B

No conto, o autor usa a descrição para desenhar as cenas que se passam dentro do quarto de asilo e na imaginação de um dos idosos.

16. Sugestão de resposta – É evidente, pelo contexto do conto, que a palavra tudo implica desconfiança por parte do sobrevivente quanto às histórias contadas pelo colega.

17. B

A narradora do diário, moradora da Favela do Canindé, contrasta em vários momentos da obra o lugar ideal – fora da favela – e o lugar real.

Estudo para o Enem

18. C

O trecho explicita que a imagem perfeita da família não passava de fachada, uma vez que vários membros do núcleo tinham seus segredos (ocultações) e fingiam costume (hipocrisias). ao mesmo tempo em que um traficante está à sua procura.

Competência de área 5 – Entender métodos e procedimentos próprios das ciências naturais e aplicá-los em diferentes contextos.

H17 – Relacionar informações apresentadas em diferentes formas de linguagem e representação usadas nas ciências físicas, químicas ou bioló-

gicas, como texto discursivo, gráficos, tabelas, relações matemáticas ou linguagem simbólica.

19. E

O excerto compreende uma sinopse da obra, fazendo um breve resumo e destacando pontos que considera de destaque para despertar, no leitor/interlocutor, o desejo de ler o livro.

Competência de área 7 – Apropriar-se de conhecimentos da química para, em situações problema, interpretar, avaliar ou planejar intervenções científico-tecnológicas.

H24 – Utilizar códigos e nomenclatura da química para caracterizar materiais, substâncias ou transformações químicas.

20. C

Segundo o excerto “o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo” deixa claro que, para Veríssimo, o escritor deve se valer de sua habilidade para denunciar os problemas do mundo real.

Competência de área 5 – Entender métodos e procedimentos próprios das ciências naturais e aplicá-los em diferentes contextos.

H17 – Relacionar informações apresentadas em diferentes formas de linguagem e representação usadas nas ciências físicas, químicas ou biológicas, como texto discursivo, gráficos, tabelas, relações matemáticas ou linguagem simbólica.

26 TEATRO BRASILEIRO

Comentários sobre o módulo

Módulo que apresenta o desenvolvimento do teatro na literatura brasileira, partindo dos primórdios com a literatura de catequese dos jesuítas, passando pelo Romantismo, com a comédia de costumes, e chegando ao século XX, quando a montagem do texto de *Vestido de noiva* representa o início da modernização do teatro nacional. A partir da obra rodrigueana, o módulo trata do teatro do século XX a partir de seus principais representantes, como as Companhias Oficina e Arena, e os autores principais, como Jorge Andrade, Dias Gomes e Ariano Suassuna, entre outros.

Para ir além

BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1991.

_____. *A Estética do Oprimido*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

GUINSBURG, Jacó; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariangela Alves de. *Dicionário do teatro brasileiro – temas, formas e conceitos*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MAGALDI, Sabato. *Panorama do teatro brasileiro*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.

MICELI, Sérgio. *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.

MICHALSKI, Yan; PEIXOTO, Fernando (Orgs.). *Reflexões sobre o teatro brasileiro no século XX*. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.

MORAES, Denis. *Vianinha, cúmplice da paixão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

MOSTAÇO, Edelcio. *Teatro e política: Arena, Oficina, Opinião. Uma interpretação da cultura de esquerda*. São Paulo: Proposta Editorial, 1982.

PRADO, Décio de Almeida. *O teatro brasileiro moderno*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

Exercícios propostos

7. D

O destaque da peça e do autor é trazer à cena o Brasil rural.

8. A

A alternativa indicada não analisa corretamente João Grilo, que está mais próximo de um anti-herói, inserindo-se numa tradição brasileira que, desde *Memórias de um sargento de milícias*, entende a malandragem como uma forma de destaque desse “herói” às avessas.

9. Sugestão de resposta – O processo de modernização do teatro nacional, segundo historiadores, teve seu início associado à encenação do texto *Vestido de Noiva*, de Nelson Rodrigues, com encenação de Zbigniew Ziembinski. O texto quebrava a linearida-

de do enredo e sobrepunha três planos, com ações simultâneas que, na montagem de Ziembinski, em 1943, ganharam três cenários que dividiam o palco de acordo com os planos do texto de Nelson Rodrigues.

10. Sugestão de resposta – Tanto *O rei da vela* quanto *A moratória* apresentam famílias brasileiras e suas relações diante da euforia econômica e sua posterior derrocada após a quebra da bolsa de Nova York. O tema é comum às duas peças, embora as separe um hiato temporal de publicação.

11. Sugestão de resposta – A principal diferença entre *O rei da vela* e *A moratória*, em relação à temática abordada, está no enfoque dado, uma vez que a peça de Oswald de Andrade aborda a crise de 1929 sob a perspectiva da classe favorecida pela crise, a burguesia industrial. Já Jorge Andrade aborda o mesmo assunto/período sob a perspectiva dos principais prejudicados pela crise desencadeada em 1929: a aristocracia rural, produtora sobretudo de café.

12. Sugestão de resposta – O trecho demonstra a parcialidade e arbitrariedade da personagem Juiz de Paz, que se afasta da ética esperada em sua profissão.

13. B

Na peça de Guarnieri, a desigualdade social é abordada a partir da perspectiva da luta de classes e está em consonância com o momento histórico de acirramento desse embate, culminando na ascensão dos militares ao poder em 1964.

14. D

Uma das temáticas das comédias de costumes de Martins Pena é a oposição de hábitos citadinos e rurais, expondo o que se consideraria ridículo na corte, como os hábitos das pessoas “da roça”, isto é, dos ambientes rurais.

15. B

No trecho transcrito, fica claro o atropelo da constituição e a liberdade de imprensa sendo tolhida pelo representante do executivo que precisa criar um inimigo para justificar suas ações – tal desenvolvimento se relaciona com o que acontece no país durante o regime de exceção.

16. A.

A revolução causada por *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues, pode ser vista também na obra *A moratória*. Na obra de Nelson, a convivência no palco de três planos distintos inspira montagens

e peças inovadoras, como a de Jorge Andrade, que utiliza a técnica de sobreposição de planos.

17. A

Como se percebe, trata-se de uma apresentação de rua, o que prescinde da estrutura de um edifício teatral para sua realização.

Competência de área 4 – Compreender a arte como saber cultural e estético gerador de significação e integrador da organização do mundo e da própria identidade.

H12 – Reconhecer diferentes funções da arte, do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.

Estudo para o Enem

18. D

A proposta do Teatro do Oprimido, de Augusto Boal, é aproximar o teatro do público e o público do teatro, valendo-se deste último como uma ferramenta de conscientização e concessão de autonomia ao sujeito oprimido pela sociedade. Com o teatro, ele ganha autonomia para lutar por sua liberdade, pondo fim à opressão; assim, há um fundo pedagógico muito forte na concepção de Boal, apoiada, entre outros, nos estudos de Paulo Freire.

Competência de área 4 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H12 – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. C

Fica evidente, no texto II, a exaltação dos elementos que compõem a natureza brasileira, inclusive numa comparação que exalta o Brasil em detrimento da natureza portuguesa, por meio da descrição.

Competência de área 5 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H15 – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. D

O que indica ser o texto de Lições de motim pertencente ao gênero teatral é a ocorrência de rubricas, elementos que mais evidenciam os textos do gênero dramático e que são também responsáveis pelas indicações de desenvolvimento do enredo, assim como da execução das ações.

Competência de área 5 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H17 – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

27 LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Comentários sobre o módulo

É apresentado um panorama da literatura portuguesa contemporânea, contextualizando o período imediatamente anterior à Revolução dos Cravos e o período posterior, chegando até os primeiros anos do século XXI. Assinala-se a qualidade da produção literária em Portugal, nos anos 1970, 80 e 90, consagrada pelo Prêmio Nobel de Literatura atribuído a José Saramago em 1998; as produções literárias de alguns dos principais autores, incluindo Saramago, Lobo Antunes, Sophia de Mello Breyner Andresen são tratadas brevemente ao lado dos novíssimos Valter Hugo Mãe e Gonçalo M. Tavares, expoentes da literatura portuguesa no século XXI.

Para ir além

BRADBURY, Malcolm & McFARLANE, James. *Moderatismo*: guia geral. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MATOSO, José (dir). *História de Portugal*. 8 vol. Lisboa: Editorial estampa, 2001.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2009.

PEREIRA, José Carlos Seabra. *História Crítica da Literatura Portuguesa*. v. 7. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1995.

REIS, Carlos. *História Crítica da Literatura Portuguesa*. v. 9. Lisboa/São Paulo: Verbo, 2005.

SARAIVA, António José, LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2005.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 5ª ed. [s.l.]: Publicações Europa-América, 1979.

SECCO, Lincoln. *A Revolução dos Cravos*. São Paulo: Alameda, 2004.

TORRES, Alexandre Pinheiro (org.). *Antologia da poesia portuguesa* (séc. XII – séc. XX). Porto: Lello & Irmão, 1977. 2 v.

Exercícios propostos

7. Sugestão de resposta – Os dois textos se aproximam pela temática do amor e pela utilização de anáforas. Distanciam-se, contudo, pela métrica, que em *Camões* é típica do soneto renascentista, em versos decassílabos, e em Andresen é constituída por versos livres. Além disso, o amor é tratado de formas distintas, uma vez que o autor clássico apresenta-o de forma impessoal, com definições diretas para o substantivo, enquanto Andresen trata de maneira pessoal e subjetiva, com definições implicitamente pessimistas a partir de uma experiência subjetiva sua.

8. A

Saramago é, até o momento, o único escritor da língua portuguesa a ter sido premiado com o Nobel de Literatura.

9. C

“Oceano de palavras” consiste em hipérbole, e “se afogar nas páginas”, em metáfora.

10. Resposta oficial – O narrador refere-se à Guerra Colonial, ou seja, à guerra ocorrida entre 1961-1975 na qual Portugal enviou tropas além-mar para reprimir as tentativas de emancipação nacional de sua colônia africana, Angola, por meio de táticas de guerrilha e luta armada. Criou-se um sistema de repressão com a formação de milícias armadas (PVDE e PIDE). A guerra ocorre durante a ditadura salazarista (1933-1975), período de vigência do Estado Novo português.

11. Resposta oficial – Porque o narrador, depois de ter passado vários anos na África, a serviço do exército português, vive em Lisboa, no momento da narração, mas não consegue se libertar das lembranças e das experiências traumáticas da guerra de Angola. O uso do tempo verbal reitera a persistência dessas lembranças traumáticas no presente.

12. Resposta oficial – Para evidenciar a presença constante das lembranças traumáticas, o narrador utiliza imagens metafóricas que aproximam a geografia da guerra em África aos hábitos mais banais do cotidiano, como o de escovar os dentes, fazer a barba etc. Dito de outro modo, o narrador traz as lembranças de uma guerra, distante no tempo e no espaço, para as necessidades e os cuidados diários com seu corpo, indicando por meio de metáforas a incorporação da experiência dramática da guerra ao seu cotidiano. Como exemplos, pode-se citar, “um centímetro mentolado de guerra na escova de dentes matinal”; “a espuma verde-escura dos eucaliptos de Ninda”; “a minha barba é a floresta do Chalala a resistir ao napalm da gilette”; “um grande rumor de trópicos ensanguentados cresce-me nas vísceras”.

13. A

A temática dos poemas se relaciona ao mar, embora haja distinção na abordagem, uma vez que Fernando Pessoa remete ao aspecto histórico das grandes navegações, enquanto Sophia de Mello Breyner aborda subjetivamente o lirismo do mar.

14. D

As afirmativas I e III estão corretas. Na II, o revisor é quem substitui o historiador no relato dos fatos, alterando a verdade histórica tal como se conhece – o que ocorre é exatamente o contrário do que a afirmativa aponta.

15. B

O rei estava sempre disponível na porta dos obséquios, isto é, na porta que as pessoas procuravam

para lhe oferecer algo, enquanto que na porta das petições era preciso tempo e esforço para que o rei atendesse ao chamado. Ironicamente, o trecho trata do uso do poder político conforme convém aos que ocupam o poder.

16. A

A única alternativa que se refere a José Saramago é a letra (A). Todas as outras tratam de características que não se podem associar ao escritor, primeiro ganhador do prêmio Nobel de Literatura de língua portuguesa.

17. D

A crise econômica e social foi uma realidade no regime salazarista. Contudo, obras e escritores atualmente reconhecidos pela grandeza de seus feitos foram, muitas vezes, atacados pela censura do Estado Novo português, impedindo muitos livros de circularem e obrigando vários autores a recorrerem a estratégias para fugir da censura.

Estudo para o Enem

18. C

Saramago suprime os pontos finais e marca o discurso direto apenas pelo uso das letras maiúsculas. O estilo é característico do autor e, no contexto da obra *Ensaio sobre a cegueira*, ajuda a representar o caos do ambiente em que estão pessoas cegas, contagiadas pela misteriosa epidemia que atinge o mundo.

Competência de área 5 – Analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

H16 – Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

19. A

A mistura de gêneros no poema transcrito se dá por ser um poema, e, portanto, escrito em versos, no qual o autor agrega elementos próprios de uma prescrição, dando uma espécie de receita do que deve ser feito ao escrever um poema, caracterizando também a função metalinguística.

Competência de área 7 – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

H22 – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

20. D

O português José Luís Peixoto é um dos representantes da literatura portuguesa contemporânea. No excerto, um dos exemplos de uso característico do português lusitano é o uso da segunda pessoa na conjugação verbal e o emprego do infinitivo para indicar ações contínuas, ao invés de gerúndio.

Competência de área 6 – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

H19 – Analisar a função predominante (informativa, persuasiva etc.) dos textos, em situações específicas de interlocução.

28 LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Comentários sobre o módulo

O módulo que apresenta um panorama das literaturas africanas de língua portuguesa, contextualizando a ação colonizadora de Portugal nos países do continente africano que têm o português como língua oficial; bem como os movimentos de independência que ganham forma e força a partir dos anos 1950. A partir da segunda metade do século XX, as literaturas nesses países passam a ser usadas como instrumento de oposição à presença colonialista portuguesa, o que coloca vários autores em evidência, levando-os à prisão ou à participação na luta armada; com o fim da Guerra colonial, essas literaturas se voltam para a consolidação de uma identidade nacional e para o retrato da realidade dos países. Aqui, destacamos três autores: os angolanos Pepetela e Luandino Vieira, e o moçambicano Mia Couto.

Para ir além

Livros

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. *De vôos e ilhas* – literatura e comunitarismos. Cotia: Ateliê, 2003.

CAVACAS, Fernanda & GOMES, Aldónio. *Dicionário de autores de literaturas africanas de língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique* – experiência colonial e territórios literários. Cotia: Ateliê, 2005.

_____; MACEDO, Tania. *Marcas da diferença* – as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda Editorial, 2006.

FERREIRA, Manuel. *Literaturas africanas de expressão portuguesa*. São Paulo: Ática, 1987.

LEÃO, Angela Vaz (org.). *Contatos e ressonâncias*. Belo Horizonte: PUCMINAS, 2003.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido do retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PADILHA, Laura. *Novos pactos, outras ficções*. Porto Alegre: Editora da PUC-RS, 2002.

SANTILLI, Maria Aparecida. *Estórias africanas* – história e antologia. São Paulo: Ática, 1985.

Filme

Língua - vidas em português, documentário de Victor Lopes (2003).

Exercícios propostos

7. A

No trecho “imprevistos improvisos”, a presença da aliteração explora a sonoridade das palavras, ainda que se trate de um texto em prosa.

8. B

A ideia de que “a morte nos apanha deitados” atribui características animadas à morte, que se

torna um indivíduo que quer “nos pegar”, constituindo assim uma personificação.

9. Sugestão de resposta – O espaço em que Muidinga se encontra é marcado duplamente pela ausência de vida: seja no plano do ambiente que cerca o machimbombo, terra árida e inóspita, seja no plano metafórico, dado que a vida do lugar foi assolada pela guerra. Por isso, tudo era “despido de brilho”, caracterizando o desânimo do personagem que, todavia, encontra uma saída para o imobilismo na narrativa.

10. Sugestão de resposta – No segundo excerto, Tuahir faz menção aos Cadernos de Kindzu, lidos por Muidinga ao velho. Nesses cadernos, Kindzu narra em primeira pessoa sua vida e, ao lê-los, os personagens impedem “esse escuro” de “entrar na cabeça da gente”, isto é, a narrativa de Kindzu funciona como uma válvula de escape para a inospitalidade em que as personagens se encontram.

11. a) Sugestão de resposta – O objetivo do Movimento retratado em *Mayombe*, de Pepetela, é a independência de Angola em relação a Portugal, colonizador do país africano por mais de 4 séculos.

b) Sugestão de resposta – As “makas” e “rancores” são apresentados nas defesas das individualidades e identidades presentes no romance, mas sobretudo pela alternância da narração, constituindo uma polifonia que expõe os diferentes pontos de vista que compõem o movimento.

12. a) Sugestão de resposta – No trecho, a forma do diálogo representa uma forma de transmissão de conhecimentos que considera a perspectiva do outro. Nesse sentido, o Comandante expõe seu ponto de vista ideológico a partir da conversa.

b) Sugestão de resposta – Sim. O modo de organização do foco narrativo em *Mayombe* compõe uma polifonia em que o ponto de vista é compartilhado por diferentes personagens que assumem a função de narrador e, portanto, a própria forma do romance reflete a recusa ao dogmatismo criticado no excerto que a questão apresenta.

13. A

O trecho evidencia o movimento individual e coletivo através da imagem da amoreira que se destaca no tronco, mas se mistura ao *Mayombe*. Da mesma maneira, Sem Medo respeita a individualidade ou subjetividade dos combatentes que ele comandava, ao mesmo tempo em que se faz necessário o engajamento de todos no projeto coletivo do MPLA.

14. D

O destaque dado à amoreira no contexto do excerto pode ser comparado ao destaque de Sem Medo por sua personalidade e coragem. Tanto o Comandante quanto Pedro Bala se destacam enquanto líderes, mas confrontam individualismo e coletividade, optando por esse último em prol do movimento revolucionário.

15. A

O grupo que se encontra no *Mayombe* é formado por guerrilheiros que estão prestes a realizar uma ação de ataque aos colonizadores portugueses, uma das estratégias da luta anticolonial.

16. C

Ao afirmar, no excerto, que “raros são os outros”; Teoria reforça o caráter maniqueísta da sociedade que não aceita o “talvez” que ele, sendo mestiço, representa no movimento.

17. A

A todo momento, no romance, a dialética entre individualidade e coletividade vem à tona, como questão representativa do momento histórico e do movimento em questão; desse modo, é possível inferir a relevância da função dentro do grupo em detrimento das identidades individuais.

Estudo para o Enem

18. B

O trecho explicita que a imagem perfeita da família não passava de fachada, uma vez que vários membros do núcleo tinham seus segredos (ocultações) e fingiam costume (hipocrisias), ao mesmo tempo em que um traficante está à sua procura.

Competência de área 5 – Entender métodos e procedimentos próprios das ciências naturais e aplicá-los em diferentes contextos.

H17 – Relacionar informações apresentadas em diferentes formas de linguagem e representação usadas nas ciências físicas, químicas ou biológicas, como texto discursivo, gráficos, tabelas, relações matemáticas ou linguagem simbólica.

19. D

O excerto compreende uma sinopse da obra, fazendo um breve resumo e destacando pontos que considera de destaque para despertar, no leitor/interlocutor, o desejo de ler o livro.

Competência de área 7 – Apropriar-se de conhecimentos da química para, em situações problema, interpretar, avaliar ou planejar intervenções científico-tecnológicas.

H24 – Utilizar códigos e nomenclatura da química para caracterizar materiais, substâncias ou transformações químicas.

20. D

Segundo o excerto “o menos que o escritor pode fazer, numa época de atrocidades e injustiças como a nossa, é acender a sua lâmpada, fazer luz sobre a realidade de seu mundo” deixa claro que, para Verissimo, o escritor deve se valer de sua habilidade para denunciar os problemas do mundo real.

Competência de área 5 – Entender métodos e procedimentos próprios das ciências naturais e aplicá-los em diferentes contextos.

H17 – Relacionar informações apresentadas em diferentes formas de linguagem e representação usadas nas ciências físicas, químicas ou biológicas, como texto discursivo, gráficos, tabelas, relações matemáticas ou linguagem simbólica.

Exercícios interdisciplinares

21. A

A associação entre o significado da palavra “mandinga” e a época das grandes navegações evidencia a relevância do contexto sócio-histórico para a consolidação desse significado.

Competência de área 8 – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

H26 – Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.

22. D

A localização do sertão de Guimarães Rosa evidencia a complexidade da região, observando diferentes aspectos que compõem a cena, como os elementos naturais, econômicos e históricos.

23. A

No contexto, Macabéa é incapaz de perceber sua insignificância social, de modo que fica completamente alienada da sociedade.

PRÉ-VESTIBULAR
EXTENSIVO

4

